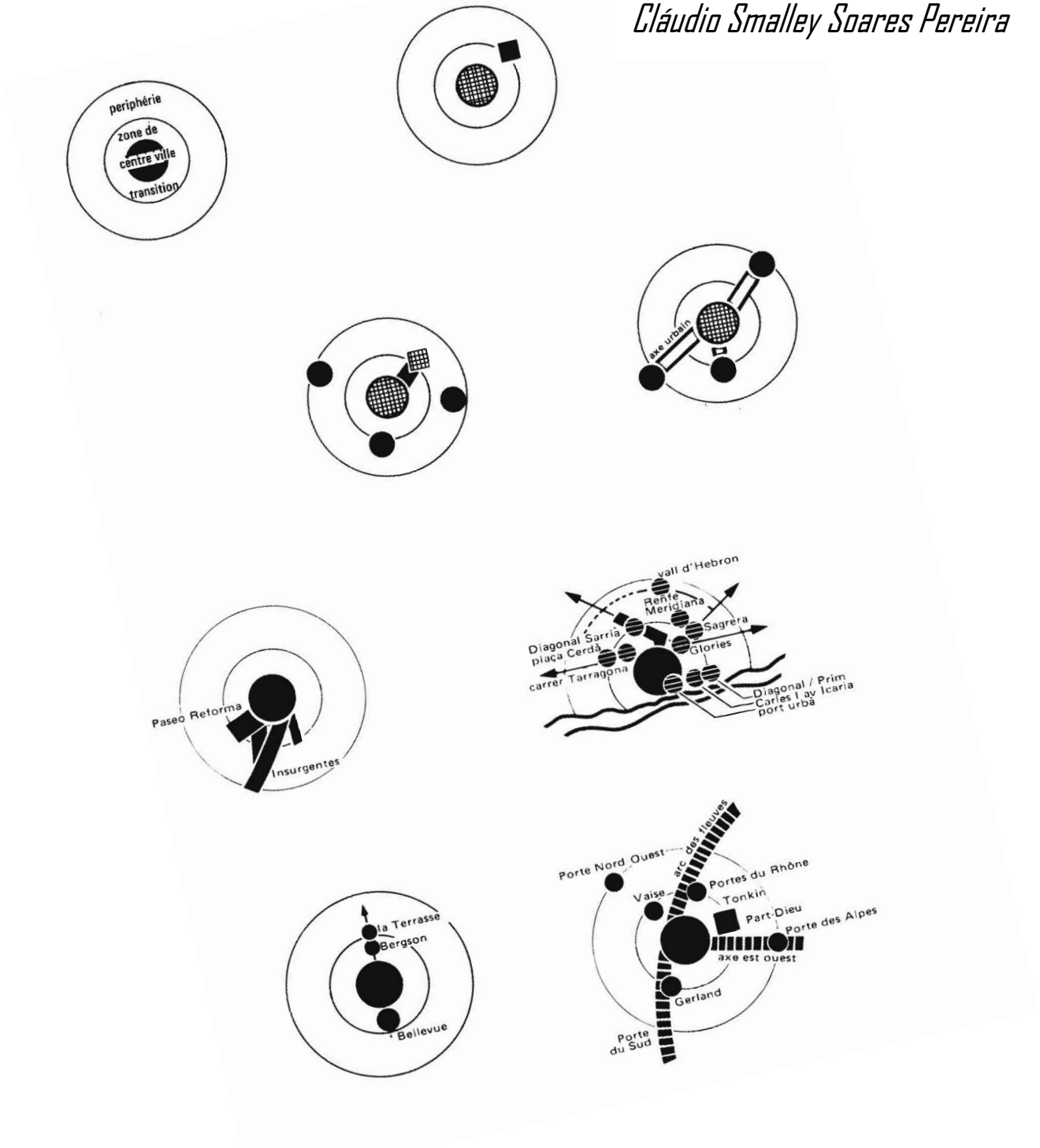
Cláudio Smalley Soares Pereira



CENTRO, CENTRALIDADE E CIDADE MÉDIA: O PAPEL DO COMÉRCIO E SERVIÇOS NA REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE/CE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente

CENTRO, CENTRALIDADE E CIDADE MÉDIA: O PAPEL DO COMÉRCIO E SERVIÇOS NA REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE/CE

Cláudio Smalley Soares Pereira

Presidente Prudente - SP
Janeiro de 2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Presidente Prudente

Programa de Pós-Graduação em Geografia

Área de Concentração: Produção do Espaço Geográfico

Linha de Pesquisa: Produção do Espaço Urbano

CENTRO, CENTRALIDADE E CIDADE MÉDIA: O PAPEL DO COMÉRCIO E SERVIÇOS NA REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE/CE

Cláudio Smalley Soares Pereira

Orientador: Maria Encarnação Beltrão Sposito

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho FCT/UNESP – Presidente Prudente-SP, sob financiamento da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Presidente Prudente - SP
Janeiro de 2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Pereira, Cláudio Smalley Soares.
P49c Centro, centralidade e cidade média : o papel do comércio e serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte/CE / Cláudio Smalley Soares Pereira. - Presidente Prudente : [s.n], 2014
328 f.

Orientador: Maria Encarnação Beltrão Sposito
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia
Inclui bibliografia

1. Geografia. 2. Geografia urbana. 3. Centralidade urbana. I. Sposito, Maria Encarnação Beltrão. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Presidente Prudente

BANCA EXAMINADORA

PROFA. DRA. **MARIA ENCARNAÇÃO BELTRÃO SPOSITO**
ORIENTADORA

PROF. DR. **ARTHUR MAGON WHITACKER**
(UNESP/FCT)

PROFA. DRA. **DORALICE SATYRO MAIA**
(UFPB)

CLAUDIO SMALLEY SOARES PEREIRA

Presidente Prudente (SP), 17 de janeiro de 2014.

RESULTADO: Aprovado

Faculdade de Ciências e Tecnologia
Seção Técnica de Pós-Graduação
Rua Roberto Simonsen, 305 CEP 19060-900 Presidente Prudente SP
Tel 18 3229-5417 fax 18 3223-4519 posgrad@fct.unesp.br

À Neuma, Cláudionor, Jéssica, Kyhara,

Maria Soares (in memorian)

e a toda Família Soares

“O homem de fronteiras segue caminhos que inicialmente surpreendem, em seguida passam a ser rotas e terminam em evidências. Ele caminha ao longo da linha de divisão das águas e escolhe a via que se dirige ao horizonte. Pode passar ao longo de terras prometidas, mas não entra ali. É sua prova. Ele sempre vai em direção a outras terras, ao horizonte dos horizontes, de momentos em momentos, até que ele percebe linhas longínquas de um continente inexplorado. Descobrir é sua paixão”

Henri Lefebvre

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como este não é realizado por apenas uma pessoa. Ainda que somente uma tenha escrito, eu, por trás das minhas duas mãos e da minha mente, muitas outras pessoas deixaram sua marca neste trabalho. São muitos e muitas que participaram, diretamente ou indiretamente, desta pesquisa e que agora venho agradecer a eles/elas por isso. O fato de muitas pessoas terem contribuído torna arriscado lembrar o nome de cada uma delas e como elas tiveram participação no que aqui está escrito. Mesmo assim, assumo o risco de citá-las um a um, e peço àqueles que não comparecerem entre os citados, sintam-se contemplados também.

Primeiramente meus agradecimentos são a Deus e pelas possibilidades que a mim foram dadas para a realização deste sonho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que financiaram esta pesquisa, tornando-a possível de ser realizada da melhor maneira possível.

Agradeço a toda minha família, minha mãe Neuma, meu pai Cláudio, minhas irmãs Jéssica e Kyhara, a minha avó Maria Soares (*in memoriam*) que onde quer que você esteja, a Sr.ª foi muito especial na minha vida e faz muita falta! As minhas tias-avós Lassalete Soares, Maria Angélica (Detinha), tias Natércia, Erlane Soares e Edilza, tio Izaias. A Adriana, Sandra, David e todos os meus primos e primas, que me ajudaram e que sempre torceram por mim, todos e todas que fazem parte da família Soares, a quem dedico este trabalho.

Aos meus amigos de infância, Raphael, Dyego e Lucivan, sou grato a vocês por me proporcionarem sempre bons momentos de conversas, risadas, e lembranças sob as quais a vida de uma pessoa se constrói. Sou grato também a Gheyson, pelas conversas, risadas e brincadeiras que sempre me fazem desparecer! Obrigado meus amigos.

Ao meu compadre Pablo e a Milena, que me presentearam com o meu querido afilhado Heitor, obrigado!

Tentando geografizar meus agradecimentos, começo com aqueles que têm feito parte da minha vida acadêmica recente, na cidade de Presidente Prudente, São Paulo.

Agradeço imensamente à prof.ª Maria Encarnação Beltrão Sposito, a Carminha, que desde a primeira troca de e-mails ainda em 2009, quando eu estava na graduação, tem sempre se mostrado gentil e atenciosa quanto à minha pessoa e sempre me inspirado com o seu trabalho e reflexões. Agradeço por ter me acolhido. A experiência de ter sido o seu orientando foi especial e será inesquecível. Um sonho realizado.

Ao prof. Arthur Magon Whitacker, que conheci em 2011 quando cursei como aluno especial uma disciplina na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e que aceitou prontamente, mesmo que com o tempo apertado, a participar da minha qualificação e que contribuiu muito para o aperfeiçoamento da dissertação com suas sugestões e questionamentos.

À prof.ª Eda Góes, que também participou a minha banca de qualificação e que me mostrou que o trabalho que aqui está escrito vai muito além dele próprio, com outras possibilidades de produção de conhecimento. Agradeço pelas suas grandes contribuições.

Agradeço também ao prof. Nécio Turra Neto, pelos diálogos sempre frutíferos e que me fizeram pensar bastante sobre os rumos do meu trabalho e como poderia melhorá-lo diante do universo de possiblidades. Aos professores Eliseu Savério Sposito e Everaldo Santos Melazzo, pelas conversas, dicas, estímulos e também pelos frutíferos debates em sala de aula e no grupo de discussões do Projeto Temático, juntamente com os professores anteriormente citados, que me ajudaram a pensar sobre a minha pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer também a todos aqueles amigos, amigas e colegas, alguns desde os primeiros dias de vida em Prudente e outros que conheci recentemente, que fizeram parte do desenvolvimento deste trabalho, mas não apenas por isso, como também pelas conversas no GAsPERR e mesmo no dia-a-dia na Unesp e fora dela. Obrigado Viviane, André, Jovenildo, Gilmar (que agora está na USP), Silmara, Patrícia, Gabriel, Wagner Amorim, Edna, Marlon, Ítalo, Cássio, Deivid, Renata, Timóteo, Márcio, Letícia, Cléverson, Priscila, Eliane, Ariane, Danilo, Jônatas, Aline, Michele e todos os outros e outras que também fazem parte deste grupo.

Àqueles que também contribuíram com conversas e diálogos em vários momentos, como o Marcel, Mariana, Melina, Karime, Fred, Nino, Juliana, Raquel, Simão, Aline Sulzbacher, Heck, Natalina, Lindberg (Baiano), Vinícius (Cirso), Helen, Afonso.

Agradeço também ao Agnaldo e a Núbia, com quem convivi durante todo o mestrado. Obrigado por me aturarem por este tempo (risos) e pelas conversas sempre proveitosas.

À Andréa Porto-Sales, agradeço pelas conversas e debates, sempre instigantes, mesmo que somente entre a gente, sobre as nossas pesquisas.

Ao Rafael Catão, pela ajuda na confecção do material cartográfico que está presente no trabalho, meu muito obrigado.

Agradeço imensamente a Vânia da Silva, pela presença marcante, na minha vida acadêmica. Pelos seus palpites "cadeia neles" quando leu meus textos, pelas conversas sempre

frutíferas e instigantes sobre os mais diversos assuntos, pela sua amizade. Obrigado minha amiga!

Indo agora para o Nordeste, começo pelo Cariri Cearense.

Agradecendo a todos aqueles da primeira turma do Curso de Música da Universidade Federal do Cariri (UFCA), professores, amigos e amigas, com quem tive o prazer de conviver durante um ano e meio quando cursei esta faculdade. Meu muito obrigado a todos vocês!

Da Universidade Regional do Cariri (URCA), em Crato, Ceará, onde fiz a minha graduação, agradeço aos professores João César, Ivan, Maria, Jörn, Josier, Glauco, Alexandra, Sávio, que sempre estiveram presente na minha vida universitária, me apoiando e estimulando. Se aqui cheguei, é porque vocês me ajudaram.

Ainda da URCA, não poderia deixar de agradecer àquelas pessoas que se mostraram sempre atenciosas comigo, amigos e amigas que pelas "conversas jogadas fora", pela cervejas que tomávamos no "Bistrol" de vez em quando, e também por uma convivência para além da universidade, fazem parte também desta etapa da minha vida. Por isso agradeço a Jamil, Fernanda, David Van den Brule, César Filho e todos aqueles da turma 2007.2 da Geografia, noturno. Obrigado a todos!

Agradeço também a Ana Paula Gurgel, pelas conversas sobre o Cariri e Juazeiro do Norte, com que tenho "trocado figurinhas" sobre a realidade urbana destes espaços.

Agradeço, aos professores de Fortaleza**,** Edilson Pereira Júnior, Denise Bomtempo, Denise Elias, Iara, por me receberem na Universidade Estadual do Ceará (UECE) de forma magnifica durante o período em que fiz missão de estudos. Ao prof. Renato Pequeno, pelas conversas em alguns momentos. Meu muito obrigado!

Ainda de Fortaleza, sou grato a Joalana, João Vitor, Felipe Silveira, Ianone, Eudes, Sydney, Bruna, Cássia, Érica, Leandro, Camila Dutra, Raquel, que são pessoas que tive o prazer de conhecer ainda em Sobral, no ano de 2011, e que desde então fazem parte da minha vida. Meu muito obrigado!

Agradeço também à prof.ª Doralice Maia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que conheci em 2011, e que aceitou gentilmente o convite para participar da minha banca de defesa de dissertação e as conversas sempre interessantes quando nos encontramos na Unesp ou em eventos.

A Geislam, da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), mas que é do Cariri, também sou grato, sobretudo por ter me ajudado a conseguir um documento raro sobre a nossa região.

A Paulo Wendel agradeço pelas conversas, discussões e debates que tivemos em vários momentos sobre as nossas pesquisas e a respeito da cidade de Juazeiro do Norte. Obrigado também pela ajuda em alguns momentos da realização da minha pesquisa de campo.

Agradeço também a Daniel Walker e a Renato Casimiro, pelas informações que me concederam sobre a cidade de Juazeiro do Norte e pelas minhas dúvidas que na medida do possível foram tiradas via e-mail. Obrigado!

Agradeço também a todos aqueles que me ajudaram dispondo um tempinho da sua vida para a realização das entrevistas. A todos os entrevistados, meu obrigado!!

Por fim, agradeço imensamente a minha namorada Syntia Kelly, uma pessoa especial que entrou na minha vida por conta do acaso (ou destino?) e que sem a qual este trabalho provavelmente teria tido outros contornos. Sou muito grato a você por me acompanhar cotidianamente neste longo caminho, por me suportar, por cuidar de mim em momentos difíceis, por ser a pessoa especial que você é e por viver junto comigo os bons e os maus momentos. Você é uma pessoa que tem me ensinando muito sobre a vida! Como aprendi e tenho dito: *Je t''aime*! (Eu te amo!).

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. *Centro, centralidade e cidade média*: o papel do comércio e serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte/CE. 2014. 328f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

RESUMO

O processo de redefinição da centralidade urbana nas cidades médias brasileiras tem sido bastante investigado nas últimas décadas. A presente pesquisa busca contribuir para o estudo desta temática a partir da cidade de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, considerada como cidade média cearense pelos seus papéis exercidos na escala da rede urbana. Para a pesquisa, foram utilizados diversos procedimentos metodológicos, com destaque para as entrevistas, as enquetes, os trabalhos de campo com fotografias e levantamento de uso do solo urbano, e o levantamento documental. Tendo como foco a escala da cidade, analisou-se o papel do comércio e dos serviços na produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte, em que a redefinição da centralidade na cidade por meio das novas lógicas locacionais dos agentes econômicos produziram uma reestruturação da cidade ainda em curso, em que as atividades econômicas referentes aos estabelecimentos de eletrodomésticos, aos serviços bancários e às grandes superfícies comerciais, notadamente os hipermercados e supermercados associados ou não a *shopping centers*, tem tido importantes funções no processo de desconcentração da atividade terciária do centro da cidade. A redefinição da centralidade na cidade de Juazeiro do Norte, por outro lado, teve reflexos nas práticas espaciais dos citadinos. Observou-se que as novas lógicas locacionais redefiniram algumas destas práticas relativas ao consumo, mudando os espaços de compras tradicionais dos citadinos. Se, antes, o centro principal da cidade era o único espaço de comércio e serviços, agora as áreas do Pirajá, Cariri Garden Shopping e o eixo Juazeiro-Crato conformam uma cidade multi(poli)nucleada, com vários espaços expressando centralidade e possibilitando novos usos da cidade quanto ao consumo. Da maneira contraditória, algumas práticas espaciais permaneceram, tendo ainda as áreas tradicionais de comércio e serviços - o centro da cidade – importância para algumas pessoas. Concluímos que a redefinição da centralidade é melhor entendida quando analisada de modo articulado com as práticas espaciais dos citadinos, visto que ao passo que estas podem ser redefinidas com a novas lógicas locacionais dos agentes econômicos, elas ajudam a redefinir as áreas de centralidade na cidade.

Palavras-Chave: centro, centralidade, práticas espaciais, reestruturação da cidade, Juazeiro do Norte/CE, cidades médias.

PEREIRA, Cláudio Soares Smalley. *City center, centrality, and the mid-sized city:* the role of commerce and services in the restructuring of the city of Juazeiro do Norte/CE. 2014. 328f. Dissertation (Masters in Geography), Graduate Program in Geography, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

ABSTRACT

The process of redefining the urban centrality of Brazilian mid-sized cities has been studied widely in the last decades. The present research seeks to contribute to the study of this theme, taking as an example of the city of Juazeiro do Norte, in the State of Ceará, considered a mid-sized city in the State owing to its functions on the scale of urban networks. For this research, different methodological proceedings were used, with an emphasis on interviews, questionnaires, fieldwork with photographic records, the survey of urban land use, and the interpretation of documentary material. Having the scale of a city as focus, the role of commerce and services in the production of urban space in Juazeiro do Norte has been analyzed to find out how the redefinition of centrality in the city through new locational rationales by economic agents has produced the ongoing restructuring of the city, how economic activities with regards to household appliances stores, bank services and large commercial centers, namely superstores and supermarkets linked to shopping centers or not, have exercised important functions in the displacement process of the tertiary sector away from the city center. On the other hand, the redefinition of centrality in the city of Juazeiro do Norte had been reflected in the social practices of the citizens. It has been observed that the new locational rationales have redefined some of these practices related to consumption, changing the traditional shopping spaces for the inhabitants. If, before these changes, the main center of the city was the only space for commerce and services, now the areas of Pirajá, Cariri Garden Shopping and the route between Juazeiro and Crato have formed a multi- or poly-nucleus city with various spaces that express centrality and allow new uses of the city with respect to consumption. In a contrary way, some spatial practices remain, still retaining the importance of some traditional commerce and service areas – the city center – for some people. We conclude that the redefinition of centrality is better understood when analyzed in articulation with the citizens‟ spatial practices, inasmuch as these could be redefined through new locational rationales of economic agents, they help to redefine the areas of centrality in the city.

Keywords: city center, centrality, spatial practices, urban restructuring processes, Juazeiro do Norte/CE, mid-sized cities.

Sumário

RESUMO **12**

ABSTRACT **13**

LISTA DE FOTOS **16**

LISTA DE FIGURAS **17**

LISTA DE QUADROS **18**

LISTA DE TABELAS **19**

LISTA DE MAPAS **20**

LISTA DE GRÁFICOS **21**

INTRODUÇÃO **22**

A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA: DA TEORIA À PRÁTICA **34**

PRIMEIRA PARTE **47**

A ESTRUTURAÇÃO DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE: AGENTES, ESCALAS E PROCESSOS **47**

1. A ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO **48**

2. DO POVOADO "JOASEIRO" À CIDADE DE "JUÀZEIRO": SURGIMENTO E CONSOLIDAÇÃO (1870-1930) **50**

3. DE "JUÀZEIRO" À JUAZEIRO DO NORTE: CRESCIMENTO E EXPANSÃO DA CIDADE (1930-1980) **74**

4. SÍNTESE DA PRIMEIRA PARTE **113**

SEGUNDA PARTE **122**

A REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE: REDEFINIÇÃO DA CENTRALIDADE URBANA E PRÁTICAS ESPACIAIS **122**

5. O CENTRO E AS "NOVAS ÁREAS" DE CENTRALIDADE NA REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE **123**

6. A REDEFINIÇÃO DA CENTRALIDADE NO ESPAÇO URBANO DE JUAZEIRO DO NORTE **138**

6.1 DA DÉCADA DE 1980 AOS DIAS ATUAIS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE JUAZEIRO DO NORTE. **138**

6.2 EXPRESSÕES E REDEFINIÇÕES DA CENTRALIDADE NO ESPAÇO URBANO DE JUAZEIRO DO NORTE 143

6.3 CARACTERIZAÇÃO DAS NOVAS ÁREAS DE CENTRALIDADE 162

6.4 REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E PRODUÇÃO DE NOVAS ÁREAS DE CENTRALIDADE EM JUAZEIRO DO NORTE 170

6.5 AS NOVAS ÁREAS DE CENTRALIDADE E O CENTRO PRINCIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE: UMA DIFERENCIAÇÃO NECESSÁRIA 208

7. AS PRÁTICAS ESPACIAIS E A REDEFINIÇÃO DA CENTRALIDADE NO ESPAÇO URBANO DE JUAZEIRO DO NORTE 222

7.1. AS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE PRÁTICAS ESPACIAIS 222

7.2. A APROXIMAÇÃO COM OS CITADINOS: ENQUETES E ENTREVISTAS 231

7.3 OS CONSUMIDORES E SUAS ESCOLHAS ESPACIAIS: CENTRALIDADE, MEIOS DE TRANSPORTES E ESPAÇOS DE CONSUMO 233

7.4. PODER AQUISITIVO, SEGMENTAÇÃO DO CONSUMO E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL 261

7.5 CENTRO, CENTRALIDADE E PRÁTICAS ESPACIAIS: UMA SÍNTESE E UMA TIPOLOGIA 271

8. SÍNTESE DA SEGUNDA PARTE 276

PARAMOS POR AQUI, MAS AINDA HÁ O QUE SER FEITO 280

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 285

ANEXOS 308

LISTA DE FOTOS

Foto 1- Juazeiro do Norte na década de 1910. 58

Foto 2 - Juazeiro do Norte. Rua Padre Cícero, em 1923. 69

Foto 3 - Juazeiro do Norte. Rua Padre Cícero, em 1923. 69

Foto 4 - Juazeiro do Norte. Rua São Pedro em 1935 na área periférica da cidade. 81

Foto 5 - Juazeiro do Norte. Rua do Cruzeiro em 1935 nas áreas periféricas a cidade. 81

Foto 6 - Juazeiro do Norte. Imagem da Rua São Pedro na reforma urbana no centro da cidade em 1945. 86

Foto 7 - Juazeiro do Norte. Imagem da Rua Padre Cícero na reforma urbana no centro da cidade em 1945. 86

Foto 8 - Juazeiro do Norte. Rua Padre Cícero, no centro da cidade em meados dos anos 1950. 93

Foto 9 - Juazeiro do Norte. Rua Padre Cícero, no centro da cidade em meados dos anos 1950. 93

Foto 10 - Juazeiro do Norte. Vista geral da cidade a partir na década de 1950. 93

Foto 11 - Vista área das proximidades da linha férrea e do Convento dos Franciscanos. 93

Foto 12 - Juazeiro do Norte. Rua São Pedro, centro da cidade na década de 1960. 97

Foto 13 - Juazeiro do Norte. Panorâmica da cidade vista dos Franciscanos, em 1964. 100

Foto 14 - Juazeiro do Norte: Vista parcial da cidade na década de 1970, com destaque para a torre da Igreja dos Franciscanos. 106

Foto 15 - Juazeiro do Norte. Rua São Pedro, comércio no centro da cidade. 108

Foto 16 - Juazeiro do Norte. Parte da periferia no início da década de 1970. 110

Foto 17 - Juazeiro do Norte. Estação ferroviária na época da inauguração, década de 1920. 147

Foto 18 - Estação do “metrô do Cariri”, e por trás, a antiga estação ferroviária. 147

Foto 19 - Loja Zenir Móveis e Eletro do centro principal. 158

Foto 20 - Uma das Lojas Maia/Magazine Luiza do centro principal. 158

Foto 21 - Juazeiro do Norte. Avenida Ailton Gomes no primeiro plano e o Mercado do Pirajá destacado com a seta amarela. Ao fundo, o centro principal da cidade. 163

Foto 22 - Juazeiro do Norte. Imagem aérea do Triângulo nos anos 1960 (ângulo oeste-leste). 165

Foto 23 - Juazeiro do Norte. Imagem aérea do Triângulo em 2011 (ângulo norte-sul). 166

Foto 24 - Juazeiro do Norte. Imagem aérea com o destaque no Hiper Bompreço e à direita o Cariri Garden Shopping com a verticalização por trás no ano de 2012. 167

Foto 25 - Juazeiro do Norte. Ilustração do Unique Condominium. 168

Foto 26 - Juazeiro do Norte. Ilustração do Pátio Cariri. 168

Foto 27 - Juazeiro do Norte. Avenida Padre Cícero e verticalização ao redor do Cariri Garden Shopping em 2012. 169

Foto 28 - Praça do Triângulo com a Avenida Padre Cícero, em direção à cidade de Crato em 2012. 170

Foto 29 - Juazeiro do Norte. Zenir Móveis e Eletrodomésticos do Eixo Juazeiro-Crato, em frente ao Maxxi Atacado. 174

Foto 30 - Juazeiro do Norte. Lojas de Móveis e Eletrodomésticos da Macavi do Eixo Juazeiro-Crato, próximo ao Atacadão e ao Assaí. 174

Foto 31 - Juazeiro do Norte. Agência do Banco do Brasil do Pirajá. 178

Foto 32 - Juazeiro do Norte. Agência da Caixa Econômica Federal do Pirajá. 178

Foto 33 - Juazeiro do Norte. Imagem aérea do Cariri Garden Shopping. 193

Foto 34 - Juazeiro do Norte. Imagem representativa do Shopping Juazeiro. 194

Foto 35 - Juazeiro do Norte. Atacadão, do Grupo Carrefour, na Av. Padre Cícero. 195

Foto 36 - Juazeiro do Norte. Assaí Atacadista, do Grupo Pão de Açúcar, na Av. Padre Cícero. 195

Foto 37 - Juazeiro do Norte. Maxxi Atacado, do Grupo Wal-Mart, na Av. Padre Cícero. 195

Foto 38 - Juazeiro do Norte. Hiper Bompreço, do Grupo Wal-Mart, na Av. Padre Cícero. .. 195

Foto 39 - Juazeiro do Norte. Meios de transporte em que os citadinos de outros municípios vão ao Atacadão em Juazeiro do Norte. 251

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ceará. Situação geográfica dos municípios sediados por cidades médias. 27

Figura 2- Juazeiro do Norte. Estrutura espacial do povoado em 1875. 55

Figura 3 - Juazeiro do Norte. Núcleo no início do século XX, com a Praça do Quadro Grande (atual Praça Padre Cícero) ao centro e os nomes de algumas ruas. 61

Figura 4 - Mapa da expansão urbana de Juazeiro do Norte entre 1870-1930. 73

Figura 5 - Juazeiro do Norte. Cartograma da organização espacial da cidade em 1955, somente com as principais ruas. 91

Figura 6 - Juazeiro do Norte. Visualização da morfologia da cidade e de outros aglomerados transformados em bairros anos depois. 99

Figura 7 - Juazeiro do Norte. Morfologia da cidade no final dos anos 1960 com a imagem da direita do início dos anos 1970. 101

Figura 8 - Esquema sintético de redefinição da centralidade no espaço urbano. 127

Figura 9 - Juazeiro do Norte. Expansão urbana ao longo do século XX. 139

Figura 10 - Juazeiro do Norte. Mancha urbana em 2000. 140

Figura 11 - Ceará. Número de empresas comerciais por município em 2011 149

Figura 12 - Mapa da Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo proposto pelo PDDU. 2000. 207

Figura 13 – Ceará. Estimativas de consumo das classes A, B e C em 2013. 259

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Entrevistas grupo 1: “agentes bem informados”. 45

Quadro 2 - Juazeiro do Norte. Citadinos entrevistados segundo o perfil do Projeto Temático. 46

Quadro 3 - Juazeiro do Norte. População e atividades econômicas do povoado em 1909. 57

Quadro 4 - Síntese dos processos e dinâmicas em múltiplas periodizações. 118

Quadro 5 - Juazeiro do Norte. Localização das agências bancárias no centro principal e datas de instalação. 159

Quadro 6 - Juazeiro do Norte. Localização das agências bancárias e datas de instalação por área de pesquisa. 179

Quadro 7 - Juazeiro do Norte. Postos de Atendimento Eletrônico (PAE) e Postos de Atendimento Bancário (PAB). 2013 184

Quadro 8 - Juazeiro do Norte. Especificações do Cariri Garden Shopping na época da inauguração e na expansão. 2013 192

Quadro 9 - Juazeiro do Norte. Especificações do Shopping Juazeiro. 2013 193

Quadro 10 - Juazeiro do Norte. Distribuição espacial das grandes superfícies comerciais varejistas e atacadistas. 196

Quadro 11 - Juazeiro do Norte. Linhas e itinerários de transporte urbano da empresa ViaMetro. 2013 203

Quadro 12 - Juazeiro do Norte. Linhas e itinerários de transporte urbano da empresa Lobo Ltda. 2013 204

Quadro 13 - Juazeiro do Norte. Linhas e itinerários de transporte urbano da empresa São Francisco Ltda. 2013 204

Quadro 14 - Juazeiro do Norte. Distância em km entre o local de residência dos entrevistados e as áreas de centralidade 234

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Juazeiro do Norte. População Economicamente Ativa por setores de atividade em 1950 e 1970 em %. 105

Tabela 2 - Juazeiro do Norte. Crescimento demográfico e taxa de urbanização. 1980 a 2010. 138

Tabela 3 - Juazeiro do Norte. Quantidade de estabelecimentos levantados e em funcionamento nas áreas de centralidade*. 2012-2013. 147

Tabela 4 - Juazeiro do Norte. Quantidade de estabelecimentos comerciais varejistas, segundo ramo de atividades. 2010 e 2011 150

Tabela 5 - Quantidade de estabelecimentos de prestação de serviços em 2010 e 2011. 152

Tabela 6 - Juazeiro do Norte. Quantidade de estabelecimentos por rua do centro principal. 2012-2013. 156

Tabela 7 - Juazeiro do Norte. Distribuição dos estabelecimentos de eletrodomésticos nas ruas do centro principal. 157

Tabela 8 - Juazeiro do Norte. Principais lojas de eletrodomésticos de capital local-regional e regional. 158

Tabela 9 - Juazeiro do Norte. Distribuição dos estabelecimentos selecionados por área da pesquisa. 2012-2013 171

Tabela 10 - As 15 maiores lojas do ramo de eletrodomésticos por ordem de faturamento e suas posições no ranking das 100 maiores empresas do varejo brasileiro em 2012. 176

Tabela 11 - Juazeiro do Norte. Índice de Potencial de Consumo (IPC) e posição no ranking nacional e estadual. 2009 a 2013. 188

Tabela 12 - Brasil. Maiores redes supermercadistas. 2011. 201

Tabela 13 - Juazeiro do Norte. Especificações dos estabelecimentos do setor supermercadista. 2013 201

Tabela 14 - Juazeiro do Norte. Investimentos das grandes superfícies comerciais. 2009-2013. 201

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Juazeiro do Norte. Situação geográfica da cidade. 26

Mapa 2 - Juazeiro do Norte. Expansão urbana até os anos 1940. 79

Mapa 3 - Juazeiro do Norte. Áreas da pesquisa de campo. 2012-2013. 142

Mapa 4 - Juazeiro do Norte. Distribuição espacial das lojas de eletrodomésticos. 173

Mapa 5 - Juazeiro do Norte. Distribuição das agências bancárias no espaço urbano. 2012-2013 180

Mapa 6 - Juazeiro do Norte. Distribuição dos PAEs e PABs no espaço urbano. 2013 182

Mapa 7 - Juazeiro do Norte. Distribuição espacial das agências bancárias, PAEs e PABs. 2013 185

Mapa 8 - Juazeiro do Norte. Localização dos principais supermercados e hipermercados segundo origem de capital. 197

Mapa 9 - Juazeiro do Norte. Principais atividades comerciais e de serviços, segundo suas áreas de concentração. 2012-2013 202

Mapa 10 - Juazeiro do Norte. Situação geográfica dos citadinos entrevistados. 235

Mapa 11- Juazeiro do Norte. Bairros de origem dos respondentes das enquetes que procuram o centro principal. 236

Mapa 12 - Juazeiro do Norte. Bairros de origem dos respondentes das enquetes que procuram o Pirajá. 237

Mapa 13 - Juazeiro do Norte. Bairros de origem dos respondentes das enquetes que procuram o Pirajá aos domingos. 239

Mapa 14 - Juazeiro do Norte. Bairros de origem dos respondentes das enquetes que procuram a área do Cariri Garden Shopping. 241

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Juazeiro do Norte. Evolução do número de estabelecimentos atacadistas e varejistas. 2004 a 2011. 148

Gráfico 2 - Juazeiro do Norte. Evolução do número de estabelecimentos de prestação de serviços de 2004 a 2011. 151

Gráfico 3 - Juazeiro do Norte. Evolução da localização das agências bancárias no centro e fora do centro. 181

Gráfico 4 - Juazeiro do Norte. Evolução da localização dos PABs e PAESs no centro e fora do centro da cidade. 2007 a 2013 183

Gráfico 5 - Juazeiro do Norte. Síntese da evolução das agências bancárias e PABs e PAESs no centro e fora do centro da cidade. 2007 a 2013 183

Gráfico 6 - Brasil. Volume de gastos por ramos de atividades econômicas. 2013 260

SIGLAS

ABRAS – Associação Brasileira de Supermercados

ABRASC – Associação Brasileira de Shopping Center

ACESU – Associação Cearense de Supermercados

BACEN – Banco Central

BB – Banco do Brasil

BICBANO – Banco Industrial e Comercial S.A.

BNB – Banco do Nordeste

CDL – Câmara dos Dirigentes Lojistas

CENTEC – Centro de Educação Tecnológica do Ceará

CIROL – Cia. Indústria de Resíduos de Óleo Ltda.

DER – Departamento de Estradas de Rodagem

HRC – Hospital Regional do Cariri

IBEVAR – Instituto Brasileiro de Executivos do Varejo e do Mercado de Consumo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICASA – Indústria e Comércio de Algodão S.A.

IPC – Índice de Potencial de Consumo

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará

PAB – Posto de Atendimento Bancário

PAE – Posto de Atendimento Eletrônico

PDDU – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano

SENAI – Serviço Nacional da Indústria

SINDUSCON – Sindicato da Indústria da Construção Civil

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

UCLA – Universidade da Califórnia

UFC – Universidade Federal do Ceará

URCA – Universidade Regional do Cariri

INTRODUÇÃO

A busca da compreensão das lógicas que produzem o espaço urbano no período contemporâneo está entre as tarefas mais árduas para os geógrafos na atualidade. Embora seja simples afirmar que a cidade é produzida pelos diversos agentes sociais ao longo do processo histórico, é bastante complexo entender como eles atuam no processo de produção do espaço urbano, como também compreender quais os seus interesses, suas motivações e as contradições.

Várias são as perspectivas que tentam explicar o espaço por diversas óticas teórico-metodológicas. Para citar apenas alguns exemplos, as concepções da Escola de Chicago, no início do século XX, a relativa à economia política marxista e aquela do viés neoricardiano[1], compõem um mosaico rico, emblemático e, por muitas vezes, contraditório na busca pelo entendimento da espacialidade da sociedade no âmbito do processo de urbanização.

Não é demais lembrar que a Geografia chamada quantitativa dos anos 1960 também buscou entender a organização espacial por meio dos modelos matemáticos e estatísticos, figurando entre as muitas formas de conhecimento possíveis que tentaram explicar a realidade urbana mundial que estava se complexificando cada vez mais.

A investigação aqui proposta é orientada pela perspectiva dialética por entendermos que esta nos proporciona uma leitura tanto no nível teórico quanto prático, possibilitando a apreensão do fenômeno urbano contemporâneo em suas diversas dimensões – econômica, política, social e cultural – e nas suas mais variadas escalas geográficas – local, regional, nacional e internacional.

Tal escolha leva-nos a um entendimento do espaço geográfico como uma condição, um meio e um produto da prática social, que no fim, se torna uma prática espacial devido à relação intrínseca entre o espaço e a sociedade no devir histórico (CARLOS, 2011). Com base nisso, o processo de urbanização é entendido como um movimento em que sociedade e espaço se interpenetram no processo histórico.

Tal estudo está inserido numa pesquisa maior chamada "Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo[2]" do Grupo de Pesquisa

[1] Uma análise profunda sobre essas perspectivas pode ser encontrada em Gottdiener (2010).

[2] A pesquisa "Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo" (Projeto Temático) visa analisar em cidades médias estudadas pelo GAsPERR as lógicas econômicas contemporâneas de estruturação e reestruturação urbana e da cidade e suas articulações com as práticas espaciais dos citadinos referentes ao consumo.

Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) e se articula a frentes de trabalho da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe). Buscamos entender como as lógicas de localização das empresas de comércio e serviços engendram reestruturações urbanas e da cidade e como elas influenciam as práticas espaciais que concernem ao consumo dos citadinos.

O nosso objetivo nessa pesquisa é entender o papel do comércio e dos serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte a partir da perspectiva da centralidade no espaço urbano.

Por que estudar a centralidade urbana? Essa pergunta é fundamental e pode ser respondida a partir de duas frentes: - primeiro, porque entendemos que o estudo da cidade e do processo de estruturação urbana passa pelo entendimento da relação do centro com a(s) expressão(ões) de centralidade(s)[3]; - segundo, porque os estudos a respeito dessa temática nesta cidade são escassos, quase inexistentes na realidade, o que nos desafia e nos provoca a entender como o estudo da centralidade urbana pode ajudar a analisar a estruturação de Juazeiro do Norte no passado, no presente e suas tendências futuras.

O foco nas atividades terciárias, notadamente os estabelecimentos de eletrodomésticos, super e hipermercados – associados ou não a *shopping centers* – e os serviços bancários – estes ramos sendo os mais representativos no que se refere às novas lógicas locacionais na produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte –, dá-se devido ao papel histórico e recente que o comércio estabelece com a cidade. Tomamos as reflexões de Salgueiro (1996) para nos ajudar a entender melhor essa relação entre cidade e comércio. Segundo ela,

> as cidades são fundamentalmente lugares terciários, lugares onde se processam as trocas de produtos e de ideias, onde aumentam os contatos entre as pessoas e instituições; aqui se concentram os locais de convívio e diversão, se procura a escola e o hospital, se encontra o conhecimento e o apoio técnico necessários à maioria das atividades econômicas (SALGUEIRO, 1996, p. 183).

A importância do comércio para a cidade é levantada ainda em quatro aspectos por Salgueiro (1996):

a) O comércio é importante muito além da atividade da troca comercial, sendo um lugar de troca de ideias e de informações, de contatos, e de ócio;

[3] A figura que é capa desta pesquisa, ainda que distante e diferente da realidade brasileira, serve para representar o que discutimos ao longo desta dissertação. Elas foram retiradas de Bonnet e Tomas (1989).

b) Juntamente com alguns serviços, o comércio é um elemento de organização da estrutura urbana e da integração entres os diversos bairros periféricos e os centrais;

c) É também um elemento de transformação da paisagem urbana e da imagem da cidade;

d) É um meio de intervenção urbana, devido à capacidade polarizadora exercida pelas atividades comerciais no espaço urbano;

São muitos os agentes envolvidos no âmbito das atividades comerciais varejistas e de serviços. Envolve uma relação complexa que vai desde os ambulantes, passando pelos pequenos comerciantes independentes, às grandes lojas, às empresas imobiliárias e ao *e-commerce*, cada um com uma forma de inserção urbana diferenciada (VARGAS, 2000). Estes diversos agentes contribuem, cada um do seu modo, para a produção do espaço urbano e para a estruturação da cidade.

A escolha das atividades citadas anteriormente ocorreu por alguns fatores: em primeiro lugar, são elas que denotam um processo de redefinição da centralidade urbana por meio das novas estratégias locacionais do terciário nesta cidade; em segundo lugar, pelo fato das novas localizações não-centrais destas atividades serem recentes, com maior notoriedade e evidência a partir do ano de 2009; em terceiro lugar, pelo fato de que condiciona um processo de reestruturação da cidade que é, ao mesmo tempo, rápido e recente; por fim, em quarto lugar, elas denotam as tensões entre a mudança e a permanência, a estruturação e a reestruturação, o tradicional e o moderno, expondo qualidades diferenciadas que distinguem os papéis das atividades entre si e o peso de cada uma delas na produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte no período contemporâneo.

Neste ponto é importante um esclarecimento. A pesquisa que está sendo apresentada agora não está vinculada ao que se poderia chamar de uma Geografia do Comércio. Pelo contrário, mais do que focar estritamente na atividade comercial – melhor dizendo, terciária – apropriamo-nos destas atividades para se entender as transformações urbanas que estão afetando as cidades médias brasileiras, tento como exemplo empírico a cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará. É, nesse sentido, um estudo de Geografia Urbana, que tem a cidade e as transformações da estruturação do espaço urbano no primeiro plano, sendo o setor terciário o setor de atividades econômicas de destaque nesta dinâmica.

Além disso, a importância do comércio, para o entendimento das transformações espaciais urbanas que são visadas nesta pesquisa, está no fato de que "a organização urbana do comércio [...] [está baseada] numa hierarquia de centros comandada pelo centro principal

de comércio e serviços" (SALGUEIRO, 1996, p. 185), o que, em outras palavras, significa que "o estudo do comércio na cidade é inevitavelmente dominado pela questão do centro. Pelo seu crescimento e especialização, pela sua migração e, mais recentemente, pela sua fragmentação com o aparecimento de novos centros alternativos nas cidades em que estruturas policêntricas substituem a mononucleada" (SALGUEIRO, 1994b, p. 177 – grifo nosso). O centro e o comércio se relacionam desde as aglomerações humanas mais primitivas, que produziram espaços centrais para a instalação desta atividade econômica (CAPEL, 2005).

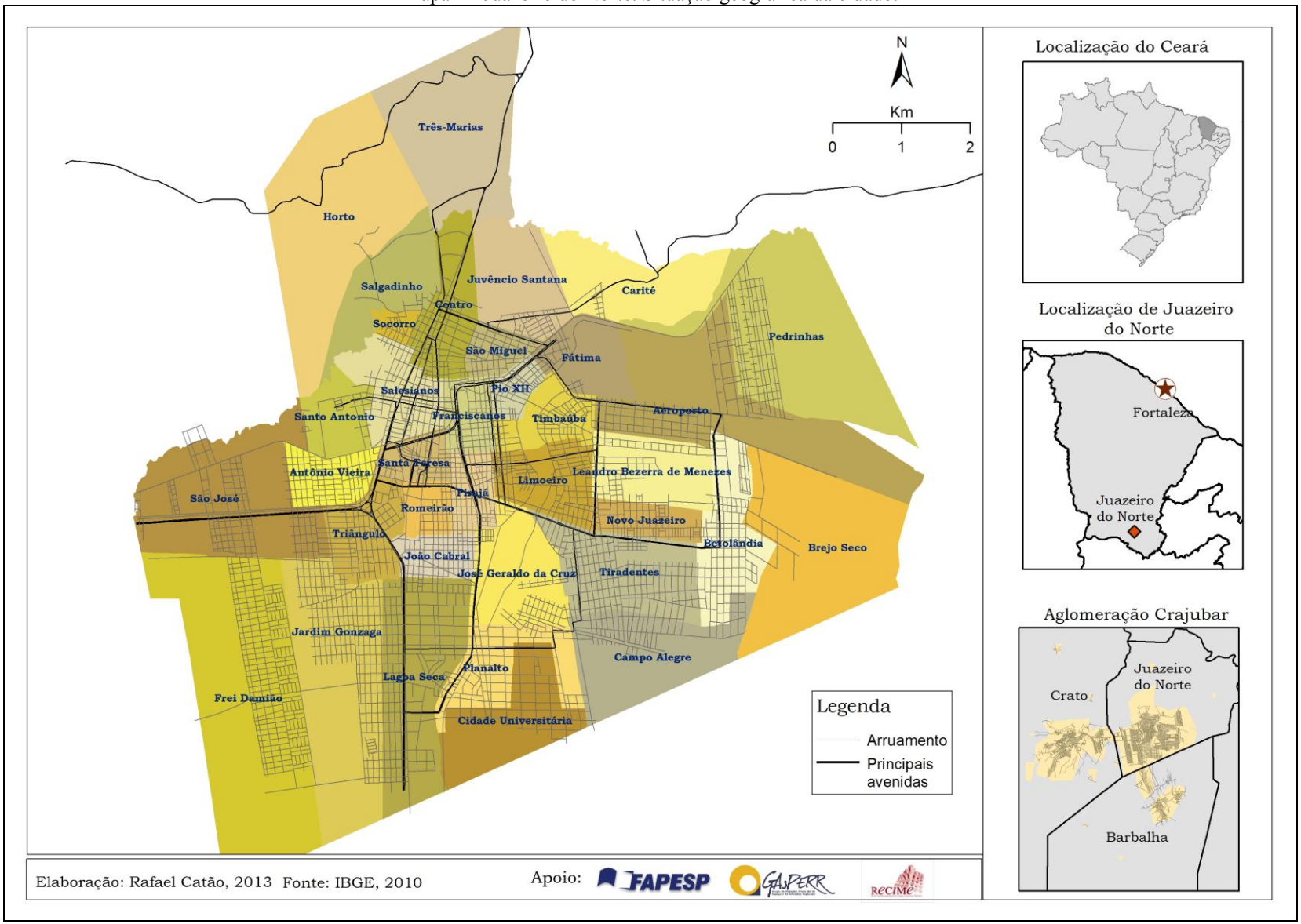
A problemática da pesquisa está pautada na investigação do fenômeno urbano na cidade de Juazeiro do Norte, no sul do Ceará, em sua manifestação espacial, procurado compreender a relação entre centro e centralidade, vista pelo ângulo do comércio e dos serviços, e como isso pode nos ajudar a desvelar os processos que contribuíram para a formação e redefinição da centralidade urbana na escala da cidade e da rede urbana. Temos como elemento central a leitura a partir da dimensão econômica (procurando não cair no economicismo) e como essa, sobretudo a partir dos anos 1980, por meio dos agentes econômicos (locais, regionais, nacionais e internacionais), vem produzindo uma nova morfologia urbana caracterizada pela expansão territorial urbana e uma possível multi(poli)centralidade urbana[4]. Além disso, os citadinos e suas práticas espaciais no que se refere à centralidade no espaço urbano também serão investigados para entender como estas se relacionam e se articulam com as lógicas espaciais de localização dos agentes econômicos.

Demos privilégio ao recorte temporal da década de 1980 por ser este considerado por muitos pesquisadores da temática urbana como o período de consolidação de uma nova urbanização brasileira (SANTOS, 2008a). Nesta década, as cidades médias cresceram demograficamente mais que as metrópoles e passaram a ter um papel mais destacado nas redes urbanas regionais e no sistema urbano nacional. A concentração única no espaço urbano, que expressava a centralidade, foi redefinida (SPOSITO, 2010a) por novas lógicas econômicas e por novos agentes que atuam em escala global.

No Estado do Ceará, a cidade de Juazeiro do Norte (mapa 1), diferentemente de Crato, Sobral e Iguatu que também são consideradas cidades médias, (HOLANDA, MARIA JÚNIOR, 2010), conforme figura 1, só aparece no cenário urbano estadual, a partir do início do século XX, impulsionada pelo fenômeno religioso do Padre Cícero (AMORA; COSTA, 2007). Após décadas, dependendo dos serviços que eram oferecidos pela cidade do Crato, a

[4] ver Sposito (2010a)

Mapa 1 - Juazeiro do Norte. Situação geográfica da cidade.



qual por muito tempo foi a principal cidade do sul do Ceará[5], Juazeiro do Norte, a partir do final da década de 1970, tomou a dianteira e assumiu o posto de cidade central do Cariri cearense, o que se acompanhou do declínio deste papel anteriormente exercido pelo Crato. Nos anos 1980, o comando de Juazeiro do Norte tornou-se mais notório (FELIZOLA DINIZ, 1989), acompanhado do crescimento acelerado da expansão territorial urbana em direção às áreas periféricas, da localização das indústrias, serviços, comércio e residências, bem como do exercício de uma influência política e cultural em escala regional e estadual, fatores que foram fundamentais para a ascensão desta cidade no cenário urbano do Ceará.

Os documentos elaborados pelo IBGE desde os anos 1970 mostram como Juazeiro do Norte – ao lado de Crato – já se destacava enquanto uma importante cidade da rede urbana do Estado do Ceará (IBGE, 1971, 1972, 1978, 1993, 2007), além das pesquisas realizadas por Bernardes (1969), Soares (1968), Souza (1977), Pinto e Oliveira (1978), Maria Júnior (2004), Amora e Costa (2007).

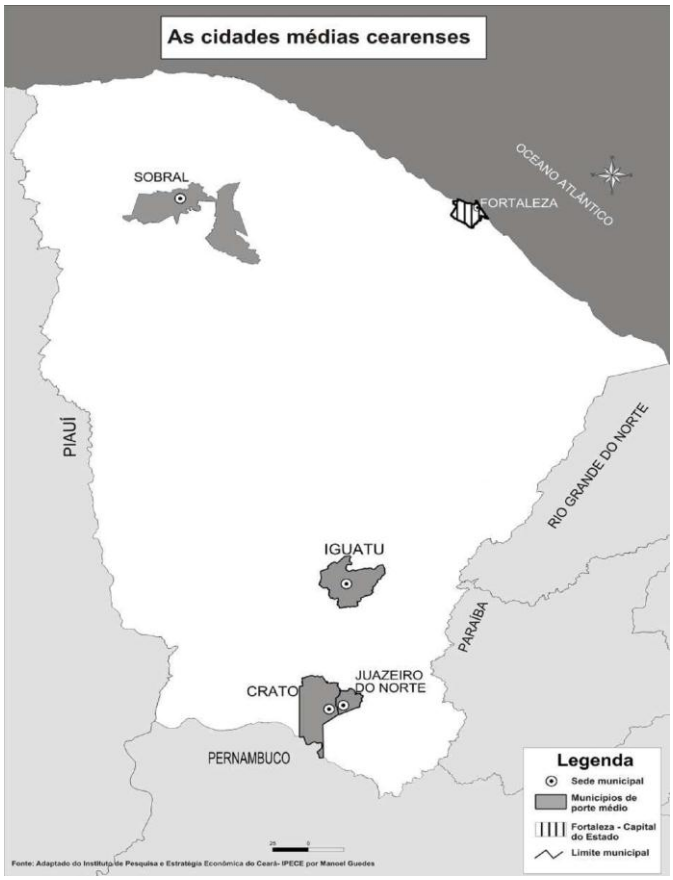


Figura 1 – Ceará. Situação geográfica dos municípios sediados por cidades médias.
Fonte: Holanda (2011).

[5] Sobre Crato, entre outros, ver Petrone (1955).

Outras pesquisas de maior envergadura, em escala nacional, que trazem de algum modo Juazeiro do Norte, por vezes envolvendo suas relações com a cidade de Crato, além dos já citados, são Barros (1964), Felizola Diniz (1989), Davidovich e Lima (1975, 1976) – que focam a relação entre estas duas cidades e, por vezes, mais recentemente, com a cidade de Barbalha adicionada, como uma das aglomerações urbanas brasileiras[6] –, Neves (1976), Lima (1978) e Andrade e Lodder (1979). Além disso, Juazeiro do Norte fez parte do Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio, como consta em Amorim Filho (1984). Alguns destes trabalhos atestam a importância crescente de Juazeiro do Norte a partir dos anos 1970-1980, enquanto outros apenas a mencionam em um conjunto mais geral do contexto urbano brasileiro. Por estas características, escolhemos tal cidade e para o estudo.

O papel das cidades médias cearenses tem sido evidenciado na literatura local e regional com mais vigor na escala da rede urbana, principalmente a partir da reestruturação produtiva do capital nos anos 1970. Os esforços realizados por Amora e Costa (2007), Holanda e Maria Júnior (2010) e Maria Júnior (2004) são significativos para entender o papel destas cidades ao longo do processo de estruturação da rede urbana do Ceará, sobretudo nos últimos vinte anos. Entretanto, tratando de Juazeiro do Norte, há várias lacunas sobre o estudo do espaço urbano. Essa pesquisa tem o intuito de contribuir para o preenchimento dessa lacuna.

Do ponto de vista demográfico, segundo o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010), Juazeiro do Norte apresentou uma população de 249.939 habitantes, com estimativas de ter alcançado em 2013 os 261.289 habitantes[7], a segunda maior cidade do estado em população, e um PIB de R$ 1.959.969 bilhões em 2010, o quinto maior PIB municipal do Ceará[8] (IPECE, 2012). No âmbito do sistema urbano brasileiro, o estudo das Regiões de Influência das

[6] O trabalho de Davidovich e Lima (1975) insere Juazeiro do Norte e Crato no grupo das "aglomerações sem espaço urbanizado contínuo". A proximidade entre Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha e o processo de conturbação que acontece entre elas é conhecido como CRAJUBAR. Foi criada, pela Lei Complementar nº 78, de 29 de junho de 2009, a Região Metropolitana do Cariri, composta de 9 municípios, sendo eles: Barbalha, Caririaçú, Crato, Juazeiro do Norte, Farias brito, Jardim, Santana do Cariri, Missão Velha e Nova Olinda, e em 2013 foi aprovada a Região Integrada de Desenvolvimento Cariri-Araripe (RICA) pela Lei Complementar PLS 122/2009, no senado brasileiro, composta por 70 municípios dos estados do Ceará, Pernambuco, Paraíba e Piauí. Tais fatos merecem uma discussão particular, que não será feita neste trabalho, mas ainda assim pensamos ser importante registrar estas informações para que o leitor possa saber um pouco mais sobre a cidade de Juazeiro do Norte e o Cariri cearense.

[7] Informações disponíveis em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=230730>. Acesso em 13 out. 2013.

[8] À frente de Juazeiro do Norte estão: Fortaleza, Maracanaú, Sobral, Caucaia. Os municípios de Maracanaú e Caucaia fazem parte da Região Metropolitana de Fortaleza.

Cidades – REGIC (IBGE, 2008) mostrou que Juazeiro do Norte[9] - juntamente do Crato e Barbalha – abarcava uma área composta de 36 cidades, sendo classificada de "Capital Regional C" pela REGIC, com centros urbanos que têm em média 250 mil habitantes e com 162 relacionamentos citados na pesquisa. As "Capitais Regionais" estão subdivididas na REGIC em três categorias (A, B e C) e estes centros "têm área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios" (IBGE, 2008, p. 11), se relacionando, ainda, com o extrato superior da rede urbana. Estas características justificam compreendê-la como cidade média, uma vez estas são "aquelas que desempenham papéis de intermediação em suas redes urbanas" (SPOSITO, 2010, p.1). Estes são alguns elementos dos quais chamam a atenção para esta cidade do interior cearense.

Algumas perguntas surgem para iluminar a problemática em discussão: Qual o papel do centro de Juazeiro do Norte ao longo do processo de urbanização e de estruturação urbana? Esse processo apresenta conteúdos diferenciados nos diversos períodos? Como se deram os rebatimentos espaciais, oriundos da crise do capital em escala global, na escala do espaço urbano? Em que medida esse processo alterou as lógicas de produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte? Houve continuidades e descontinuidades nesse processo? Como se dão as práticas espaciais, atualmente? Qual a relação entre os citadinos e o centro da cidade? Com a chegada dos novos investimentos comerciais, houve mudanças nas práticas espaciais de consumo? As práticas espaciais são segmentadas? Essas questões permeiam todas as páginas desta dissertação revelando dimensões que foram valorizadas ao longo da pesquisa.

Nesse ponto há um paradoxo: se, por um lado, temos uma realidade urbana que denota aspectos de similaridade e particularidade referente a outras cidades médias brasileiras, como a chegada de investimentos internacionais nos ramos de comércio e serviços, temos, por outro lado, uma atuação tímida dos geógrafos na tentativa de entender os processos urbanos inerentes à estruturação do espaço urbano de Juazeiro do Norte. Isso quer dizer que inexistem pesquisas com esse intuito? Não. O que queremos dizer é que, apesar da magnitude em que o fenômeno urbano se expressa em Juazeiro do Norte, pouco se tem pesquisado, no sentido de

[9] Na REGIC, Juazeiro do Norte é considerada juntamente com Crato e Barbalha como capital regional C, uma aglomeração urbana. Por ser considerada uma aglomeração urbana, está caracterizada como uma ACP (Área de Concentração Populacional) que para o IBGE "são definidas como grandes manchas urbanas de ocupação contínua, caracterizadas pelo tamanho e densidade da população, pelo grau de urbanização e pela coesão interna da área, dada pelos deslocamentos da população para trabalho ou estudo" (IBGE, 2008, p. 11).

compreender a estruturação urbana e da cidade. Nossa pesquisa busca contribuir, também, para o preenchimento dessa lacuna.

Visto que a presente pesquisa se vincula à Geografia, particularmente à Geografia Urbana, lembramos que Carlos (2011, p. 67) assinala que "à Geografia está posto o desafio de pensar a cidade em sua perspectiva espacial". Pensar a cidade em uma perspectiva espacial não quer dizer que a cidade deva ser vista como um agente ativo, que se transforma por si mesma. Harvey (2006) alerta para a necessidade de se pensar os processos (urbanização) e os artefatos gerados por ele (a cidade) evitando uma interpretação reificada. A cidade não é um agente ativo, é passivo, "simples coisa" nas palavras do autor. Entretanto, não se pode negar o papel das formas produzidas, nesse caso a cidade, na mudança social. Harvey (2006) frisa que

> [...] há uma tensão permanente entre forma e processo, entre objeto e sujeito, e entre atividade e coisa. É tão insensato negar o papel das objetivações, da capacidade das coisas que criamos retornar como forças de dominação, quanto é insensato atribuir, a tais coisas, a capacidade relativa à ação social (HARVEY, 2006, p. 170).

Desta maneira, nossa proposta tem como primeiro plano de análise o fenômeno urbano, deslocando para um segundo plano o aspecto religioso que está atrelado ao desenvolvimento desta cidade. Não pretendemos, porém, desqualificá-lo ou ignorá-lo. Não se trata disso. Pelo contrário, buscamos entender a estruturação desta cidade a partir das práticas espaciais em suas múltiplas dimensões e, nesse caso, a religiosidade e a fé se apresentam como importantes aspectos históricos da produção espacial urbana. Longe de cortar o "cordão umbilical" que liga a produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte à religiosidade[10], o que queremos é tirar o fenômeno urbano de trás das "sombras da cruz", ou, pra ser mais preciso, das "sombras da estátua"[11].

> Com muita freqüência [...] o estudo da urbanização se separa do estudo da mudança social e do desenvolvimento econômico, como se o estudo da urbanização pudesse, de algum modo, ser considerado um assunto secundário ou produto secundário passivo em relação a mudanças sociais mais importantes e fundamentais (HARVEY, 2006, p. 166).

[10] A pesquisa de Silva Júnior (2009) é exemplar nesta perspectiva. O autor mostra, entre outras coisas, que a religiosidade está presente até na nomeação dos bairros e ruas ao longo do processo de expansão da cidade. Os bairros São Miguel, Salesianos e São Francisco são os principais exemplos.

[11] Essa expressão "nas sombras da cruz" é usada por Silva Júnior (2009) pra fazer referência ao papel da Igreja no desenvolvimento urbano das cidades de Juazeiro do Norte e Sobral, ambas do Ceará. Preferimos utilizar "nas sombras da estátua" por entender que caracteriza melhor a particularidade desse processo em Juazeiro do Norte, uma vez que o Padre Cícero não é considerado santo oficial pela Igreja. De certo, a estátua foi construída na década de 1960, mas a expressão é usada mais em sentido figurado e metafórico para designar a situação da cidade de Juazeiro ser um efeito do qual a causa seria o Padre Cícero.

Para alguns, isso pode parecer uma heresia, visto que o desenvolvimento desta cidade se confunde com a própria história de vida do sacerdote Padre Cícero. Escuta-se com frequência, no plano do senso comum e na fala de muitos políticos e empresários locais que "se não fosse o Padre Cícero, Juazeiro hoje não seria o que é", ou "se tirarmos as romarias, Juazeiro se acaba". Questões como essa nos levaram a tentar entender o fenômeno urbano como um aspecto particular do desenvolvimento histórico-geográfico, em que a questão religiosa teve um papel fundamental em um determinado período, mas que, no nosso entendimento, hoje não tem mais a influência que tinha até as décadas de 1960/1970.

O desafio dessa pesquisa é duplo: de um lado, procuramos elevar o fenômeno urbano ao nível do entendimento da realidade espacial de Juazeiro do Norte, visado entender o processo de urbanização e a relação entre centro e centralidade ao longo desse processo e contribuir para a compreensão desta cidade; por outro lado, esperamos contribuir para os estudos a respeito da temática urbana que enfocam as cidades médias cearenses e a estruturação de seus espaços a partir da centralidade e das práticas espaciais.

Mais um ponto deve ser ressaltado. O consumo permeia toda a discussão, visto que ele soma à análise das atividades terciárias. O consumo é, então, o mediador pelo qual serão observadas as práticas espaciais dos citadinos, enquanto que o terciário fica no plano das lógicas espaciais dos agentes econômicos. Mas o fato de ser o consumo – juntamente com o comércio e os serviços – o mediador, isso não significa dizer que há uma desconsideração da produção e dos outros momentos da acumulação do capital. Lembramos Marx (2001, p. 46) para quem "produção é imediatamente consumo e o consumo é imediatamente produção. Cada um é imediatamente o seu contrário. Mas tem lugar simultaneamente um movimento mediador entre ambos". Assim, do ponto de vista dialético, o comércio e o consumo, além da produção e da circulação, fazem parte da mesma dinâmica de acumulação do capital, da reprodução do capitalismo e da estruturação do espaço urbano.

Para dar conta dessa discussão, o trabalho foi estruturado em oito capítulos divididos em duas partes, os quais estão organizados com o intuito de que o leitor capte o nosso raciocínio na construção teórico-metodológica do objeto, ao mesmo tempo em que possa acompanhar o nosso percurso na dissecação do mesmo.

A primeira parte está dividida em quatro capítulos. No primeiro, abordamos brevemente a questão da estruturação do espaço urbano em uma perspectiva teórica, para subsidiar a análise. O segundo capítulo trata do espaço-tempo da produção do espaço urbano

de Juazeiro do Norte ou, em outras palavras, de uma geografia histórica da urbanização. Fazemos uma análise de algumas das principais obras sobre a cidade buscando apresentar os principais agentes produtores das transformações espaciais ao longo do desenvolvimento desta cidade, bem como a formação do centro principal. O recorte temporal é dado pela proposta de periodização, sendo o período entre 1870-1930 o foco deste capítulo.

O terceiro capítulo tem a mesma pretensão do segundo, mas com outro recorte temporal. O período entre os anos 1930 e 1980 é o nosso foco, tentando entender a produção do espaço urbano e as mudanças referentes aos agentes, aos processos e às escalas que interferem na produção da cidade de Juazeiro do Norte na articulação do contexto nacional.

Por fim, segue-se uma síntese da primeira parte referente aos três primeiros capítulos, tentando articulá-los com as proposições teóricas de diversos autores que enfocam a estruturação da cidade com a temática da centralidade urbana a partir dos aspectos que concernem aos agentes, as escalas e aos processos espaciais.

A segunda parte é constituída de quatro capítulos. No quinto capítulo, partimos de uma revisão bibliográfica para entender como o centro e a centralidade urbanos foram pensados nos debates que envolvem a cidade e a produção do espaço urbano. Trataremos de apresentar questões referentes à perspectiva que foca na redefinição da centralidade no espaço urbano e os processos que estão articulados a ela em uma perspectiva interescalar, visto que ela possibilita entender os impactos de processos mais amplos na escala da cidade. A redefinição da centralidade no espaço urbano é entendida como uma das facetas da reestruturação da cidade e, por conseguinte, urbana.

O sexto capítulo enfoca as transformações espaciais em Juazeiro do Norte, no que se refere à centralidade no espaço urbano. O capítulo inicia-se com uma rápida contextualização desta cidade a partir dos anos 1980, que é o nosso terceiro recorte temporal – além daqueles que se referem aos capítulos da primeira parte – mostrando como se deu o processo de expansão urbana a partir deste período aos dias atuais. Após isso, detemo-nos na redefinição da centralidade em Juazeiro do Norte numa perspectiva história, para chegarmos ao tempo presente. Neste, selecionamos três ramos específicos que são os mais representativos atualmente na produção de novas áreas com expressões de centralidade: a) as lojas de eletrodomésticos – muitas vezes associadas com a comercialização de móveis –, os serviços b) bancários e, por fim, c) o de supermercados e hipermercados associados ou não aos *shopping centers*, procurando entender as lógicas de localização dessas atividades terciárias e

seus possíveis impactos na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte no que se refere à centralidade urbana. Neste capítulo objetivamos, assim, abordar a centralidade urbana de Juazeiro do Norte por meio da análise dos processos econômicos, visando entender a formação de novas áreas de centralidade que resultam das estratégias de localização dos agentes econômicos e seus rebatimentos na morfologia urbana e nas práticas espaciais. A ênfase recai nas estratégias de localização das empresas comerciais e de serviços.

O sétimo capítulo é dedicado à análise das práticas espaciais. Partimos, inicialmente, de um breve debate a respeito do conceito de práticas espaciais para, em seguida, adentramos à análise dos dados produzidos em campo por meio das enquetes e das entrevistas. O capítulo é finalizado com uma síntese sobre a análise das práticas espaciais e com uma tipologia que resultou desta análise.

Por fim, o oitavo capítulo constitui-se, tal qual como o quarto, uma síntese da segunda parte da pesquisa, para que possamos contribuir com de forma mais rápida e elucidativa com o entendimento do que foi discutido ao longo da segunda parte do trabalho.

A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA: DA TEORIA À PRÁTICA

A construção da metodologia é um processo lento e que se dá, paulatinamente, na medida em que a pesquisa vai sendo realizada. Deparamo-nos com algumas dificuldades que foram essenciais para o aperfeiçoamento da metodologia inicialmente proposta e que estamos apresentando agora. Esse aprimoramento metodológico deu-se baseado em desafios tanto teóricos quanto empíricos que necessitavam de problematização e sistematização, tendo em vista os objetivos da pesquisa.

Dividiremos a exposição em duas etapas, para que fique o mais claro possível a maneira como a metodologia de nossa pesquisa foi desenvolvida. Passaremos, primeiramente, pelas questões teóricas que nos fizeram pensar a respeito dos conceitos e teorias que serviriam como base para a análise – no plano do método – e, em seguida detalharemos como foram os procedimentos metodológicos em campo. Importante é lembrar que a construção metodológica na pesquisa não pode ser desprendida da teoria, pois é preciso ter "quadro teórico de referência" (MARRE, 1991, p. 11).

Inicialmente, o que nos chamou a atenção foi certo descaso com a dimensão espacial nos estudos que tratam de Juazeiro do Norte. Um dos memorialistas desta cidade, Daniel Walker, ao falar sobre as muitas transformações que a cidade passou ao longo da história, lembra uma frase de monsenhor Murilo de Sá Barreto que dizia o seguinte: "A cidade de Juazeiro é de pouca geografia e muita história"[12]. Essa frase significa dizer que Juazeiro do Norte mudou muito ao longo da história, mas que geograficamente pouco – ou nada – mudou.

Essa frase coaduna com uma tradição nas Ciências Sociais que há muito está pautada numa interpretação do mundo baseada apenas em suas mudanças no tempo, isto é, nas mudanças em torno do processo histórico. Harvey (2006) e Lefebvre (2009), por exemplo, são autores que chamaram atenção para esse problema: o espaço foi negligenciado por muitos autores clássicos, como Marx, Durkheim, Marshall, sendo visto apenas como uma simples localização ou uma "complicação desnecessária".

Mas é Soja (1993) que desenvolve com mais detalhe e amplitude esse problema. O autor percorre desde o início da modernidade, no século XVIII, para defender a tese de que a historicidade tem prevalecido à espacialidade nas pesquisas sociais. Esse "historicismo desespacializante" é atacado pelo autor, que defende uma reafirmação do espaço na teoria

[12] SANTOS, Elisângela. Urbanização compromete memória local. *Diário do Nordeste*. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=989019.>. Acesso em: 12 ag. 2012.

social como um elemento fundamental para a explicação do real[13]. Para ele, espaço e tempo, espacialidades e temporalidades não podem ser separados quando se quer explicar a realidade social.

Essas considerações sobre o espaço são importantes na nossa metodologia porque é justamente a dimensão espacial – sem esquecer nem separar da temporal – que se está dando ênfase aqui. Quando passarmos para os detalhamentos dos procedimentos de caráter empírico, isso ficará mais claro.

Sendo o espaço um elemento central da pesquisa, diversas perspectivas analíticas devem ser atrelados a ele para construção metodológica. Uma delas é a escala geográfica. Pensar escalarmente, isto é, refletir sobre os processos e práticas espaciais por meio da articulação entre escalas geográficas é uma tarefa delicada, pois é necessário, mesmo que dando um enfoque maior a uma das escalas – no nosso caso, a escala da cidade –, relacioná-la com as demais.

No entanto, não é tão simples como parece. Refletindo a respeito disso, Santos (2008e), partindo da relação espaço-tempo, lança um questionamento de caráter metodológico que foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

> A cada sistema temporal o espaço muda. Como, porém, ultrapassar essa constatação de ordem geral e obter os recursos analíticos ao tratamento de casos específicos? Uma primeira resposta é obtida com a construção não apenas de uma periodização à escala do mundo, mas com a elaboração de outras periodizações a escalas menores, agindo por sua vez sobre escalas espaciais mais inferiores. [...] Mas, também assim o problema não se resolve, porque as periodizações nos dão, sem dúvida, um tempo, mas apenas um *tempo externo* a cada subespaço faltando resolver a questão do seu *tempo interno*[14] (SANTOS, 2008e, p. 51-52 – grifos do autor).

Esse problema levantado por Santos (2008) levou-nos a refletir sobre a possibilidade de elaboração de uma periodização. Para compor esta periodização, com base na qual organizamos os capítulos deste trabalho, tentamos levar em conta as várias escalas geográficas ao longo do processo de estruturação da cidade, ou seja, buscamos articular o tempo interno do lugar – a cidade de Juazeiro do Norte – aos tempos externos – a região, o Brasil e o mundo.

---

[13] Outros autores também compartilham dessa ideia, como Gregory (1996), quando este afirma que "em geral, a teoria social sempre esteve mais interessada no tempo do que no espaço" (GREGORY, 1996, p. 94).

[14] Para Santos (2008) a noção de *tempo interno* se refere ao tempo do lugar, enquanto que o *tempo externo* se refere aos tempos em escalas mais amplas. Há uma relação entre os tempos no que se refere ao interno e ao externo. Por exemplo, o tempo do mundo é externo ao tempo do Estado-nação. Este, por sua vez é externo ao tempo do lugar e interno em relação ao tempo mundial.

Muitas periodizações já foram propostas para o estudo de Juazeiro do Norte[15], mas a que estamos propondo se diferencia das demais pelo fato de contemplar um largo período de tempo, o que Braudel (1978) chamou de "longa duração". Nesse sentido, essa longa duração que está sendo proposta para se estudar Juazeiro do Norte não se limita apenas à dimensão do tempo, mas deste articulado com o espaço, pensados como indissociáveis.

Ao refletir sobre a periodização, Corrêa (2011a, p. 605) afirma que "não levar em consideração os períodos na escala local é incorrer em uma falácia escalar-temporal que apenas reconhece períodos macroespaciais, recusando-se a distinguir a singularidade do tempo local, dissolvendo a diversidade em uma unidade global, indiferenciada no tempo e no espaço". Embora nossa periodização, como veremos adiantes, tenha sido pensada a partir da escala local, os recortes nas outras escalas dão-se em paralelo a esta, pois entendemos que é nessa tentativa de síntese – que ficará expressa no final da primeira parte da dissertação – das três escalas que poderemos perceber as descontinuidades espaciais e temporais nos períodos e entre os períodos. Em outras palavras, uma unidade que se verá na matriz funciona como necessária, pois torna possível perceber as continuidades-descontinuidades entre a estruturação da cidade e as importantes transformações econômicas, políticas e culturais que ocorreram no interior de um período.

Como exposto anteriormente, o espaço não tem sido levado em conta na grande maioria dos trabalhos sobre a cidade que estamos estudando. A periodização que estamos propondo visa dar um enfoque maior à dimensão espacial do processo histórico. No fundo, aquilo que se propõe aqui encontra paralelo à ideia de Philo (1996), quando ele afirma que "é possível enriquecer e lançar uma nova luz sobre [os] acontecimentos históricos ao injetar-lhes um pouco de sensibilidade geográfica" (PHILO, 1996, p. 278). É isso que pretendemos fazer.

Em um interessante trabalho sobre a forma e o tempo, a cidade e o urbano, Santos (2008a) chama a atenção para uma prática que, segundo ele, é constantemente realizada pelos geógrafos urbanos: a realização de estudos de Geografia Urbana descolados do Urbanismo, o que acaba por prejudicar o entendimento da cidade no passado e no presente. Afirma ele:

> Nenhum estudo de geografia urbana que se respeitasse podia começar sem alusão à história da cidade, às vezes até de forma abusiva. Sem essa preocupação de contar como foi o seu passado, era impossível abordar esta ou aquela cidade. Hoje, porém, fazemos frequentemente uma geografia urbana que já não tem base no urbanismo. É uma pena, porque praticamente já não ensinamos como as cidades se criam, apenas criticamos as cidades do presente [...] Torna-se, pois, salutar essa retomada,

[15] Como exemplos, citamos a periodização desenvolvida por Alves (1948) e Menezes e Alencar (1989).

> sobretudo porque se faz segundo um enfoque multidisciplinar (SANTOS, 2008a, p. 66).

No entanto, a história da cidade ou de uma cidade em particular não pode ser contada como se ela se explicasse por si mesma, desligada do mundo no qual faz parte. É preciso ter clareza de que os objetos se encontram relacionados em contexto mundial, e a explicação da cidade não pode deixar de levar isto em conta. É uma necessidade metodológica que, se despercebida, prejudica a explicação do real, pois "estudar um fato, querer conhecê-lo, é – depois de ter discernido, isto é, isolado pelo menos parcialmente – *restituí-lo num conjunto de relações, que se estende paulatinamente a todo universo*" (LEFEBVRE, 1987, p. 198 – grifos do autor).

No âmbito da ciência geográfica, essa "atitude metodológica" frente ao objeto, no caso aqui a cidade, dá-se por meio da articulação entre as escalas geográficas. É importante levar isso em conta no que tange aos processos que constituem uma determinada realidade concreta, visto que existem influências advindas de escalas mais amplas às quais a cidade responde de maneiras diferenciadas. E isso se dá também em diferentes períodos.

> [...] a História de um lugar é o resultado da ação, num determinado momento e sobre um determinado espaço, de processos que atuam em escalas que são ao mesmo tempo desiguais e combinadas. Assim, a História de um lugar não pode se ater apenas aos processos puramente locais que aí tiveram efeito. Ela precisa relacioná-los a processos mais gerais, que atuam em escalas mais amplas (regional, nacional, global) da ação humana (ABREU, 2011, p. 30).

Estas escalas devem ser levadas em conta no momento da pesquisa e não devem ser separadas. Há complementaridade entre elas, embora, dependendo do objeto e do processo a ser estudado, seja necessário privilegiar alguma delas. É como diz Santos (2008d, p. 123) "esses três níveis [regional e local, nacional, e mundial] são interdependentes, embora possamos dar mais ênfase a um deles, segundo o enfoque escolhido". Como o enfoque escolhido aqui é o da estruturação do espaço urbano de uma cidade particular, estamos falando daquilo que se caracteriza como "história da cidade", da qual a centralidade faz parte (SANTOS, 2008a, p. 66-67).

Essas questões motivaram-nos a construir uma proposta de periodização que pudesse dar conta dos principais processos que afetaram a estruturação da cidade de Juazeiro do Norte. Esta periodização divide-se em três tempos e nas escalas do local-regional, do país e do mundo. Essa periodização está assim definida:

a) O primeiro período, de *1870 a 1930* refere-se ao interregno em que acontecem grandes transformações no povoado de Joaseiro – atual Juazeiro do Norte. A chegada ao de Padre Cícero ao Povoado, o "milagre da hóstia" envolvendo este sacerdote e uma beata, a separação entre o Estado e a Igreja em âmbito nacional, duas secas devastadoras no Nordeste, a passagem do Brasil Império para o Brasil República e a crise do café, são os principais acontecimentos que marcam esse período com intensas transformações espaciais.

b) O segundo compreende o interregno entre *1930 e 1980*, período com grande crescimento populacional e, em parte, econômico de Juazeiro do Norte, seguida de maior participação político-econômica na rede urbana cearense; é o período em que se inicia e finda a "Revolução Burguesa" no Brasil com a passagem da estrutura produtiva agroexportadora para a urbana-industrial; inicia-se a ditadura militar, e a industrialização.

c) Por fim, o terceiro período, de *1980 aos dias atuais*, referente à consolidação desta cidade como um nó fundamental da rede de cidades do ponto de vista econômico, político e funcional. É a fase em que Juazeiro do Norte se transforma na principal cidade do sul do Estado do Ceará. Chega ao fim a ditadura militar no Brasil e o Estado do Ceará é o primeiro a por em prática formas de governo neoliberais com o conhecido "Governo das Mudanças". Novas lógicas são incorporadas por novos agentes na produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte

Tal periodização histórico-geográfica tem o intuito de apreender as transformações concernentes à estruturação do espaço urbano de Juazeiro do Norte em cada um dos períodos e suas relações interescalares. Observar-se-á que essa periodização enseja outras temporalidades, aquilo que Santos (2008e) chamou de tempo interno, como no caso de uma temporalidade da estruturação da cidade, isto é, a cidade estudada expressa uma estrutura espacial que não corresponde absolutamente aos períodos propostos, havendo continuidades e descontinuidades. Desta forma, concordamos com Veltz (2001, p. 139), para quem "os tempos da cidade são inúmeros. Se a vida citadina se inscreve em primeiro plano nas temporalidades curtas [...] a cidade é também o lugar onde essas temporalidades curtas se ligam a temporalidades muito mais amplas".

Como a cidade expressa elementos de uma ordem próxima e uma ordem distante que contribuem definitivamente na produção do espaço urbano (LEFEBVRE, 1973, 2008a), as lógicas de produção espacial interagem com as dinâmicas originárias das escalas mais amplas.

Complementar a isso, procuramos expor ao longo do texto que o processo de estruturação do espaço urbano de Juazeiro do Norte pode ser caracterizado como uma "análise de situação" tal qual a define Kayser (2006). A situação é anti-monográfica, pois não se fecha no singular e busca, por meio de uma análise complexa dos diversos mecanismos

interpenetrados os “aspectos econômicos, políticos, culturais e ideológicos, tanto no presente como no passado” (KAYSER, 2006, p. 97).

Em parte, nosso texto insere-se numa perspectiva da geografia urbana histórica e, para isso, tomamos como suporte a proposta metodológica sugerida por Vasconcelos (2008), que está dividida em quatro etapas: a) estabelecer periodizações nas longas durações procurando observar as continuidades e descontinuidades; b) examinar o contexto em cada período de análise em fontes primárias e secundárias; c) examinar o papel dos principais agentes, tanto locais como externos, que contribuíram para a produção a cidade; e d) examinar o desenvolvimento espacial da cidade em cada um dos períodos.

Articulado a isso está o estudo da centralidade que se insere no estudo da cidade ao longo do tempo histórico, pois

> [...] é preciso que se tenha um conhecimento histórico acumulado sobre a cidade. Faz-se necessário um saber sobre o que nela ocorreu, em termos de acontecimentos, práticas sociais, personagens; quais seus momentos excepcionais e como transcorria seu cotidiano; como se deu a ocupação do espaço e quais as iniciativas levadas a efeito por aqueles atores responsáveis pela ordenação e transformação do seu território; como os habitantes, consumidores deste espaço, viveram, sentiram e expressaram a sua cidade, em atos, gestos, palavras, sons e imagens. Tarefa, na verdade, bastante vasta, mas cremos que não é possível tomar a centralidade urbana como um objeto de estudo e intervenção sem conhecer, previamente, a história desta mesma cidade (PESAVENTO, 2007, p. 6-7).

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, relatamos alguns instrumentos empíricos que nos ajudaram a ir da teoria à prática. Foi realizada uma série de procedimentos metodológicos variados, desde a aplicação de enquetes e entrevistas aos agentes sociais e agentes econômicos, como também o levantamento de uso do solo das áreas selecionadas para o estudo. Tais procedimentos serão descritos com mais detalhes.

Do ponto de vista prático, os procedimentos metodológicos para poder entender Juazeiro do Norte e a estruturação do seu espaço urbano constituem-se em: a) levantamento bibliográfico a respeito da cidade no intuito de entendê-la ao longo do tempo histórico e dos autores que ajudariam do ponto de vista teórico metodológico; b) um levantamento documental baseado em documentos públicos com informações sobre a cidade, além de um levantamento de jornais de épocas distintas, sobretudo os contemporâneos; c) a delimitação dos recortes espaciais que entrariam na pesquisa, ou seja, as áreas; d) levantamento dos

estabelecimentos comerciais e de serviços das áreas pesquisadas; e) aplicação de enquetes; f) realização de entrevistas aos "agentes bem informados"[16] e aos citadinos.

No âmbito do levantamento bibliográfico sobre a cidade, nos deparamos com muitos obstáculos. Primeiramente, Juazeiro do Norte é uma cidade que tem muitos trabalhos publicados a seu respeito, mas ao mesmo tempo tem pouca coisa. Queremos dizer com isso que o foco de significativa parte dos estudos que a ela se referem tratam de temas relativos ao Padre Cícero, aos romeiros e a aspectos referentes à religião e a cultura. Pouca coisa tem sido publicada sobre o próprio crescimento e expansão da cidade, o que nos fez recorrer de forma inevitável a outras referências bibliográficas que ajudariam a montar esse „quebra-cabeça" sobre a estruturação desta cidade. Foram fundamentais as publicações que estão disponíveis em formas de depoimentos, relatos e histórias pessoais em blogs locais como o "Portal de Juazeiro", "História de Juazeiro", "Juazeiro nos anos 60". Tais publicações tiveram uma enorme importância, sobretudo na primeira parte do trabalho. Além disto, livros que são relatos de pessoas que viveram ou visitaram a cidade em diversos períodos e descreveram-na, como Costa (1923), Lourenço Filho (1926), Odísio (1935) entre outros, ajudaram a reconstruir um pouco da Juazeiro do Norte para além da dimensão religiosa.

Juntamente a eles, aqueles autores em que nos apoiamos para pensar do ponto de vista mais universal, isto é, da teoria e da explicação, como Harvey (2006, 2008), Lefebvre (1973, 1991, 2008a, 2008b, 2008c, 2009), Santos (2008a, 2008b), Sposito (1991, 1998, 2001, 2010), Tourinho (2004), Villaça (2009) e muitos outros que nos possibilitaram a entender os agentes, as escalas e os processos pertinentes a esta cidade em particular e como eles e articulam em uma perspectiva mais universal da produção do espaço urbano.

O levantamento documental pode ser dividido em duas partes. Na primeira, os documentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), juntamente como outros produzidos pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) em parceria com o Governo do Estado do Ceará relativos às décadas de 1970 e 1980, tanto no âmbito do próprio espaço urbano como aqueles ligados ao estudo das áreas de influência das cidades, tiveram uma importância considerável, pois são documentos de difícil acesso e não possuem versão digitalizada, mas que trazem informações detalhadas sobre aspectos que estão atrelados à produção da cidade que estamos estudando. Documentos a respeito do setor varejista brasileiro, como os elaborados pela Associação Brasileira de Shopping Center

[16] Esse termo é adotado a partir do Projeto Temático, que classifica os agentes bem informados como aqueles que detém um conhecimento particular sobre o objeto pesquisado.

(ABRASC) e pelo Instituto Brasileiro de Executivos do Varejo e do Mercado de Consumo (IBEVAR) também foram fundamentais, principalmente para entender o período atual.

Uma segunda parte do levantamento documental se refere às publicações de jornais. Estes tiveram influência importante, sobretudo para entender a cidade contemporânea, tendo em vista que eles trazem informações que são de difícil acesso, como entrevistas realizadas com empresários de grandes grupos varejistas do porte do Wal-Mart e do Pão de Açúcar, que ajudaram a entender as suas estratégias locacionais bem como os seus papéis referentes à produção do espaço urbano e a redefinição da centralidade. Embora sejam informações por certo limitadas – isto temos que reconhecer, porque são fragmentadas e apenas do ponto de vista dos agentes econômicos – elas contribuem para entender as lógicas espaciais tanto dos agentes econômicos como a própria transformação da estrutura urbana influenciada por eles. Desse modo, jornais como "O Diário do Nordeste", "O Povo", "O Estado" e até "O Estado de São Paulo" nos deram certo suporte para desenvolvermos descrições e as argumentações a respeito do objeto.

Para a delimitação do objeto de estudo – o centro e as áreas de centralidade em Juazeiro do Norte – procedemos por meio da observação empírica a fim de selecionar as áreas na cidade que entrariam no estudo. Em um primeiro trabalho de campo da pesquisa, realizado em julho de 2012, buscamos uma aproximação maior com o empírico a partir de um roteiro de campo pré-estabelecido – embora já conhecêssemos Juazeiro do Norte – visando reconhecer os espaços que seriam mais significativos para a pesquisa[17]. Usamos, então, um recorte delimitado para a seleção que abrangeriam as áreas e/ou eixos que apresentam mais de 70% de concentração de atividades comerciais e de serviços. Isso foi realizado a partir de visitas de campo e reconhecimento das áreas no sentido de delimitar quais seriam as ruas em que apresentavam a presença deste percentual de atividades de forma concentrada[18].

Além da concentração dos estabelecimentos, outro critério usado foi a definição das áreas importantes no que se refere à frequentação no contexto da estruturação da cidade. Ou seja, selecionar as áreas que fossem reconhecidas como importantes para o comércio e os

[17] As áreas selecionadas para a pesquisa apareceram como importantes também na fala dos entrevistados, tanto dos agentes bem informados como na dos citadinos.

[18] A escolha deste percentual de atividades foi feita por aproximação, isto é, sem o uso de uma metodologia já testada. Mas ela, contudo, identifica-se com metodologias já clássicas para o estudo dos centros das ciddes, como a de Murphy e Vance (1954), que é citada em Beaujeu-Garnier (1965) juntamente com outras, e que é utilizada por Ribeiro Filho (2004). Outro trabalho que apresenta diversas metodologias é o de Pernelle (1970). Existe ainda, procedimento que o GAsPERR está pondo em prática a partir dos dados da CNEFE (Cadastro Nacional para Fins Estatísticos), do IBGE, para revelar em dados absolutos as áreas de concentração e comércio e serviços nas cidades médias.

serviços urbanos para a população citadina, e que tivessem uma frequentação de pessoas que merecesse ser aprofundada no estudo. Essa frequentação foi observada em trabalhos de campo, por meio da observação *in loco*[19]. Isto então nos levou a reconhecer as quatro áreas que foram selecionadas para a pesquisa, que são: a) o centro principal, b) o Pirajá, c) a área do Cariri Shopping, e d) o Eixo Juazeiro-Crato.

A partir disso, foi realizado o levantamento dos estabelecimentos de comércio e serviços das principais ruas e avenidas das áreas escolhidas que apresentavam a concentração de atividades econômicas que nos permitiria debater a questão da centralidade no espaço urbano. Esse levantamento, que teve uma ficha de campo como instrumento e produção dos dados foi acompanhado de vários registros fotográficos dos locais escolhidos para a pesquisa, que foram realizados nas três vezes que fomos a trabalho de campo (julho de 2012, dezembro de 2012 a fevereiro de 2013, e julho de 2013, este último como complementar). Este levantamento de campo buscou levar em conta a origem do capital do estabelecimento, o tipo de atividade e o número de pavimentos (anexo 8).

Após a seleção das áreas, aplicamos também enquetes nestes locais, que somaram um total de 320, divididas em 80 por área[20]. Estas enquetes – que não foram aplicadas na área do Eixo Juazeiro-Crato devido a não permissão das empresas – procuraram obter informações sobre tipo de transporte que se deslocava, bairro onde o respondente reside, sexo, idade, e frequência com que vai àquela área[21]. As enquetes (anexo 7) foram aplicadas em dias de semana diversos – geralmente nas terças, quintas e finais de semana – com o intuito de observar as práticas espaciais em várias ocasiões.

O material cartográfico que está dando suporte para a apresentação dos dados das pesquisas de campo foi elaborado a partir da coleta de dados secundários em *sites* de instituições como o Banco Central, e espacializados na malha urbana. Alguns dos mapas foram aproveitados de outros documentos, como os croquis do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juazeiro do Norte, e devido a eles não conterem os elementos básicos dos mapas, foram intitulados de "figuras".

---

[19] Não foi usada nenhuma metodologia para medir a quantidade de pessoas que passavam nos locais selecionados para a pesquisa, apenas foram observados em trabalhos de campo os fluxos de pedestres e veículos existentes nas áreas.

[20] No Pirajá foram aplicadas 160, sendo que 80 foram nos domingos, devido à hipótese que levantamos de que esta área, nos domingos, exerce o papel de centro principal, pelo menos do ponto de vista econômico, porque grande parte dos estabelecimentos comerciais abre neste dia da semana até o horário das 12hrs, influenciados pela grande movimentação no Mercado do Pirajá. Esse assunto será tratado no capítulo 7.

[21] Não inserimos a pergunta sobre renda porque esta poderia gerar estranheza por parte dos respondentes ou até mesmo respostas falaciosas.

O objetivo das enquetes, mais do que fazer análises estatísticas, foi o de buscar observar os aspectos mais qualitativos dos processos – embora não negue, mas se utilize também dados quantitativos. As enquetes não têm uma validade estatística do ponto de vista de uma amostragem significativa para tabulação dos dados. Se a nossa preocupação fosse quantitativa, teríamos que estabelecer uma amostra seguindo as recomendações de Gerardi e Silva (1981), que apresentam elementos para delimitar o tamanho da amostra.

Além disso, é necessário informar que uma quinta área estava pré-selecionada para a pesquisa devido à presença de um supermercado – um dos elementos do terciário escolhidos para a análise – distante do centro principal da cidade. Esta área corresponde ao Supermercado Nogueira e ao Shopping Juazeiro, este último ainda em construção. Aplicamos 80 enquetes devido à sua localização distante do centro principal visando entender se tal equipamento expressava uma centralidade significativa para o conjunto da cidade. Com os dados disponíveis, analisamos tal área e chegamos à conclusão que esta área não tem um papel destacado na estrutura urbana como as outras (PEREIRA, 2013) e que não interessaria para a pesquisa dado os objetivos propostos. Portanto, entre as 400 enquetes realizadas no total, foram analisadas, nesta pesquisa, as 320 que foram aplicadas nas demais áreas selecionadas. Ressaltamos ainda que com a existência, naquela área, de um pequeno comércio que pode crescer a partir da inauguração do Shopping Juazeiro, aquela área poderá se tornar área de centralidade no futuro.

Por fim, tratamos das entrevistas. Inicialmente, foi elaborado um roteiro-piloto. A entrevista-piloto foi realizada com um consumidor, e tinha como objetivo testar as perguntas que até então tinham sido elaboradas, tendo em vista o teste sobre sua pertinência para o posterior aperfeiçoamento delas. A partir desta entrevista-piloto, melhoramos o roteiro de entrevista que foi realizado no segundo trabalho de campo (anexo 6).

Optamos por não transcrever a fala dos entrevistados da maneira em que eles falaram. Ao invés disso, fizemos as correções e procuramos limpar e deixar o mais limpo possível as passagens nas quais são reproduzidas suas respostas.

As entrevistas foram divididas em dois subgrupos, os quais estão abaixo, depois destacados no quadro 1 e 2.

a) Grupo 1: "Os agentes bem informados" (quadro 2). Foram realizadas cinco entrevistas: com um memorialista[22] (anexo2), o presidente da CDL (anexo 3), um gerente de uma empresa comercial do ramo de eletrodomésticos de capital local-regional localizado fora do centro principal da cidade de Juazeiro do Norte (anexo 1), um "ex-político" (anexo 4) e um representante do Poder Público (anexo 5). No total, foram 3 horas e 10 minutos.

b) Grupo 2: Os citadinos (quadro 1). 14 entrevistas foram realizadas com consumidores e a média de tempo foi de 15 minutos para cada uma. O roteiro continha 25 perguntas, e os tempos variaram entre 9 minutos (a mais curta) e 20 minutos (a mais longa). No total, somam-se 3 horas e 16 minutos.

Todas as entrevistas foram autorizadas pelos entrevistados no momento da gravação, foram citados os nomes deles no início das mesmas, as intenções e os objetivos das entrevistas também foram esclarecidos, mas não foram gravados.

No caso das entrevistas dos citadinos, seguimos o perfil elaborado para o Projeto Temático que está listado abaixo:

1. Dois jovens entre 18 e 30 anos, de tal modo que se contemple um em nível de escolaridade universitário e outro não, um morador distante do centro e outro não, se for possível contemplar um homem e uma mulher.

2. Dois adultos inseridos no mercado de trabalho, com níveis de escolaridade diferentes, ambos moradores próximos do centro, sendo um homem e uma mulher.

3. Dois adultos inseridos no mercado de trabalho, com níveis de escolarização diferentes, ambos moradores distante do centro, sendo um homem e uma mulher.

4. Duas mulheres adultas donas de casa, com níveis de escolarização diferentes, uma moradora de áreas próximas ao centro e outra habitando áreas distantes.

5. Dois homens adultos não inseridos no mercado de trabalho formal, com níveis de escolarização diferentes, um morador de áreas próximas ao centro e outro habitando áreas distantes.

6. Dois adultos não casados, viúvos ou descasados, de sexos diferentes, idades diferentes, moradores de setores diferentes da cidade.

[22] Na pesquisa buscamos a realização de uma entrevista com outro memorialista, Renato Casimiro, mas depois de duas tentativas frustradas de realização da entrevista pessoalmente, o entrevistado se dispôs a respondê-las por *e-mail* mediante o envio do roteiro completo. Após diversas tentativas de contato, não tivemos retorno do roteiro de entrevista respondido, o que nos fez retirá-lo do grupo dos "agentes bem informados".

7. Dois adultos em terceira idade, sendo um homem e uma mulher, ambos não inseridos no mercado de trabalho, se possível uma mulher que não têm mais filhos em casa e que foi "dona de casa".

Quadro 1 - Entrevistas grupo 1: "agentes bem informados".

Nome do entrevistado	Instituição/empresa	Função	Data da entrevista	Tempo de duração
Daniel Walker	-	Memorialista	09 jul. 2012	81 min. 31 seg.
Agnaldo Carlos de Souza	-	"Ex-político"	08 jan. 2013	28 min.
José Flávio Pinheiro	Zenir Móveis e Eletrodomésticos	Gerente	10 jan. 2013	17 min. 02 seg.
Michel Araújo	Câmara dos Dirigentes Lojistas	Presidente	05 fev. 2013	23 min. 44 seg.
David Melo Van den Brule	Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento	Coordenador de Planejamento Urbano	27 dez. 2012	42 min. 08 seg.

Fonte: Pesquisa de campo (2012-2013).

Quadro 2 - Juazeiro do Norte. Citadinos entrevistados segundo o perfil do Projeto Temático.

Perfil*	Nomes**	Idade	Gênero	Condição Civil	Escolaridade	Inserção no Mercado de Trabalho	Local de residência (Bairro)
1	Antônio	26	Masculino	Casado	Ensino médio incompleto	Vendedor	Carité
	Ana	28	Feminino	Casada	Ensino Superior	Advogada	Centro
2	Jéssica	59	Feminino	Viúva	Ensino Médio	Comerciária	Socorro
	Alfrêdo	49	Masculino	Casado	Ensino Superior	Laboratório	Centro
3	Sophia	45	Feminino	Casada	Ensino Superior	Professora	José Geraldo da Cruz
	André	35	Masculino	Casado	Ensino Superior	Fisioterapeuta	Leandro Bezerra
4	Francisca	42	Feminino	Casada	Ensino Médio	Professora	Pirajá
	Maria	58	Feminino	Casada	Ensino Superior	Aposentada	São Miguel
5	Branco	49	Masculino	Separado	Ensino médio incompleto	Moto-taxista	Três Marias
	Paulo	35	Masculino	Solteiro	Ensino médio incompleto	Moto-taxista	Triângulo
6	Amanda	50	Feminino	Separada	Ensino Superior	Professora	Juvêncio Santana
	Yuri	58	Masculino	Viúvo	Ensino médio	Comerciante	Salesiano
7	Dona Mara	64	Feminino	Solteira	Analfabeta	Dona de casa	Juvêncio Santana
	João dos Santos	83	Masculino	Solteiro	Analfabeta	Aposentado	Centro

* Os perfis correspondem ao da pesquisa "Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais Contemporâneas: Cidades Médias e Consumo"

** Pseudônimos

Fonte: Pesquisa de campo (2012-2013).

PRIMEIRA PARTE

A ESTRUTURAÇÃO DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE: AGENTES, ESCALAS E PROCESSOS

"Seja qual for, porém, o grau de centralidade do organismo, ele se caracteriza pela concentração de recursos e funções que lhe conferem o poder de organização. Essas atividades têm um lugar próprio no espaço urbano. É o seu centro".

Milton Santos, 1959.

"O centro urbano traz, para as pessoas da cidade, o movimento, o imprevisto, o possível e os encontros. Ou é um „teatro espontâneo" ou não é nada".

Henri Lefebvre, 2008 [1968]

1. A ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Entender o processo de estruturação de uma cidade nos remete, antes de mais nada, a entender o que quer dizer estruturação. Esse termo denota processos que estão ligados ao tempo histórico e às transformações proporcionadas pelo devir, ao contrário do termo estrutura, que denota equilíbrio e estabilidade.

Para a Geografia Urbana, a palavra estrutura aparecia, nos anos 1950, como um termo chave. Seria por meio do estudo das estruturas urbanas que essa subárea da ciência geográfica conseguiria destaque frente às outras, ao passo que se diferenciaria das demais. Segundo Tricart (1956, p. 481) "por intermédio desse estudo [das estruturas urbanas] é que a geografia urbana se tornará mais autônoma em relação às ciências afins, com as quais ela tem se confundido mais ou menos até o presente".

No entanto, só o estudo das estruturas urbanas não era suficiente. Era necessário entender como essas estruturas urbanas se formavam. A Escola de Chicago, por meio da Ecologia Humana, contribuiu já na década de 1920 para esta análise por meio dos "processos ecológicos" (MCKENZIE, 2005 [1926]) que entendia a estrutura da cidade como "um produto da interação competidora entre pessoas, as facilidades do mercado, as agências de transporte e de comunicação, os tipos de funções exercidas e a sua localização" (HOLLINGSHEAD, 1948 [1939], p. 252), diferente de Tricart (1956) que relacionou a estrutura da cidade com a estrutura fundiária e a estrutura social.

Entretanto, a perspectiva ecológica, diferente da de Tricart (1956), estava baseada numa proposta de entender o espaço e a cidade por meio das analogias biológicas, o que conformou o "paradigma do equilíbrio" (FARRET, 1985) deixando agentes e processos tanto da ordem próxima quanto da ordem distante, como o Estado, por exemplo, fora das análises. Essa abordagem tornou-se insuficiente, e era necessário buscar uma explicação alternativa (GOTTDIENNER, 2010) que levasse em conta que "o espaço urbano é estruturado, quer dizer, ele não está organizado ao acaso" (CASTELLS, 1982, p. 182), dando atenção aos processos e agentes que o produziam, e o pensamento histórico, pelo devir, possibilitou esta análise.

O pensamento histórico, segundo Lefebvre (1967, p. 89-90) "diz que formas e estruturas se fazem e se desfazem, se dissolvem ou se quebram. Coloca no mesmo plano, no tempo, a formação das estruturas (estruturação) e sua desaparição (desestruturação)". Para

Gurvitch (1967, p. 110) a estrutura "está envolvida por um movimento perpétuo de desestruturação e reestruturação porque é um aspecto da sociedade em atuação que, enquanto „obra", não pode subsistir sem a intervenção da „ação"".

Esse pensamento sobre o processo de estruturação é incorporado no âmbito da reflexão sobre a cidade. Sposito (2004) chama a atenção fazendo referência ao prefixo "ção", que agrega a palavra estrutura uma ideia de "movimento contínuo, múltiplo e contraditório", ou em outras palavras, a ideia de processo.

Neste sentido, o processo de estruturação da cidade está estritamente ligado ao papel do centro e da centralidade. Partimos então do pressuposto de que "a análise do processo de produção e estruturação das cidades tem que passar necessariamente pelo entendimento do papel do centro" (SPOSITO, 1991, p. 5). Sendo assim, "a questão da centralidade é chave na organização do espaço [urbano]" (SALGUEIRO, 1994, p. 71). Veremos como a centralidade foi se constituindo em Juazeiro do Norte no seu processo de estruturação e como a sua redefinição traz indícios de um processo de reestruturação do espaço urbano, notadamente a partir do terceiro interregno da nossa periodização, na segunda parte deste trabalho.

Uma última ressalva sobre a estruturação de Juazeiro do Norte é necessária: a literatura atinente a esta cidade é repleta de contradições. São sempre relatos de viajantes, jornalistas, políticos ou mesmo de pessoas que moraram na cidade e acompanharam o seu crescimento e expansão. As informações sobre a cidade estão dispersas e fragmentadas em um amplo material quase todo dedicado à vida do Padre Cícero. Todavia, não deixam de ser valiosas contribuições para pesquisa, sobretudo porque Juazeiro do Norte é uma cidade em que o fenômeno urbano foi quase sempre deixado em segundo plano nas pesquisas.

Poucas são as descrições da cidade. Elas enfatizam como eram as ruas, as habitações, os modos de vida etc., mas apesar do peso descritivo dos relatos, é possível observar uma estruturação do espaço urbano a partir daquilo que Farret (1985) chamou de "paradigma do conflito", isto é, quando a cidade é estruturada pelos interesses de grupos e classes, com o Estado tendo um papel ativo no processo de estruturação do espaço urbano.

Buscamos articular diversas contribuições na tentativa de entender seu processo de estruturação espacial, razão pela qual optamos, em muitas vezes, por reproduzir as citações na íntegra, mesmo algumas delas sendo extensas, pelas ricas informações que elas nos trazem e que são raramente exploradas.

2. DO POVOADO "JOASEIRO" À CIDADE DE "JUÀZEIRO": SURGIMENTO E CONSOLIDAÇÃO (1870-1930)

Juazeiro do Norte é uma cidade do século XX. Em 2011, completou seu primeiro centenário de emancipação política. Suas raízes remontam ao início do século XIX. Data de 15 de setembro de 1827 o lançamento da pedra fundamental, na capela de Nossa Senhora das Dores – atualmente a Basílica Menor e conhecida como Igreja da Matriz – pelo padre Pedro Ribeiro da Silva, no Povoado Joaseiro[23], distrito da cidade de Crato (MENEZES; ALENCAR, 1989).

Em meados do século XIX, entre 1824 e 1850, a região do Cariri, no sul do Ceará[24] – da qual Juazeiro do Norte faz parte – partilhava de ideologias e aspirações nacionalistas e separatistas advindas da influência econômica e política do Recife. Esta região permaneceu relativamente isolada, sem grandes progressos materiais, exceto a cidade do Crato, que era o núcleo urbano por excelência da região. Nesse ambiente, como no Brasil como um todo, o catolicismo ortodoxo vinha se decompondo, o que facilitou o aparecimento de misticismos e práticas litúrgicas e crendices populares, próprias dos pobres, que viria a influenciar o surgimento de Juazeiro (DELLA CAVA, 1985 [1970][25]).

Esse panorama começou a mudar entre 1855 e 1865. O Cariri iniciou um renascimento político e econômico por meio de influências advindas de escalas mais amplas. A expansão demográfica dos centros urbanos, como Fortaleza e Recife, que aumentavam a demanda por alimentos e a necessidade europeia de matéria-prima, sobretudo o algodão, fizeram o Cariri – e a economia do Nordeste como um todo – expandir sua produção e alcançar um progresso econômico que refletiu na produção espacial do Vale, principalmente na cidade do Crato (DELLA CAVA, 1985).

Existem algumas controvérsias a respeito da origem da cidade e do sítio onde Juazeiro surgiu. O nome mais lembrado na grande maioria dos autores e memorialistas que estudaram

---

[23] Até 1911, Juazeiro era distrito do município de Crato. Passou a se chamar Juazeiro do Norte a partir de 1943 "alterado pelo decreto estadual nº 1114, de 30-12-1943, retificado em virtude do parecer de 14-06-1946 do Conselho Nacional de Geografia" (IBGE, 19??a, não paginado). Antes disso pode-se encontrar vários tipos de grafias, como Joaseiro, Juazeiro, Joazeiro, Juàzeiro etc. Conservaremos as grafias de acordo com que foram escritas nos textos originais, mas usando "Juazeiro do Norte" quando for de nossa autoria

[24] Sempre que fizermos referência à região do Cariri significa que estamos nos remetendo ao Cariri Cearense. É importante lembrar disso para não provocar confusões com o Cariri paraibano.

[25] As datas da publicação original aparecerão entre colchetes somente na primeira vez que os respectivos autores forem citados.

a questão é a Fazenda Tabuleiro Grande. Oliveira (1969) é a principal representante dessa perspectiva. Juazeiro do Norte, para a autora, teria surgido "[n]o ponto mais pitoresco da fazenda [Tabuleiro Grande] [que] era uma ligeira elevação do terreno, próximo ao rio Salgadinho" (OLIVEIRA, 1969, p.25).

Outros autores, no entanto, passaram a questionar essa interpretação. Segundo eles, a formação da cidade ocorreu em uma área mais próxima ao rio Salgadinho, ao redor da Capela fundada por padre Pedro Ribeiro. É assim que Macêdo (*apud* MENEZES; ALENCAR, 1989, p. 18) explica o surgimento da cidade.

> O aglomerado humano, que evoluiu para a atual cidade, nasceu e começou a expandir-se em derredor da Capela e Nossa Senhora das Dores, erigida pelo Padre Pedro Ribeiro, em sua propriedade principal, o Sítio Joaseiro; à orla direita do brejo banhada pelo Salgadinho, em terra enxuta, portanto. Aquele sítio tinha limites que avançavam sobre um terreno ataboleirado. Este era o trato chamado Tabuleiro Grande, apenas um prolongamento do sítio Joaseiro, ou seja, a parte do terreno arenoso ou arisco, ainda hoje por este último nome conhecida. O núcleo histórico da cidade, expandiu-se do brejo em direção ao arisco e não do arisco em direção ao brejo. Isto equivale a dizer que, a cidade foi fundada no Joaseiro e não no Tabuleiro Grande[26].

Embora isso possa parecer simples, essa inversão de perspectiva de análise da expansão da cidade é importante, visto que durante todo o processo de estruturação do espaço urbano, Juazeiro do Norte se expandiu sempre na direção sul, e posteriormente para o oeste. Ou seja, a cidade não surgiu no "Tabuleiro Grande" ou arisco[27], expandiu-se até próximo ao rio, ou o brejo, e depois retomou a expansão na direção anterior, não; ela se expande, desde sua origem, do brejo ao arisco.

São poucos os relatos sobre o povoado de Juazeiro no período anterior a 1870. Em um livro publicado em 1921, Sobreira descreve como foi sua visita ao povoado em 1856.

> O povoado, nesse tempo, compunha-se de umas sessenta casas de taipa, umas cobertas de telhas e outras de palha de carnaúba ou de palmeira. A disposição dellas não obedecia á regra natural de arruamento. Logo na entrada do povoado, começavam duas fileiras de casas, sem guardar a equidistancia, no seu prolongamento. Ao seguir iam ellas affastando-se, de modo que, tendo no começo uns vinte metros de largura, terminavam com mais de cem metros ao chegar á igreja, e assim ainda hoje conservam-se. Não havia estetica nem nexo, naquella formação de arruamento (SOBREIRA, 1921, p. 83).

[26] Essa é também a opinião de Dinis (1935), Girão e Martins Filho (1939) e Edwiges (2011).

[27] Arisco é o termo utilizado na literatura local para fazer referência a área da cidade composta "de casebres habitados por pessoas humildes e de pouca posse" (SOBRAL, 1992, p. 22). Em suma, era a periferia do aglomerado.

Este é um dos raros relatos que descrevem a dimensão espacial do povoado antes de 1870. Mostra como estava se organizando espacialmente o aglomerado de pessoas que se baseava, do ponto de vista das forças produtivas, no cultivo de produtos agrícolas, principalmente a cana-de-açúcar.

Em 1872, chega ao povoado o Padre Cícero Romão Batista. É extensa a bibliografia sobre esse importante personagem da história de Juazeiro do Norte, razão pela qual não nos deteremos nele[28]. Nesse período, Juazeiro ainda era distrito da cidade de Crato. O contexto social da época anterior à chegada do sacerdote, incluindo-se ai a tensão entre o Estado e a Igreja, bem como a influência do missionário Padre Ibiapina, conforme expõe detalhadamente Della Cava (1985), e o predomínio da sociedade coronelista, foram imprescindíveis para que se conformassem os processos que ajudam a explicar o futuro do povoado.

Esse primeiro recorte temporal é uma época de intensos acontecimentos na escala do Nordeste, Brasil e do mundo. No caso do Brasil, é a época do fim da escravidão, da famosa "Questão Religiosa[29]" com a separação entre Estado e Igreja, o fim do Império e o início da República, fase inicial da passagem do Brasil agroexportador para o Brasil urbano-industrial. Na escala internacional, a guerra Civil nos Estados Unidos e a Primeira Guerra Mundial acabaram afetando o Brasil, principalmente do ponto de vista econômico.

Em específico às cidades, na escala nacional, a origem de Juazeiro está inserida num contexto de predomínio do campo sobre a cidade, ao menos no âmbito da atividade produtiva, com a economia do café comandando as mudanças que deram ao campo, durante o século XIX até a década de 1920, o controle social e político, com o coronel sendo sua expressão no Nordeste (OLIVEIRA, 1977).

Neste período, as cidades se constituem como *lócus* do poder e do controle do território, sendo por meio delas que o Brasil se inseria na divisão internacional do trabalho e na circulação de mercadorias. O padrão urbano, embora com as alterações do ponto de vista dos ciclos da economia brasileira, reproduz uma contradição desde a Colônia: de um lado "um vasto campo indiferenciado, com uma rede urbana pobre, e de outro lado poucas e grandes

[28] O leitor que quiser consultar a lista de publicações e livros sobre o Padre Cícero e Juazeiro do Norte, pode acessar o seguinte link: <http://www.godocs.com.br/padre/docs/bibliografia.pdf>.

[29] A "Questão Religiosa" foi um conflito entre o Estado brasileiro e a Igreja Católica. Ocorreu no início da década de 1870, quando Dom Pedro II mandou prender dois Bispos, os quais, tomaram posição contra a maçonaria. Para saber mais como isso influenciou o movimento de Juazeiro, ver Della Cava (1985) e Barros (2008 [1988]).

cidades polarizando as funções de capital comercial e de intermediação entre a produção nacional e a sua realização nos mercados internacionais" (OLIVEIRA, 1982, p. 40).

Iniciam-se, também, no que tange ao espaço urbano, os mercados de terras, as reformas urbanas em diversas cidades pelas ideologias do higienismo e do sanitarismo. É o período em que "os processos capitalistas modernos se firmam solidamente nas cidades brasileiras" (ABREU, 2001, p. 35), ainda que de modo desigual e diferenciado conforme a formação socioespacial.

À mesma época dava-se o processo de romanização das liturgias da Igreja Católica desde o século XIX, que a permitiu adentrar nos sertões nordestinos fundando capelas e paróquias. Tem-se ai a participação institucional das Igrejas Cristãs, como também os Capuchinhos e os Jesuítas que participaram da gênese de uma ética capitalista – ainda que o capitalismo enquanto tal só se firmasse posteriormente no Brasil – baseado no modo de vida empreendedor com inspiração na acumulação e no lucro (GONÇALVES, 2004, 2007). Isso se refletiu em projetos de civilização do sertão nordestino e de desenvolvimento regional a partir das cidades. Em específico ao Cariri,

> [...] o Crato e, posteriormente, Juazeiro do Norte, tornaram-se os principais centros irradiadores e formuladores de uma ética capitalista, herdeira de uma tradição judaico-cristã-ocidental que destaca o dualismo dos valores de bem e mal, razão e emoção, vida e morte, céu e terra, corpo e alma, o qual também se reflete em antagonismos de projetos de desenvolvimento regional (GONÇALVES, 2004, p. 104).

É, nesse contexto, que ocorre o alardeado "milagre da hóstia", em 1889. Tal evento é comumente caracterizado como o principal fator de mudança tanto em Juazeiro como no Vale do Cariri. Após se espalharem as notícias sobre o "milagre", "todos os dias chegavam novos contingentes de romeiros: homens, mulheres e crianças, leigos e clérigos, ricos e pobres, pessoas ilustres e simples desconhecidos" (DELLA CAVA, 1985, p. 80). A ele, está atrelada uma série de fatores de ordem nacional e internacional – a "Questão Religiosa" é um deles – que possibilitaram a sua realização e dispersão pelo interior do Nordeste[30]. Como expõe Della Cava (1976):

> O "milagre" a que me refiro – uma beata, mulher do povo, recebe a hóstia que se transforma em sangue – era atribuído a padre Cícero, mas, na verdade, estava ligado

[30] A tese de Della Cava (1985, p. 20) é que "o movimento religioso-popular originou-se e desenvolveu-se dentro de um contexto social definido pelas estruturas dominantes em âmbito mundial e nacional. Para sermos mais precisos, o movimento religioso-popular de Joaseiro afetou e foi afetado: (1) pela instituição eclesiástica internacional, a Igreja Católica Apostólica Romana; (2) pelo sistema político nacional do Brasil imperial e republicano; e (3) por uma economia nacional e internacional em mudança".

> a outros contextos, nacional e internacional [...] Juazeiro evidencia processos de ordem regional, nacional e internacional que definiram e foram definidos por esse movimento popular religioso (DELLA CAVA, 1976, p. 3-4).

O contexto social da época do "milagre" é importante. O Brasil vivia o período do fim da escravidão, como já destacado, mas a herança desta desigualdade social teve expressão na produção de muitas das cidades. No Cariri, a mão-de-obra não foi baseada em escravos, apesar da existência de alguns, mas ainda assim existia uma divisão de classes entre os donos da terra, de um lado – as famílias Gonçalves, Macedo, Sobreira, Landim e Bezerra de Menezes –, e os despossuídos da terra, os pobres e trabalhadores rurais, de outro (DELLA CAVA, 1985).

O monopólio da terra entravou o crescimento das forças produtivas e o avanço do capitalismo do Nordeste, bem como reduziu as populações rurais ao atraso cultural e ao analfabetismo generalizado, principalmente nas áreas interioranas (FACÓ, 1976). O peso desta estrutura social e fundiária veio a ser uma das determinações da produção de um espaço desigual que se expressou, inicialmente, no povoado e posteriormente na cidade.

As notícias do "milagre" chegaram aos mais longínquos rincões do interior nordestino, propagando-se territorialmente. Temos aqui um exemplo do que Ratzel disse, quando afirmou que "poucas idéias tem um caráter tão *territorial* quanto as idéias religiosas, e, no entanto, poucas idéias tiveram uma propagação tão ampla" (RATZEL, 1990, p. 69 – grifos do autor) .

Este evento apresenta-se como um momento decisivo da constituição do povoado. Suas implicações tiveram efeitos espaciais profundos e à dimensão religiosa estavam atreladas as dimensões política e econômica[31]. Não se percebeu muito bem que "por trás dessa fachada [de centro de fanatismo religioso, de romeiros etc.], porém, estavam ocorrendo importantes transformações políticas e econômicas" (DELLA CAVA, 1985, p. 116).

Antes, durante e depois do "milagre da hóstia", aconteceram graves secas no Nordeste, que influenciaram a migração para o Cariri e, por conseguinte, para o aumento da densidade populacional dos municípios e cidades. As principais que tiveram consequências foram as secas de 1877, 1888, 1898, 1900 e 1915. É para Juazeiro do Norte que afluiu a maioria dos migrantes, tanto pela questão mítica do sacerdote e da propagação da sua fama de milagreiro pelo interior nordestino, como pelas secas devastadoras.

---

[31] Ianni (1979, p. 152-153) observa que o messianismo "está ligado a transformações nas relações sociais de produção [...] sendo a atividade religiosa [...] uma forma de protesto [...] Por trás da aparente resignação que acompanha a reza, a procissão, a romaria e o movimento messiânico, está o descontentamento face às condições presentes de vida".

Em todo este contexto de transformações, o povoado é pouco relatado. A respeito disso, Nascimento (2000, p. 3) afirma que "os registros sobre os atos eucarísticos envolvendo o capelão Cícero Romão Batista e a beata Maria de Araújo [à época do "milagre"], não faziam nenhuma referência às condições urbanas do lugar, ficando implícito um estágio de normalidade dessa localidade".

A bibliografia existente relata que, em 1875, o povoado tinha cerca de trinta e duas casas cobertas de palha, a capela, apenas duas ruas – "a rua Grande, mais tarde rua Padre Cícero, estendia-se, paralelamente, ao longo da capela e encontrava-se em perpendicular com a rua dos Brejos – e cerca de dois mil habitantes, assemelhando-se com uma fazenda de cana-de-açúcar" (DELLA CAVA, 1985, p. 41), o que contrasta de alguma forma com a descrição de Sobreira (1921), como vimos anteriormente[32].

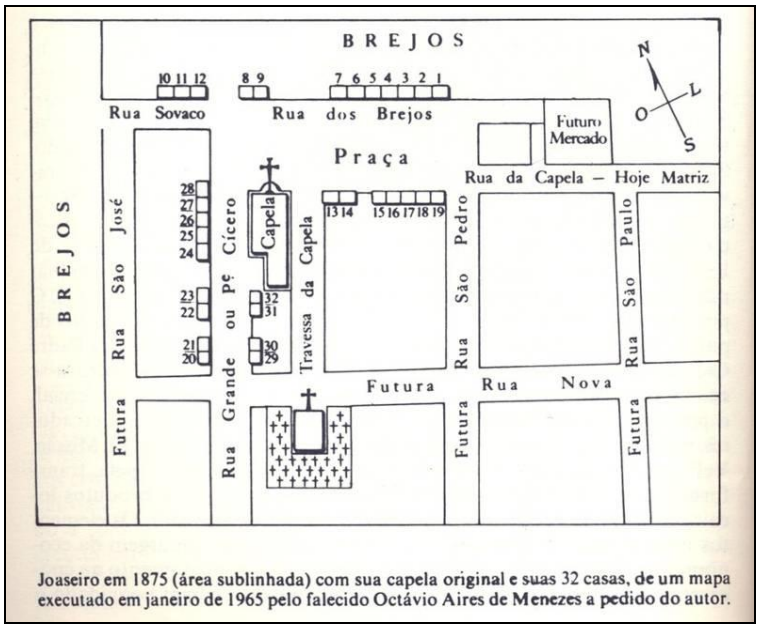


Figura 2- Juazeiro do Norte. Estrutura espacial do povoado em 1875.
Fonte: Della Cava (1985, p. 42)

As intensas migrações que ocorreram para Juazeiro do Norte fizeram que o povoado desse um salto demográfico em poucos anos. Della Cava (1985, p. 138) afirma que "entre 1890 e 1898, a população de Joaseiro mais que duplicou, ultrapassando 5 mil habitantes; em 1905, subiu para 12 mil; em 1909, chegou a 15 mil". Toda essa população teve que se instalar de alguma forma no povoado. Inicia-se, assim, uma divisão social do espaço que servirá de alicerce para a formação de uma estrutura urbana de caráter monocêntrico que se expressará

[32] A descrição de Sobreira (2011 [1969]) aproxima-se mais da de Sobreira (1921), embora exista ai um intervalo temporal de 19 anos entre 1856 e 1875.

como centro-periferia ao longo do século XX. No âmbito na produção do espaço, Oliveira (1969) descreve como se dava a locação dos adventícios no início do século XX no povoado.

> Os terrenos iam sendo aforados a vintém o palmo (vintém igual a 20 réis na moeda antiga, cujo valor monetário era o real). O encarregado das terras patrimoniais, além de dividia os chãos, tinha também o encargo de alinhar as ruas; fazia o papel de agrimensor improvisado. Era um descendente do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, talvez seu neto, José Leandro, que eu ainda conheci pessoalmente, lá pelos anos de 1908 com seus 89 ou mais anos. O velho, orientado pelo Padre Cícero, ia alinhando as ruas, demarcando os chãos e aforando os terrenos aos interessados que, por sua vez, construíram suas casas. Assim foram aumentando a rua da Matriz e a praça da Igreja; alongando a rua Padre Cícero até o ângulo da rua do Cruzeiro, na praça: fizeram o mercado velho à rua da Matriz. Prolongaram a rua Nova, hoje aven. Dr. Floro; melhoraram a Capelinha do Cemitério Velho, ali onde é atualmente a Capela de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (OLIVEIRA, 1969, p. 45).

Processos mais amplos manifestam-se no espaço de Juazeiro do Norte, embora com descompassos. Indícios, por exemplo, de um mercado de imóveis – que já existiam em muitas cidades brasileiras, fruto da lenta inserção do capitalismo, como relata Abreu (2001) – aparecem no povoado em 1909, nas páginas do jornal "O Rebate". Este jornal foi fundamental no movimento de independência de Juazeiro em relação ao Crato, e representava os interesses da nascente burguesia comercial local. São comuns publicações como as citadas abaixo.

> Jeronymo Francisco de Lima tem, nesta localidade, á venda, duas casas de taipa coberta de telha; uma sitiada á Rua São Francisco e outra na travessa da Rua Nova, pela primeira pede 200:000; pela segunda 180:000. A "tratar na RUA DO CRUZEIRO, JOAZEIRO DO CARIRY (O REBATE, 5 de dez. 1909, p. 3).

> Acham-se exposta á venda, 3 casas nesta localidade", sendo uma muito bem construída, com 2 portas e duas janellas de fernte, 2 salas grades, 8 quartos, cozinha bem acabada, 1 terraso de lado", murada" cacimba e bnheiro; outra com 2 portas e duas janelles de frente, 2 salas e 2 quartos, etc?; outra finalmente" com portas que se presta para negócio. Lodas estas casas estão encravadas na Ruade São Pedero", uma das principais e de mais movimento. Quem pretender" poii, negosial-as, diriga-se ao baixo asinado" praça da liberdade, n° 976" desta localidade. *Fenelon Pita*" (O REBATE, 19 de jun 1910, p. 3)[33].

A organização econômica do povoado era já um tanto expressiva. No inicio do ano de 1909, um censo local revelou a população do povoado e as atividades econômicas que estavam presentes naquela época (quadro 3). Havia naquele momento histórico "15.050 habitantes [que] achavam-se maciçamente estabelecidos no centro urbano[34] de Joaseiro, que compreendia 22 ruas e duas praças públicas iluminadas a querosene" (DELLA CAVA, 1985, p. 144).

[33] As citações foram transcritas conforme consta no original, inclusive com os erros.
[34] Centro urbano aqui se refere à cidade em sua totalidade. O capítulo 6 faz a diferenciação entre "centro urbano" e "centro da cidade".

Quando observamos as ruas com maior número de habitantes, como a Padre Cícero – ainda hoje chamada assim – a Rua Grande do Saldaginho e a Rua Santa Luzia – também denominada deste modo até hoje –, com 2.000, 1.736 e 1.538 habitantes, respectivamente, é possível lançar a seguinte interpretação: a Rua Santa Luzia – na direção Leste-Oeste – naquele tempo estava nos arrabaldes do aglomerado, constituindo-se como sua periferia, bastante habitada. A Rua Padre Cícero – direção norte-sul – era a principal entrada e saída do povoado[35]. É provável que o maior contingente demográfico na Rua Padre Cícero se explique pelo fato de que nela residia o sacerdote que dava nome à rua, e não se pode desprezar a sua influência sobre os adventícios que chegavam constantemente ao povoado. Ficar perto do "padre santo" sempre foi objetivo dos romeiros, principalmente dos mais pobres.

Quadro 3 - Juazeiro do Norte. População e atividades econômicas do povoado em 1909.

População	
Ruas e Travessas	Rua Padre Cícero: 2.000 habitantes; Rua Santa Luzia: 1.538 habitantes; Rua São José: 1.100 habitantes; Rua São Francisco: 1.000 habitantes; Rua Santo Antônio: 557 habitantes; Rua São João: 603 habitantes; Rua São Sebastião: 552 habitantes; Rua São Pedro: 227 habitantes; Rua do Rosário: 578 habitante; Rua do Perpétuo Socorro: 523 habitantes; Rua do Cruzeiro: 540 habitantes; Rua dos Paços: 1.040 habitantes; Rua da Conceição: 800 habitantes; Rua das Malvas: 175 habitantes; Rua Grande do Salgadinho: 1.736 habitantes; Rua da Cacimba Nova: 480 habitantes; Praça da Capela de Nossa Senhora das Dores: 734 habitantes; Praça da Liberdade: 345 habitantes; Travessa de São José: 287 habitantes; Travessa de São Francisco: 250 habitantes; Travessa da Rua Nova: 37 habitantes; Travessa da Conceição: 209 habitantes; Beco do Cemitério Velho: 30 habitantes.
Total	22 ruas, travessas e praças com 15.050 habitantes
Estabelecimentos	
Oficinas	Sapateiros (20); Carpinteiros (35), Marceneiros (5), Pedreiros (40), Fogueteiros (15), Funiladores (7), Ferreiros (8), Ourives (2), Pintores e Desenhistas (2), Fundição (01)
Ofícios	Barbeiros (3), Alfaiates (3), Modistas (10)
Comércio	Padarias (2), Farmácias (2), Lojas, Fazendas e Miudezas (10), Molhados e Mercadorias (10), Bodegas (20), Armazéns (20).
Escolas	Públicas (2), Particulares (18)
Meios de Comunicação	Agência Telegráfica (1).
Demais serviços	Tipografias (1). Igrejas (2), uma em construção no Socorro e uma construída em N. S. das Dores. Cemitérios (2), Bolandeiras de descaroçar algodão (1) – Vapor de Algodão a motor querosene (1), Engenho de ferro para moer cana (18), Engenhos de madeira para moer cana (4)

Fonte: Menezes e Alencar (1989); Walker (2013).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

[35] De acordo com informações cedidas por Daniel Walker, "A Rua Padre Cícero teve também outras denominações [como] Rua do Arame (por que era por ela que passava o arame (fio) do telégrafo) e Rua Grande (porque era a maior na época). A Grande Salgadinho é hoje a Leandro Bezerra e a Santa Luzia é a mesma."

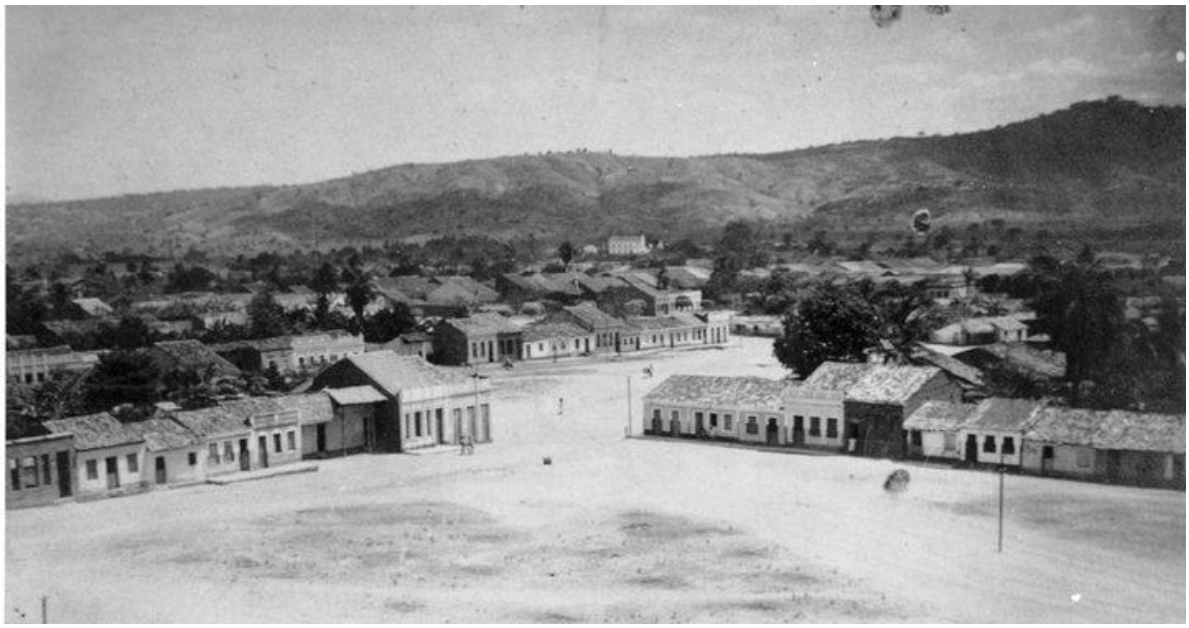


Foto 1- Juazeiro do Norte na década de 1910.
Fonte: arquivo de Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Entretanto, o que fez com que o povoado crescesse do ponto e vista econômico e político, foram as investidas agrícolas no final do século XIX e início do XX[36]. A mandioca, maniçoba e o algodão foram os principais produtos que ajudaram o povoado a ascender economicamente e a estabelecer relações econômicas em outras escalas geográficas, sobretudo os dois últimos, que foram responsáveis pelas interações do povoado "com o comércio exportador das grandes casas comerciais de Fortaleza, notadamente com a firma francesa Boris Fréses e a companhia brasileira de Adolpho Barroso" (DELLA CAVA, 1985, p. 144).

Foi para o trabalho em atividades agrícolas que era direcionada grande parte dos migrantes que chegavam ao povoado. Esses trabalhadores passaram a se instalar em fazendas de diversos latifundiários da região sob a iniciativa de Padre Cícero. A concentração de mão-de-obra em Juazeiro fez com que o sacerdote ficasse conhecido entre os fazendeiros e grandes comerciantes, tanto do Cariri como do Nordeste, como o "empresário da mão-de-obra" (GONÇALVES, 2004), que refletiu positivamente no progresso do povoado durante os anos seguintes.

[36] "De maneira regular, a partir de 1900, e progressiva, após 1914, as serras até então abandonadas, bem como a agricultura de mão-de-obra intensiva foram responsáveis pelos impressionantes excedentes em alimentos produzidos na região do Cariri. Exportando, em larga escala, para outras partes do Ceará e para os estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, o Cariri angariou para si o título de „celeiro do Ceará‟" (DELLA CAVA, 1985, p. 144).

Inicia-se, assim, um sucessivo processo de fragmentação da propriedade fundiária, que se alongará até a década de 1960. Com o alto contingente de população que migra para Juazeiro, principalmente a partir de 1894, sendo a sua grande maioria de trabalhadores rurais sem terra e que representavam a maioria da população do povoado (DELLA CAVA, 1985), tornou-se necessário a distribuição desta população pelas fazendas e sítios dos grandes proprietários – entre eles o Padre Cícero – o que condicionou o aumento da produção agrícola, gerando um excedente que passou a ser exportado.

Esse processo é denominado por Gonçalves (2004, 2007) de "padrão de desenvolvimento Juazeiro". Esse padrão é uma forma de produção do espaço geográfico pautado em uma ética do trabalho que servia de base para a modernização que acontecia no Brasil. É a gênese do desenvolvimento do capitalismo que esse padrão representa, visto que a racionalização da produção e o disciplinamento do trabalho assalariado eram as características deste modelo de desenvolvimento econômico. A partir dessas bases que foi possível a ascensão econômica e política do povoado e a produção da cidade nas décadas seguintes, fundada numa desigualdade social que se expressará na morfologia urbana.

Desde o final do século XIX, vinham se instalando casas comerciais e alguns serviços no povoado. As primeiras mercearias se instalam em 1882; em 1889 são fundadas duas escolas de ensino primário. A primeira oficina mecânica, ourivesaria e a estação telegráfica são criadas em 1904; as primeiras farmácias em 1907 e 1908. Ao longo dos anos 1910, vários estabelecimentos comerciais fixaram-se no povoado, muitos deles vindo de outras cidades. A Farmácia dos Pobres, de propriedade de José Geraldo da Cruz – importante personagem do segundo recorte temporal da nossa periodização – é inaugurada em 1913, e ainda hoje existe. Além disso, a construção do cemitério Praça Nossa Senhora do Socorro e da Capela de São Vicente de Paulo, juntamente como o início da construção da Capela da Palmeirinha, todas no ano de 1906, influenciou a expansão do povoado (CEARÁ, 2000).

A partir de 1909 o comércio passou a se localizar paulatinamente nas redondezas da Praça do Quadro Grande, hoje Praça Padre Cícero (MENEZES; ALENCAR, 1990). A pequena indústria artesanal – que também passou a se instalar no centro do povoado – motivada pelos migrantes que não paravam de chegar se desenvolveu. O artesanato se constituiu como a principal atividade econômica de Juazeiro. Eram produzidas louças de barro, vasos, panelas, cutelaria, sapatos, objetos de couro, chapéus, esteiras de fibra vegetais

além de diversos artigos religiosas, crucifixos, medalhas entre outros (DELLA CAVA, 1985). Isso facilitou a expansão urbana quando tudo a convidava à vida rural.

> Essa cidade, situada no mesmo vale que Crato, reuniu homens vindos de todo Nordeste, vivendo uns da mentalidade, outros do artesanato. Alguns trabalham o couro do sertão, outros o ouro de Goiás, outros ainda o ferro das Minas Gerais e São Paulo para fabricar facas e punhais, ou então anzóis na Amazônia. Assim, Juàzeiro abandonou decisivamente a agricultura, quando tudo parecia convidá-la à essa atividade (MONBEIG, 1948, p. 469).

O crescimento econômico do povoado culminou no movimento de autonomia do município entre 1908-1911 e na conhecida "Sedição de Juazeiro" ou "Guerra de 1914" (1913-1914) que tornou o Vale do Cariri e a cidade de Juazeiro – que havia se tornado independente do Crato em 1911 e elevada à categoria de cidade em 1914 graças "às mudanças significativas que já se operavam no sistema político nacional, estadual e regional" (DELLA CAVA, 1985, p. 146) – em uma "terceira força" política no estado do Ceará[37].

As ligações políticas com a oligarquia Accioly e com a cúpula do governo nacional irradiaram pelo território a influência política da região e da cidade[38]. Participaram desse movimento, além do Padre Cícero – que foi empossado primeiro prefeito e exerceu esse cargo de 1914 a 1927, sem interrupção, sendo inclusive vice-governador do Ceará em 1912 e deputado federal em 1926, este último cargo não assumindo – e de Floro Bartolomeu, o rico fazendeiro Joaquim Bezerra de Menezes, o padre Alencar Peixoto e os comerciantes José André e Cicinato Silva. Estes personagens foram fundamentais no processo político que culminou na autonomia de Juazeiro em relação ao Crato.

Do ponto de vista do espaço urbano, em 1911, foi elaborado por Pelúsio de Correia Macêdo a pedido de Padre Cícero, o que se poderia considerar com uma primeira tentativa de planejamento urbano da cidade de Juazeiro. Foi apresentado a Câmara de Vereadores uma demarcação das futuras ruas e praças da cidade, totalizando uma planta de 46 ruas e 14 praças que tinha o intuito de fazer com que "a cidade cresc[esse] obedecendo uma planta alinhada" (MENEZES; ALENCAR, 1989, p. 70). A malha urbana mais ou menos alinhada na forma de um tabuleiro de xadrez permaneceu até o início da década de 1920, seguindo a estrutura do núcleo original (CEARÁ, 2000).

---

[37] Para Alves (1948, p. 97) o período entre 1912 e 1930 se constitui como aquele em que "as atividades políticas passaram a fazer parte da vida de Juazeiro".

[38] Della Cava (1985) apresenta com detalhe como se deram esses processos políticos. Para saber mais sobre a Guerra de 1914, consultar Pinheiro (2011 [1938]).

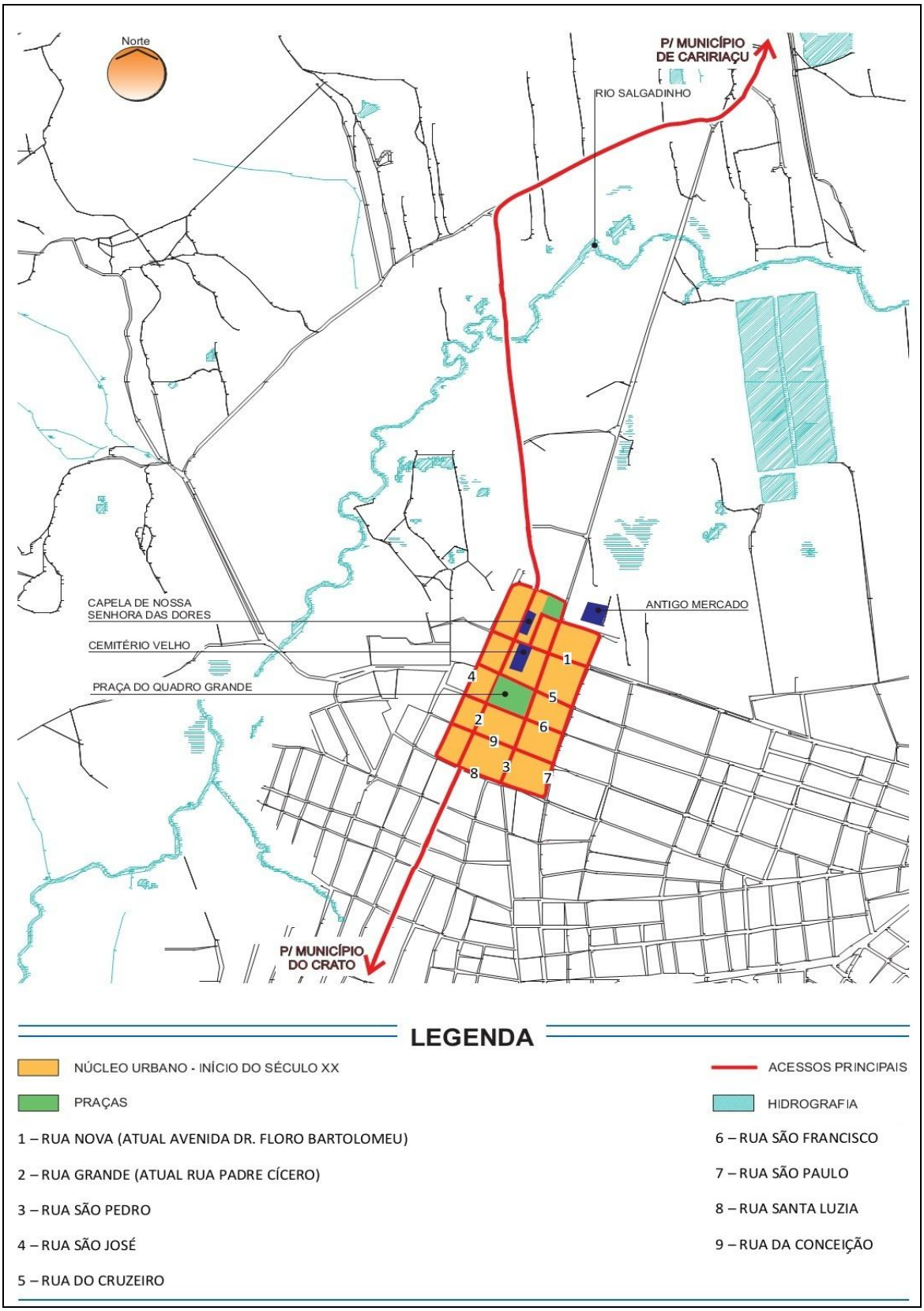


Figura 3 - Juazeiro do Norte. Núcleo no início do século XX, com a Praça do Quadro Grande (atual Praça Padre Cícero) ao centro e os nomes de algumas ruas.
Fonte: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, Juazeiro do Norte, 2000.
Adaptado por Cláudio Smalley Soares Pereira (2013)

A expressão política que Juazeiro e o Cariri desfrutavam se deu pelas articulações entre as oligarquias agrárias e a nascente burguesia comercial mediadas pelo Padre Cícero e por Floro Bartolomeu contra a "política dos salvadores" do presidente Pinheiro Machado, que nomeou o Cel. Franco Rabelo para substituir Nogueira Accioly (DELLA CAVA, 1985). Essa articulação ficou conhecida na história política do Brasil como o "pacto dos Coronéis", e foi o primeiro dos grandes pactos políticos da história do Ceará (BARREIRA, 1996).

Essas relações entre escalas geográficas pela dimensão política tiveram reflexos no espaço urbano, e "a cidade cresceu extraordinariamente, em função dos próprios acontecimentos políticos" (ALVES, 1948, p. 97). Foi pelas relações empreendidas pelo médico baiano Floro Bartolomeu – que se instalou em Juazeiro em 1908 – com a cúpula do governo nacional que permitiram, dentre outras coisas, o calçamento das principais ruas da cidade em 1919 com verba do governo federal para combater os males da seca. Esse calçamento deu-se nas ruas "São Francisco, Cruzeiro, São José, a Grande, a do Brejo, a Nova, a da Matriz, e a São Pedro" e permaneceu até os anos de 1925-1926[39]. A centralidade política de Juazeiro do Norte fica evidente neste primeiro recorte da periodização.

O poder de atuar em escalas geográficas diferentes dá aos agentes sociais, principalmente os políticos, poderes de decisão na produção do espaço geográfico.

> Quanto mais um ator político é capaz de atuar entre escalas, maior o seu poder de decisão sobre a produção do espaço. Da mesma forma, a importância política de um acontecimento está relacionada à complexidade da síntese de escalas que este proporciona, potencializando a capacidade de agir de determinados atores (GUIMARÃES, 2003, p. 17).

Floro Bartolomeu da Costa foi um destes que conseguiu atuar em diversas escalas geográficas. Suas ações tiveram rebatimentos espaciais significativos na produção espacial de Juazeiro do Norte. Foi ele quem comandou a Sedição de Juazeiro, organizou, com a aprovação do presidente Arthur Bernardes, o batalhão patriótico para combater a Coluna Prestes na fronteira do Ceará com o Piauí em 1926. Exerceu cargos públicos notáveis, como o de deputado estadual (1914-1915/ 1916-1920) e deputado federal (1921-1926) e fez vários discursos na câmara dos deputados, um deles, o mais famoso, publicado como um livro, defendendo o Padre Cícero e Juazeiro do Norte – voltaremos a esta publicação em particular mais a frente.

---

[39] Ver "Calçando a Cidade" publicada por Renato Casimiro no *blog* Portal de Juazeiro, das quais as imagens fazem parte. Disponível em: <http://www.portaldejuazeiro.com/p/colunas-de-renato-casimiro.html.> Acesso em: 23. mar. 2013.

No entanto, há um problema que é mal relatado nos livros sobre a cidade. A questão do crescimento econômico e populacional, da migração, dos "milagres", e dos progressos do povoado que se tornou vila e cidade, são sempre exaltados. Esquece-se o outro lado da história, quase inexplorada. Estamos falando das desigualdades sociais – e socioespaciais também – que tomaram corpo no processo de estruturação da cidade que dificilmente são citadas. O próprio Della Cava (1985), que produziu o mais completo trabalho sobre Juazeiro no período entre 1870 e 1930, também se inclui nesse grupo dos que ressaltaram o lado positivo dos progressos materiais e ofuscaram o seu lado perverso.

Della Cava (1985) explora a fundo as contradições sociais, do ponto de vista político e econômico, em que se destaca a disputa pelo poder local entre os adventícios, representados pelo médico baiano Floro Bartolomeu, diversos comerciantes vindos de outros estados do Nordeste e os romeiros, e os filhos da terra, representados inicialmente pelo rico fazendeiro major Joaquim Bezerra de Menezes e depois pelo Padre Manuel Macedo. Mostra como esse conflito se desenvolveu, desde o início das formulações do pedido de autonomia de Juazeiro, em idos de 1907-1908, e se estendeu até o final a década de 1920. Entretanto, a análise de Della Cava (1985) torna-se insuficiente pela falta de uma visão da espacialidade deste processo no que se refere a Juazeiro propriamente[40].

Quando espacializamos as dinâmicas analisadas, é possível observar que a estruturação da cidade ocorreu num padrão centro-periferia[41], mas não tendo um centro ocupado pelos adventícios e a periferia pelos filhos da terra ou vice-versa. O que se nota é mais complexo: um centro que é habitado pela minoria dos adventícios, os mais ricos, ligados ao comércio e à política e com afinidades com Padre Cícero, enquanto a maioria dos adventícios, os romeiros, habitavam os arrabaldes do aglomerado. Os filhos da terra eram, em geral, os proprietários fundiários do lugar, alguns comerciantes, e os que residiam no espaço urbano faziam-no na parte mais central da cidade ou próximo dela[42].

A dimensão espacial torna-se prevalente para a análise do povoado e da cidade. Uma coisa é explicar que o povoado, e posteriormente a cidade, era formado, do ponto de vista

[40] São poucos os trabalhos que dão certo destaque à dimensão espacial dos processos ocorridos ao longo da estruturação da cidade. Citamos como exemplo apenas os de Araújo (2011), Ramos (2000) e Nobre (2011).
[41] O termo periferia é usado em seu sentido mais restrito. Optamos por usá-lo por expressar a contradição e a tensão com o centro, mesmo sabendo que o conceito de periferia é de meados do século XX.
[42] É importante ressaltar que essa divisão entre adventícios e filhos da terra, que Della Cava (1985) chama de "os dois Joaseiros", não é tão rígida quanto parece. Por exemplo, José Marrocos e Pelúsio Correia de Macêdo eram filhos da terra, mas ainda assim eram muito próximos do Padre Cícero. Alencar Peixoto, por exemplo, foi um filho da terra que, por motivações políticas, rompeu com Padre Cícero e Floro Bartolomeu. No livro Joazeiro do Cariry, de 1913 (PEIXOTO, 2011 [1913]) expõe-se com clareza a sua revolta contra esses dois.

econômico, por migrantes ricos e pobres; outra coisa, que vai além desta constatação banal, é observar a espacialidade desses agentes sociais, em que lugar do povoado eles se estabeleciam, como eram as suas habitações, as condições de infraestrutura, além de considerar que a expressão espacial da desigualdade social advém da luta de classes em torno das vantagens do espaço urbano, como propõe Villaça (2009).

Por meio de uma análise da dimensão espacial, as contradições e desigualdades sociais do contexto em que Juazeiro emerge ganham mais relevo e importância, visto que os agentes não "flutuam no ar". As desigualdades sociais tornam-se desigualdades socioespaciais. Não nos referimos mais apenas às contradições no espaço, mas sim a contradições do espaço (LEFEBVRE, 1991, 2008c).

Para colocar em primeiro plano a dimensão espacial, tomamos como referência o pensamento de Lefebvre (1991, p. 404)[43] para quem "as relações sociais, abstrações concretas, só possuem existência real no e para o espaço", ou seja, "o espaço é permeado pelas relações sociais, não só é suporte das relações sociais, mas também produtor e produzido por relações sociais" (LEFEBVRE, 2009, p.186[44]).

Alguns autores que visitaram Juazeiro entre 1870 e 1930, como Jader Carvalho (1968), Lourenço Filho (2002 [1926]), Joaquim Pimenta (2009 [1945]), Moraes Barros (1922), relataram o que viram, mas ou ficaram na obscuridade ou então foram taxados de mentirosos. Embora pese o caráter preconceituoso de algumas descrições, como a feita por Lourenço Filho (1926), eles chamaram a atenção para "alguns traços de um território pouco visível nos documentos escritos, de um passado que ficou escondido no porão dos registros que até hoje foram feitos sobre a cidade do Padre Cícero" (RAMOS, 2000, p. 107). A contradição centro-periferia é relatada em alguns trabalhos, mas a maioria privilegia os progressos que, do ponto de vista espacial, corresponde ao centro da cidade.

Pimenta (2009), quando visitou a cidade em 1904, descreveu-a da seguinte maneira:

> Uma praça com a Matriz; em tôrno e paralelas, ruas de casas construídas de tijolo, caiadas e limpas, algumas com certa linha arquitetônica. Mas o que lhe imprimia um feito característico, o relevo típico de sua fisionomia urbana, era o labirinto de casebres, uns, abandonados, outros, em ruína, comprimindo-se em derredor e distendendo-se em desordem pela planície, num perímetro de léguas. Sombrio e sórdido formigueiro humano que um tufão de loucura para ali arremessara, faminto,

[43] Tradução de Lefebvre (2006), no original: "Social relations, which are concrete abstractions, have no real existence save in and through space" (LEFEBVRE, 1991, p. 404).
[44] Tradução nossa, no original: "Space is permeated with social relations; it is not only supported by social relation, but is also is producing and produced by social relations" (LEFEBVRE, 2009, p. 186).

> maltrapilho, embrutecido de superstição e cachaça, e que a varíola, outro vendaval, ia implacavelmente destroçando (PIMENTA, 2009, p. 71-72).

Em 1908, época da chegada de Floro Bartolomeu da Costa ao povoado

> Juazeiro ainda era uma pobre povoação, sem importância social ou política, com pouco mais de duas mil e quinhentas casa, na maioria de taipa, quase na maioria cobertas de palha, quase todas de construção primitiva. Mobiliário? Feitas raras excepções, resumia-se em meia dúzia de cadeiras ao lado de uma mesinha, na sala de visitas. Escolas Públicas? Duas somente. Particulares, havia perto de quinze, algumas com grande número de alunos, e gozando sempre de apoio moral, e vez por outra, também material do ex-capelão da localidade. Destacava-se, em alto relevo, a benemérita escola de Izabel da Luz, assim apelidada por ter igual nome sua inesquecível diretora [...] Uma estação telegráfica, uma agência do correio, uma banda de música sem expressão, algumas imagens de arrebatadora beleza nos oratórios locais, eis tudo o que de se progresso podia registrar em Juazeiro. Nem uma praça regular, nem um prédio moderno, nem um leigo de mediano preparo, tirante de José Marrocos, chegado de fresco. Nem um capitalista desses de cem conto de réis, ao menos. Nem uma manifestação de imprensa, digna de nota (SOBREIRA, 1950, p. 164).

A estruturação da cidade constitui-se segundo um clássico padrão centro-periferia. O centro como a área da cidade em que moravam os habitantes mais abastados, possuía a melhor infraestrutura, calçamento, iluminação pública – primeiro com acetileno e depois com energia elétrica – além de ser o principal espaço onde se processavam as trocas comerciais e a prestação de serviços aos citadinos[45]. O consumo dos produtos mais básicos, como alimentos, utilidades do lar e vestuário, acontecia no centro da cidade, e assim o foi até a década de 1980.

Essa configuração socioespacial que foi produzida no povoado, perdurou na vila e depois na cidade foi a que prevaleceu em geral nas vilas e cidades do Brasil no período da sociedade coronelista – entendendo esta como aquela em que os coronéis exerciam o poder, embora práticas capitalistas já se manifestassem –, ao lado da configuração socioespacial da grande propriedade fundiária[46] (QUEIROZ, 1979).

---

[45] Tourinho (2004, p. 37) afirma que é possível identificar três modelos predominantes em relação à localização das classes sociais no espaço: a) um norte-americano, com as classes de maior poder aquisitivo morando nos subúrbios; b) o modelo mediterrâneo, que é representado pela localização desta classe na cidade central (no caso de uma região metropolitana); e c) o modelo brasileiro, com as classes mais abastadas morando nas áreas mais centrais, o que não corresponde necessariamente ao centro da cidade.

[46] Embora a afirmação de Queiroz (1979) leve em conta o Brasil em geral, o caso de Juazeiro do Norte apresenta algumas singularidades. Para a autora, a configuração socioespacial em geral das cidades e vilas do Brasil na sociedade coronelista – aquela em que predominava o poder dos coronéis e a grande propriedade – estava baseada, entre outras coisas, na parentela, que se refere a "grupos e indivíduos unidos por parentesco de sangue" (QUEIROZ, 1979, p. 181). O que é singular em Juazeiro é que além das parentelas – e ai a Família Bezerra de Menezes é talvez o melhor exemplo de parentela – é que as áreas mais periféricas da cidade não eram formadas pelos indivíduos das camadas inferiores pertencentes à parentela, mas por migrantes totalmente desvinculados de laços de sangue. Eram, em sua maioria, adventícios, vindos de vários lugares do Nordeste.

Esse arranjo espacial não sofreu grandes alterações, ele se aprofundou ao longo do tempo. Embora seja possível perceber alguns avanços do ponto de vista material, por exemplo, a iluminação elétrica com base num motor de descaroçar algodão de propriedade do Padre Cícero trazido do Rio de Janeiro, essa estrutura espacial centro-periférica perdurou durante todo o primeiro período (1870-1830) e o segundo (1930-1980), com uma pequena alteração de conteúdo a partir do final da década de 1950 e outra no final da década de 1970. Como diz Ramos (2000, p. 108) "[...] O alargamento do povoado foi constituindo uma área central habitada por ricos e uma periferia composta por despossuídos". Centro rico e periferia pobre caracterizam a estruturação de Juazeiro do Norte ao longo da sua história.

A década de 1920 é um tanto especial para Juazeiro do Norte e para o País como um todo. No Brasil, esse período é marcado pelo auge da economia agroexportadora, a reforma do sistema bancário e o aparecimento de novos agentes políticos. Esta é a década das origens do Brasil moderno, fundamental, portanto, para se entender o Brasil contemporâneo (SARETTA, 1997). No âmbito das cidades, iniciam-se os atos normativos que acabaram por influenciar o desenvolvimento posterior delas, como a regulamentação do concreto armado – que tornou possível a verticalização – acompanhada por normatizações a respeito da propriedade urbana e o surgimento dos primeiros códigos de zoneamento urbano (ABREU, 2001).

No caso do Nordeste, e do Cariri cearense em particular – incluindo-se ai Juazeiro –, é o momento da rearticulação em escalas geográficas internacionais por meio da economia voltada, principalmente para a Europa e para a Inglaterra em particular, mediante a exportação do algodão a partir da segunda metade da década de 1910[47]. O Cariri também ganhou prestígio político em escala nacional através das relações que se estreitavam cada vez mais, por meio de Floro Bartolomeu e pelo prestígio de Padre Cícero, frente às massas e aos políticos não só do Cariri, mas do Ceará e do Nordeste como um todo. Nesta época, "Joaseiro era o maior reduto político do Nordeste" (DELLA CAVA, 1985, p. 255).

Do ponto de vista econômico, foi um período de intenso desenvolvimento das forças produtivas. Segundo Della Cava (1985, p. 146), "a prosperidade de Joaseiro continuou a

[47] "Entre 1916 e 1918, o algodão apresentou a metade do valor das exportações anuais do Ceará. Através dos anos 20, foi responsável por cerca de 75% da renda total do Ceará, enquanto que os impostos provenientes dos vários ramos da produção e da exportação algodoeiras correspondiam a 55% do orçamento anual real do governo do estado do Ceará. Um indicador da importância do algodão pode ser visto no relatório publicado em 1923 por uma delegação de representantes das indústrias têxteis britânicas, que visitou Joaseiro e outros centros produtores do Nordeste com o objetivo de promover o incremento, em volume e em qualidade, das exportações de algodão para a Inglaterra" (DELLA CAVA, 1985, p. 258-259 – grifos nosso).

repercutir no Vale do Cariri", e os seus reflexos regionais resultaram na criação do primeiro banco nordestino, no Crato em 1921 – fundado por Dom Quintino –, e na chegada do ramal da Estrada de Ferro da Rede de Viação Cearense ao Cariri, em 1926.

A atividade comercial nesta década se consolidou, do ponto de vista espacial, ao redor da atual Praça Padre Cícero, que permaneceu sendo o principal espaço de trocas até meado da década de 1930 (RIBEIRO, 2007). Comercializavam-se nessa época chapéus, comidas, roupas calçados e tecidos. Destacavam-se as Casas Pernambucanas e a Casa Abraão. Na Rua São Pedro, atualmente a principal via comercial do centro da cidade, "os prédios localizados [...] não tinham valor e naquela localidade, o comércio praticamente não existia" (RIBEIRO, 2011, sem paginação). Ainda para Ribeiro (2011, sem paginação), os "pioneiros no comércio de Juazeiro pertenciam à classe média e eram considerados comerciantes de médio porte. Os fortes pertenciam ao comércio, indústria e agricultura".

A Rua São José merece também destaque. Segundo Ribeiro (2007, p. 97) "de 1920 a 1930, foi a espinha dorsal do comércio de Juazeiro. Nesta rua, funcionaram sapatarias, ourivesarias, lojas de tecidos, mercearias, bodegas, Cartório do 1º ofício [...]" entre outros estabelecimentos comerciais e de serviços.

Nesse período, vários são os trabalhos publicados sobre o Padre Cícero e Juazeiro do Norte de pessoas que visitaram a cidade. Exemplos são os escritos de Xavier de Oliveira (1920) – este em específico sobre os Beatos e Cangaceiros –, Sobreira (1921), Costa Andrade (1922), Moraes Barros (1924), Costa (1923), Castro (1925), Macêdo (1925), Lourenço Filho (1926), e uma matéria especial na Revista Nação Brasileira (1928). Tais publicações expõem como se dava a estruturação da cidade nesse momento histórico.

O que estes trabalhos representam é, grosso modo, um conflito entre aqueles que observaram e denunciaram as desigualdades socioespaciais materializadas no espaço urbano – alguns de forma um tanto preconceituosa – e os que tentavam transferir a imagem de uma cidade grande e moderna, comparando-a inclusive com as algumas capitais brasileiras. Estes debates iniciam-se com Paulo de Moraes Barros e Floro Bartolomeu.

Visitando Juazeiro em 1922, em uma comitiva do Governo que inspecionava obras contra a seca no Nordeste, Moraes Barros[48] escreveu um relatório de conferências pronunciadas em 1923 que descrevia a cidade da seguinte maneira:

[48] Paulo de Moraes Barros era um médico baiano. Foi o primeiro a descrever de maneira negativa a cidade de Juazeiro do Norte. Outros depois dele o farão de forma semelhante.

> Em população, é Joazeiro a segunda cidade do Ceará, contando cerca de 30.000 habitantes. As construções em sua peripheria, só de casebres e mocambos de meia agua, são de ingrata apparencia, mais semelhando colossal e disforme acampamento de festa de Santa Cruz, em sulino arraial, com as rolêtas a menos, e a immundicie á mais. Sobre chão arenoso e um tanto inclinado, distribuem-se por um grande largo e cerca de 30 ruas, mal cuidadas, em xadrez irregular, 5.000 prédios de todos os geitos e feitios, de tijolos, de taipa, de barrotes, de madeira, alinhando-se por centenas os que têm como paredes e coberturas latas velhas e simples folhas de palmeiras. No centro, visinho á egreja, está o tabernaculo do Padrinho, circumdado de habitações de melhor aspecto, como sóe acontecer nos povoados sertanejos. Ao que nos affirmaram, mais de 2.000 casas, numeradas a algarismos garrafaes, pertencem ao reverendo [...] Joazeiro [...] afora a parte central, não é mais do que um vasto acampamento, onde muitos milhares de habitantes vivem em prejudicial promiscuidade [...] (MORAES BARROS, 1924, p. 57-60 – grifo nosso).

Entendendo isso como uma ofensa à Juazeiro e ao seu Patriarca, Floro Bartolomeu faz um discurso em 23 de setembro de 1923 na Câmara Federal, no Rio de Janeiro, rebatendo as ofensas do Moraes Barros. Nesse discurso ele apresenta a cidade de Juazeiro de maneira inversa de que apresentou Moraes Barros.

> A cidade de Joazeiro, na realidade, em população, é a segunda do Ceará, pois conta cerca de trinta mil almas só na zona urbana; e em commercio, industria e lavoura, depois do Crato, é a primeira. Sua edificação, na parte central, é de prédios regulares, alguns sobrados, dos quaes um, ha bem pouco tempo, foi vendido por vinte contos, e na peripheria, de casas na maioria, de taipa, mas todas cobertas de telhas [...] as suas ruas são em número crescido, mais ou menos alinhadas, algumas de extensão digna de nota. Ha ruas de um quilômetro. As principaes, em cerca de sete mil metros quadrados, possuem bom calçamento de pedras, muito melhor do que o de algumas desta Capital, que são calçadas com parallelepipedos e sobre os quaes o automóvel não passa sem grande incômodo para o passageiro, devido á forte trepidação. Ainda mais: são ladeadas por calçadas ou passeios ladrilhados com bom tijolo, com tres e quatro metros de largura cada uma [...] com calçamento melhor do que o de muitas capitaes [...] A disposição das ruas de Joazeiro não differe da observada nas demais localidades sertanejas, mesmo das capitaes dos Estados ainda não reformadas. Conforme a edificação de começo, são bem ou mal alinhadas. Quem não conheceu Recife, Bahia, Belém e tantas outras cidades antes da reforma? Ainda mesmo agora nellas não são encontradas ruas desalinhadas? (COSTA, 1923, p. 12-14).

Embora seja longa essa citação, ela se faz necessária na medida em que representa bem os propósitos políticos e a ideia de cidade moderna de Floro. Ora, Juazeiro nesse período, era sempre referenciada como um centro de fanatismo religioso, todavia o progresso econômico saltava aos olhos. Ainda assim, tornava-se necessário expor, em uma escala mais ampla, nesse caso, a escala nacional, que Juazeiro não era bem como falavam.

Esse primeiro embate – outros apareceram, mas de forma indireta –, chama a atenção por dois motivos: a) a ideia de Floro era mostrar que Juazeiro já não era mais um centro de fanatismo religioso, nem um antro de fanáticos; pelo contrário, era uma cidade moderna, com bom calçamento nas ruas – melhor inclusive que alguns da capital Fortaleza – e que mereceria

ser respeitada; nas fotografias que usa para sustentar a "Juazeiro moderna" aparecem, além dos prédios alinhados e do calçamento, os automóveis (ver foto 2); b) quando Floro rebate as ofensas de Moraes Barros, ele usa quase sempre os exemplos do centro da cidade, com fotografias das ruas Padre Cícero, São Pedro e Rua Nova; quando fala da periferia, usa de apenas uma fotografia da Rua São Pedro, imediações da antiga feira do capim, com algumas poucas casas alinhadas.

A fotografia da periferia não é suficiente para sustentar que aquela área se encontrava no mesmo patamar ou próximo do centro, do ponto de vista estético-arquitetônico e de infraestrutura. Dificilmente numa cidade de 30.000 habitantes, num período como aquele, em que a maioria da população era adventícia e pobre, formada por migrantes sem terras que se estabeleceram na cidade, haveriam condições destes para habitar semelhantes como as do centro. Existia, de fato, uma grande desigualdade socioespacial impressa na paisagem urbana, nas habitações e no modo de vida dos citadinos. Carvalho (1968), que também visitou a cidade na década de 1920, assim a descreve:

> [...] As ruas centrais, de aspecto semelhante às de Iguatu, Quixadá e Crato, com seu casario de tijolo e telha, em velho estilo português, levemente modificado pelo meio, apareciam retificadas e calçadas. Na área periférica, erguida às pressas e em desordem, de maneira a formar um labirinto, rasgavam-se vielas, alargavam-se becos, numa febre a que não chamo de embelezamento urbanístico [...] (CARVALHO, 1968, p. XI).



Foto 2 - Juazeiro do Norte. Rua Padre Cícero, em 1923.

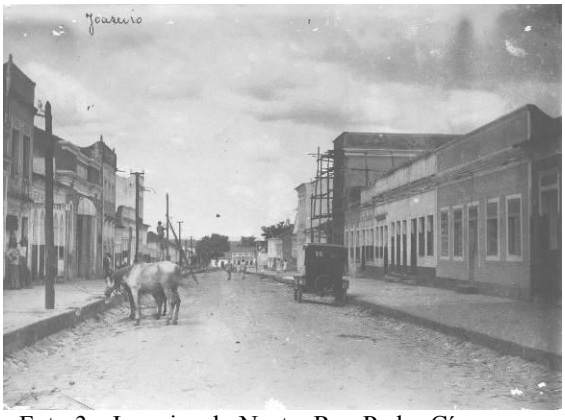


Foto 3 - Juazeiro do Norte. Rua Padre Cícero, em 1923.

Imagens utilizada por Floro Bartolomeu no seu discurso em defesa de Juazeiro.
Fonte: arquivo de Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

É importante ter clareza de que não se trata apenas de discursos a favor ou contra uma cidade. Esse embate revela, por ponto de vistas diferentes – o de Floro, que participou ativamente do processo de estruturação de Juazeiro, e a de Moraes Barros, um estrangeiro que

visitou a cidade por menos de cinco horas –, como se processava a estruturação de uma cidade do interior Nordestino.

Rabello (1967, p. 70), por sua vez, afirma que "Juàzeiro não crescera desordenadamente [...] [pois] fêz-se sentir, desde os começos, a orientação disciplinadora de Padre Cícero: ruas alinhadas, de mais de quilômetro [...] estenderam-se de um lado a outro do caminho que vai para o Crato", mas esquece, ou não menciona, que essa parte "ordenada" se reduz à área mais central da cidade. A periferia cresceu segundo outra lógica, com uma forma espacial diferente.

Nesse momento, é necessário um esclarecimento. Tanto Floro como Moraes Barros afirmam ter Juazeiro do Norte nesse período 30.000 habitantes. Todos os trabalhos publicados nesse período apresentam números não confiáveis. As imprecisões são visíveis, não só do pondo de vista demográfico, mas também da própria estrutura urbana. Demograficamente, enquanto os dados oficiais do censo do IBGE de 1920 (IBGE, 1920) apresentam a população municipal de 20.044, alguns autores afirmam que Juazeiro tinha, no início da década de 1920 "seis mil fogos, em oitenta e três ruas, com quarenta mil habitantes" (XAVIER DE OLIVEIRA, 1920, p. 65), Floro e Moraes Barros estimavam trinta mil habitantes. Por sua vez, Castro (1925, p. 7) afirma que "Juazeiro tem uma população de cerca de cincoenta e tres mil habitantes" e Lourenço Filho (2002 [1926]) calculava vinte mil. Essas imprecisões terão continuidade ao longo da década de 1920 e de 1930.

Na esteira de Floro (1923), Castro (1925) também faz diversos discursos na Assembleia Legislativa do Ceará, defendendo uma Juazeiro moderna. Falando em 1925[49] e usando os mesmo artifícios de Floro, isto é, fotografias para ilustrar esta cidade moderna, dizia que:

> De uma grande aldeia, que era há poucos annos, é hoje uma formosa e moderna cidade, obedecendo á technica mais rigorosa na sua remodelação. Assim, tem vastas ruas, perfeitamente alinhadas, cujos passeios uniformizados medem 3m. 50 de largura, dando, ao viajante, a impressão de grandes avenidas. Toda calçada, a cidade apresenta, na sua pavimentação, melhor aspecto que de Fortaleza, tem uma grande praça onde erigiram a estátua de seu grande bemfeitor, toda ella calçada e feericamente illuminada a luz electrica. Juazeiro tem uma população de cerca de cincoenta e tres mil habitantes e perto de 8 mil casas. [...] esta grande cidade não conta ainda quarenta anos, e faz pouco mais de 5 que começou o seu

[49] Neste ano, também é publicado o número 68, ano II do "Ceará Ilustrado", Fortaleza, 25 de outubro de 1925, com a fotografia de Floro Bartolomeu na capa. Esta edição é referente à excursão presidencial ao Cariri. No interior da publicação, há relatos de vários políticos que visitaram a cidade e que diziam ter ficado com boa impressão da urbe, relatando seu desenvolvimento, seu progresso e alguns comparando-a aos centros urbanos do Estado de São Paulo.

> remodelamento, tendo sido seriamente intensificado de um anno a esta parte (CASTRO, 1925, p. 7).

É possível perceber ai, novamente, a primazia que o centro da cidade – embora não referenciado – tinha na sua fala. Obviamente que a cidade toda não estava iluminada à luz elétrica. Isso só se aplicava ao centro da cidade, juntamente com o calçamento. A periferia, por sua vez, não é sequer mencionada e é incorporada como se fosse dotada de luz elétrica e como se suas ruas fossem também calçadas. A prova do contrário é que, neste mesmo ano, o "Jornal Ideal" publicou uma matéria intitulada "Juazeiro em foco", fazendo críticas às autoridades locais e reclamando sobre a expansão da luz elétrica para a população da "zona suburbana" (MENEZES; ALENCAR, 1989, p. 130-131).

Mas talvez o mais emblemático e polêmico escrito que descreve a cidade de Juazeiro do Norte na década de 1920 seja o de Lourenço Filho (2002 [1926]), uma obra que foi premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927. Para este autor, a cidade de Juazeiro seria um "arraial e feira, antro e oficina, centro de orações e hospício enorme [...] arraial sórdido e miserável, sem higiene e sem trabalho, abrigo de peregrinos e de cangaceiros da pior espécie, de doentes e malucos" (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 29-42).

Essa caracterização da "Meca Nordestina" é feita pelo autor quando se refere ao que ele chama "Juazeiro arraial[50]". Eram as áreas mais periféricas, com habitações precárias, pouca higiene, com a miséria estampada no rosto das pessoas. Formado por uma multidão de romeiros, este seria o Juazeiro tradicional, temível, uma população de costumes duvidosos.

Mas, ao lado deste Juazeiro tradicional, existia, segundo ele, outro Juazeiro que "abrolhava de dentro deste arraial", como se fosse "um verdadeiro milagre". Ele se refere aqui à parte central da cidade onde "habitam propriamente os cearenses do Juazeiro, a população estável, entregue ao comércio e a pequenas e rudimentares indústrias[51]" (LOURENÇO

[50] "[...] Crianças nuas passam correndo, sem gritos nem risos; romeiros acocoram-se à parca sombra da orla das casas, mastigando a sua matalotagem de farinha d'ăgua e nacos de carne de bode, ou "maginando", com o olhar, fixo num ponto, aparvalhado; porcos fossam montões de lixo, com filosófica paciência; cabritos ensaiam as suas defesas em simulacros de luta, ou retouçam, com berros fanhosos, sob o olhar indiferente das cabras, que ruminam sonolentas; mulheres, sentadas às portas, em saia e camisa, despenteadas, quase todas com a miséria impressa nas faces, dão-se à tarefa de catar insetos à cabeça dos filhos. Numa esquina, um grupo mais animado rodela o "Beato" de prestígio que celebra, ou um "penitente" que profliga os costumes [...] Aí está o Juazeiro arraial. Vinte mil almas, a que se agrega e de que se despede, cada dia, uma multidão de romeiros. É esse o Juazeiro temível, o Juazeiro tradicional, a Meca do fanatismo sertanejo que primeiro depara o viajante, se ele não avisou em tempo o padre Cícero e os de seu grupo, ciosos em ocultá-lo, mas solícitos em mantê-lo." (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 41).

[51] Aqui é possível observar "os dois Joaseiro" que Della Cava (1985) comenta. Entretanto, Lourenço Filho (2002) se equivoca por generalização. Como comentamos anteriormente na nota 18, a estrutura espacial era mais complexa do que a colocada por Lourenço Filho.

FILHO, 2002, p. 42). Abaixo citamos uma passagem em que o autor descreve a cidade em o que parece ser um percurso que vai da periferia para o centro e depois retornando para a periferia.

> À medida que se caminha para o centro, as construções melhoram na aparência. Há, em certos pontos, trechos de boas casas. Não é difícil notar, no entanto, que mesmo na maioria destas tudo continua a ter um ar de acampamento, em que os aspectos de improvisação e de ruína se misturam. Parece que tudo é provisório, levantado às pressas, sem grande esforço e sem esperança de longa permanência no lugar. Aqui e ali, nos intermináveis arruados, quase sempre à porta de uma "bodega", braceja suas palmas um coqueiro enfermiço ou um tamarindeiro se esforça por formar copa, deplumado no alto, onde os galhos seminus agitam ao vento os frutos ressequidos. Assim isoladas e poeirentas, parecem contaminadas da miséria ambiente [...] E, sob o sol das onze horas, a desolação das extensas ruas, de alinhamento indeciso, logo que se foge ao centro, parece mais dolorosa e acabrunhadora [...] Duas ou três ruas – a "do Padre Cícero", a "de São Pedro" e a "Rua Nova" – são calçadas a pedra bruta e dão-se ao luxo de ter alguma coisa parecida com passeios laterais, três ou quatro construções de sobrado, casas com platibandas, "jacarés" salientes e numeração mais discreta. Habitações há de relativo conforto e casas comerciais de boa aparência [...] Aí fica também a casa do padre, baixa e modesta, sempre fechada, tendo ao lado um sobrado tosco, por ele construído, para mais comodamente oferecer a "bênção" diária aos peregrinos (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 41-42).

Pode-se ver com clareza o arranjo espacial da cidade. Vemos claramente aqui um padrão centro-periferia, segundo o qual o centro da cidade era habitado por pessoas mais importantes, comerciantes, políticos entre outros – adventícios e filhos da terra –, enquanto que na periferia moravam os romeiros e os mais pobres, com suas precárias habitações e um modo de vida miserável. Vale lembrar que, quando Lourenço Filho lançou este livro – que, no original, foi uma série de artigos publicados no jornal "O Estado de São Paulo" – Floro Bartolomeu já tinha falecido.

Era no centro da cidade que se estabelecia a vida de relações da urbe juazeirense. Na década de 1920, diversos equipamentos comerciais e de serviços se instalaram na cidade. Tem destaque a instalação de três fábricas de beneficiamento de algodão, duas ainda em 1919 – o "Pita" de propriedade de Felenon Pita, um rico comerciante e industrial da cidade, uma filial da firma P. Machado e Cia, de Fortaleza, a "P. Machado e CIA" –, e a outra em 1923, de propriedade de Dirceu Inácio de Figueirêdo, onde hoje é a Escola Estadual de Ensino Profissionalizante Prof. Moreira de Souza, antiga Escola Normal Rural. Além disso, a feira passa a ser realizada no Quadro da Independência – hoje Praça Padre Cícero –, e ruas adjacentes, no centro da cidade a partir de 1924, mesmo ano da inauguração do posto de profilaxia "Moura Brasil" (MENEZES; ALENCAR, 1989).

Do ponto de vista do lazer, destacamos que, em 1921, foi inaugurado o primeiro cinema, de propriedade do Pelúsio Correia de Macêdo, que funcionava com energia elétrica

gerada no local, pois, na cidade, a luz elétrica só chegou em meados da década de 1920[52]. Em 1925, o primeiro carnaval da cidade foi organizado pelo Deputado Federal Floro Bartolomeu (MENEZES; ALENCAR, 1989).

Obras de infra-estrutura urbana foram realizadas, como a construção da estrada de rodagem que ligava Juazeiro ao Horto em 1923 e o Matadouro Modelo em 1928. Em 1929, a cidade foi arborizada com pés de Ficcus-Benjamins (MENEZES; ALENCAR, 1989). A figura abaixo retrata a expansão urbana da cidade nesse primeiro período.

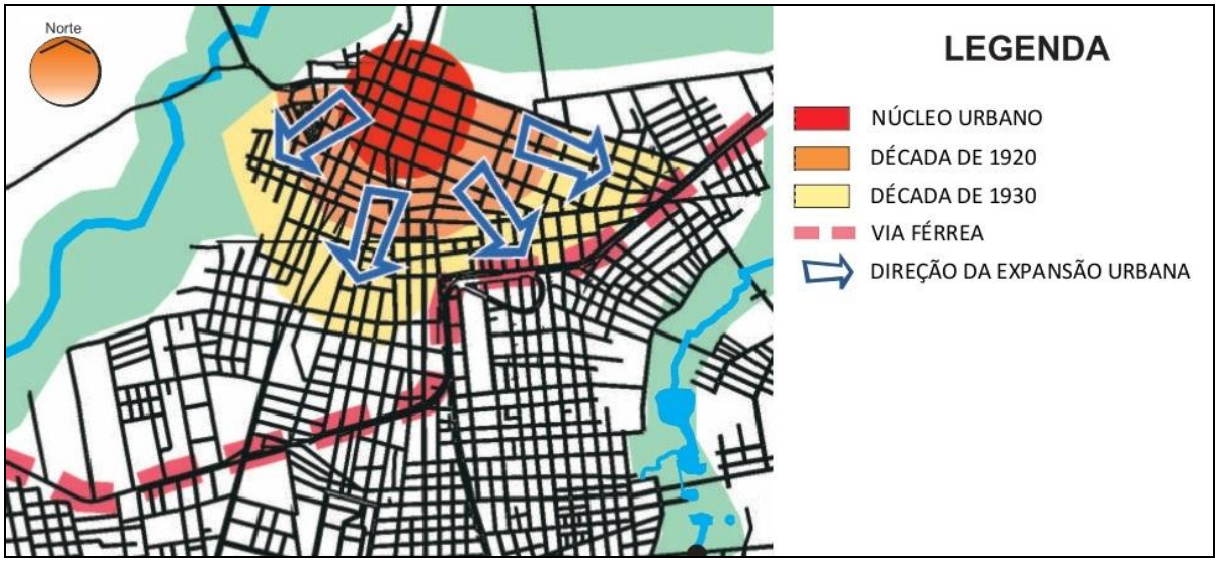


Figura 4 - Mapa da expansão urbana de Juazeiro do Norte entre 1870-1930.
Fonte: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, Juazeiro do Norte, 2000.
Adaptado por Cláudio Smalley Soares Pereira (2013)

Todavia, o maior acontecimento deste período foi sem dúvida a inauguração do ramal da Rede de Viação Cearense, que passou a ligar o Cariri à Fortaleza em 1926, o que vinha sendo batalhada pelas elites locais deste o início da década de 1910 e que, segundo Loureço Filho, em nota à segunda edição do seu livro, promoveu alguns melhoramentos urbanos que não existiam na época de sua visita à cidade. Esse fixo influenciou um novo traçado urbano e uma nova expansão, pois com a inauguração da estação passaram a se concentrar em suas proximidades alguns estabelecimentos comerciais, atacadistas e varejistas, transformando-a em uma área relativamente adensada (CEARÁ, 2000), posteriormente incorporada à mancha urbana, conforme a cidade se expandia. De forma sintética, afirma Alves (1948, p. 98) que "[...] o período de 1922 a 1926 [...] foi o apogeu da cidade".

[52] Para saber mais sobre a história da energia elétrica em Juazeiro do Norte ver: CASIMIRO, Renato. "A energia elétrica em Juazeiro (I)". Disponível em: <http://www.portaldejuazeiro.com/2010/12/energia-eletrica-em-juazeiro-i.html>. Acesso em: 13 jan. 2013.

3. DE "JUÀZEIRO" À JUAZEIRO DO NORTE: CRESCIMENTO E EXPANSÃO DA CIDADE (1930-1980)

Este recorte temporal de 1930 a 1980 justifica-se pelo fato de que, nessa época, o Brasil passava por novas transformações econômicas e políticas. Foi o período da crise do café em 1929, que teve efeitos durante a década de 1930. Houve a "Revolução Burguesa" no Brasil, o "fim da hegemonia agroexportadora e o início da predominância da estrutura produtiva de base modelo urbano-industrial" (OLIVEIRA, 2011, p. 35).

Neste meio século, muitas transformações na sociedade brasileira tiveram reflexos no processo de urbanização no país. Do ponto de vista político, ocorreram duas ditaduras; do ponto de vista econômico, o Estado intervencionista nas esferas do planejamento e gestão que se iniciaram nos anos 1920, criaram as condições necessárias para a atividade produtiva urbano-industrial. Já demograficamente, a população urbana superou nos anos 1950 a população rural (OLIVEIRA, 2001).

As reviravoltas políticas na escala nacional refletiram diretamente na estruturação de Juazeiro do Norte. Novos agentes políticos e econômicos entraram na dinâmica da produção do espaço urbano. Nomes como José Bezerra de Menezes – o patriarca da "Família Bezerra de Menezes" e seus descendentes –, José Geraldo da Cruz, Antônio Pita, entre outros, encabeçaram o processo, por fazerem parte da elite econômica e política do lugar.

Os principais agentes do período anterior, o Padre Cícero e Floro Bartolomeu, por motivos diversos, saíram da cena econômica e política. Ambos morreram, o primeiro em 1934, com 90 anos de idade, e o segundo em 1926. Após a morte de Floro, a influência política de Padre Cícero entrou em declínio e o momento que representa isso é a retirada do seu retrato da prefeitura pelo interventor José Geraldo da Cruz (DELLA CAVA, 1985)[53]. O ano de 1930 não só "assinala o fim do prestígio político da Cidade de Juazeiro, com a queda da primeira república" (ALVES, 1948, p. 99), mas igualmente o fim do prestígio político do sacerdote.

O fim desse prestígio político de Padre Cícero, é importante lembrar, não foi acompanhado do declínio do seu prestígio espiritual e religioso. Essa influência continuou e

[53] Como relata Della Cava (1985, p. 256) "a revolução de Getúlio Vargas, em 1930, no entanto, completou, simbolicamente, a rápida destruição (a partir da morte de Floro) do Padre e da influência política direta do Cariri: o novo prefeito de Joaseiro, nomeado pelo governo revolucionário, mandou retirar da Prefeitura o retrato do Patriarca. Tal fato, que feriu profundamente o octogenário, representou o fim simbólico de uma era da história política do Nordeste brasileiro".

não é a toa que, ainda hoje, muitos romeiros visitam Juazeiro em devoção ao sacerdote. O prestígio político, no final dos anos 1920 e início de 1930, entrou em declínio justamente pelas alianças entre o sacerdote e as oligarquias agrárias.

A partir das investidas políticas de José Geraldo da Cruz, a produção espacial se acelerou. Foram abertas novas estradas de rodagem, entre elas a primeira que ligava Juazeiro ao Crato e a que ligava Juazeiro à Palmeirinha – atual distrito Padre Cícero, mais conhecido popularmente pelo nome anteriormente citado –, a construção de um mercado público onde era a Praça da Feira Nova e o trabalho realizado, já na década de 1950, junto ao Banco do Brasil, na tentativa de levar para Juazeiro uma das suas agências bancárias, que só se instalou em 1959. Era, além de político, um proprietário fundiário que doou terras para as instalações de serviços urbanos (NASCIMENTO, 2000). Durante todo o período de intervenção, que durou entre 1930 a 1948, este personagem – que foi interventor durante três vezes – e outros que o sucederam[54] atuaram de maneira significativa na produção do espaço de Juazeiro.

No mesmo período, no início dos anos 1930, alguns agentes econômicos locais, produtores agrícolas, industriais e comerciantes, fundaram a primeira instituição financeira de Juazeiro, a Cooperativa de Crédito do Juazeiro, transformada em Banco do Juazeiro em 1944, Banco Industrial do Ceará em 1974 e, posteriormente, em BicBanco em 1992[55]. Estavam à frente desse empreendimento José Bezerra de Menezes e Antônio Pita, que foram vice-presidente e presidente da instituição financeira, respectivamente. Os Bezerras de Menezes, por meio do chefe da família, tornaram-se os maiores acionistas do banco, entre 1948 e 1957, período que entraram também na política e investiram na produção de algodão, que era o principal produto agrícola do Ceará.

O algodão é um produto que faz parte da produção do espaço cearense desde o final do século XVIII (SILVA, 1994). Na virada do século XIX para o século XX, como mostramos anteriormente, este produto continuou a ser o "carro chefe" da economia do Ceará e do Nordeste (OLIVEIRA, 1987). Nesse contexto, a importância do algodão no Cariri "foi de tal forma espetacular que nos anos 30 chegou a atrair grande investimento de capitais por parte da firma americana Anderson Clayton Company" (DELLA CAVA, 1985, p. 261).

---

[54] De acordo com Nascimento (2000), os outros interventores foram: João de Pinho (1933), Zacarias Albuquerque (1933), Porfírio de Lima Filho (1933-1934), Francisco Néri (1935-1936), Antônio Pita (1937-1943), Posidônio Bem (1943-1945), Conserva Feitosa (1945), Vicente Bezerra (1945-1946), José Monteiro (1947-1948).

[55] Para saber mais sobre o Grupo Bezerra de Menezes e a história do Bicbanco, consultar <http://www.bicbanco.com.br/bicbanco/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=19>.

Os Bezerra se inseriram, nesse contexto, como produtores de algodão e na década de 1950, após acumularem grande capital, compraram a usina da Anderson Clayton Company, localizada em Juazeiro do Norte, depois de terem comprado a primeira usina de empresários da capital em 1955 no Crato. Esse processo explica-se pela importância que o algodão teve na economia cearense até os anos 1970 (LEMENHE, 1996).

José Bezerra de Menezes atuou inicialmente como um pecuarista e produtor de algodão em pequena escala em suas propriedades rurais. Entretanto, passou a incorporar sucessivos lotes urbanos e rurais, ampliando seu patrimônio favorecido pelo alto preço, pelo movimento geral da cultura algodoeira no Ceará e pelo encarecimento do preço da terra no Cariri e em Juazeiro do Norte, particularmente (LEMENHE, 1996).

Conforme Bezerra (1995), José Bezerra de Menezes adquiriu os terrenos Mochila, Logradouro, Santo Antônio, Boca das Cobras, e fazendas do Baixio, Veados, além de ser proprietário de fazendas na Chapada do Araripe[56]. Lemenhe (1996, p. 149) sintetiza mostrando que "José Bezerra, inicialmente proprietário de pequeno imóvel rural e de alguns lotes urbanos, herdados por sua mulher, ao fim de sua vida (morre em 1954) havia ampliado consideravelmente seu patrimônio". Até meados dos anos 1980, a Família Bezerra influenciou a política e a economia de Juazeiro do Norte e do Ceará como um todo, constituindo-se como importantes agentes da produção do espaço.

Esses e outros agentes, sobretudo os ligados ao poder econômico e político, vão influenciar a produção do espaço urbano desta cidade. Do mesmo modo que na década de 1920, no que se refere aos anos 1930 vários são os trabalhos, também contraditórios entre si, que retratam a dimensão espacial da cidade e os modos de vida urbanos. Os principais trabalhos são os de Dinis (1935), Odísio (1935), Andrade (1922), Reis Vidal (1936), Girão e Martins Filho (1938) e Uchôa (1938, *apud* RAMOS, 2000). Nas décadas posteriores, até os anos 1980, são poucos os trabalhos que tratam da cidade, sendo a grande maioria voltada para o estudo de Padre Cícero[57]. Ainda assim, algumas publicações como as de Soares (1966) e Rabello (1967) e trabalhos oficiais do IBGE (1959) e do Governo do Ceará (2000, 2009) e parcerias deste com a SUDENE (CEARÁ, 1973, 1977, 1980) trazem informações

[56] Os terrenos Boca das Cobras e fazendas do Baixio encontravam-se ao norte da cidade, nas proximidades do núcleo original, onde a cidade se formou. Já o Santo Antônio é provável que seja onde hoje se localiza o bairro com o mesmo nome (vem mapa 1). Os demais nós não temos informação.

[57] Exemplo destes são os livros de Edmar Morel (1966) e Otacílio Anselmo (1968). Quando esta pesquisa já estava finalizada, tomamos conhecimento do trabalho de Gomes (2013), que retrata as intervenções urbanas em Juazeiro do Norte no período de 1950 a 1980.

fundamentais. Trabalhos biográficos (ARAÚJO; BEM FILHO, 2000a, 2000b) e sobre a história política da cidade (NASCIMENTO, 2000) também ajudam a reconstruir a dimensão espacial dessa época atinente à Juazeiro.

Em Nascimento (2000) encontramos – embora num tom meio nostálgico – um resumo do que foi, para ele, o período, entre 1930 e 1948, em que o poder político ficou sob domínio dos interventores. Afirma ele

> O que era Juazeiro do Norte em 1930, quanto evoluíra sob os impulsos benfeitores das interventorias que, em ciclos históricos, se prolongaram até 1948, só os mais antigos habitantes deste município e das cidades vizinhas em condições de avaliar as proporções do seu crescimento urbano e da mudança do seu desenho arquitetônico nesse período. Os observadores mais antigos, aqueles que viram Juazeiro do Norte em 1938, e acompanharam os saltos de seu progresso até 1948, diriam hoje terem ficado convencidos dessa ascendente mudança. Porém, somente agora se advertindo de que, por trás desse progresso visualmente comprovado, estiveram os vontadosos interventores dessa fase política, que inaugurada por José Geraldo da Cruz, chegava a um feliz crepúsculo, nele figurando o executante de obras José Monteiro. (NASCIMENTO, 2000, p. 84 – grifos nossos).

Afirma ainda Nascimento (2000) que no período do interventor Porfírio de Lima Filho, em 1934, deu-se "especial atenção ao calçamento da cidade, ampliando-o ou melhorando-o, de tal modo foi a extensão desse serviço público" (NASCIMENTO, 2000, p. 79). Melhoramentos do ponto de vista da educação também são perceptíveis, sobretudo com a criação da Escola Normal Rural, em 1934. O foco deste autor é a dimensão política, mas atrelada a ela estão as dimensões econômica e espacial. Mesmo relatando um crescimento urbano que induz a pensar em melhorias sociais e espaciais – que de certa forma existiram, mas também foram seletivas, como no caso do período analisado anteriormente –, são visíveis as discordâncias entre os autores a respeito da cidade em meados da década de 1930 e que abordaremos a seguir.

Em 1935, Juazeiro então com "40.000 habitantes", era descrita por Manoel Dinis (1935) da seguinte maneira.

> Suas ruas se estendem, da margem do aludido rio, subindo por suave colina, em direção à Barbalha, atè o começo de uma pequena chapada que antigamente se chamou Taboleiro Grande. As cazas mais centrais do seu perímetro são dispostas quase todas em quarteirões mais ou menos regulares, formando xadrez, como as cidades do urbanismo moderno. Suas ruas centrais são ordinariamente bem edificadas, com faixadas bem dispostas, calçadas alinhadas, arborizadas e pavimentadas a pedras graníticas. Seus prédios compreendem uma área de cerca de três quilometros em cada face, quadrejando-a. Estende-se de Malvas ao Matadouro Modelo, pela margem direita do Salgadinho, e deste Rio ao bairro do Arisco, onde se localiza a estação da Rêde de Viação Cearense. Suas praças mais importantes: a Praça Almirante Alexandrino, a Praça S. Vicente, a da Matriz, a da Cacimba Nova, a

> da Estação, a do Pio X, a da Feira Nova e a de S. Miguel. De todas, só a primeira tem parte de arborização e ajardinamento. Seus bairros principais são: Malvas, S. Miguel, Arisco, Matadouro, Salgadinho e Horto que se estende da margem esquerda do Salgadinho á Serra do Horto. Tem raras casas de taipe e palhas, sendo os outros prédios, em numero de dez mil, construídos de tijólos, taipa e telhas (DINIS, 1935, p. 192-193 – grifos nossos).

Aqui observamos de maneira clara o padrão centro-periferia da estruturação da cidade de Juazeiro do Norte e uma expansão, por meio da criação de novos bairros (figura 4). É evidente que na descrição de Dinis (1935), o centro sobrepõe-se à periferia; esta última praticamente está escondida. O plano urbano em tabuleiro de xadrez, fazendo correspondência com o urbanismo moderno é por ele ressaltado, juntamente com outros aspectos do centro da cidade, que era o local onde estavam concentradas as atividades econômicas.

Em alguns momentos do seu livro "Mistérios do Joazeiro", ele se refere às áreas periféricas usando a palavra "subúrbios" – termo que também vai aparecer no Decreto nº 29 de 4 de outubro de 1939, que muda os nomes das ruas, praças, travessas, largos, becos e subúrbios da cidade, que segundo o poder público municipal da época estavam em "desacordo com a[s] técnica[s] do urbanismo moderno"[58]. Cita estas áreas da cidade, notadamente o bairro do Arisco – denominação que foi utilizada para fazer referencia às áreas mais distantes do centro da cidade por outros autores –, o bairro do São Miguel e o caminho do Horto (DINIS, 2011 [1935], p. 151-155). Essas partes da cidade são lembradas fazendo-se referência às práticas sociais duvidosas como "calamidades", como por exemplo, os sentinelas[59].

Entretanto, as coisas não são bem assim. Dinis (1935) era um professor e também foi amigo de Padre Cícero. Fazia parte da elite urbana daquele tempo e habitava também o centro da cidade. Não teria sentido ele, sendo então uma pessoa que privilegiava os melhoramentos do progresso em detrimento das desigualdades geradas por ele, descrever a periferia, visto que "para os habitantes da região central, a periferia era, antes de tudo, um espaço que maculava o progresso de Juazeiro" (RAMOS, 2000, p. 109).

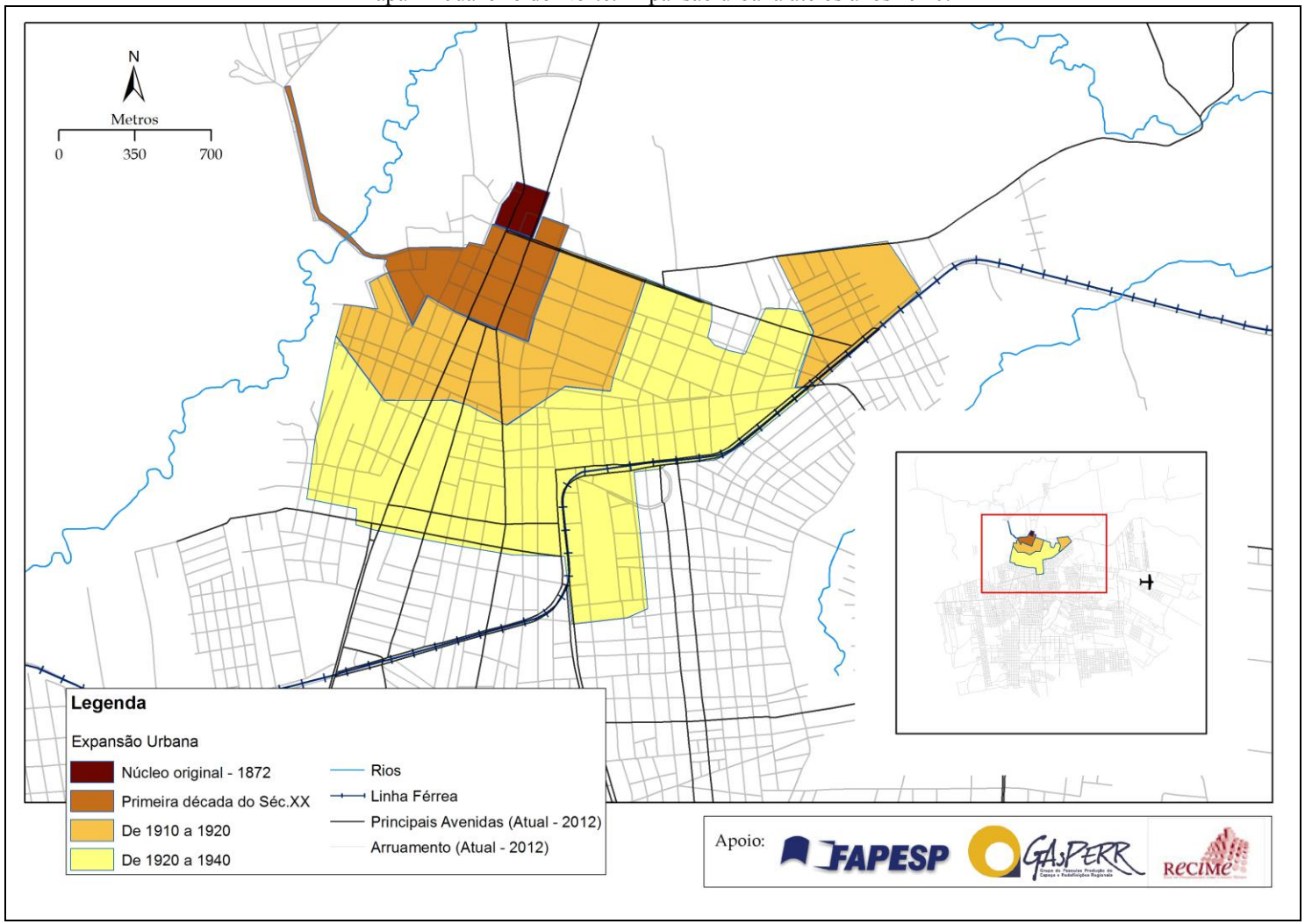
A descrição da periferia – como também do centro – é encontrada em uma publicação manuscrita, também de 1935, de um artista-escultor italiano que morou na cidade, chamado Agostinho Balmes Odísio. Tal "descoberta" proporciona o tensionamento entre a visão da cidade naquele tempo de Odísio (1935) com a de Dinis (1935).

---

[58] O Decreto na íntegra está disponível em: <http://historiadejuazeiro.blogspot.com.br/2011/06/decreto-de-1939-muda-nomes-de-ruas-de.html>. Acesso em: 19 dez. 2012.

[59] Conforme Silva (1962, p. 184) "sentinela é o costume, de quando morre alguém, parentes, amigos e pessoas caridosas passarem a noite velando o corpo do defunto, cantando ladainhas e benditos até a hora do sepultamento".

Mapa 2 - Juazeiro do Norte. Expansão urbana até os anos 1940.



Fonte: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, Juazeiro do Norte, 2000.
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).

A descrição de Odísio (2006 [1935]) dá-se desde o momento em que ele sai de Juiz de Fora, Minas Gerais. Cruzando todo o sertão cearense, de Fortaleza até o Cariri, ele descreve o que vê, mas é quando está chegando à estação ferroviária em Juazeiro que seu relato impressiona: "apareceram logo depois os primeiros casebres e palhoças de Joaseiro, a cidade e a estação aonde muita gente esperava o trem, pobres assaltando os carros, chapeados (carregadores) oferecendo seus serviços numa confusão" (ODÍSIO, 2006, p. 2).

No trajeto até o centro, ele passa por "ruas cheias de buraco com areia alta num palmo, entre casebres de barro e de palha, [e por] [...] uma rua com casas melhores" (ODÍSIO, 2006, p. 3-4). Quando, depois, chega na casa em que moraria, observa que ela era uma casa de "tapera de pau a pique, barro a vista, cheia de buracos [...] [e que] as casas melhores e de tijolos são todas ocupadas pelos proprietários" (ODÍSIO, 2006, p. 5-6).

Chegando na casa que morou no tempo em que ficou em Juazeiro do Norte, Odísio ainda faz algumas observações importantes que nos mostram uma Juazeiro diferente daquela que Manoel Dinis descreve. Segundo ele

> [...] luz elétrica, zero, pois a força lá não chega, por estar nossa mansão já em zona de tiperias e buracos; a luz gerada por uma caldeira a vapor, velhíssima, com combustível de caroços de algodão, só existe no centro da cidade e apesar de ser fraquíssima, encrenca a toda hora, de forma que é mais o tempo que falha que funciona, sendo apagada toda noite inexoravelmente as onze e meia [...] Joaserio, apesar de ter nascido velho, pois oitenta por cento das abitações ainda são de taperas de barro e palhoças altas poucos palmos de terra, [...] e insalubres, está preparado para futuro centro cívico, pois as sua ruas são amplas, com vastos largos e praças, bem alinhado, situado numa posição topográfica magnífica com clima bom, apesar de quentíssimo, e até salubre si tivesse higiene (ODÍSIO, 2006, p. 7-12 – grifo nosso).

Mesmo descrevendo um espaço urbano precário, ele ainda é otimista, explanando sobre a cidade, sua periferia e o seu centro também. No que concerne em específico às habitações da cidade – e aqui ele fala de todas, tanto no centro da cidade como na periferia - ele afirma que

> A cidade de Joaseiro, que dizem contar com mais de quarenta mil abitantes, é ainda no seu estado embrional; conta oito mil e seiscentas casas, mas só podem assim ser chamadas perto de duas mil, apesar de so ter umas quinhentas com alguma idéia architetônica, [...] com uns vinte sobrados, o quartel, o prédio do correio e a estação de trem; só existem três ou quatro casas forradas e assoalhadas, mesmo assim, só a sala de visita e alguma dependencia, a mais são todas casas sem forro, assoalho de tijolo e, creio, não se encontra uma com vidraça nem venezianas. Quem anda nas ruas, tem a impressão que todas as casas são abitáveis mas é engano, pois muitas e muitas é só a frente donde pelas aberturas se encherga a palhoça por dentro, fato que veio por uma lei municipal a qual expropriava todas as casas do centro que não

> tivessem frente, disto o engano de ver as casas do centro repletas de casas; é como se dizer – é só fachada (ODÍSIO, 2006, p. 51-52).

Juazeiro nesse período não é uma cidade com raras casas de taipa, como afirmou Dinis (1935). Ele provavelmente generalizou o que observava no centro para o resto da cidade. Não queremos dizer com isso que a descrição de Odísio seja a verdadeira ou irrefutável. Não se trata disso! Acontece que é fundamental ter em mente o contexto socioespacial do período.

Dois anos após as publicações de Dinis (1935) e de Odísio (2006), isto é, em 1937, Feitosa (1986) visitou Juazeiro e observou que "a cidade era um núcleo periferiado por meias-águas em desordem urbanística" (FEITOSA, 1986, p. 86), indo ao encontro da descrição feita por Odísio (2006).

A produção do espaço urbano deu-se de forma intensa. Quando observamos a evolução demográfica, isso fica perceptível. A população do município de Juazeiro salta de 20.044 habitantes em 1920 para 38.145 em 1940 (IBGE, 1950). Esse contingente demográfico era em grande maioria de romeiros, de pessoas humildes e que procuravam na cidade uma forma de se sustentar na vida. O Padre Cícero já estava morto, mas ainda assim atraía levas de romeiros que chegavam e muitos deles se instalavam na cidade, principalmente nas áreas mais periféricas.



Foto 4 - Juazeiro do Norte. Rua São Pedro em 1935 na área periférica da cidade.



Foto 5 - Juazeiro do Norte. Rua do Cruzeiro em 1935 nas áreas periféricas a cidade.

Fonte: Odísio (2006 [1935], p. 55).

É assim que a cidade se expande em direção ao sul. Entretanto, constatar isto não significa que há uma relação de causa e efeito. Em outras palavras, não significa dizer que "o crescimento da cidade começa ordinariamente no centro, expandindo-se para a periferia", como pensava Pierson (1956, p. 271). A cidade, qualquer que seja, não parte do centro em direção à periferia, nem o contrário. O que ocorre é que tanto o centro como a periferia – ou,

de forma geral, o não-centro –, são produzidos num processo dialético (VILLAÇA, 2009, 2012), ou seja, "o centro só agrega repelindo e dispersando, o monumento só atrai, afastando" (LEFEBVRE, 1991, p. 386)[60]. O centro – e a periferia também – é assim uma produção social (CASTELLS, 1979a; SPOSITO, 1991) e não uma precondição, um palco, um pré-existente à cidade.

O centro da cidade, embora com estes problemas relatados acima, concentrava, como no período de 1870-1930, os estabelecimentos comerciais, de serviços e os industriais. A própria feira, que acontecia aos sábados, realizava-se no largo "chamado de Avenida e ruas adiancentes, centro da cidade, onde armam barracas e bancas, sendo a maior parte da mercadoria esposta a venda no chão" (ODÍSIO, 2006, p. 73). Esse largo é provavelmente a atual Praça Padre Cícero, e as ruas adjacentes são a Rua São Pedro, Rua Nova e outras. Essas mercadorias, ainda segundo o autor, eram transportadas em jegues, e chegavam de vários lugares, em caravanas e mais caravanas.

Odísio (2006), além de chamar a atenção para o problema da higiene, que mesmo no centro da cidade era problemática, com poços, mosquitos[61], fala da precariedade do abastecimento de água, que se expressa numa desigualdade social – e por extensão, socioespacial – de forma clara. Ele afirma que:

> Não existe agua encanada nem esgotos; a agua é fornecida na cidade por diversas cacimbas municipais, pagando os fornecedores que vendem agua na porta das casas dez mil reis por mez a prefeitura municipal, tendo o direito de tirar agua ate as trez da tarde. O fornecimento é feito por meio de gegues e cada carga custa quinhentos reis – existem varias cacimbas privadas nos quintaes mas a única agua que é mais potável é a do Arisco, perto da estação, a parte mais alta da cidade, pois as outras cacimbas dos quintaes correm perigo de ter as aguas inquinadas devido a cidade não ter esgotos [...] Escusado é diser que esta agua boa é bebida por menor parte da população, a "gente que pode"; os setenta por cento que talvez não disponha de quinhentos reis por dia, ou bebe a agua das cacimbas infectadas, ou deve recorre a agua do brejo, coberta de limo e quase vermelha e tão turva (ODÍSIO, 2006, p. 52-54).

[60] Tradução de Lefebvre (2006, Cap VI, p. 20), no original: "The centre gathers things together only to the extent that it pushes them away and disperses them, while a monument exercices an attraction only to the degree that it creates distance" (LEFEBVRE, 1991, p. 386).

[61] "A higiene é pois palavra morta; existe é verdade a "instituição Rochfeller" com seus impregados mata mosquitos que toda semana visitam as casas procurando destruir as aguas paradas e focos de mosquito, mas o que vale? Uma só sarjeta aonde se empoçam as aguas que saem das casas destroe todo o trabalho de todos os mata mosquitos; e as sarjetas são muitas e com aguas paradas dum fedor insuportavel na cidade toda; isto sem contar os buracos que há em toda casa, buraco-latrina, descobertos, que alem de inquinar o lençol dagua, esalam o fedor e miasmas mortíferos; - isto no centro da cidade; e [na periferia] na fora das palhoças e taperas a qual conta com o oitenta por cento das abitações e que é toda em roda da cidade, nem é bom procurar sintetisar em que estado se encontra a higiene; porcas dagua fedorentas, agua que ja serviu nas bibocas para lavar roupas, couros, pratos, urina de porcos, esterco de todos" (ODISIO, 2006, p. 54).

Essa contraposição entre a cidade vista por Dinis e Odísio, ambas no mesmo momento histórico, segue aquele quadro do período anterior, das discussões empreendidas pelos autores que retrataram de maneira semelhante, a cidade e a estruturação do seu espaço urbano. Vemos como as desigualdades sociais se expressam espacialmente.

Na virada dos anos 1930 para 1940, Girão e Martins (1939) publicaram um livro sobre o Ceará, e nele há uma pequena parte dedicada à cidade de Juazeiro do Norte e ao Cariri. Eles basicamente apontam o papel do Padre Cícero no desenvolvimento do município e apontam dados pertinentes quando à economia do município, aos estabelecimentos e sobre o centro da cidade. Segundo os autores, em 1939 "a cidade, na parte mais nucleada, apresenta aspecto moderno, ruas largas e calçamentadas, iluminadas á eletricidade, sempre cheias de uma população laboriosa e ordeira [...]" (GIRÃO; MARTINS FILHO, 1939, p. 257). Com 47 longas ruas, 13 praças e com uma intensa atividade comercial e cultural, Juazeiro do Norte seria, segundo os autores, uma cidade moderna e uma das mais movimentadas do "norte" do Brasil.

A atividade produtiva estava organizada da seguinte maneira: a agricultura feita em menor escala, com a produção de milho, rapadura, arroz, farinha, batatas, mandioca, frutas e algodão era a principal fonte de renda; a indústria, por sua vez, se caracterizava por fábricas de materiais de couro, sapatos, chapeis de palha, fósforos além de duas fábricas de mosaicos e 5 de beneficiamento de algodão; o terciário era composto por "158 casas de comércio, 4 farmácias, 4 panificadoras e 9 casas de diversões" (GIRÃO; MARTINS FILHO, 1939, p. 257).

Semelhante a Lourenço Filho (1926), Girão e Martins Filho (1939), embora sem uma análise profunda, identificam que, nesse período existiriam "duas cidades superpostas uma á outra: a Cidade Santa, dos romeiros e das preces, e a Cidade Econômica, da industria e do comércio, de vida intensa" (GIRÃO; MARTINS FILHO, 1939, p. 257-258).

Essa dualidade da cidade é criticada por Queiroz (1965), pois para ela não é possível separar uma da outra. Dizer que há uma "Cidade Santa" de um lado – a cidade dos romeiros ou a "Juazeiro tradicional" nas palavras Lourenço Filho –, e uma "Cidade econômica" – nas palavras de Lourenço Filho, o "outro Juazeiro" –, é não reconhecer a interdependência entre as atividades religiosas e econômicas – e acrescentaríamos também políticas –, que foram mutuamente influenciadas e influentes na produção do espaço urbano. De fato, o que deve ser

ressaltado é que, ao invés de separarmos, é necessário distinguir, visto que a distinção ajuda na compreensão do real, que é uma unidade dialética.

A década de 1940 apresenta-se como um momento de mudança no "padrão de urbanização brasileira" (OLIVEIRA, 2001, p. 49). É o momento em que o Estado investe profundamente na infraestrutura, buscando integrar o território nacional por meio de uma rede rodoviária para sustentar a estrutura produtiva de base urbano-industrial da acumulação de capital. Era preciso "remover os obstáculos à expansão do capitalismo que se implantava no país" (DAVIDOVICH, 1995, p. 81).

Além disso, o crescimento econômico pretendido com estes investimentos ocorreu. O Produto Interno Bruto (PIB) saltou mais de dez vezes entre 1945 e 1980 (DAVIDOCICH, 1995). Aumenta, nesse contexto, o nível da urbanização, expresso no aumento do número de cidades e das populações nas cidades (OLIVEIRA, 2001). Para se ter uma ideia, em números, entre 1920 e 1940 a população concentrada em cidades passa de 4.552 milhões de pessoas para 6.208.699 (SANTOS, 2008b). Esta década é o início, segundo Santos (2008b) de um segundo grande regime do processo de urbanização do Brasil, diferenciando-se do primeiro longo regime, que segundo ele se estende até a década de 1930[62].

A cidade de Juazeiro do Norte não escapa deste processo. Houve uma aceleração na produção do espaço urbano e a expansão da cidade para as áreas periféricas se deu com mais intensidade. Ainda assim, Nascimento (2000, p. 93) afirma que "em apenas dez anos, de 1940 a 1950, sua paisagem urbana havia se modificado sensivelmente, rareando as casas de meia-água, denotadoras de escassez de recurso para construí-las".

Nesse contexto, muitos migrantes chegaram à cidade. Expandiu-se a construção e a ampliação de novas ruas, a oferta de energia elétrica e água. Novas habitações periféricas foram construídas e a cidade se expandiu mais e mais em direção ao sul. Segundo Barros (1964), Juazeiro entre 1940 e 1950 apresentou um elevado índice de crescimento populacional, de 78,8%, em sua maioria de adventícios, acompanhando o aumento demográfico de 25% registrado no Cariri e de 29% no Ceará como um todo (RABELLO, 1967). A população municipal contabilizou 38.145 habitantes no recenseamento de 1940, dos

[62] Santos (2008b, p. 27) afirma que "a urbanização brasileira conhece, nitidamente, dois grandes regimes, ao longo das diferentes periodizações que se proponham". A periodização que estamos propondo, conforme análise que estamos fazendo, se articula com esses "dois grandes regimes" constatados pelo autor no processo de urbanização brasileira. Isto se dá porque a nossa periodização parte da escala local, e não da escala regional ou nacional, que poderiam ser outras.

quais 30.715 residiam cidade, enquanto que 3.794 e 3.636 moravam nos distritos de Marrocos e Padre Cícero, respectivamente (IBGE, 1950).

Essas migrações resultaram em uma fragmentação da propriedade e, por conseguinte aumento do preço da terra, que entre 1920 e 1942 aumentou em 200%. Esse processo deu-se no Cariri cearense como um todo, sobretudo em Juazeiro do Norte, que passou de 140 propriedades registradas em 1920[63] para 547 em 1942 (ALVES, 1952), alcançando 1.189 em 1960 (RABELLO, 1967).

Desta fragmentação da propriedade fundiária resultou o aumento do custo de vida, dos produtos agrícolas e a desvalorização do trabalho, tanto rural como urbano. A proletarização do pequeno comerciante, que não acompanhou os capitais investidos no comércio, bem como o aumento do preço a moradia (ALVES, 1952), possibilita-nos inferir que essa população, tanto os trabalhadores rurais que migraram para a cidade em busca de emprego, como os que vieram de outros municípios, estabeleceram-se nas periferias da cidade, visto o alto preço da moradia, que sem dúvida se manifestava com maior intensidade no centro da cidade.

No âmbito das atividades econômicas "era o comércio de Juazeiro do Norte [localizado no centro] que oferecia a imagem mais expressiva desse estágio de progresso, com suas principais lojas atraindo uma clientela regional" (NASCIMENTO, 2000, p. 93).

O centro da cidade passou por uma reforma, com o alargamento de algumas ruas, refazendo-se a pavimentação, trocando-se a antiga, que era de pedra tosca, por uma com base no paralelepípedo (fotos 06 e 07). Nessa reforma, foi alterado também o padrão das calçadas, que eram altas e largas[64]. Enquanto o centro da cidade passava por processos de melhoramentos urbanos, na periferia constatava-se o surgimento de habitações de pessoas de baixa renda e com pouca infraestrutura urbana, principalmente de rede de água e energia.

Existe pouca coisa escrita sobre este período. Em 1944, Pierre Monbeig (1952) chamava a atenção para a importância do urbano na cidade de Juazeiro do Norte. Segundo ele, Juazeiro do Norte "é um fenômeno urbano de um tipo especial, que mereceria uma monografia" (MONBEIG, 1952, p. 320). Petrone (1955b), concordando com Monbeig, afirmava que "realmente em todo o Brasil não encontramos outro caso que se assemelhe ao de

[63] Das 140 propriedades registradas em Juazeiro no censo agrícola do IBGE (IBGE, 1920), duas estavam no nome de Padre Cícero. É importante ressaltar que quando sua morte, ele deixa no seu testamento uma série de propriedades para diversas instituições, entre elas a Ordem dos Salesianos.

[64] Sobre essa reforma, ver a nota "Calçando a Cidade" publicada por Renato Casimiro no *blog* Portal de Juazeiro, das quais as imagens fazem parte. Disponível em: <http://www.portaldejuazeiro.com/p/colunas-de-renato-casimiro.html.> Acesso em: 23. mar. 2013.

Juàzeiro do Norte" (PETRONE, 1955b, p. 32). Infelizmente nenhum estudo monográfico[65] foi realizado nesse período, o que teria contribuído imensamente para se entender a estruturação desta cidade. A grande maioria dos trabalhos que faz alguma menção à estruturação da cidade refere-se, quase sempre, ao primeiro período da nossa periodização, mas dão sempre destaque aos agentes, principalmente o Padre Cícero, e o espaço urbano fica ofuscado ou pouco explorado.



Foto 6 - Juazeiro do Norte. Imagem da Rua São Pedro na reforma urbana no centro da cidade em 1945.



Foto 7 - Juazeiro do Norte. Imagem da Rua Padre Cícero na reforma urbana no centro da cidade em 1945.

Fonte: imagens cedidas por Renato Casimiro

Ainda assim, é possível observar, por meio de uma matéria publicada no jornal "Correio de Juazeiro" em 1949, uma síntese da estruturação da cidade e as desigualdades socioespaciais que estavam presentes na década de 1940, dando continuidade aos problemas retratados na década anterior e que permaneceram nas décadas seguintes.

> A entrada de uma cidade é sempre considerada a sala de visitas, entretanto, o viajante que chega em nossa terra por via férrea tem logo uma impressão bastante desagradável, quando vislumbra as muitas palhoças ali existentes, não só pelo desalinhamento e sujisse mas também pela miséria que sofrem os seus habitantes. A miséria que ali existe é indescritível. Os seus habitantes suportam toda sorte de provações. Amanhecem e anoitecem dentro da miséria. Não é de se estranhar que assim aconteça, pois que os seus habitantes são todos operários pobres, desprotegidos da sorte. Todavia, solicitamos as vistas do Sr. Prefeito para tal caso, não para amenisar os sofrimentos daqueles infelizes mas sim no sentido de fazer dali um bairro que não faça vergonha a nós Juazeirenses (CORREIO DE JUAZEIRO, 1949, *apud* RAMOS, 2000, p. 110).

Observa-se uma crítica ao poder público ao mesmo tempo que uma descrição de como estava posta a estrutura espacial urbana na que concerne à periferia da cidade. Aqui há uma

[65] Estamos nos referindo aqui às monografias urbanas, estudos clássicos sobre as cidades que eram muito praticados na França e no Brasil até a primeira metade do século XX.

ligação direta com o que Odísio (2006) relatou quatorze anos antes desta publicação de jornal. A linha férrea aparece como um "divisor de águas", visto que era além ao seu redor e além dela que a periferia se constituía e se expandia.

Essa área ao redor da Estação Ferroviária de Juazeiro do Norte é o bairro do Arisco, espaço da cidade que "para a sociedade local, as pessoas que lá residiam eram de baixa conduta, enodoando o conceito de quem ousasse penetrar [...] naquele meio" (SOBRAL, 1992, p. 21). No dizer de Ramos (2000, p. 110) "[os] contrastes entre pobres e ricos emergiam nas segregações da malha urbana [e] [...] no fim da década de quarenta, continuava a crescer o número de ruas e becos das regiões periféricas".

É também, nos anos 1940, que agentes econômicos como Antonio Pita, que foi interventor durante quase toda a ditadura Vargas, no período de 1937-1943 – filho de Fenelon Pita, um dos pioneiros na industrialização de Juazeiro do Norte –, e José Bezerra de Menezes, patriarca dos Irmãos Bezerra, atuam na produção da cidade, juntamente como José Geraldo da Cruz. Desde a década anterior, estes agentes vinham promovendo a produção do espaço urbano, visto que faziam parte da elite local.

Antônio Pita, por exemplo, era o comerciante mais rico da cidade. Era, nessa época, o único proprietário de usina de beneficiamento de algodão. Possuía terras e tinha a concessão para prover a cidade de energia elétrica, além de monopolizar o comércio de ouro e ser o maior agiota do lugar (LEMENHE, 1996[66]).

Mas são os Irmãos Bezerras os que, talvez, tenham promovido de forma mais clara a produção da cidade. Herdando um patrimônio considerável do patriarca da família, que se constituía em imóveis rurais, animais e edificações e terrenos urbanos, além do controle do Banco do Juazeiro, essa família vai numa crescente, ao longo desse segundo período da nossa periodização, dominar o poder econômico e político em Juazeiro do Norte durante mais de 20 anos[67] e, em seguida, ampliar à escala do estado do Ceará (LEMENHE, 1996).

Inicialmente herdam um capital simbólico que prevalecia sobre o econômico – ao menos no período que viveu José Bezerra. Esse capital simbólico do qual nos fala Lemenhe (1996) se refere à construção histórica da família, baseada em personagens que atuaram em

[66] Lemenhe (1996) não cita o nome de Antônio Pita. Mas cruzando o contexto histórico das informações que ela oferece com outras disponíveis em outros livros, supõem-se que é dele que ela fala.

[67] As influências políticas dos Irmãos Bezerras em Juazeiro do Norte iniciam-se em 1947, com um dos filhos de José Bezerra é eleito vereador municipal. Com a ajuda deles, José Geraldo da Cruz é eleito prefeito municipal em 1954. De forma mais direta, entre 1962 e 1982, todos os candidatos que pertenciam ao partido do qual os Bezerras faziam parte, ganharam as eleições para prefeito municipal. Em 1988 esse domínio começa a entrar em crise, quando o candidato apoiado pelos irmãos perde as eleições (LEMENHE, 2006).

eventos políticos importantes desde o Brasil Império. O capital econômico é subjugado em relação ao político, e só é desenvolvido por meio dos filhos e após a morte do patriarca, com investimentos industriais em usinas de beneficiamento de algodão de óleos vegetais, e na esfera financeira.

Nos anos 1940-1950, período o qual no Brasil "os nexos econômicos ganham enorme relevo e impõem-se às dinâmicas urbanas na totalidade do território (SANTOS, 2008b, p. 27), vê-se em Juazeiro a instalação de novos sistemas urbanos de engenharia que passam a contribuir com a produção espacial da cidade. É ampliada a distribuição da energia elétrica na cidade com a compra de três geradores, são instalados telefones automáticos com o Centro Telefônico Municipal, mais ruas e logradouros são pavimentados, novas pontes e monumentos são construídos, como o Arco dos Salesianos, àquela época na entrada da cidade (MACHADO, 1954).

Em meados dos anos 1950, mais precisamente no ano de 1954, é inaugurado o aeroporto da cidade de Juazeiro do Norte. No ano de 1933, o Padre Cícero havia feito uma doação para ao Ministério de Guerra para a construção de um Campo de Aviação em uma área distante da cidade, nas proximidades de onde hoje está localizado o Estádio Municipal Mauro Sampaio (O Romeirão) e o Cariri Garden Shopping. Porém, o aeroporto foi construído em outra área que não aquela onde funcionara, até o final dos anos 1940, o Campo de Aviação. Essa outra área, que é onde está construído o Aeroporto Regional do Cariri hoje, distava à época 6 km da cidade e 4 km da linha férrea. Os voos, que começaram de maneira freqüente a partir de 1959 com grandes aeronaves, faziam a rota Rio-Fortaleza, passando por Pernambuco, Bahia e Minas Gerais[68].

Esse tipo de sistema de engenharia compõe o processo de modernização do território brasileiro, chamado por Santos (2008b) de "período técnico-científico", que inicia sua primeira fase após a Segunda Guerra Mundial. O Brasil firma-se como um exportador de produtos agrícolas e industriais para o estrangeiro. Visando a integração nacional, a mecanização do território se dá por um ousado programa de investimentos em infraestrutura com base na construção de estradas de rodagem, a interligação das estradas de ferro que visavam por em contato as diversas regiões do Brasil entre si e com a região concentrada (SANTOS, 2008b).

---

[68] Um pouco da história do Aeroporto de Juazeiro do Norte está disponível em <http://www.portaldejuazeiro.com/2010/11/o-campo-de-aviacao-de-juazeiro-do-norte.html>. Acesso em 12. Jan. 2013.

A concentração demográfica nas cidades, neste período, aumenta substancialmente. Juazeiro do Norte apresenta-se no Recenseamento Geral de 1950 como o "único município do interior do Ceará cuja população rural é inferior à urbana" (IBGE, 1959, p. 334), isto é, do ponto de vista demográfico, "Juàzeiro [...] é praticamente um município urbano" (PETRONE, 1955b, p. 20), com a maior parcela da população concentrada no distrito-sede, ou seja, na cidade. Em números, o Recenseamento de 1950 contabilizou uma população de 56.146 habitantes, fazendo com que o município de Juazeiro do Norte ocupasse naquele momento a posição de 4º lugar entre os municípios mais populosos do Ceará. A população rural do município era de 13.325 habitantes, equivalendo a 23,73%, enquanto que 42.821 eram a população urbana, referente a 76,27% do total municipal. As estimativas para 1959 era o município ter alcançado os 71.323 habitantes, dos quais 53.840 viviam no distrito-sede (IBGE, 1959).

Mesmo a maior parte da população do município morando na cidade, eram as atividades relacionadas à agricultura que empregavam a maior parte a população ativa, com 49,32%, enquanto que a indústria ocupava 37,88% e os serviços com 13,79% (IBGE, 1959). Todavia, "o progresso de Juàzeiro do Norte apóia-se na sua indústria" (IBGE, 1959, p. 335).

A atividade industrial destacava-se entre as demais, quanto ao papel no crescimento econômico da cidade. Das pequenas oficinas, ourivesarias, engenhos de rapadura, casas de farinha, fabricação de calçados, mosaicos, fabricação de móveis de madeira, curtumes, de fogos, de armas, produção de sabão, produção de óleo de caroço de algodão entre outras, até as empresas maiores, como as usinas de beneficiamento de algodão – que existiam três, a Anderson Clayton & CIA. Ltda, CIA P. Machado e a Fábrica Pita – nota-se a importância da indústria na dinâmica urbana. No total, são contabilizados 274 estabelecimentos fabris, desde os menores até os de maior porte (IBGE, 1959). Do ponto de vista das relações entre escalas geográficas, as relações econômicas por meio da exportação de produtos agrícolas do município se davam com Recife, Campina Grande e Fortaleza.

O comércio de Juazeiro mantinha relações econômicas em escalas mais amplas. O intercâmbio comercial se dava com as praças citadas anteriormente, além de São Paulo e Rio de Janeiro. Foram contabilizados no recenseamento de 1950, 403 estabelecimentos de comércio varejista e 30 atacadistas. Nos serviços, foi possível constatar quatro agências bancárias, uma agência de Correio e Telégrafos, ao passo que no que se refere aos transportes e às comunicações, era o transporte aéreo, o ferroviário e o rodoviário (IBGE, 1959) que

ligavam Juazeiro à escalas geográficas mais amplas, inserindo-a, mesmo que tardiamente, ao período técnico-científico.

Em relação à estrutura urbana, a cidade de Juazeiro do Norte possuía na segunda metade da década de 1950

> 79 logradouros, dos quais 37 pavimentados (14 inteiramente e 23 parcialmente) a paralelepípedos, pedras irregulares e outros tipos, sendo 43 arborizados, 1 arborizado e ajardinado, simultaneamente. O número de prédios ascende a 13 433, com 10 525 residenciais, 1 080 simultaneamente residenciais e para outros fins e 1 989 exclusivamente para outras finalidades. Dêsses, 5 são de dois pavimentos e um de 3. Servida a cidade por iluminação pública e particular, em 1956 havia 4 246 prédios iluminados [...] A população citadina se abastece de água por meio de um chafariz público, de propriedade da Prefeitura Municipal. Como meio de hospedagem há na cidade 17 hotéis e uma pensão [...] 41 automóveis, 62 caminhões e 9 ônibus. A cidade é dotada de empresa telefônica, sistema automático, com 459 aparelhos instalados, sendo 3 a serviço da própria empresa, 14 de repartições públicas, 4 a serviço do público e 438 servindo a particulares. Possui um serviço regular de ônibus interurbano (IBGE, 1959, p. 337).

Nessa época, aproximava-se a chegada da energia elétrica vinda da Paulo Afonso. Foi justamente, no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, no mandato do prefeito Antônio Conserva Feitosa, que Juazeiro do Norte e o Cariri receberam os primeiros fios de energia elétrica que só posteriormente seriam ampliados até à capital Fortaleza (CEARÁ, 1965).

Mas ainda na década de 1950, permanecia a estruturação urbana centro-periférica, baseada numa concentração única, isto é, com o centro da cidade concentrando toda a oferta de comércio e serviços, além de ser o espaço privilegiado pela elite local no que diz respeito à habitação[69] (figura 5). Em 1951, uma matéria do Jornal do Cariri relatou o preço alto das habitações, "os imóveis do centro da cidade valorizam-se ano a ano. Os alugues são constantemente majorados [intensificando] a marcha para os subúrbios" (JORNAL DO CARIRI, ano I, n. 28, 1951, p. 1, *apud* GOMES, 2013, p. 29)[70].

Esse cartograma (figura 5) destaca apenas as principais ruas da cidade em meados dos anos 1950, o que dá uma aparência reduzida do espaço urbano. Entretanto, como foi ressaltado em parágrafos anteriores, é importante lembrar que Juazeiro do Norte contabilizava nesta época cerca de 56.840 habitantes urbanos, a maior população urbana de um município do Estado do Ceará excluindo-se a capital Fortaleza.

---

[69] Nesta época, alguns clubes que eram frequentados pelas elites e pelos que possuíam melhores condições financeiras já se localizavam em espaços distantes do centro da cidade (GOMES, 2013).

[70] Este aumento dos aluguéis dos imóveis do centro da cidade estava atrelado ao aumento do custo de vida em geral no Vale do Cariri cearense, e, em particular, ao encarecimento da moradia, principalmente nas cidades e Juazeiro do Norte e Crato (ALVES, 1945, 1952).

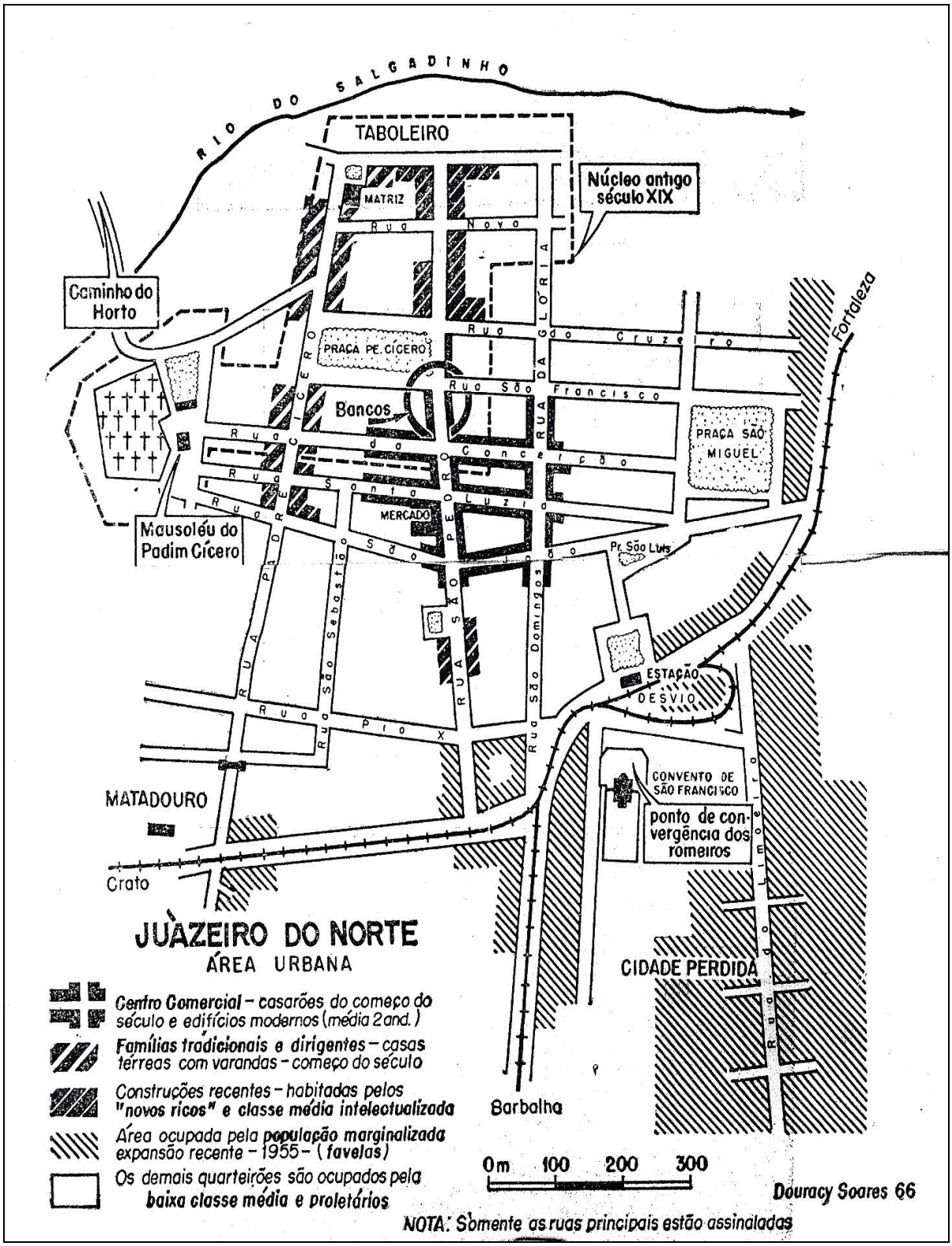


Figura 5 - Juazeiro do Norte. Cartograma da organização espacial da cidade em 1955, somente com as principais ruas.

Fonte: Soares (1968)

Mas o que chama mesmo a atenção neste cartograma é a divisão social do espaço que é retratada de maneira clara. Pode-se observar que há um destaque ao núcleo antigo, que era ainda habitando pelas famílias tradicionais e dirigentes, com construções do início do século XX. Ainda no núcleo antigo podem ser observadas as construções recentes, dos novos ricos e habitados pela "classe média" intelectualizada. Um pouco mais na parte central da figura, pode-se observar o centro comercial da cidade, ou simplesmente o centro.

Se nos anos 1920 o centro da cidade estava circunscrito aos arredores da Praça Padre Cícero como destacou Ribeiro (2011), na década de 1950 já é perceptível a expansão do centro que se deu ao longo dos anos 1930-1940. A Rua São Pedro que, nos anos 1920, não tinha estabelecimentos comerciais, figura com destaque, estando ai localizado os diversos estabelecimentos de comércio e serviços, com os bancos recebendo um destaque na imagem na parte circulada. Outras ruas também passaram a ser integradas na expansão do centro, como a Rua São Paulo, da Conceição, Santa Luzia e uma parte da São João. Nas proximidades do centro, no que se convencionou nominar de "área pericentral", estão as classes mais baixas e os proletariados.

Destacamos, ainda, que no início da década de 1950, os comerciantes do centro da cidade entraram em conflito com os feirantes que ainda realizavam a feira nos arredores da Praça Padre Cícero em alguns trechos das ruas São Pedro, São Paulo e Santa Luzia aos sábados. Foi formulado, então, um abaixo assinado pelos comerciantes na tentativa de "organizar o centro da cidade" transferindo a feira para áreas mais afastadas "visando as suas vendas e o controle do espaço da Praça Padre Cícero, cartão postal da cidade" (GOMES, 2013, p. 35).

Vemos como as descrições realizadas por Odísio (1935) e a matéria do Jornal Correio de Juazeiro, de 1949, estão materializadas na morfologia da cidade expostas na figura 5. Esta figura possibilita lembrar a importante contribuição de Villaça (2009). Ao falar dos setores ferroviários na estruturação das cidades no Brasil, Villaça (2009) analisa as direções de expansão urbana, e conclui que os setores ferroviários ao logo da expansão territorial das cidades são "predominantemente ocupados por população de baixa renda [e que a ferrovia influencia, além disto] a distribuição das camadas sociais" (VILLAÇA, 2009, p. 105-106) no processo de estruturação das cidades.

Podemos visualizar que as populações mais marginalizadas, formadas pela grande maioria por migrantes pobres que historicamente se instalaram nos arrabaldes da cidade, se

encontram justamente acompanhando o prolongamento da linha férrea. Observa-se o Desvio e a Cidade Perdida, nas proximidades do Convento de São Francisco – conhecida popularmente como Igreja dos Franciscanos – como as partes de maior destaque no que se refere à população marginalizada. O Caminho do Horto, também uma área marginalizada da cidade, com habitações precárias, não está figurando na imagem, mas é reconhecido pelo autor do cartograma como uma área periférica e precária.



Foto 8 - Juazeiro do Norte. Rua Padre Cícero, no centro da cidade em meados dos anos 1950.



Foto 9 - Juazeiro do Norte. Rua Padre Cícero, no centro da cidade em meados dos anos 1950.



Foto 10 - Juazeiro do Norte. Vista geral da cidade a partir na década de 1950.

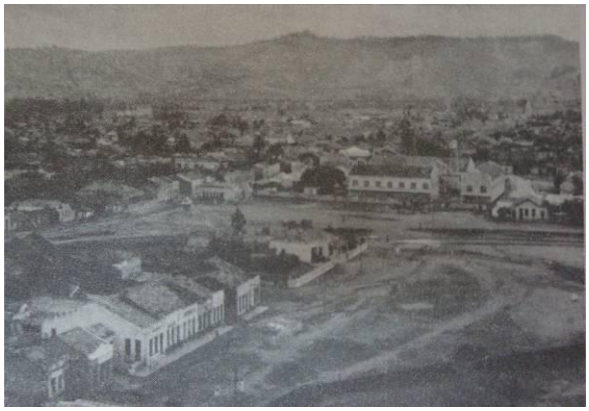


Foto 11 - Vista área das proximidades da linha férrea e do Convento dos Franciscanos.

Fonte: Álbum de Juazeiro do Norte (1951) para a foto 08; IBGE (1959) demais fotos.

Se, nos anos 1950, inicia-se o que Santos (2008b) chama de uma revolução urbana brasileira consecutiva à revolução demográfica, os anos 1960 chegam com transformações substanciais do ponto de vista espacial. No âmbito da escala nacional, é com o Golpe Militar de 1964 que se criam as condições para a rápida integração do Brasil a um movimento de internacionalização da economia, configurando a aceleração da primeira fase de integração do território brasileiro, iniciada após a Segunda Guerra Mundial, que durou até os fins dos anos 1960 (SANTOS, 2008b). É o que Davidovich (1995) chamou de "modernização

conservadora", que produziu grandes transformações na economia, na divisão social do trabalho e nas cidades.

É esse o momento que chega, ao Ceará, a energia elétrica vinda de Paulo Afonso na virada dos anos 1950 e 1960. Resultado de esforços empreendidos pelas elites locais, a energia elétrica chega primeiro ao Cariri, em Juazeiro do Norte e Crato, e depois em Fortaleza. Tal evento é considerado como um dos principais acontecimentos do século XX no que tange à cidade de Juazeiro do Norte, pois tornou mais fácil a articulação da cidade em escalas mais amplas de forma mais veloz, integrando-se de vez ao que Santos (2008b) chamou de período "técnico-científico e informacional". Marques (2010), que presenciou o evento, assim o relata, mostrando entre outras coisas, as principais mudanças na vida social da cidade que também acabaram por ter impactos também nas mudanças econômicas com a inserção de novas lojas no comércio para atender a demanda dos novos produtos. Segundo ele

> A chegada da energia de Paulo Afonso foi um marco no desenvolvimento de nossa cidade. Juazeiro foi a primeira cidade do Ceará a receber essa energia. Desde então houve uma grande transformação em Juazeiro e no modo de viver dos juazeirenses. A primeira transformação foi a substituição dos acanhados postes de madeira, e sua iluminação fraca, por bonitos postes de concreto armado com lâmpadas brilhantes. Os postes eram fabricados na Cavan, uma fábrica de pré-moldados instalada nas cercanias do bairro dos Franciscanos, hoje bairro Pirajá. Outra transformação imediata foi a desativação dos enormes geradores de energia, se não me engano em número de quatro, instalados num galpão na esquina das ruas São Pedro e Alencar Peixoto, e que funcionavam só no período das 18 às 21 horas. A nova energia era ininterrupta e não servia apenas para iluminação. Com ela foi possível adquirir as modernas maravilhas de eletrodomésticos já existentes nas capitais e que faziam a cabeça das donas de casa das classes média e alta da cidade. Foi uma correria às compras de geladeiras, enceradeiras, liquidificadores, batedeiras de bolo, ferros de engomar, ventiladores... Paralelamente, foram substituídos o candeeiro, a lâmpada petromax, o ferro de engomar a carvão, a geladeira a querosene, e até as velas de cera que iluminavam os quadros e as imagens de santos durante à noite. Os cinemas mudaram o horário de exibição de filmes: de uma única sessão às 19:00h passaram a ter duas sessões uma às 18:30h e outra às 20:30h, esta só para maiores de 14 anos, mesmo que o filme fosse censura livre. Os bares e restaurantes também passaram a funcionar até altas horas e novos bares, restaurantes e sorveterias foram inaugurados. Também as escolas públicas já podiam ter aulas no período noturno, beneficiando as pessoas que trabalhavam durante o dia. A praça Padre Cícero recebeu uma nova iluminação e passou a ser mais frequentada, principalmente por jovens namorados nos fins de semana. As lojas comerciais da rua São Pedro aderiram à novidade das placas luminosas. Os cinemas colocaram vitrines para expor os cartazes dos filmes em exibição, substituindo os velhos cavaletes de madeira instalados nas esquinas das ruas próximas aos cinemas, e que tinham os nomes dos filmes e dos artistas principais escritos com tinta a óleo. O cine Capitólio, localizado onde atualmente existe o Bradesco, foi inaugurado nessa época com o seu nome estampado num colorido letreiro em néon, como já existia nos cinemas chics das capitais. Aliás, esta foi a época de ouro do cinema em Juazeiro, e merece um comentário específico de alguém que a vivenciou plenamente. Nos meados da década de 60, o sinal da televisão de Recife começou a ser captado em Juazeiro. De início de forma precária, com mais chuviscos do que imagem. Mesmo assim muita gente comprou os

> primeiros aparelhos de televisão que chegavam às lojas. Afinal de contas, ter um aparelho de televisão na sala principal da casa era símbolo de status. Em pouco tempo a imagem da televisão já podia ser captada com boa nitidez e no final da década, em julho de 1969, pudemos assistir à transmissão ao vivo do grande acontecimento mundial da chegada do primeiro homem à lua. Ao mesmo tempo em que o comercio se desenvolvia, com a instalação de várias lojas de eletrodomésticos, começaram a ser instaladas as médias indústrias, dando início ao grande progresso que Juazeiro tem apresentado desde então[71].

No âmbito das atividades econômicas, Rabelo (1967) informa que, em 1961, Juazeiro contabilizava quatro estabelecimentos de crédito: a sede do Banco do Juazeiro S.A – que depois se tornaria BicBanco –, uma agência do Banco do Brasil, uma do Banco do Nordeste e uma do Banco de Crédito Comercial. A estrutura financeira, em relação ao recenseamento de 1950 não se altera e não sofrerá grandes alterações nos anos posteriores. Ainda na década de 1960, Soares (1968) observa uma quantia de cinco agências bancárias, e somente no início da década de 1970 é que esse quadro muda novamente, quando a cidade apresenta, em 1972, seis agências (SOUZA, 1977).

Isto é, entre os anos 1950 e 1970, instalam-se apenas duas agências bancárias. É importante ressaltar que desde 1940 o sistema bancário se expande no Brasil, mas com pequenos bancos locais e regionais – dentre eles o Banco do Juazeiro nesta cidade –, e que mesmo no início da década de 1960, ainda é possível observar uma fraca integração nacional por parte do sistema financeiro. Somente em meados da década de 1960 é que ocorre uma reforma do sistema financeiro nacional, verificando-se, a partir daí, "um processo de concentração/dispersão, com a diminuição progressiva do número de bancos e o aumento, também progressivo, do número de agências" (CORREA, 2008, p. 64). Fruto desse processo, o Bradesco instala sua primeira agência em Juazeiro em 1972, e o Banco do Juazeiro se transforma em Banco Industrial e Comercial em 1974. Este é o momento, em âmbito nacional, da segunda fase do processo de mecanização do território nacional (SANTOS, 2008b), sendo a modernização dos sistemas de telecomunicações uma das facetas deste processo.

No que tange aos estabelecimentos varejistas e atacadistas, Souza (1977) afirma que, segundo dados do IBGE, Juazeiro do Norte possuía em 1968, 88 estabelecimentos atacadistas e 926 varejistas, sendo, portanto, o segundo maior pólo comercial do Estado do Ceará e o primeiro do interior do Estado. Já Bernardes (1969) afirma que comércio de Juazeiro do Norte

---

[71] Esse depoimento está disponível no *blog* "Juazeiro anos 60" no link: <http://juazeiroanos60.blogspot.com/search?updated-min=2010-01-01T00%3A00%3A00-08%3A00&updated-max=2011-01-01T00%3A00%3A00-08%3A00&max-results=6>. Acesso em: 12 set. 2012.

já contabilizava mais de 1.000 estabelecimentos varejistas e em torno de 70 atacadistas, segundo dados fornecidos pela Prefeitura Municipal. Esses dados conferem a esta cidade uma influência regional, visto que se consolida ao longo dos anos como um importante centro de comércio varejista do Ceará e do Nordeste.

No início da década de 1960 na escala do estado, inicia-se o que Barreira (1996) chama de segundo grande ciclo do poder[72], conhecido como o período do "coronelismo", devido às alianças entre os coronéis Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals. É o período em que os Irmãos Bezerra iniciam a hegemonia e o controle sobre a política local em Juazeiro do Norte e, posteriormente, sobre a estadual. Humberto Bezerra de Menezes é o primeiro membro da família Bezerra de Menezes a ser eleito Prefeito Municipal de Juazeiro do Norte, exercendo o cargo entre 1963-1966. Antes desse período, outros membros da família foram eleitos para cargos de vereador e deputado estadual, influenciando assim eleições anteriores de outros candidatos (LEMENHE, 1996).

Novos capitais fixos foram instalados no espaço urbano nos anos 1960, destacando-se a rede de energia elétrica e a distribuição de água na cidade, novas escolas e praças. No âmbito da infraestrutura urbana, segundo Nascimento (2000, p. 98), foram calçados "72.251 metros quadrados de vias públicas e 7.000 metros de recuperação, afora 65.000 metros de terraplanagem". Bezerra (1995, p. 75) afirma que, "as ruas foram calçadas, todas, até a linha férrea".

Esse é o período que segundo o memorialista Daniel Walker, "Juazeiro deu início à sua modernidade"[73]. A Rua São Pedro, no trecho entre as ruas São Francisco e Conceição era conhecido como "Quarteirão Sucesso", pois era ali que "ficavam as lojas mais destacadas, principalmente as de tecidos, de presentes, de confecções, de moda. Se não fosse aí, algumas outras estavam ainda dispersas pela mesma Rua São Pedro, mas por perto" (CASIMIRO, 2011, sem paginação)[74]. Nesse mesmo trecho novas lojas, como a "A Vencedora", iniciaram a alteração do padrão construtivo, sendo a primeira na cidade com quatro pavimentos (foto 12).

---

[72] Para Barreira (1996) existiram três grandes ciclos de poder na cena política cearense. O primeiro foi no início do século XX, entre as oligarquias dos Accioli, dos Rabelo e com o Padre Cícero; o segundo, no início dos anos 1960, é o período do "coronelismo", devido às alianças entre os coronéis Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals; e o terceiro é no final dos anos 1980, com a chegada dos empresários ao poder, representados por Tasso Jereissati.

[73] Daniel Walker, entrevista concedida em 09 jul. 2012

[74] Disponível em: <http://www.portaldejuazeiro.com/2011_11_01_archive.html>. Acesso em 17 jul. 2013.



Foto 12 - Juazeiro do Norte. Rua São Pedro, centro da cidade na década de 1960.
Fonte: www.portaldejuazeiro.com

Mas os contrastes não deixaram de existir. Barros (1964, p. 582) afirma que "em Juàzeiro do Norte só no centro é que melhoram as construções, e apenas duas ou três ruas têm aparência mais próspera, com habitações confortáveis e casas comerciais mais bem aparelhadas". Isto é, a periferia constituía-se, ainda, como um espaço dos pobres, dos despossuídos, dos proletariados.

Observa-se novamente que a linha férrea aparece como a barreira entre a área dotada de infraestrutura urbana, próxima ao centro, e a periferia. Visualiza-se, desta forma, uma segregação socioespacial que se constitui enquanto mescla de expressões objetivas e subjetivas, como abordou Sposito (2013a), sendo a linha férrea e as crenças, ações, ideologias, como determinações objetivas e subjetivas, respectivamente[75]. Assim,

> [...] Ali na periferia da cidade você não tinha estrada de acesso, não tinha [...] Olha, ali na periferia da cidade não tinha ruas, não tinha luz e não tinha água, Juazeiro terminava na linha do trem, passou da li, a gente chamava "arisco", um termo pejorativo. Nem as pessoas de lá vinham pra cá nem as daqui iam pra lá [...][76].

[75] Repitamos uma passagem já escrita anteriormente, mas que serve bem para explicar como isso se deu em Juazeiro do Norte. "para a sociedade local, as pessoas que lá residiam [na periferia] eram de baixa conduta, enodoando o conceito de quem ousasse penetrar [...] naquele meio" (SOBRAL, 1992, p. 21).
[76] Daniel Walker, entrevista concedida em 09 jul. 2012

Soares (1968, p. 37) apresenta um panorama mais problemático, quando destaca que tanto "no quadro urbano ou na periferia urbana as „favelas" proliferam e, nas ruas, praças, feiras, portas de bares, cafés e cinemas os pedintes disputam, agressivamente a caridade pública". Com maioria da população pobre se concentrando na cidade, a mendicância pode ser vista mesmo nas ruas do centro, como já relatava Odísio (2006) em 1935. Já na periferia,

> [...] a rua do Horto, o Desvio, a Cidade Perdida em Juàzeiro do Norte, áreas pobres, resultantes de uma expansão vertiginosa motivada, principalmente, pelas secas que atingiram os sertões semi-áridos, sobretudo, aquela de 1958. Expansão desordenada, bairros sem água ou esgoto canalizados e que agravam, consideravelmente, os problemas (SOARES, 1968, p. 51).

A figura 6 mostra ao mesmo tempo a morfologia da cidade numa escala mais ampla, com algumas imagens do "Desvio" – uma parte da periferia destacada em vermelho – nos arredores da via férrea. As imagens são de um vídeo de autoria desconhecida, registradas em 1968.

Essa era a situação de grande parte da periferia da cidade, visto que parcela significativa da "população na idade de trabalho; est[ava] [...] concentrada, sobretudo nos subúrbios da cidade" (RABELLO, 1967, p. 60). Em outra áreas, também periféricas, como na Rua Padre Cícero, nas proximidades da linha férrea, foram se instalando indústrias de maior porte, entre elas a CIROL do Grupo Bezerra de Menezes e a ICASA/S.A, de propriedade de José Feijó de Sá, dando um outro sentido ao espaço periférico. Inicia-se nessa época, segundo Beserra (2010) um período de industrialização planejada que vai de 1960 a 1980 com o apoio da SUDENE, tendo como marco do Projeto Asimov[77] de Industrialização do interior do Ceará. Tal projeto consistia em "fomentar o desenvolvimento industrial da região, com base no beneficiamento e na transformação de produtos do setor primário" (ARAÚJO, 2006, p. 90). Muitas empresas foram beneficiadas com este projeto, mas que acabou fracassando ao longo dos anos.

[77] O Projeto Asimov foi um projeto desenvolvido em pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em parceria com a Universidade da Califórnia (UCLA), o Banco do Nordeste, a SUDENE entre outros, sob coordenação do prof. Morris Asimov, da UCLA.

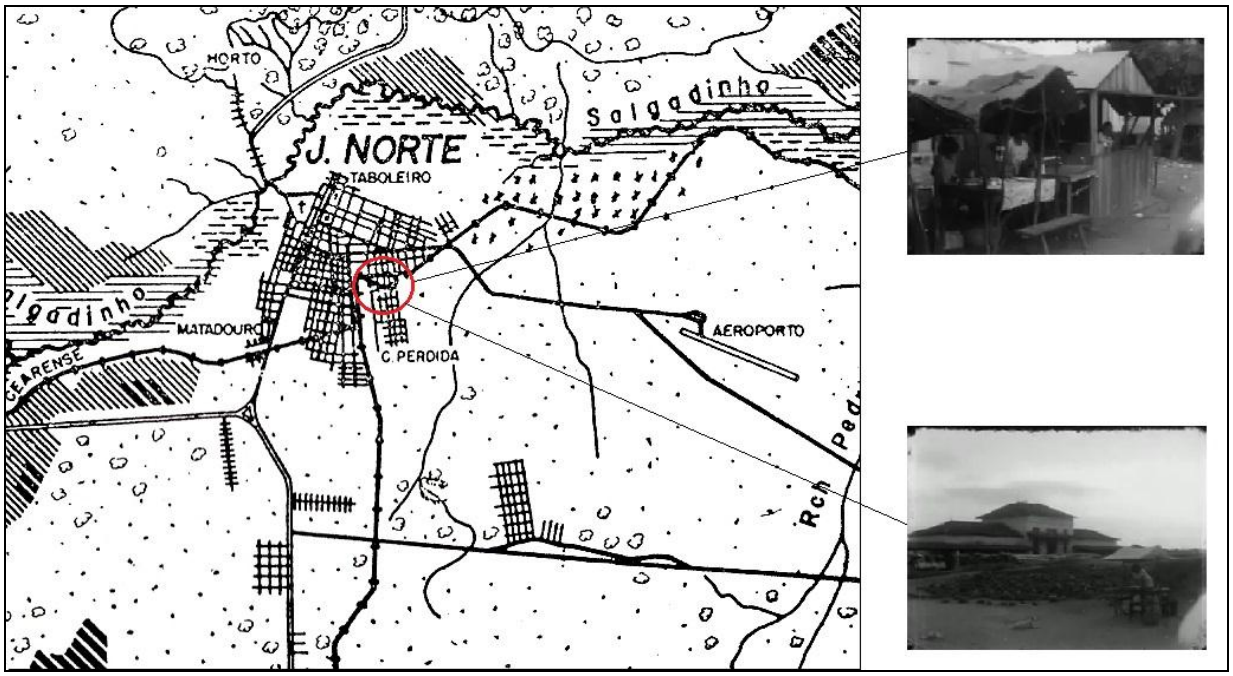


Figura 6 - Juazeiro do Norte. Visualização da morfologia da cidade e de outros aglomerados transformados em bairros anos depois.
Fonte: Soares (1968); imagens de curta metragem de autor desconhecido[78]
Adaptado por Cláudio Smalley Soares Pereira (2013)

Nesse âmbito, muitas indústrias de médio e grande porte passam a se instalar na rodovia que liga Juazeiro do Norte ao Crato a partir do final da década de 1950, na qual a empresa de beneficiamento de algodão da qual José Feijó de Sá era proprietário, a ICASA/ SA, é um exemplo. Além do conteúdo social de segregação, que vem desde o início do povoado, a periferia assume também um conteúdo econômico por causa da atividade industrial.

É possível observar ainda na imagem anterior certa descontinuidade do ponto de vista da morfologia urbana. A cidade apresenta um aspecto compacto com a linha férrea funcionando como uma fronteira. É notória, também, a distância entre o tecido urbano e o aeroporto, como já relatamos em linhas anteriores. Podemos visualizar alguns assentamentos nas áreas mais distantes que estão próximas das rodovias, como nas proximidades da rotatória do triângulo, e na pista para o Sul, em direção à Barbalha. Infelizmente não conseguimos informações para saber se essas áreas faziam parte do perímetro urbano na época ou se eram área rural. Todavia, passaram a ser incorporadas ao tecido urbano, no decorrer dos anos 1970-1980, e serão paulatinamente ocupadas e transformadas em bairros.

[78] O vídeo, que tem cerca de 7 minutos, e sem áudio, pode ser visualizado neste link: <http://www.portaldejuazeiro.com/2010/11/juazeiro-do-norte-ceara-em-1968.html>. Acesso em: 13 mar. 2013.

São essas áreas mais distantes que vão dar origem a bairros como o Triângulo, hoje um dos bairros mais valorizados da cidade devido à sua proximidade com o eixo comercial na Av. Padre Cícero que liga Juazeiro do Norte ao Crato, próximo também ao Cariri Garden Shopping, e o Bairro Lagoa Seca, onde estão sendo construídos condomínios fechados e onde a verticalização, embora ainda incipiente, acentua-se.

Reduzindo a escala, a estrutura espacial da cidade pode ser visualizada com mais clareza com duas imagens da periferia em locais distintos (figura 7), em que as setas verdes indicam a direção da expansão da cidade, e a foto 13 é uma panorâmica da cidade, vista a partir de uma das torres da Igreja dos Franciscanos em 1964, nas proximidades da linha férrea.

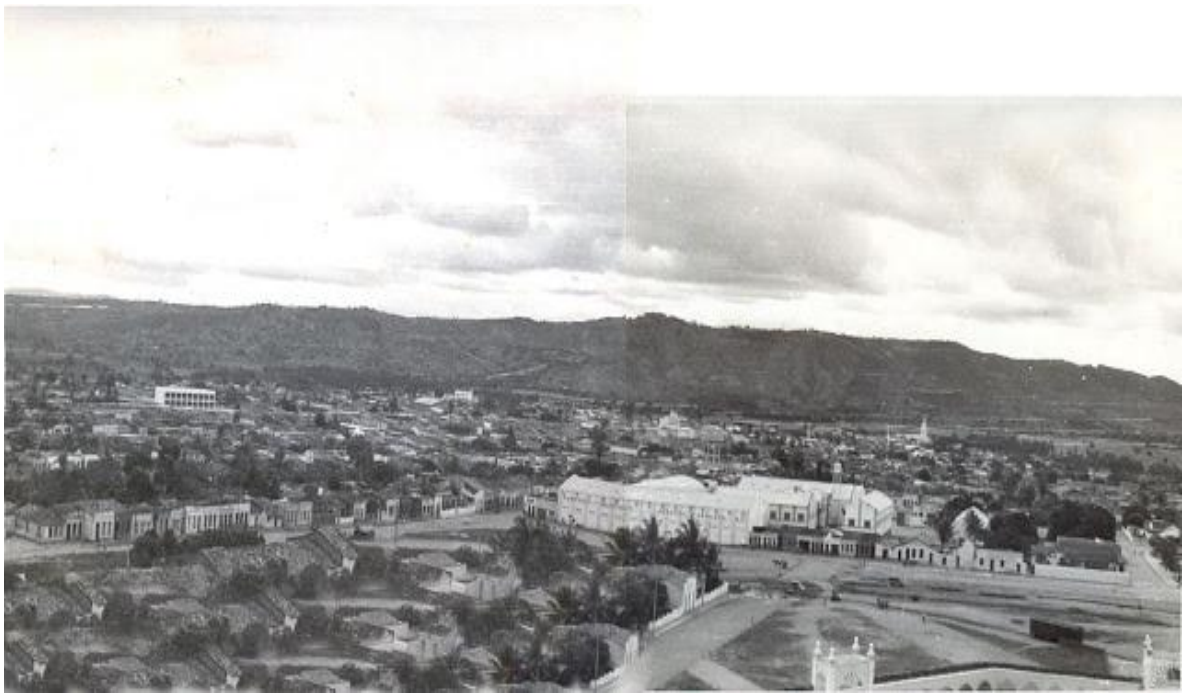


Foto 13 - Juazeiro do Norte. Panorâmica da cidade vista dos Franciscanos, em 1964.
Fonte: http://colunaderenato.blogspot.com.br/2012/05/03.html

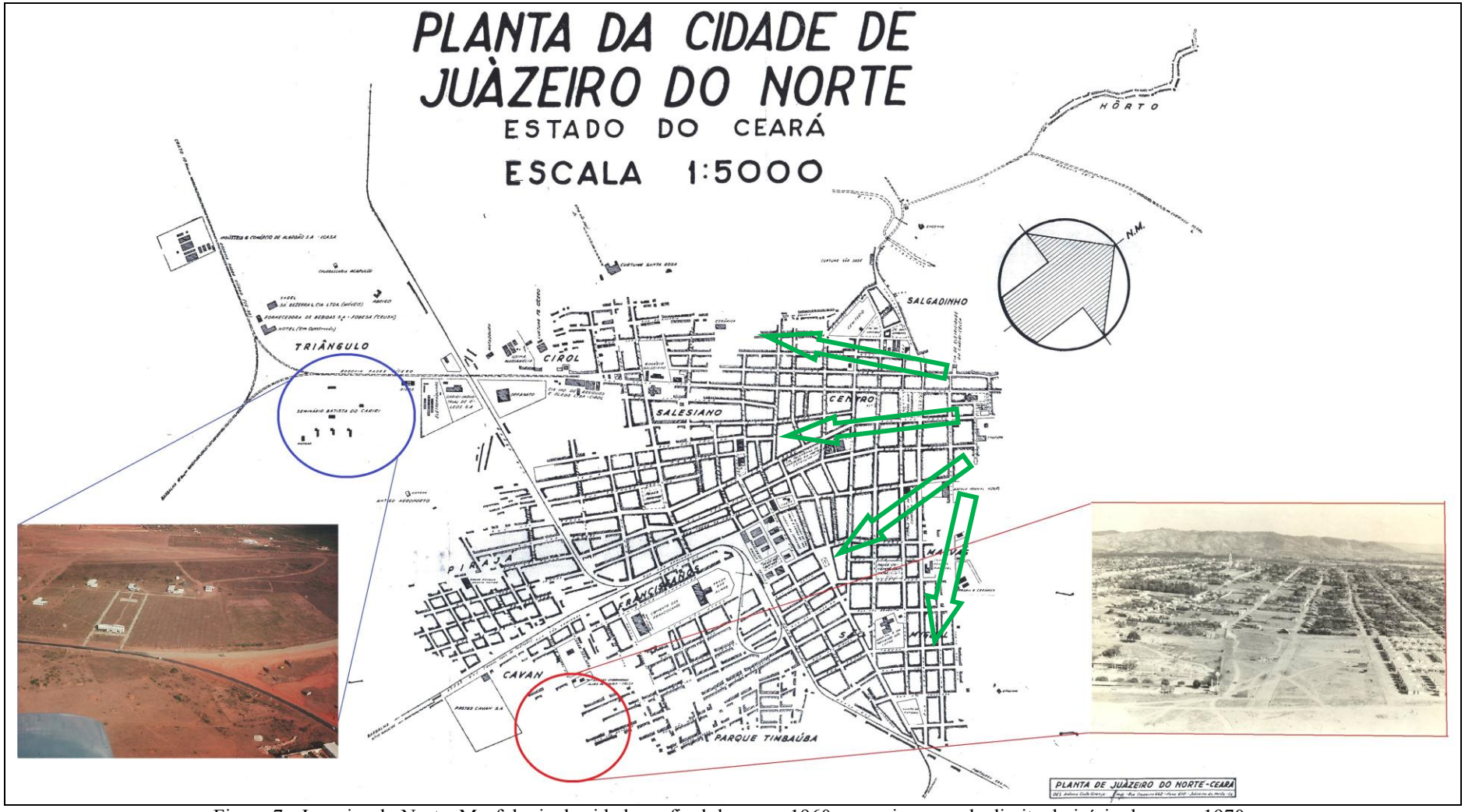


Figura 7 - Juazeiro do Norte. Morfologia da cidade no final dos anos 1960 com a imagem da direita do início dos anos 1970.
Mapa adaptado por Cláudio Smalley Soares Pereira (2013). Fonte: Rabello (1967); para a foto da esquerda Haworth (2012), foto da direita, arquivo do autor.

O clássico padrão centro-periferia constitui-se como a forma espacial de estruturação desde suas origens. Todavia, há quem argumente de maneira inversa, como fez Rabello (1967). Para ele, conforme se observa abaixo, as atividades econômicas estavam dispersas no espaço urbano e só posteriormente é que elas passam a produzir o centro da cidade.

> [...] Juàzeiro transformou -se num enorme estendal de artesãos. Nela não existia um centro onde se apinhassem as casas de comércio, o mercado e as moradas dos grandes do lugar. Por tôda parte, residências, oficinas e bodegas se alternavam em promiscuidade, como numa aldeia do oriente. Só recentemente é que os estabelecimentos comerciais, os bancos, os escritórios e as repartições públicas constituíram-se em centro da cidade. Ruas residenciais ou de comércio ainda abrigam oficinas de artesãos, sobretudo as mais bem organizadas – as dos ourives, dos sapateiros, dos marceneiros, dos fabricantes de armas, das costureiras de roupa de homem (RABELLO, 1967, p. 72).

Mesmo que a argumentação do autor tenha como base a atividade artesanal, ele vai além, e informa que tanto o comércio como as demais atividades econômicas estavam dispersas na cidade. Tal argumentação é em parte falha, pois não considera os dados históricos os quais apresentam enfoques justamente inversos à sua argumentação, e nas quais nos baseamos ao longo do texto.

Tomando como base a perspectiva de que o centro e o não-centro são produzidos simultaneamente, é incorreto afirmar que as lojas estavam dispersas e não se encontravam no centro. Afinal, o centro se faz, ou melhor, é produzido e tem qualidades que o diferem dos demais setores da estrutura urbana, por isso que ele é o espaço que concentra as principais atividades de comércio e serviços. Então, a afirmação do autor nos leva a entender a existência de uma macha urbana indiferenciada, numa espécie de cidade sem centro. É como se até a metade do século XX Juazeiro do Norte tivesse sido produzida sem um espaço que concentrasse a oferta de comércio e serviços.

Além disso, não eram todas as atividades que estavam dispersas, algumas delas até sim, pois algumas bodegas e oficinas pequenas, por serem atividades de pequeno porte, podiam funcionar nos quintais de algumas casas e de fato existiam, mas isso não permite afirmar que as atividades não se concentravam em um determinado espaço, nesse caso o centro, como se não existisse uma centralidade urbana. Estas atividades que eram dispersas eram minoria.

Os bancos e os estabelecimentos comerciais não constituíram o centro como Rabello (1967) afirmou; eles o reforçaram, ampliaram o seu papel e sua centralidade, principalmente a econômica. Estas atividades se instalam no centro produzindo-o, pois o centro já estava sendo

produzido por outras atividades anteriores. Este, o centro, é resultado das ações dos agentes sociais, econômicos e políticos, sendo ao mesmo tempo um condicionante destas ações. É como frisou Villaça (2009, p. 238 – grifos do autor) "nenhuma área *é* ou *não é* centro; como fruto de um processo – movimento – torna-se centro".

Para Rabello (1967), é como se as principais residências, aquelas de alvenaria e telhas, pudessem ser observadas em qualquer ponto do espaço urbano; é como se as repartições públicas se localizassem em qualquer área, se não no centro produzido por estas mesmas repartições. Se atentarmos apenas para a atividade artesanal, "desde 1909, os artesãos de Joaseiro mudaram-se de suas casas e instalaram oficinas espaçosas e equipadas de máquinas, localizando-se no centro da cidade para ficarem mais ao alcance da categoria dos assalariados, que aumentavam, e da freguesia em geral" (DELLA CAVA, 1985, p. 145 – grifo nosso). A indústria, inicialmente com os artesãos e as ourivesarias e posteriormente com as de calçados e vestuário, também teve um importante papel da produção da centralidade em Juazeiro do Norte ao lado com comércio, dos serviços e também do lúdico.

Poderíamos usar contra Della Cava (1985) a argumentação da existência de um centro *a priori*, um já dado, mas isso seria um equívoco, visto que desde o final do século XIX e na primeira década do século XX, o centro do que ainda era o povoado de Juazeiro já estava sendo produzido pelas instalações das casas comerciais, estas que se expandiram espacialmente e passaram a produzir o centro da cidade nos arredores da atual Praça Padre Cícero, como vimos anteriormente. Isso do ponto de vista econômico, mas do ponto de vista político, também, foi nessa mesma praça que foi dado o "grito da independência" de Juazeiro em 1910, e do ponto de vista cultural, era onde residia o Padre Cícero. Poderíamos dizer que o centro da cidade possibilita a coexistência do espaço lúdico "com espaços de trocas e de circulação, com o espaço político, com o espaço cultural" (LEFEBVRE, 2008a, p. 132).

Em síntese, é inviável pensar em uma cidade sem centro, como Rabello (1967) propõe[79]. Afinal, "a centralidade é parte essencial da definição de cidade" (HASSENPFLUNG, 2007, sem paginação), e pensar em uma cidade sem centro é destituí-la do essencial do fenômeno urbano, a centralidade (LEFEBVRE, 2008b).

A década de 1970-1980 é um período de transformações do quadro urbano brasileiro, que está vinculado, entre outras coisas, ao processo de desenvolvimento da "expansão do capital em escala planetária, a partir, principalmente, da década de 70" (DAVIDOVICH,

[79] Para Villaça (2009, p. 333) "sem a atração do centro, a cidade se evaporaria, como o éter de um vidro destampado".

1987, p. 8). A população urbana no Brasil saltou de 44,7% nos anos 1960, para 67,6% nos anos 1980 (IBGE, s/d). Acrescenta-se a isto, em escala internacional, a crise do capitalismo, que por meio da reestruturação produtiva, promove uma passagem do fordismo ao pós-fordismo, com um regime de acumulação flexível (HARVEY, 2008) que teve e tem rebatimentos espaciais nas cidades.

Nesta década, são postas em prática diversas estratégias espaciais de urbanização que visavam a reprodução ampliada do capital (DAVIDOVICH, 1995). Entre as principais estratégias políticas, figuram com grande proeminência as propostas do II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) que, pela primeira vez, inseriram a urbanização no contexto das preocupações políticas no Brasil. Além disso, são criadas as nove regiões metropolitanas e as cidades de porte médio passam a fazer parte das políticas de urbanização. É o período que começa a se esboçar a construção de um segmento metropolitano ao lado de um segmento não-metropolitano (DAVIDOVICH, 1995).

Nesse contexto se constitui o período técnico-científico e informacional, baseado em altas tecnologias de comunicação, na creditização e informatização do território, e na relação entre técnica, ciência e informação (SANTOS, 2008b). Pela primeira vez na história do Brasil, a sociedade se torna em sua maioria urbana, atingindo na década de 1970, 56,80% da população brasileira vivendo em cidades (SANTOS, 2008b).

No Ceará, é o auge da hegemonia dos Bezerra de Menezes, que foi sendo construído nas décadas anteriores. Em 1970, Orlando Bezerra é eleito prefeito municipal de Juazeiro do Norte, e seu irmão, Adauto Bezerra, é indicado governador do Ceará, exercendo o cargo entre 1974 e 1978. Antes disto, este membro da família já havia sido deputado estadual por quatro mandados consecutivos (1958, 1962, 1966, 1970). É o período que "o Ceará se transforma num grande Juazeiro do Norte" (LEMENHE, 1996, p. 133). E ao passo que essa hegemonia política ocorre, a acumulação de capital econômico também se acelera, com as investidas econômicas da família ligadas às atividades financeira e industrial.

Até 1972, é expandida a oferta de energia elétrica na cidade, alcançando mais de 85% de ligações (CEARÁ, 1973) e beneficiando alguns núcleos periféricos da cidade. Novos fixos são instalados, entre eles a construção de hospitais, escolas, e uma rodoviária (NASCIMENTO, 2000) para ligar de forma mais consistente Juazeiro do Norte a outros centros urbanos regionais e nacionais. No contexto urbano do Cariri, Juazeiro já era considerado como um "centro superurbanizado" (CEARÁ, 1973, p. 29).

Entre 1970 e 1980 as atividades econômicas praticamente se invertem. Seguindo a tendência brasileira fruto do legado urbano da modernização conservadora autoritária, o período dos anos 1950 aos anos 1980 "envolveu um estilo urbano de grande ampliação do terciário" (DAVIDOVICH, 1995, p. 83). Neste sentido, embora tardiamente, a População Economicamente Ativa (PEA) em Juazeiro do Norte tem os pesos dos setores invertidos em apenas vinte anos, conforme tabela 1.

Tabela 1- Juazeiro do Norte. População Economicamente Ativa por setores de atividade em 1950 e 1970 em %.

Setor de atividade	Recenseamentos Gerais	
	1950	**1970**
Primário	49,32	28,2
Secundário	37,88	20,7
Terciário	13,79	51,1
Total	100	100

Fonte: IBGE (1959), CEARÁ (1980)

Observa-se, então, que em 1950 eram as atividades do setor primário que detinham quase a metade da população ocupada, enquanto que o terciário detinha pouco mais que 13%. Nos anos 1970, esse quadro se inverte, tendo o terciário, pela primeira vez, passado a ocupar mais da metade da população, enquanto que houve, para o mesmo período, uma queda brusca no setor primário e no setor secundário. No Estado do Ceará como um todo, o primário era ainda o dominante, com 59,70%, com a indústria com 13,10% e o terciário com 27% (CEARÁ, 1980). Nota-se, dessa maneira, uma terciarização da economia em Juazeiro do Norte já desde os anos 1970, enquanto que o Ceará permanecia sob a hegemonia do setor primário, devido à importância do algodão na economia do estado.

Tal inversão, no que concerne a Juazeiro do Norte, se deu pelo seu papel de centro de comércio varejista, que vinha se expandindo desde os anos 1920, o que se consolida apenas nos anos 1960, devido à atração de migrantes que faz parte de sua geografia-histórica. Conforme Ceará (1977), Juazeiro do Norte possuía 2.209 estabelecimentos comerciais, dos quais 2.079 eram varejistas e 130 atacadistas, o que corresponde ao salto da população ocupada nos setores econômicos como vimos anteriormente, ao passo que existiam 70 indústrias, seis bancos, um mercado e um centro de abastecimento e um matadouro, este distante a um km do centro da cidade.

A presença de equipamentos de telecomunicações, como duas rádios – a Progresso e a Iracema –, juntamente com a expansão da telefonia e do telex, faziam com que a cidade se

conectasse cada vez mais em escalas geográficas mais amplas, sobretudo com os centros urbanos do sul do País, visto que nela se encontravam quase todas as filiais de transportadoras do Sul do Brasil, com os quais se estabeleciam ligações comerciais e financeiras. Assim, Juazeiro do Norte apresenta-se na década de 1970 como o "centro comercial e financeiro mais importante de todo o Sul do Ceará" (CEARÁ, 1973).



Foto 14 - Juazeiro do Norte: Vista parcial da cidade na década de 1970, com destaque para a torre da Igreja dos Franciscanos.
Fonte: Banco do Nordeste (1978)

No censo de 1970, Juazeiro do Norte aparecia com uma população de 96.047 habitantes, dos quais 80.549 viviam no distrito-sede, contabilizando, assim, uma taxa de urbanização de 83,86% (CEARÁ, 1980). Já no censo de 1980 esse número cresce, sendo constatada uma população total de 135.616 habitantes, dos quais 129.503 habitavam a sede do município e 2.425 e 3.688 habitavam os distritos de Marrocos e Padre Cícero, respectivamente. Além disso, a população urbana correspondia, no total do município, a 126.035 habitantes, enquanto que a população rural era de 9.581 (IBGE, 1982).

Nesse contexto de aumento demográfico, a cidade se expande mais ainda. Os aglomerados que estavam à beira das principais rodovias, as que ligavam Juazeiro do Norte ao Crato e a Barbalha, começam a se adensar, e novos bairros surgem nesta década. Os anos 1970 e, sobretudo, 1980 são a época do *boom* populacional da cidade que tem como consequência a explosão imobiliária (CEARÁ, 2000).

Mesmo a cidade tendo uma morfologia urbana estendida, é possível que as áreas mais distantes, como as próximas às rodovias, não fossem totalmente ocupadas, constituindo-se com a formação de bairros. O que prevalece neste período é uma morfologia urbana compacta, uma cidade que ainda não apresentava – ou apresentava pouca – descontinuidade territorial urbana, o que só vai surgir nos anos 1990. Como é relatada abaixo,

> A característica principal da cidade de Juazeiro do Norte é o aspecto compacto com que a cidade se apresenta, formando mais ou menos um quadrilátero traçado pelas vias Floro Bartolomeu a E, Av. Castelo Branco a W, rua do Rosário ao Norte e rua 22 de Julho e a via férrea, ao sul. A cidade estende-se suavemente na direção W.E, com pequenas ondulações, praticamente despercebidas. Nessa parte mais alta da cidade, estão localizados os principais estabelecimentos de ensino, o estádio do Romeirão, a CAGECE etc... Os bairros do Salesiano e Franciscanos constituem os maiores da cidade, embora não possuam limites precisos (CEARÁ, 1980, p. 6).

A contradição centro-periferia ainda persiste durante esta década. Até o ano de 1973, o abastecimento de água só atendia à "zona central da cidade" (CEARÁ, 1973, p. 230). No que concerne à infraestrutura urbana, das 101 ruas existentes em 1976, apenas três eram asfaltadas, numa extensão de 5 km, enquanto que 23 eram a paralelepípedo, 50 a pedra tosca e 25 a outros tipos (CEARÁ, 1977). Este quadro parece mudar um pouco quando se aproxima o final da década, quando é possível observar que "à área central é quase que totalmente pavimentada à base do asfalto, e a pedra tosca constitui o revestimento mais utilizado nos bairros periféricos e nas vias de acesso aos bairros mais distantes" (CEARÁ, 1980, p. 56). No entanto, essa suave mudança é superficial, e a periferia da cidade continua a ser, sobretudo, o espaço dos pobres.



Foto 15 - Juazeiro do Norte. Rua São Pedro, comércio no centro da cidade.
Fonte: Banco do Nordeste (1978)

Infelizmente o estudo do Governo do Estado do Ceará (CEARÁ, 1980) traz muitas informações agregadas entre Crato e Juazeiro do Norte juntas. Foi uma pesquisa realizada com o objetivo de identificar as condições de vida da população de baixa renda de ambas as cidades. Algumas informações estão separadas por município, mas outras estão agregadas, o que dificulta de certa maneira a análise[80]. Ainda assim, elementos importantes são apresentados e que nos ajudam a entender a estruturação da cidade neste período.

Vimos mostrando que ao longo do processo e estruturação da cidade, a habitação é um elemento importante, visto que denuncia as desigualdades sociais expressas na dimensão espacial. Como apontado em Ceará (1980)

> A expansão urbana, que vem atingindo o aglomerado [tanto Juazeiro do Norte, como o Crato], está aliada a uma especulação imobiliária, que tem ocasionando a ocupação de áreas periféricas com carências, no que se refere a infra-estrutura urbana. Essa carência está associada à má qualidade da habitação, construída por etapas, em muitos casos por falta de condições financeiras e também devido a utilização de material de qualidade inferior (CEARÁ, 1980, p. 71).

A população pobre era maioria no contingente demográfico, estando presente na maioria dos bairros da cidade. As populações de baixa renda também ocupavam algumas

[80] Quando no documento se fala de "área central" ele se refere às áreas centrais das duas cidades, tanto Crato como Juazeiro do Norte. Quando existem diferenças significativas entre ambas cidades, o documento as destaca, mas quando não, ele homogeneíza como um único "aglomerado". Neste caso, é plausível usar as descrições da área central e da periferia do aglomerado para Juazeiro do Norte.

áreas na proximidade do centro ou ainda se "misturavam" no meio de estabelecimentos públicos ou de domicílios de qualidade superior na área central (CEARÁ, 1980).

As condições sociais na periferia eram péssimas, provocando uma contradição: de um lado, é possível observar um grande progresso econômico no município de Juazeiro do Norte, mas, ao mesmo tempo, a miserabilidade de boa parte da sua população é visível, e isso se expressa espacialmente numa estruturação centro-periférica, que afora o aspecto dinâmico e promissor da área central, "na periferia imediata, sente-se a diferença geral em todos os sentidos, ou seja: tipo de pavimentação, quase ausência de praças, de arborização, de água encanada, de coleta de lixo etc." (CEARÁ, 1980, p. 89).

Esse quadro de produção da cidade com uma periferia pobre e um centro mais bem dotado de equipamentos urbanos e infraestrutura se acentua devido à inexistência de leis de zoneamento urbano e de loteamentos[81] (CEARÁ, 1977). Isto condiciona uma produção do espaço urbano periférico de acordo com as lógicas e as condições sociais das populações pobres (CEARÁ, 1980).

A cidade apresenta nessa época um déficit habitacional enorme, o que motivou a construção de um conjunto habitacional pela COHAB-CE, composto de 172 casas[82]. Este déficit em 1972 era de 55,5%, isto é, mais da metade das habitações urbanas, que somava a quantidade de 9.210 do total de 16.575. Entretanto, devido a não atenção para as condições socioeconômicas da população que se beneficiaria com o conjunto habitacional, observou-se um alto índice de casas desocupadas, em torno de 76,74%, por vários motivos, entre eles, localização, prestações altas, transportes, tamanho da casa, deficiência de serviços urbanos etc. (CEARÁ, 1973).

[81] Neves (1976, p. 97 – grifo do autor) afirma que "dos oitenta loteamentos conhecidos na Prefeitura de JUAZEIRO apenas trinta estariam regularizados".

[82] Não conseguimos informações sobre a existência de outros conjuntos residenciais anteriores e/ou posteriores a este, mas acreditamos que este não foi o primeiro nem o último. No documento Ceará (1977) não informa a área onde este conjunto habitacional foi construído. Em Gomes (2013), este conjunto habitacional é mencionado como tendo sido construído no Bairro Pirajá, o que propiciou "a construção de ruas de acesso, calçadas a pedra tosca e melhoria das artérias do bairro Franciscano (totalmente calçado)" (Gazeta de Notícia, Ano XLIII, nº. 12.228, 1969, p. 07, *apud* GOMES, 2013, p. 66).

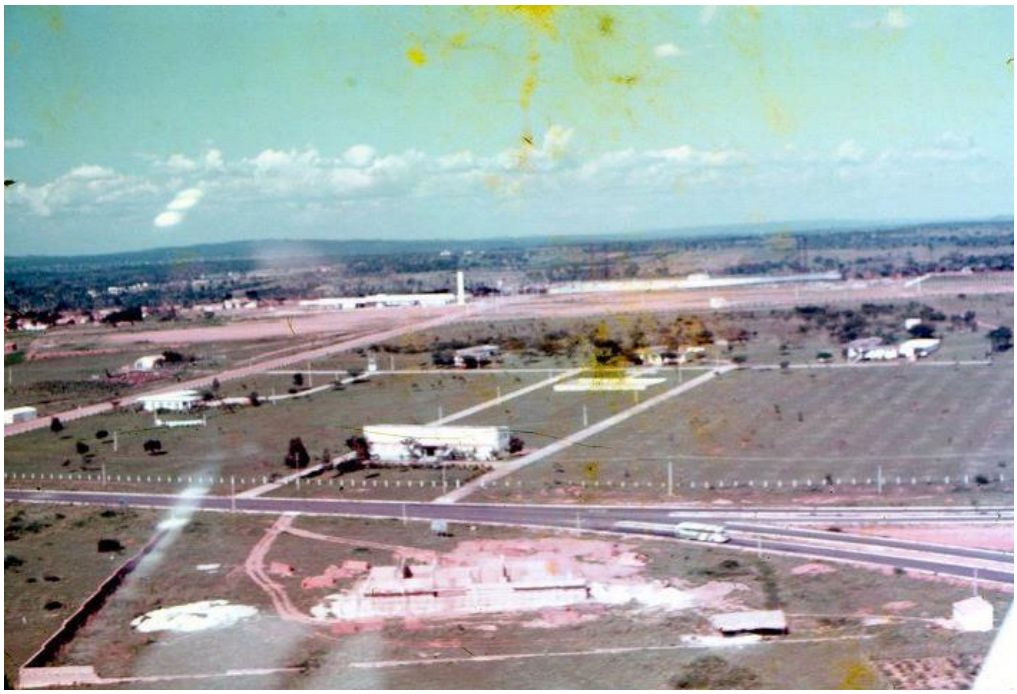


Foto 16 - Juazeiro do Norte. Parte da periferia no início da década de 1970.
Fonte: Haworth (2012)

Na Foto 16, podem ser vistos alguns fixos importantes daquela época. Em primeiro plano se vê a rodovia que liga Juazeiro do Norte ao Crato e a Barbalha, e um pouco acima o Seminário Batista. Nesta área foi construído, no final dos aos 1990, o Cariri Shopping. Do lado esquerdo é possível observar a Av. Castelo Branco ainda sem estar asfaltada e no final da avenida, do lado esquerdo observa-se o Terminal Rodoviário Interestadual, construído em 1972, e do lado direito o Estádio Municipal Mauro Sampaio, conhecido popularmente como Romeirão, inaugurado em 1970. Nota-se, além disso, o pouco adensamento, quase nenhum, no que se refere à moradia. É, justamente, nesta área e nos seus arredores, que se instalaram as primeiras indústrias periféricas na década de 1950, como relatamos anteriormente.

No âmbito da infraestrutura viária, as avenidas Castelo Branco e Ailton Gomes são as principais "artérias" que são construídas nesse período. A primeira é a que corta a cidade de oeste a leste, fazendo a interligação de diversos bairros, enquanto que a segunda é construída no mesmo eixo do tronco da linha férrea que ligava à Barbalha, que foi desativado na década de 1960. Esse importante eixo, que perpassa pela "Cidade perdida" e segue em direção sul, constituir-se-á como o principal foco de concentração de novos estabelecimentos de comércio e serviços no final dos anos 1980 e início dos anos 1990.

Constata-se, ainda, no final dos anos 1970, um processo novo no que se refere à estruturação de Juazeiro do Norte, que vai ser ampliado nas décadas posteriores. Vimos que,

desde o final dos anos 1950, na periferia passou a existir novas formas-conteúdos[83], de caráter econômico voltado à atividade industrial (foto 16). No final dos anos 1970, além da consolidação da atividade econômica industrial, cujo referencial é a criação do Distrito Industrial do Cariri no início dos anos 1980, a periferia passou por um processo em que novas formas-conteúdos são produzidas, mas agora voltados à questão habitacional.

Os empreendimentos imobiliários chamam a atenção das classes mais abastadas. Estamos falando dos loteamentos Lagoa Ville e Lagoa Seca, que surgem nessa época e são transformados em bairros posteriormente (CEARÁ, 2000). O Lagoa Seca representa uma nova forma de morar pelo incremento de novos conteúdos na periferia da cidade. Conforme se observa em Ceará (1980, p. 90), "esse bairro constitui um núcleo à parte, na cidade, estando desvinculado da malha urbana [com] a presença de „mansões", casas de luxo, com todo conforto, isoladas umas das outras e praticamente voltadas para o seu interior (muros altos)".

Essas habitações de alto padrão são das camadas sociais mais abastadas, com os níveis de rendimento mais elevados (CEARÁ, 1980). Muitas das pessoas das camadas de alta renda ainda residiam no centro da cidade, uma área tradicional e de prestígio, mas uma parte já se deslocava para as áreas mais afastadas, produzindo a segmentação social no espano urbano, algo até então inédito na produção da cidade de Juazeiro do Norte.

Contraditoriamente à expansão residencial com "casas de luxo" na periferia, nota-se, também, nos anos 1970, que a pobreza que já se manifestava, no centro da cidade em algumas habitações e pela mendicância, como destacado em Soares (1968) e Ceará (1980), se amplia visto que no centro de Juazeiro do Norte passaram a ser construídas "um conglomerado de habitações em promiscuidade impressionante, em total desacordo com as normas básicas e simples de higiene [uma] favela" (FOLHA DE JUAZEIRO, Ano IX, nº. 68, 1977, p. 5, *apud*, GOMES, 2013, p. 64).

Percebe-se, ainda, que este bairro constitui-se como uma das primeiras formas dos aglomerados que expressam uma descontinuidade territorial da cidade, mesmo quando a vida de relações na urbe juazeirense se constituía na macha urbana da cidade compacta, que alcançava, via de regra, até a Av. Castelo Branco.

Em contraste a isso, observar-se-ão, também, as ações dos "especuladores imobiliários [que] transformaram a paisagem urbana de Juazeiro do Norte, fazendo loteamentos e conjuntos habitacionais, em sua grande maioria de baixa renda" (CEARÁ, 2000, p. 24). Nos

[83] Conceito utilizado por Santos (2008e) para se referir ao espaço geográfico como sendo uma forma e um conteúdo ao mesmo tempo.

anos 1980, há a contribuição dos movimentos sociais em busca pela moradia na produção da periferia da cidade. É o caso do bairro Frei Damião, conhecido por "Mutirão da Vida", que é originado a partir da ocupação de terras nas proximidades da linha férrea, mas que se instala mesmo no Sítio São José, nas proximidades da fronteira com o município do Crato, depois de intensas negociações com o Estado e a Igreja, à época proprietária das terras (PEREIRA, 2009). Tanto o bairro Lagoa Seca como o bairro Frei Damião puxam a cidade cada vez mais para fora, o primeiro para o sul e o segundo para o oeste.

Podemos, a partir disso, reconhecer três períodos quando à produção da periferia de Juazeiro do Norte: o primeiro durou até os anos 1950, formado por habitações precárias e falta de infraestrutura, ocupada por suas populações pobres; o segundo inicia-se na segunda metade da década de 1950, com as instalações das primeiras indústrias, mas ainda com um alto índice de moradores pobres; e o terceiro inicia-se na segunda metade da década de 1970, com as novas formas da moradia da classe mais abastada. Poderíamos considerar um quarto período iniciado a partir da década de 1980-1990, mas a isto está associado o terceiro momento da nossa periodização, que vai de 1980 aos dias atuais.

A nova urbanização brasileira (SANTOS, 2008b), que se inicia a partir dos anos 1980 contém novos elementos à análise da produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte. Um deles é a redefinição da centralidade urbana, pois mesmo persistindo um padrão centro-periferia na estruturação da cidade, começa lentamente a ser modificado. Isto se dá no seio de um regime de acumulação flexível, em que o terciário passa a assumir a dianteira da acumulação capitalista, em que a economia de serviços passa a organizar as aglomerações urbanas (SINGER, 1979), com o consumo assumindo cada vez mais um papel preponderante.

4. SÍNTESE DA PRIMEIRA PARTE

A estruturação da cidade de Juazeiro do Norte até os anos 1980 é caracterizada, grosso modo, pela relação centro-periferia, mesmo com as pequenas nuances observadas na segunda metade das décadas de 1950 e 1970. O pensamento de Lefebvre (1973) serve como uma síntese para o que foi apresentado até agora quanto à estruturação da cidade. Para ele,

> Uma tal relação – a relação entre centro e periferia – não é gerada dialecticamente no decurso de um processo histórico, mas lógica e estrategicamente. O centro organiza o que o rodeia, dispõe e hierarquiza as periferias. Os que o ocupam e que dominam o poder governam aí segundo princípios e conhecimentos efectivos. De sorte que as relações "centro-periferia" só indirectamente brotam de lutas prévias, de lutas de classes ou de povos. Ela nasce de dispositivos que parece, racionais, coerentes e que originariamente o são. Uma tal historicamente constituído, como centro político. A centralidade tem o seu movimento dialéctico, ou melhor, "é" dialéctica enquanto "propriedade" do espaço social e mental. O centro inclui e atrai os elementos que o constituem como tal (as mercadorias, os capitais, as informações, etc.) mas que em breve o saturam. Ele exclui os elementos que domina (os "governados", "súbditos" e "objectos") que o ameaçam (LEFEBVRE, 1973, p. 18).

Foi necessário esse percurso histórico, embora ainda parcial. Baseamo-nos no pensamento de Kayser (2006, p. 99) que frisou: "a análise histórica é desde logo indispensável para quem realiza [...] pesquisa". Sabendo que "a estruturação intra-urbana é um processo lento, que deve ser focalizado em termos de muitas décadas" (VILLAÇA, 2009, p. 286) buscamos resgatar de maneira detalhada, embora incompleta, os agentes, as escalas e os processos que influenciaram na estruturação da cidade de Juazeiro do Norte[84]. Tal empreitada se fez necessária visto que era fundamental reconstruir o processo de produção da cidade no passado para poder entendê-la no presente.

Diante do exposto, na análise da estruturação de Juazeiro do Norte entre 1870-1930 e 1930-1980, podemos tirar algumas conclusões de maneira sintética a partir de três dimensões: a) os agentes, b) as escalas e c) os processos. De fato, não é tão simples categorizar os agentes, visto que alguns deles atuaram de diversas maneiras. Tal inferência se dá também no plano das escalas e dos processos.

Primeiramente os agentes. Afirma Lefebvre (2008a, p 52) que "a cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que

[84] Lembramos aqui Pierre Nora (*apud* ABREU, 2008, p. 29) para quem "a História é a construção sempre problemática e incompleta do que já não mais existe".

realizam essa obra nas condições históricas". Entre 1870 e 1930, os agentes que mais influenciaram, tanto intensivamente como extensivamente, foram o Padre Cícero e o médico baiano Floro Bartolomeu da Costa. Observou-se que ambos atuaram e articularam os principais processos e dimensões que acabaram se espacializando na cidade. A dimensão econômica, política e cultural-religiosa se entrelaçam, o que muitas vezes é despercebido nas análises de Juazeiro do Norte.

O domínio político do espaço nesse período tem destaque – sem estar separado das dimensões econômica e cultural religiosa –, devido à estrutura social da época. É como afirmou Harvey (2008, p. 212) "o domínio do espaço sempre foi um aspecto vital da luta de classes (e intraclasse)". Além disso, outros agentes influenciaram decisivamente a produção da cidade, como a classe dos proprietários fundiários, a pequena e nascente burguesia comercial, tanto a formada pelos adventícios como pelos filhos da terra, os artesãos, a Igreja e o Estado. Não se pode esquecer também dos romeiros que, de fato, contribuíram decisivamente na estruturação da cidade de Juazeiro e poderiam, também, ser caracterizados entre aqueles que foram "ocupantes de terrenos" (VASCONCELOS, 2011, p. 75).

Já no segundo período, entre 1930 e 1980, podemos observar novos agentes, os quais iniciaram sua atuação entrelaçando as dimensões política e econômica, ainda no período anterior. Falamos de José Geraldo da Cruz, de José Bezerra de Menezes e de Antônio Pita, que promoveram dinâmicas da atividade produtiva, sobretudo no setor primário e secundário, sendo que o primeiro e o terceiro foram chefes do executivo municipal. Além destes, os Irmãos Bezerra de Menezes se constituem como a principal força econômica e política da cidade, sendo determinantes na produção espacial urbana. Além de serem os principais produtores de algodão da cidade e da região, juntamente como produtos têxteis e atuarem no setor financeiro por meio do BicBanco, eles ainda praticaram uma "política dos favores" baseada na construção de fidelidades e do clientelismo, como expôs Lemenhe (1996). Estes são exemplos do papel das elites locais que tem importância significativa nas cidades médias, como afirmou Corrêa (2007).

A burguesia comercial já estava consolidada nesse período e, devido às constantes migrações, a cidade se tornou o mais importante centro de comércio varejista do interior do Estado do Ceará e com uma grande massa de proletariado, vindos tanto do campo como de outras cidades. O Estado também teve um importante papel, financiando projetos industriais,

como o Plano Asimov nos anos 1960, e obras de infraestrutura urbana, como, a abertura de estradas de rodagem e o conjunto habitacional da COHAB-CE, na década de 1970.

No âmbito das escalas, elas se articulam de maneiras diversas nos dois períodos e é possível perceber algumas primazias no que se refere às dimensões da vida social. Como frisou Sposito (2011, p. 130) "nada pode ser explicado apenas em uma escala [...] toda a compreensão requer a articulação entre as escalas". Entre 1870 e 1930, os eventos são articulados pelos diversos agentes, tanto nas escalas regional, nacional e internacional. O local se articula ao global inicialmente com o evento do "milagre da hóstia", o que propicia as articulações posteriores com a economia regional e internacional, resultado da produção do excedente alimentício e do algodão.

A escala nacional tornou-se a principal a partir do momento em que a política assumiu o primeiro plano, com as articulações encabeçadas por Floro Bartolomeu e pelo prestígio exercido por Padre Cícero. Os agentes se articulam escalarmente, visto que "a escala espacial constitui parte integrante das práticas espaciais dos agentes sociais da produção do espaço" (CORRÊA, 2011b, p. 42). Juazeiro também se articula pela dimensão econômica nas escalas regional e internacional, sobretudo pelas investidas na produção do algodão e sua exportação para a Europa.

No que concerne ao período de 1930 a 1980, há alterações quanto à articulação entre as escalas. A dimensão política tem certa prevalência nas primeiras décadas, visto que a Revolução Burguesa no Brasil está intrinsecamente ligada com os ciclos dos interventores que se revezam à frente do executivo municipal. Ainda na dimensão política, vê-se a ascensão da hegemonia da Família Bezerra Menezes na política local e, em seguida, este poder ascender à escala do estado. Culturalmente, Juazeiro do Norte continua a atrair levas de migrantes, devido à devoção ao Padre Cícero, mas com uma influência muito mais regional que nacional ou internacional. É, no âmbito econômico, que observamos uma mudança mais importante. Com as intervenções propiciadas pelo Estado, Juazeiro do Norte se articulou com mais intensidade nas escalas nacional, sobretudo com os grandes centros urbanos do sul e sudeste do País, na comercialização dos seus produtos artesanais e industriais.

Os processos também são marcantes nos dois períodos. Entre 1870 e 1930 é o momento em que, na escala nacional, o capitalismo se solidifica nas cidades brasileiras, embora não dominante, nem da mesma forma nos diversos lugares. Era o momento de transição de um Brasil imperial para um Brasil republicano e da separação entre o Estado e a

Igreja. O fim da escravidão também ocorreu, sua herança permaneceu na produção das cidades. Esse é, também, um período de graves secas no Nordeste que acabam afetando o desenvolvimento das forças produtivas e provoca intensas migrações, muitas delas em direção à Juazeiro do Norte.

Os interesses sediados no campo tinham mais importâncias do que os urbanos, embora a cidade fosse a sede do poder e do controle do território e o processo de urbanização já estivesse acelerado, como afirmou Oliveira (1977, 1982). É o período do coronelismo e a estrutura de classes, apoiada em proprietários de terras e escravos passa a ser questionada, juntamente com a participação cada vez maior de uma burguesia comercial que se desenvolve nas grades capitais, sendo alterada somente na virada para os anos 1930. Isso se manifesta em Juazeiro com os interesses dos comerciantes na independência do município, embora estes se aliassem, de certa maneira, com os proprietários de terras locais.

A economia agroexportadora chega no seu auge com o café em escala nacional e o algodão no Ceará, produto pelo qual Juazeiro do Norte articula-se à escala mundial. Mas é também o momento que essa economia entra em xeque, findando na crise de 1929. Já, no que concerne ao espaço urbano, os processos de segregação se firmam como elementos da estruturação das cidades, tendo o padrão centro-periferia a sua maior expressão. Esse padrão não era exclusivo em relação ao poder econômico, mas da articulação deste com o poder político. Esse padrão de estruturação da cidade perpassa desde o coronelismo, como mostrou Queiroz (1979) até a entrada do capitalismo pós-anos 1930, tendo sido perceptível na produção do espaço de Juazeiro do Norte durante os dois recortes temporais que demarcamos.

Ainda nesse primeiro recorte temporal, destacamos os processos de concentração e centralização espacial do capital. Produz-se, com isso, o centro da cidade, com a localização dos estabelecimentos comerciais e de serviços, as instituições de poder e a monumentalidade – a Praça Padre Cícero é o melhor exemplo disto. É o lugar de encontro, das trocas, e do lúdico. Com isso, o centro da cidade assume, ao longo destas décadas, um papel importante, um elemento sem o qual a vida de relações na cidade não poderia existir, surgindo assim a primeira expressão de centralidade no espaço urbano.

Entre 1930 e 1980, novos processos surgiram, outros declinam e alguns têm continuidade. Com a "Revolução Burguesa" no Brasil em 1930 se instala um novo período político no país, com a quebra do poder das oligarquias regionais. A economia agroexportadora dá lugar de vez à que tem como sustentáculo da acumulação de capital a

indústria. Explodem as cidades e acelera-se a urbanização no Brasil. No Nordeste, esse processo tem descompassos. Enquanto, do ponto de vista político, a interferência em Juazeiro do Norte foi imediata, com José Geraldo da Cruz sendo nomeado interventor ainda em 1930, economicamente o capitalismo encontrou barreiras pela frente.

A urbanização no Nordeste, devido à estrutura fundiária que ajudava a reproduzir a pobreza, foi menos expressiva. Como disse Santos (2008c, p. 69) "a introdução de inovações materiais e sociais iria encontrar grande resistência de um passado cristalizado na sociedade e no espaço, atrasando o processo de desenvolvimento [do Nordeste]". Enquanto que a urbanização se acelera em Juazeiro do Norte, o Ceará permanece um estado com economia agrária, baseado na produção e exportação de algodão.

No âmbito da produção da cidade, a concentração única como expressão de centralidade se afirma na medida em que o centro da cidade se expande. A segregação é um traço do período anterior que continua e se aprofunda. Ela, a segregação, "é por demais lenta para ser captada em um período de apenas dez anos. Trata-se de uma tendência histórica que se desenvolve a mais longo prazo" (VILLAÇA, 2009, p. 311). Essa tendência firma-se, neste período, em Juazeiro do Norte. Mas, ao contrário do que se possa pensar, "as segregações que destroem morfologicamente a cidade e que ameaçam a vida urbana não podem ser tomadas por efeito nem de acasos, nem de conjunturas locais" (LEFEBVRE, 2008a, p. 99). A segregação é um elemento histórico da produção do espaço das cidades brasileiras e de estruturação do espaço urbano (VILLAÇA, 2009).

Com essas reflexões, que têm o intuito de síntese, encerramos e esperamos que a análise do processo de estruturação da cidade de Juazeiro do Norte possa contribuir para demais estudos da mesma temática em demais cidades brasileiras. Na sequência, é apresentado, no quadro 4, uma síntese que engloba os processos vistos aqui em múltiplas temporalidades, o que permite observar as descontinuidades e continuidades do processo de estruturação da cidade de Juazeiro do Norte.

Quadro 4 - Síntese dos processos e dinâmicas em múltiplas periodizações.

As múltiplas temporalidades e uma proposta de periodizações			
	1870-1930	**1930-1980**	**1980-dias atuais**
Processos econômicos, políticos, sociais e culturais	As bases econômicas deste período são fundamentalmente baseadas na exportação de produtos agrícolas, meio pelo qual o Brasil como um todo – com o café –, o Nordeste, o Ceará e Juazeiro do Norte particularmente – com o algodão –, se articulam em escalas geográficas mais amplas. Aqui o campo é o espaço da produção e a cidade o espaço do comando e do controle. No âmbito da política, é o período em que predominou o coronelismo, com as oligarquias. Juazeiro se articula de maneira muito clara com o poder central, sendo a época de prestígio político da cidade tanto no Ceará como no Nordeste. Do ponto de vista social, é o período da sociedade coronelista, fundada na grande propriedade fundiária. Dá-se o fim do período escravocata, que influenciou na produção das cidades brasileiras. Culturalmente era a época da separação entre Estado e Igreja, a conhecida "Questão Religiosa", e da proliferação de misticismos nos sertões nordestinos. É o contexto do "milagre da hóstia" em Juazeiro, que atraiu, juntamente com a influência das grandes secas, um contingente	Nesta época, firmou-se a estrutura produtiva de base urbano-industrial, com a indústria comandando a acumulação capitalista no Brasil após a crise do café. Ainda assim, a industrialização enquanto processo mais amplo só se consolidou nos anos 1950, e na década de 1960 o Brasil se articulou de maneira diferente na divisão internacional do trabalho. A economia de Juazeiro passou a ser influenciada mais fortemente nos anos 1950-1960 pelo que se produzia na indústria do Centro-Sul. Juazeiro se transformou em um centro terciário enquanto que o Ceará como um todo era predominantemente primário, com o algodão sendo o principal produto. Do ponto de vista político, o que marcou a passagem deste período foi a "Revolução de 1930". Os poderes das oligarquias regionais são quebrados e passa-se a uma integração do território nacional baseado na indústria. Esse processo atinge Juazeiro do Norte de maneira quase que instantânea. O país passa por duas ditaduras (1937-1943) e outra a partir de 1964, com o Golpe Militar. Nos anos 1950 é o período do desenvolvimentismo, com os investimentos na indústria. No Ceará os anos 1960 marcaram a consolidação dos Bezerra de Menezes como hegemônicos do poder local e sua ascensão ao poder estadual na década de 1970. No âmbito social, marca a regulamentação das relações capital x trabalho por meio da legislação trabalhista. A formação de um proletariado industrial e urbano se desenvolve com mais velocidade em meados dos anos 50 com as migrações para as grandes cidades.	A crise do capitalismo nos anos 1970 proporciona novas formas de produção do espaço, baseadas numa flexibilização da produção, das relações de trabalho e de uma nova divisão do trabalho baseada numa mundialização cada vez mais crescente dos processos econômicos. Dá-se, também, a estabilização da economia com o Plano Real. No Ceará são implementadas muitas políticas, como a da criação dos distritos industriais. Juazeiro entra em programas políticos que culminam na produção do Distrito Industrial do Cariri, mas que fracassou. No âmbito da política, os anos 1980 marcam profundas atuações do Estado na produção do espaço urbano brasileiro. Com a "redemocratização", surge novas políticas em âmbito nacional baseadas no neoliberalismo como doutrina político-econômica. O Partido dos Trabalhadores assume o poder e amplia as políticas já existentes ao mesmo tempo que cria outras. No Ceará é o fim do período dos coronéis, que governavam o estado deste os anos 1960. Surge o projeto político chamado "Governo das Mudanças" encabeçado por Tasso Ribeiro Jereissati e os jovens empresários do Ceará. Em Juazeiro do Norte, tal manifestação se dá na esfera

	populacional grande de muitos estados do Nordeste para a cidade.		do poder público municipal, com a forte atuação da prefeitura na produção da cidade. Socialmente, são implantadas as primeiras políticas sociais, que tem o Bolsa Família o maior exemplo. As classes mais pobres vão aos poucos, sobretudo na década de 2000, ampliar a renda, ao passo que são criadas novas universidades, com a ampliação do acesso ao ensino superior, entre outras coisas.
	1870 até os 1950	**1950-1980**	**final dos anos 1980 aos dias atuais**
Estrutura urbana	A estruturação da cidade Juazeiro do Norte assumiu paulatinamente um padrão centro-periferia, consolidando-se na década de 1920. A primeira descrição que apresenta esse padrão de estruturação é de 1904, isto é, quando ainda era povoado. Ao longo das décadas seguintes, com o aumento demográfico, migrações e o crescimento econômico, a cidade se expande mais em direção ao Sul. Esse padrão centro-periferia perdurou até meados dos anos 1950 (figura 3). As descrições realizadas por diversos agentes sociais, que estavam em posições diferentes na estrutura social, mostram a desigualdade socioespacial presente na forma urbana que tomava corpo. O centro, na medida em que foi sendo produzido, foi ganhando características contrastantes com a produção da periferia. O que produziu o centro: os eventos políticos relativos à independência de Juazeiro do Norte, a dimensão simbólica atrelada	No final dos anos 1950 a estruturação da cidade de Juazeiro do Norte tem outros contornos, modificando-se. Embora persista o padrão centro-periferia, ele inicia uma alteração, com novos conteúdos fazendo parte da produção da periferia. São conteúdos econômicos ligados às atividades industriais. As primeiras indústrias de médio porte, voltadas para a produção de óleo de caroço de algodão e outras e beneficiamento de algodão as que se destacam na paisagem urbana (figura 7). O centro da cidade já está expandido, sendo a Rua São Pedro a principal do ponto de vista comercial e dos serviços. Nesta rua, nos dois quarteirões seguintes ao sul da Praça Padre Cícero, chamava-se “quarteirão sucesso”, pela presença das principais lojas e onde o solo urbano era mais valorizado (foto 15). A partir dos anos 1970, já se verifica outra	No final dos anos 1980 a estruturação de Juazeiro do Norte ganha novos contornos com o surgimento do Pirajá como uma nova área de concentração de comércio e serviços. As classes mais abastadas continuam a habitar cada vez mais algumas partes das periferias, onde se consolida o bairro Lagoa Seca, por exemplo. Nesta mesma área inicia-se o processo de verticalização, com a construção dos primeiros prédios periféricos no fim dos anos 1980. Na periferia também, mas na direção leste, surgem novos loteamentos para classes mais baixas e novos bairros vão se consolidando. O centro de Juazeiro do Norte, agora “centro principal” devido ao surgimento do Pirajá como subcentro, se expande cada vez mais, notadamente a Rua São Pedro, com a

	ao evento do "milagre da hóstia", realização das feiras nos finais de semana, a localização de instituições públicas – como a prefeitura -, e estabelecimentos comerciais, estes inicialmente ao norte da Praça Padre Cícero. No início dos anos 1910 até os anos 1920, o comércio que se instalou fez o centro se expandir, ocupando os arredores da praça. Dos anos 1930 aos 1950 o comércio tomou a Rua São Pedro e outras adjacentes, expandindo ainda mais, agora em direção ao sul. (figura 5). Era no centro que morava a elite social da cidade, ao passo que era dotado de infraestrutura diversas (calçamento, iluminação pública baseada em energia elétrica – após os anos 1920 essa energia era fornecida por um motor de descaroçar algodão).	alteração nos conteúdos da periferia. Além das indústrias que passaram a se instalar dois decênios antes, já é possível observar novas formas habitacionais, de alto padrão, com muros altos, e caracterizando uma descontinuidade do tecido urbano. É o caso do Bairro Lagoa Seca ao sul, em direção à cidade de Barbalha. Mas a periferia que é produzida para Oeste é diferente. Segue outra lógica, agora com movimentos sociais de luta pela moradia, que acabaram fundando o bairro "Mutirão", uma periferia precária, distante do centro e com infraestrutura insuficiente.	alocação constante de atividades comerciais e de serviços. Nos anos 1990 o Pirajá se consolida e ao mesmo tempo, no final da década é construído o Cariri Garden Shopping, em 1997. Este fixo marca a entrada das grandes superfícies comerciais varejistas nesta cidade, alterando mais uma vez a estruturação da cidade. Além disso, pode-se falar em uma reestruturação da cidade que vai se dando paulatinamente ao longo do tempo a partir da chegada do shopping e, consolidando-se nos finais dos anos 2000 com as chegadas dos hipermercados de capital internacional, surgindo assim novos eixos de expansão urbana. Na década de 2000 também se vê uma ampliação do número de espaços residenciais fechados para classes de maior poder aquisitivo em novas áreas periféricas.
	até os anos 1940-1950	**após os anos 1940-1950**	
Urbanização Brasileira	Do período colonial até as décadas de 40 e 50 do século XX se estende o primeiro grande regime da urbanização brasileira. Estrutura-se uma rede urbana contraditória, com poucas cidades muito grandes nas áreas litorâneas e poucas cidades no interior. A base econômica da maioria das cidades brasileiras, inclusive as capitais, era a agricultura até o final da Segunda Guerra Mundial. Mas inicia-se a partir de 1930 o processo de industrialização que acelera a urbanização já existente. A nova estrutura produtiva é simultaneamente urbana e industrial.	Período da "revolução urbana" e "revolução demográfica" brasileira. Os nexos econômicos passam a fazer parte de maneira mais visível. A urbanização brasileira se acelera e não só aparecem novas cidades, mas a população urbana aumenta substancialmente desta época em diante. A integração do território nacional se torna viável a partir dos vultosos investimentos em infraestrutura, para interligar o país que outrora se baseava em economias mais regionais, de arquipélago. São construídas redes ferroviárias, aeroportos e portos para que a integração do território. O país se inseriu na divisão internacional do trabalho como um exportador de produtos tanto agrícolas como industrializados, por meio da intervenção do Governo Militar que possibilitou a internacionalização da economia nacional. Deu-se, paulatinamente, o aumento do consumo.	

	Do ponto de vista do crescimento populacional, este era inconstante, com oscilações – no caso das capitais – e somente após a Segunda Guerra Mundial é que este crescimento populacional se dá de maneira sustentada. É o momento de uma passagem do meio natural para o meio técnico, com a mecanização do território paulatinamente, alcançando o meio técnico-científico.	As migrações se aceleram e a população das cidades aumentou significativamente, ao ponto de nos anos 1970 a população urbana ultrapassar a população rural pela primeira vez, quando nos anos 1980 o país se torna, do ponto de vista populacional, urbanizado. Constitui-se, paulatinamente, uma nova urbanização brasileira, como dois processos complementares, a "involução metropolitana" e a "metropolização", com o decréscimo das metrópoles e o crescimento das cidades médias.

* Esse quadro está baseado em Santos (2008b), Queiroz (1979), Oliveira (1982), Ceará (1980) e outros.

SEGUNDA PARTE

A REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE: REDEFINIÇÃO DA CENTRALIDADE URBANA E PRÁTICAS ESPACIAIS

"Dans la ville classique d"avant la révolution industrielle, la centralité s"exerçait par le centre. Mais qu"en est-il aujourd"hui?"

Jean Labasse, 1970.

"La mondialisation de la ville est un phénomène fondamental. Un loi de l'avenir de la ville sera la polycentralité, la multiplication des centres, leur diversification, mais la conservation de l'idée de Centre. Il n'y a pas d'urbanité sans centre"

Henri Lefebvre, 1986.

5. O CENTRO E AS "NOVAS ÁREAS" DE CENTRALIDADE NA REESTRUTURAÇÃO DA CIDADE

Tratamos, na primeira parte desta pesquisa, do processo de estruturação da cidade. Esse processo se deu de forma lenta, (des)contínua e contraditória durante os dois primeiros períodos que elegemos para a análise, isto é, entre 1870-1930 e 1930-1980. Utilizaremos aqui o conceito de reestruturação para o terceiro período, que vai de 1980 aos dias atuais. Embora saibamos que o processo de reestruturação da cidade não se deu „da noite para o dia", como pode sugerir o recorte temporal, entendemos que, por Juazeiro do Norte está ligada a processos mais amplos do ponto de vista econômico e político, a década de 1980 torna-se significativa, pois ela é, no Brasil, basilar para se entender as novas lógicas de produção do espaço urbano, particularmente nas cidades médias, e que no Ceará um novo projeto político-econômico de guinada neoliberal é posto em prática pelo Estado na produção do espaço urbano[85].

Mesmo o processo de reestruturação tendo se iniciado na década de 1970 em escala internacional, tratando-se do contexto urbano e do arranjo espacial das cidades, os rebatimentos deste processo, principalmente referentes ao centro das cidades, se tornam mais visíveis na década de 1980, mas de forma desigual conforme a formação socioespacial, principalmente em países como o Brasil. De acordo com Villaça (2009), já nos anos 1950 e 1960 a produção de novas áreas de concentração de comércio e serviços nas cidades brasileiras pode ser verificada com a formação de subcentros no Rio de Janeiro (anos 1950), se generalizando nas demais metrópoles brasileiras e mesmo em algumas cidades médias a partir dos anos 1970.

Entretanto, é a década de 1980 considerada por muitos pesquisadores como o período de consolidação de uma nova urbanização brasileira, caracterizada, dentre outros fatores, pela maior participação demográfica e funcional das cidades médias e/ou intermediárias, *pari passu* com o que ficou conhecido como "involução metropolitana" (SANTOS, 2008b). É nesse período, também, que novos agentes e lógicas de estruturação do espaço urbano passam a ser postas em prática, o que redefine paulatinamente a relação centro-periferia nas cidades

[85] Sobre o que se convencionou chamar de "Governo das Mudanças" encabeçado por Tasso Jereissati e sua atuação do Ceará, ver: Barreira (1996), Godim (2004), Barbalho (2007).

brasileiras – metrópoles e médias cidades – ao passo que a concentração única, que expressava centralidade no espaço urbano, entra em redefinição (SPOSITO, 2010a).

O processo de reestruturação do espaço urbano é complexo. Pode ser enfocado por vários ângulos de análise, e está atrelado "às mudanças recentes da economia e das práticas sociais, quer no que se refere a novas formas de produção industrial, quer no que se refere a novas formas de distribuição e consumo" (SPOSITO, 2004, p. 261). Em outras palavras, "a reestruturação do espaço urbano é parte de uma evolução mais ampla da economia capitalista contemporânea" (SMITH, 2007, p. 29).

Para Smith (2007), a reestruturação do espaço urbano está atrelada à transformação das áreas centrais das cidades, em que ganha destaque o processo de gentrificação ao lado da suburbanização. Afirma ele que "a reestruturação do espaço urbano é geral, mas de maneira nenhuma universal" (SMITH, 2007, p. 20). Ou seja, é geral porque é um processo que acontece no decorrer de crescimento de toda e qualquer cidade[86], levando-a a um novo arranjo, mas não é universal porque não acontece ao mesmo tempo em todas as cidades, é um processo desigual do ponto de vista espaço-temporal.

Sposito (2004, p. 312), por sua vez, prefere resguardar o conceito de reestruturação para "fazer referência aos períodos em que é amplo e profundo o conjunto das mudanças que orienta os processos de estruturação urbana e das cidades". Tal raciocínio se fundamenta em Soja (1993), para quem

> A reestruturação em seu sentido mais amplo, transmite a noção de uma "freada", se não de uma ruptura nas tendências seculares, e de uma mudança em direção a uma ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social, econômica e política. Evoca, pois, uma combinação seqüencial de desmoronamento e reconstrução, de desconstrução e tentativa de reconstituição, proveniente de algumas deficiências ou perturbações nos sistemas de pensamento e ação aceitos [...] pode-se descrever essa freada-e-mudança como uma reestruturação temporal-espacial das práticas sociais, do mundano para o *mondiale* [mundial] [...] A reestruturação não é um processo mecânico e automático, nem tampouco seus resultados e possibilidades potenciais são predeterminados. Em sua hierarquia de manifestações, a reestruturação deve ser considerada originária de e reativa a graves choques nas situações das práticas sociais preexistentes, e desencadeadora de uma intensificação das lutas competitivas pelo controle das forças que configuram a vida material. (SOJA, 1993, p, 193-194).

[86] "Todo processo de crescimento e desenvolvimento urbano consiste em um constante arranjo, estruturação e reestruturação do espaço urbano. O que é novo, hoje, é a intensidade em que esta reestruturação do espaço se apresenta, como um componente de uma ampla reestruturação social e econômica das economias capitalistas avançadas" (SMITH, 2007, p. 20).

Avançando a partir desta perspectiva, Sposito (2004, 2007) propõe uma distinção do ponto de vista da escala geográfica para ajudar a entender as transformações dos espaços urbanos a partir do ponto de vista da reestruturuação. Segundo a autora, as alterações espaciais na escala do espaço urbano seriam conceituadas como reestruturação da cidade, enquanto que, a reestruturação urbana, ficaria reservada para entender os processos de reestruturação na escala regional e da rede urbana. Mas, longe de ser uma oposição dicotômica, adverte a autora que "essa distinção conceitual tem a intenção, apenas, de destacar o que se toma como prevalente, em cada momento da análise, porque não há reestruturação urbana sem reestruturação da cidade e vice-versa" (SPOSITO, 2004, p. 312).

É importante ressaltarmos aqui, antes de prosseguirmos, que analisar a reestruturação do espaço urbano ou qualquer outra reestruturação (econômica, política, social, econômica) não significa uma ruptura total com o passado preexistente. Esse processo se dá, como o próprio Soja (1993) afirmou, em "uma mescla complexa e irresoluta de continuidade e mudança. Como tal, a reestruturação se enquadra entre a reforma parcial e a transformação revolucionária, entre a situação e perfeita normalidade e algo completamente diferente" (SOJA, 1993, p, 193-194). Neste sentido, não são só as transformações e as mudanças que a reestruturação espacial se refere, mas como estas se articulam contraditoriamente e dialeticamente com o preexistente, com a forma espacial que condiciona os novos processos, lógicas e práticas. É como afirmou Braudel (1987, p. 44), quando escreveu que "jamais existe entre passado, mesmo passado longínquo, e tempo presente uma ruptura total, uma descontinuidade absoluta ou, se preferirem, uma não-contaminação. As experiências do passado não cessam de prolongar-se na vida presente, de a fecundar".

No âmbito da cidade isso é fundamental, visto que, como afirmou Roncayolo (1986), a cidade é uma continuidade histórica, um produto social, que perpassa os modos de produção, que tem na duração o seu valor principal. A cidade é, então, uma continuidade/ descontinuidade espaço-temporal (LEFEBVRE, 2008a). Isto ficará claro no decorrer da análise de Juazeiro do Norte, em que o processo de reestruturação do espaço urbano que se assiste não se refere a uma substituição e/ou declínio absoluto do centro da cidade, mas a uma perda relativa de seus papéis frente às novas áreas de centralidade que surgiram nas últimas duas décadas; em outras palavras, o centro principal de Juazeiro do Norte ainda exerce um papel importante, mesmo com o surgimento dos novos espaços de concentração de comércio e serviços.

Todavia, não se pode descartar o papel que o novo promove no contexto da produção do espaço, pois, como escreveu Santos (2008b, p. 107), "a chegada do novo causa um choque. Quando uma variável nova se introduz num lugar, ela muda as relações preexistentes e estabelece outras. Todo o lugar muda". A chegada das novas formas comerciais modernas e o surgimento das novas áreas de centralidade na cidade estudada são exemplos deste processo da inserção do novo e das tensões deste com o velho. Assim, continuidade e mudança, velho e novo, estruturação e reestruturação estão presentes na análise da redefinição da centralidade em Juazeiro do Norte.

Consideramos, então, que a redefinição da centralidade no espaço urbano, bem como as alterações das formas e dos conteúdos do centro e da periferia[87] nas cidades, faz parte do processo de reestruturação (mas não no sentido apresentado por Smith (2007) da gentrificação, que é, apenas, uma das facetas das transformações dos centros e das áreas centrais das cidades) no sentido do surgimento de novas áreas de concentração de comércio e serviços que acabam por alterar as lógicas de estruturação da cidade que até então estavam postas.

É vasta a bibliografia existente sobre o tema dos centros das cidades e da formação de novas áreas de centralidade no espaço urbano, comumentemente identificadas como "novas centralidades"[88]. Sem realizar uma profunda discussão sobre os conceitos de centro e centralidade – esforço este já realizado por Tourinho (2006), que faz uma incursão sobre as propostas teóricas da temática em tela na produção acadêmica dos geógrafos, dos sociólogos e dos arquitetos e urbanistas ao longo do século XX, e outros autores como Sposito (1991, 1998, 2001, 2010) – faremos aqui, antes de adentrar ao empírico propriamente dito, isto é, a cidade de Juazeiro do Norte, uma breve contextualização do debate sobre centro e centralidade baseado em alguns autores que nos servem como referencial, dando atenção especial para os processos e as formas nas quais se manifesta a redefinição da centralidade na escala do espaço urbano.

Existe certo consenso entre os pesquisadores a respeito das transformações da centralidade na cidade no tocante ao período em tela. A década de 1970 é a mais lembrada no que se refere à alteração da estruturação da cidade e urbana, quando o par centro-periferia

[87] O debate sobre a periferia requer um aprofundamento que foge às pretensões deste trabalho. No entanto, indicamos Burgel (1991) e a edição nº 42 da revista Espaço e Debates, cujo tema é "A periferia revisitada" para o leitor que deseja se aprofundar no tema.

[88] Sobre isso ver Ascher (2001), Borja (2001a, 2001b), Portas (2001), Sposito (1991, 1998, 2001, 2004, 2010), Salgueiro (1996, 2013), Whitacker (2007, 2010a, 2010b) entre outros.

passa a ser redefinido num contexto urbano global, momento também em que o centro e a centralidade na escala da cidade passam a ser problematizados e questionados em suas próprias conceituações (TOURINHO, 2004). É a época em que centro e centralidade deixam de ser confundidos entre si (figura 8).

Isso é importante porque a redefinição da centralidade na cidade não é um processo tão novo quanto parece, pois data do início do século XX, tendo sido alvo dos estudos da Escola de Chicago[89] e posteriormente com a reconstrução do centro das cidades após a Segunda Guerra Mundial (TOURINHO, 2004). A diferença consiste em que, somente após os anos 1970, essa redefinição se dispersa pelo mundo, o que não significa dizer que todas as cidades passaram a apresentar estruturas multicêntricas, mas que a redefinição do par centro-periferia passou a ocorrer em cidades de menor porte das diferentes redes urbanas e regiões do espaço global.

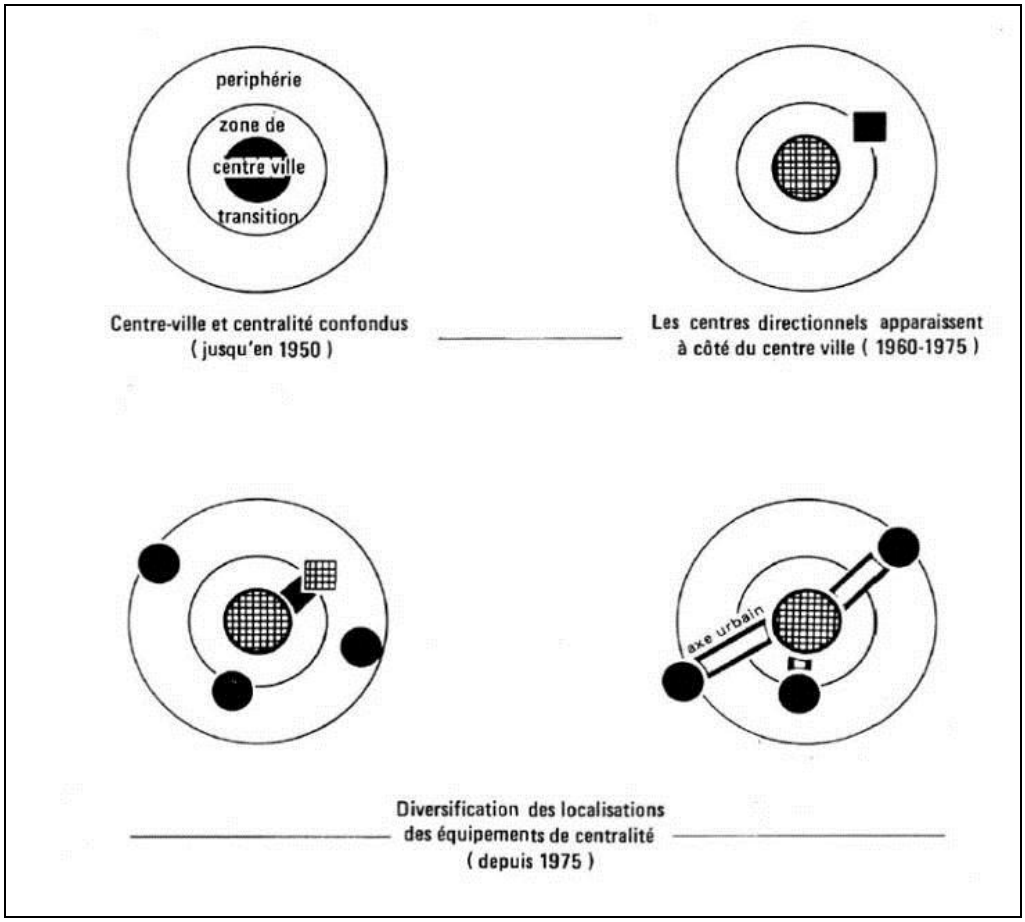


Figura 8 - Esquema sintético de redefinição da centralidade no espaço urbano.
Fonte: Bonnet e Tomas (1989, p. 8).

[89] Ver Burgues (1948 [1925]), Hoyt (1948 [1941]) e Harris e Ullman (2005 [1945]).

Sposito (2010a) chama a atenção para quatro determinantes que influenciaram a redefinição da centralidade no espaço urbano após os anos 1970.

> 1) As novas localizações dos equipamentos comerciais e de serviços concentrados levam à mudanças na estrutura e no papel do centro principal ou tradicional, o que provoca uma redefinição do centro, da periferia e da relação centro-periferia; 2) A rapidez das transformações econômicas que marcam a passagem do sistema produtivo fordista para formas de produção flexíveis impõem mudanças na estrutura interna das cidades e nas relações entre as cidades de uma mesma rede; 3) a redefinição da centralidade urbana não é uma dinâmica nova, porém adquire novas dimensões e se consideramos o impacto das transformações atuais, não somente nas metrópoles e grandes cidades, mas também nas cidades de média importância; 4) o uso do automóvel e o aumento da importância do lazer e do tempo destinado ao consumo reorganizam o quotidiano das pessoas e a lógica de localização dos equipamentos comerciais e de serviços (SPOSITO, 2010a, p. 199).

Surge, assim, o que se tem chamado na literatura especializada de "novas centralidades". De maneira geral, as "novas centralidades" – muitas vezes chamadas de "novas áreas centrais" ou "novos centros", termos que tem se multiplicado nos estudos sobre o tema em tela, mas de maneira equivocada como apontou Tourinho (2004) – caracterizam-se como espaços de concentração de atividades econômicas, principalmente ligadas ao terciário – comércio e serviços – que se localizam fora do centro principal de uma cidade, podendo se expressar, do ponto de vista da forma espacial, de diferentes maneiras (subcentro, *shopping center* etc.).

Visto que a centralidade se caracteriza como o do lugar do central (TOURINHO, 2004), o "essencial do fenômeno urbano" (LEFEBVRE, 2008b, p. 108), e sendo responsável pela articulação das diversas partes da cidade através dos fluxos e processos (SPOSITO, 2001, 2010), e o centro se caracteriza como a forma espacial, em outras palavras, a "expressão territorial do processo" que é a centralidade (SPOSITO, 2010), centro e centralidade são conceitos que se articulam e formam uma unidade dialética. Forma e processo, fixo e fluxo, continente e conteúdo são pares que exemplificam essa relação conceitual. Lefebvre (2008b), embora use a expressão "centro urbano", esclarece a natureza do centro da cidade (adiante voltaremos à questão do "centro urbano" e do "centro da cidade").

> O centro urbano é preenchido até a saturação; ele apodrece ou explode. Às vezes, invertendo seu sentido, ele organiza em torno de si o vazio, a raridade. Com mais freqüência, ele supõe e propõe a concentração de *tudo* o que existe na natureza, no mundo, no cosmos: frutos da terra, produtos da indústria, obras humanas, objetos e instrumentos, atos e situações, signos e símbolos. Em que ponto? Qualquer ponto *pode* tornar-se o foco, a convergência, o lugar privilegiado. De que sorte que todo o espaço urbano carrega em si esse *possível-impossível*, sua própria negação. De sorte que todo espaço urbano foi, é, e será *concentrado e poli(multi)cêntrico.* A forma do espaço urbano evoca e provoca essa concentração e essa dispersão: multidões,

> acumulações colossais, evacuações, ejeções súbitas [...] Não existe cidade, nem realidade urbana, sem um centro. Mais que isso: o espaço urbano se define, já dissemos, pelo vetor nulo; é um espaço onde cada ponto, virtualmente, pode atrair para si *tudo* o que povoa as imediações: coisas, obras, pessoas. Em cada ponto, o vetor espaço-tempo, distância entre conteúdo e continente, pode tornar-se nulo (LEFEBVRE, 2008b, p. 44 – 90 – grifos do autor).

No que tange à centralidade, Lefebvre (2008b) segue o mesmo caminho no que se refere o método, e mostra que não só o centro é dialético, mas a centralidade também o é. Assim, é fundamental considera-la

> como movimento dialético que a constitui e a destrói, que a cria ou a estilhaça. Não importa qual o ponto possa ser central, esse é o sentido do espaço-tempo urbano. A centralidade não é indiferente ao que ela reúne, ao contrário, pois ela exige um conteúdo. E, no entanto, não importa qual seja esse conteúdo. Amontoamento de objetos e de produtos nos entrepostos, montes de frutas nas praças do mercado, multidões, pessoas caminhando, pilhas de objetos variados, justapostos, superpostos, acumulados, eis o que constitui o urbano (LEFEBVRE, 2008b, p. 108).

Refletindo acerca da formação da centralidade[90], Castells (1979, p. 230) afirma que

> La centralidad urbana proviene, en un primer punto, de la expresión a nível de espacio de lo que los estudiosos llaman desde hace tiempo la división social del espacio. Es decir, en la medida en que hay una división del trabajo en la sociedad, en la medida en que hay distintas actividades y distintos niveles sociales ligados a estas actividades, esta división se espacializa y al espacializarse hay, a la vez, elementos de diferenciación y elementos de coordinación, tanto a nivel social como espacial. Los centros urbanos son la expresión de esta necesaria coordinación de las actividades y categorias sociales en su dimensión espacial. Es decir, los centros urbanos son la organización espacial de la puesta en relación, de intercambio, de la coordinación, con respecto al proceso de la división social del trabajo.

Em outro trabalho, Castells (1988) vai além, distinguindo centralidade e centro das cidades.

> Este conceito [a centralidade] refere-se à combinação de vários processos sociais no espaço [econômicos, políticos, simbólicos]. Não há uma centralidade, mas um conjunto de processos que a definem. Estes processos não são necessariamente redutíveis aos centros urbanos que, eles, são entidades espaciais concretas, ligados com a história de uma cidade particular. Eles correspondem a diferentes modalidades de hierarquização urbana, de trocas na cidade e de atividade de inovação própria aos centros (CASTELLS, 1988, p. 29)[91].

---

[90] A centralidade para Castells (1979) é formada por quatro elementos: "Primer elemento: coordinación; segundo elemento: concentración de actividades; tercer elemento: se relaciona a la necesaria accesibiiidad de las zonas centrales, conforme se desarrolla el proceso de crecimiento urbano [...] Un cuarto proceso que concurre a la formación de la centralidad es la diferenciación simbólica del espacio y la concentración de dichos procesos simbólicos en ciertos lugares espaciales" (CASTELLS, 1979, p. 230-231).

[91] Tradução nossa, do original: "Ce concept se réfère à la combinaison de plusieurs processus sociaux dans l'espace. I ln' y a pas un e centralité, mais uu ensemble de processos qu il a définissent. Ces processus ne sont pas nécessairement réductibles à des centres urbains qui, eux, sont des entités spatiales concrètes, liées à l'histoire d'une ville particulière. Ils correspondent plutôt à différentes modalities de la hiérarchisation urbaine, des échanges dans la ville et d'activité d'innovation proper aux centre" (CASTELLS, 1988, p. 29).

Diante disto, sabendo que centro e centralidade são conceitos relacionados, mas distintos, os novos espaços de concentração de comércio e serviços nas cidades têm sido caracterizados como "novas centralidades", ou seja, novas áreas que articulam o território da cidade e que expressam os atributos antes encontrados apenas no centro principal ou tradicional.

Mas seria a expressão "novas centralidades" a melhor para fazer referência a estas novas áreas de concentração de atividades econômicas do terciário no espaço urbano? Existiriam, de maneira oposta, "velhas centralidades"? Se a relação entre centro e centralidade é inexorável, isto é, um não existe sem o outro (SPOSITO, 2001), falar de novas centralidades significa estar se falando de novos centros? Se sim, o que é então o centro? Ele vai além do aspecto funcional e econômico? Engloba a dimensão simbólica, do lúdico, da festa? Se não, qual diferença entre o centro e estas "novas centralidades"? "Para entender hoje as questões referentes ao centro é fundamental explorar o conceito de centralidade urbana, assim como, para compreender as áreas de nova centralidade, é essencial voltar à pergunta pelo centro" (TOURINHO, 2004, p. 12).

O centro é caracterizado na ampla bibliografia especializada como um espaço dotado de qualidades que o diferenciam das demais áreas da cidade (BEAUJEU-GARNIER, 1965, 1970, 1988a, 1988b; LABASSE, 1970; LÉVY, 1986; MONNET, 2000; OSTROWETSKY, 1994, PERNELLE, 1970; SANTOS, 1959; SZULC, 1975; TOURINHO, 2004; SALGUEIRO, 1996; SPOSITO, 2010a; VILLAÇA, 2009, 2012) sendo nesta área em que os valores e funções urbanos, o preço do solo, a densidade da atividade comercial e de serviços, a presença de estabelecimentos de lazer e diversão diurna e noturna, de edifícios públicos, do anonimato e da liberdade se apresentam com maior intensidade (RENDU, 1970). Para Labasse (1970, p. 8), "o centro é de fato um pouco de tudo de uma só vez, quer dizer, uma reunião das mais altas manifestações da vida de relações, segundo o princípio de nodalidade que está no coração da noção de cidade". E o autor continua, afirmando que "para o geógrafo, o centro é em definitivo o lugar ou o ponto de convergência onde a cidade exerce e afirma o poder e de onde se dirige uma imagem que exalta a radiação" (LABASSE, 1970, p. 8)[92]. O centro da cidade, portanto, não pode ser entendido apenas pelo ponto de vista funcional,

[92] Tradução nossa, do original: "Le centre est en fait un peu tout cela à la fois, c"est-à-dire le rassemblement des plus hautes manifestations de la vie de relations, selon le príncipe de nodalité qui est au coeur de la notion de ville. Pour le geografe, le centre est en définitive le lie ou le foyer de convergence où la ville exerce et afirme as puissance et d"où se dérage une image qui em exalte le rayonnement" (LABASSE, 1970, p. 8).

embora este seja um elemento essencial. Como escreveu Labasse (1970, p. 14) "nenhuma análise puramente funcional nos permite entender a realidade substancial do centro"[93], ou seja, "a noção de centro da cidade tem um significado tanto espacial, histórico, funcional e sociológico" (BEAUJEU-GARNIER, *apud* BONNET; TOMAS, 1989, p. 3) [94].

O centro da cidade, desta forma, não é tido por nós como a mesma coisa que o Distrito Central de negócios – *Central Business District* (C.B.D) – tão característico das cidades dos Estados Unidos e Canadá. Este é compreendido mais como um espaço em que a funcionalidade é excessiva, um espaço de negócios por excelência, onde o prestígio se confunde com a riqueza, o poder e o espírito de competição (LABASSE, 1970). A habitações, o comércio e a rua, esta última como lugar de diversidade de atividades e do favorecimento de práticas de espaço que favorecem os contatos sensoriais, são eclipsadas pelo C.B.D (LÉVY, 1986).

Tal como o centro, a centralidade assume diversas caracterizações. Monnet (2000) elabora uma classificação de diferentes centralidades. Para o autor – que foca a dimensão simbólica da centralidade, entendida como sistema de valores que permite identificar a qualidade central de um lugar – existe uma centralidade política, que corresponde à localização dos principais elementos do poder, uma centralidade econômica, medida pela localização das sedes de comando das empresas, uma centralidade comercial, relacionada ao padrão de organização comercial nas cidades, a centralidade de acessibilidade, intrinsecamente relacionada com a centralidade comercial, e uma centralidade social, que é entendida como o cruzamento entre as práticas espaciais nos locais mais frequentados com as representações do espaço que caracterizam os locais no corpus das imagens e do discurso.

Além disso, a centralidade também pode ser apreendida a partir das escalas da cidade, referindo-se, neste sentido, ao espaço urbano – que é o foco desta pesquisa – e na escala da rede urbana, isto é, a posição de uma cidade em relação às outras de uma mesma rede urbana ou de um sistema urbano mais amplo (SPOSITO, 1998, 2010a; WHITACKER, 2010a, 2010b). Ambas as dimensões escalares mantém uma relação dialética de influência mútua – da mesma forma que as reestruturações da cidade e urbana, como vimos acima –, visto que algumas áreas com expressões de centralidade tem a capacidade de articular escalas

[93] Tradução nossa, do original: "[...] aucune analyse purement fonctionnelle ne nous permet d'etreindre la réalité substantielle du centre. [...]" (LABASSE, 1970, p 14).
[94] Tradução nossa, do original: "par J. Beaujeu- Garnier „La notion de centre-ville a une signification à la fois spatiale, historique, fonctionnelle et sociologique"" (BONNET; TOMAS, 1989, p. 3).

geográficas, que permitem compreender conteúdos diferentes e as lógicas locacionais de muitas destas áreas (WHITACKER, 2010b).

Geralmente centro e centralidade vêm acompanhados de dois outros conceitos: cidade ou urbano. É comum encontrar na literatura referente ao tema expressões como "centro de cidade" ou "centro urbano". Ambos, em muitos casos, são usados como sinônimos, o que torna confuso sobre o que se quer dizer. Villaça (2009) alerta para esse problema. Para ele

> [...] variam muito os conceitos e as realidades representadas pela expressão *centro urbano*; é preciso, pois, cautela na interpretação desse vocábulo e também na sua utilização. Ele pode designar ou os chamados centros tradicionais (impropriamente chamados de "históricos") como o CBD dos americanos; pode designar uma área central mais ampla, como a que os urbanistas brasileiros chama de "centro expandido"; pode até mesmo significar cidade central, especialmente no caso das cidades americanas, que freqüentemente têm área territorial pequena, tanto em termos absolutos como relativos às extensões das respectivas áreas metropolitanas; finalmente, em análises regionais, pode significar áreas metropolitanas inteiras (VILLAÇA, 2009, p. 30, grifos do autor)

Tendo isso em vista, e sabendo que "cidade" e "urbano" são conceitos diferentes, propomos uma distinção de caráter metodológico e didático para melhor compreender o centro e a centralidade. É uma distinção – e não uma separação – conceitual que visa dar melhor clareza às expressões. Utilizaremos a expressão "centro de cidade" ou "centro da cidade" para se referir ao centro de uma cidade em particular, isto é, parte da cidade que é caracterizada como sendo o seu centro, enquanto que a expressão "centro urbano" ficará reservada para se tratar da cidade enquanto tal, isto é, da cidade enquanto totalidade no conjunto de uma rede urbana.

Citamos dois exemplos para justificar esta distinção. As diversas monografias urbanas apresentadas sob a direção de Pierre Monbeig no Nono Congresso Brasileiro de Geografia em 1944 (MONBEIG, 1944) contemplam várias cidades do Estado de São Paulo. Para se referir a Marília, Franca, Catanduva, Santo André e outras é usada a expressão "centro urbano", de um modo que a análise abarque a cidade como um todo. A própria apresentação geral dos trabalhos, escrita por Monbeig (1944) intitulada de "Contribuição para o estudo dos centros urbanos brasileiros" deixa claro que o foco é a cidade, e não o centro desta – embora o centro também seja trabalhado. Por sua vez, Milton Santos (SANTOS, 1958 [2008c], 1959) usa a expressão "centro da cidade" ou "centro de cidade" para seus estudos a respeito Salvador/BA, visando o centro desta cidade.

Portanto, tanto o centro como a centralidade assumem diversas concepções, não sendo reduzíveis apenas a uma dimensão (social ou escalar). Isso é importante porque permite, além

da classificação e das diferentes centralidades e "centros", distinguir o que é o centro e diferenciá-lo do que se vem chamando de "novas" centralidades.

Em sua tese de doutorado, Tourinho (2004) busca uma compreensão da cidade contemporânea pelo viés do centro e da centralidade. Seu percurso é essencialmente teórico, embora use como correspondente empírico a cidade de São Paulo. A sua tese central é de que, na cidade contemporânea – não todas, é claro –, "o Centro e a centralidade hoje já não caminham mais juntos de forma indiferenciada" (TOURINHO, 2004, p. 395) como eram tratados nos diversos estudos geográficos, sociológicos e urbanísticos que foram produzidos ao longo do século XX. Assim, a autora põe em xeque a relação inexorável entre estes dois conceitos.

A relação inexorável entre centro e centralidade passa a ser questionada a partir dos anos 1970 e torna-se possível falar, desde então, em "centralidade sem centro" a partir de um processo de "desfabricação do Centro"[95]. (TOURINHO, 2004). Falar de "centralidade sem centro" não significa afirmar que exista um processo, um conteúdo – a centralidade – sem a forma – o centro. Pelo contrário, esta expressão significa que a centralidade pode se manifestar em outras formas espaciais que não são o centro da cidade nem centros de maneira geral devido à falta dos demais componentes que caracterizam o que é "centro", como o aspecto simbólico, como são, por exemplo, os eixos comerciais e de serviços especializados e os *shopping centers*. Em outras palavras, a centralidade pode se manifestar no não-centro, para utilizar uma palavra de Corrêa (1989) quando explica o processo de descentralização. A expressão "centralidade sem centro" é de Tourinho (2004), mas utilizada aqui de forma diferente. Em sua pesquisa, Tourinho (2004) usa a expressão "centralidade sem Centro", com a palavra "Centro" com "C" maiúscula, referindo-se assim a um espaço concreto particular da cidade que ela estuda, ou em outras palavras, o centro principal, uma localização superlativa, não reproduzível, enquanto que "centro" com "c" minúscula é escrito para referir-se a uma forma geral que contém a concentração como determinação do central, particularmente os subcentros, visto que estes são semelhantes ao centro principal, embora com diferenças significativas. Aqui usamos "centralidade sem centro" com "c" minúscula justamente porque,

[95] Para Tourinho (2004, p. 336, nota 606), a "desfabricação do Centro" é um neologismo que visa identificar um desarranjo, um desconcertar, um desfazer do Centro, tirando deste "funções de comando com a finalidade de criar novas áreas representativas do novo estágio do modo de produção" que são as novas áreas de centralidade, mas que não são Centro, visto que estas "novas áreas são especializadas e quase unifuncionais: terciárias ou comerciais" diferente do Centro, que é "uma entidade multisetorial e multifuncional, plurisignificante e contraditoriamente complexa".

como será discutido no capítulo 6, entendemos que as novas áreas que expressam centralidade (com exceção do subcentros) não são centros, visto que sua centralidade é essencialmente funcional. Ainda assim, como o leitor verá, utilizaremos a palavra Centro com "C" maiúscula para diferenciar do "outro centro", neste caso, os subcentros, que postos em relação com ele o dão o caráter de "principal".

Muitas das novas áreas produzidas nas cidades podem ser caracterizadas como "centralidades sem centro", resultados desta "desfabricação", visto que são simulacros espaciais, formas artificialmente criadas no espaço urbano que concentram atividades econômicas, mas que, em sentido amplo, não são centros, visto que não possuem as qualidades fundamentais que caracterizam o centro principal. Isto é, são produzidos, cada vez mais formas espaciais na cidade "que podem atuar de forma similar àqueles centros, funcionalmente falando (concentração de atividades definidas como centrais), sem, no entanto, apresentarem outros componentes de identidade do centro, como, por exemplo, os simbólicos" (TOURINHO, 2004, p. 12). Sendo assim, prossegue a autora chamando a atenção de que

> é imperativo entender que o Centro e a centralidade hoje já não caminham mais juntos de forma indiferenciada. A centralidade, como sua miríade de atributos, tornou-se independente do Centro, distanciou-se dele, conceitual e fisicamente falando. Deixou de ser o atributo como qualidade capaz de exprimir a substância do central, para passar a ser ela mesma um substantivo adequado para identificar um espaço urbano, mais ou menos compacto, que pode conter em si as condições necessárias para que exista a concentração de fluxos diversos – riquezas, informações, decisões, mas também, pessoas e bens materiais, fontes de consumo e de lazer, atividades as mais variadas ou especializadas que habitualmente permitem acontecer dia a dia de nossas sociedades, com independência de qualquer relação hierárquica referida necessariamente ao Centro da cidade. [...] A centralidade que sai do Centro, por exemplo, leva com ela uma parte dos atributos que o identificam. [...] o Centro não possui hoje muitas daquelas características identificadas nele quando reinava absoluto. É, por estas razões, que se diz hoje que o Centro perdeu centralidade para as chamadas "novas centralidades", uma vez que não consegue continuar comandando, ele só, o complexo processo de construção metropolitana[96], sendo obrigado entrar na arena competitiva com outras áreas da cidade, sustentado pela postura de uma parte da sociedade que pretende – por razões econômicas, de prestígio, ou ainda culturalistas – reforçar a centralidade preexistente àquelas novas centralidades. Ainda assim, o Centro continua Centro (TOURINHO, 2004, p. 395).

Nesse contexto, fala-se, então, de crise dos centros urbanos e crise da concentração única que outrora se confundia com aquele. Assistimos, no contexto da urbanização

[96] Embora a autora tenha como correspondente empírico os espaços metropolitanos e não dê atenção às cidades de tamanho e importância menores, o que se constitui como uma lacuna do seu trabalho, as diferenças apontadas por ela entre o centro e as "novas" centralidades nos ajudam a entender a redefinição da centralidade no espaço urbano das cidades médias.

contemporânea, uma disjunção entre o centro e a centralidade provocada pela localização periférica de equipamentos que tradicionalmente estavam no centro da cidade (CHALAS, 2010). Hoje, é possível observar que com a produção de novas realidades urbanas vinculadas às atividades comerciais e de serviços distantes do centro principal, a centralidade foi se distanciando do centro e deixou de ser um atributo do centro para ser um lugar do central[97] (no sentido de funções tradicionalmente centrais), sem necessariamente que aquela nova área de concentração de equipamentos comerciais e de serviços da cidade seja o centro. A centralidade não é uma característica física, é "a somatória de atributos que beneficiam o Centro [mas] é importante entender que sua manifestação se dá no território da cidade de uma forma física" (TOURINHO, 2004, p. 391), ou seja, a centralidade se manifesta fisicamente no e por meio do centro ou em outras áreas não-centrais com atributos semelhantes ao centro.

Em suas pesquisas, Sposito (2010a) contribui teoricamente para a questão aqui debatida a partir do conceito de multi(poli)centralidade[98]. Para ela, a multiplicação de áreas de concentração de atividades terciárias pode ser caracterizada como uma multicentralidade, isto é, múltiplas áreas com expressão de centralidade, ao passo que na medida em que essas múltiplas áreas se diferenciam, além da quantidade, pelo grau de centralidade que exercem no conjunto da estrutura urbana e pela capacidade de atração, especialização funcional e socioeconômica, estaríamos diante de uma policentralidade. Ou seja, "se constatamos a existência de mais de um centro temos uma multicentralidade. Se constatamos diferentes níveis de especialização e importância entre esses centros, estamos em face de uma policentralidade" (SPOSITO, 2010a, p. 205).

Essa multi(poli)centralidade (SPOSITO, 2010a) é múltipla não pelo fato de serem "novas" e muitas centralidades, mas pelo fato de a centralidade ser multiplicada a partir do declínio relativo de papéis do centro da cidade, ou seja, algumas dimensões da centralidade do centro, antes encontradas apenas nele, são reproduzidas, deixando de ser uma qualidade exclusiva do centro da cidade para se manifestar em outras áreas do espaço urbano; e é poli porque essa multiplicação, acompanhada do declínio dos papéis do centro da cidade que condiciona a multiplicação de centralidades fora centro e se manifestam em outras áreas o são de graus diferentes, correspondendo a interesses e grupos sociais que se separam e com papéis

[97] Labasse (1970, *apud* SPOSITO, 2010, p. 203) afirma que "A centralidade nas cidades modernas deixou de identificar-se com o centro".

[98] Esse conceito tal como proposto por Sposito (2010a) tem como referência o espaço urbano, a escala a cidade. Mas ele também poder ser entendido em outro plano escalar, no âmbito da rede urbana, como a mesma autora destacou em outro trabalho (SPOSITO, 2010b).

em escalas espaciais distintas. Ou seja, a centralidade do centro da cidade que antes reunia todas as qualidades do central declina[99], e algumas das suas dimensões passam a se manifestar em outras áreas da cidade, com algumas – mas não todas – as qualidades do central. Portanto, o que se multiplica (o multi) e se diferencia (o poli) são os fixos, isto é, as áreas, os espaços concretos, "os centros", e não os fluxos, o imaterial, a centralidade. Noutros termos, com a multiplicação e diferenciação destas áreas na cidade, o espaço urbano se torna "poli(multi)cêntrico" (LEFEBVRE, 2008b, p. 44).

É nesse sentido que Lefebvre (2008b) afirma que

> O centro só pode, pois, dispersar-se em centralidades parciais e móveis (policentralidade), cujas relações concretas determinam-se conjuntamente [...] não existe lugares de lazer, de festa, de saber, da transmissão oral ou escrita, de invenção, de criação, sem centralidade (LEFEBVRE, 2008b, p. 91 – grifo nosso).

Assim, seria mais apropriado falar de "novas áreas de centralidade" do que de "novas centralidades", visto que o que se multiplica são os fatos físicos e não a noção sobre estes, ou seja, o centro está mais relacionado à dimensão espacial da realidade, enquanto que a centralidade à dimensão temporal (SPOSITO, 2001), sendo a centralidade mutável no tempo e o centro como o permanente[100] (PINTAUDI, 2009).

> o Centro convive, e compete, atualmente com outras realidades urbanas que enriquecem ou empobrece [a cidade]. Estas, a princípio, não deveriam chamar-se "novas centralidades", uma vez que não há "velhas centralidades". Por tratar-se a centralidade de uma noção existente sobre um fato físico, o correto seria realmente chamar de novo ou velho ao fato propriamente dito e não a noção que se tem sobre ele. O que existem são, assim, "novas áreas" de centralidade e novos sistemas de produzir centralidade frente a uma sistemática tradicional de produção de centralidade associada a uma determinada forma física da cidade que era depositária dessa centralidade, o Centro da cidade. Este, de fato, não é uma velha centralidade, ele é simplesmente "o Centro" (TOURINHO, 2004, p. 397).

[99] Esse declínio, embora acompanhada de uma multiplicação da centralidade, não se refere a uma expansão, pois "a existência do Centro e de centros não implica, de maneira nenhuma, que exista uma expansão da centralidade. A centralidade não se expande, ela se concentra, ainda que possa multiplicar-se como polinucleação no sistema de descentralização dos subcentros ou, no seu estado atual, ela se multiplica produzindo, segundo Rolnik, mais concentração e polarização (Rolnik, 2001: 65). Em todo caso, a centralidade é uma qualidade de pontos diferenciados e, por esta razão, é um tipo de qualidade que foge da dispersão e seus sinônimos" (TOURINHO, 2004, p. 396 – grifo nosso).

[100] O fato de o centro ser fixo e permanente não significa naturalizá-lo e ou entende-lo como um fato já dado. Ele é produzido socialmente, é tornado "centro" baseado em uma miríade de ações, situações, elementos que dão significado e são significantes para uma coletividade, o que põe em xeque a ideia de Villaça (2009) de que o centro se desloca em direção às elites, como se o centro pudesse "pular". Sobre essa e outras críticas às ideias de Villaça (2009), ver Tourinho (2004, p. 283-298).

Esta pesquisa inscreve-se, portanto, numa perspectiva de "centros", ou melhor, novas áreas de centralidade[101], e não de "centro" no sentido de concentração única, tal qual Sposito (2010) e Tourinho (2004) chamaram a atenção quando o assunto é a centralidade nas cidades contemporâneas, principalmente as metrópoles e algumas cidades médias.

Mas, de fato, essas áreas são novos centros? No capítulo seguinte buscaremos, por meio do estudo empírico, ver como se manifesta a centralidade em suas múltiplas formas espaciais e papéis e entendê-las em suas relações com/ao centro principal tendo como recorte territorial da pesquisa empírica a cidade de Juazeiro do Norte. Buscamos, portanto, analisar a reestruturação do espaço urbano de Juazeiro do Norte por meio do processo de redefinição da centralidade no espaço urbano, em que o comércio e os serviços aparecem como tendo um papel fundamental nesse processo.

[101] A expressão "novas áreas de centralidade" se contrapõe a de "novas centralidades" para distinguir o fato físico – a área, o eixo etc. – da sua qualidade, atributo – a centralidade. Usaremos como sinônimos daquela, para não torna-la repetitiva, em alguns momentos, as expressões "áreas com expressões de centralidade", "áreas que expressam centralidade" e outras afins.

6. A REDEFINIÇÃO DA CENTRALIDADE NO ESPAÇO URBANO DE JUAZEIRO DO NORTE

6.1 Da década de 1980 aos dias atuais: breve contextualização de Juazeiro do Norte.

A década de 1980 é fundamental para se entender a estruturação da cidade de Juazeiro do Norte. Nesta década, a cidade explode demograficamente (tabela 2), fazendo com que a mancha urbana expanda para áreas até então rurais e com habitações rarefeitas, alargando o perímetro urbano. Glebas rurais são incorporadas ao perímetro urbano e novos bairros surgem, alguns influenciados por pequenas aglomerações que já existiam (figura 9) enquanto outros foram se formando a partir dos conjuntos habitacionais e loteamentos, em grande maioria voltados às classes baixas, mas que também contemplaram as classes médias e média-altas, em diferentes áreas da periferia. Há ainda outro fator, que foi as ocupações da terra urbana pelos movimentos sociais que buscavam moradia, como o que deu origem ao bairro Mutirão da Vida. São exemplos destes processos os bairros Tiradentes, Novo Juazeiro, Limoeiro, Pirajá e Triângulo, além do já referido Lagoa Seca, de classe média-alta.

Tabela 2 - Juazeiro do Norte. Crescimento demográfico e taxa de urbanização. 1980 a 2010.

	1980		**1991**		**2000**		**2010**	
	População	**%**	**População**	**%**	**População**	**%**	**População**	**%**
Rural	9.588	7,07	8.644	4,98	9.906	4,67	9.811	3,93
Urbana	126.032	92,93	164.922	95,02	202.227	95,33	240.128	96,07
Total	135.620	100	173.566	100	212.133	100	249.939	100

Fonte. Perfil Básico Municipal, IPECE (2004, 2012); IBGE (1980, 2010)
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

A expansão do tecido urbano para áreas até então rurais modificou a estruturação da cidade, em especial a centralidade no espaço urbano, que se alterou em paralelo a esta expansão periférica. Um dos resultados foi o surgimento de novas áreas de concentração de comércio e serviços a partir de meados dos anos 1980.

O que há de comum nesta década é que todos estes bairros são criados em áreas distantes do centro principal, muitos deles caracterizando uma descontinuidade do tecido urbano como são os casos dos bairros Lagoa Seca e do Mutirão. Esta descontinuidade territorial da cidade, que provocou uma estruturação marcada pela presença de áreas residenciais cada vez mais distanciadas do centro, continuou durante a década de 1990 e nos anos 2000 (figura 10).

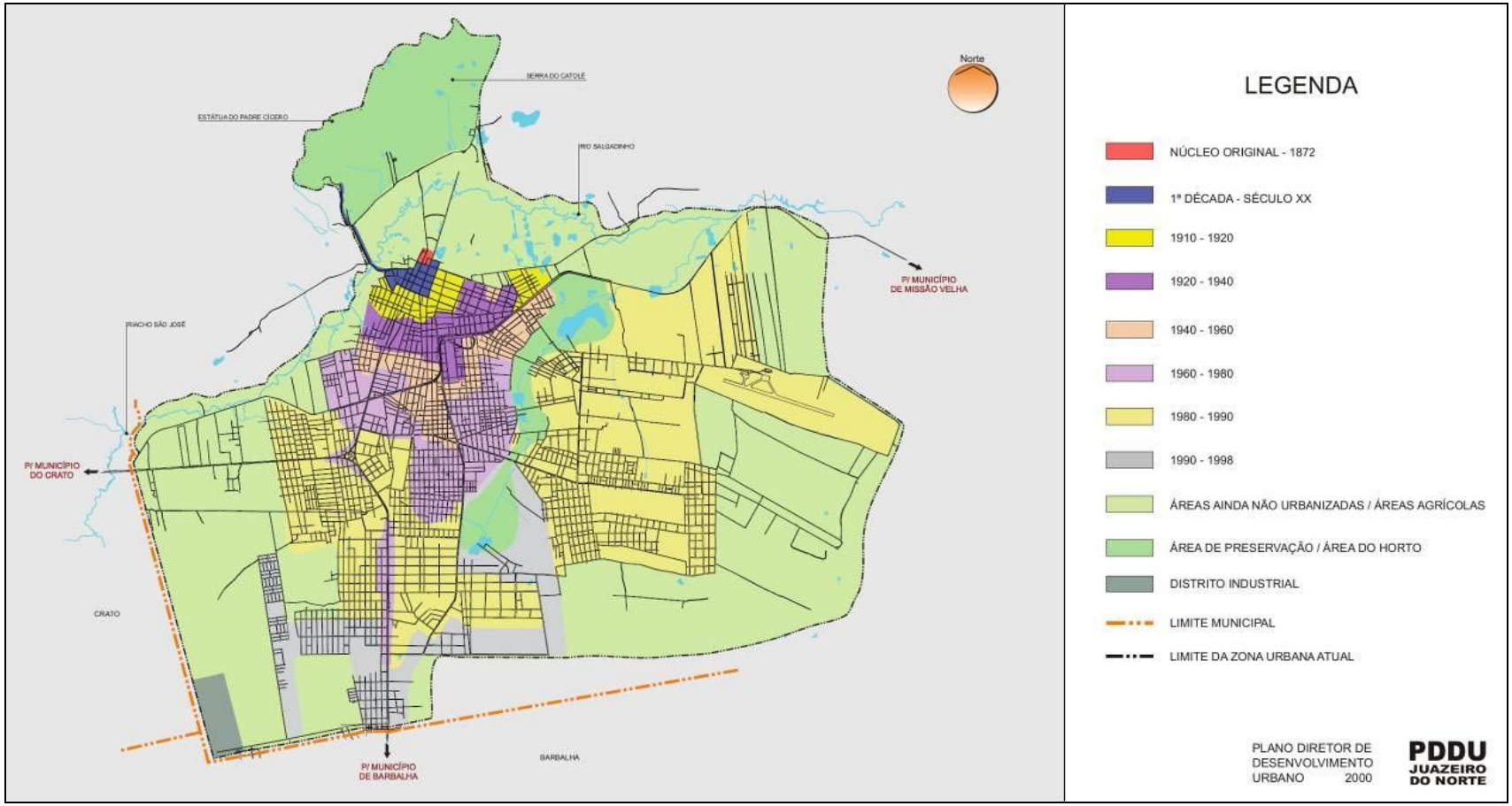


Figura 9 - Juazeiro do Norte. Expansão urbana ao longo do século XX.
Fonte: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juazeiro do Norte (PDDU, 2000).
Adaptado por Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

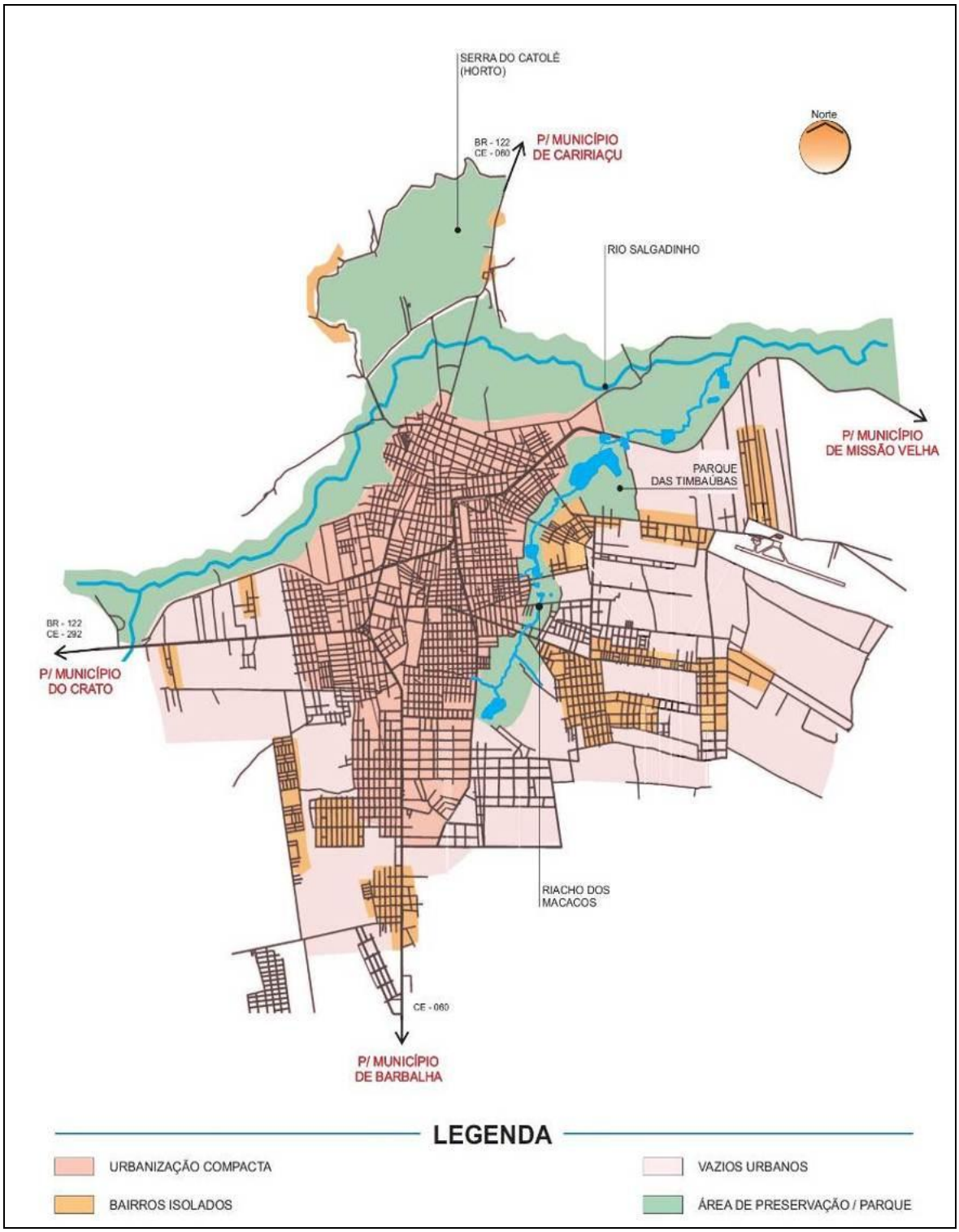


Figura 10 - Juazeiro do Norte. Mancha urbana em 2000.
Fonte: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (2000)

Destacam-se como modificações na morfologia do centro principal as intervenções urbanísticas nos anos 1980, com obras de aberturas e alargamento de ruas como a Floro Bartolomeu e a São Francisco. Essas obras, realizadas na primeira gestão de Manoel Salviano (1982-1988), possibilitaram uma maior circulação e mobilidade no centro da cidade e, ao mesmo tempo, uma maior expressão da centralidade exercida por essa área no conjunto da estrutura urbana. Isso deveu-se à construção de grandes obras como o Memorial Padre Cícero[102] e à construção do Terminal Rodoviário Interurbano, de ligação viária entre Juazeiro e Crato, Juazeiro e Barbalha e Juazeiro e Missão Velha[103], além da chegada de novas lojas. O próprio conteúdo do centro da cidade e as práticas espaciais atinentes a ele mudaram, mas não o esvaziaram ou o deterioraram, como parece sugerir Walker (2010).

Na periferia da cidade, a parcela da estrutura urbana que, desde os anos 1950, ganhou novos conteúdos passa a existir novas formas espaciais. A verticalização se apresenta como uma nova forma de morar, com a construção dos primeiros edifícios residenciais no bairro Lagoa Seca no final nos anos 1980, amplificado nos anos 2000.

Do ponto de vista econômico, há um crescimento significativo que segue a tendência que já se esboçara na década de 1970. A população vai se tornando cada vez mais urbana, o setor terciário tomando progressivamente a dianteira e constituindo-se na principal atividade econômica da cidade e dinamizadora da produção do espaço urbano.

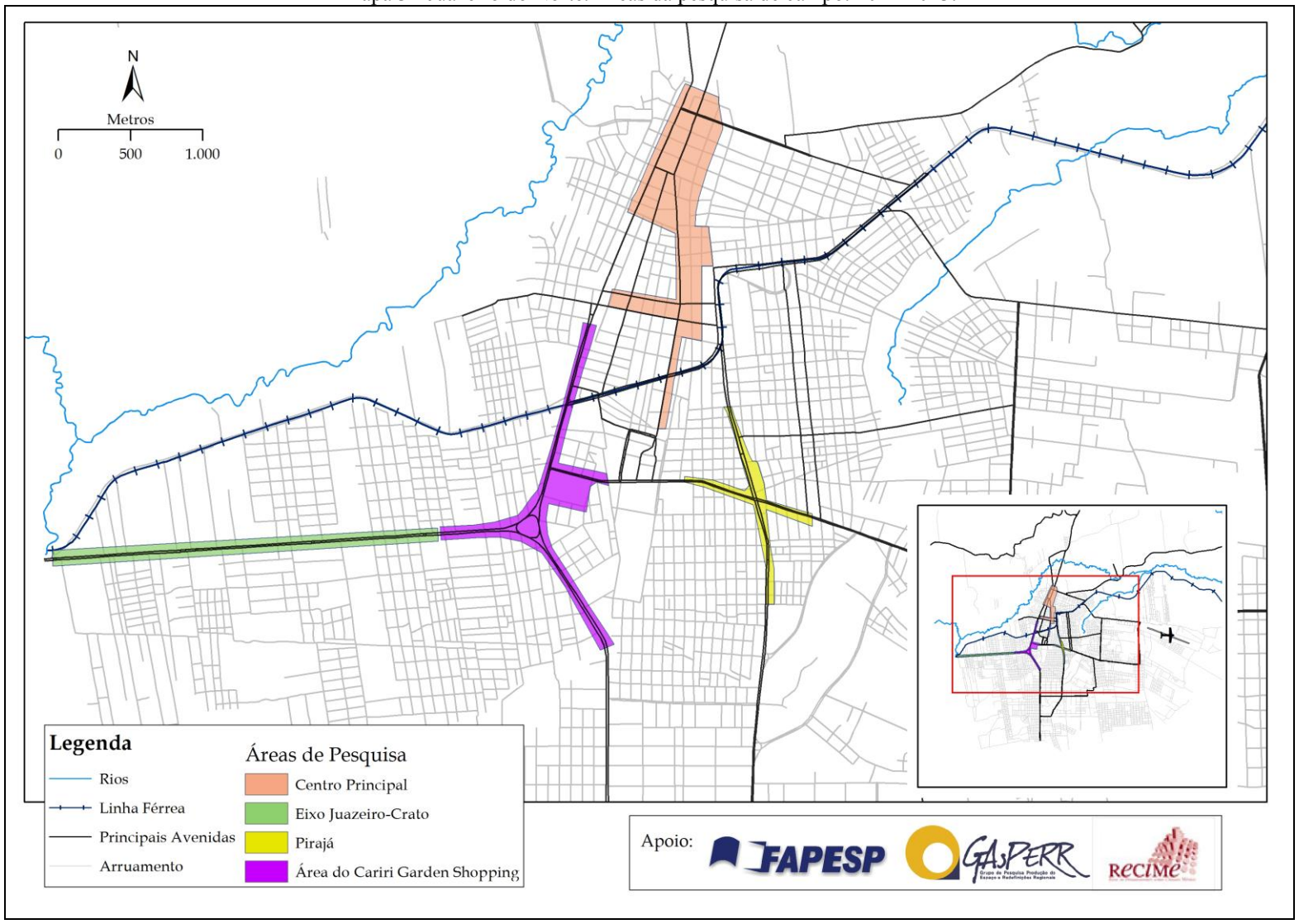
A redefinição da centralidade está atrelada a estas transformações. Sendo assim, neste capítulo, daremos ênfase às transformações da centralidade no espaço urbano de Juazeiro do Norte por meio da análise das novas áreas de concentração de comércio e serviços que surgiram desde o final dos anos 1980. Entretanto, retomaremos a uma perspectiva histórica para mostrar como se deram a primeiras tentativas de redefinição da centralidade para, em seguida, tratar dos espaços atuais.

Assim, serão discutidas as seguintes áreas (mapa 3):

a) O centro principal: é a parte da cidade mais antiga, onde a cidade se originou. Expandiu-se ao longo do século XX extrapolando os limites oficiais do bairro centro, contemplando assim o núcleo primaz e o centro expandido. Possui uma dinâmica urbana intensa e concentra a maior parte do comércio e serviços existente na cidade, sendo ainda o principal foco da maioria da população.

[102] O Memorial Padre Cícero inclui um museu que conta a história da cidade e que expõe objetos particulares que pertenceram ao Padre Cícero, sendo também um espaço para a realização de grandes eventos e congressos.
[103] Agnaldo Carlos de Nascimento. Entrevista realizada em 8 jan. 2013.

Mapa 3 - Juazeiro do Norte. Áreas da pesquisa de campo. 2012-2013.



Fonte: Pesquisa de Campo (2012-2013).
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).

b) A área do Pirajá: é uma área formada no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 influenciada pela instalação de um mercado público. Concentra um percentual significativo de estabelecimentos comerciais populares.

c) A área do Cariri Garden Shopping: área formada em meados da década de 1990, cuja instalação influenciou e intensificou a expansão, servindo como um atrativo para a localização de diversos comércios e serviços de caráter segmentado e seletivo.

d) O eixo que liga Juazeiro do Norte a Crato: antiga área de localização de indústrias, e de residências conhecidas como chácaras, que passou a concentrar comércio e serviços em uma forma espacial linear no final dos anos 1990 e, principalmente, nos anos 2000.

A análise destas áreas busca contribuir para a compreensão das lógicas da produção do espaço urbano que alteram a estrutura centro-periferia bem como as estratégias de localização dos agentes econômicos na formação destas áreas, sejam estes agentes locais, nacionais ou internacionais.

6.2 Expressões e redefinições da centralidade no espaço urbano de Juazeiro do Norte

Vimos na primeira parte deste como o centro de Juazeiro do Norte foi sendo produzido ao longo do processo de estruturação da cidade. Os primeiros estabelecimentos comerciais passaram a se instalar no final do século XIX no então povoado de Joaseiro, nas ruas próximas à capela de Nossa Senhora das Dores, atual Basílica Menor. Já no início do século XX, os estabelecimentos passaram a se localizar numa área mais próxima, que acabou por se localizar historicamente nos arredores da atual Praça Padre Cícero, permanecendo até a década de 1920-1930 localizado nesta área.

Na medida em que a cidade foi se expandindo, após os anos 1920, a localização das atividades terciárias foi se dando na Rua São Pedro, Rua Padre Cícero e Rua São Paulo – ruas paralelas entre si – e nas ruas São Francisco, Conceição e Santa Luzia – perpendiculares àquelas – formando o setor de maior dinamismo econômico da cidade, que perdurou até o final dos anos 1980. Nos anos 1950, isso já se nota de forma clara no mapa que apresentamos no capitulo 2, com a disposição das principais atividades nas principais ruas.

Esta área era conhecida como o "quarteirão sucesso", pois era lá onde estavam localizados os principais estabelecimentos comerciais e de serviços da cidade bem como era a área mais valorizada do ponto de vista socioeconômico. As principais lojas de móveis, de

eletrodomésticos, de artigos de vestuário, mercearias, mercantis e supermercados, além dos bancos, localizavam-se exclusivamente nesta área. Isso, como veremos com mais detalhe, foi se modificando, com a desconcentração de atividades que passou a ocorrer no final da década de 1980.

Na geografia histórica de Juazeiro do Norte, é possível observar, ainda no começo do século XX, uma primeira tentativa de redefinição da centralidade no espaço urbano anterior aos anos 1980. O contexto econômico e social daquele período (ver capítulo 1) propiciou investimentos de grande porte no Brasil da década de 1920, e o prestígio e a influência política que a cidade de Juazeiro do Norte desfrutava no cenário regional e nacional propiciou a chegada de obras de significativa importância na produção espacial da cidade.

Sem dúvida, a chegada do ramal da Estrada de Ferro de Baturité, em 1926, foi um marco. A instalação deste fixo na cidade provocou mudanças nas lógicas de produção do espaço urbano e da estruturação da cidade, influenciando a expansão urbana. Capel (2005) destaca que "a partir del siglo XIX el ferrocarril supuso una auténtica revolución en las ciudades. Las estaciones de ferrocarril se convirtieron en edifícios de gran significado como exponentes de los nuevos avances técnicos y como puertas de acceso a la ciudad" (*apud* MAIA, 2009, p.191).

As transformações que foram possibilitadas com a chegada da estrada de ferro se deram, a nosso ver, em duas escalas espaciais distintas, mas articuladas. Em primeiro lugar, a estrada de ferro visava uma maior integração do território cearense, com intuito de fortalecer os laços econômicos entre as cidades do Sul do estado – historicamente com fortes laços com a cidade do Recife – com a capital Fortaleza para além das relações político-administrativas. Era principalmente os laços econômicos que se buscava, o que provocou certa intensificação das interações espaciais de Juazeiro do Norte com a cidade de Fortaleza e demais cidades da rede urbana cearense, ou seja, com a estrada de ferro "intensifica-se o comércio do Joaseiro, que passa a importar e exportar muitos produtos" (MENEZES; ALENCAR, 1989, p. 148). Essa primeira dimensão é a da escala da rede urbana. Corrêa (2010), ao debater sobre os processos espaciais e a cidade, afirma que "a partir da segunda metade do século XIX as ferrovias passara desempenhar papel crucial nas relações interurbanas e inter-regionais" (CORRÊA, 2010, p. 123)[104]. Assim, "estabeleciam-se as bases de comunicação e integração

[104] Observe-se que Corrêa (2010) ao afirmar o papel das ferrovias, está debatendo o processo de centralização e formação das Áreas Centrais. No caso de Juazeiro de Norte, a ferrovia teria um papel oposto, que seria a criação de outro centro, ou nas palavras de Corrêa (2010), promoveria o processo de "descentralização".

do sertão em um sistema político nacional e na rede econômica internacional" (ARAÚJO, 2011, p. 82).

Em segundo lugar, as transformações deram-se em outra escala, no caso a escala do espaço urbano. Nesse sentido, propiciou alterações na morfologia urbana, visto que a principal função da estrada de ferro talvez tenha sido, devido à sua localização distante do centro da cidade em meados da década de 1920, a criação de um "novo centro" nos arredores da estação ferroviária. O memorialista Daniel Walker afirma em entrevista que:

> [...] quando a estação ferroviária veio pra se estabelecer em Juazeiro [...] os engenheiros vieram na casa do Padre Cícero e pediram que ele informasse qual seria o local para botar a estação de passageiros. Esse pessoal veio na casa do Padre Cícero que fica aqui em baixo, na Rua São José, e o Padre Cícero saiu com a equipe de engenheiros da Rua São José e foi até o local onde hoje está a estação, ali perto dos Franciscanos, e ele disse "aqui é o local onde deverá ficara a estação", e os caras ficaram admirados por causa da distância que era muito grande dali para o centro de Juazeiro na época.[105]

Barbosa (2011 [1985]), por sua vez, relata no seu livro de memórias que

> Antes [...] do dia da grande festa do advento do primeiro trem, houve entendimento para fazer a demarcação do local no qual seria situada a Estação. A opinião da maioria era que a mesma fosse construída às proximidades da praça Almirante Alexandrino de Alencar, antiga Praça da Liberdade [e hoje Praça Padre Cicero], local que foi palco da maior concentração cívica [...] Prevaleceu a opinião abalizada do homem que vislumbrava um futuro de progresso para Juazeiro, o Padre Cícero Romão Batista que marcou o local da mencionada estação ferroviária dizendo que ali, seria o centro da cidade. A reação se fez valer. Comentavam que a cidade jamais atingiria tal crescimento. O local escolhido ficava distante da afamada praça escolhida quase três quilômetros[106]. As alegações se multiplicavam em sentido contrário. Diziam uns: - O passageiro ou viajante, não veria a cidade. Presenciaria apenas mato-pastos, plantações de mandioca e algumas casas de taipa esparsas. Outros propalavam: - Quem desembarcar em Juazeiro, teria que percorrer uma distância enorme a pé. Carro de praça não existia. E para se chegar ao centro, teria que enfrentar um areal considerável [...] Mas o Padre afirma o seu ponto de vista, alegando que sendo construída distante, obrigava a cidade a crescer. Teriam que surgir cafés, casas de hospedagens, pensões (BARBOSA, 2011, p. 88 – grifos nossos).

Maia (2009, p. 191) afirma que há "implicações diretas da instalação da ferrovia sobre a morfologia da área do centro primaz", ou pode ter variação em função da própria dinâmica da cidade e da localização, que no caso de Juazeiro do Norte não se deu nas proximidades do centro primaz ou tradicional.

---

[105] Daniel Walker, entrevista realizada em 9 de julho de 2012.

[106] A distância era menor do que 3 km, mas na época, década de 1920, a distância parecia ser maior, pois era uma área em descontinuidade da mancha urbana daquele período.

Embora tenham se aglomerado algumas funções diversas ao longo dos anos após a instalação da estação ferroviária, a ideia original de transformar aquela área em um novo centro da cidade de Juazeiro do Norte naquele período não vingou. O que foi uma iniciativa empreendida por Padre Cícero, acabou de certo modo fracassando no sentido de formar uma nova área de centralidade na cidade. Se, inicialmente, logo na época da instalação, a estação ferroviária estava em descontinuidade territorial em relação ao tecido urbano de Juazeiro do Norte, como pode ser lido nas memórias de Barbosa (2011), esta descontinuidade foi sendo superada no decorrer dos anos que se passaram, sendo aquela área posteriormente incorporada ao tecido urbano, momento também que o centro da cidade se expandia, com a alocação do comércio e dos serviços que passaram a se localizar principalmente na Rua São Pedro e nas próximas a esta após os aos 1920 (ver capítulo 1 e 2). Em síntese, a área em que está instalada a estação ferroviária – atualmente[107] neste local foi construída outra estação, mais moderna, para o funcionamento do "Metrô do Cariri" (fotos 17 e 18) – foi incorporada no momento em que se expandia a mancha urbana e o centro da cidade.

Desde a inauguração a estação ferroviária na década de 1920 até os finais dos anos 1980, não foi possível encontrar nenhum material documentado que relatasse o surgimento de novas áreas de concentração de atividades terciárias no espaço urbano de Juazeiro do Norte. Somente na década de 1980 é que começa a se formar uma nova área de concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços, desta vez distante do centro da cidade, que é o Pirajá.

A partir desta década, a relação do centro com o restante da cidade parece ter se alterado. Embora saibamos que as novas áreas de concentração de comércio impactem o centro principal, este não deixa de ter uma influência fundamental na estruturação da cidade,

[107] Atualmente, esta área concentra alguns estabelecimentos comerciais e de serviços que servem à população do bairro. São mercantis, bares, lojas de roupas e demais estabelecimentos. Poder-se-ia perguntar se esta área não se caracteriza como um espaço que expressa centralidade, mas a resposta a uma possível indagação como essa é dada da seguinte maneira: embora exista certa concentração de estabelecimentos – bem pequena, é verdade – e que isso lhe dê uma expressão de centralidade, ela não influencia a estruturação do espaço urbano de Juazeiro do Norte como um todo, por pelo menos dois motivos: um primeiro é pelos tipos de estabelecimentos que estão localizados ai, pois são usos do solo muito comuns, até mesmo em bairros distantes do centro principal, que não tem um impacto na estrutura urbana da cidade; o segundo é a sua proximidade do centro principal da cidade, ou seja, mais do que ser uma área que oferece certa competição com centro, esta área funcionaria mais como uma parte complementar ao centro da cidade, contendo tipos de estabelecimentos que são abundantes nas principais ruas comerciais do centro, como a Rua São Pedro e a Rua São Paulo. Por esses motivos é que esta área não foi objeto, na pesquisa, de um levantamento detalhado, pois o que se busca é a redefinição da centralidade urbana e a novas áreas de concentração de estabelecimentos comerciais que provocam mudanças na estruturação da cidade, processos este que esta área não contempla, e não realizar um levantamento de uso do solo de todas as áreas com presença e comércio na cidade.

sobretudo quando falamos no contexto das cidades médias (SPOSITO, 2010a), visto que muitas delas ainda apresentam estruturas monocêntricas.



Foto 17 - Juazeiro do Norte. Estação ferroviária na época da inauguração, década de 1920.



Foto 18 - Estação do "metrô do Cariri", e por trás, a antiga estação ferroviária.

Fonte: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013)

A realidade urbana pela qual passa Juazeiro do Norte atualmente está vinculada aos processos mais gerais que foram vistos no capítulo anterior. Isso redefiniu a estruturação do espaço urbano desta cidade e novos agentes passaram a atuar de maneira significativa, muitas vezes direcionando os eixos de expansão urbana e valorização do solo urbano.

A importância destas áreas no que tange à estruturação recente de Juazeiro do Norte pode ser melhor entendida a partir dos dados empíricos produzidos em campo, sobre os quais nos debruçaremos a partir de agora. Tendo em vista a concentração de estabelecimentos como um importante fator de centralidade, as áreas pesquisadas apresentam graus diferentes de concentração de estabelecimentos vinculados às atividades terciárias, conforme tabela 3.

Tabela 3 - Juazeiro do Norte. Quantidade de estabelecimentos levantados e em funcionamento nas áreas de centralidade*. 2012-2013.

	Quant. de estabelecimentos em funcionamento	**%**	**Quant. de estabelecimentos levantados**	**%**
Centro Principal	1796	71,43	2630	71,77
Pirajá	435	17,30	701	19,13
Cariri Shopping	181	7,19	207	5,64
Eixo Juazeiro-Crato	102	4,05	126	3,43
Total	2514	100	3664	100

* Por ocasião do levantamento não foi feita uma separação entre atacadistas e varejistas

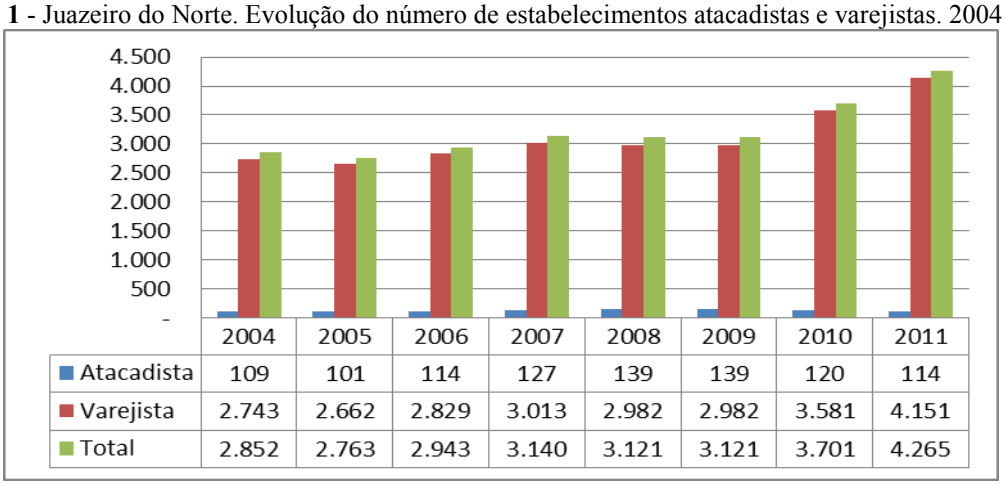
Fonte: Pesquisa de campo (2012-2013).

Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

O número de estabelecimentos levantados em campo é significativo, tendo em vista a quantidade deles existente na cidade, conforme pode ser visualizada no gráfico 1, em que são expostos os dados referentes à evolução do número de estabelecimentos atacadistas e varejistas do ano de 2004 ao ano de 2011.

Por meio do gráfico 1, podemos notar a forte expressão do comércio varejista nesta cidade, com participação de 80,62% do PIB municipal, contra 19,05% do secundário e 0,33% do primário, sendo, deste modo, o segundo maior centro varejista do Ceará atrás apenas de Fortaleza (figura 11, destaque de Juazeiro do Norte em vermelho) e como vimos na primeira parte desta pesquisa, foi esta atividade que projetou Juazeiro do Norte economicamente. As tabelas 4 e 5 trazem o comércio e os serviços desagregados por ramos de atividades em Juazeiro e no estado do Ceará nos anos de 2010 e 2011.

Gráfico 1 - Juazeiro do Norte. Evolução do número de estabelecimentos atacadistas e varejistas. 2004 a 2011.



	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Atacadista	109	101	114	127	139	139	120	114
Varejista	2.743	2.662	2.829	3.013	2.982	2.982	3.581	4.151
Total	2.852	2.763	2.943	3.140	3.121	3.121	3.701	4.265

*A soma geral não contabiliza a variável "reparação de veículos e de objetos pessoais e de uso" que o IPECE apresenta como separada do total de Atacadistas e Varejistas.
Fonte: Anuário Estatístico do Ceará, IPECE (2006, 2008, 2010, 2012).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Os dados expostos na tabela 3 e no gráfico 1 revelam a estrutura da cidade de Juazeiro do Norte no que tange às atividades econômicas do setor de comércio varejista e atacadista até 2011. No caso da tabela 3, embora o número de estabelecimentos que se concentram em uma determinada área seja por si só insuficiente para entender a redefinição da centralidade sendo necessário um detalhamento maior no âmbito das próprias atividades econômicas, ele nos dá um forte indicativo, sendo um elemento fundamental, visto que "a centralidade [...] reflete [...] a ideia de concentração" (SPOSITO, 2010a, p. 204) e que a "centralidade não se expressa sem que uma concentração se estruture" (SPOSITO, 2001, p. 238). Voltaremos à discussão acerca da concentração adiante.

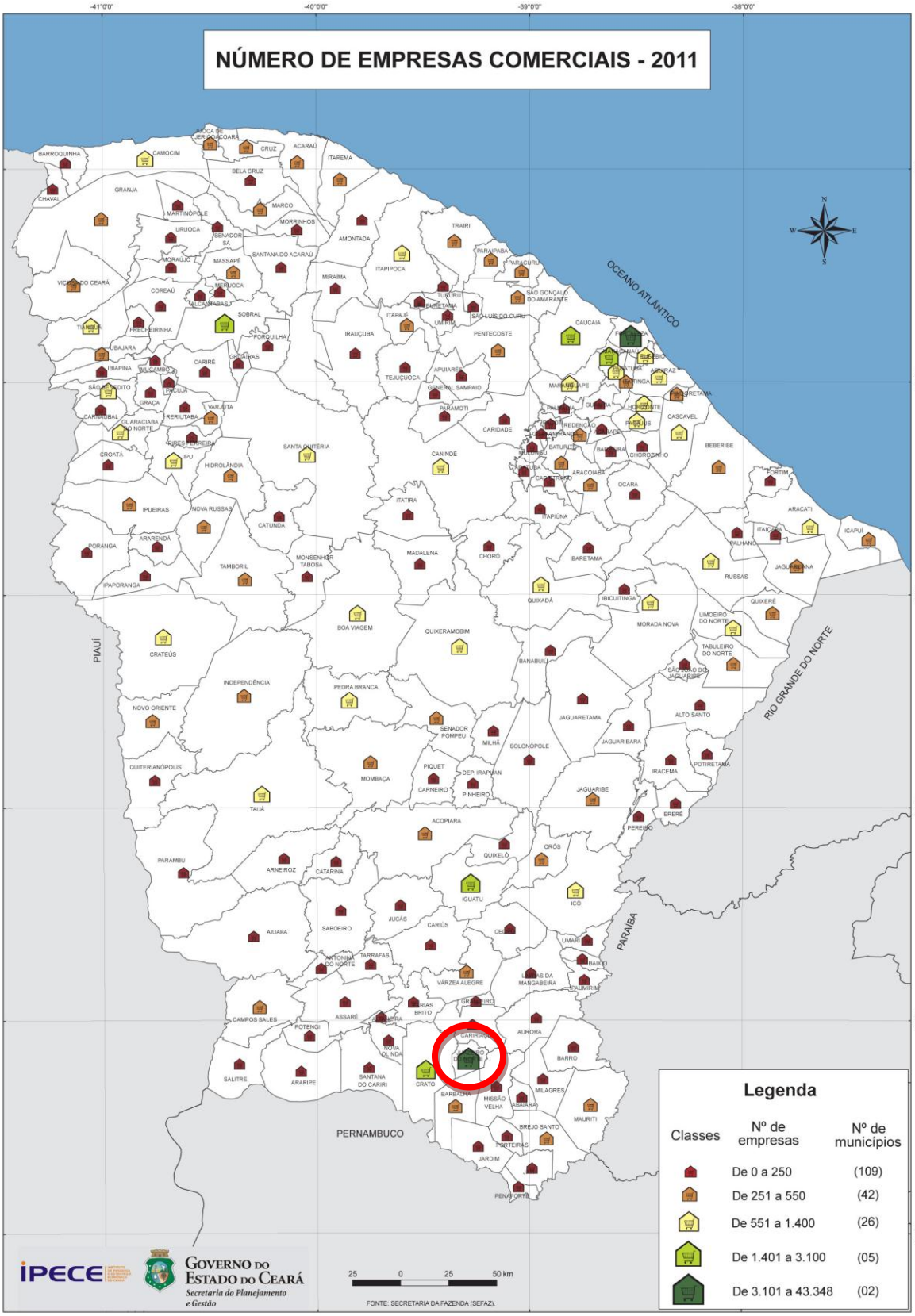


Figura 11 - Ceará. Número de empresas comerciais por município em 2011.
Fonte: IPECE (2012).
Observação: Juazeiro do Norte está destacada com o círculo vermelho.
Adaptado por Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Tabela 4 - Juazeiro do Norte. Quantidade de estabelecimentos comerciais varejistas, segundo ramo de atividades. 2010 e 2011

Estabelecimentos comerciais varejistas 2010													
	Total	Automóveis, camionetas, utilitários, motocicletas e motonetas	Peças e acessórios para veículos, motocicletas e motonetas	Bicicletas e triciclos e suas peças e acessórios	Pneumáticos e câmaras de ar	Combustíveis, lubrificantes e gas liqüefeito de petróleo (GLP)	Mercadorias em geral (*)	Lojas de departamentos, magazines e lojas de variedades	Produtos de gêneros alimentícios	Bebidas	Tecidos, vestuário e artigos de armarinho	Calçados, artigos de couro e de viagem	Ótica, relojoaria e joalheria
Juazeiro do Norte	3.581	50	191	27	26	58	872	19	105	83	695	145	53
Ceará	99.751	983	5.127	1.013	381	2.219	31.167	777	4.215	1.696	18.502	1.593	1.785
	Artigos de "souveniers", bijuterias e artesanato	Perfumaria e produtos farmacêuticos	Medicamentos veterinários, artigos para animais, ração e animais	Máquinas, aparelhos e equipamentos elétro-eletrônicos de uso doméstico e pessoal	Máquinas, equipamentos e materiais de informática e comunicação	Artigos fotográficos e cinemato-gráficos, instrumentos musicais e acessórios, discos e fitas	Artigos de decoração e utilidades domésticas	Madeira e seus artefatos	Material para construção	Livros, artigos de papelaria, jornais e revistas	Artigos esportivos, brinquedos e artigos recreativos	Outros	-
Juazeiro do Norte	162	162	31	61	94	35	46	32	267	73	11	183	-
Ceará	1.194	4.709	1.358	1.354	2.948	570	112	558	7.723	1.878	551	3.754	-
Estabelecimentos comerciais varejistas 2011													
	Total	Automóveis, camionetas, utilitários, motocicletas e motonetas	Peças e acessórios para veículos, motocicletas e motonetas	Bicicletas e triciclos e suas peças e acessórios	Pneumáticos e câmaras de ar	Combustíveis, lubrificantes e gas liqüefeito de petróleo (GLP)	Mercadorias em geral (*)	Lojas de departamentos, magazines e lojas de variedades	Produtos de gêneros alimentícios	Bebidas	Tecidos, vestuário e artigos de armarinho	Calçados, artigos de couro e de viagem	Ótica, relojoaria e joalheria
Juazeiro do Norte	4.151	54	221	24	28	66	813		129	93	879	173	74
Ceará	114.560	1.104	6.136	1.107	421	2.422	31.100		5.083	2.187	23.388	1.858	2.124
	Artigos de "souveniers", bijuterias e artesanato	Perfumaria e produtos farmacêuticos	Medicamentos veterinários, artigos para animais, ração e animais	Máquinas, aparelhos e equipamentos elétro-eletrônicos de uso doméstico e pessoal	Máquinas, equipamentos e materiais de informática e comunicação	Artigos fotográficos e cinemato-gráficos, instrumentos musicais e acessórios, discos e fitas	Artigos de decoração e utilidades domésticas	Madeira e seus artefatos	Material para construção	Livros, artigos de papelaria, jornais e revistas	Artigos esportivos, brinquedos e artigos recreativos	Outros	-
Juazeiro do Norte	201	222	39	74	130	39		32	311	76	17	242	-
Ceará	1.403	6.359	1.569	1.516	4.008	697		606	8.706	2.173	704	4.600	-

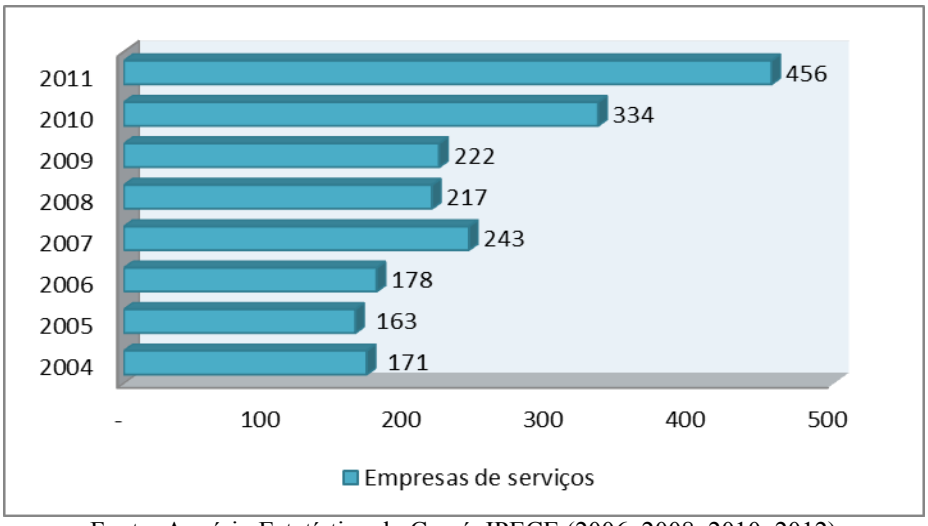
* Minimercados, mercearias e armazéns com predominância de produtos alimentícios.

Fonte: Anuário Estatístico do Ceará, Instituto de Pesquisa Econômica do Ceará (IPECE, 2012).

Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

No que concerne aos serviços, o gráfico 2 apresenta a evolução quantitativa desta atividade em Juazeiro do Norte do ano de 2004 a 2011, que foi o último levantamento publicado pelo IPECE (2012). A tabela 5, por sua vez, contém o detalhamento das empresas de serviços por área de atividade econômica nos anos de 2010 e 2011.

Gráfico 2 - Juazeiro do Norte. Evolução do número de estabelecimentos de prestação de serviços de 2004 a 2011.



Fonte: Anuário Estatístico do Ceará, IPECE (2006, 2008, 2010, 2012)
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Voltemos à questão da concentração e sua relação com a centralidade no espaço urbano. Johnson (1974, p. 171), afirmara na década de 1970 que "la concentration es um poderoso imán que atrae a los clientes potenciales hacia esta parte del centro de la ciudad". Singer (1980, p. 24) frisava que "os estabelecimentos comerciais precisam se localizar junto aos competidores, em zonas onde a clientela está habituada a fazer suas compras". Esta localização é propiciada historicamente pela área onde há maior concentração de atividades comerciais e de serviços, que se constitui, por isso, em centro da cidade. A concentração é, portanto, um princípio de centralidade (CASTELLS, 1979a, 1979b[108]). O centro principal da cidade passa a ter seus papéis alterados na medida em que os novos agentes e processos que mudam a lógica da produção da cidade entram em cena, modificando a morfologia urbana e as práticas espaciais.

[108] Para Castells (1979b, p. 230-231) no âmbito da concentração "Se asiste, pues, a un doble proceso; por un lado, la concentración creciente en unas ciudades de las actividades sociales y económicas; la concentración a su vez, dentro de estas ciudades, de dichas actividades en su nivel direccional, en lo que se llaman lo centros urbanos".

Tabela 5 - Quantidade de estabelecimentos de prestação de serviços em 2010 e 2011.

Empresas de serviços em 2010										
	Total	Transporte e armaze-namento	Comunicação	Alojamento e alimentação	Intermediação financeira	Atividades imobiliárias, alugueis e serviços prestados às empresas	Adminis-tração pública, defesa e seguridade social	Educação	Saúde e serviços sociais	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais
Juazeiro do Norte	334	59	12	212	-	23	5	1	11	11
Ceará	18.701	1.955	569	12.645	34	1.233	907	123	432	803
Empresas de serviços em 2011										
	Total	Transporte e armaze-namento	Comunicação	Alojamento e alimentação	Intermediação financeira	Atividades imobiliárias, alugueis e serviços prestados às empresas	Adminis-tração pública, defesa e seguridade social	Educação	Saúde e serviços sociais	Outros serviços coletivos, sociais e pessoais
Juazeiro do Norte	456	68	21	304	-	23	4	6	14	16
Ceará	18.245	1887	548	12.341	34	1.210	903	117	418	787

Fonte: Anuário Estatístico do Ceará, IPECE (2012).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Nesse momento, é necessário então fazer uma distinção, ainda que breve, entre a centralização e o que estamos entendendo por concentração[109] e suas relações com o espaço urbano para posteriormente entendermos a desconcentração e a descentralização que redefinem a centralidade no espaço urbano.

Corrêa (2010), com base na Escola de Chicago[110], discute a centralização – e a descentralização – como um dos processos espaciais que produzem a cidade, sobretudo no capitalismo. Ele afirma que "a Área Central, resulta do processo de centralização, indubitavelmente um produto da economia de mercado levado ao extremo pelo capitalismo industrial" (CORRÊA, 2010, p. 124). A concentração para Corrêa (2010) não merece um destaque à parte, embora, para ele, a Área Central da cidade seja caracterizada pela concentração de atividades nesta área. A concepção do autor é que a concentração é um produto da centralização espacial das atividades.

Segundo Smith (1988), com base no pensamento de Marx, as duas expressões são conceitos que denotam processos que podem ser entendidos a partir das dimensões social e espacial: a centralização no aspecto social se refere ao "processo social, segundo o qual as unidades individuais vêm a controlar quantidades cada vez maiores de capital [enquanto que] [...] a concentração espacial e o processo de centralização [espacial] referem-se à localização física do capital e é, desse modo, diferente da concentração e centralização sociais" (SMITH, 1988, p. 176).

Lencioni (2008) oferece uma maneira de entender ambos os conceitos a partir das atividades econômicas urbanas. Para a autora, concentração e centralização são importantes conceitos para se entender as transformações socioespaciais pelas quais passam as cidades no

[109] Para conhecer a evolução de ambos os conceitos, ver Sposito (2004, p. 217-224).

[110] A concepção da Escola de Chicago é semelhante. Para McKenzie (2005, p. 345-348) a concentração é "a tendência de um número crescente de pessoas fixar-se [sic] numa determinada área ou região [...] [e] a centralização, como processo ecológico, deveria distinguir-se da concentração, que consiste em mera agregação. A centralização é um efeito de tendência dos seres humanos de se reunirem em determinados lugares para satisfação de determinados interesses comuns, tais como o trabalho, as diversões, os negócios e a educação. [...] a centralização é, portanto, uma forma temporária de concentração, uma função alternada das formas centrípetas e centrífugas [...] a centralização é o processo pelo qual a comunidade é formada". Já Hoyt (1948, p. 263) escreve que "o termo „centralização urbana" pode ter duplo sentido. Primeiro, pode significar a concentração de considerável proporção a população de uma nação em cidades grandes. Segundo, pode significar que as oficinas e residências de qualquer comunidade urbana estão concentradas numa massa compacta e não dispersa tênuemente por sua região metropolitana. Inversamente, a expressão „descentralização urbana" pode significar o fracionamento de cidades grandes em cidadezinhas largamente separadas, ou pode denotar o deslocamento das indústrias e da população residencial do centro para a periferia a mesma massa urbana".

atual período de globalização[111]. A concentração econômica, segundo ela, é um conceito mais simples do que a centralização econômica, pois refere-se a um

> [...] processo que faz expandir os meios de produção e de trabalhadores, ampliando, assim, a base da acumulação e confundindo-se com ela. Por isso, falamos em concentração de capital quando, por exemplo, uma determinada indústria compra mais máquinas para a produção ou quando aumenta o número de trabalhadores. Ou quando um escritório de propaganda e marketing contrata mais publicitários ou mesmo quando equipa o escritório com equipamentos de informática (LENCIONI, 2008, p. 11).

A concentração confunde-se com a aglomeração, que se refere ao ajuntamento físico de objetos, pessoas, indústrias, serviços etc. No âmbito das atividades urbanas, a concentração pode, entre outras, alterar a malha urbana e a aglomeração e produzir um espaço urbano fisicamente concentrado ou, contrariamente, mais disperso e descontínuo. Já a centralização econômica é distinta da concentração econômica: "centralizar é, acima de tudo, centralizar capitais [...] o processo de centralização constitui-se num processo em que frações individuais de capitais se associam, se fundem ou se reagrupam. A centralização é, a rigor, a abolição da autonomia do capital individual" (LENCIONI, 2008, p. 12)[112].

Ao pensar ambos os conceitos referindo-se às atividades urbanas, a autora afirma que "situados enquanto processos do capital, a concentração do capital se relaciona à aglomeração urbana e sua contra face, à dispersão. Por outro lado, a centralização do capital se vincula estreitamente à questão da centralidade urbana" (LENCIONI, 2008, p. 16-17).

Com base nesses autores, a concentração espacial, que não é distinta da concentração econômica, embora tenha relação com ela, está mais ligada à disposição espacial dos objetos geográficos produzidos pela sociedade, ao adensamento em um determinado lugar de atividades econômicas, políticas e sociais. São, como afirmou Smith (1988, p. 176) "formas geograficamente imóveis de capital fixo" – casas, estradas, indústrias, empresas etc. A centralização espacial, por outro lado, não depende necessariamente de uma concentração espacial, visto que ela está no âmbito das atividades administrativas, de controle, comando e gestão. Ela está associada "ao capital produtivo centralizado e não somente ao capital fixo"

[111] "[...] a concentração e a centralização do capital constituem conceitos chaves para se compreender a unidade do processo sócio-espacial e as dinâmicas recentes a partir de um olhar que busca apreender o movimento do capital, muito importante nessa fase de reestruturação econômica o efeito da globalização. Mais do que isso, possibilitam uma interpretação das relações sócio-espaciais situadas além e aquém dos reflexos da globalização" (LENCIONI, 2008, p. 13-14).

[112] "A centralização é, portanto, uma reorganização na distribuição da propriedade dos capitais. Altera-se apenas o agrupamento das partes constitutivas do capital social e, nesse sentido, é que concentra a propriedade do capital, mas não se constitui num processo acumulação, não resultando, portanto, em nenhum aumento do capital social" (LENCIONI, 2008, p. 12).

(SPOSITO, 2004, p. 222). É o poder de comando de uma determinada atividade ou grupo econômico, como um banco, por exemplo, que caracteriza a centralização espacial. No Brasil, a administração dos bancos, por exemplo, o Itaú, está centralizada na cidade de São Paulo, pois de lá é que partem as decisões no âmbito da gestão financeira; quando muitos escritórios ou matrizes dos bancos estão todos em uma mesma cidade – como em São Paulo – há então uma concentração das instituições de comando financeiro.

No caso do espaço urbano, as atividades econômicas como o comércio e os serviços precisam se agrupar em um local de modo a se beneficiar da presença de potenciais consumidores e, ao se concentrarem espacialmente, passam a influenciar os processos econômicos de produção do espaço, em algumas vezes centralizando-os, ou seja, ao se concentrar e centralizar, comandam a produção econômica da cidade. Um estabelecimento de confecção, calçados ou outro qualquer que não se localize junto com outros, do mesmo ramo ou não, isto é, que esteja disperso pelo tecido urbano, dificilmente será um ponto central para onde os consumidores afluirão. O centro da cidade é, entre outras coisas, uma concentração de atividades econômicas, e por ser um espaço produzido a partir dessa concentração, ele também gera as condições para a centralização, daí advém a centralidade exercida pelo centro, porque ele concentra e centraliza as dinâmicas econômicas, por isso Lencioni (2008) afirma que a centralização está ligada à centralidade urbana, justamente porque esta, no âmbito das atividades econômicas urbanas, comanda a estruturação da cidade visto que é o capital localizado – e concentrado – no centro da cidade.

Dito isso, voltemos, então, à análise empírica.

Do ponto de vista funcional, o centro principal de Juazeiro do Norte concentra as principais atividades de comércio e de serviços da cidade, além de ter a maior diversidade de oferta das atividades econômicas. São encontrados os mais variados estabelecimentos, desde as vendas de produtos de necessidades mais básicas, como alimentação, àqueles de eletroeletrônicos, móveis, instituições financeiras e administrativas, instituições do poder público entre outras.

Quando se observa a distribuição das atividades pelas ruas do centro principal, conforme a tabela 6, é possível adentrar em maiores detalhes.

Tabela 6 - Juazeiro do Norte. Quantidade de estabelecimentos por rua do centro principal. 2012-2013.

Ruas	Em funcionamento	% em relação ao total	Total levantado	% em relação ao total
São Pedro	501	27,89	585	22,24
São Paulo	266	14,81	390	14,82
Padre Cícero	165	9,18	252	9,58
Santa Luzia	129	7,18	169	6,42
Alencar Peixoto	93	5,17	147	5,58
Conceição	78	4,34	115	4,37
Leão XIII	78	4,34	168	6,38
Pio X	65	3,61	115	4,37
Seminário	59	3,28	97	3,68
Delmiro Gouveia	48	2,67	88	3,34
Santo Agostinho	42	2,33	62	2,35
São Luiz	41	2,28	48	1,82
São Francisco	38	2,11	50	1,90
Dr. Floro Bartolomeu	38	2,11	76	2,88
São Domingos	32	1,71	58	2,20
do Cruzeiro	30	1,67	51	1,93
Carlos Gomes	30	1,67	57	2,16
Rua da Matriz	30	1,67	53	2,01
Clóvis Beviláqua	24	1,33	36	1,36
Todos os Santos	9	0,50	13	0,49
Total	1796	100	2630	100

Fonte: Pesquisa de campo (2012-2013).
Observação: Em algumas destas ruas o levantamento foi feito somente nas áreas que apresentam concentração de comércio e serviços.
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Podemos observar que a Rua São Pedro se destaca frente às outras no que se refere à concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços, contando com 501 em funcionamento. Em seguida, a Rua São Paulo com 266, a Rua Padre Cícero com 165 e a Rua Santa Luzia com 129 se apresentam como as que mais concentram estabelecimentos. Essas ruas são as que poderíamos denominar de primeira ordem, ou seja, as principais no que se refere à concentração de atividades terciárias, enquanto que as demais estariam em níveis hierárquicos mais baixos do ponto de vista da quantidade de estabelecimentos.

Visto que os ramos selecionados para a pesquisa foram, pelo lado do comércio, as lojas de eletrodomésticos – que em sua maioria apresentam-se juntamente como lojas de móveis – e os super e hipermercados, e, pelo lado dos serviços, os bancos e caixas eletrônicos, a análise mais detalhada se deterá a apenas estes ramos. Porém, quando necessário, outros

ramos poderão ser enfocados na medida em que se tornarem importantes para entender a centralidade e sua redefinição no espaço urbano.

Quanto às atividades econômicas referentes às variáveis escolhidas para a pesquisa, a Rua São Pedro se destaca com 20 estabelecimentos de eletrodomésticos de um total de 26, o que representa 76% do montante geral. As demais ruas que tem presença de lojas deste ramo são a Rua Santa Luzia com três e as ruas São Francisco, São Paulo e do Cruzeiro, cada uma com um estabelecimento (tabela 7).

Tabela 7 - Juazeiro do Norte. Distribuição dos estabelecimentos de eletrodomésticos nas ruas do centro principal.

Ruas	Quantidade	%	Nome do estabelecimento
Rua São Pedro	20	76	Top Moveis (2)*, Rabelo (3), Macavi, Zenir, Eletroshopping, Dulare (2) Lojas Maia/Magazine Luiza (2), Casas Bahia, Vip Shop, Casas Mauris, Max Móveis, Shop Móveis, Eletrosul, Magazine Eletrosul, Som & Cia
Rua Santa Luzia	3	12	Max Móveis, Insinuante, Rabelo
Rua São Paulo	1	4	Eletrocariri
Rua São Francisco	1	4	Liliani
Rua do Cruzeiro	1	4	Lojas Americanas
Total	26	100	-

Observação: quase todas as lojas comercializam móveis juntamente com os eletrodomésticos.
* O número entre parêntese significa a quantidade de unidades da mesma loja
Fonte: Pesquisa de campo (2012-2013)
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Destes, podemos ainda destacar mais algumas que tem maior expressão comercial. As principais lojas deste ramo pertencem a redes que se organizam e atuam em escalas espaciais mais amplas, não se restringindo apenas à cidade de Juazeiro do Norte, e, além disto, são de capitais extra-locais, os quais estamos chamando de: a) capital local-regional – para se referir a lojas como a Zenir Móveis e Eletrodomésticos, a Macavi e a Rabelo, que são lojas de capital cearense; b) capital regional – de origem além das fronteiras cearenses mas que são nordestinas, no caso da Liliane; c) capital nacional – presentes na escala do Brasil, como a Insinuante, a Magazine Luiza e a Casas Bahia. A tabela 8 apresenta informações relativas às principais lojas de eletrodomésticos de capital local-estadual e regional e a tabela 10 contém as principais varejistas nacionais incluindo as de eletrodomésticos[113].

[113] O ranking usado foi o referente ao ano de 2011, publicado em 2012, com as 100 maiores varejistas do Brasil (IBEVAR, 2012). Informamos que quando esta pesquisa já estava concluída, tomamos conhecimento do novo ranking, publicado em 2013, pela mesma empresa, com as 120 maiores varejistas do Brasil (IBEVAR (2013).

Tabela 8 - Juazeiro do Norte. Principais lojas de eletrodomésticos de capital local-regional e regional.

	Número de lojas	Estados em que atua	Origem do capital
Zenir	38	1	Iguatú – CE
Macavi	68	2	Itapipoca – CE
Rabelo	95	8	Fortaleza – CE
Liliane	50	5	Imperatriz – MA

Fonte: Diário do Nordeste (2012); http://www.rabelo.com.br/sobre-a-rabelo/; http://www.liliani.com.br/statictext.aspx?idstatictext=1; http://www.zenir.org/lojas-zenir/
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).



Foto 19 - Loja Zenir Móveis e Eletro do centro principal.



Foto 20 - Uma das Lojas Maia/Magazine Luiza do centro principal.

Fonte: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013)

Existe outro aspecto interessante em relação ao centro principal que o diferencia das outras áreas, que é a especialização interna. Esse aspecto é uma característica do centro das cidades e Johnson (1974, p. 170) já levantara essa questão, afirmando que "el centro de la ciudad no es una región urbana homogénea". A especialização no centro principal de Juazeiro do Norte pode ser encontrada em algumas ruas. A Rua São Pedro, por exemplo, perpassa por três bairros: o Centro, o Salesianos e o Santa Tereza. Ao longo de seu percurso, é possível identificar algumas especializações internas do ponto de vista funcional.

Na altura do bairro Santa Tereza, onde a rua termina, observa-se uma especialização funcional pela concentração de estabelecimentos ligados a serviços automotivos. São oficinas e mecânicas, que comercializam peças de carros e de motos, que se encontram no setor sul da referida rua. No bairro Salesianos, vizinho ao Santa Tereza em direção ao setor norte, é possível notar uma certa concentração de lojas de material de construção. É importante lembrar que essas concentrações de estabelecimentos não anulam a presença de outros ramos de atividades, que se mesclam e se misturam em determinados locais. É possível ver, por exemplo, mercearias e alguns estabelecimentos vinculados a outros ramos como de confecções, calçados, farmácias e outros.

Já no centro, a Rua São Pedro apresenta uma concentração das lojas de eletrodomésticos entre as Ruas São Francisco e Santa Luzia. Há de modo mais claro, uma mescla de atividades comerciais e de serviços, destacando-se, além das lojas de móveis e eletrodomésticos, as joalherias, bijuterias, roupas e confecções, lanchonetes, farmácias entre outras. Há especialização notada no centro principal também na Rua Padre Cícero, com a presença de um corredor com uma concentração significativa de estabelecimentos de serviços de saúde que, segundo o nosso levantamento de campo, constam mais de 45 entre clínicas médicas das mais variadas especialidades, como oftalmologia, cardiologia, fonoaudiologia e clínicas de exames laboratoriais.

Além desta, a Rua São Paulo apresenta especialização funcional no que tange às mercearias e aos estabelecimentos atacadistas, principalmente nas proximidades do Mercado Central. Nas proximidades da Basílica Menor, observa-se uma concentração de usos misto do solo, com a presença significativa de "ranchos" e pousadas para os romeiros nas Ruas Dr. Floro, Padre Cícero e da Matriz.

No âmbito dos serviços bancários, o centro da cidade concentra a maior quantidade de agências bancárias distribuídas por algumas ruas do centro principal. Das 12 agências existentes na cidade, oito delas estão localizadas no centro, o que reforça ainda mais o seu papel de espaço privilegiado para as atividades financeiras. São duas agências do Bradesco, uma do Itaú, uma do Banco do Brasil, uma do HSBC, uma do BicBanco, uma da Caixa Econômica Federal e uma do Banco do Nordeste.

Quadro 5 - Juazeiro do Norte. Localização das agências bancárias no centro principal e datas de instalação.

Instituição	Endereço	Bairro	Data De Início
Banco Bradesco S.A.	Rua Santa Luzia, 321	Centro	20-10-1972
Banco Bradesco S.A.	Rua da Conceição, 503	Centro	15-05-2006
Banco do Brasil S.A.	Rua São Francisco, 315	Centro	03-05-1959
Banco do Nordeste do Brasil S.A.	Rua São Pedro, 333	Centro	01-10-1957
Banco Industrial e Comercial S.A.	Rua Santa Luzia, 391	Centro	31-10-1974
Caixa Econômica Federal	Rua da Conceição, 361	Centro	23-08-1973
Hsbc Bank Brasil S.A. - banco múltiplo	Rua Santa Luzia, 433/439	Centro	26-03-1997
Itaú Unibanco S.A.	Rua São Pedro, 1056	Centro	27-12-2007

Fonte: BACEN - Banco Central do Brasil (2013) e pesquisa de campo (2012-2013).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Como as demais atividades comerciais e de serviços, os bancos e as atividades financeiras também precisam de estratégias de localização para poder funcionar, estratégias

estas que se baseiam em economias de aglomeração por meio da concentração espacial[114]. No âmbito do espaço urbano – e da rede urbana também – os bancos não se distribuem de forma homogênea, mas sim de forma seletiva, baseada no que Garrocho-Rangel e Campos-Alanís (2010) chamam de "sítios estratégicos". Estes sítios estratégicos se referem a espaços na cidade que facilitam a realização das atividades financeiras, isto é, maximizam a acessibilidade ao cliente, as vendas de serviços bancários e as ganâncias da firma (GARROCHO-RANGEL; CAMPOS-ALANÍS, 2010), e são exemplificados a partir de pelo menos quatro exemplos:

> [...] lo atractivo del sitio (una plaza comercial de lujo es más atractiva que un barrio marginal), los costos de transporte (usualmente el centro de la ciudad o los subcentros de actividad son más accesibles que las zonas periféricas), la calidad de las vialidades (una gran avenida ofrece más ventajas de ubicación y visibilidad que una calle secundaria) o las percepciones diferenciadas de los clientes (la apreciación de la seguridad en ciertas zonas de la ciudad o lo atractivo que le resultan ciertos espacios intraurbanos a cada segmento del mercado) (GARROCHO-RANGEL; CAMPOS-ANALÍS, 2010, p. 417).

Desse modo, o centro principal de Juazeiro do Norte parece ser o "sítio estratégico" privilegiado para a localização dos bancos, e pelo menos vinha sendo até o final dos anos 1990, quando outras áreas passaram a ser atraentes para o setor bancário – isso será visto mais adiante – relacionado a novas tendências de produção do espaço urbano e a segmentação social.

Mas o centro principal de Juazeiro do Norte, além de ter esse papel econômico forte, concentrando grande parte dos estabelecimentos comerciais e de serviços presentes na cidade, tem o seu papel na estruturação da cidade atual reforçado pela presença de equipamentos coletivos ligados à memória da cidade e a imagem mística do Padre Cícero, como a Praça Padre Cícero, a Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores e a casa do Padre Cícero. A centralidade simbólica[115] com estes atributos e significados é singular ao centro principal. A presença desses fixos é importante porque esta cidade recebe anualmente milhares de

[114] "[...] la mayoría de las firmas comerciales y de servicios (como las sucursales bancarias) ofrecen una mezcla de productos que son sustitutos imperfectosy complementarios,y por tanto se organizan espacialmente en forma de clusters para facilitar y hacer más económico al consumidor su proceso de búsqueda y compra de productos, así como aprovechar otras importantes economías de aglomeración, como se explica" (GARROCHO-RAGEL; JUAN, 2010, p. 419).

[115] A centralidade simbólica não se resume, teoricamente, ao centro da cidade. Pode, pelo contrário, expressar-se além deste, dependendo da cidade, mas no caso de Juazeiro do Norte, os atributos simbólicos do centro só são encontrados neste espaço. Este tema merece um estudo à parte. Sobre a centralidade simbólica, ver Monnet (2000).

romeiros em devoção ao sacerdote, e a área de compras que os romeiros usam quando estão na cidade é exatamente o centro principal. Suas práticas espaciais estão restritas a esta área.

Essa é uma característica do centro principal de Juazeiro do Norte. Entretanto, nos últimos anos, mais precisamente, a partir do final dos anos 1980, novas lógicas passam a interferir na estruturação da cidade. O comércio passou paulatinamente a se instalar em outras áreas que não o centro principal, dando origem a novas áreas com expressão de centralidade. O que tem sido chamado de crise do centro da cidade e da centralidade[116] (LABASSE, 1970; CASTELLS 1979; RENDU, 1970; FAILINCHT, 1970, LEFEBVRE, 2008a, 2008b, 2008c; TOURINHO, 2004; SPOSITO, 2010a; RIOS, 2001), no que se refere às novas localizações dos estabelecimentos de comércio e de serviços, passa a se manifestar também nesta cidade cearense, embora com nuances características, visto que esta área é ainda a que detém a maior concentração de atividades econômicas terciárias. É importante ter em mente que "cuando se habla de una centralidad urbana en crisis, se refiere a las ciudades en su conjunto en crisis [...]" (RIOS, 2001, p. 290) e que "se a cidade é a imagem da sociedade registrada no chão, a crise dos centros é um epifenômeno da crise da sociedade [...]" (FAINLICHT, 1970, p. 23)[117]. Sobre a crise do centro, Castells (1979) escreve que

> [...] a la crisis del centro responde la adaptación funcional, económica y física necesarias a esta crisis del centro. Pero al mismo tiempo se utiliza esta crisis del centro y las necesarias operaciones de adaptación, por el capital inmobiliario y por los jntereses funcionales de las empresas. Sobre esta trama de relaciones se produce la intervención del Estado (CASTELLS, 1979, p. 234-235).

O resultado de tal crise é o surgimento de novos espaços de concentração de atividades comerciais, ou seja, "a desconcentração no interior da cidade se traduz na produção de novos pontos de concentração e, portanto, novas centralidades" (SPOSITO, 2010a, p. 219). Essa é a essência da centralidade segundo Lefebvre (2008b) e o seu caráter dialético faz com que todo centro destrua a si próprio por saturação porque remete a outra centralidade.

> [...] no curso de sua realização, a concentração sempre enfraquece e se rompe. É preciso, então, um outro centro, uma periferia, um alhures. Um outro lugar e um lugar outro. Esse movimento, produzido pelo urbano, produz, por sua vez, o urbano. A criação se interrompe, mas por sua vez, para criar (LEFEBVRE, 2008b, p. 109).

---

[116] Mesmo que a expressão "crise" seja um termo forte, usamo-la mais no sentido de redefinição da centralidade. A opção pela palavra "crise" deu-se pelo fato de ser este termo que é mais usado na literatura quando se trata do centro e da centralidade urbana.

[117] Tradução nossa, do original: "Si le ville est bien l'image de la societé inscrite sur le sol, la crise des centres et un épiphénomène de la crise des societé [...]." (FAINLICHT, 1970, p. 23).

Em Juazeiro do Norte, as novas áreas de concentração de comércio e serviços que surgiram, fora do centro principal, são o Pirajá, a área em que se localiza o Cariri Shopping e o Eixo Juazeiro-Crato. Estas novas áreas apresentam características diferentes entre si e o centro principal quanto à "idade", ao aspecto funcional, os usos e apropriações, consumidores, áreas de influência, à morfologia, a estrutura fundiária e a centralidade que exercem ou expressam no conjunto da estrutura urbana. Passaremos a analisar o processo de desconcentração das atividades terciárias e a formação dessas novas áreas de centralidade no espaço urbano de Juazeiro do Norte e suas relações com o centro principal e a estruturação recente da cidade.

6.3 Caracterização das novas áreas de centralidade

6.3.1. Pirajá

O Pirajá é um bairro residencial que se adensou na década de 1980. Era parte da antiga periferia da cidade, conhecida como Arisco. Atualmente, o Pirajá é, além de um bairro populoso, contando com uma população de 14.800 habitantes (IBGE, 2010), uma área que concentra uma quantidade significativa de atividades terciárias. É considerado por muitos, inclusive pelo próprio poder público local, como um "novo e forte centro comercial da cidade[118]".

A ocupação de onde hoje é o bairro Pirajá tem origem no final da década de 1930, quando se instalam as primeiras habitações. O terreno era de propriedade de Francisco Dias Sobreira, e lá se iniciou um pequeno comércio e venda de algodão e cereais em geral. O bairro recebe o nome de Pirajá devido ao Francisco Tavares Pirajá, que estabeleceu um pequeno comércio naquela área, nas proximidades de alguns sítios, como o Macacos, Fazenda Nova e Limoeiro (SOBREIRA, 2011).

De acordo com o relato de Sobreira (2011), alguns lotes de terras foram doados por Francisco Dias Sobreira e, assim, passaram a se instalar as primeiras casas, que já contavam de oito a dez nos anos de 1940, nos anos 1950 já possuía em torno de 100 casas, alcançando no final da mesma década um montante de 500 casas. No final dos anos 1960, o "Jornal

[118] "Juazeiro ganha terceira agência do Banco do Brasil". 2011. Disponível em: <http://www.juazeiro.ce.gov.br/noticia/lista/04631.juazeiro,ganha,terceira,agencia,do,banco,do,brasil/>. Acesso em: 15 jul. 2012.

Gazeta de Notícia" publicou uma matéria em que se considerava o Pirajá, ao lado do bairro Franciscanos, como "duas pequenas cidades dentro de Juazeiro" (JORNAL GAZETA DE NOTÍCIA, Ano XLIII, nº. 12.228, 1969, p. 7, *apud* GOMES, 2013, p. 51). Para Sobreira (2011), a expansão e o crescimento demográfico do bairro foram facilitados pelo lançamento da Pedra Fundamental do Santuário de São Francisco, conhecida como Igreja dos Franciscanos, que dá nome a um bairro da cidade. Esta área em que o Pirajá surge compreendia o que se conhecia como Arisco, as áreas periféricas da cidade.

O Pirajá foi a primeira área da cidade em que se instalaram estabelecimentos comerciais que não mais buscavam se localizar no centro da cidade, sendo, portanto, a primeira evidência concreta de desconcentração de atividades terciárias. Tal processo, que data do final dos anos 1980 e início dos 1990, foi influenciado por obras de infraestrutura urbana, como a construção e a ampliação da Avenida Ailton Gomes nos anos 1980 e, sobretudo, pela construção do Centro de Abastecimento Gonzaga Mota, conhecido como Mercado Público do Pirajá (foto 21).



Foto 21 - Juazeiro do Norte. Avenida Ailton Gomes no primeiro plano e o Mercado do Pirajá destacado com a seta amarela. Ao fundo, o centro principal da cidade.
Fonte: Agência Miséria (2011). Adaptado pelo autor

Por meio de conversas informais com algumas pessoas que trabalham no mercado e outras que moram nas suas proximidades, soubemos que o diversificado comércio que existe

nos seus arredores se instalou depois da instalação do referido mercado, tendo ele sido, assim, o que atraiu estas atividades econômicas[119].

Com base nisso, procuramos informações mais precisas que nos dessem maior segurança para poder afirmar que o Pirajá se constituiu como a primeira área de concentração de comércio e serviços fora do centro principal da cidade, o que caracteriza um processo de redefinição da centralidade urbana.

Entrevistamos, então, uma pessoa que participou do poder público por mais de dez anos, entre os anos 1970 e 1990, tendo presenciado as transformações naquela área. O entrevistado nos relatou que

> Onde tem a central de abastecimento do Pirajá, o Mercado do Pirajá onde nós chamamos, aquilo era totalmente fora da cidade, era uma fábrica de postes da Cavan, que fabricava postes pra companhia energética. Ali era casebres, era fora da cidade, não tinha perspectiva de nada. Aquelas avenidas que foi Salviano[120] quem abriu, lá no Pirajá, de mão dupla, acho que são as mais largas da cidade, aquilo ali não tinha nada, então o impacto da mudança... aquilo dali se transformou num centro comercial em derredor do mercado. Hoje as farmácias que têm aqui eles têm lá, descentralizou muito, e hoje Juazeiro tem vários bairros que tem as mesmas características de capitais, tem vidas próprias, tudo que você precisa tem lá; você num vem para aqui para o centro, não vem, lá eles tem tudo, tudo que você possa imaginar que tem aqui eles tem lá, então ela cresceu muito nesse setor ai.[121]

Os estabelecimentos comerciais e de serviços concentram-se ao longo de duas avenidas importantes que compõem a malha viária da cidade: a Avenida Ailton Gomes, construída nos anos 1970-1980, e a Avenida Castelo Branco, construída nos anos 1970. Estas duas avenidas encontram-se perpendicularmente, formando um cruzamento viário de grande movimentação de veículos e pedestres. A primeira situa-se no sentido Norte-Sul, enquanto a segunda no Leste-Oeste. Há outros estabelecimentos em algumas ruas adjacentes a estas, as quais foram incluídas na pesquisa por concentrarem um percentual acima de 70% do uso do solo como atividade terciária, mas sabemos que outros estabelecimentos estão dispersos em muitas das ruas deste bairro e que, pela ausência de concentração, não foram incluídas na investigação.

---

[119] Não sabemos se a ideia de criar uma nova área de centralidade em Juazeiro do Norte foi proposital ou não. Em recente entrevista referente às comemorações dos 102 anos de emancipação política a uma rádio local, o ex-prefeito de Juazeiro do Norte, Manoel Salviano, afirmou que "no Juazeiro só tinha um polo comercial que era a Rua São Pedro, nós criamos o Mercado do Pirajá que passou a ser outro polo comercial, valorizado tanto quanto a Rua São Pedro e hoje é um grande polo comercial".

[120] Manoel Salviano é um ex-prefeito do município de Juazeiro do Norte. Exerceu dois mandatos, o primeiro de 1982 a 1988 e o segundo de 1993 a 1996. Atualmente é um os grandes agentes da produção do espaço urbano, investindo na construção de torres comerciais e residenciais e condomínios fechados.

[121] Agnaldo Carlos de Nascimento. Entrevista realizada em 08 jan. 2013.

6.3.2. Área do Cariri Garden Shopping

A área onde hoje está localizado o Cariri Garden Shopping é uma antiga periferia da cidade, espaço que pertencia ao Seminário Batista e que foi adquirida pela Construtora LM, a qual iniciou a construção do referido equipamento em 1996 (DIÁRIO DO NORDESTE, 21/01/1996). Estavam instaladas ali e de forma dispersa algumas indústrias, conforme observamos no capítulo 2. Nos anos 1970-1980 esta área passa a se adensar do ponto de vista residencial tendo como produtos os bairros Triângulo, Antônio Vieira entre outros.

Com a instalação do Cariri Garden Shopping, no ano de 1997, numa área, segundo o prefeito na época, Manoel Salviano, "bem localizad[a], de fácil acesso para quem entra ou sai de nossa cidade [Juazeiro do Norte]" (DIÁRIO DO NORDESTE, 02/01/1996), é possível afirmar que tem início a era das novas formas de comércio por parte de agentes econômicos do setor varejistas com estratégias de localização periféricas que até então não existiam. Sendo os *shopping centers* o resultado de alterações na organização das áreas comerciais das cidades, visando responder às transformações das cidades e da economia (VARGAS, 1995), eles incorporaram os "atributos necessários para criar localizações estratégicas do ponto de vista comercial e da atração dos consumidores [podendo] [...] ser considerados como produtores de localizações para o uso comercial" (VARGAS, 1995, p. 742).



Foto 22 - Juazeiro do Norte. Imagem aérea do Triângulo nos anos 1960 (ângulo oeste-leste).
Fonte: Harwort (2012)



Foto 23 - Juazeiro do Norte. Imagem aérea do Triângulo em 2011 (ângulo norte-sul).
Fonte: Agência Miséria (2011)

O Cariri Garden Shopping, que se chamava Cariri Shopping até 2009, mudando de nome após a compra do equipamento comercial pela Tenco Shopping Centers, em 2008, por R$ 70 milhões[122], teve alguns problemas logo após sua instalação. Segundo o presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL) de Juazeiro do Norte, Michel Araújo, foram cinco ou seis anos "patinando", sem conseguir se firmar na cidade como um polo comercial[123]. Nesse período, muitas lojas fecharam e outras abriram com destaque para a primeira unidade na cidade das Lojas Americanas, inaugurada em 2006, que para Michel Araújo, foi o divisor de águas no que diz respeito à consolidação do Cariri Shopping. Esse é um exemplo da defasagem temporal entre a origem de um empreendimento e a repercussão resultante das formas de uso e apropriação destes espaços, como analisou Sposito (2006).

A delimitação da área nesta pesquisa não se restringe apenas aos arredores do referido *shopping center*. Na verdade, além do comércio e dos serviços que existem nas imediações, compõem esta área, a Avenida Padre Cícero, no trecho entre o bairro Salesianos – onde a rua se torna dupla – até a indústria de máquinas de costuras alemã Singer, e a Avenida Leão

[122] Sobre isso ver matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo: "Tenco investe R$ 70 mi em shopping no Cariri". Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,tenco-investe-r-70-mi-em-shopping-no-cariri,583939,0.htm>. Acesso em: 12 mar. 2013.
[123] Entrevista com Michel Araújo, realizada em 05 de fevereiro de 2013.

Sampaio, até o prédio do Serviço Nacional de Aprendizado Industrial (SENAI). Destaca-se, além do comércio e serviços existentes, a instalação do Hiper Bompreço no ano de 2011, que é âncora do Juazeiro Open Mall, além de algumas franquias, como a Subway, que compõem o mesmo empreendimento comercial.



Foto 24 - Juazeiro do Norte. Imagem aérea com o destaque no Hiper Bompreço e à direita o Cariri Garden Shopping com a verticalização por trás no ano de 2012.
Fonte: Anderson Duarte

Essa área também se destaca em relação a toda a cidade pelo processo de verticalização que ali se acentua cada vez mais. A foto mostra alguns prédios localizados atrás do Cariri Garden Shopping, outros lançamentos imobiliários, com destaque para o Unique Condominium[124] (foto 25) e suas três torres, duas comerciais e uma residencial, que está sendo construído e, ainda, o edifício Pátio Cariri, com uma torre comercial e uma residencial (foto 26). Reforçam a centralidade exercida por essa área a existência de instituições públicas, o campus da Universidade Regional do Cariri (URCA), do Centro de Ensino Tecnológico do Ceará (CENTEC) e o Hospital Regional do Cariri (HRC).

[124] Mais informações sobre esse lançamento imobiliário, ver: <http://www.baseeng.com.br/index.php/base-incorporacao-lanca-o-unique-condominium-em-juazeiro-do-nortece/>.



Foto 25 - Juazeiro do Norte. Ilustração do Unique Condominium.



Foto 26 - Juazeiro do Norte. Ilustração do Pátio Cariri.

Fonte: http://www.lucianocavalcanteimoveis.com.br; http://www.wrengenharia.com.br

6.3.3. Eixo Juazeiro-Crato

A terceira e última área de centralidade é o eixo de comércio e serviços que liga a cidade de Juazeiro do Norte à cidade do Crato, na direção oeste. Nesse eixo, a Avenida Padre Cícero transforma-se em CE 222 devido à ligação interurbana. Nela, estão instalados os principais equipamentos do setor supermercadista, mas que atuam no formato de atacarejo[125], isto é, que comercializam produtos tanto no ramo de atacado como no ramo de varejo atingindo tanto os consumidores finais como os pequenos varejistas, modalidade esta que tem crescido mais do que o próprio comércio varejista (SALLES, 2012; CHIARA, 2013).

Esse eixo de concentração era, até os anos 1950-1960, uma área residencial, pouco densa, considerada mesmo uma área rural. O próprio nome do último bairro de Juazeiro do Norte que faz fronteira com a cidade do Crato, chamado São José, ainda é popularmente chamado de sítio São José, devido à distância do centro principal da cidade e à referência de antiga área rural.

No fim dos aos 1960, Carvalho (1968) já relatava uma nova paisagem econômica e social neste eixo. Segundo o autor, "entre as duas famosas localidades [Crato e Juazeiro do Norte] estende-se agora a Avenida Padre Cícero, povoadas de belas residências, de indústrias recém-montadas" (CARVALHO, 1968, p. 19). Em 1980, um estudo do Governo do Estado do Ceará em parceria com a SUDENE (CEARÁ, 1980) destacou o eixo em crescimento entre as duas cidades constatando que "indústria e comércio de grande porte se instala[ram] ao longo dessa artéria" (CEARÁ, 1980, p. 12). Nesta mesma década, mais precisamente em 1981, a

[125] As grandes redes de comércio varejista atuam em Juazeiro do Norte no formato de atacarejo, que é uma articulação entre vendas tanto no atacado, para lojistas, como a varejo, para o consumidor direto.

Avenida Padre Cícero foi duplicada pelo Governo do Estado do Ceará, o que condicionou os fluxos e intensificou as relações entre Juazeiro do Norte e Crato. A Avenida Leão Sampaio, que vai para Barbalha, somente em 1990 foi duplicada[126].

Embora a instalação de equipamentos nesta área seja já antiga, tendo sido mesmo anterior à do Pirajá, somente nos anos 2000 é que ela pode ser considerada como tendo uma expressão de centralidade, visto que a presença de indústrias – que por si mesmas, não expressam centralidade e que o Distrito Industrial do Cariri, criado nos anos 1980 passou a ser o espaço privilegiado para as instalações de empresas industriais – não é, do ponto de vista do espaço urbano, capaz de criar uma nova área que exerce centralidade. A esse respeito, Lefebvre (2008a, p. 130) afirma que "a produção industrial não constitui uma centralidade própria, salvo nos casos privilegiados – se se pode dizer – de empresa importante em torno da qual se edificou uma cidade operária".



Foto 27 - Juazeiro do Norte. Avenida Padre Cícero e verticalização ao redor do Cariri Garden Shopping em 2012.
Fonte: Franklin Almino

[126] Informações obtidas com Osmar de Mesquita, funcionário do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), unidade Crato, via e-mail.

Nos últimos quinze anos, esta área vem se adensando intensamente, mas foi, a partir de meados dos anos 2000, que os principais estabelecimentos que se encontram ai atualmente foram construídos. Empresas comerciais e varejistas de capital internacional, bem como indústrias, concessionárias de automóveis as mais variadas de distribuem ao longo do eixo.



Foto 28 - Praça do Triângulo com a Avenida Padre Cícero, em direção à cidade de Crato em 2012.
Fonte: João Carlos

A partir dessa rápida caracterização das novas áreas que exercem e expressam centralidade surgidas na cidade de Juazeiro do Norte, passaremos agora para uma análise mais minuciosa a respeito destas áreas e dos seus papéis no que concerne à estruturação recente da cidade de Juazeiro do Norte e suas relações com o centro principal da cidade.

6.4 Reestruturação do espaço urbano e produção de novas áreas de centralidade em Juazeiro do Norte

Conforme pode ser observado na tabela 3, as áreas selecionadas para a pesquisa apresentam um significativo grau de concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços, com destaque para o centro principal. Do ponto de vista da hierarquia, pela perspectiva da concentração de estabelecimentos, temos em primeiro lugar o centro principal,

em segundo o Pirajá, em terceiro a área do Cariri Garden Shopping e em quarto o Eixo Juazeiro-Crato.

Tabela 9 - Juazeiro do Norte. Distribuição dos estabelecimentos selecionados por área da pesquisa. 2012-2013

	Estabelecimentos			
	Bancos	PAEs/PABs*	Eletrodomésticos	Super e Hipermercados
Centro Principal	8	5	26	2
Pirajá	2	3	6	1
Área do Cariri Garden Shopping	2	8	3	1
Eixo Juazeiro-Crato	0	2	2	3
Total	12	18**	37	7

* Postos de Atendimento Eletrônico (PAE) e Postos de Atendimento Bancário (PAB)
** O restante que não aparece na soma está em áreas que não são as da pesquisa, conforme quadro 7.
Fonte: Pesquisa de campo (2012-2013)
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Ao observar os dados relativos às variáveis da pesquisa, conforme apresentados na tabela 9, fica claro, no mesmo critério da quantidade, que o centro principal desempenha ainda um papel significativo na oferta de atividades econômicas do terciário. A desconcentração das atividades é observada por Agnaldo Carlos de Souza em entrevista.

> o centro de Juazeiro hoje tá migrando para aquilo que era antigamente a periferia da cidade devido ao intenso movimento, e um dos fatores principais dessa migração que eu to te falando é o custo dos aluguéis aqui no centro, então um mercado que está barganhando toda essa porção que a gente poderia chamar de centro da cidade é em direção do Mercado do Pirajá, do bairro do Pirajá, então em função do movimento intenso, Juazeiro hoje é uma cidade que tem uma visitação flutuante muito alta, então essa questão dos serviços cresceu muito aqui no centro da cidade também [...] o centro era o epicentro de tudo que ocorria na cidade, hoje não é mais, descentralizou, migrou pra outras partes da cidade, onde hoje... naquele tempo [até os anos 1980] tinha dois quarteirões aqui em Juazeiro, na rua São Pedro entre a rua São Francisco e rua Santa Luzia que tudo que ocorria no comércio aqui era ali naqueles dois quarteirões, chamados de quarteirões de sucesso da cidade, hoje não é mais; hoje houve muito migrantes que vieram pra aqui porque o comércio de Juazeiro é uma coisa interessante, na sua grande maioria ele é de pessoas de fora que investem aqui porque tem retorno, então aquilo que era a trinta anos atrás o centro aqui, hoje não é mais, hoje migrou para diversos cantos da cidade, não tem a mesma importância.[127]

O Pirajá, como já dissemos alhures, formou-se enquanto área de concentração de comércio e serviços somente no final os anos 1980 e no início dos anos 1990 com o Mercado Público do Pirajá tendo servido como o polo de atração. Possui, de acordo com o

[127] Agnaldo Carlos de Nascimento. Entrevista realizada em 08 jan. 2013

levantamento de campo, duas agências bancárias, seis estabelecimentos de comercialização de eletrodomésticos e um supermercado.

Por sua vez, a área do Cariri Garden Shopping apresenta também duas agências bancárias, três estabelecimentos de venda de eletrodomésticos e um supermercado, o Mercadinho São Luiz, todos no interior do *shopping*, com exceção de uma das agências bancárias, a do Itaú e uma loja de eletrodomésticos, a Som & Cia. Há também um hipermercado, o Hiper Bompreço.

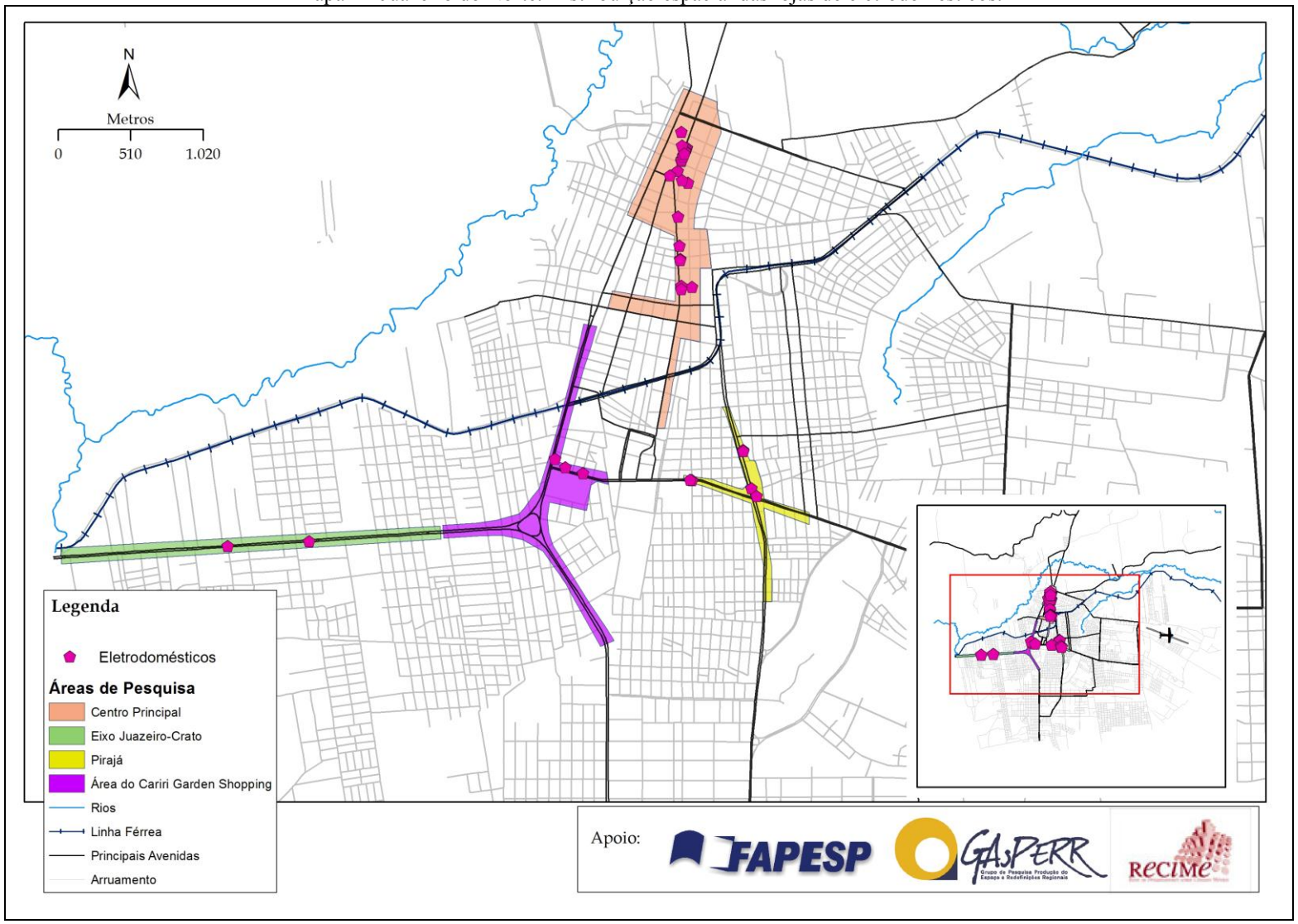
O eixo Juazeiro-Crato, por fim, apresenta duas lojas de eletrodomésticos – a Zenir Móveis e a Macavi – e três grandes superfícies comerciais – o Maxxi Atacado, o Atacadão e o Assaí na Avenida Padre Cícero.

As lojas de eletrodomésticos diferenciam-se, conforme a origem do capital. No centro principal, existe uma diversificação das empresas, desse ponto de vista. A presença maior são as de capital local (próprias da cidade), local-regional (lojas cearenses) e regional (nordestinas). As de capital nacional, que estão presentes naquela área são as Lojas Americanas, a Insinuante, a Casas Bahia e a Lojas Maia/Magazine Luiza[128]. No Pirajá, as lojas deste ramo são todas de origem do capital local, sendo que algumas são de novos e usados, realizando não só vendas, mas trocas também. Já no Cariri Garden Shopping, são a Magazine Luiza e as Lojas Americanas, de capital nacional, que se destacam, enquanto que, no Eixo Juazeiro-Crato, as duas lojas existentes são de capital local-regional, a Zenir e a Macavi, como podemos observar no mapa 4.

As novas lógicas de localização periférica de estabelecimentos comerciais e de serviços que têm influenciado a recente estruturação das cidades brasileiras interferem igualmente no comércio que, tradicionalmente, encontra-se no centro principal da cidade, como o de venda de eletrodomésticos. Como afirmou Sposito (2010, p.212), "as novas localizações periféricas acentuam a composição de um mosaico que caracteriza a estruturação recente das cidades, especialmente no Brasil". Em Juazeiro do Norte isso se manifesta de maneira interessante, visto que as lojas de eletrodomésticos que estão mais distante do centro principal são de capital local-regional (fotos 29 e 30).

[128] A Insinuante uniu-se com a Ricardo Eletro e formou a Máquina de Vendas, podendo, assim, ser classificada como nacional.

Mapa 4 - Juazeiro do Norte. Distribuição espacial das lojas de eletrodomésticos.



Fonte: Pesquisa de Campo (2012-2013).
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).



Foto 29 - Juazeiro do Norte. Zenir Móveis e Eletrodomésticos do Eixo Juazeiro-Crato, em frente ao Maxxi Atacado.
Fonte: Cláudio Smalley Soares Pereira, Pesquisa de Campo (2012-2013).



Foto 30 - Juazeiro do Norte. Lojas de Móveis e Eletrodomésticos da Macavi do Eixo Juazeiro-Crato, próximo ao Atacadão e ao Assaí.
Fonte: Cláudio Smalley Soares Pereira, Pesquisa de Campo (2012-2013).

O gerente da Zenir Móveis e Eletrodomésticos localizada na Avenida Padre Cícero, José Flávio Pinheiro explica a estratégia locacional da empresa. Segundo ele,

> [...] a empresa sempre procura ver a melhor situação para o nosso cliente, o maior conforto pro nosso cliente, certo! Então lá no centro tá muito difícil estacionamento, a locomoção do cliente, é muita gente, uma aglomerado muito grande de carros, de pessoas, de ambulantes, então a gente conseguiu uma área aqui, embora fora da cidade, pra tentar atender esse cliente, esse público que não tem muito tempo de estar no centro, procurando estacionamento, então a gente abriu essa loja aqui e com

> um horário diferenciado das demais do centro; essa loja aqui, ela funciona das 9 da manhã às 21h00, de segunda a sexta, certo! E no sábado até às 18h00.[129]

A loja Zenir, que conta com uma unidade também no centro da cidade[130], tem um público diferenciado quanto à classe social e à renda. Segundo o gerente, as duas lojas na cidade têm perfis diferentes de clientes, visando atingir consumidores de diferentes classes sociais. Para ele

> [...] você falar lá do centro, eu digo [classes] C e D... de A à D né, já nessa loja aqui mais distanciada, ela já tem um cliente mais elitizado viu; aqui você vê que nós não temos calçada né, nós temos aí uma CE que as pessoas passam, o mais devagar que passam é 60km/h porque tem um foto-sensor bem aqui e outro ali, então aqui as pessoas são... de C pra B entendeu, aquele cliente com o poder de compra um pouco maior, gosta de gastar mais no cartão de crédito entendeu, então é esse tipo de cliente que a gente tem mais nessa loja aqui.[131]

A Zenir está inserida no contexto nacional de crescimento do consumo de eletrodomésticos. Segundo reportagem do Diário do Nordeste, uma pesquisa de mercado pela empresa Pyxis Consumo revelou que o consumo cada vez maior de eletrodomésticos é uma tendência nacional. A previsão é que, em 2013, o consumo de produtos deste ramo possa alcançar R$ 47,7 bilhões, um aumento de 11,7% em relação ao ano de 2012 que somou R$ 42,7 bilhões. Na pesquisa, a classe C lidera o *ranking* das compras destes produtos, com gastos estimados em R$ 20,8 bilhões, representando 44% do total, seguido da B com 17,4 bilhões, que representa 36%. No aspecto regional, a região Nordeste aparece em segundo lugar com um potencial de consumo estimado em 8,6 bilhões de reais, equivalente a 18% do total, perdendo apenas para o Sudeste, que concentra 50% do total do potencial de compras, ou seja, R$ 23,8 bilhões (DIÁRIO DO NORDESTE, 02/08/2013).

Ademais, o mercado nacional de eletrodomésticos, o segundo maior do varejo (ver tabela 10) atrás apenas do supermercadista, mudou com a junção de diversas lojas em grupos e novas marcas e com expansão para a atuação em escala nacional como a Magazine Luiza (COMIN, 2012) e deve crescer mais R$ 15 bilhões até 2020 (STEFANO; CRUZ, 2012).

A estratégia locacional da Empresa Zenir, como também no caso das grandes superfícies comerciais – os hipermercados e os supermercados, além dos *shopping center* –, visa justamente uma proximidade maior das vias de circulação rápida, visto que o automóvel passa a ser o principal veículo de deslocamento. Isso se reflete nas práticas espaciais, visto

[129] Entrevista com José Flávio Pinheiro, realizada em 10 de janeiro de 2013.
[130] A unidade do centro foi inaugurada em 2000, enquanto que a unidade pesquisada foi inaugurada em 2010.
[131] Entrevista com José Flávio Pinheiro, realizada em 10 de janeiro de 2013.

Tabela 10 - As 15 maiores lojas do ramo de eletrodomésticos por ordem de faturamento e suas posições no ranking das 100 maiores empresas do varejo brasileiro em 2012.

Grupo	Faturamento em 2011 (em mil)	Número de lojas	Número de Funcionários	Número de Estados que atua	Sede da Empresa	Origem do Capital	Posição no Ranking Geral
Lojas Americanas – LASA	R$ 10.202.000,00	621	15.596	23	Rio de Janeiro – RJ	Brasileira	4
Máquina de Vendas	R$ 7.200.000,00	1.078	24.000	23	Vitória da Conquista – BA	Brasileira	5
Magazine Luiza	R$ 5.277.000,00	728	20.242	15	São Paulo – SP	Brasileira	9
Fast Shop	R$ 2.301.600,00	70	4.000	7	São Paulo – SP	Brasileira	22
Lojas Cem	R$ 2.018.100,00	198	8.348	4	Salto – SP	Brasileira	26
Hermes S.A	R$ 1.803.122,00	4.500 (franquias)	1.500	27	Rio de Janeiro – RJ	Brasileira	30
Móveis Gazin	R$ 1.730.400,00	170	5.488	12	Douradina – PR	Brasileira	33
Havan	R$ 1.500.000,00	120	N/I	5	Brusque – SC	Brasileira	41
Lojas Colombo	R$ 1.324.412,00	325	5.548	5	Farroupilha – RS	Brasileira	47
Casa e Vídeo	R$ 1.064.000,00	74	3.000	74	Rio de Janeiro – RJ	Brasileira	54
Fujioka Eletro Imagem S. A (Dormer)	R$ 859.900,00	54	2.400	54	Goiânia – GO	Brasileira	64
Lojas Quero-Quero	R$ 800.000,00	214	3.000	214	Cachoeirinha – RS	Brasileira	70
Eletrozema	R$ 780.000,00	279	4.200	279	Araxá – MG	Brasileira	71
Tok & Stok	R$ 750.000,00	34	2.000	34	Barueri – SP	Brasileira	72
Lojas Koerich	R$ 441.600,00	80	N/I	80	Florianópolis – SC	Brasileira	96

Fonte: Ranking 2012 das 100 maiores empresas do varejo brasileiro. Instituto Brasileiro de Executivos de Varejo e Mercado de Consumo (IBEVAR, 2012).
A Via Varejo, razão social da que substituiu a Globex Utilidades S/A em 2012, grupo a qual pertence a Casas Bahia, não apareceu no ranking.
Em vermelho estão marcadas as empresas que tem presença Juazeiro do Norte.
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

que "para os consumidores, circular e estacionar podem ser factor mais importante na seleção de uma área de abastecimento do que a distância e a centralidade" (SALGUEIRO; CACHINHO, 2009, p. 15). É uma forma de expressão da "centralidade sem centro" comentada no capítulo anterior. Este é um exemplo de que na contemporaneidade "a centralidade ganhou novos contornos e libertou-se da posição geométrica central, para se avaliar em termos de facilidades de acesso e estacionamento, ou de prestígio" (SALGUEIRO, 1994, p. 74).

Ainda, segundo José Flávio, a empresa produziu um estudo visando a abertura de novas filiais na cidade, mais duas, que somadas com as duas já existente seriam quatro. Uma será instalada no Shopping Juazeiro, que está em construção no bairro Novo Juazeiro, enquanto que a outra será no Pirajá, área vista com bons olhos pela empresa devido à concentração de atividades econômicas e o seu papel como "centro comercial".

> Pirajá é um grande centro comercial também certo? então a gente tá pensando em realmente colocar uma unidade nossa lá certo? Uma loja que também vai funcionar aos domingos também, lá te muitos pontos de comércio no domingo, então vamos abrir a loja nesses propósitos aí. O centro do Pirajá hoje você vê... você é daqui de Juazeiro? então você vê que os bancos estão começando a ir pro Pirajá, tá virando um ponto comercial né, um setor comercial também, porque até então não tinha banco, hoje já tem dois bancos lá, Caixa Econômica e Banco do Brasil, então o comércio tá mudando um pouco pra lá então, queremos abrir uma loja lá também. (grifos nossos).

No caso da atividade financeira, os novos padrões locacionais são mais recentes, datando do ano de 1999, com a abertura da agência do Banco do Brasil do Cariri Garden Shopping. À época da inauguração desta agência, a primeira fora do centro principal de Juazeiro do Norte, o Cariri Garden Shopping ainda não tinha se firmando como uma área comercial consolidada, mas ainda estava se formando. A agência do Banco do Brasil foi implantada com o intuito de "servir empresas e pessoas físicas residentes naquele bairro [o Triângulo] no Distrito Industrial e na Lagoa Seca" (FOLHA DA MANHÃ, 11/11/1997).

Somente doze anos após a instalação desta agência do Banco do Brasil, foi que outra foi instalada fora do centro principal, mais uma do Banco o Brasil, a terceira na cidade, desta vez no Pirajá. Na ocasião da inauguração da agência, o então prefeito do município na ocasião, Raimundo de Santana Neto afirmou que "o Pirajá é um centro comercial fortíssimo e a inauguração da nova agência do Banco do Brasil é o reconhecimento a isso"[132]. O

[132] Matéria vinculada no site da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, com o título "Juazeiro ganha terceira agência do Banco do Brasil". 2011. Disponível em:

movimento financeiro nesta área é tão significativo que "segundo o gerente, Raimundo Pedroza, [nessa agência do BB] há um movimento normal de uma agência bancária de porte médio de até 12 anos de funcionamento" (SANTOS, 2012a).



Foto 31 - Juazeiro do Norte. Agência do Banco do Brasil do Pirajá.
Fonte: Cláudio Smalley Soares Pereira, Pesquisa de campo (2012-2013).



Foto 32 - Juazeiro do Norte. Agência da Caixa Econômica Federal do Pirajá.
Fonte: Cláudio Smalley Soares Pereira, Pesquisa de campo (2012-2013).

Podemos perceber, por meio do quadro 6 e do mapa 5, que a redefinição do padrão locacional por parte do serviço financeiro é ainda tímida e recente, e que, embora quatro agências estejam localizadas fora do centro principal – que para o montante geral é um

<http://www.juazeiro.ce.gov.br/noticia/lista/04631.juazeiro,ganha,terceira,agencia,do,banco,do,brasil/> Acesso em: 15 jul. 2012.

número significativo –, o centro ainda é o grande foco da atividade bancária. Entretanto, este panorama tende a mudar e se complexificar ainda mais nos próximos anos, visto que existem indícios de que o Bradesco irá instalar uma agência também no Pirajá[133], que seria a terceira da área.

Quadro 6 - Juazeiro do Norte. Localização das agências bancárias e datas de instalação por área de pesquisa.

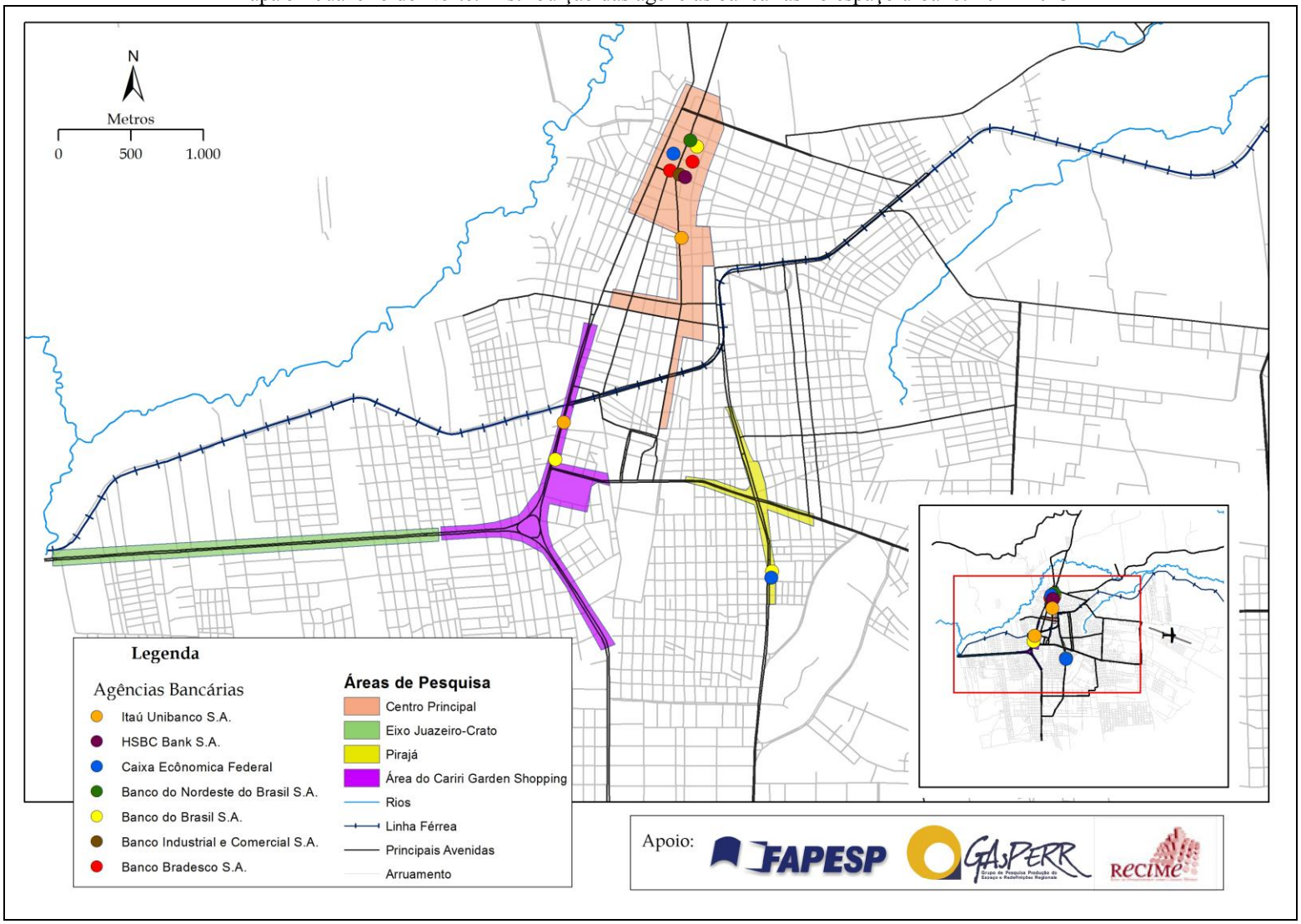
Instituição	Endereço	Bairro	Área da Pesquisa	Data de Início
Banco do Nordeste do Brasil S.A.	Rua São Pedro, 333	Centro	Centro principal	01-10-1957
Banco do Brasil S.A.	Rua São Francisco, 315	Centro	Centro principal	03-05-1959
Banco Bradesco S.A.	Rua Santa Luzia, 321	Centro	Centro principal	20-10-1972
Caixa Econômica Federal	Rua da Conceição, 361	Centro	Centro principal	23-08-1973
Banco Industrial e Comercial S.A.	Rua Santa Luzia, 391	Centro	Centro principal	31-10-1974
HSBC Bank Brasil S.A. - banco múltiplo	Rua Santa Luzia, 433/439	Centro	Centro principal	26-03-1997
Banco Bradesco S.A.	Rua da Conceição, 503	Centro	Centro principal	15-05-2006
Itaú Unibanco S.A.	Rua São Pedro, 1056	Centro	Centro principal	27-12-2007
Banco do Brasil S.A.	Av. Ailton Gomes, 2375	Pirajá	Pirajá	15-04-2011
Caixa Econômica Federal	Av. Ailton Gomes, 2355	Pirajá	Pirajá	03-08-2012
Banco do Brasil S.A.	Av. Pe. Cicero, 2555	Triângulo	Área do Cariri Garden Shopping	14-07-1999
Itaú Unibanco S.A.	Av. Pe. Cícero, 2209	Triângulo	Área do Cariri Garden Shopping	30-08-2012

Fonte: BACEN - Banco Central do Brasil (2013).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Por meio dos dados disponíveis no Banco Central do Brasil (BACEN), é possível observar uma dispersão da atividade financeira na cidade de Juazeiro do Norte com os dados relativos entre o ano de 2007 e o ano de 2013. O gráfico 3 apresenta o crescimento das agências bancárias instaladas no centro principal e fora dele.

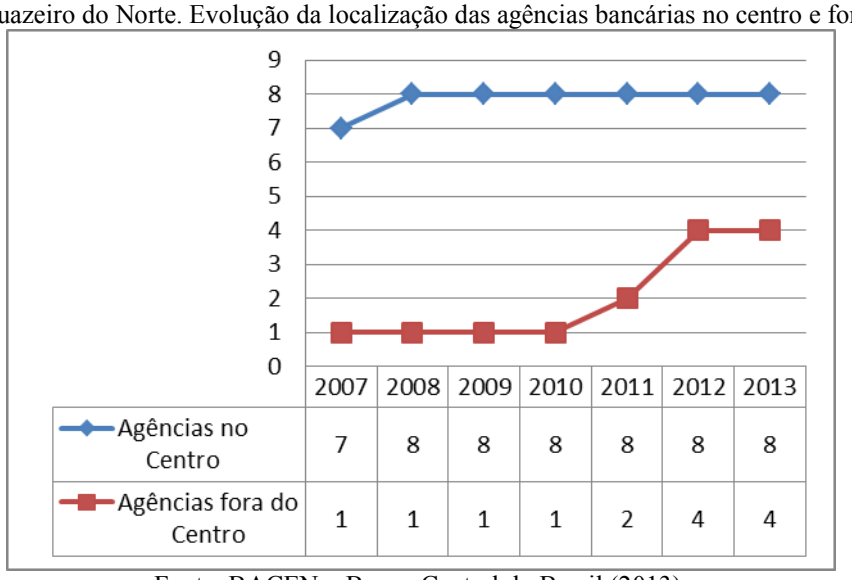
[133] Ver a matéria "Juazeiro descentraliza comércio para os bairros", publicada no jornal Diário do Nordeste. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1185086>. Acesso em: 5 mar. 2013.

Mapa 5 - Juazeiro do Norte. Distribuição das agências bancárias no espaço urbano. 2012-2013



Fonte: BACEN - Banco Central do Brasil (2013) e Pesquisa de campo (2012-2013).
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).

Gráfico 3 - Juazeiro do Norte. Evolução da localização das agências bancárias no centro e fora do centro.



	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Agências no Centro	7	8	8	8	8	8	8
Agências fora do Centro	1	1	1	1	2	4	4

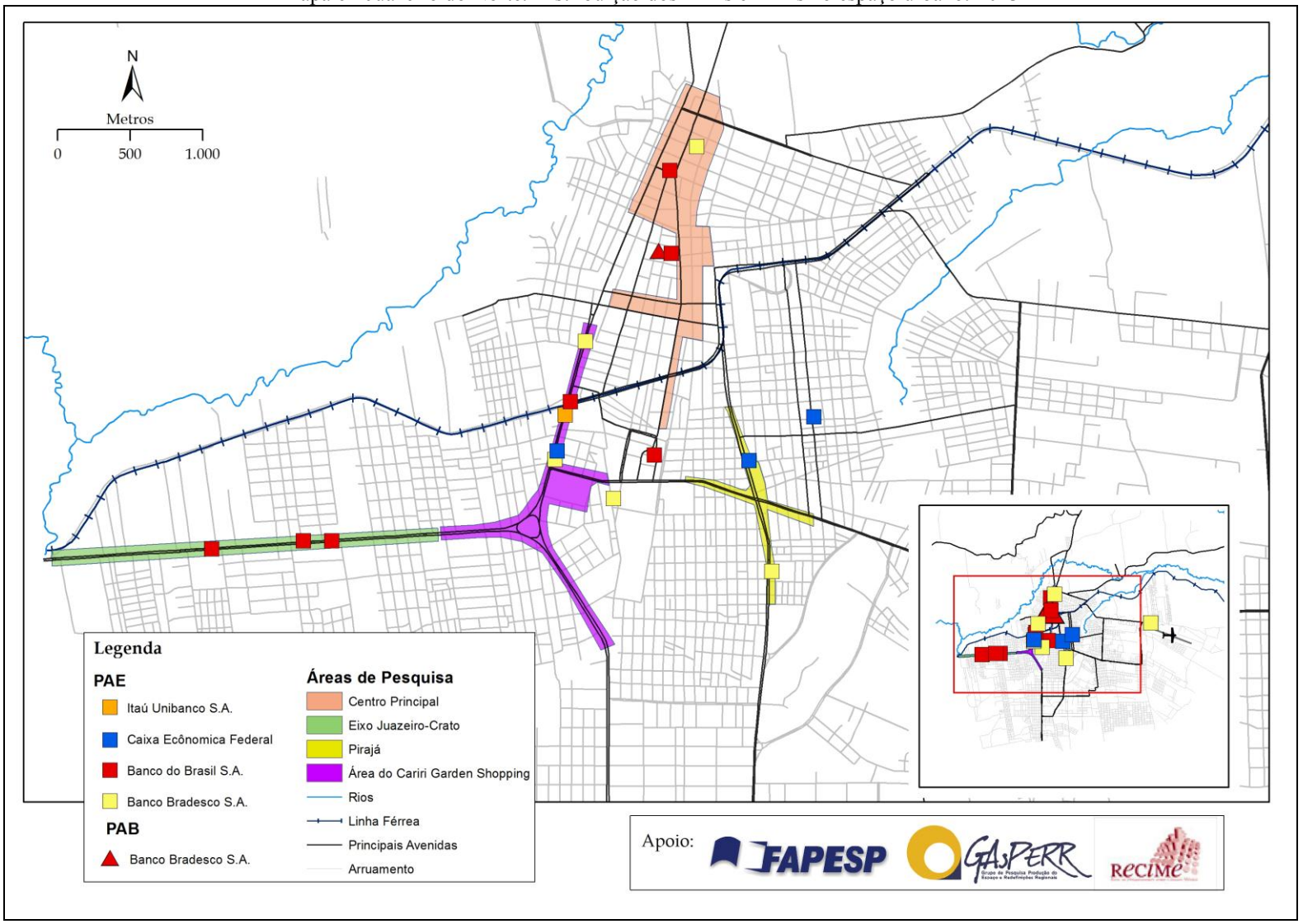
Fonte: BACEN – Banco Central do Brasil (2013).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

No que se refere aos serviços bancários, a partir da espacialização dos Postos de Atendimento Bancário (PAB) e dos Postos de Atendimento Eletrônico (PAE), a desconcentração dá-se de forma mais acentuada (mapa 6). Nesse aspecto, o centro da cidade já não exerce mais poder de concentração como no caso das agências, estando os PABs e os PAEs localizados com maior grau de desconcentração. Isso está associado à facilidade de suas localizações, pois geralmente estão instalados em empresas privadas para servir os seus funcionários, como o caso da SINGER, ou em instituições públicas, como a Prefeitura de Juazeiro do Norte.

Não foi possível ter, como no caso das agências, as datas de instalação dos PABs e PAEs, mas os dados do Banco Central (BACEN) correspondem a levantamentos que são atualizados mensalmente desde o ano de 2007, o que permitiu produzir os dados expressos no gráfico 4, relativos à localização dos PABs e PAEs nos últimos sete anos.

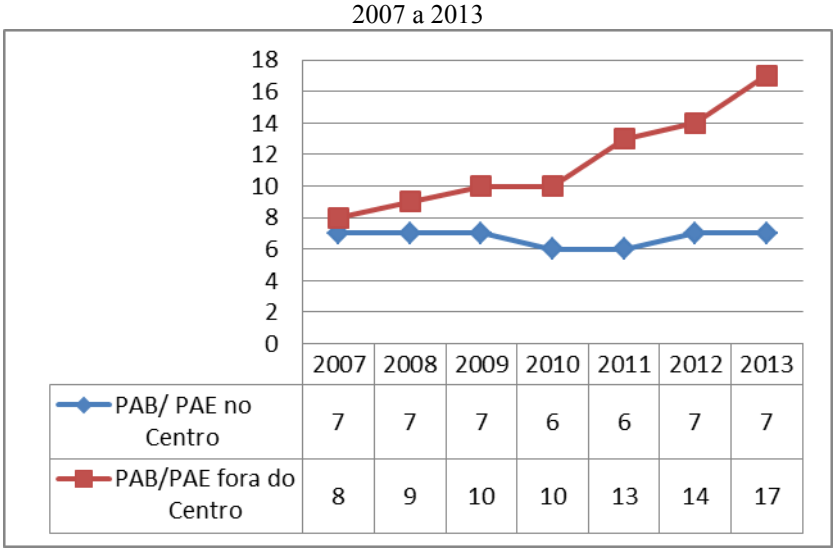
Desde 2007, que esse tipo de serviço bancário já sobrepunha, do ponto de vista quantitativo, os que se localizavam no centro. Nos anos que se seguem, observa-se sempre um aumento gradativo, ao ponto de haver duplicação da quantidade de PABs e PAEs nos seis anos seguintes ao primeiro sobre o qual constam dados. Mas é interessante observar, também, que nos anos de 2010 e 2011, o número de PABs e PAEs localizados no centro da cidade diminui, retomando no ano de 2012 ao estado anterior e permanecendo no mesmo até 2013.

Mapa 6 - Juazeiro do Norte. Distribuição dos PAEs e PABs no espaço urbano. 2013



Fonte: BACEN - Banco Central do Brasil (2013) e Pesquisa de campo (2012-2013).
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).

Gráfico 4 - Juazeiro do Norte. Evolução da localização dos PABs e PAESs no centro e fora do centro da cidade. 2007 a 2013

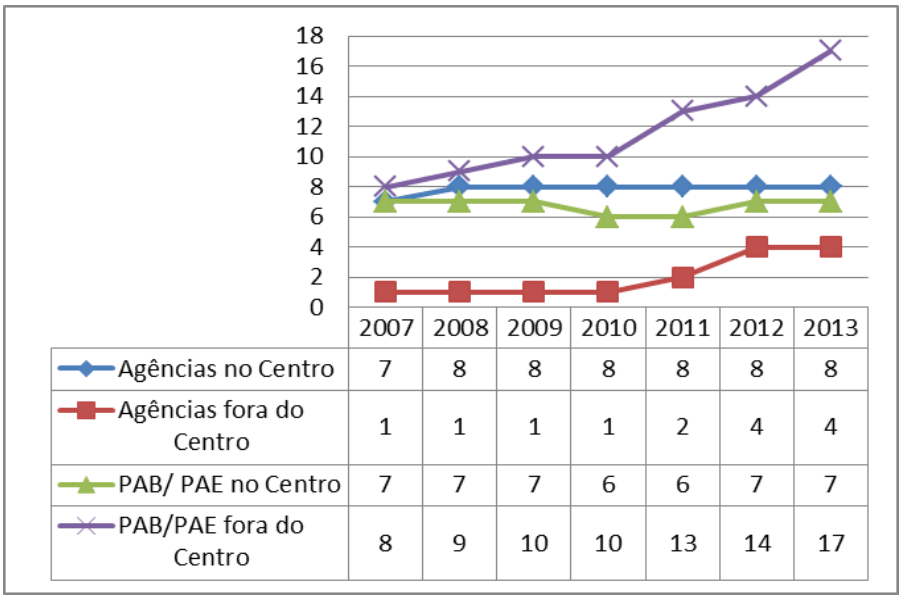


	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
PAB/ PAE no Centro	7	7	7	6	6	7	7
PAB/PAE fora do Centro	8	9	10	10	13	14	17

Fonte: BACEN - Banco Central do Brasil (2013).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Quando articulados os dados referentes ao serviço bancário, podemos observar que houve uma desconcentração significativa com o aumento de instalações localizadas fora do centro principal, enquanto que este permaneceu praticamente estável desde o ano de 2008, como mostra o gráfico 5. O mapa 7 apresenta todas as localizações das agências, PABs e PAEs.

Gráfico 5 - Juazeiro do Norte. Síntese da evolução das agências bancárias e PABs e PAESs no centro e fora do centro da cidade. 2007 a 2013



	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Agências no Centro	7	8	8	8	8	8	8
Agências fora do Centro	1	1	1	1	2	4	4
PAB/ PAE no Centro	7	7	7	6	6	7	7
PAB/PAE fora do Centro	8	9	10	10	13	14	17

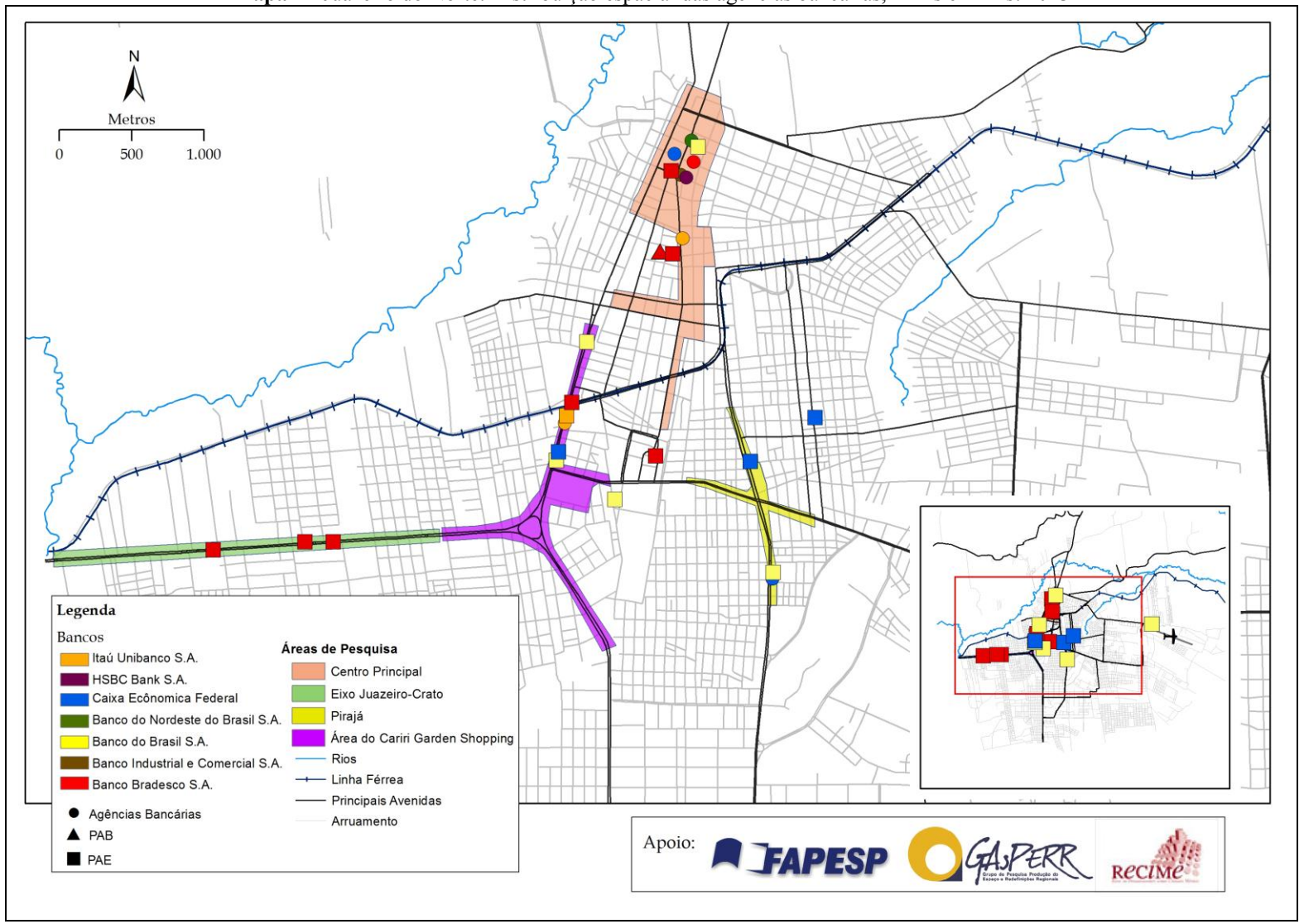
Fonte: BACEN - Banco Central do Brasil (2013).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Quadro 7 - Juazeiro do Norte. Postos de Atendimento Eletrônico (PAE) e Postos de Atendimento Bancário (PAB). 2013

Instituição	Tipo do Serviço	Bairro	Área da Pesquisa	Endereço	Nome da Instalação
Itaú Unibanco S.A.	PAE	Triângulo	Cariri Garden Shopping	Avenida Padre Cicero 2555	Shopping Cariri Ce
Itaú Unibanco S.A.	PAE	Triângulo	Cariri Garden Shopping	Avenida Padre Cicero 2240	Hiperm Juazeiro Do Norte
Itaú Unibanco S.A.	PAE	Aeroporto	Centro Principal	Avenida Virgílino Tavora 4000	Aeroporto de Juazeiro Do Norte
Banco Bradesco S.A.	PAE	Centro	Centro Principal	Rua Santa Luzia 321	Agencia Juazeiro Do Norte
Banco Bradesco S.A.	PAE	Triângulo	Cariri Garden Shopping	Avenida Padre Cicero 2555	Shopping Cariri
Banco Bradesco S.A.	PAE	Triângulo	Cariri Garden Shopping	Avenida Padre Cicero 3785	Paee - Singer do Brasil Ind.E Com.Ltda.
Banco Bradesco S.A.	PAE	Romeirão	Fora das Áreas Pesquisadas	Rua São Pedro 3060	Paee - Sefaz-Juazeiro
Banco Bradesco S.A.	PAB	Centro	Centro Principal	Praca Dirceu Figueiredo	Juazeiro do Norte Prefeitura
Banco Bradesco S.A.	PAE	Centro	Centro Principal	Praça Dirceu Figueiredo	Juazeiro do Norte Prefeitura
Banco Bradesco S.A.	PAE	Aeroporto	Fora das Áreas Pesquisadas	Avenida Virgilio Távora, 4000	Aeroporto de Juazeiro do Norte-Orlando Bezerra de Menezes
Banco Bradesco S.A.	PAE	São Jose	Eixo Juazeiro-Crato	Avenida Padre Cicero 4385	Atacadão Juazeiro do Norte
Banco Bradesco S.A.	PAE	Triângulo	Cariri Garden Shopping	Avenida Padre Cicero 2241	Bom Preço Juazeiro do Norte
Banco Bradesco S.A.	PAE	São Jose	Eixo Juazeiro-Crato	Avenida Padre Cicero	Maxxi Juazeiro do Norte
Banco Do Brasil S.A.	PAB	Franciscanos	Pirajá	Avenida Ailton Gomes	Drogaria Avenida
Banco Do Brasil S.A.	PAE	Romeirão	Fora das Áreas Pesquisadas	Avenida Jose Andrade Lavour 2001	Del.Rec.Federal-Ce
Banco Do Brasil S.A.	PAE	Salesiano	Fora das Áreas Pesquisadas	Avenida Padre Cicero 1910	Tex-Wr Petróleo
Banco Do Brasil S.A.	PAE	Centro	Centro Principal	Rua São Francisco 315	Saa-Juazeiro Norte
Banco Do Brasil S.A.	PAE	Triângulo	Cariri Garden Shopping	Avenida Padre Cicero 2555	Saa-Cariri Shopping
Banco Do Brasil S.A.	PAE	Triângulo	Cariri Garden Shopping	Avenida Padre Cicero 2555	Qsq-Cariri Shopping
Banco Do Brasil S.A.	PAE	Pirajá	Pirajá	Avenida Ailton Gomes 2375	Saa-Padre Cicero
Banco Do Brasil S.A.	PAE	Aeroporto	Fora das Áreas Pesquisadas	Avenida Virgilio Távora	Aerop.Juazeiro Norte
Caixa Econômica Federal	PAE	Pirajá	Pirajá	Avenida Ailton Gomes 1573	Drogaria Avenida
Caixa Econômica Federal	PAE	São Miguel	Fora das Áreas Pesquisadas	Rua São Benedito	Farmácia Mandacaru
Caixa Econômica Federal	PAE	Triângulo	Cariri Garden Shopping	Avenida Padre Cicero S/N	Drogaria Avenida Juazeiro Do Norte

Fonte: BACEN - Banco Central do Brasil (2013).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Mapa 7 - Juazeiro do Norte. Distribuição espacial das agências bancárias, PAEs e PABs. 2013



Fonte: BACEN - Banco Central do Brasil (2013).
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).

A atividade econômica que mais tem chamado atenção quanto à produção de novas áreas de centralidade em Juazeiro do Norte tem sido as do setor comercial varejista e atacadista de grande porte. Estamos no referindo a empresas de capital nacional e internacional – *shopping centers*, super e hipermercados – que passaram a operar em muitas cidades médias e de porte médio do Brasil. Para se ter uma ideia, em Juazeiro do Norte, o montante investido nestes ramos desde de 2009 chega a R$ 260 milhões.

De modo geral, as novas formas comerciais se ampliaram no Brasil a partir dos anos 1980, com o surgimento e ampliação de *shopping centers*, hipermercados, galerias, no momento em que se deu um processo significativo de concentração econômica em alguns ramos comerciais, acentuando-se nos anos 1990 com o crescimento da presença de agentes econômicos de capitais internacionais ligados ao autosserviço (SPOSITO, 2001).

Essas empresas utilizam-se de diversas estratégias para produzirem novos espaços de concentração de atividades econômicas no espaço urbano. Sobre esse assunto, Sposito (2010a) observa que

> [...] as redes de distribuição comercial e de serviços, ao instalarem esses grandes equipamentos [os *shopping centers*, os super e hipermercados], não somente respondem aos interesses das novas zonas residenciais e aos hábitos de uso cada vez mais frequentes do automóvel, mas, sobretudo, propõem e criam uma nova centralidade. Para fazê-lo, incluem no projeto imobiliário e na estratégia locacional elementos capazes de materializar objetivamente essa centralidade (acesso ao sistema de circulação, vastas áreas de estacionamento, oferta concentrada de produtos e serviços etc.) e de maneira subjetiva (nova imagem urbana, marca do modernismo etc.) (SPOSITO, 2010a, p.207).

Cada vez mais cidades com o porte demográfico acima dos 100.000 habitantes – não necessariamente cidades médias – tem sido o foco das investidas dos capitalistas destes ramos de atividade. No caso do Grupo Pão de Açúcar, o vice-presidente Hugo Bethlem afirmou que "até pouco tempo, apenas cidades com pelo menos 500 000 mil habitantes estavam no nosso foco. Agora, passamos a analisar o potencial de municípios com no mínimo de 150 000 habitantes" (STEFANO; CRUZ, 2012).

As escolhas locacionais destas empresas são seletivas espacialmente, e como bem notaram Santos e Silveira (2012) no início dos anos 2000, "as estratégias territoriais dos supermercados buscam atingir os diversos pontos do país. Mas num Estado como o Ceará essas grandes empresas instalam-se apenas na capital, onde passam a competir com supermercados locais" (SANTOS; SILVEIRA, 2012, p. 150).

Porém, hoje a realidade cearense é muito diferente. Esse tipo de estabelecimento busca cada vez mais o interior do estado, impulsionados pelo aumento da renda e pelo crescimento

do potencial de consumo das classes mais baixas, o que possibilitaria a ampliação da lucratividade das maiores empresas. Em 2010, o Diário do Nordeste publicou a reportagem "supermercados entram com força no interior cearense", apontando que

> O setor supermercadista, o qual se encontra em franca expansão na Capital, mira agora mais fortemente no Interior. Motivado pelo crescimento do poder aquisitivo das classes C, D e E; e pelo incremento de 9,8% no faturamento do primeiro semestre deste ano, ante igual período de 2009, o segmento passa a direcionar parte de sua estratégia de expansão para os outros municípios cearenses, enxergando o vasto potencial de compra desses consumidores (BORGES, 2010 – grifos nosso).

No caso do grupo estadunidense Wal-Mart, o Ceará e o Nordeste do Brasil têm se tornado cada vez mais importantes para a expansão do grupo. Para Héctor Núñes, presidente do Wal-Mart Brasil

> O Ceará, assim como o Nordeste, é um mercado importante para o Walmart. O Brasil está crescendo e esse crescimento se concentra, sobretudo, nessa região. Basta ver o aumento do consumo. De modo que o grupo anuncia uma nova fase de crescimento orgânico no Estado. Não só em Fortaleza, mas também no Interior. Serão mais lojas do Hiper Bompreço, do Bompreço, vamos continuar expandindo o Maxxi, construir um centro de distribuição e iniciar ainda as operações do TodoDia no Estado (ANCHIETA, 2010 – grifo nosso).

Os condicionantes econômicos que motivaram a investida destas empresas são claros. O aumento das rendas das classes econômicas mais baixas, isenções fiscais por parte do poder público, centralização do capital (fusões e compras de empresas) e a busca de mais lucros em mercados até então não explorados. Se observarmos o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de Juazeiro do Norte, entre 2004 e 2008, há um salto de 157% (IPECE, 2011) tornando a cidade um mercado consumidor atrativo para essas empresas.

Acrescente-se a isso que esta cidade está entre as 500 maiores cidades do Brasil no que se refere ao Índice de Potencial de Consumo[134] (IPC). No ano de 2012 apresentou o potencial de consumo de R$ 2,142 em bilhões e em 2013 aumentou para R$ 2,424 bilhões. A tabela 13 apresenta a posição da cidade de Juazeiro do Norte no *ranking* nacional e no *ranking* estadual no que se refere ao IPC, entre os anos de 2009 e 2013 segundo o IPC Maps, pesquisa da empresa IPC Marketing, mostrando que houve variações durante estes cinco anos com quedas de posições no *ranking* nacional, mas com permanência no *ranking* estadual.

[134] O IPC "é a representação de renda de determinada região em relação à renda total do país. O IPC é calculado a partir da renda dos domicílios, pois se entende que em algum momento a renda se transformará em consumo". (FONTE: <http://www.pyxisconsumo.com.br/>).

Tabela 11 - Juazeiro do Norte. Índice de Potencial de Consumo (IPC) e posição no ranking nacional e estadual. 2009 a 2013.

Juazeiro do Norte			
2009	**IPC Target (Share do consumo)**	**Posição no Ranking**	
		Nacional	Estadual
	0,09942	150	3
2010	**IPC Target (Share do consumo)**	**Posição no Ranking**	
		Nacional	Estadual
	0,08631	169	3
2011	**IPC Target (Share do consumo)**	**Posição no Ranking**	
		Nacional	Estadual
	0,09201	159	3
2012	**IPC Target (Share do consumo)**	**Posição no Ranking**	
		Nacional	Estadual
	0,07861	186	3
2013	**IPC Target (Share do consumo)**	**Posição no Ranking**	
		Nacional	Estadual
	0,08077	176	3

Fonte: IPC MAPS (2010, 2012, 2013).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Aliado a esse potencial de consumo, o crescimento econômico do comércio, desde 2010, contribui decisivamente para a atuação dos agentes econômicos nesta cidade. Segundo Michel Araújo,

> 2011 foi um ano excelente, a gente cresceu em torno de 11,5% em relação a 2010, que é um número de dois dígitos, que é um número muito bom; 2012 também foi muito bom, nós crescemos em torno de 9,5 a 10% em relação a 2011 e já tínhamos crescido em relação a 2010; 2013 a gente vê que vai ter um crescimento, porém esse crescimento não vai chegar na casa dos dois dígitos como nos anos anteriores [...] a gente espera crescer em 2013 em torno de 6,5% em relação a 2012, que é um crescimento excelente, porque visto que a gente cresceu em relação a 2011, 2012 cresceu em relação a 2011, 2011 cresceu em relação a 2010, mesmo esses 6,5% é um nível muito bom ainda.[135]

A reportagem "o novo mapa do consumo no Brasil" da revista Exame traz uma pesquisa realizada por empresa norte-americana, que avalia 45 produtos em diversas cidades metropolitanas e interioranas no Brasil e a perspectiva de crescimento do consumo até 2020. Juazeiro do Norte aparece com destaque no âmbito das cidades do interior, ocupando o 17º lugar no crescimento em bilhões de reais (R$ 1,6 bi) e o 3º lugar no crescimento, com 14% ao ano (STEFANO; CRUZ, 2012).

[135] Entrevista com Michel Araújo, realizada em 5 de fevereiro de 2013.

Os impactos na estruturação da cidade são evidentes. As atividades anteriormente analisadas – as lojas de eletrodomésticos e os serviços bancários – não têm capacidade, por si só, de produzirem uma área de centralidade. Eles reforçam uma área com os atributos de centralidade usufruindo da concentração já existente em um determinado local. Refletindo a respeito da centralização espacial do capital monetário, Smith (1988) escreve que a centralização espacial do capital monetário é de pequeno significado, visto que dos câmbios bancários, títulos, ações, ouro, mensagens eletrônicas reunidos em "tais prédios e instituições não criam, em geral, novos centros, mas aglutinam-se com os centros já existentes" (SMITH, 1988, p. 180). No caso do setor supermercadista não, pois como vimos anteriormente, eles têm o poder de criar novas áreas de concentração de comércio e serviços.

Estes equipamentos também alteram a lógica de estruturação da rede urbana, provocando uma reestruturação urbana. Ou seja, ao se instalar em um determinado espaço urbano – no caso aqui, Juazeiro do Norte – as relações entre cidades se alteram e os fluxos econômicos e de consumidores passam a afluir para esta cidade em particular oriundos de outras cidades, e em alguns casos de outros estados. Têm-se então o reforço da centralidade na escala da rede urbana em alguns casos, propiciada pelas instalações dessas grandes superfícies comerciais, ao passo que outras cidades têm sua centralidade urbana no âmbito da rede urbana redefinida, com um declínio relativo dos seus papéis urbanos[136]. Exemplar disso é a relação entre Juazeiro do Norte e Crato, comentada na introdução desta pesquisa[137].

O primeiro supermercado inaugurado em Juazeiro do Norte que tivemos conhecimento foi o Supermercado Puma, provavelmente nos anos 1960 e no centro principal. No entanto, é o Supermercado São Luiz, em 1997, quem inaugura uma nova lógica locacional deste tipo de equipamento, distante do centro da cidade, como uma das lojas âncoras do Cariri Garden Shopping. O Super Lagoa é inaugurado em 1999, mas no mesmo local em que existia o Pluma, reforçando a centralidade exercida pelo centro.

Do ponto de vista do comércio, ocorreu o processo relatado por Salgueiro (1996), segundo o qual a instalação periférica das grandes superfícies comerciais rompeu – ao menos parcialmente – com a estrutura secular do comércio urbano que era hegemonizada pelo centro, possibilitando novas relações entre centro e periferia, com base em estabelecimentos e

[136] Sobre essa relação entre a centralidade reforçada e /ou ampliada e a centralidade "declinada" no âmbito da rede urbana, ver Sposito (2013b).
[137] Para saber mais sobre a relação entre estas duas cidades consultar, entre outros, Barros (1964), Soares (1968), Pinto e Oliveira (1978), Della Cava (1985), Felizola Diniz (1989).

organizações de distribuição nem sempre concorrentes, que os consumidores selecionam em função das diferentes necessidades ou motivações.

O caso dos *shopping centers* é um exemplo disso. Tal como os super e hipermercados que têm buscado cada vez mais a interiorização, esse tipo de equipamento tem investido em localizações estratégicas do ponto de vista da rede urbana e das cidades médias[138], como Juazeiro do Norte, passam a ser alvos dos investimentos[139]. A empresa Tenco Shopping Centers é um exemplo desse processo, que tem seus investimentos voltados para a produção dessas superfícies comerciais em cidades médias e de médio porte como Mossoró (RN), Arapiraca (AL), que são polos de desenvolvimento regional (A PESSOA COMUNICAÇÃO, 2012).

Com isso, passam a articular a cidade com escalas geográficas mais amplas, por meio do comércio e dos serviços e de novas marcas pelas quais os agentes econômicos de origem de capital diversas passam a atuar. Exemplo disso é o caso das franquias que cada vez mais têm se articulado com os *shopping centers*. Roger Tonidandel, diretor comercial da Tenco Shopping Centers, afirma que "no Cariri Shopping, por exemplo, nosso centro comercial localizado em Juazeiro do Norte, no Ceará, 56% do mix são franquias. Essa tendência das franquias fica mais evidente nas praças de alimentação onde esse tipo de operação chega a representar 75% do total" (A PESSOA COMUNICAÇÃO, 2012).

A construção do Cariri Garden Shopping em Juazeiro do Norte produziu uma reorganização da estrutura comercial da cidade, visto que novos fixos passaram a se instalar ao redor e nas proximidades deste empreendimento. Isto é, esse tipo de grande superfície comercial altera "a hierarquia tradicional dos centros de comércio o que implica numa nova articulação entre os elementos que participam da estruturação urbana" (VARGAS, 1995, p. 745). E ainda

> Ao juntar num ponto do espaço uma série de atividades e a facilidade de estacionamento, contribui para manter a distância econômica mais baixa, ao permitir uma racionalização dos deslocamentos, cada vez mais difíceis nas grandes

[138] Segundo os dados da Associação Brasileira de Shopping Centers (ABRASCE, 2013), existem hoje, no que tange aos *shopping*, 17 unidades em cidades com até 100.000 habitantes respondendo por 4% do total, e 176 unidades em cidades de 100.001 a 500.000 habitantes, correspondendo a 39% do total de 475 *shopping* existentes hoje no Brasil.

[139] A quantidade de *shopping centers* em cidades de 100.001 a 500.000 habitantes não significa dizer que todas estas cidades são cidades médias. Demograficamente falando, elas são cidades de porte médio, mas em termos de papéis desempenhados na rede urbana não há como saber, visto que muitas destas estão localizadas em regiões metropolitanas. No entanto, os números servem para mostrar que cada vez mais esse tipo de empreendimento comercial tem buscado mercados em cidades com menores complexidades funcionais.

> aglomerações. Além disso, a valorização do solo no seu entorno imediato, estimula o adensamento atraindo as classes de maiores rendas e outros estabelecimentos comerciais. Somam-se a estes atributos, o conforto, segurança e a existência de atividades de lazer e entre outras (VARGAS, 1995, p. 742).

As empresas de capital nacional e internacional destacam-se quanto ao seu papel no processo de estruturação recente de Juazeiro do Norte. Instaladas quase todas em uma mesma via – a Avenida Padre Cícero – transformaram a área em vetor de expansão urbana e de valorização do solo urbano. A inauguração do Assaí em 2013 de frente ao Atacadão, que acirra a concorrência das grandes redes varejistas, apenas confirma a tendência de estratégia da localização destas atividades baseadas no mercado consumidor crescente.

Em Juazeiro do Norte nos últimos anos, tem existido uma significativa valorização do solo urbano tanto no centro principal e nas áreas em que o comércio tem se concentrado, além de alguns setores residenciais "periféricos", provocando práticas de especulação imobiliária pouco presentes, no contexto urbano desta cidade, até 2007. Para se ter uma ideia, em algumas áreas, ocorreu uma valorização de 300% no preço do metro quadrado enquanto que em outras 1.900%[140]. Segundo Felipe Neri, diretor Regional do Sindicato da Indústria da Construção Civil (SINDUSCON) da região do Cariri, "para o padrão AA, o preço já chegou a R$ 6.000,00/m², e para a faixa D, o metro quadrado fica em torno de R$ 1.200,00/m²" (O ESTADO, 13/06/2013).

A mídia local tem noticiado diversas vezes como esse processo tem se desenvolvido e impactado a estruturação da cidade. O preço do metro quadrado, sobretudo no centro da cidade e em algumas áreas próximas a ele, apresentou custos, em 2011, de até R$ 5.000,00, no patamar dos preços encontrados na capital Fortaleza (SANTOS, 2011), o que tem influenciado o fechamento de muitos pequenos comerciantes devido aos altos custos dos aluguéis, enquanto que alguns deles buscaram outras localizações. O centro principal de Juazeiro do Norte, mesmo com as novas lógicas locacionais das atividades econômicas, ainda é um espaço de intensa disputa, o que reflete no preço do solo urbano desta área.

Para Michel Araújo, que além de presidente da CDL é também empresário, essa especulação imobiliária é o principal fator para a presença de muitas lojas fechadas. Dessa forma,

---

[140] O bairro Lagoa Seca registrou um aumento de 1.900% no preço do metro quadrado, saltando e R$ 15,00 para R$ 300,00, segundo os corretores imobiliários. Matéria completa: "Supervalorização de imóveis chega a 1.900% em Juazeiro". Diário do Nordeste, 11 de junho de 2011. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1003728>. Acesso em: 23 mar. 2012. Ver também O Estado (2013).

> As áreas do entorno do Cariri Garden Shopping, além dos imóveis, foram supervalorizadas, segundo dados do Conselho Regional dos Corretores Imobiliários (Creci - CE). Na Avenida Padre Cícero, por exemplo, do shopping ao bairro São José, o metro quadrado em algumas áreas chegou a triplicar de preço (SANTOS, 2012b).
>
> De acordo com o delegado do Creci, na Avenida Padre Cícero, entre o Atacadão e o Cariri Shopping, o metro quadrado chega a custar cerca de R$ 600,00, próximo à pista, e nas quadras residenciais, até R$ 200,00. [...] O delegado do Conselho Regional dos Corretores Imobiliários (Creci - CE), em Juazeiro, Fagner Canuto Tavares, aponta que em três anos, a área nas proximidades do Cariri Shopping teve uma valorização de até 100%, dentro da média real de investimentos. E foi neste espaço, que houve muitos investimentos em prédios comerciais, pequenas galerias de lojas, além de clínicas médicas. Mas o que tem chamado a atenção são investimentos em construções verticalizadas (SANTOS, 2012c).

A duplicação do Cariri Garden Shopping (quadro 8, foto 33) acontece nesse contexto, sendo então um produto do bom momento econômico vivido na cidade, o que possibilita vários investimentos.

Quadro 8 - Juazeiro do Norte. Especificações do Cariri Garden Shopping na época da inauguração e na expansão. 2013

	Inauguração	**Expansão**
Data	28/11/1997	26/06/2012
Tipo de shopping	Tradicional	Tradicional
Área do terreno	51.137 m²	51.137 m²
Área construída	23.849 m²	42.010 m²
ABL	13.245 m²	24.427 m²
Pisos de lojas	2	3
Vagas de estacionamento	1.164	1.281
Serviços terceirizados	Não informado	-
Tipos de entretenimento	Cinema; games	Cinema, diversão (parque, games)
Sala de cinemas	2	6
Perfil dos visitantes[141]	30%A, 30%B, 40% outras	30% A, 30% B, 40% outras
Total de lojas	74	193
Lojas-âncora	2	5
Supermercado	1	1
Elevador	-	2
Escada rolante	-	3

Fonte: http://www.grupotenco.com.br/portifolio/#shopping=229; ABRASCE (2013).
Org. Cláudio Smalley Soares Pereira (2013)

[141] É importante deixar claro que este perfil dos visitantes não corresponde de fato ao real, e é mais um perfil que o empreendimento visa atingir.



Foto 33 - Juazeiro do Norte. Imagem aérea do Cariri Garden Shopping.
Fonte: Anderson Duarte (2012).

Os investimentos do capital comercial varejista e imobiliário são apenas dois exemplos. Essa dinâmica, ao mesmo tempo em que produz, reforça o seu papel enquanto agente importante da estruturação contemporânea do espaço urbano de Juazeiro do Norte. Um duplo efeito pode ser reconhecido com a ampliação deste grande equipamento: uma valorização do solo urbano ao seu redor e nas suas proximidades, e o papel cada vez mais importante como espaço de compras e de realização de práticas espaciais dos citadinos. O Shopping Juazeiro (quadro 9, foto 32), ainda em construção, provavelmente provocará o mesmo efeito no bairro Novo Juazeiro e na cidade toda, visto que está numa área que tem pouco comércio e que está distante do centro principal da cidade.

Quadro 9 - Juazeiro do Norte. Especificações do Shopping Juazeiro. 2013

Data de inauguração	31/10/2013
Tipo de shopping	Tradicional
Área do terreno	23.473 m²
Área construída	35.753 m²
ABL	13.588 m²
Está em expansão	-
Pisos de lojas	1
Vagas de estacionamento	532
Serviços terceirizados	Administração, segurança, estacionamento
Tipos de entretenimento	Cinema, diversão (parque, games), boliche
Sala de cinemas	4
Perfil dos visitantes	-
Total de lojas	105
Lojas-âncora	3

Fonte: ABRASCE (2013).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).



Foto 34 - Juazeiro do Norte. Imagem representativa do Shopping Juazeiro.
Fonte: http://noticiasdejua.blogspot.com.br/2012/08/shopping-juazeiro.html

No caso dos super e hipermercados o impacto foi grande. Segundo Aníbal Feijó, presidente da Associação Cearense de Supermercados (ACESU), a inauguração do Atacadão em 2009 – que foi construído em apenas 86 dias – impactou de forma negativa as lojas do mesmo ramo na cidade, com uma redução de 30% no faturamento (ANCHIETA, 2010)[142]. A tabela 6, que contém as atividades divididas por ramos nos anos de 2010 e 2011, o item de "mercearias" que é o que engloba os mercadinhos, mercearias, bodegas e outros estabelecimentos varejistas de pequeno porte, nota-se uma queda de em torno de 40 estabelecimentos de um ano para o outro. É provável – entre outras possíveis influências que podem ter interferido nesta diminuição da quantidade de estabelecimentos –, que essa redução possa decorrer da chegada do Atacadão, visto que os outros empreendimentos – o Hiper Bompreço, o Maxxi e o Assaí – só foram inaugurados entre 2010 e 2013 (fotos 35, 36, 37 e 38).

Não só no âmbito do faturamento, mas, sobretudo, no processo de estruturação da cidade, esses empreendimentos são significativos por produzirem uma cidade cada vez mais estendida e, em alguns casos, descontínua do ponto de vista territorial. O quadro 10 apresenta os principais estabelecimentos do ramo supermercadistas instalados em Juazeiro do Norte enquanto o mapa 8 apresenta a localização dos estabelecimentos no espaço urbano.

[142] Em entrevista a um jornal local, o proprietário do Mercantil Nogueira afirmou que, na sua loja, o movimento "caiu um pouco com a chegada do Atacadão. Mas minha perspectiva é que volte a crescer" (MENEZES, 2009).



Foto 35 - Juazeiro do Norte. Atacadão, do Grupo Carrefour, na Av. Padre Cícero.



Foto 36 - Juazeiro do Norte. Assaí Atacadista, do Grupo Pão de Açúcar, na Av. Padre Cícero.



Foto 37 - Juazeiro do Norte. Maxxi Atacado, do Grupo Wal-Mart, na Av. Padre Cícero.



Foto 38 - Juazeiro do Norte. Hiper Bompreço, do Grupo Wal-Mart, na Av. Padre Cícero.

Fonte: Pesquisa de campo (2012-2013).

Como bem apontou Baudrillard (1991), o hipermercado é inseparável das autoestradas, dos parques de estacionamento para os automóveis; é um núcleo e estabelece uma órbita sobre qual se move a aglomeração e, por isso, desintegra a própria cidade. O hipermercado seria, para o autor, um modelo hiper-real que não tem nada a ver com a cidade, esta, que junto com o campo, desapareceriam para formar a aglomeração urbana funcional e sinalizada, produtora de uma nova sociabilidade. O hipermercado e as demais grandes superfícies comerciais acabaram "negando a rua como espaço de diálogo"[143] (SALGUEIRO, 1996, p. 232).

Quadro 10 - Juazeiro do Norte. Distribuição espacial das grandes superfícies comerciais varejistas e atacadistas. 2013

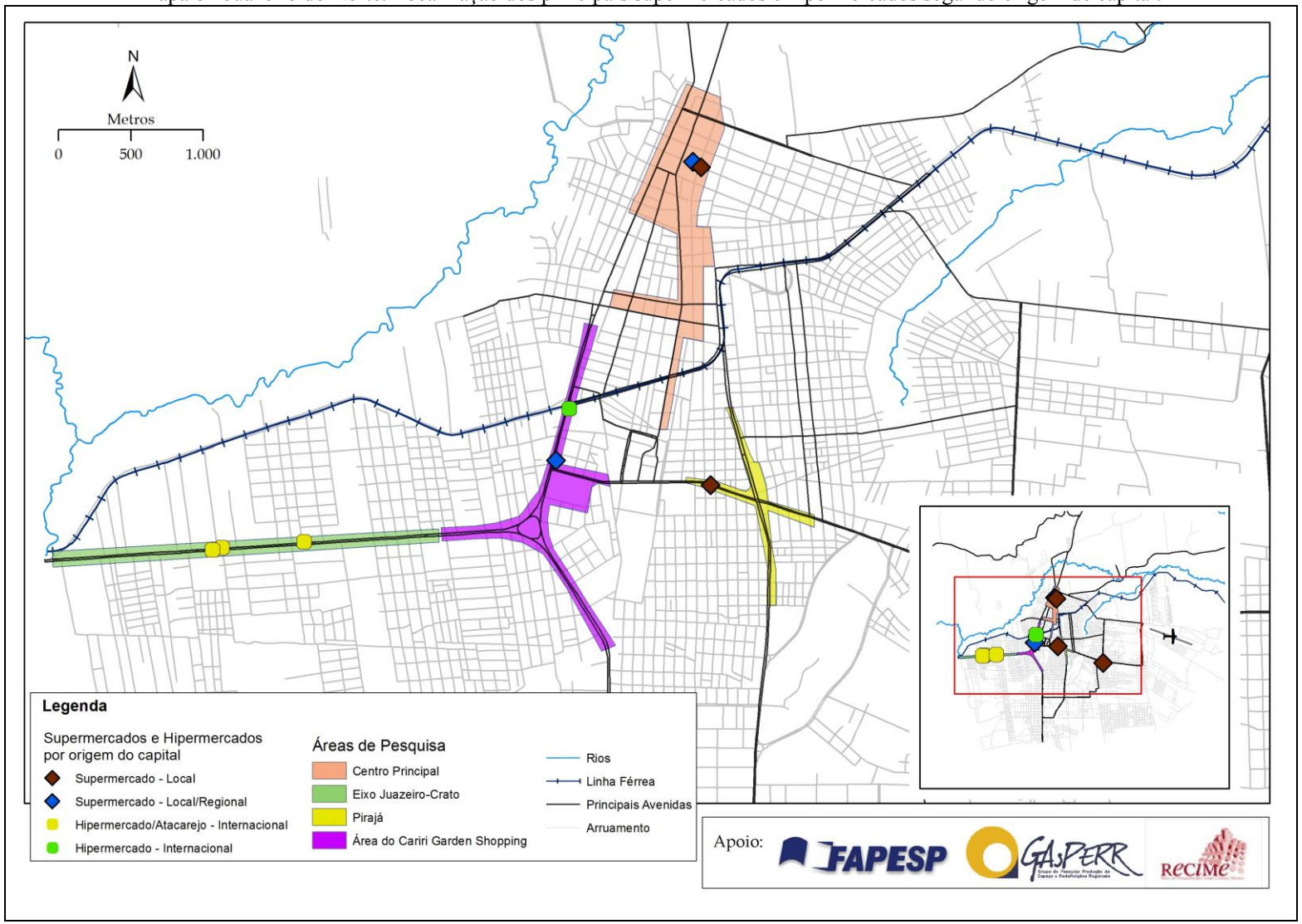
Empresa	Tipo	Origem do Capital	Área da Pesquisa	Bairro
Assaí	Hipermercado – Atacarejo	Internacional	Eixo Juazeiro-Crato	São Jose
Atacadão	Hipermercado – Atacarejo	Internacional	Eixo Juazeiro-Crato	São Jose
Maxxi	Hipermercado – Atacarejo	Internacional	Eixo Juazeiro-Crato	São Jose
Hiper Bompreço	Hipermercado	Internacional	Cariri Garden Shopping	Triangulo
Super Yohanne	Supermercado	Local	Centro Principal	Centro
Supermercado Nogueira	Supermercado	Local	Juazeiro Shopping	Tiradentes
Supermercado Econômico	Supermercado	Local	Pirajá	Pirajá
Mercadinho São Luiz	Supermercado	Local/ regional	Cariri Garden Shopping	Triangulo
Super Lagoa	Supermercado	Local/ regional	Centro Principal	Centro

Fonte. Pesquisa de campo (2012-2013).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Mas, ao contrário do que possa parecer, no âmbito da atividade comercial, ao menos no caso aqui estudado, as novas formas comerciais, embora tenham impactado de maneira significativa as lógicas de localização do comércio e dos serviços, esses novos espaços de consumo não destruíram as formas comerciais tradicionais, isto é, os pequenos comerciantes varejistas que se localizam tanto no centro da cidade como no Pirajá, visto que esta área, como será detalhada adiante, assume características de um subcentro. No caso de Juazeiro do Norte, "um dos impactos muito fortes que teve aqui foi o Carrefour [Atacadão], onde a

[143] O tema da rua e a relação com a cidade, o comércio, o centro da cidade e a centralidade é instigante e merece um desenvolvimento a parte. Para um maior aprofundamento sobre isto, indicamos Carlos (2007a, 2007b), Lefebvre (2008b) e Lévy (1986).

Mapa 8 - Juazeiro do Norte. Localização dos principais supermercados e hipermercados segundo origem de capital.



Fonte: Pesquisa de Campo (2012-2013)
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).

primeira expectativa que tinha era que o comércio ia quebrar, porque lá eles tinham uma condição muito boa, e isso não ocorreu, não fechou ninguém"[144].

O presidente da CDL de Juazeiro do Norte também abordou a chegada das grandes redes internacionais na cidade e seus impactos no comércio local.

> Eu vejo como de fundamental importância a chegada desses investimentos internacionais não é? Muito se dizia que, quando o Atacadão inaugurou, iriam quebrar os mercadinhos, iriam quebrar vários comerciantes pequenos, e o que a gente viu foi o contrário; a gente viu foi o estímulo pela concorrência, então o Atacadão chegou, abriu um novo método de vendas e abriu os olhos do comerciante local, para que ele... tem que deixar de fazer aquelas velhas práticas da cadernetinha não é? Melhorar seus meios de pagamento, aceitar cartão de crédito, coisas que a gente realmente não via, então o que a gente viu foi o contrário, foi os mercadinhos de periferia se modernizando com a chegada do Atacadão e do Hiper Bompreço, então eles tiveram que se modernizar. Tiveram que colocar lá *check outs*, tiveram que colocar recebimento com cartão de crédito, melhoraram os sues *layouts* internos, reformaram suas lojas né, então passara a atender melhor os clientes, pra que esse cliente que antes era grosseiramente atendido, passe a ser bem atendido no seu bairro e não precise se deslocar para esses grandes polos né, que chegaram na região, então eu vejo isso com um grande divisor no pensamento do comerciante local, então isso é um meio de que? Que você ver que você tem que se atualizar, você não pode ficar parado simplesmente esperando que alguém venha de fora e tome seu mercado, então você começa a ter novos métodos e para competir com essa grande rede que vem de fora para aqui [...] nos primeiros meses, um ou dois meses que o Atacadão chegou, o impacto foi de desespero não é? Principalmente desses comerciantes menores, que eles pensavam que iriam quebrar, que iriam fechar seu negócio.[145]

Mas isto não significa que o comércio de pequeno porte não sofreu impactos. A chegada destes investimentos encareceu o preço do solo urbano, como vimos anteriormente, e esta supervalorização tornou caro, inclusive no centro da cidade, a permanência de pequenos comércios de capital local, sobretudo. Assim, quando Michel Araújo afirma que não vê "problema [n]essa concorrência entre as lojas comercias e os shoppings. Isso desenvolve ainda mais o comércio da cidade", ele só observa o lado, supostamente positivo, da chegada dos investimentos, como se fossem apenas somar aos que já existiam, e não observa os reflexos que estes novos investimentos procovaram nos preços dos aluguéis e do solo urbano, e o resultado foi o fechamento de muitas lojas no centro da cidade. No levantamento de campo, encontramos 478 estabelecimentos fechados no total[146], sendo que no centro principal encontram-se 354 (74,05%), no Pirajá, 91 (14,85%), na área do Cariri Garden Shopping, 22 (4,60%) e no Eixo Juazeiro-Crato, 11 (2,30%). A valorização da terra urbana não se dá apenas

[144] Agnaldo Carlos de Nascimento. Entrevista realizada em 8 jan. 2013.
[145] Entrevista com Michel Araújo, realizada em 5 de fevereiro de 2013.
[146] A sobra que resulta entre a soma de estabelecimentos funcionando e os fechados refere-se às residências, que estão presentes em todas as áreas.

em um local onde se implanta o equipamento, mas na cidade inteira, alterando o preço da terra urbana e encarecendo a própria cidade.

As adaptações do pequeno comércio varejista para não sofrer os impactos fortes da chegada das grandes redes comerciais nem sempre ocorrem. De fato, alguns proprietários buscam alterar as fachadas das lojas, implantar novas formas de pagamento como o uso do cartão de crédito, por exemplo. O comércio de bairro, nas proximidades da própria casa, ainda tem um papel importante visto que muitas necessidades são satisfeitas no cotidiano, principalmente no caso dos consumidores de áreas residenciais mais distantes do centro e que dependem exclusivamente do transporte coletivo[147]. Além do mais, alguns estabelecimentos comerciais se abastecem de compras feitas nas grandes redes, pois conseguem um preço mais barato. O que deve ser pontuado é que os impactos existem de fato, e Juazeiro do Norte, com uma quantia alta de estabelecimentos fechados é uma prova concreta disso, mas este impacto não anula o papel do pequeno comércio. Sobre isso, Salgueiro (1996) afirmou que

> O pequeno comércio sofre a concorrência das grandes superfícies em termos de preço, extensão do sortido, que propicia as compras agrupadas, e serviços (pagamento automático, horário alargado, serviços pós-venda e estacionamento). As grandes superfícies nunca poderão anular completamente o pequeno comércio, pois há muita coisa que será sempre preciso adquirir ao pé da porta e até em horas menos normais [...] (SALGUEIRO, 1996, p. 124).

Algumas empresas do setor supermercadista que atuam na cidade, mas são de capital de origem local-regional, como o Super Lagoa, que tem uma unidade no centro principal de Juazeiro do Norte, buscam novas formas de resistir à concorrência por meio de práticas que visam aumentar os lucros e ganhar competitividade, devido aos impactos provocados pela chegada das grandes redes varejistas[148]. Uma destas estratégias tem sido a articulação das pequenas empresas em uma rede, por meio de uma marca. A Super Rede, empresa criada em 2001 com a junção de seis empresas do ramo varejista/supermercadista do Ceará, Super do Povo, Super Polar, Super Compre Certo, Pinheiro Supermercado, Super Lagoa, Super Frangolândia, é o principal exemplo, e que até o momento trouxe os resultados esperados pelos empresários do ramo. A empresa consta com 38 lojas e atuam em 12 municípios do interior do estado do Ceará e, desde 2009, é a maior central de negócios do Brasil segundo a

[147] Esse tópico será trabalhando no próximo capítulo.
[148] Seria necessária uma pesquisa sobre a geografia do comércio de Juazeiro do Norte para poder entender as estratégias dos pequenos varejistas – mercantil, mercearias, "bodegas" – frente às grandes redes, tema esse que escapa à nossa proposta.

Associação Brasileira de Supermercados (ABRAS) com faturamentos acima do R$ 1 bilhão (SERPA, 2011; O POVO, 2012; DIÁRIO DO NORDESTE, 2013).

O centro principal, as áreas do Pirajá, Cariri Garden Shopping e o eixo Juazeiro-Crato são diferentes no que se refere ao tamanho dos estabelecimentos, origem do capital dos agentes econômicos, ramo de comércio e serviços, morfologia, localização.

No centro principal, por exemplo, é perceptível a subdivisão dos lotes e quantidades maiores e tamanhos menores. Tourinho (2004, p. 346) afirma que "a fragmentação do solo [...] é uma das características fundamentais do Centro". No caso dos capitais, essa área tem a maioria dos estabelecimentos de capital de origem local e local-regional. Existem também estabelecimentos com capitais de origem extra-local, como as próprias lojas de eletrodomésticos que vimos, e algumas franquias vinculadas a outros ramos, como o de perfumaria, e outras varejistas, como a Lojas Americanas. Morfologicamente é a área, entre todas, que tem a maior distribuição geográfica de lojas em diversas ruas.

O Pirajá, entre todas as áreas, é talvez a mais popular. Os estabelecimentos localizados ali são praticamente todos de capital local ou local-regional, exceto os bancos e pouquíssimas lojas. Os lotes são também todos pequenos, o que favorece a concentração de muitos estabelecimentos em poucos locais. Do ponto de vista morfológico, a concentração destas atividades distribui-se, essencialmente, em duas avenidas, a Castelo Branco e a Ailton Gomes.

A área do Cariri Garden Shopping, por sua vez, juntamente com o Eixo Juazeiro-Crato, são os espaços em que o capital nacional e internacional mais investe, como denotam as diversas lojas encontradas no interior do referido shopping, além das encontradas ao longo da Avenida Padre Cícero. O destaque é, além dos hipermercados já referidos, a presença das concessionárias de automóveis de capital estrangeiro, como a Toyota, a Nissan, Hyundai, Chevrolet, Volkswagen, Peugeot, Honda, SsangYong. No caso dos estabelecimentos varejistas e atacadistas, não é demais lembrar que os que se instalaram nesta área são aqueles que estão no topo do faturamento do mercado varejista brasileiro (tabela 12), sendo todos eles com capitais de origem internacional. As especificações das lojas deste ramo em Juazeiro do Norte são apresentadas na tabela 13 e todas as informações e variáveis (lojas de eletrodomésticos, bancos, PABs e PAEs além dos super e hipermercados) estão representadas no mapa 9. O próprio faturamento deste tipo de comércio na cidade de Juazeiro do Norte é altíssimo. O caso do Atacadão é exemplar, pois o seu faturamento chega a R$ 18 milhões por mês (SERPA, 2013) o que demonstra a força do mercado varejista nesta cidade.

Tabela 12 - Brasil. Maiores redes supermercadistas. 2011.

Posição	Grupo	Origem do Capital	Faturamento (em R$ Bilhões)**	Fatia de mercado (em %)**
1	Pão de Açúcar	França-Brasil*	28,93	12,8
2	Carrefour	França	28,76	12,7
3	Wal-Mart	Estados Unidos	23,46	10,4
4	Cencosud	Chile	8,89	3,9
Total	-	-	90,04	39,8

* Controle Acionário do Grupo francês Casino; ** Números aproximados
Fonte: Sousa (2013).

Tabela 13 - Juazeiro do Norte. Especificações dos estabelecimentos do setor supermercadista. 2013

	Área total (mil m²)	Área construída (m²)	Área da loja (m²)	Check -outs	Mix	Vagas Estacio-namento	Investimento (em R$ milhões)	Ano de Inaugur ação
Atacadão	30	16.635	6.300	-	10.000	532	30	2009
Hiper Bompreço	22,4	7.500	3.600	-	45.000	-	35	2011
Maxxi	20	-	4.900	16	6.000	228	30	2012
Assaí	27	13.703	5.700	26	6.000	349	35	2013
Total	99,4	34.838	20.500	44	67.000	1.109	130	

Fonte: Santos (2009a, 2009b, 2010a, 2011a, 2012, 2013a, 2013b); Eugênio (2013); Diário do Nordeste (2012); O Estado Ceará (2009, 2010)
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

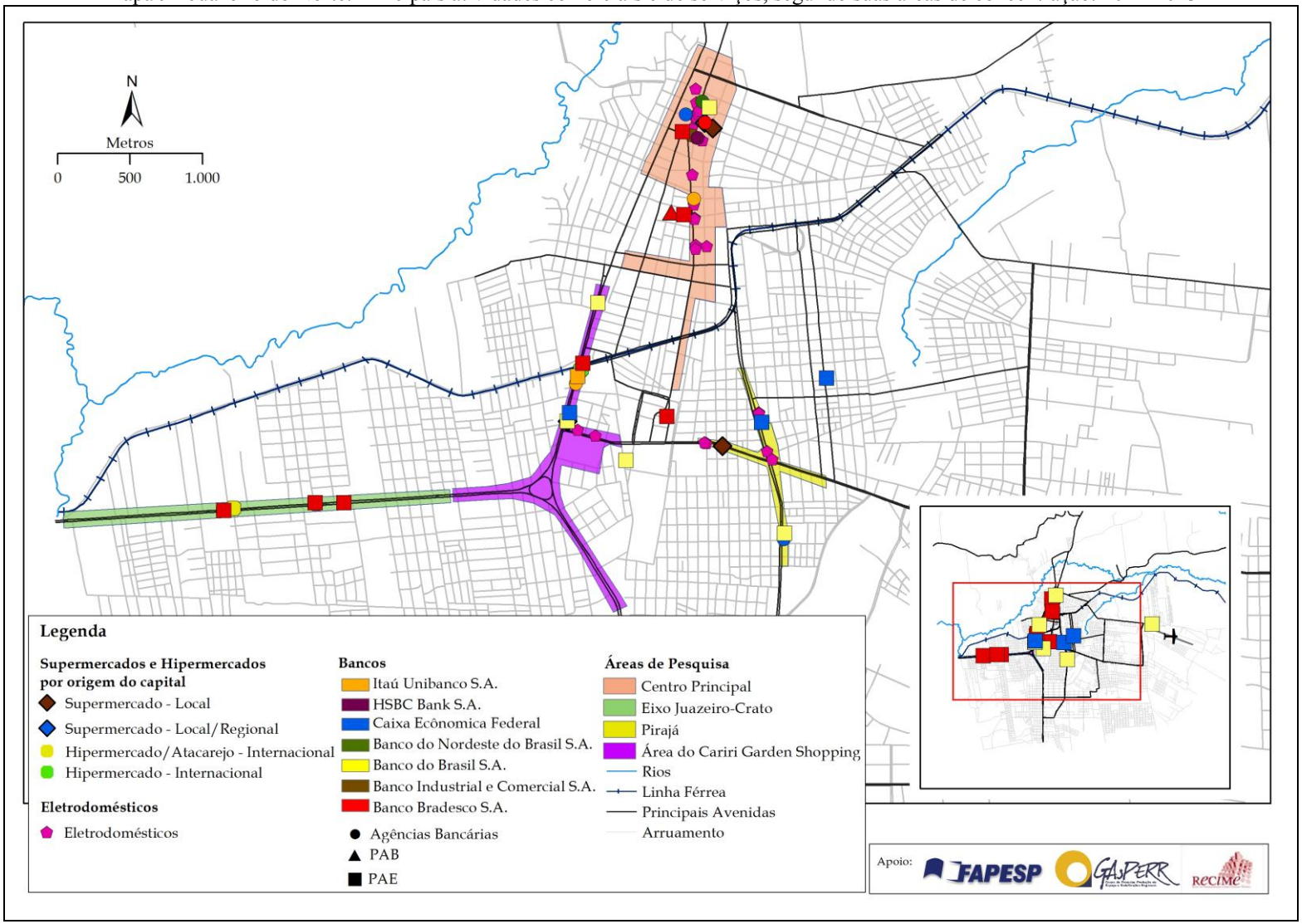
A somatória dos investimentos do capital privado na cidade (tabela 14) revela que a cidade é um espaço privilegiado para investimentos no âmbito do comércio e dos serviços no Ceará. Além das concessionárias de automóveis de marcas internacionais que chegaram, nos últimos seis anos – sobre os quais não temos dados mais precisos –, os *shopping centers* e os super e hipermercados fizeram pesados investimentos nas estratégias de expansão das marcas, no processo de instalação de suas unidades em cidades de portes demográficos inferiores a 500.000 habitantes, como vimos, e com influência regional significativa, além de possuírem um mercado consumidor que, em tese, garantiria os lucros futuros do investimento.

Tabela 14 - Juazeiro do Norte. Investimentos das grandes superfícies comerciais. 2009-2013.

	Investimento (em R$ milhões)
Atacadão	30
Hiper Bompreço	35
Maxxi	30
Assaí	35
Cariri Garden Shopping	70
Shopping Juazeiro*	60**
Total	260

* Equipamento em construção, **Custo aproximado.
Fonte: SANTOS (2009a, 2009b, 2010a, 2011a, 2012, 2013a, 2013b)
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Mapa 9 - Juazeiro do Norte. Principais atividades comerciais e de serviços, segundo suas áreas de concentração. 2012-2013



Fonte: BACEN – Banco Central do Brasil; Pesquisa de Campo (2012-2013).
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).

No que se refere a circulação viária, todas essas áreas tem fácil acessibilidade, posicionadas nos principais entroncamentos da cidade. A Rua São Pedro, a principal via comercial desta área, serve como "porta de entrada" para o centro principal, enquanto que as ruas Padre Cícero e São Paulo se constituem como vias de saída; o Pirajá localiza-se no cruzamento de duas importantes avenidas, já descritas anteriormente; o Cariri Garden Shopping e suas proximidades com a Av. Padre Cícero e a Av. Castelo Branco e na rotatória do triângulo – que direciona a ida para o Crato ou Barbalha –, enquanto que o Eixo Juazeiro-Crato é a própria avenida Padre Cícero em direção à cidade do Crato. Nessas situações, elas são pontos de grande circulação de transporte coletivo e individual (quadros 11, 12 e 13).

Quadro 11 - Juazeiro do Norte. Linhas e itinerários de transporte urbano da empresa ViaMetro[149]. 2013

Cidade	Linhas	Bairros
Juazeiro do Norte – Crato	1 - São Benedito	Centro, São Miguel, Franciscanos, Pirajá, Santa Tereza, Romeirão, Triângulo, Antônio Vieria, São José.
Juazeiro do Norte – Crato	2 - São Pedro	Centro, Salesianos, Triângulo, Antônio Vieira, São José (ida); São José, Triângulo, Romeirão, Santa Tereza, Salesianos, Socorro, Centro (volta).
Juazeiro do Norte – Barbalha	3 – Barbalha	Centro, Salesianos, Antônio Vieira, Triângulo, Lagoa Seca (ida); Lagoa Seca, João Cabral, Triângulo, Romeirão, Santa Tereza, Salesianos, Socorro, Centro (volta).
Juazeiro do Norte - Missão Velha	4 - Missão Velha	Centro, Salesianos, Antônio Vieira, Triângulo, Lagoa Seca (ida); Lagoa Seca, João Cabral, Triângulo, Romeirão, Santa Tereza, Salesianos, Socorro, Centro (volta).

Fonte: Pesquisa de campo (2012-2013).
Observação: Os bairros Centro, Pirajá, Triângulo e São José são tomados aqui devido aos estabelecimentos estarem localizados neles, para facilitar a análise. Correspondem a centro principal, Pirajá, Cariri Garden Shopping e Eixo Juazeiro-Crato.

No âmbito da circulação e dos transportes, fica claro pelos quadros 11, 12 e 13 o papel do centro principal como um nó importante da rede de transportes coletivos da cidade de Juazeiro do Norte, visto que todas as linhas de ônibus passam por ele. Em seguida, como um nó secundário do sistema viário aparece a área do Cariri Garden Shopping com 11 linhas, o

[149] A inclusão da empresa ViaMetro, que faz linhas de transporte interurbano deu-se pelo fato de que antes de sair da cidade de Juazeiro do Norte em direção às demais cidades dos outros itinerários, ela ainda percorre ruas e avenidas que não tem cobertura do transporte intraurbano das empresas Lobo e São Francisco.

Pirajá com 8 rotas e o Eixo Juazeiro-Crato com apenas três linhas dentre um total de 16 linhas de ônibus que compõem os itinerários urbanos em Juazeiro do Norte.

Quadro 12 - Juazeiro do Norte. Linhas e itinerários de transporte urbano da empresa Lobo Ltda. 2013

Linhas	Bairros
1 – Novo Juazeiro	Brejo Seco, Betolândia, Novo Juazeiro, Limoeiro, Pirajá, Santa Tereza, Romeirão, Triângulo, Romeirão, Santa Tereza, Salesianos, Centro, São Miguel, Centro.
2 – Tiradentes	São Miguel, Centro, Salesianos, Santa Tereza, Romeirão, Triângulo, Romeirão, Pirajá, José Geraldo da Cruz, Tiradentes, Campo Alegre, Tiradentes, Novo Juazeiro.
4 – São José	São José, Triângulo, Romeirão, Pirajá, Limoeiro, São Miguel, Centro, São Miguel, Franciscanos, Pirajá, Santa Tereza, Romeirão, Triângulo, Antônio Vieira, São José.
7 – João Cabral	São Miguel, Centro, Salesianos, Santa Tereza, João Cabral, Pirajá, Franciscanos, Salesianos, Centro, São Miguel.
8 – Faculdades (a)	São Miguel, Centro, Salesianos, Santa Tereza, Romeirão, Triângulo, Romeirão, Pirajá, João Cabral, Lagoa Seca, Planalto, Cidade Universitária, Planalto, José Geraldo da Cruz, Pirajá, Santa Tereza, Romeirão, Triângulo, Romeirão, Santa Tereza, Salesianos, Centro, São Miguel.
9 – Faculdades (b)	São Miguel, Franciscanos, Pirajá, José Geraldo da Cruz, Tiradentes, Planalto, Cidade Universitária, Planalto, Lagoa Seca, Planalto, Tiradentes, Limoeiro, Pio XII, São Miguel, Centro, São Miguel.
10 – Santo Inácio	São Miguel, Franciscanos, Pirajá, Santa Tereza, Salesianos, Centro, Salesianos, Antônio Vieira, Triângulo, Lagoa Seca, Planalto, Cidade Universitária, Planalto, José Geraldo da Cruz, Lagoa Seca, Triângulo, Salesianos, Centro, São Miguel.
11 – Faculdades (b)	São Miguel, Centro, Timbaúba, Limoeiro Tiradentes, Betolândia, Novo Juazeiro, Tiradentes, Planalto, Cidade Universitária, Lagoa Seca, Planalto, Tiradentes, Betolândia, Novo Juazeiro, Leandro Bezerra, Timbaúba, São Miguel, Centro, São Miguel.

Fonte: Empresa Lobo Ltda; Pesquisa de Campo, 2012.
Observação: Os bairros Centro, Pirajá, Triângulo e São José são tomados aqui devido aos estabelecimentos estarem localizados neles, para facilitar a análise. Correspondem a centro principal, Pirajá, Cariri Garden Shopping e Eixo Juazeiro-Crato. Alguns bairros aparecem mais de uma vez na mesma linha porque está o itinerário de ida e volta.

Quadro 13 - Juazeiro do Norte. Linhas e itinerários de transporte urbano da empresa São Francisco Ltda. 2013

Linhas	Bairros
5	Frei Damião, Mutirão, Triângulo, Centro, Timbaúba, Leandro Bezerra;
6	Antônio Vieira, Santo Antônio, Salesiano, Centro, Vila Fátima, Aeroporto, Vila São Francisco, Pedrinhas.
12	Leandro Bezerra, Timbaúba, Centro.
13	Leandro Bezerra, Centro, Triângulo, Jardim Gonzaga, Distrito Industrial.

Fonte: Empresa São Francisco Ltda. (2013).
Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira (2013).

Em um dos extremos temos o centro principal com todas as linhas de transporte coletivo operando, enquanto, no outro extremo, temos o Eixo Juazeiro-Crato com apenas três linhas. Note-se que é, neste último, que estão localizados os principais grupos de capital internacional do ramo supermercadista, estratégia locacional que segue aquela já apontada por diversos autores, em que o transporte individual, notadamente o automóvel, é o meio de locomoção privilegiado para possibilitar o deslocamento até estes locais.

O poder público local também teve influência na configuração espacial destas novas áreas de centralidade. O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juazeiro do Norte (CEARÁ, 2000) previa, na sua elaboração, mudanças no que concerne ao uso do solo urbano, e os espaços e comércio e serviços, sejam eles em forma de área ou eixo, acabaram sendo abordados e influenciados pela proposta.

Tendo em vista que o documento é do ano 2000, e naquele momento apenas o Pirajá e a área do Cariri Garden Shopping se apresentavam como espaços de concentração de comércio e serviços além do centro principal, sendo que a área em que estava *shopping* "tend[ia] a tornar-se o novo centro de negócios de Juazeiro do Norte, polarizando com a Zona Central a atratividade por serviços e investimentos de maior porte que demandem uma maior parcela de solo" (CEARÁ, 2000, p. 47), o PDDU apresenta, na Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo uma proposta de uso do solo urbano baseada em zoneamentos[150] com vista a construir, entre outras coisas, uma estrutura urbana policêntrica (ver figura 12) com algumas mudanças referentes à situação urbana que se apresentava na época, entre as quais particularmente duas chamam a atenção, pois tratam do centro, da centralidade e da espacialização do comércio e serviços na cidade, ainda que de forma indireta.

A primeira denota uma mudança na concepção do centro principal. O documento preconizava que "para a vitalidade do centro urbano [é fundamental] a permanência de moradias na Zona Central[151]" (CEARÁ, 2000a, p. 58). A proposta era tornar esta área uma "zona de uso misto", que facilitasse a fixação de moradias ou não impulsionasse a saída delas, tornando-a uma área de alta densidade populacional[152], em que "o uso residencial também

[150] O PDDU estabelece sete zonas: 1) a Zona Residencial, ZR, subdividida em ZR1, ZR2, ZR3, ZR4; Zona Comercial e de Serviços Especiais, ZCSE; III - Zona de Uso Misto, ZUM; IV - Centro de Unidade de Vizinhança, CEUV; V - Zona de Renovação Urbana, ZRU;VI - Zona Industrial, ZI; e VII - Zona Especial, ZE.
[151] No PDDU a Zona Central é definida pelos bairros: Centro, São Miguel, Franciscanos, Salesianos e Socorro, sendo todos bairros limítrofes ao bairro Centro.
[152] As Zonas Residenciais foram dividas numa escala entre baixíssima densidade e alta densidade de ocupação. Ficaram dessa forma: ZR1 – Zona Residencial de Baixíssima Densidade (40 hab/ha); II – ZR2 – Zona

deverá estar contido e diluído nessa área, principalmente em modelos de dúplex com comércio funcionando no térreo e habitação no pavimento superior" (CEARÁ, 2000b, p. 26). A mesma proposta também se aplicaria ao Pirajá, visto que nessa época esta área já estava consolidada enquanto novo espaço de concentração de atividades econômicas e tal como o centro principal atraía mais e mais estabelecimentos, e que tendia a se esvaziar ao longo do tempo, como ocorreu no centro principal. Em suma, pretendia-se "incentivar a permanência e incrementar a moradia na zona central" (CEARÁ, 2000b, p. 19).

Uma segunda mudança seria a transformação da Avenida Padre Cícero e da Avenida Leão Sampaio – esta última que liga Juazeiro do Norte à Barbalha –, em uma área comercial, como indutor na formação de um corredor de comércio e serviços. De fato, essa segunda proposta acabou se realizando, mas muito mais por causa da própria expansão da cidade do que pela ação do poder público. Este, no lugar de intervir no sentido de produzir ali um eixo comercial, apenas legislou no sentido de legalizar a área, que já vinha sendo foco de alguns estabelecimentos comerciais e de serviços. Ou seja, a legislação por si só não induziu a produção de uma área comercial, sendo fundamental outros condicionantes, como investimentos prévios, localização atraente, oferta de terras, ou seja, o que ocorreu no Eixo Juazeiro-Crato foi a "constatação do óbvio", como afirmou Vargas (1989) ao analisar o papel do Estado na localização comercial.

O mapa da proposta de uso do solo urbano elaborado pelo PDDU foi posto em prática apenas em parte, pelo menos no sentido aqui referido, isto é, à transformação de algumas áreas pelo zoneamento urbano. Apenas a área o Eixo Juazeiro-Crato se tornou uma área de centralidade, concentrando comércio e serviços, somando-se à área do Cariri Garden Shopping. Com o centro principal e o Pirajá aconteceu o contrário do que se apregoava no PDDU, pois a população destes dois bairros – levando-se em conta aqui somente o limite administrativo, mas sabendo que nesta pesquisa a área chamada de "centro principal" vai além do Bairro Centro –, diminuiu entre os anos 2000 e 2010, como apontam os dados do censo de 2000 e 2010 (IBGE, 2000; 2010). O centro possuía no Censo de 2000 uma população de 6.900 habitantes, e em 2010 apresentou 5.706, com uma diminuição de 1.194 pessoas. Já o Pirajá tinha no Censo de 2000, 15.399 habitantes, e em 2010 apresentou um total de 14.800, uma perda de 600 habitantes.

Residencial de Baixa Densidade (100 hab/ha); III - ZR3 – Zona Residencial de Média Densidade (250 hab/ha); e IV - ZR4 – Zona Residencial de Alta Densidade (500 hab/ha).

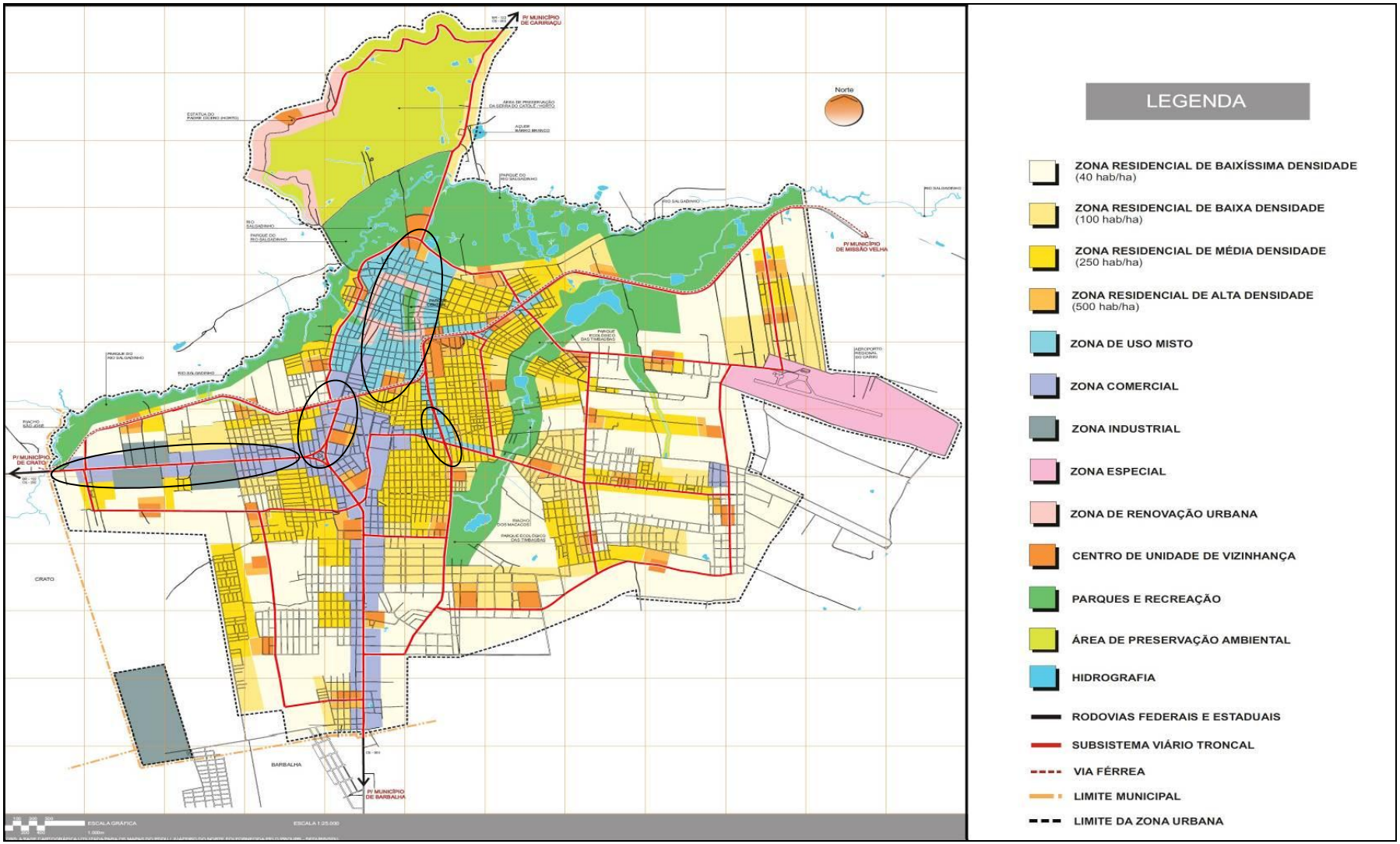


Figura 12 - Mapa da Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo proposto pelo PDDU. 2000.
Fonte: PDDU de Juazeiro do Norte (CEARÁ, 2000).
Adaptado por Cláudio Smalley Soares Pereira (2013)

6.5 As novas áreas de centralidade e o centro principal de Juazeiro do Norte: uma diferenciação necessária

Após analisar as novas áreas de centralidade em Juazeiro do Norte, uma pergunta se impõe: como estas novas áreas podem ser classificadas e conceituadas no âmbito da produção teórica já existente? Tomando como referencia os estudos já realizados em diversas cidades brasileiras que buscaram contribuir teoricamente para o tema em tela, poderíamos classificar as áreas aqui analisadas em subcentro, eixo de desdobramento e *shopping center*, conforme proposta de Sposito (1991, p. 10-12). Para ela

> [Os] subcentros podem ser caracterizados como áreas onde se alocam as mesmas atividades do centro principal com diversidade comercial e de serviços, mas em menor escala, e com menor incidência de atividades especializadas [...]; os subcentros estão em áreas de densidade habitacional alta, constituindo-se centros "regionais" no interior da estrutura urbana [...]; O *desdobramento* diferencia-se da *expansão* da área central, ou da emergência dos *subcentros* [...] não são áreas contínuas ao centro principal ou aos subcentros [...] não podendo ser caracterizadas como de expansão geográfica das mesmas [...] caracterizam-se pala localização de atividades tipicamente centrais, mas de forma especializada [...] o nível de especialização destes eixos de desdobramento da centralidade é funcional e/ou socioeconômico [...] [e] ao contrário dos eixos de desdobramento da área central, cada vez mais caracterizados por um nível maior ou menor de especialidade funcional, os shopping podem ser identificados por uma multiplicidade funcional (talvez, não tão ampla quanto a do centro tradicional) mas por uma especialização socioeconômica, na medida em que se voltam para clientelas de maior poder aquisitivo, oferecendo facilidades de acesso para o transporte individual, abrigo, segurança, beleza arquitetônica, etiquetas, enfim, de "distinção social" (SPOSITO, 1991, p. 10-12 – grifos nosso).

Neste sentido, as áreas de centralidade em Juazeiro do Norte seriam classificadas da seguinte maneira:

a) O centro principal: é o verdadeiro Centro, o espaço dotado de todas as qualidades do central, todos os atributos que definem o que é o centro da cidade; é resultado do acúmulo de tempos históricos, de lutas políticas, é espontâneo, visto que não foi planejado, é possuidor de uma carga simbólica que está presente no imaginário da coletividade – lembremos que é onde a cidade surgiu e onde estão presentes espaços da memória coletiva, como a Praça Padre Cícero, a casa do Padre Cícero. Do ponto de vista econômico, é a área que concentra a maior quantidade e diversidade de oferta de comércio e serviços e para onde convergem todos os meios de transporte coletivo que circulam pelos bairros. O processo aqui foi a expansão – não necessariamente contínua – do centro para além do núcleo primaz, que resultou no centro principal. O centro principal é, portanto, a somatória entre o núcleo primaz e a sua área de expansão[153].

[153] Aqui tratando de uma cidade média. O centro expandido em um contexto metropolitano pode ter uma variação do ponto de vista territorial. Além do mais, Tourinho (2004) argumenta que o centro principal é o centro expandido no caso de São Paulo, enquanto que na cidade de Juazeiro do Norte, é possível entender o

b) A área do Pirajá: Concentra uma quantidade significativa de estabelecimentos comerciais e de serviços, embora em uma quantidade muito menor que o centro principal. É uma área que tem uma expressão de centralidade significativa no contexto da estrutura urbana influenciando muitos bairros, visto que tem uma presença forte de comércio popular e funciona inclusive aos domingos – ainda que seja somente no período da manhã -, sobretudo devido à presença do Mercado Público do Pirajá. Atende, desse modo, a muitos bairros, fundamentalmente os mais próximos a ele, mas influencia os mais distantes, e em alguma situações em escala além da cidade, devido o papel exercido pelo já citado mercado[154]. Sua influencia é qualitativamente e quantitativamente menor que a do centro principal. Isso lhe confere a característica de subcentro, inclusive porque está situado geograficamente em uma área descontínua em relação ao centro principal do ponto e vista da mancha comercial e de serviços, sendo também um espaço que se configura, em certa medida, como um nó de circulação de transportes devido a sua localização, entre dois eixos viários importantes da cidade. Sua expressão será reforçada com uma com uma possível instalação de uma unidade do Pão de Açúcar na Avenida Ailton Gomes[155]

c) A área do Cariri Garden Shopping: é uma área de centralidade expressiva dentro do conjunto urbano, embora não seja um centro. Concentra muitos estabelecimentos que servem a um consumidor de maior poder aquisitivo, que usa, sobretudo, o automóvel como meio de transporte. Tanto no shopping como na área ao seu redor, os estabelecimentos que preponderam são vinculados a uma clientela de maior poder de compra. A presença de instituições prestadoras de serviços – universidades e centros de ensino profissionalizante – reforça a centralidade desta área, que vai além do período diurno. Talvez seja este o principal espaço de consumo das pessoas das classes mais abastadas. Além disso, está situado geograficamente numa área estratégica da estrutura urbana, devido aos eixos viários que cruzam esta área – as avenidas Castelo Branco e Padre Cícero – conferem a esta a este empreendimento uma centralidade importante, pois estas são as principais vias de entrada e saída da cidade. O *shopping center*, por si só, é uma nova concentração de estabelecimentos em um único espaço pelo qual se expressa a centralidade, reforçada pelos que se concentram ao seu redor.

d) O eixo que liga Juazeiro do Norte a Crato: como as duas áreas anteriores, também não é um centro, mas é um importante eixo comercial, que se interliga em

---

centro expandido, ou a área que o centro se expandiu, como sendo parte do centro principal. Para a mesma autora, o Centro é a junção entre o "centro velho e o centro novo", produzido pelo desdobramento do primeiro. A ideia de desdobramento aqui que adotamos é diferente, é a de Sposito (1991).

[154] Ver matéria publicada no *site* G1, disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2011/08/mercado-do-piraja-atrai-compradores-de-varias-partes-do-cariri-no-ce.html>. Acessado em: 14 out. 2010.

[155] Conforme noticiado no Diário do Nordeste, "deverá ser instalada também na cidade [de Juazeiro do Norte] e se encontra em fase de negociação, é do grupo Pão de Açúcar. A ideia é instalar uma loja na Avenida Ailton Gomes, que se tornou uma referência comercial no bairro Pirajá, na cidade. Na fase inicial, o primeiro local sondado foi a Avenida Padre Cícero, onde já se encontram instaladas unidades de grandes redes de atacado, multinacionais, como o Atacadão, do grupo Carrefour, Assai, do Pão de Açúcar, e o Maxxi, do Walmart". Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/cariri/economia/comercio-se-expande-em-juazeiro-com-a-casas-bahia-e-mais-duas-novas-franquias-nacionais-inauguradas/>. Acesso em. 06 nov. 2013.

> contiguidade territorial com a área do Cariri Garden Shopping, mas não é contíguo com o centro principal. Assemelha-se ao eixo de desdobramento, mas com nuances diferentes devido à presença dos grandes grupos varejista internacionais e ainda de alguns vazios urbanos. A presença de importantes estabelecimentos de comércio e serviços, principalmente as grandes superfícies comerciais ligadas ao setor supermercadista do capital internacional, além da presença maciça de concessionárias de automóveis, tanto das principais marcas (Hyundai, Honda, Ssangyong, Mitsubishi, Ford, Volkswagen) como as revendas de novos e usados e de oficinas deste ramo, contabilizando 20 estabelecimentos deste. É, juntamente com a área do Cariri Garden Shopping, o espaço que os principais agentes econômicos que operam em escala internacional atuam, sendo um fator de expansão e valorização urbana. Embora em quantidade muito inferior no que se refere à concentração de estabelecimentos do centro principal e do Pirajá, qualitativamente esta área é diferente, visto que em um eixo de cerca de 2,80 km, os empreendimentos são de grande porte ocupando grandes faixas de terra. O eixo é também um importante espaço de fluxo, principalmente automotivos (carros, ônibus, motos, topique), devido a ser uma avenida que liga Juazeiro do Norte à Crato, tornando-se estrada de instância estadual (CE-292).

Afirmar que as novas áreas de centralidade que surgiram na cidade de Juazeiro do Norte não são centros – com exceção do Pirajá que é um subcentro, ou seja, um "centro" em escala menor –, conforme classificação acima, não quer dizer que a centralidade no espaço urbano não foi redefinida. Redefinir a centralidade não é necessariamente criar "novos centros" ou novas "áreas centrais"[156]; redefinir a centralidade é produzir novas áreas com expressões de centralidade, espaços que concentram equipamentos com qualidades e atributos semelhantes ao Centro e capazes de articular, em algum grau, a estrutura urbana, as diversas partes da cidade e engendrar fluxos de pessoas, ideias, mercadorias, de uso e apropriação do espaço, representações etc.

Não obstante possa parecer uma contradição em termos, visto que ao falarmos em centro principal – como estamos nos referindo à principal área de centralidade desde o começo do capítulo – coloca-se "imediatamente, a necessidade de definição de „outros" centros que, colocados em relação com ele, lhe dão o caráter de „principal"" (TOURINHO, 2004, p. 336 – grifo nosso), as outras áreas chamadas de "centros" assim o são, na melhor das

[156] A "área central" é para Corrêa (1989) a junção do núcleo central (o centro) com a zona periférica do centro, sendo então o centro uma parte menor do ponto de vista da expressão territorial do que a área central. Para Tourinho (2004, p. 331 – grifo da autora) "a *área central* é formada pelo Centro e pelos seus bairros limítrofes". Embora na literatura possa ser encontrada a expressão "novas áreas centrais", para se referir às novas áreas de centralidade urbana, discordamos do uso de tal expressão, pois ela remete à existência de mais de um núcleo central e mais de uma zona periférica do centro. Se a área central é de fato a junção entre o Centro e a sua zona periférica, como argumentaram Corrêa (1989) e Tourinho (2004), então a área central é, portanto, irreproduzível em outra parcela do espaço urbano. Soaria um tanto absurdo, por exemplo, afirmar que São Paulo possui 44 "áreas centrais" só porque existe 44 *shopping centers*, conforme contabilizou Rolnik (2013).

hipóteses, para fazer referência à expressão de certo grau de centralidade, sobretudo funcional, pois estas novas áreas são diferentes em vários aspectos do centro principal[157], que é de fato o Centro. Somente o subcentro, pelas suas semelhanças com o centro principal, é que poderia ser entendido como tal, visto que fazem parte de um mesmo sistema (TOURINHO, 2004), aspecto que será discutido adiante.

Na verdade, o que está em xeque, também, é a própria conceituação de Centro, e se este é o centro principal, significa dizer que a sua centralidade e todos os seus atributos – econômicos, sociais, culturais, simbólicos, históricos, sociológicos, arquitetônicos – são únicos, não podendo ser reproduzidos em alguma outra parte da cidade senão apenas parcialmente[158]. É no centro principal que a centralidade se expressa de forma mais aguda, pela junção numa determinada área de atributos de diversas dimensões.

> [...] a ideia de centralidade que originalmente estava vinculada somente ao Centro da cidade, passa a identificar a aptidão de certos elementos urbanos tem para promover e impulsionar fluxos de intercâmbio de ideias, mercadorias e serviços. A centralidade se identifica, desta forma e de maneira conceitual, portanto, com uma parte específica e diferenciada da cidade que pode viabilizar e potencializar ditos fluxos de intercâmbio, seja este o Centro ou qualquer outro espaço com aquelas características que possa existir ou vir a existir na cidade. Neste sentido, a centralidade que inicialmente se referia à cidade frente ao campo, para depois qualificar com seus atributos uma parte diferenciada da cidade, tal como o centro – que na sua materialização urbana manteve historicamente as condições próprias de centralidade –, terminou flutuando livremente pela cidade identificando ou criando novos espaços (TOURINHO, 2004, p. 411).

---

[157] Talvez fosse mais apropriado chamar estas novas áreas com expressões de centralidade de "novos polos", "novos núcleos" ou ainda "novos setores comerciais" ou "novas concentrações comerciais" no espaço urbano para diferenciá-las do centro principal (o Centro) e dos subcentros, isso porque se chamarmos de centro toda e qualquer organização concentrada de comércio e serviços, entraríamos numa questão de hierarquia de centros no espaço urbano que iria desde o principal até aquele de menor atração, como o de esquina, conforme classificação proposta por Brian Berry (*apud* SALGUEIRO, 1996). Ou seja, nos parece um tanto exagerado usar a palavra centro para o comércio de bairro ou de esquina, o que no nosso entendimento banalizaria o conceito de centro, visto que ele se encaixaria em tudo, como se tudo fosse centro, como defendem alguns autores (ver TOURINHO, 2004, p. 7, nota 12). Neste sentido, ter muitos centros equivale a não ter nenhum centro (VILLAÇA, 1988, *apud* TOURINHO, 2004, p. 7). Não obstante, em alguns momentos usamos a palavra "centro" para se referir a estas outras áreas porque tal expressão já está posta na literatura há muitas décadas, inclusive nas próprias citações expostas no texto, o que não significa dizer que estas áreas sejam, conceitualmente falando, um centro, ainda que expressem uma centralidade em algum grau, certas vezes elevados (caso dos *shopping centers* e hipermercados). Essa argumentação se aplica no que se refere a uma única cidade, como é o caso da que estamos estudando, mas pode ser diferente no que se refere ao estudo de aglomerações urbanas, regiões metropolitanas ou manchas urbanas macrometropolitanas.

[158] A utilização do adjetivo "principal" e não "velho", "antigo" ou "histórico" se dá porque esses termos, o primeiro, sobretudo, tem sentidos pejorativos: o "velho" indica obsolescência, decadência; o "antigo" não usamos porque se aplicaria mais no sentido de um "cidade antiga", mais plausível no contexto de cidades antigas que existem no interior do atual tecido urbano, e o "histórico" porque "toda cidade é histórica, e todas as suas partes também o são, incluindo o Centro" (TOURINHO, 2004, p. 333, nota 589).

O centro principal de Juazeiro do Norte, ou numa palavra o Centro, possui uma característica interessante que está atrelada à própria geografia histórica da cidade: ele expressa uma hibridização entre uma centralidade simbólica[159], ligada à figura mística do Padre Cícero e ao "milagre da hóstia" – fundamental para se entender a própria cidade, como foi visto na primeira parte desta pesquisa, bem como para os romeiros que anualmente visitam a cidade –, e a centralidade econômica, a principal concentração dos estabelecimentos comerciais, serviços e financeiros. Além disso, há forte conotação política – pouco lembrada ou trabalhada nos estudos acadêmicos, necessitando de uma investigação profunda sobre esse aspecto –, pois foi também ali que foram tomadas decisões fundamentais do ponto de vista político não só da cidade, mas também do Cariri e do Ceará[160] no início do século XX. A centralidade nas suas dimensões econômica, política, cultural-religiosa constituem-se como atributos fundamentais desta área, não reproduzidas ou reproduzíveis da mesma forma em outra área da cidade. Por isso que em Juazeiro do Norte,

> ao se referirem ao centro, os moradores [grande parte deles], na realidade, falam do lugar dos acontecimentos mais importantes que envolveram o „santo-padre", moldando Juazeiro a partir de sensações, inferindo a ela espaços concretos de uma religiosidade que operava, dentre outras coisas, na morfologia que a futura cidade viria ter (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 312).

Nesse sentido, é possível pensar a multi(poli)centralidade noutros termos que não a multiplicação/diferenciação de áreas de centralidade. A multi(poli)centralidade significaria, além de multiplicação do espaço concreto das áreas de concentração de comércio e serviços – que talvez devesse ser entendida como multi(poli)nuclearidade[161] ou outra expressão com

---

[159] Essa centralidade simbólica corresponde nos termos de Tourinho (2004) a uma "centralidade representativa". Assim: "a centralidade do Centro representa a própria centralidade, que simboliza a qualidade dos fenômenos que ocorrem no Centro e nos centros. No Centro, a centralidade é superlativa porque se apresenta como o sinal distintivo de tudo aquilo que no inconsciente coletivo de uma sociedade se aceita como central. Isso acontece porque o inconsciente coletivo de uma sociedade se constrói no tempo histórico da construção material da própria sociedade. É um processo de decantação simbólica, mas também física, com relação a uma área diferenciada e permanente que identifica e hierarquiza a cidade. Por essa razão, essa área nunca pode ser muito extensa, pois a economia de recursos prescinde da extensão e a visualização simbólica é simplificada" (TOURINHO, 2004, p. 397).

[160] O melhor exemplo a respeito disso é o conhecido "Pacto dos Coronéis", que assinado em 4 de outubro de 1911, mediado pelo Padre Cícero e com a participação de coronéis de toda a região sul do Ceará. Para saber mais sobre a importância desse evento, consultar Barreira (1996) e Della Cava (1985 [1970], p. 198-199).

[161] Usamos o termo "multi(poli)nuclearidade" ao invés de multi(poli)centricidade" porque entendemos que o primeiro, com o sufixo "nuclearidade", que vem de "núcleo" expressa melhor a ideia de concentração que acompanhada dos prefixos "multi" e "poli" dão o sentido de "muitos" e de "vários, diversos", respectivamente, conforme destacou Sposito (2010a, 2013a). Utilizamos a expressão no sentido da existência de várias concentrações no espaço urbano (núcleos), concentrações estas que podem ou não estar sob "órbita" de um centro, no caso aqui, o centro da cidade, e que a diferencia também das expressões "monocêntrico", "multicêntrico" e afins. Já no segundo, o sufixo "centricidade", que remete a centro(s), apoia justamente a ideia

enfoque na materialidade do espaço –, as dimensões pela qual a centralidade se manifestaria, isto é, econômica, política, social, cultural, histórica etc. Pensando nestes termos, o único lugar no espaço urbano que exprimiria esta multi(poli)centralidade não seria outro se não o Centro, visto que é neste espaço que a centralidade – em sua multiplicidade e diferença – se constitui enquanto atributo fundamental. Além do mais, se tomarmos por base o pensamento de Lefebvre (2008, p. 133) para quem "[...] o centro urbano traz, para as pessoas da cidade, o movimento, o imprevisto, o possível e os encontros. Ou é um „teatro espontâneo" ou não é nada", e a centralidade é o essencial do fenômeno urbano, ou seja, "a centralidade é constitutiva da vida urbana, que se não há centralidade não há mais vida urbana, que a prática urbana é atacada no seu coração pelo deslocamento da centralidade" (LEFEBVRE, 2008c, p. 69), as novas áreas de centralidade – não todas, mas algumas delas –, mais do que serem espaços de reunião, do encontro, da simultaneidade e da reunião das diferenças que caracteriza o urbano para Lefebvre, nada mais são do que espaços de segregação e de fragmentação, de distinção, de desigualdades e de segmentação[162]. Em outras palavras o "ressurgimento arquitetônico e urbanístico do *centro comercial*[163] dá apenas uma versão apagada e mutilada daquilo que foi o núcleo da antiga cidade, ao mesmo tempo comercial, religioso, intelectual, político, econômico (produtivo)" (LEFEBVRE, 2008a, p. 20). Além do mais, estes novos espaços de concentração de comércio e serviços, "não reproduzem a polaridade do centro principal" (SPOSITO, 2010, p. 213). Em suma, o centro da cidade é, como escreveu Brunet *et al* (1993a, p. 96)[164] "a parte viva, e que se mostra, da cidade. Cumulativamente, é o centro dos centros[165]", é "a parte do espaço urbano „onde tudo se

---

segundo a qual a cidade pode ter vários centros, que não é a que perspectiva que advogamos, a não ser quando estes "centros" se referem ao conjunto composto pelo centro principal e os subcentros. Resguardamos as expressões que remetem à ideia de vários centros para falar somente do centro principal e do subcentro. Neste sentido, a "multi(poli)nuclearidade" aproxima-se mais da expressão da "teoria dos múltiplos núcleos" de Harris e Ullman (2005).

[162] Nesse caminho, podemos argumentar: se as novas centralidades são de fato novas e estes espaços são centros, como poderíamos conseguir o direito à cidade, no sentido de Henri Lefebvre, em um mundo em que a cidade é fragmentada, a centralidade despedaçada, os espaços segregados, as periferias explodidas? O direito à cidade só se realizaria na medida em que o sentido amplo do centro fosse reconstituído, como lugar da multiplicidade, da reunião das diferenças, da simultaneidade, isto é, no espaço-tempo urbanos. Como isto ainda não se realizou, é porque não estamos vivendo ainda no "período urbano", a não ser enquanto virtualidade que se anuncia no futuro. Por isso ele mesmo afirmou que "a vida urbana ainda não começou" (LEFEBVRE, 2008a, p. 108).

[163] "Centro comercial" é a expressão mais utilizada em língua francesa e no português de Portugal, para se referir aos *shopping centers*. Utilizamos esta última expressão pelo fato dela ser a mais usada nas pesquisas brasileiras sobre este tema. Para saber a definição do termo em francês consultar Brunet *et al* (1993b).

[164] Tradução nossa, do original; "c'est la partie vive, et que l'on montre, de la cité. Cumulativement, e centre des centres." (BRUNET *et al*, 1993a, p. 96).

[165] Não temos certeza de que "outros centros" são esses que Brunet *et al* (1993a) se referem, visto que os autores não rementem a outras formas espaciais de forma mais precisa. É possível que sejam qualquer centro, desde o

passa‟” (MONNET, 2010, p. 260)[166], ou nas palavras de Ostrowetsky (1994), é uma “síntese espacial”, com muitos papéis sobrepostos (identificável, representativo e de convergência).

Villaça (2009, 2012) faz uma periodização do ponto de vista do centro entre uma “cidade do início do capitalismo” – produzida pela interferência direta o Estado e da monumentalidade voltada a Deus – e o que ele chama de “uma cidade tipicamente capitalista” – aquela que é produzida sob a égide do mercado. Nesta última, para o autor, o econômico substituiu os monumentos referentes ao Estado e a Deus, e se isso é verdadeiro para as metrópoles, essa concepção não é aplicável na cidade estudada aqui e talvez em muitas cidades médias, visto que a monumentalidade ligada à religião é um aspecto intrínseco do centro principal de muitas destas cidades como é, também, e de forma muito particular, em Juazeiro do Norte. Essa dimensão simbólica da centralidade, se deixada de lado, faz com que o entendimento do centro principal da cidade aqui estudada seja incompleto e insuficiente. Representa bem isso o que escreveu M. F. Rougue (1967, *apud* LABASSE, 1970, p. 13) quando afirmou que “o chamado do centro é baseado não somente no que ele oferece, mas sobre que ele representa”[167]. Embora essa não seja a característica principal do Centro hoje – e que merece uma pesquisa a parte sobre este aspecto –, ela é, indubitavelmente, uma condição *sine qua non* para poder se entender a centralidade do centro principal de Juazeiro do Norte, ainda que esta centralidade simbólica não se manifeste em todo o centro principal, mas apenas em uma parte dele, referente ao núcleo primaz onde a cidade se originou. Refletindo sobre o centro da cidade para além do econômico, Maia (2009) escreve que

> Os centros primazes das cidades, em especial daquelas cidades que ainda apresentam uma forte centralização e, por conseguinte, uma forte centralidade no seu centro primaz – atualmente centro principal – possuem a particularidade de se constituírem em centros de consumo, mas também centro religioso, político e ainda o lugar do encontro e da festa (MAIA, 2009, p. 184).

A nossa argumentação é diferente da apresentada por outros autores que estudaram Juazeiro do Norte. Van den Brule (2013, p. 129), em pesquisa que engloba[168] o centro e a

---

comercial (o *shopping center* para os brasileiros) ou o decisório, até mesmo o de bairro, mas entendemos que essa relação do Centro com “outros centros” – que nos leva a constatar a existência de uma hierarquia – se dá quando este último se refere a um ou vários subcentros, que tem processos de surgimento e consolidação parecidos com o Centro e diferentes das áreas polarizadas por *shopping centers* e hipermercados.

[166] Tradução nossa, do original: “cette partie de l‟espace urbain „où tout se passe‟” (MONNET, 2010, p. 260).

[167] Tradução nossa, do original: “l‟appel du centre est basé non seulement sur ce qu'il offre, mais sur ce qu'il représente” (M. F. ROUGUE, 1967, *apud* LABASSE, 1970, p. 13). Esta ideia é compartilhada pelo próprio Labasse (1970, p. 13), visto que como ele mesmo argumenta, o centro está no domínio do não-quantificável.

[168] Engloba porque esse tema não foi o central da pesquisa. Esse texto compõe uma reflexão mais ampla sobre a questão dos camelôs e barraqueiros no centro principal de Juazeiro do Norte.

centralidade em Juazeiro do Norte, parte da constatação de que "toda centralidade está inserida em um centro [...] e que averiguam-se dois centros na cidade de Juazeiro do Norte", e que os dois centros esboçariam uma centralidade distinta entre si. Destarte, essa diferenciação feita pelo autor entre o "centro tradicional" – que aqui chamamos de principal – que tem como característica a junção das romarias e da economia, e a "nova centralidade" possibilitada pelo Cariri Garden Shopping, com a presença de investimentos privados e públicos, ou o "segundo centro" (VAN DEN BRULE, 2013, p. 130), é de certa forma confusa, ainda que esteja bem descrita. Em sua pesquisa, o centro e a centralidade parecem se confundir em certos momentos, em que a centralidade é tratada algumas vezes como o local, o fixo, o espaço em que se concentram, estabelecendo uma relação unívoca entre centro e centralidade. Embora concordemos que o centro é o fixo e a centralidade se expressa pelos fluxo que articulam a cidade, como tratou Sposito (2001) em que Van den Brule (2013) se apoia, discordamos da relação biunívoca entre os dois conceitos. Embora bem fundamentado teoricamente, inclusive em autores que também sustentam as nossas argumentações, o estudo carece em dois pontos: em primeiro lugar, não há o aprofundamento necessário do ponto de vista empírico, isto é, a constatação da existência dos dois centros dá-se mais no plano da aparência e da experiência fenomênica do que mesmo um levantamento aprofundado a respeito dos "dois centros"; e em segundo lugar, carece de uma distinção – que julgamos ser necessária – do ponto de vista conceitual entre o que é o Centro e os "novos centros" ou "novas centralidades".

Diante deste cenário de transformações espaciais da cidade e de novas lógicas locacionais por parte dos agentes econômicos, dos capitais locais até os capitais internacionais, que atuam na cidade de Juazeiro do Norte nas últimas décadas com o surgimento de novas áreas com expressões de centralidade, é possível inferir, então, que assistimos a um processo de reestruturação do espaço urbano ocorrendo de maneira clara e intensa, ainda que seja relativamente recente.

Sabendo disso, é possível então afirmar que o comércio e os serviços são os motores dessa nova estruturação espacial em Juazeiro do Norte? Sim e não. Se, por um lado, podemos admitir, pelo que foi visto até agora, que o setor terciário é o principal responsável pelas mudanças assistidas nos últimos vinte anos na cidade de Juazeiro do Norte, no que se refere à estruturação da cidade, por outro lado é preciso ter cautela, uma vez que parece, a partir do caso de Juazeiro do Norte, não existir uma relação direta entre a redefinição da centralidade e

a reestruturação do espaço urbano. Esse último aspecto é de fundamental importância para a pesquisa em tela, e desenvolveremos nas próximas linhas os argumentos que nos fazem aceitar a existência de um vínculo que não é necessariamente direto entre os dois processos – a redefinição da centralidade e a reestruturação do espaço urbano.

Vimos no capítulo anterior que a reestruturação do espaço urbano está associada a transformações que mudam drasticamente as formas da vida social, mudanças estas que reorientam os processos de estruturação urbana e das cidades (SPOSITO, 2004). Tendo isso em mente, é possível então, afirmar que, embora Juazeiro do Norte esteja ligada a processos econômicos, políticos e sociais que operam em diversas escalas geográficas, da internacional à local, o processo de reestruturação do espaço urbano nesta cidade no que concerne à centralidade no espaço urbano – que nos anos 1970 e 1980 já ocorria em outras cidades brasileiras –, só ocorre no final dos anos 1990, com a instalação do Cariri Garden Shopping. Por que? Porque este equipamento representa a entrada da cidade num novo período do ponto de vista da oferta comercial e de serviços na estruturação da cidade, baseado em novas formas comerciais que têm capacidade de alterar as lógicas de estruturação da cidade e urbana, ao mesmo tempo em que transforma a forma e à função urbanas, visto que estas noções devem ser levadas em conta na análise do real, considerando-as como momentos de um todo (LEFEBVRE, 2008a; LENCIONI, 1998) e o *shopping center* foi capaz de alterar e produzir ao mesmo tempo uma nova forma, uma nova função e uma nova estruturação da cidade.

Mas o Pirajá é a primeira área do espaço urbano de Juazeiro do Norte que é produzida por atividades comerciais e de serviços fora do centro principal e, neste caso, considerando que a produção de um subcentro é também um ângulo da redefinição da centralidade na cidade, não seria mais plausível afirmar que a reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte já ocorre nos finais dos anos 1980 com a formação do Pirajá? Pensamos que não.

Embora o Pirajá seja a primeira área que passa a concentrar atividades tipicamente centrais, o seu processo de produção é baseado, para usar a expressão de Tourinho (2004) na mesma "sistemática tradicional de produção de centralidade" do centro principal, guardadas as devidas proporções territoriais entre eles e a sua diversidade de oferta de atividades econômicas, como destaca Sposito (1991), e o seu papel histórico na estruturação da cidade e na produção da identidade simbólica e cultural, da memória coletiva histórico-cultural do lugar. Na concepção de Tourinho (2004, p. 363), "Centro principal e subcentro fazem referência a um mesmo sistema, ainda que não com a mesma abrangência territorial. Eles são

o resultado de uma determinada forma de entender a cidade contínua e interligada". Nessa perspectiva, a autora argumenta que

> O sistema de subcentros é resultado de um processo de descentralização complementar, originalmente de caráter espontâneo, que estendia no território da cidade a noção de centro, as qualidades do central, ainda que nas versões segregadas [...] A força destes subcentros é respeitável e funciona como um indutor racional de investimentos, criando uma cidade polinucleada ou, melhor dizendo, policêntrica[169] (TOURINNHO, 2004, p. 364).

Embora São Paulo seja a realidade urbana que serve como campo empírico para a autora, a sua reflexão conceitual é importante para se pensar o caso de Juazeiro do Norte e outras cidades médias brasileiras. Ora, se os subcentros são produzidos conforme o centro principal, ele é então como um "tentáculo" do Centro, mas concentrado em outra área da cidade que não é necessariamente contínua àquela, pelo contrário, sendo em grande parte das vezes de forma descontínua territorialmente em relação ao centro principal – a exemplo do próprio Pirajá. Mas o que caracteriza, de fato, os subcentros, da maneira como são pensados aqui, é a complementariedade com o centro principal – e outros subcentros no caso de uma cidade com uma estrutura urbana mais complexa – e não a(s) concorrência(s), como se poderia pensar. Nesse sentido constata-se a existência de um espaço na cidade que é diferente do Centro, mas ao mesmo tempo semelhante, que se relaciona com aquele e o confere o caráter de principal. Ou seja, o centro principal só é assim entendido em suas relações e articulações com os subcentros, que são produtos de uma mesma "sistemática tradicional de produção da centralidade" (TOURINHO, 2004).

Já para Villaça (2009, p. 293)

> O subcentro consiste, portanto, numa réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em parte sem, entretanto, a ele se igualar. Atende aos mesmos requisitos de otimização de acesso apresentados anteriormente pra o centro principal. A diferença é que o subcentro apresenta tais requisitos apenas para uma parte da cidade, e o centro principal cumpre-os para toda a cidade.

Os espaços que são de fato concorrentes ao centro principal são aqueles produzidos por uma outra "sistemática de produção da centralidade", mais recente e visando outros objetivos, são os espaços projetados, "produtores de localizações" para usar a expressão de

[169] É importante lembrar que os subcentros podem possuir papéis distintos quanto postos em comparação à metrópole e à cidade média. Por exemplo, em uma cidade média o peso de um *shopping center* é provavelmente maior do que o subcentro, enquanto na metrópole o subcentro é talvez bem mais importante do que um shopping. Por isso que na metrópole o sistema de subcentros com o centro principal pode criar uma cidade polinucleada, ou policêntrica como prefere Tourinho (2004). A respeito do centro, do subcentro e do *shopping center* em âmbito metropolitano, consultar Villaça (2009).

Vargas (1995), as "localizações clonadas" ou "simulacros de centralidade" que são artificialmente produzidos no espaço urbano visando a geração de riqueza por parte dos agentes imobiliários (TOURINHO, 2004). Aqui o exemplo mais característico é o *shopping center*, mas os supermercados e os hipermercados também entram nesse contexto, visto que muitos deles são grandes superfícies comerciais que abarcam uma variedade muito grande de produtos, mesmo que não sejam com as mesmas características dos oferecidos pelos *shopping*.

Os hipermercados, tanto quanto os *shopping*, têm a capacidade de atrair e concentrar ao seu redor e nas suas proximidades novos estabelecimentos de comércio e serviços que influenciam a estruturação da cidade, produzindo novos eixos de valorização do solo urbano e de expansão da cidade. Ressaltando o impacto das novas formas comerciais na estrutura urbana, Rendu (1970, p. 20) afirmara que "a revolução que opera sob os nossos olhos na localização de estabelecimentos comerciais prova a força com que as estruturas tradicionais urbanas são abaladas[170]". Nesse sentido, os hipermercados, os *shopping centers* e outras grandes superfícies comerciais,

> exercem atração sobre todo o conjunto da cidade (o que um subcentro ou uma galeria não o exercem, por exemplo), bem como, muitas vezes, polarizam moradores de outras cidades que estão próximas àquela em que se instalam. Conformam, deste modo, uma centralidade que não é hierarquicamente inferior à do centro principal, em termos de oferta, diversidade ou grau de especialização dos bens e serviços que oferecem, mas sim que compete com o centro principal, num esforço de oferecer um mix muito diversificado de bens e serviços (é o caso dos shopping centers) ou muito especializado e sofisticado (como podemos notar com os centros empresariais ou de negócios, por exemplo) (SPOSITO, 2013a, p. 73).

Em muitas cidades médias e de porte médio que não possuem *shopping*, os supermercados atuam geralmente como aqueles, sendo espaços de lazer e entretenimento, oferecendo serviços que em outras circunstâncias, como em Juazeiro do Norte, só são ofertados em *shopping*, como é o caso dos cinemas. Na cidade aqui estudada esse exemplo não se aplica, visto que a presença do Cariri Garden Shopping – e posteriormente, o Shopping Juazeiro, atualmente em construção – já possuem esses serviço que em outras cidades só se encontram nos supermercados.

---

[170] Tradução nossa, do original: "La revolution qui s'opere sous nos yeux dans la localisation des établissements commerciaux témoigne de la force avec laquelle les structures urbaines traditionnelles sont ébranlées." (RENDU, 1970, p. 20). Tal processo também foi analisado por Metton (1989) na França.

Para ficar somente em dois exemplos do papel do supermercado em cidades menores – e isso merece uma investigação mais detalhada –, em 2010 a Super Rede instalou em Limoeiro do Norte, no Ceará, no valor de R$ 6 milhões, o Pinheiro Supermercados que foi noticiado da seguinte maneira: "O novo Pinheiro Supermercado, o qual terá 1.800 m² de área de venda, ficará encravado em um terreno de 8.000 m² que abrigará ainda duas salas de cinema, totalizando 194 lugares; parque infantil; restaurante; farmácia; bancos e cabeleireiro." (BORGES, 2010 – grifos nosso). Em outra matéria veiculada em outro jornal em 2011, o superintendente da Super Rede, Paulo Ângelo Cardillo, na ocasião da abertura de uma unidade do Super Lagoa na cidade de Tianguá, no Ceará, afirmou que

> "essas lojas são tipo um shopping da cidade, com todo conforto que tem em uma grande cidade tem" [...] [e a matéria foi complementada com a afirmação de que os] Supermercados são shoppings do Interior do Estado. Conforto do ar-condicionado e praticidade de encontrar quase tudo, atrai famílias a passar horas nas lojas. Conceito de centro comercial é aplicado, traz bons negócios e agrada consumidor. (O POVO, *apud* DIÁLOGOS políticos, 28/07/2011 – grifos nosso).

Estes exemplos atestam a importância dos supermercados em cidades menores que não possuem *shopping center*, mas em cidades de maior importância, como é o caso de Juazeiro do Norte, mesmo eles não sendo "um tipo de shopping center", eles resultam de estratégias locacionais semelhantes, interferindo na (re)estruturação da cidade e nas práticas espaciais.

Tendo essa diferenciação em mente – as duas "sistemáticas de produção da centralidade" vistas acima –, podemos argumentar então que apesar da centralidade no espaço urbano de Juazeiro do Norte ter começado a ser redefinida no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 com a produção do Pirajá enquanto área comercial, tal processo não se trataria de uma reestruturação da cidade, visto que o subcentro complementa o centro principal. A reestruturação do espaço urbano seria melhor compreendida, a partir do final dos anos 1990, tomando como referencial desse processo o Cariri Garden Shopping, que de fato implantou uma nova e diferente tendência no processo de produção do espaço urbano e uma nova área com expressão de centralidade – sem ser centro –, com uma arquitetura diferenciada, com uma maneira distinta da relação entre comércio e cidade, possibilitando novas articulações interescalares entre a cidade e o espaço global por meio de novas marcas e produtos, e o mais importante, engendrando novas práticas espaciais por parte dos consumidores, que passaram a ter outros pontos/localizações no qual poderiam ser realizado o consumo, seja ele material ou

simbólico, mas que também ajudam a produzir o espaço urbano e, por conseguinte, as novas áreas de centralidade.

Se, do ponto de vista da forma espacial, as áreas da pesquisa foram classificadas como subcentro, eixo de desdobramento e *shopping center*, além da expansão do próprio Centro, no âmbito da centralidade, a proposta de Sposito (2001) contempla a argumentação aqui desenvolvida. Do ponto de vista da centralidade, poderíamos falar da existência em Juazeiro do Norte de uma centralidade cambiante, que se altera em relação ao tempo, com variações temporais, uma centralidade complexa, visto que articula fluxos em diversas escalas e não apenas na cidade, mas também entre cidades[171] – todas as áreas pesquisadas articulam fluxos para além da escala da cidade, com maior intensidade o Centro e a área do Cariri Garden Shopping – e uma centralidade polinucleada, isto é, "fraturada" e segmentada em núcleos variados no espaço urbano do ponto de vista funcional e socioespacial[172].

Mesmo existindo essas duas maneiras de produção das áreas de centralidade, e que são distintas, elas não são absolutas, isto é, não existe uma separação absoluta entre estas áreas, como se elas não se intercambiassem por meio dos fluxos. Esta concorrência historicamente produz uma hierarquia dos espaços de concentração de comércio e serviços no espaço urbano, muitas vezes classificados como centro principal e centros secundários. A hierarquia das áreas comerciais na cidade dá-se pela diferenciação entre estas áreas, no que se refere ao conteúdo e à funcionalidade pelo nível da raridade das funções (SALGUEIRO, 1996), por isso, para Castells (1988, p. 29) "qualquer definição de centralidade implica uma noção de proximidade e distância em relação a um centro. Quem diz centralidade diz hierarquia"[173], referindo-se às três formas de hierarquia: a funcional, a social e a simbólica, todas determinadas, segundo o autor, pelas decisões políticas.

Essa hierarquia, embora seja visível do ponto de vista dos agentes econômicos que produzem o espaço urbano, tem de ser relativizada quando se coloca na discussão aqueles agentes que também produzem a cidade e, por sua vez, as novas áreas de centralidade. Os citadinos, que são consumidores, promovem, por meio das práticas espaciais, uma estruturação da cidade em que estas áreas se articulam em rede, onde a complementariedade é

[171] É importante lembrar que a centralidade complexa é constituída pela articulação de diversas dimensões (econômica, política, cultural etc.), o que dá o caráter complexo a centralidade.
[172] Sposito (2001) também fala de uma "centralidade múltipla", mas visto que esse conceito está no plano das formas (áreas), uma vez que trata dos subcentros, shopping e eixos comerciais e de serviços, a classificação elaborada anteriormente já dá conta desta dimensão.
[173] Tradução nossa, do original: "Toute définition de centralité implique une notion de proximité et de distance par rapport à un centre. Qui dit centralité dit hiérarchie" (CASTELLS, 1988, p. 29).

mais marcante do que a competição, embora esta também exista. No capítulo seguinte, no qual o foco recai nas práticas espaciais dos citadinos, isto vai ficar mais visível, visto que eles escolhem, devido a motivações diversas, os espaços no qual realizam o seu consumo, não se reduzindo numa escolha do tipo "ou o centro principal ou o *shopping center*".

7. AS PRÁTICAS ESPACIAIS E A REDEFINIÇÃO DA CENTRALIDADE NO ESPAÇO URBANO DE JUAZEIRO DO NORTE

Além da problematização acerca das novas lógicas de estruturação do espaço urbano por parte dos agentes econômicos que caracterizam o período de reestruturação, que envolve a redefinição da centralidade na cidade e a importância do comércio e dos serviços neste processo, as práticas espaciais dos agentes sociais contribuem na produção do espaço urbano, também influenciando sua redefinição. Este capítulo será destinado a esta análise.

Para tal, foi dividido em cinco subcapítulos para melhor organizar a análise. No primeiro subcapítulo é realizada uma sucinta revisão teórica sobre o conceito de práticas espaciais, buscando entender como ele poderá ajudar na análise das enquetes e entrevistas; no segundo, fazemos a contextualização dos procedimentos metodológicos – as enquetes e as entrevistas – e como estas foram aplicadas e realizadas; no terceiro, já adentramos à própria análise dos dados produzidos em campo, dando destaque para o papel dos meios de transporte e as escolhas espaciais dos citadinos para a realização do consumo, como também a frequência dos mesmos aos espaços; no quarto, procuramos entender o papel do poder aquisitivo nas práticas espaciais, enfocando a segmentação social e a segregação espacial que fazem parte dos discursos e práticas dos citadinos, e por fim, após a descrição e análise de todos subcapítulos, propomos uma tipologia a partir a relação entre redefinição das áreas de concentração de comércio e serviços e as práticas espaciais.

7.1. As diferentes concepções de práticas espaciais

Segundo Harvey (2006, p. 170), os sujeitos, em sua diversidade, produzem novas configurações geográficas por meio de "práticas espaciais entrelaçadas", estas podendo ser conflituosas, contraditórias e complementares. Dessa forma, a análise da centralidade urbana como um elemento do processo de reestruturação do espaço urbano não pode deixar de enfatizar os papéis desempenhados pelos agentes sociais que produzem e consomem o espaço urbano, vivendo nele ou apenas frequentando. Assim, não é suficiente estudar as ações dos agentes econômicos ligados às atividades terciárias para compreender as formas espaciais com funções centrais e seus conteúdos.

Nesse sentido, Lepetit (2001, p. 140-141) critica o fato de que, historicamente, "não se deu aos usos da cidade a mesma atenção classificatória que se dedicou às formas urbanas [...] [e] dissociar os estudos sobre a urbanidade [...] [das] pesquisas sobre morfologia urbana acarreta a perda da questão urbana em sua especificidade". As práticas espaciais e, entre elas, as concernentes ao consumo seriam constituintes dessa urbanidade, enquanto a redefinição das áreas de concentração de comércio e serviços estaria no plano da morfologia urbana, mas relacionada com aquela. Com isso, pensamos que "a análise entre forma e processo [...] através do estudo dos usos do espaço definidos pelas diferentes práticas [espaciais]" (SPOSITO, 1999, p. 87) é fundamental para desvelar a reestruturação do espaço urbano de Juazeiro do Norte.

Para se entender as práticas espaciais dos citadinos, que serão o nosso foco, e o seu papel no que concerne à redefinição da centralidade no espaço urbano, é fundamental partir de um pressuposto já conhecido pelos geógrafos, que é a indissociabilidade entre espaço-tempo (LEFEBVRE, 1991; SANTOS, 2008; CARLOS, 2011; SPOSITO, 2006).

Ao contrário do que possa parecer, prática espacial – ou socioespacial para alguns[174] – não se refere apenas à dimensão espacial, mas à dimensão espaço-temporal da sociedade que, por meio das práticas, produz e reproduz o espaço da cidade e a própria vida. De modo mais geral, o conceito surge nos anos 1970 com o filósofo Henri Lefebvre (1991 [1974]), para quem "a prática espacial consiste numa projeção sobre o terreno de todos os aspectos, elementos e momentos da prática social" (LEFEBVRE, 1991, p. 8)[175].

Poucos são os autores que têm trabalhado este conceito, embora seja uma expressão muito usada pelos geógrafos. Este conceito aparece no *Dictionnaire de la Géographie*, organizado por Lévy e Lussault (2003) qualificado como de fundamental importância para a Geografia[176], enquanto que em outros dicionários especializados o conceito não figura entre os verbetes[177].

---

[174] Alguns autores utilizam a grafia "prática socioespacial" e/ou "prática sócio-espacial". Usamos somente prática espacial porque entendemos que "a prática espacial é uma prática social" (SOUZA, 2013, p. 239) e o próprio fato de ter no conceito a palavra "prática", já deixa claro o caráter social da prática espacial, não sendo necessário acrescentar a adjetivação "sócio".

[175] Tradução de Lefebvre (2006, p. 15, cap I), do original: "spatial practice consists in a projection onto a (spatial) field of all aspects, elements and moments of social practice" (LEFEBVRE, 1991, p. 8)

[176] Os verbetes do dicionário são classificados entre os números 1 e 4, sendo que o 1 corresponde aos conceitos fundamentais da Geografia, número em que o verbete prática espacial é classificado.

[177] Consultamos outros dicionários de Geografia (BRUNET, *et al*, 1993; JOHNSON, *et al*, 1992; GREGORY, *et al*, 2009) para saber se o verbete "prática espacial" aparecia, mas apenas o organizado por Lévy e Lussault (2003) o trazia.

Encontramos a expressão práticas espaciais no clássico livro de Lacoste (1988 [1976]), quando ele se refere de forma comparativa à evolução das práticas espaciais dos aldeões e dos citadinos na França, ambas ligadas, de formas distintas, a conjuntos espaciais e a elementos destes conjuntos que se encaixam juntamente com as representações espaciais, que resultam em uma espacialidade diferencial, sendo esta o resultado da construção geográfica da sociedade.

Apoiado em Lacoste, Moreira (2001, p. 16) afirma que as "práticas geográficas são categorias do empírico", suas ações são acumulativas diacrônica e sincronicamente, ao mesmo tempo em que é por elas que a sociedade é produzida espacialmente. De forma sintética, para Moreira (2001, p. 32) "as práticas espaciais são a base da organização geográfica das sociedades. O resultado da acumulação dessas práticas espaciais é um tecido espacial cada vez mais denso, móvel, fluido e liso, que determina a estrutura geográfica complexa que a sociedade vai adquirindo no tempo."

O pensamento de Moreira (2001) aproxima-se também do de Lefebvre (1991, p. 413-414), porque este considerava que a prática espacial "se observa empiricamente", afirmando ainda que a prática espacial "se constata, se descreve, se analisa em diversos níveis: na arquitetura, no urbanismo (termo emprestado aos discursos oficiais), no ordenamento efetivo de percursos e de lugares (territórios), na vida quotidiana e, bem entendido, na realidade urbana.[178]" Neste sentido, na concepção original de Lefebvre (1991)[179], a prática espacial é referente a vários agentes e pode ser analisada em várias escalas espaciais.

Embora Lacoste (1988) e Moreira (2001) tenham tomado as práticas espaciais como elementos fundamentais para entender a produção geográfica da sociedade, eles não explicitaram de forma clara o que são estas práticas, não chegando a desenvolver completamente o conceito, ainda que tenham contribuído para a melhor apreensão dele por meio dos exemplos.

Os trabalhos de Corrêa (1992, 2010 [1995], 2006) são referência na literatura brasileira para o entendimento deste conceito a partir das ações dos agentes capitalistas da

[178] Tradução de Lefebvre (2006, p. 7, Cap. VII), do original: "[...] spatial practice [...] the latter is empirically observable [...] As for spatial practice, it is observed, described and analysed on a wide range of levels: in architecture, in city planning or „urbanism" (a term borrowed from official pronouncement), in the actual design of routes and localities („town and country planning"), in the organization of everyday life, and naturally, in urban reality. (LEFEBVRE, 1991, p. 413-414).

[179] A prática espacial é, no pensamento de Lefebvre (1991) uma das três dimensões da produção do espaço, correspondente ao percebido. As outras são as representações do espaço (concebido) e os espaços de representação (vivido).

produção do espaço, visto que ele foi o pioneiro no Brasil a contribuir para a construção deste conceito. Por meio do estudo do Grupo Souza Cruz, Corrêa (1992, 2010) definiu as práticas espaciais como "ações que contribuem para garantir os diversos projetos. São meios efetivos através dos quais objetiva-se a gestão do território, isto é, a administração e o controle da organização espacial em sua existência e reprodução"[180]. Ela resulta, de um lado, da consciência do homem da diferenciação espacial, e de outro, dos diversos projetos derivados de cada tipo de sociedade que viabilizam a reprodução e existência dos agentes (CORRÊA, 1995).

Em trabalho mais recente, Corrêa (2007, p. 68) as entende como "ações espacialmente localizadas engendradas por agentes sociais concretos, visando objetivar seus projetos específicos". São, também "ações individuais, não necessariamente sistemáticas e regulares, caracterizadas por uma escala temporal limitada" (CORRÊA, 2007, p. 68). Esta conceituação proposta pelo autor é a mais próxima da concepção lefebvriana, ainda que tenha como foco somente a análise dos agentes capitalistas da produção do espaço. Ainda para Lefebvre (1991)

> *A prática espacial* de uma sociedade secreta seu espaço; ela o põe e supõe, numa interação dialética: ela o produz lenta e seguramente, dominando-o e dele se apropriando. Para a análise, a prática espacial de uma sociedade é descoberta decifrando seu espaço. O que é a prática espacial no neo-capitalismo? Ela associa estreitamente, no espaço percebido, a realidade cotidiana (o emprego do tempo) e a realidade urbana (os percursos e redes religando os lugares do trabalho, a vida "privada" e os lazeres). Associação surpreendente, pois ela inclui em si a separação exacerbada entre esses lugares que ela religa. A competência e a performance espaciais próprias a cada membro dessa sociedade só se examinam empiricamente. A prática espacial "moderna" se define, portanto, pela vida cotidiana de um habitante de HLM no subúrbio, caso limite e significativo; o que não autoriza negligenciar as auto-estradas e a aero-política. Uma prática espacial deve possuir uma coesão, o que não quer dizer uma coerência (intelectualmente elaborada: concebida e lógica) (LEFEBVRE, 1991, p. 38)[181] (grifo do autor).

[180] As práticas espaciais que Corrêa (2010) para entender as ações do Grupo Souza Cruz são: seletividade espacial, fragmentação-remembramento espacial, antecipação espacial, marginalização espacial, e reprodução da região produtora.

[181] Tradução de Lefebvre (2006, Cap. I, p. 34-35), no original: "Spatial practice: the spatial practice of a society secrets that a society‟s space; it propounds and presupposes it, in a dialectical interactions; it produces is slowly and surely as it masters and appropriates it. From the analytic standpoint, the spatial practice of a society is revealed the deciphering of its space. What is spatial practice under neo-capitalism? It embodies a close association, within perceived space, between daily reality (daily routine) and urban reality (the routes and networks which link up the places set aside for work, „private‟ life and leisure). This association is a paradoxical one, because it includes the most extreme separation between the places it links together. The specific spatial competence and performance of every society member can only be evaluated empirically. „Modern‟ spatial practice might thus be defined – to take an extreme but significant case – by the daily life of a tenant in a government-subsidized high-rise housing project. Which should not be taken to mean that motorways or the politics of air transport can be left out of the picture. A spatial practice must have a certain cohesiveness, but this does not imply that it is coherent (in the sense of intellectually worked out or logically conceived)" (LEFEBVRE, 1991, p. 38).

Em outra perspectiva de análise, Souza (2010, 2013) retoma o conceito de práticas espaciais para estudar os movimentos sociais urbanos. Diferente – mas não de maneira oposta – das concepções de Lefebvre (1991) e Corrêa (2007, 2010), Souza (2010, 2013) propõe entender as práticas espaciais como "práticas sociais densas de espacialidade" (SOUZA, 2010, p. 23). Neste sentido, para o autor as práticas espaciais são sempre práticas sociais e estas não podem ser entendidas sem a dimensão espacial e sem a ação social. Porém, ele destaca que nem todas as práticas sociais deveriam ser qualificadas como práticas espaciais, visto que algumas delas não são totalmente dependentes da dimensão espacial. De forma mais clara ele afirma que

> Todas as práticas espaciais [...] são sociais. Práticas espaciais são práticas sociais em que a espacialidade (a organização espacial, a territorialidade, a „lugaridade"...) é um componente nítido e destacado da *forma de organização*, do *meio de expressão* e/ou dos *objetivos a serem alcançados* (SOUZA, 2013, p. 241 – grifos do autor).

Desta maneira, existiriam as "práticas sociais densas de espacialidade" e outras que são somente indiretamente, limitadas ou pouco densas de espacialidade, estas não merecendo ser qualificadas como práticas espaciais, visto que não têm o espaço como dimensão ou condição tão imprescindível, forte e diretamente impregnada para sua realização, ainda que elas não sejam práticas desprovidas de espaço. Daí o autor qualificar as práticas espaciais, de um lado, como heterônomas, que são aquelas próprias do poder explícito, as práticas coercitivas e que sempre visam a submissão, adestramento, amansamento, e de outro lado, as insurgentes, que são aquelas práticas espaciais produzidas pelos movimentos sociais urbanos a partir de uma ação direta (SOUZA, 2010, 2013). Em suma, nesta perspectiva nem todas as práticas que são chamadas de espaciais deveriam assim ser qualificadas, mas somente aquelas que são densamente espacializadas, representada nesta perspectiva pelos movimentos sociais urbanos.

No *Dictionnaire de la Géographie* (LÉVY; LUSSAULT, 2003), a prática espacial é discutida a partir de duas frentes: - a primeira, que é assinada por Staszak (2003), aborda as práticas espaciais como um conjunto de comportamentos de um operador em relação com um espaço que constitui para ele um contexto; - a segunda, assinada por Lussault (2003a), é mais genérica, e aborda a prática espacial como a dimensão espacial da atividade de um operador.

Para Staszak (2003 p. 740), "todo comportamento tem um lugar no espaço, mas não toma necessariamente o espaço por objeto ou desafio"[182]. Neste sentido, prática espacial seria reservada para o uso referente ao modo de vida, práticas habituais ligados à vida cotidiana, enquanto que para outras ações que não são práticas[183], seria usado o termo "ação espacial", que consiste em modificar a relação de um sujeito com o espaço, como se poderia observar por meio do deslocamento, por exemplo. Assim, prática espacial é de uso mais restrito, enquanto que ação espacial é mais amplo[184]. Em outras palavras e de forma sintética, toda prática espacial é também ação espacial, mas nem toda ação espacial é uma prática espacial.

Lussault (2003, p. 741-742), por sua vez, aborda a prática espacial da seguinte maneira. Para ele, toda prática articula, no mínimo, uma relação do operador que age à dimensão espacial (ideal ou/e material) da sociedade (LUSSAULT, 2003a). Argumenta, ainda, que não se pode separar os atos que são espaciais dos que não são, porque eles são sempre juntos.

Semelhante à Staszak (2003), Lussault (2003a) diferencia a ação espacial – a manifestação de uma intenção objetivável pelo operador para inscrever as relações pragmáticas ao espaço – da prática espacial, esta sendo "a passagem ao ato (esta última palavra constituindo um sinônimo de prática) e suas expressões espaciais[185]". Mas argumenta que estes conceitos são complementares, pois "a prática pode ser espacial no âmbito mesmo de uma ação espacial e inversamente" (LUSSAULT, 2003a, p. 742)[186]. Existe ainda um terceiro termo que é diferente, o "uso" (*l''usage*), que segundo o autor não é muito empregado pelos geógrafos, sendo visto de maneira geral mais como um determinismo (tecnologia, por exemplo), mas que pode ser conservado para designar o "*savoirs pratiques*", o conhecimento, as competências, sendo também complementar da ação espacial e da prática espacial.

A ação, conceito derivado da sociologia, principalmente a partir da contribuição de Max Weber (1994, *apud* SOUZA [2013]) e que fundamenta a própria conceituação de prática espacial, visto que "toda prática espacial, assim como mais amplamente, toda prática social, é

---

[182] Tradução nossa, do original: "Toute comportement prend place dans l'espace, mais n'a pas nécessairement l'espace pour objet ou enjeu" (STASZAK, 2003 p. 740).

[183] Essa concepção é semelhante à apresentada por Ruby (2003, p. 740) no verbete "prática". Para ele, a prática é uma ação contextualizada, em situação, não sendo forçadamente rotineira.

[184] Sobre o conceito de ação espacial, ver este verbete no mesmo dicionário (LUSSAULT, 2003b, p. 42-44), no mesmo dicionário.

[185] Tradução nossa, do original: "C''est le passage à l''acte (ce dernier mot constituat um synonyme de pratique) et ses expressions spatiales" (LUSSAULT, 2003a, p. 742).

[186] Tradução nossa, do original: "La pratique peut être spatiale au sein même d'une action spatialisée et inversement" (LUSSAULT, 2003a, p. 742).

uma *ação* (ou um conjunto estruturado de ações) inscrita nos marcos de *relações sociais*" (SOUZA, 2013, p. 241 – grifos do autor) é central, por isto que deve ser diferenciada. O próprio Souza (2013) retoma a discussão de ação social e relação social desenvolvida por Weber para entender o que são as práticas espaciais. Mas nem todos os geógrafos tiveram esta preocupação. Santos (2008e, 2008f), por exemplo, propôs que "a geografia estuda a ação do homem" (SANTOS, 2008f, p. 97) na produção do espaço, para depois propor o entendimento do espaço como sistema de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2008e). Na sua obra, a prática espacial não é discutida e nem mencionada, enquanto na de outros, a ação passa a ser o foco central de análise ao invés do espaço (WERLEN, 2000)[187], ainda que a prática espacial também tenha sido deixada de lado.

Essa discussão do conceito de práticas espaciais, ainda que breve – pois precisa de um aprofundamento maior – é necessária para tomarmos posição e justificar a adoção deste conceito para a dissertação que aqui apresentamos. A partir desta rápida revisão, é possível discernir duas abordagens sobre as práticas espaciais: - uma que entende as práticas espaciais de maneira mais ampla, mais geral, ainda que com diferenças nas abordagens, que é a perspectiva de Lefebvre (1991), Corrêa (1989, 2007, 2010), Lacoste (1988) e Moreira (2001); - a outra que entende as práticas espaciais de maneira mais restrita, representadas, mesmo que também tenham diferenças entre suas abordagens, por Souza (2010, 2013), Staszak (2003) e Lussault (2003a).

Desta forma, como o conceito de práticas espaciais pode se útil na nossa pesquisa, e em qual dessas perspectivas nós nos baseamos? Esta não é uma pergunta fácil de ser respondida, pois exige um esforço. Pelo que foi apresentado, as práticas espaciais dos citadinos em relação às áreas de concentração de comércio e serviços estariam mais próximas da interpretação da primeira perspectiva, que é mais ampla, visto que abarca um leque maior de ações. Porém, concordamos, também, com a segunda perspectiva de que nem todas as ações se tornam práticas espaciais nem merecem ser assim chamadas, mas acreditamos que as

[187] O foco na ação em detrimento do espaço é bem representativo na perspectiva da geografia social de Werlen (2000), muito pouco debatida no Brasil (vale lembrar que Santos [2008e] dedica algumas páginas na tentativa de refutar esta perspectiva em favor da indissociabilidade entre objetos e ações). Em Werlen (2000), "[...] para definir e aceitar a ideia de geografia como uma ciência social, o papel central delegado ao espaço precisa ser substituído. Defendo que a "ação" deve substituir o "espaço" como conceito-chave da pesquisa geográfica. [...] Se os geógrafos não mudarem o foco de pesquisa do "espaço" para a "ação", eles serão incapazes de apreender as novas geografias do dia-a-dia nas próximas décadas [...] O objetivo de uma geografia humana fenomenologicamente fundamentada deve ser não mais o de analisar o espaço, mas principalmente analisar a produção cotidiana de geografias produzidas pela ação social. Nós não apenas fazemos a história cotidiana, mas também a geografia cotidiana" (WERLEN, 2000, p. 10-21).

ações aqui analisadas por nós não são somente ações espaciais conforme Staszak (2003) e Lussault (2003a), nem práticas limitadamente dependentes da dimensão espacial da sociedade (SOUZA, 2010); elas são, igualmente, práticas espaciais, pois são orientadas a partir de um ou vários objetivos a serem cumpridos, pensados mais ou menos conscientemente e que são sociologicamente determinados, por um *hábitus*[188], por exemplo (STASZAK, 2003). Não é o simples deslocamento a uma área de consumo que é entendida como prática espacial aqui, mas esta ligada a um conjunto de determinações que influenciam os deslocamentos a maiores ou menores distâncias, os produtos que serão comprados e os lugares onde eles serão consumidos, a renda que (im)possibilita a aquisição de certos bens, o meio de transporte que condiciona as práticas espaciais (auto)segregadoras etc.

No caso aqui trabalhado, tendo como pano de fundo o projeto temático[189], as práticas espaciais são aquelas mais ligadas ao cotidiano e ao dia-a-dia das pessoas, que produzem o espaço e o reproduzem enquanto vida humana. Os agentes econômicos também têm suas práticas espaciais, que se convertem em processos espaciais (centralização-descentralização, concentração-desconcentração, entre outros[190]) e, no âmbito desta pesquisa, estariam no plano das lógicas espaciais, que entendemos serem tendências referentes à produção e estruturação do espaço, por exemplo, a localização periférica dos equipamentos comerciais e de serviços. Para nós, interessa entender que "a prática social é espacializada e a ação cumpre-se num espaço e tempo em várias escalas indissociáveis a partir do plano da vida cotidiana" (CARLOS, 2011, p. 19).

O papel do consumidor no que se refere às escolhas locacionais feitas para a localização dos estabelecimentos comerciais e, por conseguinte, sua influência enquanto agente da produção do espaço e a formação de áreas de centralidade não é assunto novo. As clássicas teorias da localização comercial até o século XIX davam prioridade ao consumidor, isto é, "as firmas produtoras reagiam [...] às instruções do consumidor. O fluxo de instruções efetuava-se numa só direção: do indivíduo para o mercado e deste para o produtor" (VARGAS, 1995, p. 737).

---

[188] O *hábitus* é uma das mais importantes contribuições de Pierre Bourdieu para as Ciências Sociais. Para saber mais sobre este conceito, consultar Bourdieu (1994, 1996, 2007) e Wacquant (2007).

[189] O projeto temático está ancorado em duas perspectivas que se referem a duas dimensões diferentes para o estudo das cidades médias e do consumo: são as lógicas espaciais, específicas às empresas e aos agentes econômicos que atuam em múltiplas escalas, e as práticas espaciais, específicas aos citadinos e à escala do cotidiano.

[190] Sobre os processos espaciais, ver Corrêa (2007, 2010).

Essa perspectiva que se tornou corrente com a expressão "soberania do consumidor" foi superada com o aparecimento do sistema industrial fordista, invertendo a tendência (VARGAS, 1995), acompanhada da introdução de novas técnicas de vendas. Além disso, houve concentração e centralização de capitais cada vez mais rápidas, juntamente com o processo de internacionalização e mundialização da economia. Ainda assim, é reconhecível que o papel do consumidor tem implicações na centralidade no e do espaço urbano, embora as decisões de localização dos empreendimentos sejam, no período contemporâneo, ditadas pelos agentes econômicos, principalmente os que atuam em escalas nacional e internacional.

É fundamental ter em mente que o citadino mantém uma relação com a cidade e com o centro dela em dupla dimensão: uma dimensão objetiva – os ritmos, os dias, os horários etc. – e uma dimensão subjetiva – representação, imagens, símbolos, memória etc. – que por sua vez ajudam a definir a centralidade (FAINLICHT, 1970). "É a adequação do subjetivo e do objetivo que confere ao centro a especificidade" (PERNELLE, 1970, p. 45)[191]. Neste sentido, é uma via de mão dupla: a centralidade no espaço urbano não se redefine de forma independente das práticas espaciais dos consumidores. Para que um lugar possa ter uma expressão de centralidade, é necessário que ele se articule com as outras áreas da cidade, e essa articulação dá-se por meio das práticas espaciais as quais, ao mesmo tempo, que ajudam as pessoas a se reproduzirem como existência humana econômica e social (consumo de alimentos, lazer, por exemplo), ajudam a produzir a cidade e a centralidade na cidade.

Segundo Salgueiro (1996) existe algumas abordagens pelas quais o consumo e as práticas espaciais referentes a ele podem ser analisadas. As variáveis sociodemográficas, que centram a atenção nos contingentes populacionais, no envelhecimento e nos agregados familiares; as classes sociais, que são vistas a partir de diversos fatores como renda, níveis de instrução e bem estar; e os estilos de vida, que se baseiam nos valores e nas personalidades das pessoas, interferindo nas práticas de consumo. Mas segundo a autora, todas estas abordagens não são suficientes para dar conta das práticas de consumo, pois "os hábitos de consumo não são determinados apenas por razões económicas, como revelam as explicações que recorrem às classes sociais ou aos estilos de vida" (SALGUEIRO, 1996, p.172).

Para poder entender as práticas espaciais de consumo, no âmbito da pesquisa que gera esta dissertação, recorremos a procedimentos metodológicos que auxiliam tanto no desvelamento destas práticas como em suas relações com a redefinição da centralidade no

[191] Tradução nossa, do original: "C"est l"adéquation du subjectif et de objectif qui confère au centre as spécificité (PERNELLE, 1970, p. 45).

espaço urbano. É importante frisar isso, porque é uma hipótese a ser trabalhada a ideia segundo a qual as práticas espaciais dos agentes sociais são elementos importantes para se entender como a centralidade é produzida e redefinida, visto que os significados econômico, político, social e simbólico da centralidade estão atrelados às ações dos agentes que ora a reforçam ora a destroem.

Nas pesquisas de campo, aplicamos dois procedimentos metodológicos que nos possibilitariam entender essas práticas: - as enquetes, por um lado, auxiliaram-nos a analisar as práticas espaciais dos citadinos a partir de dados produzidos num enfoque mais quantitativo; - por outro lado, as entrevistas ajudam-nos a entender melhor essas práticas por uma perspectiva mais qualitativa, que visava dar a voz aos agentes para que eles se expressassem quanto às suas práticas de consumo.

7.2. A aproximação com os citadinos: enquetes e entrevistas

Para a aplicação das enquetes, foram selecionados espaços de grande movimentação de pessoas, com fluxo constante de consumidores situados nas respectivas áreas da pesquisa. No centro principal, as enquetes foram aplicadas no interior de um supermercado, o Super Lagoa localizado na Rua da Conceição, e nas proximidades das Lojas Americanas[192] na Rua do Cruzeiro. No Pirajá, também seguindo o mesmo critério, aplicamos na entrada do Mercado do Pirajá, que é uma superfície comercial com grande variedade de produtos e de fluxo grande de pessoas. No caso da área do Cariri Shopping, também procedemos do mesmo modo no interior de um supermercado, o mercadinho São Luiz. Somente no caso do Eixo Juazeiro-Crato é que não conseguimos aplicá-las, pois os responsáveis pelos estabelecimentos que foram procurados não permitiram a abordagem aos consumidores[193]. Em todas áreas pesquisadas, foram perguntadas se as pessoas visitavam aquele local para além do próprio estabelecimento em que estava consumindo naquele momento, por exemplo, os que foram

[192] As 80 enquetes que foram aplicadas do Supermercado Nogueira, as quais junto com as demais somam 400, não foram incluídas no montante geral devido análise feita e explicada na metodologia. Segundo Pereira (2013) esta área não apresenta uma influência significativa no âmbito da estrutura urbana de Juazeiro do Norte, constituindo-se como uma área de centralidade de expressão apenas no bairro, embora o supermercado tenha uma localização estratégica distante do centro principal. Após iniciarem as atividades do Shopping Juazeiro, este cenário poderá mudar, e a tendência é que aquela área venha a se tornar mais uma área de centralidade no espaço urbano de Juazeiro do Norte.

[193] No Atacadão, instalado em 2009, recebemos a resposta do gerente de que, quando o Carrefour quer fazer alguma pesquisa sobre consumo, eles contratam uma empresa específica para a realização tal pesquisa.

questionados no Mercadinho São Luiz foram perguntados se faziam consumo também no Cariri Garden Shopping[194].

Os resultados obtidos com as enquetes foram agrupados de acordo com cada uma das perguntas, sete no total[195]. Eles serão discutidos no decorrer do capítulo.

No âmbito das entrevistas, os citadinos foram selecionados de acordo com o perfil que foi apresentado no capítulo da metodologia. Foram realizadas entrevistas com pessoas de diferentes estratos sociais, tanto do ponto de vista etário, como da renda, escolaridade, estado civil e o principal, em diversos setores da cidade, para poder entender, por meio de suas práticas espaciais, a transformação da centralidade na cidade de Juazeiro do Norte. Estas pessoas foram acessadas a partir do auxílio de outros entrevistados ou mesmo por indicação de pessoas próximas a nós. A partir de um contato prévio e da conferência para saber se tal entrevistado em potencial estaria dentro de um dos perfis, foi marcada a entrevista. Algumas delas foram realizadas na casa dos próprios entrevistados e outras realizadas em nossa residência.

A diversidade de situações na qual os citadinos se encontram traz de certa forma dificuldades no que tange à possibilidade de generalização das práticas, no entanto, também isto não significa que não seja oferecido grande potencial analítico. O esforço para entendê-las nos detalhes é necessário, visto que elas apresentam muitas particularidades entre si e diferenciações quanto aos usos do tempo e do espaço pelas pessoas.

São várias as situações e as circunstâncias que influenciam as práticas espaciais dos citadinos. Os contatos com eles nos revelaram que não há um padrão homogêneo de práticas baseado em apenas uma variável, seja ela o poder aquisitivo, o transporte, o local de moradia, os espaços de consumo, o estilo de vida, a faixa etária etc. O que de fato existe é uma grande complexidade, que revela múltiplas combinações entre estes aspectos, no que se refere às escolhas dos consumidores para a realização de suas finalidades. Mesmo assim, após a análise das entrevistas, buscaremos contribuir com a elaboração de uma tipologia das práticas espaciais dos citadinos com base no centro e na centralidade urbana.

Foi possível identificar que alguns dos citadinos usam o espaço e o tempo de maneira pouco regular ou sistemática, o que dificulta a elaboração de tipologia ou padrão de identificação referente às práticas espaciais. Mesmo reconhecendo isso, faz-se necessário

[194] Esta é a terceira questão das enquetes, que foi aberta para os respondentes falarem o que pensavam.
[195] As perguntas foram: são: a) quantas vezes por mês você vem aqui?; b)por que tipo de transporte você se desloca?; c) por que você vem aqui?; d) em qual bairro de Juazeiro do Norte você mora?; e) qual o seu nível de escolaridade?; f) qual a sua idade?; g) qual o seu sexo?

assumir o risco e tentar um "esforço de síntese" – para usar uma expressão que foi muito empregada por Milton Santos – após a análise dos dados, visando qualificar o debate e avançar na análise das práticas espaciais e tentar fugir das particularidades por elas mesmas. Como Bourdieu (2003, p. 11) sugere, "não basta dar razão de cada um dos pontos de vistas tomados separadamente. É necessário também confrontá-los como eles o são na realidade".

Como nosso objetivo é entender as práticas espaciais relacionadas com a redefinição da centralidade no espaço urbano, o foco da análise recai, em última instância, sobre as relações dos citadinos com o centro da cidade e com as novas áreas de comércio e serviços que expressam centralidade. Para que a análise seja mais consistente, os outros elementos, como transporte, produtos comprados, tipos de serviços usados etc. comporão as análises de forma mais detalhada, mas não serão eles mesmos o objeto de nossa reflexão.

As seções que se seguem foram divididas com o intuito de expor as práticas espaciais de maneira mais clara a partir dos temas que interessam à pesquisa e que foram alvo das entrevistas. Neste sentido, alertamos que a divisão não deve ser levada em consideração de forma rígida, isso porque sabemos que todas as determinações para as práticas de consumo se interpenetram, sendo difícil dissertar sobre o papel de uma sem levar em consideração as outras. Em alguns momentos, elementos que aparecem em uma seção poderiam ser inseridos em outra, mas preferimos tratá-las em seções distintas como um esforço de organização das ideias.

7.3 Os consumidores e suas escolhas espaciais: centralidade, meios de transportes e espaços de consumo

A situação geográfica dos citadinos é variada no espaço urbano. Alguns moram no centro da cidade, outros em alguns bairros próximos – o que, na delimitação do perfil dos entrevistados foi chamado de "pericentral" – e outros em bairros mais distantes, de fato mais periféricos, no que diz respeito à distância do centro da cidade e das outras áreas de concentração de comércio e serviços (ver mapa 10 e quadro 14). Estas áreas, cada uma da sua maneira, influenciam diversos citadinos que moram nos mais diversos bairros.

Quadro 14 - Juazeiro do Norte. Distância em km entre o local de residência dos entrevistados e as áreas de centralidade.

	Centro principal	Pirajá	Área do Cariri Garden Shopping	Eixo Juazeiro-Crato	Bairros que residem
Antônio	3,2	4,8*	5,9*	8,4*	Carité
Ana	0,450	2,5*	3,3*	6,0*	Centro
Jéssica	0,850	3,55*	2,6	5,1	Socorro
Alfredo	0,350	2,8*	3,5*	6,2*	Centro
Sophia	3,9*	0,850	2,3*	4,8	José Geraldo da Cruz
André	4,7*	3,0*	4,6*	6,9	Leandro Bezerra
Francisca	3,2*	0,400	1,9	4,4	Pirajá
Maria	1,1*	3,0*	4*	6,8*	São Miguel
Branco	3,4	6,3*	6,3*	8,2	Três Marias
Paulo	4,1*	2,7*	1,3	3,2*	Triângulo
Amanda	1,4	2,85*	3,9*	6,7*	Juvêncio Santana
Yuri	1,3*	2,9*	2,0	4,8*	Salesiano
Dona Mara	1,5	3,1	4,0*	6,8*	Juvêncio Santana
João dos Santos	0,750	3.1*	3,8*	5,8*	Centro

Fonte: Google Maps, 2013.

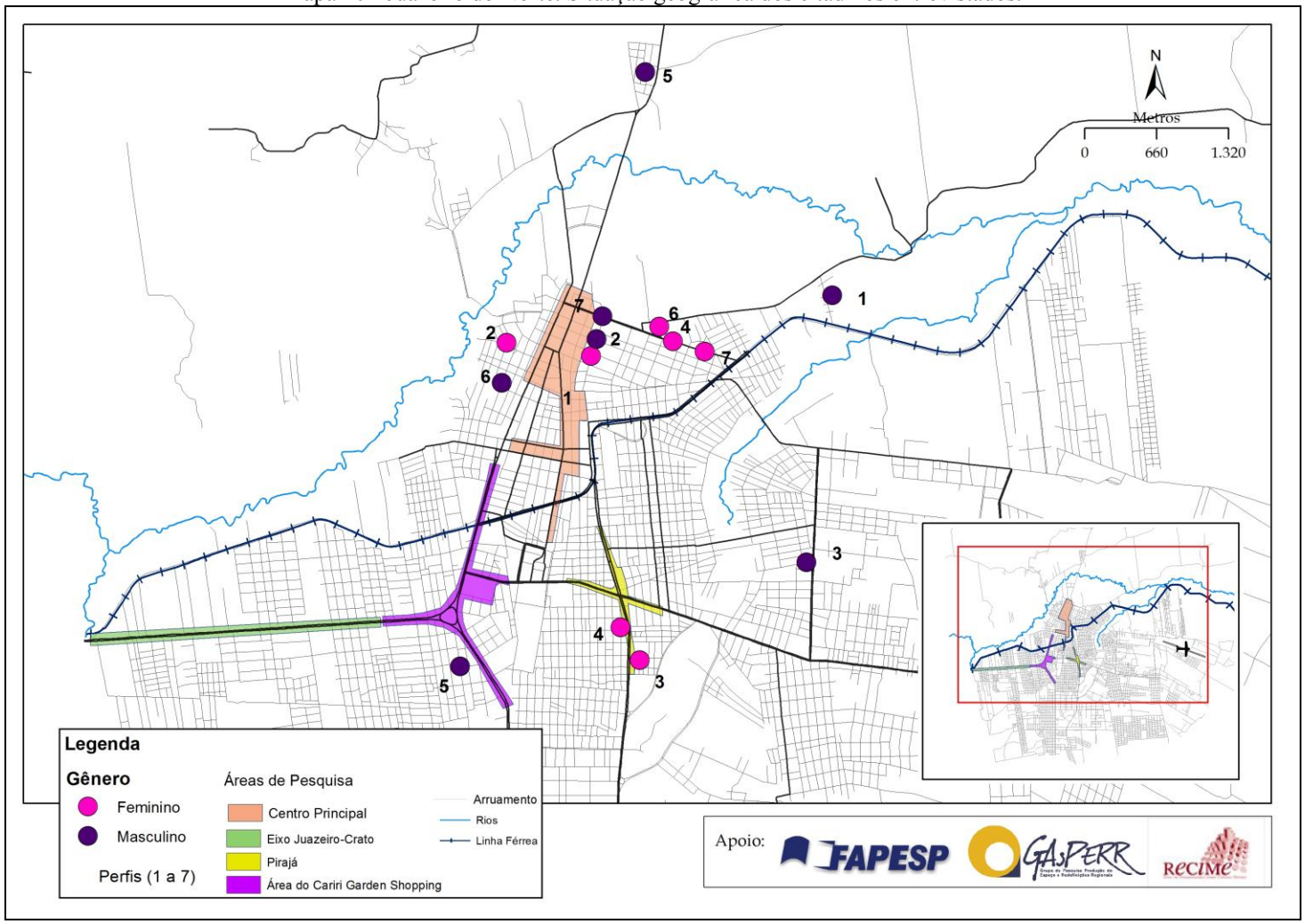
*: Em algumas das áreas aparecem mais de uma distância. Isso se dá porque o aplicativo Google Maps, ao fazer o percurso de uma área à outra, apresentou entre uma e três opções, com distâncias diferentes, e nesse caso realizamos o cálculo da média.

Organização: Cláudio Smalley Soares Pereira

De acordo com as enquetes, o centro principal é o que influencia a maior quantidade de bairros entre todas as áreas com expressão de centralidade, com consumidores de 25 bairros do total de 36 existentes na cidade (ver mapa 11, abaixo). Isso se dá, como temos visto no decorrer desta pesquisa, pelo papel histórico desempenhado no processo de estruturação do espaço urbano como a principal área de concentração de comércio e serviços. Além disso, seu papel é fortalecido devido à malha viária existente que converge para este setor e contribui para reforçar a sua centralidade na cidade e para além dela, como se constata com as enquetes que revelaram as respostas que foram dadas por 15 consumidores que são da zona rural e de outras cidades próximas, como Caririaçú, Crato, Barbalha, Missão Velha, e algum outras.

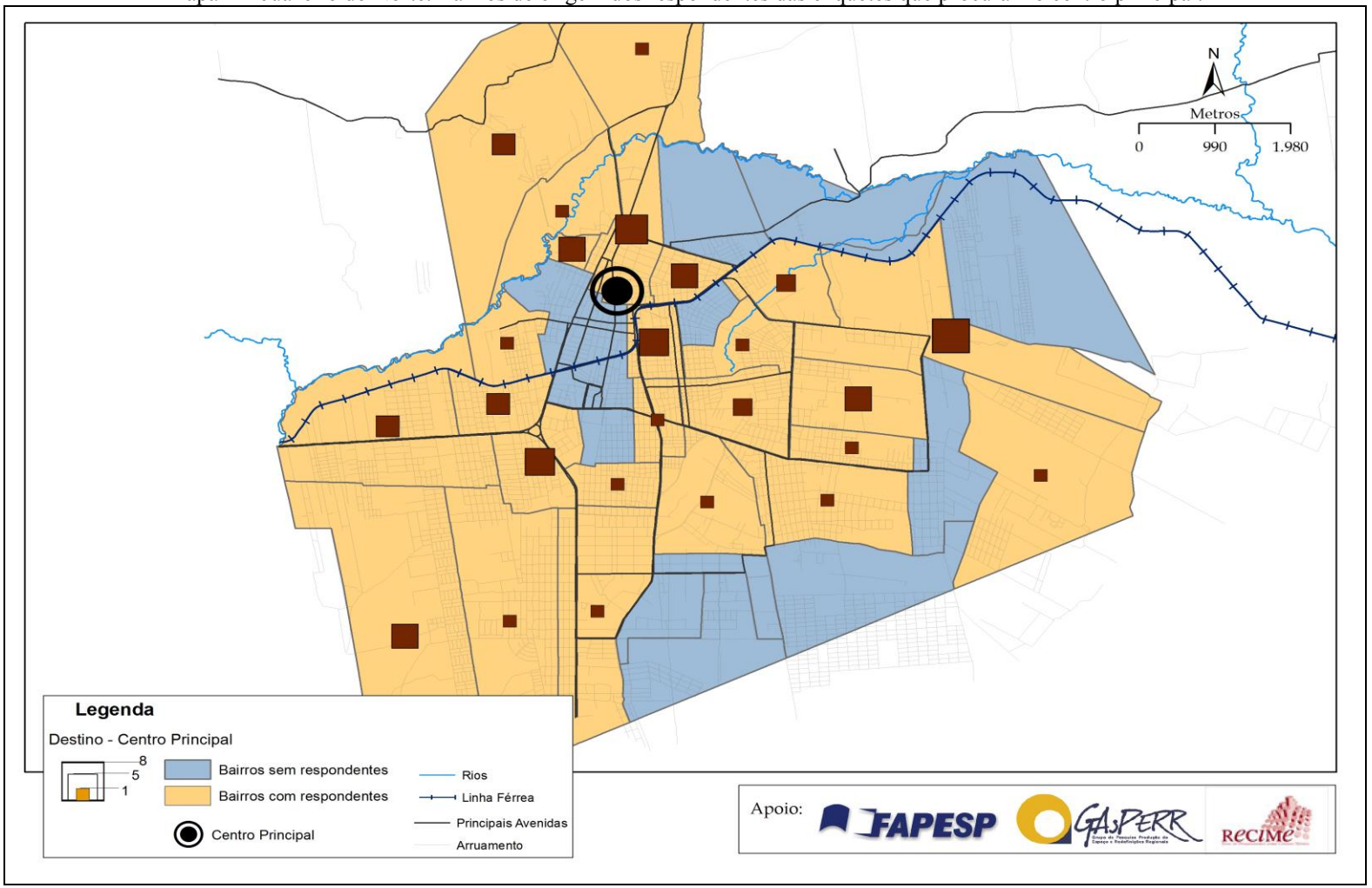
O Pirajá, por sua vez, tem influência sobre 19 bairros da cidade dos quais os consumidores são oriundos. As respostas revelam que a maioria das pessoas que frequentam esta área são ou do próprio bairro ou de bairros vizinhos, como o João Cabral, Santa Tereza e Romeirão (mapa 12). Além disso, as enquetes também revelaram que apenas duas pessoas não são de nenhum dos bairros da cidade, sendo elas oriundas da zona rural do município de Juazeiro do Norte. O papel de subcentro é reforçado nesta área.

Mapa 10 - Juazeiro do Norte. Situação geográfica dos citadinos entrevistados.



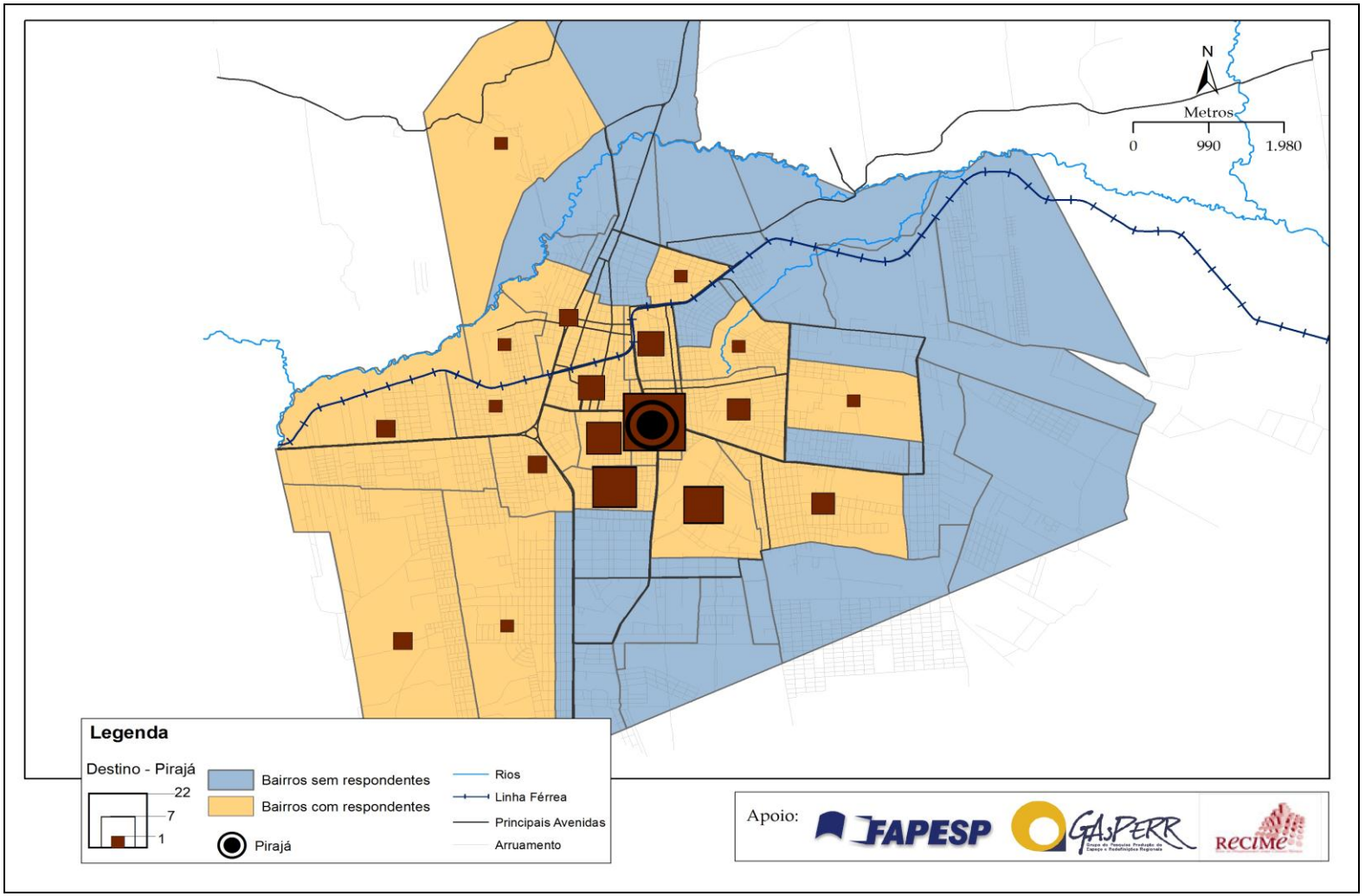
Fonte: Pesquisa de campo
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).

Mapa 11- Juazeiro do Norte. Bairros de origem dos respondentes das enquetes que procuram o centro principal.



Fonte: Pesquisa de Campo (2012-2013)
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).

Mapa 12 - Juazeiro do Norte. Bairros de origem dos respondentes das enquetes que procuram o Pirajá.



Fonte: Pesquisa de Campo (2012-2013)
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).

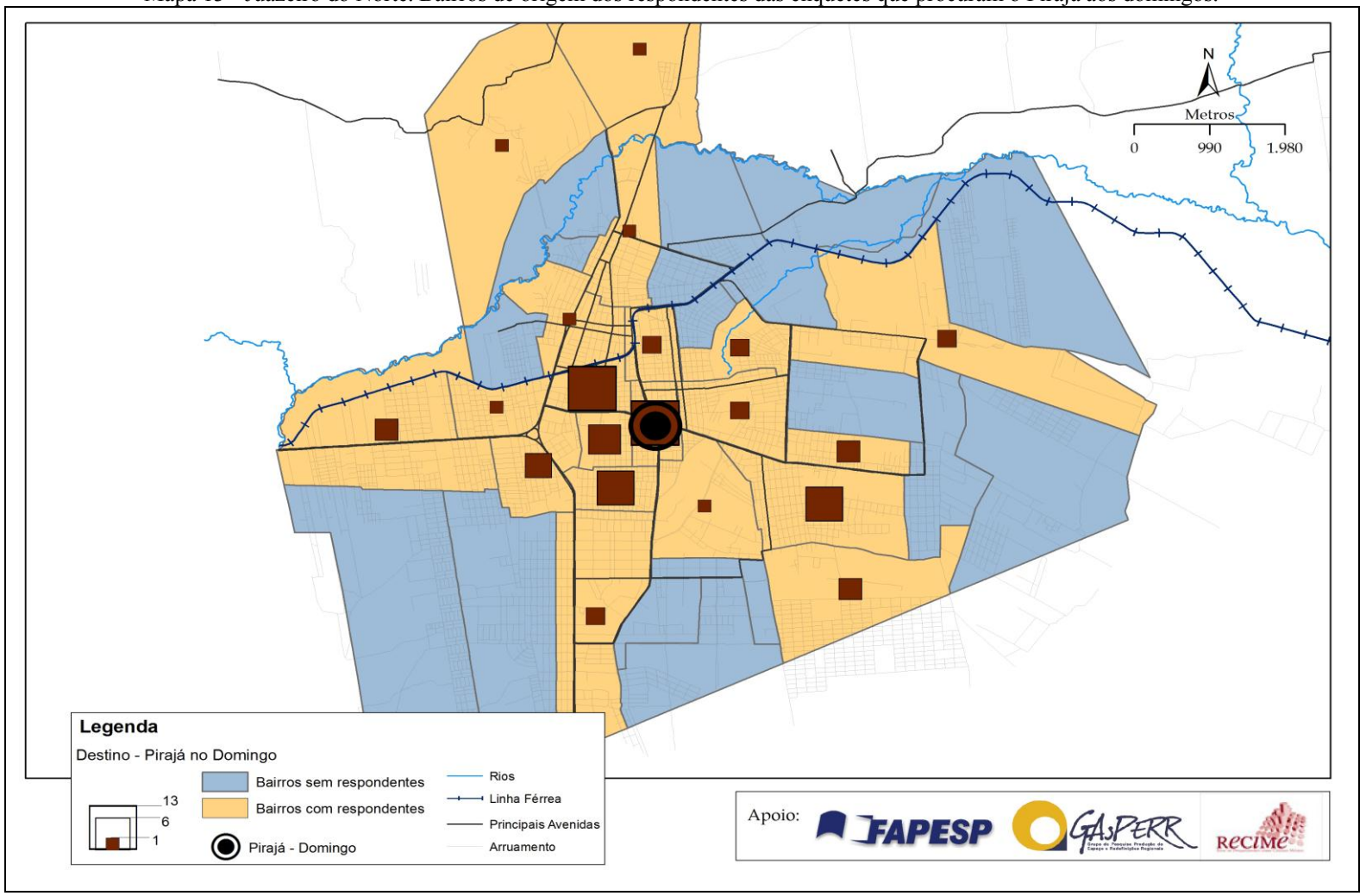
Nesse momento é importante fazer uns comentários a respeito do Pirajá. Nos dias de domingo o centro principal não funciona do ponto de vista econômico, isto é, as lojas ficam fechadas, apenas com algumas mercearias da Rua São Paulo abertas neste dia. Neste sentido, no domingo o Pirajá teria um papel importante a desempenhar. E ele tem. Como área de centralidade semelhante ao centro da cidade, em que pese as desproporções da quantidade, qualidade e diversificação do comércio, esta área exerce neste dia em particular um papel diferente dos exercidos nos dias normais.

Comparando a mesma área entre os dias de semana e o domingo, podemos observar que no que se refere aos bairros de origem dos consumidores, há uma diminuição daqueles que são do mesmo bairro, enquanto há um aumento da frequentação dos moradores dos bairros mais próximos e mais distantes, inclusive consumidores de bairros que não tinham sido mencionados no dia de semana, como o Lagoa Seca, Três Marias, Campo Alegre, que são bairros mais distantes (mapa 13).

Os meios de transportes por médio dos quais se deslocam também se alteram, com a diminuição dos que vão até lá andando, o aumento dos que se deslocam de motocicleta e ônibus, ao passo que há a redução dos que se deslocam de carro. O nível de instrução permanece muito parecido entre o dia de semana e o domingo, com a predominância dos que possuem ensino médio e fundamental incompleto. Já na frequentação, percebe-se um aumento significativo entre os que vão entre uma e três vezes por mês e aqueles que vão entre quatro e seis vezes por mês, o que revela que os frequentadores dos dias de domingo usam aquela área mais constantemente para o seu consumo.

Mas seria isso suficiente para atestar a hipótese de que esta área funciona como um centro da cidade? Por meio dos dados expostos pensamos que não. O que de fato ocorre é uma mudança e uma ampliação do Pirajá nos dias de domingo quanto ao seu papel de área de centralidade na estruturação da cidade, mas que esta ampliação não se equipara com os papéis e a força de centralidade exercida pelo centro principal, do ponto de vista econômico. Ou seja, o Pirajá amplia sua centralidade, mas não como a exercida pelo centro principal de Juazeiro do Norte.

Mapa 13 - Juazeiro do Norte. Bairros de origem dos respondentes das enquetes que procuram o Pirajá aos domingos.



Fonte: Pesquisa de Campo (2012-2013).
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).

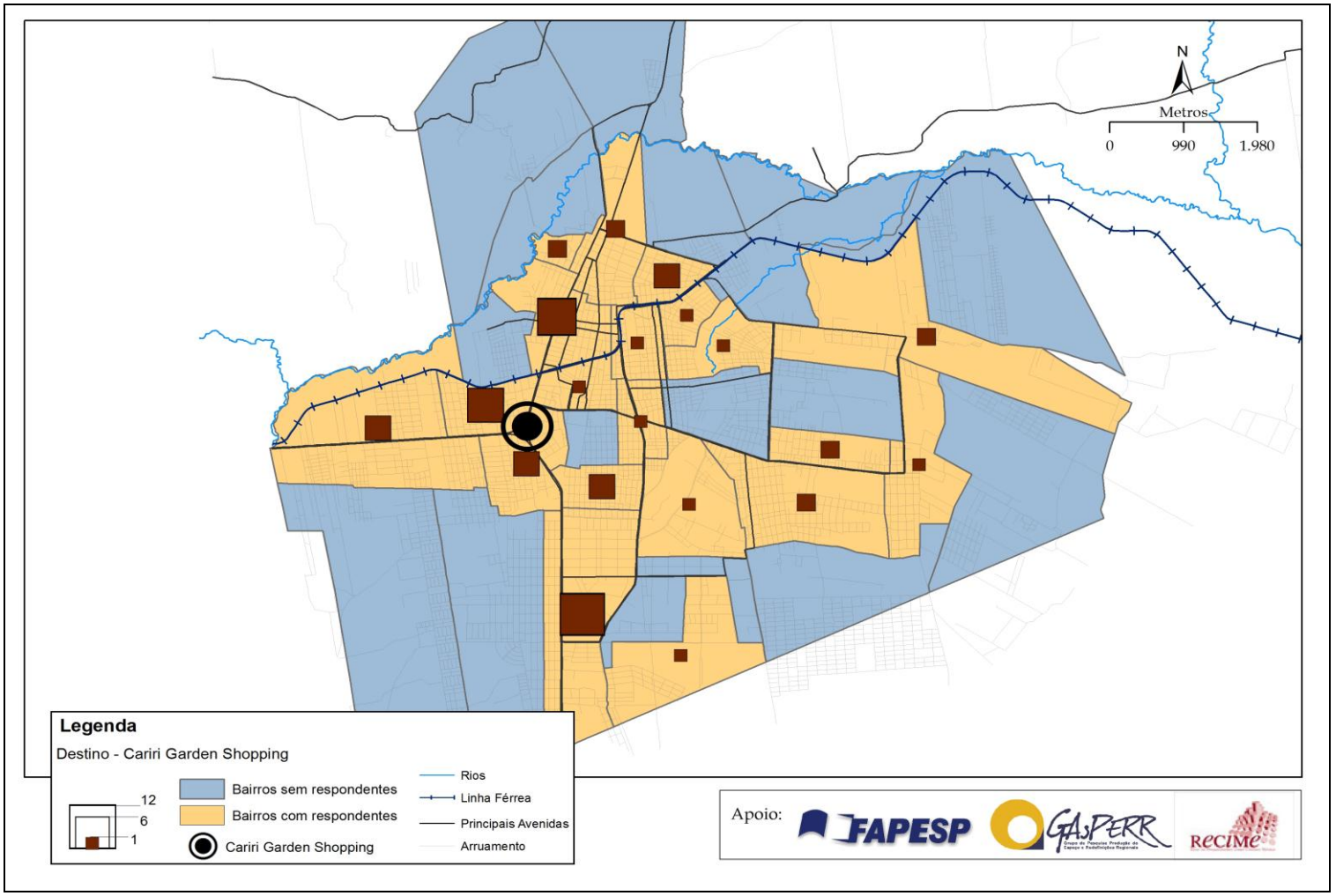
No que concerne à área do Cariri Garden Shopping, verificou-se o número de 20 bairros de origem dos consumidores (mapa 14). O número próximo da mesma quantidade de bairros influenciados pelo Pirajá não deve ser tomado como parâmetro de orientação neste caso, o que levaria equivocadamente a classificar esta área como um subcentro também. Visto que o *shopping center* produz uma centralidade diferenciada daquela do subcentro, como argumentamos no capítulo anterior, outros elementos ajudam a entender que esta área não pode ser considerada como um subcentro.

Os números mostram que o bairro Lagoa Seca é o que tem mais consumidores que se deslocam até o shopping. Lembramos que este bairro, conforme vimos na primeira parte desta dissertação, tem início nos anos 1970, engendrando uma expansão territorial urbana de forma descontínua a partir da produção imobiliária para as classes de maior *status* socioeconômico. Mais recentemente, conforme apontamos no capítulo anterior, a valorização de 1.900%[196] no preço do solo urbano nesta área e a verticalização que ocorre, desde o final dos anos 1980, justificam que a clientela que ali reside e que se desloca até o Cariri Garden Shopping para realizar suas compras são das classes de maior poder aquisitivo.

Além do mais, dos 80 respondentes que se deslocam a esta área para realização do consumo, 17 deles são de zonas rurais e ou outros municípios, com um percentual acima daqueles encontrados no centro principal da cidade, o que reforça a ideia do *shopping center* ser um empreendimento comercial e imobiliário produtor de localizações e, por conseguinte, com uma forte expressão de centralidade tanto no espaço urbano – é só observar as pessoas que se deslocam de bairros mais distantes, como o Aeroporto, Betolândia – como no interurbano, atuando como referência principalmente para as cidades mais próximas.

[196] Cf. SANTOS, Elisângela. Supervalorização de imóveis chega a 1.900% em Juazeiro. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 29 jun. 2011b. Mercado. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1003728>. Acesso em: 14 abr. 2012.

Mapa 14 - Juazeiro do Norte. Bairros de origem dos respondentes das enquetes que procuram a área do Cariri Garden Shopping.



Fonte: Pesquisa de Campo (2012-2013)
Organização dos dados: Cláudio Smalley Soares Pereira. Elaboração: Rafael Catão (2013).

A distância dos lugares de compras, sejam eles o centro da cidade, o Pirajá, a área do Cariri Garden Shopping e o Eixo Juazeiro-Crato, apareceu várias vezes nas falas dos entrevistados, ora como uma barreira a ser superada, ora como algo irrelevante. Os que possuem transportes automotivos e motocicletas têm, como se pode supor, uma maior mobilidade e facilidade de deslocamentos no espaço urbano para as práticas de consumo, diferentes daqueles que não o possuem ou utilizam o transporte coletivo.

A mobilidade e a acessibilidade, ainda que não seja este um tema específico da nossa pesquisa, são importantes porque mantêm relação com as áreas de expressão de centralidade, ampliando a possibilidade analítica para o entendimento das práticas espaciais urbanas. Ora, a posse do transporte automotivo individual (o automóvel e a motocicleta) e o uso do transporte coletivo estão intrinsecamente relacionados com as práticas espaciais e a produção das novas concentrações de comércio e serviços (SPOSITO, 2010a), pois "o automóvel desempenhou um papel muito importante nessa transformação das formas e das centralidades" (ASCHER, 2001, p. 63), o que exigiu uma nova mobilidade territorial (VILLAÇA, 2009).

Como pudemos ver, no capítulo anterior, existe uma diminuição gradativa quando observamos as linhas de ônibus que cruzam e ajudam a constituir o centro da cidade e as demais áreas de centralidade em Juazeiro do Norte. Por outro lado, pela localização estratégica no espaço urbano das novas áreas com expressão de centralidade, o transporte automotivo é cada vez mais chamado a desempenhar um papel fundamental, isto porque a circulação e os transportes fazem parte da dinâmica de redefinição da centralidade urbana, ou seja, cada nova área de concentração de comércio e serviços que é produzida no espaço urbano "traduz um nível de polaridade [e] constitui também um nó de fluxos e exprime uma escolha da sociedade" (SPOSITO, 2010a, p. 215).

André é um dos entrevistados que pertencem ao grupo dos que possuem automóveis e para ele

> se eu tenho um carro, o carro me facilita o acesso, então fica fácil pra mim... [de] todos esses lugares [os de compras, lazer], eu acho que o mais distante é a casa do meu irmão e eu levo 20 minutos, 25 minutos pra chegar lá de carro; se eu fosse de ônibus sei lá, talvez demorasse uma hora pra chegar lá, primeiro porque não tem um transporte só pra chegar lá, eu teria que pegar dois, então tem todo esse problema não é?, com certeza o transporte me ajuda nisso[197].

[197] André, 35, masculino. Entrevista realizada em 9 de janeiro de 2013.

Já entre os que possuem a motocicleta, a fala de Branco representa bem o que pensam os citadinos que possuem esse tipo de transporte. Ele é moto-taxista e a moto é usada tanto para o seu transporte como para o deslocamento para realização de compras. Este veículo, além de ser prático e rápido, é econômico e vale a pena percorrer distâncias maiores para realizar compras a preços mais acessíveis, como ele afirmou: "eu vou [fazer as compras] de transporte, vou de moto, e a moto não gasta quase nada, eu saio é ganhando com isso, porque a moto não gasta quase nada pra você ir lá e voltar"[198].

Entretanto, ao contrário do que possa parecer, a posse do automóvel não significa dizer, necessariamente, que se esteja disposto a percorrer grandes distâncias para a aquisição de produtos. Se, para alguns, vale a pena, seja de carro ou de moto, percorrer distâncias maiores para poder economizar nas compras – o que não é um pensamento compartilhado por todos os entrevistados – para outros, mesmo tendo o transporte disponível para o deslocamento a qualquer momento, o comércio de proximidade faz toda diferença e se constitui a opção preferida. Esse é o caso de Sophia, moradora do bairro José Geraldo da Cruz, próximo ao Pirajá, que prefere fazer compras mais perto para evitar grandes distâncias, mesmo tendo o automóvel como meio de transporte:

> Eu prefiro lugares mais pertos. O bairro que eu estou morando, agora a gente pode se considerar um centro não é? um centro de... como é que se diz... de movimentação, bem movimentado mesmo, aquele centro onde se disponibiliza tudo, [...] até serviços médicos tem aqui próximo, ou seja, serviços dentários, essas coisas, e a gente prefere lugares pertos porque realmente é muito melhor [...] então eu prefiro dez mil vezes, se tiver por aqui por perto, lojas aqui... aqui já tem lojas de confecção, lojas pra presentes, supermercados, o mercado em si tem aqui, quer dizer, a gente tem muitas opções não é?, então, ou seja, pra ser considerado um centro, o Pirajá oferece muitos serviços, então a gente não precisa ir pra longe não, só mesmo nesses lugares muito grandes.[199] (grifo nosso).

Essa fala de Sophia oferece elementos para se refletir sobre como os citadinos entendem e percebem a centralidade. Como mostramos no capítulo anterior, a centralidade que se desprende do centro da cidade para se expressar em outros espaços de concentração de atividades econômicas provoca mudanças na estruturação do espaço urbano e essas transformações ensejam práticas espaciais diferenciadas dos citadinos. No entanto, mesmo com essas transformações, algumas coisas permanecem, como o comércio de proximidade (SALGUEIRO, 1995).

---

[198] Branco, 49, masculino. Entrevista realizada em 19 de fevereiro de 2013.
[199] Sophia, 45, feminino. Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2013.

Em uma situação diferente da de Sophia do ponto de vista da mobilidade está Francisca. Moradora do Pirajá, ela não possui transporte individual, automóvel ou motocicleta, realizando suas compras exclusivamente neste bairro. Para ela, a distância dos locais de consumo é importante porque o fato de não possuir um transporte próprio – e de não gostar de andar de transporte coletivo – acaba condicionando a realização das compras em estabelecimentos próximos à própria casa "porque é mais perto, não toma muito tempo do seu trabalho... a qualquer momento você tira um tempinho e vai, sendo pertinho, não precisa do transporte, é rápido"[200].

Esse é o caso também de Dona Mara[201] e João dos Santos[202], moradores do São Miguel, um bairro "pericentral", e do Centro, respectivamente. Limitados pelo uso do espaço a partir do deslocamento que é feito andando, ambos preferem, tal como Francisca, realizar suas compras em espaços que não são distantes das suas residências o que pode ser feitos a qualquer momento.

O uso do espaço e do tempo pelos citadinos mediados pelos transportes, seja ele individual ou coletivo, permite entender os fluxos que as áreas de centralidades ensejam. Ou seja, por exemplo, Sophia e Francisca fazem parte do grupo de citadinos que consomem no Pirajá, mas com práticas espaciais diferentes, ainda que morando em bairros próximos. A primeira faz parte de um grupo seleto de pessoas que consome nesta área usando o transporte individual, mesmo sendo nas proximidades de sua residência, enquanto que a segunda se insere no grupo majoritário da pesquisa, isto é, de pessoas que realizam suas compras indo a pé até os locais em que as realizam.

As áreas com expressão de centralidade são afetadas diferentemente quanto ao transporte usado pelos consumidores em suas práticas espaciais. Por meio das enquetes, percebemos que o centro principal, pelo elevado número de pessoas que se deslocam de ônibus, contabiliza quase a metade dos que responderam as enquetes. Isso reforça, juntamente com as tabelas expostas no capítulo anterior sobre os itinerários dos ônibus, o papel de nó de fluxos de transportes desta área, sobretudo dos transportes coletivos. Acompanham as

[200] Francisca, 42, femininos. Entrevista realizada em 10 de janeiro de 2013.
[201] Dona Mara, 64, feminino. Entrevista realizada em 28 de janeiro de 2013.
[202] João dos Santos, 82, masculino. Entrevista realizada em 19 de fevereiro de 2013.

motocicletas, seguidas dos que se deslocam andando e só após estes aparecem aqueles que se deslocam de carro[203], seguido dos de topiques e carona.

Quanto ao Pirajá, os números reforçam a ideia desta área como um subcentro. Pode ser observado que a quantidade de deslocamentos a pé é bem maior dos que as demais, referente à influência de bairros próximos a ele em que as pessoas podem se deslocar sem mais dificuldades andando. O que reforça ainda isso são os números referentes às pessoas que se deslocam de ônibus até esta área (somente duas), embora esta área seja um importante nó de rede de transportes no espaço urbano de Juazeiro do Norte. Intermediariamente, estão as motocicletas e os automóveis como meios de deslocamento principais dos consumidores.

Já no caso da área do Cariri Garden Shopping, as diferenças entre este e o centro da cidade e o Pirajá aparecem de maneira evidente. As práticas espaciais dos consumidores são prevalentemente realizadas por meio do automóvel, seguindo os que se deslocam por ônibus e por motocicletas. Dos que se deslocam por ônibus para o shopping, cinco são de cidades vizinhas (Crato, Barbalha e Missão Velha) e o restante de bairros em diferentes situações geográficas, uns próximos, como o Triângulo e o Salesianos, e outros mais distantes, como o Aeroporto e o Tiradentes, além do Pirajá, da Lagoa Seca e o São José, estes últimos situando-se mais próximos do shopping.

O transporte individual automotivo facilita a busca por espaços de consumo porque diminui o tempo de deslocamento. Em muitas das falas dos entrevistados, bem como nas respostas dadas às enquetes, percebemos que os citadinos que possuem esse meio de locomoção usam o espaço e o tempo de forma distinta daqueles que não o possuem, principalmente nas entrevistas isso ficou mais claro.

O que é fundamental pontuar nesse momento é que os *shopping center* – e os super e hipermercados, sobretudo estes últimos – como pode ser visto no caso de Juazeiro do Norte, estão associados cada vez mais às condições de mobilidade urbana e de acessibilidade, com suas localizações estratégicas em avenidas e rodovias, com grandes estacionamentos (BAUBRILLARD, 1991; ROLNIK, 2013; VARGAS, 1995) além das suas ligações como os interesses do capital fundiário e imobiliário (SPOSITO, 2010a; PINTAUDI, 1987) este último subjugando o capital comercial (VARGAS, 1989, 1995; VILLAÇA, 2009) o que provoca uma produção do espaço urbano cada vez mais dependente de um sistema viário produzido

[203] Nas entrevistas, alguns respondentes relataram, por meio da relação que estabelecem com o centro da cidade, a dificuldade de se deslocar até lá de carro, o que para alguns acaba sendo decisivo para a não escolha do centro como lugar de consumo.

pelo Estado e pelo poder público para atender as condições de deslocamento das classes e grupos sociais que detém estes meios de locomoção em detrimento dos que não o possuem, o que "aumenta o desnível entre as condições de transporte individual e transporte coletivo" (VILLAÇA, 2009, p. 239).

A distância e o uso dos transportes pelos citadinos estão relacionados com os próprios produtos que são comprados e a oferta comercial deles na cidade de Juazeiro do Norte. Nesse sentido, o uso dos meios de deslocamento e suas implicações para vencer as distâncias espaciais no que se refere à realização do consumo apresentam questões para ser mais aprofundadas no âmbito mesmo da análise da centralidade urbana. Os meios de deslocamento (seja o carro, o ônibus, a moto e até mesmo a pé), dependendo da distância, facilitam ou dificultam as práticas espaciais em espaços de consumo mais próximos e/ou distantes das suas residências. Neste sentido, o pensamento de Sposito (2010c) sintetiza bem estas questões quanto à mobilidade dos citadinos que discutimos pelos exemplos anteriores, e que estão ligadas à própria divisão social do trabalho e com sua relação à divisão social e econômica do espaço.

> Os níveis e mobilidade dos citadinos variam, segundo a posição relativa de suas residências na cidade, tomando-se como referência as localizações de outras atividades que eles efetuam para se realizarem socialmente. Além disso, a mobilidade varia segundo a capacidade dos citadinos de se deslocarem no espaço, que implica em sua situação socioeconômica, seus meios de transporte e seu tempo disponível na jornada diária ou semanal. Trata-se de uma divisão social e econômica do espaço, que só pode ser compreendida na sua relação com a divisão social do trabalho (SPOSITO, 2010c, p. 139 – grifo nosso).

E frisa, ainda, a necessidade de se pensar que o uso dos meios de transporte tanto no plano individual como no coletivo, e no caso da mobilidade, por exemplo, "não basta ter recursos para adquirir um automóvel, mas é preciso ter um sistema viário compatível com a demanda gerada pela circulação de veículos" (SPOSITO, 2010c, p. 139).

No que se refere aos motivos para as escolhas espaciais dos espaços de consumo, existe certa semelhança entre os que consomem no centro principal e no Pirajá, enquanto há diferenças relativamente aos que consomem na área do Cariri Garden Shopping[204]. Os respondentes das enquetes desta área agregaram diversas características que não foram mencionadas pelos que frequentam o centro principal ou o Pirajá. A segurança, o conforto, o

[204] Essas motivações foram respondidas a partir da pergunta aberta "por que você vem aqui?" que compõe a enquete.

estacionamento foram palavras ditas por alguns deles, e se observamos bem, mais uma vez, é no *shopping* onde se dão as maiores frequentações dos que usam o transporte automotivo.

No centro principal, as compras e os preços acessíveis e baratos foram as principais respostas dadas pelos respondentes, muitas vezes acompanhadas pela praticidade, acessibilidade e proximidade (no caso daqueles que moram perto do centro da cidade), e variedade de produtos, além daqueles que trabalham no centro e aproveitam para realizar suas compras. Associado a isso, o uso de outros serviços, como os médicos, os bancários (depósitos, saques e pagamentos de contas) e os de ensino também foram citados. Houve ainda aqueles que afirmaram que é, no centro, que "resolvem os problemas" tanto entre as pessoas que moram próximas como entre aquelas que residem em bairros mais afastados[205].

No caso do Pirajá, as compras são as maiores motivadoras dos deslocamentos, sendo a proximidade de casa um elemento fundamental para boa parte dos respondentes, o que atesta o seu papel de subcentro, como discutido no capítulo anterior. Além disto, como tal, o Pirajá oferta uma variedade de produtos considerável, ainda que reduzida em relação ao centro principal, por isso que alguns dos respondentes também mencionaram que "resolviam suas pendências ali" e que os preços baixos e acessíveis são importantes para que eles se desloquem até lá. Destacamos ainda o papel do Mercado do Pirajá, por reunir uma variedade significativa de estabelecimentos comerciais, que vendem confecções, roupas, bijuterias, acessórios, CDs, cumprindo, sobretudo, o papel de abastecimento no que se refere à comercialização de carnes, frutas, verduras e legumes, conforme muitos dos respondentes.

Na área do Cariri Garden Shopping, os motivos das compras são também muito diversos, mas diferem, em parte, daqueles mencionados pelos frequentadores do centro da cidade e do Pirajá. Referências ao lazer, à comodidade, ao ambiente climatizado, estacionamento e segurança apareceram nas falas dos respondentes, o que sequer foram mencionadas nas falas referentes às duas áreas anteriores. O *shopping center* foi considerado um lugar agradável para fazer compras, diferente, por exemplo, do que vários dos consumidores do Pirajá relataram sobre aquela área[206]. Alguns elementos se repetem nas referências feitas por nossos entrevistados e respondentes, como os produtos acessíveis,

[205] Dos seis respondentes que afirmaram que usam o centro da cidade para resolver os problemas, um mora no Bairro Centro e se desloca em automóvel ou motocicleta, enquanto que os restantes moram em bairros mais distantes, o Frei Damião, José Geraldo da Cruz, Leandro Bezerra e o Triângulo, e o que eles tem em comum é o deslocamento em transporte coletivo, isto é, o ônibus.

[206] No Pirajá, muitos dos respondentes perguntaram se a pesquisa se tratava de uma iniciativa do poder público, porque eles tinham muito o que reclamar, como a higiene, o mau cheiro, o lixo, o que mostra os problemas que podem ser encontrados naquela área, sobretudo ao redor do Mercado Público.

compras semanais e mensais, às vezes até diariamente. Interessante é notar que há aqueles que se sentem bem comprando nesta área[207]; aqueles que mesmo os produtos sendo mais caros, preferem este espaço pelo conforto e o lazer[208] e, ainda, aqueles preferem esta área como a „mais central" mesmo que se deslocando de transporte coletivo[209].

Para Labasse (1970), a tradução geográfica da noção de consumo, segundo ele uma noção econômica, é a frequentação, em termos de circulação. A frequentação por parte dos citadinos nas áreas pesquisadas revelam aspectos interessantes, no que tange às práticas espaciais. Sendo as áreas de centralidade que estamos pesquisando bem servidas no que se refere à infraestrutura viária, elas acabam por facilitar e condicionar fluxos crescentes de consumidores, visto que se localizam em avenidas importantes da malha urbana de Juazeiro do Norte, facilitando o deslocamento tanto por meio dos transportes automotivos como pelo transporte coletivo, ainda que de forma desigual.

As maiores frequentações situam-se entre as duas primeiras opções que as enquetes abordaram. De maneira geral, mais de 1/3 (um terço) frequentam os espaços comerciais e de serviços entre 4 e 6 vezes ao mês, o que é mais ou menos a ida a um destes locais em média de uma vez por semana. Em segundo lugar, estão os frequentadores que vão entre 1 e 3 vezes durante o mês, que se somados com os dados da primeira opção, abarcam mais da metade dos respondentes. Merece menção, também, os que frequentam mais de 30 vezes durante o mês, que correspondem a grupo menor, mas que, diferentemente dos outros, moram em sua grande maioria, nas proximidades destas áreas, o que justifica seus deslocamentos constantes, muitas vezes também porque trabalham no mesmo local, conforme afirmaram alguns respondentes.

Aquilo que Villaça (2009) lembra ao diferenciar as áreas de concentração de comércio e serviços ajuda a entender melhor estas práticas. Para ele, o centro principal e o(s) subcentro(s), pelo fato de oferecerem uma variedade de comércio e serviços diversificada e equilibrada, influenciam uma menor quantidade de deslocamentos para estas áreas, visto que em uma única viagem o consumidor pode, por exemplo, fazer suas compras, ir ao médico, realizar pagamentos, isto é, "resolver seus problemas", como no caso do centro principal e do Pirajá. Afirma ele que "quanto maior a variedade de comércio e serviços existentes num centro, menor o número de viagens que o consumidor precisa para ter todas as suas necessidades atendidas" (VILLAÇA, 2009, p. 303). E prossegue, argumentando que esta

[207] Respondente residente no município de Missão Velha, a 25 km de Juazeiro do Norte.
[208] Moradora do Bairro Salesiano. Desloca-se de carro.
[209] Morador do Bairro São José.

característica do centro principal e do subcentro fazem com que eles tenham um forte poder estruturador do espaço urbano.

O *shopping center*, diferentemente do centro principal e do subcentro, tem uma variedade desequilibrada de atividades comerciais e de serviços, mas esta variedade de produtos que se complementam, por isso também tem poder estruturador do espaço urbano (VILLAÇA, 2009) ainda que de modo muito diferente, principalmente quando se trata de cidades médias, em que tais empreendimentos, juntamente com os hipermercados e supermercados, tem um papel muito mais relevante na estruturação da cidade do que nas metrópoles (SPOSITO, 2001, 2013b; WHITACKER, 2010). Observamos, então, que a frequência dos que vão à área do shopping entre 1 e 3, e 4 e 6 vezes por mês contabiliza mais da metade dos respondentes, sendo maior do que o centro da cidade, que somou menos da metade e menor que o Pirajá, este último com quase 2/3 (dois terços). Mas aqui é importante deixar claro que essa proeminência do Pirajá em relação às outras áreas se dá porque a maioria das pessoas que frequenta este espaço desta maneira mora próximo desta área, não é à toa que dos 80 respondentes das enquetes, 32 vão ao Pirajá andando.

É interessante observar os dados referentes ao nível de instrução dos respondentes das enquetes. Do total, os que possuem o ensino médio é maioria, com mais de 1/3 dos respondentes, sendo que, no centro principal, eles somam 34. O Pirajá, por sua vez, apresenta um número quase igual entre os que têm ensino médio e o ensino fundamental incompleto ao mesmo tempo, pouco mais de um terço para ambos, respectivamente, e uma quantidade baixa de pessoas que possuem ou estão cursando o ensino superior, reforçando ainda mais a relação entre consumo de subcentro e um público consumidor popular, com baixa escolaridade[210].

Por sua vez, grande parte dos citadinos que busca a área do Cariri Garden Shopping como espaço de consumo tem ensino superior, seguidos daqueles com ensino médio. Se somarmos os que possuem ensino superior e os que estão cursando o ensino superior o número ultrapassa mais da metade do total que consome nesta área, ou seja, das 80 pessoas que responderam as enquetes, 28 têm ensino superior e 15 estão cursando, num total de 43. A desproporção é ainda maior se compararmos todos os que têm ensino superior completo e incompleto de todas as áreas da pesquisa com os que consomem na área do shopping. Enquanto somam-se 75 as pessoas que tem ensino superior e/ou estão cursando em todas as áreas de centralidade, a área do shopping sozinho apresenta 43 respondentes do montante

[210] É importante levar em conta que "há subcentros de alto status, médio status e até subcentros populares" (SOUZA, 2003, p. 66), sendo o Pirajá um subcentro popular.

geral, o que significa dizer que a área do Cariri Garden Shopping é o espaço preferido de consumo e lazer da maioria das pessoas inseridas no ensino superior.

Papel importante desenvolve o Atacadão na produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte e na reestruturação desta cidade e das práticas espaciais dos citadinos. De todas as outras grandes superfícies comerciais modernas, exceto o Cariri Garden Shopping, o Atacadão foi o primeiro a se instalar, em 2009, e de fato alterou as práticas espaciais de muitos consumidores.

Embora não tenhamos sido autorizados a aplicar, no Atacadão, as enquetes para saber o seu papel no que se refere às práticas espaciais, ele apareceu de forma suficientemente clara nas falas dos entrevistados como um espaço que modificou os hábitos de consumo de muitos deles. O Atacadão aparece como espaço de compras privilegiado na fala de cinco dos entrevistados (Ana, Jéssica, André, Maria e Amanda[211]), algumas vezes articulado com outros estabelecimentos de grande porte, como o Hiper Bompreço.

Até 2009, antes da instalação do Atacadão, os empreendimentos que operavam nesse ramo eram de capitais estritamente locais e regionais, com destaque para o caso do Supermercado Lagoa, no centro da cidade, empresa de origem de Fortaleza, e os Mercadinhos São Luiz, no Cariri Garden Shopping, também originária de Fortaleza. Eram estes e outros menores localizados nos diversos bairros, que ofertavam os produtos que são mais procurados pelos citadinos – voltaremos a isto adiante.

Pudemos visualizar no Atacadão que, além de condicionar práticas espaciais nos citadinos residentes de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, ele influencia o trajeto de pessoas de outras cidades e municípios mais distantes, até mesmo de Pernambuco, para fazer compras. A foto 39 mostra os meios de transportes utilizados – geralmente topiques e vans – para o deslocamento dos compradores e das mercadorias que são de outros municípios.

[211] Amanda, 50, feminino. Entrevista realizada em 15 de fevereiro de 2013.



Foto 39 - Juazeiro do Norte. Meios de transporte em que os citadinos de outros municípios vão ao Atacadão em Juazeiro do Norte.
Fonte: Cláudio Smalley Soares Pereira (2012)

No caso dos entrevistados por nós, Maria e Amanda são representativas do papel que um empreendimento como o Atacadão pode ter nas práticas espaciais. Ambas moram em bairros vizinhos, respectivamente, no São Miguel e no Juvêncio Santana. São bairros pericentrais, e mesmo sendo o centro da cidade relativamente próximo das suas casas, ambas preferem se deslocar ao Atacadão, distante cerca de 6,8 km de suas residências. Maria o faz "porque as compras lá são mais baratas, as mercadorias, do que aqui no centro, e eu compro em atacado, porque eu compro para o mês, ai sai mais barato comprar lá do que aqui no centro"[212]. Além do mais, o que é interessante, neste caso em particular, é que ela vai de transporte coletivo até o estabelecimento e retorna de táxi com as compras, porque não possui transporte próprio. Segundo ela, indo de ônibus e voltando de táxi ainda é mais econômico do que comprar nos mercantis e/ou supermercados do centro da cidade.

Amanda, por sua vez, comentando sobre suas práticas espaciais de consumo diz que

> a feira mensal, infelizmente, eu tenho que me deslocar para outro bairro, que para mim foi ótimo, é o Atacadão, muitas vezes eu até ironizo com meus filhos dizendo "é a salvação do pobre", porque você quando se organiza dá realmente para ter um estoque em dispensa e a gente.... que depois do Atacadão, essa rede, eu não sei nem qual é a rede... o Carrefour não é? veio pra cá não é?, eu acho que, foi assim, muito importante, teve um significado muito grande na vida das pessoas que tem o poder aquisitivo menor.

[212] Maria, 58, feminino. Entrevista realizada em 4 de fevereiro de 2013.

O que é interessante observar, ainda, entre essas duas consumidoras é que Maria, embora tenha preferência em comprar no Atacadão, visto que são feitas compras de maiores proporções para passar o mês inteiro, afirmou que prefere comprar em estabelecimentos menores em que conhece os proprietários, sendo o Atacadão a única exceção, devido à economia que ela tem com os preços. Amanda, diferentemente de Maria, tem preferência pelas compras em estabelecimentos das grandes redes varejistas, porque o preço é mais importante que as amizades. Como ela mesma disse "eu penso no meu bolso e não na questão da amizade não é?, o que fala mais alto ai é meu bolso, então os grandes grupos, eles dão oportunidade e eles têm condição de vender um preço mais em conta para o consumidor do que o comerciante menor". Além destas compras mensais, Amanda realiza as semanais nas feiras livres que podem ser encontradas no bairro onde reside.

André e Sophia, por exemplo, estão entre os que possuem automóvel e usam esta mesma argumentação – o preço dos produtos – para justificar seus deslocamentos a estas áreas. Sohpia, como foi visto anteriormente, embora prefira fazer compras em locais próximos de casa, desloca-se sempre de automóvel, mesmo a curtas distâncias, e faz compras em supermercados, incluindo o Mercadinho São Luiz, no Cariri Garden Shopping – ainda que não seja constante –, que segundo ela apresenta melhores condições de higiene e confiabilidade quanto ao que está sendo consumido (alimentos, frios etc.). Como ela afirmou:

> eu prefiro supermercados, eu não vou muito assim ao mercado[213] mesmo não, eu compro mais nos supermercados. [...] pela questão da higiene, com certeza, sem dúvida. Porque os supermercados, assim... eu, por exemplo, compro frutas, frios da semana, carnes, eu só confio na higiene dos supermercados.[214]

No caso dela, falar de comércio de proximidade – que é um ângulo que não teve foco nesta pesquisa, devido à sua dispersão no espaço urbano – não é a mesma coisa de falar de compras realizadas em pequenos comerciantes com mercearias e "bugedas[215]" ou mesmo no mercado público. É o caso de Francisca, Dona Mara e João dos Santos, que fazem suas compras em pequenos comércios próximo das suas residências, mas sem a "modernidade" observada nos supermercados. Entendemos por comércio de proximidade aqueles estabelecimentos que são mais acessíveis no ambiente imediato, que podem ser acessados a

[213] "Mercado" aqui significa o mercado público e feiras de ruas, que vendem frutas, verduras, legumes, frios, como é o caso do Mercado do Pirajá, próximo à casa da entrevistada.
[214] Sophia, *ibidem*.
[215] Bodegas são os pequenos estabelecimentos comerciais do Nordeste com uma variedade muito pequena de produtos, não vendendo frios nem legumes. Nestes estabelecimentos, são os próprios donos quem trabalham, geralmente sós, ou com algum familiar.

pé (DESSE, 1997, 1999), o que pode ser um supermercado próximo da residência ou mesmo uma mercearia ou "bodega".

De todos os entrevistados, Francisca, Dona Mara e João dos Santos são aqueles que utilizam de maneira exclusiva as atividades comerciais localizadas próximas a suas residências ou no mesmo bairro, o que significa dizer que têm preferencia por comprar em estabelecimentos menores onde conhecem os proprietários. Todos os outros, em maior ou menor grau, combinam diversos lugares de compras, seja pela disponibilidade do transporte, seja pelo preço dos produtos, ou pela praticidade e qualidade, como também pela variedade ofertada. O que é importante notar aqui é que, na maioria dos casos, seja de forma exclusiva, predominante ou até mesmo residual, o comércio de proximidade tem um papel importante na produção do espaço urbano e nas práticas espaciais, e dificilmente será eliminado, como já alertou Salgueiro (1996).

Ana é uma das que combina de maneira interessante diversos lugares de consumo, mas todos eles de grandes grupos varejistas, sejam os supermercados e hipermercados. Ela mora no bairro Centro[216], e mesmo em condições de proximidade com a principal área de concentração de comércio e serviços do espaço urbano, têm preferência – não de forma exclusiva – em comprar em lugares distantes de onde mora, práticas possibilitadas pelo automóvel que possui. Segundo ela

> Normalmente a feira a gente faz em alguns lugares, não num lugar só, a maior parte, digamos que a parte a grosso não é?, a gente faz no Atacadão que tem os preços mais em conta, e nós também fazemos feira, alguma parte de lanche no Hiper [Bompreço] e no Super Lagoa também, são os três lugares principais que a gente costuma ir. Às vezes, a gente compra alguma coisa diferente lá no São Luiz, mas basicamente é Atacadão, Hiper [Bompreço] e Super Lagoa são os três que a gente costuma ir[217].

Na fala de Ana aparece o Super Lagoa, um supermercado localizado no centro da cidade, que é o exemplo do papel da proximidade nas práticas espaciais no seu caso em particular. Como a entrevistada relatou, as compras semanais mais urgentes que podem ser feitas com deslocamento a pé são realizadas neste supermercado, mas em muitas situações, pelo volume de compras, às vezes é necessário ir de carro, mesmo morando a dois quarteirões do supermercado, como no caso dela.

---

[216] O uso da palavra bairro aqui se dá pela delimitação oficial da Prefeitura Municipal, que tem um bairro com o nome "Centro".

[217] Ana, 28, feminino. Entrevista realizada em 17 de janeiro de 2013.

André, tal como Ana, é um dos entrevistados que dão preferência à compra em grandes grupos comerciais situados a grandes distâncias de sua residência, facilitadas pelos meios de transportes disponíveis, isto é, o automóvel. Afirma ele:

> hoje em dia, às vezes, eu faço compras, aliás, a maioria das vezes eu faço compra no Atacadão que, apesar de não ser no meu bairro, mas pelas vantagens, os valores, com relação a preço, a gente dá preferência, mas a princípio, se eu preciso comprar um produto aqui, uma coisa de necessidade mais urgente, mais rápida, eu não vou me deslocar até lá, eu vou preferencialmente aos mercadinhos ou supermercados que tem no meu bairro.

Para ele os supermercados próximos de onde mora, como o Supermercado Nogueira, e até mesmo as mercearias menores, tem apenas um papel de complementariedade, algo que de repente faltou ou acabou, como alimento, produto de limpeza ou outra coisa, e que é reposto naquele momento, de forma mais urgente.

Muitos dos citadinos entrevistados afirmaram que preferem comprar em estabelecimentos comerciais menores, que conhecem os proprietários. Francisca, Branco, Yuri, Dona Mara, João dos Santos, além da própria Maria, fazem parte do grupo de entrevistados que preferem realizar as compras em estabelecimentos pequenos. Sophia também afirmou que prefere a compra em estabelecimentos menores, da mesma forma Paulo, mas eles dois não podem ser colocados lado a lado com os outros porque, nestes, as compras são realizadas em supermercados, ainda que conheçam os proprietários dos estabelecimentos e que não pertençam a grandes redes varejistas. Branco exemplifica bem isso. Perguntado sobre sua preferência entre os estabelecimentos menores em que conhecem os proprietários e os grandes grupos, ele justificou a preferência pelos primeiros afirmando:

> Porque o seguinte, aqui no Mercado Central e ali no Pirajá eu já conheço, já faz muitos anos que eu compro no mesmo local, então eu chego lá o pessoal já sabe o que é que eu vou comprar, no caso de frutas e essas coisas, sabe? Eles já sabem o que é que quero, às vezes eu faço só escolher e eles já sabem o que é, e no mercantil também, a esposa já faz a relação... já faz a relação, eu já pego o carrinho já vou pegando, olhando e colocando sabe, no mesmo mercantil que eu frequento a anos [...] geralmente eu só compro lá [...] Porque eu tenho mais intimidade com ele, e as vezes também você vai com o dinheiro pra comprar alguma mercadoria alguma coisa, o dinheiro não dá, e ele segura pra você, entendeu? Você vai fazer uma compra, e o dinheiro não dá e ele diz "não, não tem problema não, pode levar, na semana que vem ou daqui a 15 dias você quando vier outra vez você paga" e, nesses outros locais maiores, não acontece isso e, também, eu não conheço ninguém.

Fica notório nesse exemplo, que também pode ser ampliado para os outros que preferem os pequenos comerciantes, as formas de pagamento das compras, em que o popularmente chamado "fiado" (caderneta) – que é aquela compra que é realizada, mas que

saiu do orçamento disponível naquele momento e ficou para ser paga em outro dia – tem um papel importante, além dos próprios laços de amizade, em alguns casos de longa data, que se constituem nestes espaços.

Estes elementos de articulação das práticas espaciais entre diferentes áreas de concentração de comércio e serviços, sejam elas fixas – o centro da cidade, os super e hipermercados, o *shopping center*, o subcentro – ou mesmo periódicas e mais temporárias – as feiras-livres que ocorrem um dia da semana apenas, que foram mencionadas pelos citadinos – são importantes porque vão permitir, juntamente com os demais elementos que estão sendo analisados, elaborar de maneira mais precisa a ideia de que existe na cidade tanto uma hierarquia de áreas comerciais como uma pós-hierarquia, nos termos postos por Salgueiro (1996) e já anunciados, por nós, no final do capítulo anterior. Além disso, é importante ressaltar que esta pós-hierarquia, ou uma centralidade reticular, como argumenta Chalas (2010), é uma das características da centralidade no período contemporâneo, chamada de "cidade de escolha", que influencia as práticas espaciais dos habitantes a partir das possibilidades postas pelo "policentrismo" (CHALAS, 2010). Voltaremos a este assunto novamente.

A busca por certos produtos e serviços influencia as práticas espaciais dos citadinos. Como discorremos no capítulo anterior, a respeito das atividades terciárias e seus papéis na redefinição da centralidade no espaço urbano de Juazeiro do Norte – lembremos que são os serviços bancários, as lojas de eletrodomésticos e os super e hipermercados, associados ou não aos *shopping centers* – as atividades analisadas sugerem a busca de produtos e serviços que potencializam a análise das práticas espaciais, isso porque envolve o que foi discutido nas linhas anteriores.

Tomemos primeiro o caso dos serviços bancários. Vimos que a redefinição da centralidade por meio desta atividade se deu muito recentemente, no final dos anos 1990, com a instalação de uma agência do Banco do Brasil no Cariri Garden Shopping. As novas localizações destes serviços influenciaram as mudanças das práticas espaciais dos citadinos. Mesmo assim, o centro principal ainda é a área privilegiada de localização delas, embora nos últimos anos apenas uma agência tenha se instalado lá.

De maneira diferente, os PABs e PAEs apresentaram uma acentuada desconcentração espacial, o que também refletiu nas práticas dos citadinos, visto que muitos deles informaram

que preferem usar os caixas eletrônicos ao invés da agências bancárias. O *internet banking* também foi citado por alguns dos entrevistados.

Grande parte dos citadinos prefere usar os serviços bancários localizados no centro principal, enquanto são poucos os que citaram as agências bancárias do Pirajá e do Cariri Garden Shopping. Dos 14 entrevistados, três (Sophia, André e Francisca) usam o serviço bancário que está no bairro Pirajá, enquanto o restante usa os bancos do centro principal. Os localizados na área do Cariri Garden Shopping não foram mencionados, apenas a Unicredit, foi citado por André e Alfrêdo, mas esta é uma cooperativa de crédito, e não uma agência bancária.

O exemplo de Sophia é interessante. Ela foi uma das que acompanhou o processo de desconcentração dos serviços bancários que, por sua vez, redefiniu o lugar onde costumava fazer as operações bancárias. Suas práticas espaciais quanto à utilização do serviço bancário mudaram, como ela mesmo afirmou.

> eu era cliente do Banco do Brasil do centro desde 2000 e na hora que passou para o meu bairro, não deu outra, eu mudei de banco, para a filial aqui perto, na hora, [...] eu acho que todo mundo deve fazer isso porque deve evitar lugares longes não é?, inclusive até mesmo pra economia.

Francisca também utiliza do serviço bancário próximo da sua casa, pois como visto anteriormente, a localização do comércio e dos serviços próximos a sua residência, no mesmo bairro, é de fundamental importância para a realização de suas práticas. Entretanto, isto só foi possível, da mesma forma que para Sophia e André, a partir do momento em que abriu a agência bancária do Pirajá, visto que anteriormente apenas a do Cariri Garden Shopping era localizada fora do centro principal da cidade. Os demais que utilizam o serviço bancário próximo à suas casas são os que têm como espaço principal de realização destas atividades o centro da cidade, sendo que alguns deles não moram próximo ou no Centro, como é o caso de Antônio e Paulo, que habitam nos bairros Carité e Triângulo, respectivamente.

É importante também lembrar que o uso dos caixas eletrônicos em detrimento das agências bancárias é significativo para a maior parte dos entrevistados. Alguns utilizam este serviço localizado nas próprias agências, como Ana, visto que estas tem o horário reduzido de funcionamento (até as 15h00)[218] em relação aos caixas, que funcionam normalmente até as 22h00. Outros não usam as agências porque o dispêndio de tempo é maior, às vezes 40 minutos, provocando aborrecimentos, como relatou Amanda.

[218] No horário local, visto que no Nordeste não participa do horário de verão brasileiro.

Por meio das falas dos entrevistados podemos perceber que os citadinos que possuem uma maior mobilidade, os que usam carro e moto, utilizam os serviços dos caixas eletrônicos em diversos lugares e não apenas no centro da cidade por pelo menos duas razões: - distância em relação à residência, visto que alguns caixas eletrônicos estão localizados em estabelecimentos comerciais de diferentes ramos, como nos super e hipermercados e em farmácias e postos de gasolina, para ficar em apenas três exemplos (quadro 7 no capítulo anterior), o que facilita as operações, ou seja, um citadino que mora em um bairro distante do centro da cidade não necessita se deslocar até lá para fazer uma operação bancária no caixa se neste itinerário alguns estabelecimentos possuem o mesmo serviço, o que economiza tempo, que é fundamental para grande parte dos entrevistados; - uma distribuição espacial desta atividade no espaço urbano, que é um pouco menos concentrada que as agências bancárias (ver mapa 6) o que otimiza o uso do tempo e do espaço para aqueles que têm os meios de transportes individuais, visto que se ampliam as opções de escolha e se evita o deslocamento de grandes distâncias para a realização de operações que podem ser feitas em lugares mais próximos.

André é um exemplo dos que possui automóvel e só usa o serviço bancário no centro da cidade em situações em que não há alternativas. Como ele afirmou

> Geralmente eu uso caixas eletrônicos, quando é um caixa eletrônico que não oferece o serviço que eu estou procurando, por que às vezes eu preciso fazer um depósito, por exemplo, então tem caixa eletrônico que não tem essa opção de depósito, aí eu vou à agência e uso o caixa da agência, se eu não conseguir resolver no caixa eletrônico, ai é que eu uso o serviço do caixa mesmo, normal.

O mais interessante quanto aos serviços bancários é o uso do *internet banking* por parte de alguns deles, o que de certa maneira coloca em discussão a própria centralidade no espaço urbano. Alfredo, Sophia, André, Paulo e Ana compõem o grupo dos que utilizam este serviço, uns de forma mais constante e outros de forma menos frequente. Mais uma vez a fala de André é representativa, viso que para ele o uso do *internet banking* é questão de

> ...tempo, economia de tempo, porque enquanto você abre o computador aqui, entra no *site* e faz a pesquisa e vê o que é que você quer ver ali rapidinho, se eu fosse ter que fazer isso num banco eu tinha que pegar meu carro, me deslocar até o banco, entrar, pegar uma senha, esperar pra ser atendido, ser atendido, depois voltar pra onde eu tenho que ir, então isso... quando eu penso em tempo, realmente eu já, por isso que eu vou tão pouco.

Já Alfredo utiliza "para fazer umas transferências, é mais cômodo de você está no seu trabalho, ai você realiza, é melhor"[219], enquanto que Sophia usa quase que exclusivamente o serviço bancário pela internet, indo com pouca frequência à agência, somente para fazer alguma operação que só pode ser feita *in loco*. Entretanto, o motivo para Sophia é outro, além da economia de tempo, envolvendo também uma questão de segurança e

> ...praticidade, [pois] é a melhor coisa do mundo na minha vida, embora eu já tenha sido hackeada, mas acontece, assim, o dinheiro... eu não fiquei com medo porque, qualquer forma tem a segurança, mas eu utilizo, eu não deixei de utilizar não, porque muitas pessoas tem medo por causa da segurança, ser roubado, ser hackeado, já aconteceu isso comigo, mas ai como eu fui ressarcida, não tive nenhum dano, nenhuma perda, só foi momento pra mim mesmo, por alguns dias, mas inclusive me recuperei, eu continuo fazendo porque eu ainda acho, eu ainda confio na segurança, pronto. E eu faço toda transação bancária, todas, não tem esse negócio não, só não posso fazer saque porque é pela... (risos), só falta o caixa eletrônico (risos).

Referentes aos outros ramos de atividades que trabalhamos, que são os super e hipermercados e a lojas de eletrodomésticos, as práticas espaciais de alguns dos entrevistados também foram alteradas. Foi possível observar que o consumo alimentar é tido por todos eles como fundamental, pois são comprados no cotidiano e que não podem faltar. Esse é um ponto em comum entre todos os entrevistados, mas outras formas de consumo aparecem e passam a diferenciá-los. O setor alimentício é, segundo o IPC Maps (2013) um dos itens básicos de consumo, sendo responsável por 16,6% dos gastos de consumo dos brasileiros.

Alguns dados estatísticos servem para reforçar esta questão. O Ceará segue a tendência nacional de que o consumo em 2013 deverá ser dominado pela classe C (DIÁRIO DO NORDESTE, 16/09/2013). Esta "classe" – mais adiante trataremos do tema do poder aquisitivo – será responsável pelo consumo de 41,8% do total estimado para o estado, correspondendo a R$ 10 bilhões do total dos R$ 25 bilhões esperados a serem gastos até o fim de 2013, superando as classes A e B, no que se refere ao consumo de alimentação, vestuário e material de construção (DIÁRIO DO NORDESTE, 16/09/2013), como pode ser visualizado na figura 13.

Os eletrodomésticos foram citados por uma grande parte dos entrevistados (Sophia, Jéssica, Ana, André, Francisca, Maria, Yuri, Amanda e Dona Mara) como sendo, em alguns casos, ou fazendo parte, em outros, dos produtos de maior valor comprados nos últimos anos. São TVs de plasma, centrais de ar, fogão, micro-ondas, geladeiras, ventiladores. Este setor prevê um gasto para 2013 de 2,2%, equivalente a cerca de R$ 61 bilhões (gráfico 6).

[219] Alfrêdo, 49, masculino. Entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2013.



POTENCIAL DE CONSUMO

Cinco maiores setores

R$ 25 bilhões
será o consumo no Ceará em 2013

Classe C
é a maior consumidora com R$ 10 bilhões do valor total

Família de produtos	(R$ bilhões)
Alimentação no Domicílio	8,80
Automóvel Particular	6,56
Vestuário	3,61
Alimentação fora do domicílio	3,29
Material para construção	2,93

Grupo socioeconômico

	Alimentação no Domicílio (R$ Milhões)	Automóvel Particular (R$ Milhões)	Vestuário (R$ milhões)	Alimentação fora do domicílio (R$ milhões)	Material de Construção (R$ milhões)
A	457,32	1.917,12	394,62	421,04	470,54
B	1.456,62	2.345,74	809,01	883,40	702,96
C	4.366,69	1.839,10	1.671,48	1.364,64	1.346,40
DE	2.520,35	455,41	736,34	624,88	412,95

FONTE: PYXIS CONSUMO 2013 - IBOPE INTELIGÊNCIA

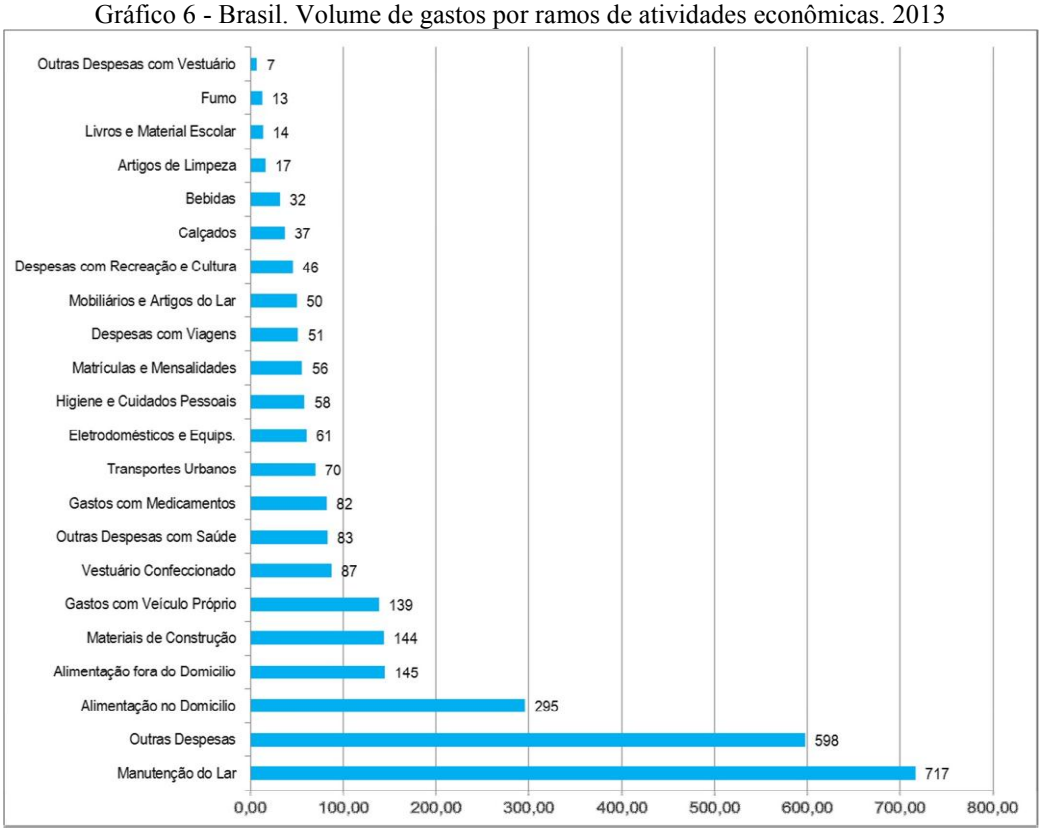
Figura 13 – Ceará. Estimativas de consumo das classes A, B e C em 2013.
Fonte: Diário do Nordeste (2013)

O transporte automotivo, também, é citado por alguns dos consumidores, principalmente o automóvel e a motocicleta, como os bens de maior valor adquiridos nos últimos anos. Para Ana, Alfredo, Amanda, Sophia, André e Antônio os transportes foram os bens de maior valor adquirido nos últimos anos. Além destes, a casa própria também aparece em algumas falas tendo um destaque, sobretudo nas falas de Alfredo, Branco e Paulo. O gráfico 6 apresenta os gastos previstos dos brasileiros divididos por ramos de atividades segundo o IPC Maps (2013).

Para Jéssica[220], a compra dos eletrodomésticos se dá na área do Cariri Garden Shopping, no Hiper Bompreço, que segundo ela, tem os melhores preços e as promoções, que são, para ela as principais determinações no que se refere à escolha dos locais de compras, como vimos nas seções anteriores. Jéssica também realiza compras no Cariri Garden Shopping sob os mesmos auspícios, buscando promoções e preços mais baixos, nas lojas C&A e Marisa, enquanto que os calçados são procurados mais no centro da cidade. Da mesma forma que Jéssica, André faz parte das compras de eletrodomésticos no Hiper Bompreço e no Cariri Garden Shopping, enquanto que a outra parte faz pela internet.

[220] Jéssica, 59, feminino. Entrevista realizada em 19 de janeiro de 2013.

Gráfico 6 - Brasil. Volume de gastos por ramos de atividades econômicas. 2013



Fonte: IPC Maps (2013).

Outros citadinos, também tendo o preço dos produtos exercendo uma influência na compra dos mesmos, fazem pesquisas e dependendo dos preços encontrados compram na própria cidade ou mesmo pela internet. Este é o caso de Ana, como ela afirmou:

> Normalmente a gente procura... não, assim, algumas coisas a gente compra pela internet, até a geladeira aqui de casa a gente comprou pela internet, mas quando a gente quer fazer pesquisa de preço a gente anda por essas ruas, essas lojas aqui perto [no centro da cidade], tem a Insinuante, a Rabelo, as Lojas Maia, que também a gente faz uma pesquisa de preço, não é um lugar específico, mas a gente costuma pegar aí essa parte comercial do centro e fazer uma pesquisa de preço para achar os lugares que tem os valores mais competitivos não é?, os melhores valores.

Dos entrevistados, Sophia tem um hábito de consumo desses bens que é incomum em relação aos outros entrevistados. Assemelham-se a ela somente André e Ana, pois fazem algumas compras de eletrodomésticos pela internet. Sophia prefere fazer suas compras em lojas da cidade de Fortaleza, ou mesmo pela internet.

> A questão de eletrodoméstico, por incrível que pareça, a gente prefere comprar fora, como a gente tem a oportunidade de comprar em Fortaleza, o preço é melhor, é mais acessível; a gente comprou poucas coisas aqui [em Juazeiro do Norte], mais móveis, por exemplo, foram feitos aqui os móveis da casa, quando a gente fez uma reforma em 2008, e a gente fez móveis projetados, inclusive em Juazeiro do Norte.

Parece um tanto contraditório as práticas espaciais de Sophia. Se, de um lado, ela prefere fazer compras próximas de casa, como vimos anteriormente, e usando o automóvel mesmo para percorrer pequenas distâncias que, por outros entrevistados, são feitas andando, por outro, ela prefere comprar os eletrodomésticos pela internet e em Fortaleza. O caso dela é exemplar da complexidade em que se apresentam as práticas espaciais, não podendo ser reduzidas a apenas um elemento de análise.

Outros preferem fazer as compras destes bens nas lojas do centro principal. Por exemplo, Amanda citou as Lojas Macavi, Zenir e Americanas, esta última também citada por Paulo, enquanto Ana citou a Rabelo, a Insinuante e as Lojas Maia/ Magazine Luiza. Maria, por sua vez, fez referência à Liliane e a Macavi como sendo as lojas em que prefere comprar os eletrodomésticos. O centro principal de Juazeiro do Norte exerce, nesse quesito, uma forte influência, enquanto o Pirajá não foi citado por nenhum dos entrevistados.

7.4. Poder aquisitivo, segmentação do consumo e segregação socioespacial

O poder aquisitivo dos entrevistados e respondentes das enquetes merece ser destacado. Este aspecto não tem um papel central como poderia parecer. Muitos destes consumidores que tem práticas espaciais muito diferentes apresentam ganhos mensais semelhantes. Maria[221] e Francisca, por exemplo, recebem R$ 1.500,00 e R$ 1.356,00, respectivamente, mas têm práticas espaciais muito distintas, a primeira dá prioridade à realização do consumo em espaços mais modernos, como as grandes superfícies comerciais de grades redes varejistas, o Atacadão – mesmo que também compre em estabelecimentos menores –, enquanto que a segunda prefere comprar em "comércios perto de casa, mercearias, mercantis pequenos que tem perto, na mesma rua."[222]

De outro modo, André e Yuri também compartilham ganhos mensais próximos, com R$ 3.500,00 e R$ 3.000,00 reais por mês, respectivamente, mas com práticas espaciais bem distintas, no que se refere aos espaços de consumo e serviços.

O caso de Yuri é bem significativo quanto a isso. O mesmo possui ganhos entre os mais altos no universo dos entrevistados, o que levaria a acreditar que ele possuiria práticas

[221] Maria, ibidem.
[222] Francisca, ibidem.

espaciais que buscariam os espaços de consumo mais modernos, como é o caso de André. No entanto, o que ocorre é o contrário.

Yuri mora no bairro Centro e é empresário do ramo de fabricação de peças de alumínio. Possui um automóvel, "uma caminhoneta" como ele diz, que é usada para ir ao trabalho e para a realização das compras. Porém, os espaços de consumo que são mais buscados não são os supermercados, hipermercados e *shopping center*. Para ele, o deslocamento para estas áreas de consumo demanda um tempo disponível para que possa ser dedicado na realização das compras e, para ele, o "tempo é ouro", precisa ser usado de forma que se tenha ganhos, isto é, não se perca muito tempo com práticas que poderiam ser realizadas mais rapidamente.

Assim, as grandes superfícies comerciais, com seus amplos estacionamentos e localizadas distantes do centro da cidade não são os melhores lugares para fazer compras. Segundo ele, ir a um desses espaços possibilita a entrada em uma avenida movimentada, a possibilidade de cair em um congestionamento muito grande ou mesmo a demora para se fazer as compras e levá-las até o carro, o que provocaria a perca de tempo que ele mesmo procura evitar. Neste sentido, ele prefere como espaços de compra o centro da cidade e os mercantis próximos de casa, porque economizam tempo. Juntamente a isso, o preço dos produtos faz com que ele prefira a escolha dos locais mais próximos, pois como ele mesmo afirmou, nas novas formas comerciais modernas

> os preços são bem diferentes dos preços daqui do centro, se você for comprar lá no shopping é talvez 30% mais caro que nas lojas comerciais do centro, ou em alguma loja da periferia não é, alguns outros supermercados diferentes do shopping que não seja localizado no shopping. [...] em comparação, uma coisa bem comum, você vai comprar uma margarina de 250g nesses supermercados localizados mais ou menos no centro ou na periferia, esses mercadinho de médio-porte, custa R$ 1,10, no shopping custa R$ 1,40, R$ 1,45... e prefiro também porque o meu consumo é muito pouco, ai não compensa você se deslocar para ir fazer compra no shopping ou no Atacadão, pra mim não compensa, porque lá na minha residência eu uso o que? Dois quilos de arroz por semana, ai o resto é uma verdura, uns legumes, alguma coisinha, ai num adianta ir comprar nesses "Atacadão", talvez o preço seja melhor, não compensa [...] além do preço, influencia no tempo... você vai, você tá correndo o risco de cair numa avenida movimentada com transporte, você vai perder tempo com estacionamento, você vai perder tempo se você pegar o que você comprou pra levar até o seu veículo, então isso influencia de mais, o tempo hoje é ouro, é melhor você tá com o tempo sem tá fazendo nada do que está circulando sem está fazendo nada.[223]

[223] Yuri, 58, masculino. Entrevista realizada em 20 de fevereiro de 2013.

Uma análise restrita sobre o papel dos ganhos pode sugerir que os que estão nos estratos "superiores", de R$ 2.000,00 a R$ 3.500,00 têm suas práticas espaciais relativas ao consumo realizadas nos lugares de compras mais modernos. De acordo com a pesquisa, estas seriam a área do Cariri Garden Shopping e o Eixo Juazeiro-Crato, pois como vimos no capítulo anterior, são ali que estão localizados os principais estabelecimentos referentes ao terciário moderno – hipermercados, *shopping center* – além da presença de estabelecimentos de venda de eletrodomésticos que tem um público mais seleto.

Entretanto, não é tão simples quanto parece. O poder aquisitivo em si não possibilita esta interpretação, no que se refere aos lugares frequentados para as práticas de consumo, ainda que ganhos mais elevados sugiram um maior poder de compra por parte dos citadinos e a fala de Yuri é exemplar neste sentido. Todavia, rendas mais altas não significam, necessariamente, preferência de consumo em *shopping center* ou em hipermercados, e às vezes, a escolha de um lugar de compra, como o hipermercado, não remete diretamente à necessária frequentação e realização de compras em um *shopping center*, por exemplo.

É importante lembrar que a renda da população da cidade de Juazeiro do Norte teve um significativo aumento nas últimas décadas, o que potencializou o consumo dos grupos socioeconômicos de menores rendimentos. Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (IBGE, 2013), entre os anos de 1991 e 2010 a renda per capta média de Juazeiro do Norte teve um aumento de 98,98%. Em 1991, era de R$ 220,89, passando para R$ 291,71 em 2000 e chegando a R$ 439,53, em 2010. De 1991 para 2000, a taxa média anual de crescimento foi de 32,06%, enquanto que de 2000 para 2010 foi de 50,67%. Houve, com isso, uma significativa diminuição da extrema pobreza[224], que "passou de 28,54% em 1991 para 19,92% em 2000 e para 6,73% em 2010" (IBGE, 2013, sem paginação). Estes dados indicam que mais pessoas dos estratos intermediários aumentaram os seus rendimentos e isso tem reflexos no consumo. Este estudo ainda revela que Juazeiro do Norte é uma cidade com grande desigualdade no que se refere à concentração de renda, com 58,25% desta sendo apropriada pelos 20% mais ricos, enquanto que os 80% mais pobres se apropriam de 41,75% em 2010.

O *status* socioeconômico é o tema de um interessante artigo publicado na década de 1970 por Corrêa (1977), o qual propôs uma interpretação da relação entre centralidade e *status* socioeconômico a partir das discussões sobre a teoria das localidades centrais. Seu

[224] A extrema pobreza é "medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R$ 70,00, em reais de agosto de 2010" (IBGE, 2013, sem paginação).

estudo detém-se a analisar a estruturação de um sistema de localidades centrais na escala regional a partir de um modelo proposto que considera o nível de demanda da população como elemento básico.

Segundo Corrêa (1977), as diferenças entre o *status* socioeconômico de dois subgrupos – o de médio e alto *status* e o de baixo *status* – refletem-se na capacidade de consumo da população e na procura de onde esse consumo de bens e serviços se dará. Assim, conclui o autor em sua análise que os citadinos de médio e alto *status* socioeconômico podem se deslocar para consumir em todas as hierarquias possíveis de centros de um determinado sistema de localidades centrais, enquanto que os de *status* baixo consomem apenas nos centros locais, condicionados pela sua posição social no que se refere à dimensão econômica.

Embora o trabalho de Corrêa (1977) tenha a escala regional como referência e se situe no âmbito da Teoria dos Lugares Centrais de Christaller, ele deixa um *insight* importante, ainda que não tenha sido discutido pelo autor: a relação entre o que estamos entendendo como as práticas espaciais e a centralidade urbana, estando articulada com aquelas. Esta relação apresenta características muito mais complexas quando são analisadas na escala da cidade, tanto do ponto de vista teórico quanto prático.

Na escala da cidade, as práticas espaciais são mais complexas, porque: a) pessoas de todos os *status* socioeconômicos têm maior possibilidade de consumir em todos os lugares com expressões de centralidade, o que na escala regional não é possível. Pessoas com ganhos mais baixos podem, embora em número reduzido, consumir no hipermercado e no *shopping center* – dependendo do bem ou serviço a ser adquirido –, principalmente se morar perto; b) a existência de uma hierarquia de áreas de concentração comercial e de serviços é relativizada, visto que os consumidores no espaço urbano, por meio das práticas, deslocam-se aparentemente mais numa perspectiva reticular, articulando as diversas áreas de centralidade do que optado por uma ou por outra – embora isso ainda exista – e tendo menos influência determinante a sua posição econômica, como era no caso da abordagem de Corrêa (1977), c) os consumidores, mesmo os de estratos de renda mais baixos, podem também consumir em espaços comerciais teoricamente dos mais "ricos" e modernos, da mesma forma que os de extratos mais altos de renda também podem consumir no subcentro ou no centro principal, d) as práticas espaciais, na escala da cidade, apresentam elementos de segregação espacial, uma vez que o consumo e a centralidade aparecem como aspectos das novas formas de segregação, como analisou Sposito (2013), tema a que voltaremos adiante.

De volta à questão do poder aquisitivo, tomamos o exemplo de Branco, já comentando anteriormente. Seus ganhos, que são de R$ 678,00 – além de uma ajuda que recebe dos pais, valor que não foi revelado[225] – é uma das mais baixas de todos os entrevistados, estando na frente apenas de Dona Mara e João dos Santos, ambos com ganhos de R$ 400,00 e R$ 600,00, respectivamente.

Tal como Yuri, mas com uma renda bem inferior, Branco busca realizar suas compras em espaços que oferecem os melhores preços, ainda que sejam estes espaços distantes de sua casa. Morador do bairro Três Marias, o último bairro ao norte de Juazeiro do Norte, Branco faz suas compras no centro principal da cidade, a 3,4 km da onde mora, e no Pirajá, este já em uma distância maior, a 6,3 km de distância.

Branco tem preferência por fazer suas compras de eletrodomésticos, vestuário e demais bens nas lojas do centro principal da cidade, enquanto que os alimentos ele busca compra-los no Pirajá. Em algumas situações, em que ele não dispõe da sua motocicleta para se deslocar até o Pirajá, faz as compras de alimentos no Mercado Central, até mesmo nas próprias mercearias do bairro, principalmente se for algo que precise ser comprado naquele momento, como o pão, por exemplo.

Desta forma, podemos perceber que pelos exemplos que foram dados a partir das entrevistas, o poder aquisitivo por si só é insuficiente para analisar as práticas espaciais, sendo necessária a articulação dela com outros elementos. Assim, concordamos, então, com Salgueiro (1996, p. 17), para quem as práticas espaciais "resultam principalmente do nível de vida, das taxas de motorização, da organização urbana e até da segurança ou da suposta percepção, das atitudes dos consumidores", além da própria questão das imagens e dos símbolos.

As práticas espaciais de consumo direcionadas aos espaços de comércio e serviços que expressam centralidade e com poder de estruturação da cidade além do centro principal, como os aqui discutidos, gera uma impressão de "democratização do consumo". Michel Araújo, Presidente da CDL da cidade, por exemplo, "vê com muitos bons olhos essa descentralização". Comentando sobre a formação das novas áreas de centralidade ele disse:

> Então eu acho que isso é importante para o município porque ele vai descentralizando a economia, vai criando novos polos comerciais e vai

[225] Esse valor não revelado poderia sugerir que fosse uma quantia grande, o que mudaria a sua posição socioeconômica, mas acreditamos que essa quantia não é grande, porque a entrevista foi realizada na própria residência do entrevistado que sinaliza condições sociais e econômicas baixas.

> desenvolvendo essas novas localidades, então isso traz desenvolvimento econômico pra todo o município, então você começa a crescer não somente para um lado específico e sim o município como um todo [...] Eu sou adepto dessa descentralização pra que a gente realmente crie novos polos e que agente possa desenvolver a cidade como um todo, porque se não a gente vai ficar eternamente dependente do centro; isso aconteceu em grandes cidades e eu acredito que é um processo natural que vai se espalhar mais ainda não é?, atraindo novos investimentos pra esses novos centros comerciais [...][226]. (grifo nosso).

Mas os resultados não são totalmente positivos. À primeira vista as contradições deste processo não são visíveis, mas um olhar mais atento as revela. O surgimento de novas áreas de centralidade, como vimos no capítulo anterior, está ligado à crise da centralidade urbana e da concentração única no espaço urbano, crise esta, que por sua vez, é uma crise da sociedade (FAINLICHT, 1970), e é, ao mesmo tempo, uma crise da cidade tanto do ponto de vista teórico quando do ponto de vista prático (LEFEBVRE, 2008a), que está ligada às questões da segregação espacial (SPOSITO, 2013a).

Estes "novos polos" no espaço urbano se, por um lado, trazem o crescimento da economia urbana, com reflexos na melhoria das condições materiais de existência e potencializando o consumo, visto que ampliam a oferta de bens de consumo e serviços, por outro lado expressa a crise da sociedade e cada vez mais a separação social baseada nos lugares de compras e não apenas no produto que se compra. É como escreveu Capel (2005, p. 483), "las nuevas centralidades comerciales poseen un gran valor simbólico, y el consumo un importante papel para la identificacíon de los indivíduos y de los grupos sociales". Além disso, o crescimento econômico não se traduz em desenvolvimento social, ambos sendo contraditórios entre si[227].

Harvey (2006, p. 170) traz uma contribuição importante para pensarmos as práticas espaciais. Segundo ele, "em uma sociedade vinculada por classes, como a sociedade capitalista, essas práticas espaciais adquirem um conteúdo de classe definido, o que não quer dizer que todas as práticas espaciais possam ser assim interpretadas". Isto é, numa sociedade capitalista, as práticas espaciais assumem, também, um conteúdo de segregação, que no caso aqui debatido refere-se à questão do consumo e da produção de áreas de centralidade na cidade.

[226] Entrevista com Michel Araújo, realizada em 5 de fevereiro de 2013.
[227] Sobre crescimento e desenvolvimento, ver Lefebvre (2008b).

No caso dos novos espaços de consumo, as áreas com expressão de centralidade que são produzidas na cidade que produzem e ou reforçam a segregação socioespacial são, entre outros, os *shopping centers* e os hipermercados. Nesta direção Sposito (2013a) argumenta que

> Esses empreendimentos geram segmentação e seletividade socioespaciais, e, alguns casos chegando a ser uma das condicionantes de processos de segregação socioespaciais, porque reforçam ou radicalizam as lógicas de separação social do uso residencial do espaço urbano. Eles são produzidos para atender certos estratos sociais, conforme determinado padrão de consumo, e geram práticas espaciais novas. Por isso, como resultado não controlado (mas impossível de ser evitado), tanto quanto como condição, alteram o conteúdo social, econômico, político e cultural do centro tradicional. Geram o deslocamento de consumidores que, antes, frequentavam esse setor da cidade, para novos espaços mais modernos, melhor equipados, com áreas de estacionamento, com prestígio e distinção social, garantindo-lhes certo grau de homogeneidade nos espaços de consumo, que é de matriz, sobretudo, socioeconômica, no caso brasileiro (SPOSITO, 2013a, p. 76).

Podemos observar que, ao mesmo tempo em que novas áreas de centralidade são produzidas, o centro principal é redefinido quando aos seus papéis, o que não significa dizer que ele "morre" ou esteja "decadente". Decadente pode ser para uma classe que reproduz este discurso condicionada pela existência de novos espaços que atendem as suas demandas, que do ponto de vista do consumo antes eram realizadas apenas no centro principal a agora tem suas opções de escolha dos espaços para a realização do consumo ampliadas.

Neste sentido, é importante pensar que pela perspectiva das várias áreas de centralidade, a "cidade de escolha não é apenas a cidade por excelência das práticas dos habitantes, mas ela é igualmente uma produção do individualismo do habitante que traduz individualização crescente dos modos de vida nas sociedades contemporâneas" (CHALAS, 2010, p. 34)[228].

Os entrevistados apresentaram, em alguns casos, certo conteúdo de segregação socioespacial, concomitantemente a uma mudança de relação com o centro da cidade. Essa atitude é mais frequente entre aqueles que detêm os maiores rendimentos – não todos –, visto que possuem uma maior mobilidade e liberdade para a escolha dos espaços que realizam o consumo. Isto dá-se, justamente, porque as estratégias de localização produzem uma cidade mais segregada deste ponto de vista, visto que as novas escolhas realizadas pelas "grandes incorporações responsáveis pela implantação das novas superfícies comerciais e de serviços, não procuram a cidade, mas esperam e realizam ações para que a cidade e os citadinos as

[228] Tradução nossa, do original: "La ville au choix est non seulement la ville par excellence des pratiques habitantes, mais elle est également une production de l'ĩndividualisme habitant qui traduit l'ĩndividualisation croissante des modes de vie dans nos sociétés contemporaines" (CHALAS, 2010, p. 34).

procurem" (SPOSITO, 2013a, p. 78), o que dificulta cada vez mais o uso destes espaços para compras das classes de menor rendimento e que dependem exclusivamente dos transportes públicos. A fala de André exemplifica bem como isso se dá no âmbito das práticas espaciais de alguns entrevistados. Segundo ele, a escolha do *shopping* como espaço de consumo é feita pela

> facilidade de acesso, conforto, principalmente por causa do calor, porque entre você escolher ir ao centro de Juazeiro, por exemplo, em um dia de sábado de manhã pra comprar alguma coisa e você ir pro shopping, com ar condicionado, com a facilidade de estacionamento, com certeza eu escolho isso. Às vezes eu pago até mais caro por algumas coisas, mas quando eu penso no tempo que eu economizo, o desgaste que eu tenho, que é menor, eu escolho ir pra lá.

André é o caso mais extremo, entre os entrevistados, daqueles que têm preferência quase exclusiva pelo shopping. Os demais entrevistados variam entre aqueles tem uma posição ambígua, ou seja, vão ao shopping por alguns motivos, mas preferem consumir no centro principal, e aqueles que não vão ao shopping de nenhuma maneira, que nunca foram ou que forma raríssimas vezes.

Além disto, há que se levar em conta que a prática espacial é segregadora na medida em que ela nega a vida urbana, conforme apontou Carlos (2013), e esta negação dá-se na medida em que as práticas espaciais são cada vez mais individualizadas e destroem o sentido da cidade, da reunião, da simultaneidade, ou, nas palavras de Lefebvre (2008a, 2008b) da centralidade. Ou seja, estes novos espaços de consumo reforçam as distâncias sociais, pois "geram uma cidade em que diminuem os espaços de convívio entre todos e na qual a esfera da vida pública se realiza em grande parte em espaços que não são públicos, embora sejam de uso coletivo" (SPOSITO, 2013a, p. 82).

No primeiro grupo, entre os que revelam certa ambiguidade nas práticas espaciais está Sophia, que afirmou que sempre vai ao Cariri Garden Shopping, "por conta do conforto, a gente quer é conforto não é? é, o geladinho, o calor está muito grande [...] serviços de banco eu utilizo [no shopping], supermercados, às vezes restaurantes", mas que quanto às compras prefere o centro principal, porque as compras no shopping são caras, os preços são altos. Alfredo também foi outro que mencionou que gosta de ir ao shopping, de frequentá-lo pelo lazer com a família, aspecto este mencionado também por Sophia. Ana também tem suas práticas espaciais no *shopping center* ligadas ao lazer com o filho e a algumas compras, sendo a maioria destas realizadas em outros lugares. Ainda que tenham práticas espaciais distintas entre si, pode ser observado que o uso do automóvel é o elo em comum entre eles. Este meio

de transporte é um dos principais elementos de segregação nos espaços urbanos contemporâneos, visto que possibilita escolhas que visam a separação e o distanciamento social, aqui mediados pelas práticas de consumo nos novos espaços de concentração de comércio e serviços, principalmente aqueles mais modernos, visto que estão associados ao uso do transporte automotivo ligados com as novas estratégias de localização dos empreendimentos, o que dificulta ainda mais – embora não impeça de maneira absoluta – o uso destes espaços por aqueles que dependem do transporte coletivo. Neste sentido,

> A ampliação do uso do transporte individual em todos os estratos sociais, como a evolução crescente da venda de veículos automotivos mostra, nos últimos anos, é fator primordial de segregação. O automóvel ele mesmo segrega, porque separa com vidros fumês e com seus sistemas de segurança ou de blindagem; porque passa pelos espaços públicos, sem que isso signifique apropriação deles; porque propicia um nível de velocidade na circulação que os meios de transporte coletivo não oferecem. É secundado pelas motocicletas, ágeis e rápidas, favorecendo mais a velocidade, ainda que seus usuários não tenham o mesmo prestígio e seus corpos não estejam tão isolados do espaço em que trafegam. Outras características poderiam ser arroladas, mas friso o essencial, reforçando o que já foi escrito: o transporte automotivo individual oferece relativa liberdade de escolha para seus motoristas, que se tornam "donos" dos itinerários que efetuam, propiciando a segmentação socioespacial, na realização de todos os âmbitos da vida urbana (SPOSITO, 2013a, p. 79-80 – grifo nosso).

E a combinação deste tipo de transporte individual com as novas superfícies comerciais, é muito clara. Em um recente artigo publicado na Folha de São Paulo, Rolnik (2013) apresenta uma reflexão importante para os nossos propósitos, visto que aborda o *shopping center* junto à segregação, a mobilidade por via do automóvel e as transformações na própria cidade. Afirma ela

> Com raras exceções, a lógica dos shoppings é a do modelo de mobilidade por automóvel: chegar de carro, deixá-lo em um estacionamento e usufruir de um espaço que concentra opções de compras, serviços, gastronomia e atividades culturais. A não cidade, fingindo ser cidade, segregada: com raríssimas exceções, os shoppings simplesmente destroem a continuidade do tecido urbano, descaracterizando e matando as ruas ao redor (ROLNIK, 2013, sem paginação).

Quanto aos entrevistados da pesquisa, há ainda aqueles que não frequentam as novas formas comerciais modernas por diversos motivos[229]. Os que fazem parte deste grupo são Dona Mara, Francisca, Branco, João dos Santos e Amanda.

A situação de Branco é interessante para refletir sobre a segregação a partir dos novos espaços comerciais e de serviços. O seu nível socioeconômico é, como vimos um dos mais

[229] Ainda que alguns destes espaços de consumo modernos sejam frequentadas por alguns, com é o caso do hipermercado Atacadão, frequentando por Maria e Amanda.

baixos, pois está situado na camada dos extratos menores quanto aos ganhos mensais. Além disso, a sua fala revela que existe uma barreira simbólica que juntamente com a sua condição socioeconômica faz com que ele "não se sinta bem" neste espaço. Perguntado sobre a frequência com que vai ao Cariri Garden Shopping, ele afirmou o seguinte.

> Raramente eu vou lá [...] Porque, o seguinte [...] depois que foi inaugurado o Cariri Shopping, eu acho que eu fui umas três vezes só lá. Porque uma vez eu fui e me atrapalhei todinho, não sabia onde era que saía, que eu fui de transporte não é?, eu não sabia onde era que entrava, onde era que saia e eu tive que deixar a moto uns 100 metros de distância para poder entrar a pé, ai só ai eu já me atrapalhei todinho. E outra coisa, eu não sei andar direito por lá, lá tem muita loja chique, essas coisas, eu não tenho muito dinheiro pra comprar... pra comprar roupas e alguma coisa de lá não é, eu acho melhor comprar no local que eu sinta mais à vontade, que eu fique mais tranqüilo. (grifo nosso).

Amanda, por sua vez, apresenta, num primeiro momento, uma forma de pensar crítica em relação ao *shopping center*, como um espaço que não frequenta de maneira nenhuma, mas logo em seguida deixa escapar o que parece ser um desejo oculto de frequentar este espaço. Isto é, pode ser observado que, num primeiro momento, existe uma rejeição quanto a este espaço como lugar de compras devido ao fato de, no atual momento, não ter poder aquisitivo que possibilite o uso daquele espaço da maneira que ela gostaria de usar. No entanto, logo em seguida, fica perceptível que em uma eventual elevação de seus ganhos, esta área passaria a ser frequentada, visto que o seu nível socioeconômico tornaria possível o consumo no/do espaço do Cariri Garden Shopping.

> Nunca vou, porque eu odeio shopping, eu acho uma babaquice, até pela questão do poder aquisitivo da gente. As pessoas geralmente vão para o shopping para ficar sapateando para lá e pra cá, sem ter nem o dinheiro necessário para muitas vezes ir ao cinema, fazer um lanche, a diversão que eles acham é ficar... eu acho ridículo aquele sistema de shopping, o capitalismo, as pessoas ficam entre aquelas paredes, pagando muitas vezes pelo consumo daquela central de ar ou do estacionamento, e eu particularmente não gosto, eu só iria se eu tivesse um poder aquisitivo que eu pudesse comprar, consumir o que eu quisesse e o que eu gostasse, mas pra ir ao shopping, resumidamente, eu não vou, não gosto do shopping, a única coisa que eu vou ao shopping é o cinema, e infelizmente o cinema do shopping ainda não está funcionando, é o único serviço lá que me satisfaz.

Pelo que foi dito até aqui, é necessário então buscar, a partir das informações das práticas espaciais dos citadinos, como estas práticas se relacionam com a redefinição da centralidade no espaço urbano. Para contribuir para este debate, é preciso, então, buscar um esforço de síntese que possa abarcar de forma mais ampla o conjunto das práticas espaciais que foram apresentadas pelos entrevistados com o intuito de possibilitar uma apreensão mais geral desta relação.

7.5 Centro, centralidade e práticas espaciais: uma síntese e uma tipologia

A partir do exposto, como podemos contribuir para o debate das práticas espaciais e suas relações com a redefinição da centralidade no espaço urbano de maneira geral a partir dos citadinos de Juazeiro do Norte? Como contribuição para responder esta questão, podemos, então, elencar alguns pontos mais gerais visando uma síntese do que foi exposto.

- As práticas espaciais dos citadinos possuem múltiplas determinações: Ainda que seja importante analisar as práticas espaciais por meio de variáveis específicas (meios de transporte, poder aquisitivo, espaços de consumo etc.) vimos que estes elementos se interpenetram e que a sua articulação potencializa a análise, visto que leva em consideração uma gama variada de determinações que condicionam práticas espaciais que podem ser novas ou não. Por serem muito complexas, as práticas espaciais reduzidas a apenas uma determinação pode levar a interpretações equivocadas e superficiais. Além disto, é necessário afirmar que ao mesmo tempo, em que pesam dimensões socioeconômicas fortes, principalmente em um país como o Brasil, conforme afirma Sposito (2013a), estas mesmas práticas espaciais tem dimensões que são também políticas e culturais, ainda que estes temas não tenham sido tratados aqui devido aos objetivos a que nos propusemos desvelar. Ou seja, elas são também multidimensionais, visto que englobam diversas dimensões para a sua análise[230].

- No âmbito da cidade, as práticas espaciais apresentam-se como componentes essenciais para o entendimento da produção do espaço urbano. Neste sentido, existe uma relação dialética entre as formas espaciais urbanas e as práticas espaciais dos citadinos, uma interpenetração de ambas as perspectivas, que são distintas, mas que não podem ser entendidas em separado, ou, na melhor das hipóteses, a separação compromete o entendimento do todo. É neste sentido que para Salgueiro (1994, p. 72) "a cidade é produzida e apropriada ao mesmo tempo porque é o quadro de vida das práticas cotidianas, e portanto a vivência social que se faz através do uso do espaço implica sempre a sua transformação em novas realidades". Assim, o entendimento da cidade e das questões referentes à centralidade urbana não podem deixar por despercebido o papel dos agentes que usam o espaço-tempo urbanos.

- No que se refere à centralidade na escala da cidade, é possível observar uma cidade em que se superpõem de forma articulada dois tipos de lógicas: - uma hierarquia de áreas de concentração de comércio e serviços, podendo ser entendida como uma hierarquia de centros, desde que estes centros sejam vistos a partir da relação entre o centro principal da cidade (o Centro) e os subcentros, uma vez que estes têm processos de formação semelhantes àqueles – conforme vimos no capítulo anterior; - uma rede de áreas de concentração de estabelecimentos comerciais ou de serviços, ou, como vimos chamando, de áreas de centralidade, isto é, áreas que expressam centralidade para o conjunto da cidade, mas que são diferentes em termos de acessibilidade, surgimento, perfil dos consumidores etc., envolvendo em articulação, o centro principal, o

[230] A noção de *hábitus* de Bourdieu (2007) é uma importante ferramenta metodológica para o entendimento das práticas espaciais. Não a usamos devido a escolhas metodológicas diferentes.

> subcentro (Pirajá), a área do *shopping center* (Cariri Garden Shopping) e a área de desdobramento do centro (Eixo Juazeiro-Crato). Estas áreas não se limitam a exercer os papéis de centralidade apenas à escala da cidade, mas também na escala da rede urbana, visto que são espaços muito procurados pelos consumidores, ainda que este papel de centralidade na escala da rede urbana seja exercido de forma muito distinta por estes espaços.

Este último ponto é particularmente importante para este esforço de síntese que estamos propondo. Esta combinação entre uma lógica de áreas de centralidade hierárquicas com uma lógica de áreas de centralidades em rede[231], que Salgueiro (1996) denomina de pós-hierárquica, só pode ser apreendida por meio das práticas espaciais, pois são elas que concebem às áreas de centralidade suas devidas importâncias para o consumo, sem se deixar esquecer que as próprias condições espaciais destes consumidores influenciam nas suas práticas. Apoiamo-nos em Salgueiro (1996), que afirma:

> É do ponto de vista do consumidor que existe complementaridade entre as várias formas de comércio (de proximidade ou periférico, tradicional ou moderno, grande ou pequeno) que ele usa em tempos diferentes e para responder a motivações e necessidades diversas, embora, na actual estrutura urbana do comércio exista ainda uma combinação de lógicas hierárquicas e não hierárquicas (SALGUEIRO, 1996, p. 190).

Não queremos afirmar, porém, uma predominância do consumidor numa tentativa de reatualização das teorias locacionais do séc. XIX, não é disso que se trata. O que queremos frisar é que, por meio da análise das práticas espaciais dos citadinos, é possível perceber como eles usam a cidade, quais os espaços mais importantes do ponto de vista da realização do consumo, como suas práticas articulam o comércio de proximidade e os espaços comerciais mais distantes. Uma abordagem que leve em conta somente o papel dos consumidores é tão incompleta e tão insuficiente quanto uma abordagem que leve em conta apenas os agentes econômicos e as formas espaciais produzidas por eles.

Neste sentido, concordamos que "a diversidade de centralidades do policentrismo reticular favorece a prática do habitante da cidade da escolha, tanto quanto esta prática do

---

[231] É importante lembrar que a lógica em rede também se dá no âmbito da organização empresarial das empresas de comércio e serviços varejistas. Como afirmou Corrêa (2008, p. 49) "À semelhança das grandes empresas industriais e dos grandes bancos, o comércio varejista, seja vinculado a um relativamente autônomo capital comercial, seja como um ramo do capital das grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas, apresenta uma crescente tendência a se organizar cada vez mais em redes, tanto por meio de lojas filiais, com controle direto, como por meio de lojas com franquia, submetidas a um controle indireto". No âmbito do espaço urbano, Chalas (2010) afirma que a lógica reticular é uma das características da relação entre o centro e a centralidade na urbanização contemporânea, superando a lógica areal.

habitante da cidade da escolha reforça o policentrismo reticular das territorialidades contemporâneas"[232] (CHALAS, 2010 p. 33).

Assim, as práticas espaciais dos citadinos são diferentes em uma cidade em que estas duas lógicas se sobrepõem, e os mesmos usam a cidade, do ponto de vista do comércio e dos serviços, de maneiras distintas. Sposito (2013a), atentando para as relações entre centralidade urbana e segregação socioespacial, propôs como tendência uma distinção dos citadinos a partir das maneiras que eles usam a cidade. A autora apresenta uma caracterização baseada em dois grupos: - aqueles que são mais cativos ao uso do centro principal e ao(s) subcentro(s) da cidade, que se deslocam preferencialmente de ônibus e/ou trem, dependendo da cidade, e como o menor poder de compra, seriam os citadinos da cidade monocêntrica e multicêntrica; - aqueles que se deslocam em seus transportes individuais e que tem maiores oportunidades de escolhas, tanto do ponto de vista residencial como do consumo, seriam os citadinos da cidade multi(poli)cêntrica.

A distinção em dois grupos relatada acima é útil para o nosso esforço de síntese. Entretanto, com base nas entrevistas realizadas por nós, pensamos que um terceiro e quarto grupos poderiam se acrescentados a partir do desmembramento dos dois apresentados pela autora, visto que os citadinos da cidade monocêntrica não são necessariamente os citadinos da cidade multicêntrica e que os citadinos da cidade multi(poli)cêntrica, não são necessariamente os da cidade policêntrica. Nesse caso, no âmbito das práticas espaciais, podemos pensar da seguinte maneira:

- As práticas espaciais dos citadinos da cidade monocêntrica: Os usos do espaço e do tempo pelos citadinos têm como referência fundamental o centro principal da cidade. É neste espaço onde são realizados todas as suas práticas que necessitam de um distanciamento além da sua residência ou do comércio de proximidade, desde que este comércio de proximidade não seja num subcentro próximo à sua residência. O consumo, o lazer, o trabalho e demais práticas – ou somente algumas delas – dão-se, na medida em que elas são postas em ação, sobretudo neste espaço (o Centro). A ida à Igreja, à praça principal, ao Mercado Central, o uso dos bancos e as compras feitas nos mercadinhos, mercearias e até no supermercado, bem como nas lojas de eletrodomésticos e demais necessidades são realizadas no centro principal. Mencionamos ainda que as determinações socioeconômicas, o poder de compra, o uso de transporte, sobretudo o coletivo, são também aspectos das práticas espaciais dos citadinos da cidade monocêntrica. As outras áreas de concentração de comércio e de serviços são conhecidas por eles, mas não são frequentadas por uma série de

[232] Tradução nossa, do original: "La diversité des centralités du polycentrisme réticulaire favorise la pratique habitante de la ville au choix, tout autant qu'en retour cette pratique habitante de la ville au choix renforce le polycentrisme réticulaire des territorialités contemporaines" (CHALAS, 2010, p. 33).

constrangimentos e opções, como a idade, renda, transporte etc. Essa condição espacial de depender exclusivamente do centro da cidade não é eterna, pois pode ser alterada ao longo do tempo, tanto no que se refere a uma ampliação das possibilidades de escolhas de diferentes áreas de centralidade para realização de consumo, como estas possibilidades podem ser com o tempo, também, reduzidas – por exemplo, as práticas espaciais dos idosos. Dos nossos entrevistados, os citadinos que têm suas práticas espaciais na cidade monocêntrica são justamente os dois idosos, Dona Mara e João dos Santos, com 64 e 83 anos de idade, respectivamente.

- As práticas espaciais dos citadinos da cidade multicêntrica: A cidade multicêntrica é usada pelos citadinos de maneira semelhante à cidade monocêntrica. Isso se dá porque o processo de formação dos subcentros e demais áreas que configuram uma lógica hierárquica de centros são semelhantes aos processos que produzem o centro principal[233]. De forma mais ampla que os citadinos da cidade monocêntrica, os daqui têm outra opção de escolha que é condicionada por diversos motivos já mencionados anteriormente, como o meio de transporte disponível, o poder aquisitivo, os preços dos produtos, que por vezes fazem os consumidores se deslocarem a distâncias maiores do que as que eles precisariam se deslocar para poder conseguir seus bens de consumo. No caso de Juazeiro do Norte, os citadinos que têm suas práticas espaciais em torno da cidade multicêntrica são aqueles que usam tanto o centro principal como o subcentro Pirajá, ainda que de forma diferente entre si, uns usam mais o Pirajá que outros, enquanto que outros usam mais o centro da cidade, e ainda aqueles que usam de forma um tanto equiparada estes dois espaços. Dos nossos entrevistados, Branco, Francisca, Yuri são os que, em suas falas, revelaram o uso do espaço urbano desta forma, com nuances que condicionam usos do espaço e do tempo de maneira distintas.

- As práticas espaciais dos citadinos da cidade multi(poli)nucleada[234]: A cidade multi(poli)nucleada é aquela que a lógica reticular expressa pela configuração espacial das áreas de concentração de comércio e serviços se articula com a lógica hierárquica. Neste sentido, os citadinos têm maiores possibilidades para a realização das suas práticas espaciais. As condicionantes do transporte automotivo e as motocicletas são fundamentais para alguns deles de deslocarem e consumirem de forma mais "livre". Entretanto, os que se deslocam por ônibus – alguns deles somente – realizam suas práticas de consumo além da lógica hierárquica, ou seja, além do centro principal e do subcentro. Estes citadinos têm maiores oportunidade de escolha de espaços, principalmente aqueles que se deslocam de automóvel, visto que os que dependem do transporte coletivo, ainda que frequentem os mesmos espaços e consumam nos mesmo espaços – de forma bem diferente, é claro, pois os citadinos de maior poder de compra consomem, por exemplo, não apenas o espaço do shopping, mas no próprio shopping, como roupas e acessórios de grife, o que é mais difícil acontecer com aqueles de menor poder de compra, que consomem, em grande maioria, apenas a praça de alimentação e no setor de jogos eletrônicos – têm condições socioespaciais diferentes e são muito variados de diversos pontos de vista (poder aquisitivo, local de moradia, meios de transporte etc.) mas ainda assim, entre todos os espaços que foram escolhidos para a pesquisa, eles são os que mais conseguem articular a lógica

[233] Sobre isso, ver Sposito (2013a).
[234] O uso desta expressão se justifica pela coerência com o nosso argumento apresentado na última seção do capítulo anterior.

hierárquica da cidade multicêntrica com a lógica reticular da cidade multi(poli)nucleada. Frisamos ainda que estes citadinos não consomem necessariamente em toda uma área, ou seja, no caso do Eixo Juazeiro-Crato, é apenas o Atacadão que é o espaço de consumo, visto que os outros estabelecimentos encontrados neste eixo são segmentados e especializados socioeconomicamente. Nesse grupo, estão os entrevistados André, Ana, Alfrêdo, Antônio, Sophia, Paulo, Jéssica, Maria, Amanda

- As práticas espaciais dos citadinos da cidade polinucleada: Por fim, existiria um outro tipo de práticas espaciais, que seriam a dos citadinos da cidade polinucleada. São aqueles que não articulam a cidade multicêntrica, de lógica hierarquizada (centro principal e subcentros) com a cidade polinucleada, de lógica reticular. Realizam suas práticas somente a partir desta última lógica, mas com uma diferença fundamental em relação aos citadinos da cidade multi(poli)nucleada, que é que esta articulação de rede só é posta em prática entre as áreas de comércio e serviços que exercem centralidade no conjunto da estrutura urbana sem que se consuma ou use os espaços da cidade multicêntrica, ou seja, estes citadinos consomem exclusivamente em espaços como *shopping centers*, centros empresariais, hipermercados, entre outras formas comerciais modernas. Estão incluídos aqui aqueles que consomem, também, nos interiores dos espaços residenciais fechados distantes da própria cidade, visto que estes produtos imobiliários, além de oferecer produtos residenciais, têm incluídos neles, em alguns casos, áreas comerciais e de lazer. Este é talvez o caso mais exacerbado de segregação socioespacial por meio do consumo, visto que os espaços tradicionais que surgiram ao longo da estruturação da cidade são renegados e não frequentados por esses consumidores que visam se separar tanto socialmente quanto espacialmente. Dos nossos entrevistados nenhum se encaixa nesta classificação, o que não impede de propô-la enquanto elemento de análise das práticas espaciais dos citadinos, no que se refere ao consumo, tanto no espaço quanto do espaço, independentemente do que se esteja consumindo (roupas, acessórios, materiais de limpeza e higiene, automóveis etc.).

Este é o resultado a que chegamos a partir da análise das práticas espaciais dos entrevistados residentes na cidade de Juazeiro do Norte. Acreditamos que essa classificação, embora seja uma primeira aproximação analítica, a partir da elaboração realizada por Sposito (2013a), pode ser útil na realização de mais pesquisas a cerca deste tema, que pode, confirma-la, avançar a partir dela e/ou refutá-la por meio do estudo das práticas espaciais nas cidades médias brasileiras situadas em outras formações socioespaciais.

8. SÍNTESE DA SEGUNDA PARTE

A reestruturação do espaço urbano na cidade de Juazeiro do Norte assume nuances por meio das quais se evidenciam processos contraditórios e complementares. As tensões entre as permanências e as mudanças, o novo e o velho, o tradicional e o moderno aparecem de maneira clara quando analisamos a redefinição da centralidade no espaço urbano.

Foi possível observar, no decorrer da análise, que a década de 1980 é o período em que novas lógicas passam a atuar na produção da cidade de Juazeiro do Norte. O foco recaiu no estudo das novas localizações da atividade econômica terciária que em meados desta década deu início ao surgimento do Pirajá, com a construção do Mercado Público naquela área, que influenciou o deslocamento paulatino de atividades antes encontradas somente no centro da cidade. Assim, Juazeiro do Norte passou de uma cidade monocêntrica, em que apenas o centro ofertava comércio e serviços, para uma cidade multicêntrica, compondo uma hierarquia de centros – o principal e o Pirajá, este como subcentro – que vai se consolidando ao longo dos anos 1990. Além disso, a explosão demográfica desta cidade, a produção habitacional que provoca rupturas no tecido urbano gerando descontinuidades territoriais urbanas, aliados às novas determinações político-econômicas com o "Governo das Mudanças" e o papel crescente das cidades médias no processo e urbanização brasileira, são características deste período.

O momento da passagem da cidade monocêntrica à cidade multicêntrica é caracterizado como parte do ainda processo de estruturação da cidade. Isto porque o surgimento de um subcentro não rompe com a "sistemática tradicional de produção da centralidade", pois este faz parte do mesmo sistema do centro principal, conforme apontou Tourinho (2004). Uma reestruturação, por sua vez, se torna possível a partir do momento em que a estruturação da cidade se altera significativamente, e tal processo só ocorre após o Cariri Garden Shopping se instalar na cidade, ainda que este processo de reestruturação não tenha se dado de forma repentina, visto que, como nos lembrou Michel Araújo, este empreendimento demorou ainda alguns anos para poder se firmar. O Cariri Garden Shopping é o exemplo da defasagem temporal que acontece quando empreendimentos deste tipo são inaugurados, sendo necessário algum tempo para que eles de fato façam parte da dinâmica econômica e das práticas espaciais dos citadinos, conforme apontou Sposito (2003).

Desta forma, vimos que o processo de reestruturação não está totalmente ligado à redefinição da centralidade, pois a passagem da cidade monocêntrica à multicêntrica, ainda que redefina a localização das atividades no espaço urbano, não altera de forma significativa a produção da cidade.

A reestruturação da cidade só se relaciona com a redefinição da centralidade urbana a partir do momento em que novos agentes econômicos passam a atuar na cidade e produzem espaços de consumo fora do centro principal a partir de outra lógica, agora calcada nas grandes superfícies comerciais, estas sim, alterando o próprio processo de estruturação da cidade e de fato ensejando práticas espaciais outras além daquelas que permeavam as da cidade mono e multicêntrica. O Cariri Garden Shopping, em 1997, inicia este processo, que se intensifica de maneira mais rápida a partir de meados para o final da década de 2000, com a chegada das Lojas Americanas e do Atacadão, em 2006 e 2009, respectivamente. Mais recentemente, a instalação dos hipermercados das empresas de capital internacional Atacadão (Carrefour), Hiper Bompreço, Maxxi (Wal-Mart), e por último, o Assaí (Cassino-Pão de Açúcar), além das diversas franquias que se instalaram na cidade, reforçam este processo de reestruturação do espaço urbano.

Estas mudanças em Juazeiro do Norte, embora sejam recentes em relação a outras cidades médias brasileiras, que tiveram sua estruturação alterada com a chegada destes novos equipamentos urbanos, são intensas. Isso se refletiu nas práticas espaciais dos consumidores, na valorização do preço do solo urbano, na produção de novos espaços de moradia – os condomínios fechados que estão aumentando nos últimos anos –, na verticalização e na expansão urbana. Neste sentido, os agentes pertencentes a uma elite local – o ex-prefeito Manoel Salviano, por exemplo, encabeçando obras de grande porte, como a construção de edifícios comerciais e residenciais – convivem com a atuação dos agentes econômicos de capital internacional, como os das grandes superfícies comerciais, na reestruturação da cidade.

É importante lembrar que pela nossa análise todas estas transformações não aniquilaram o aspecto tradicional e as permanências da cidade do passado, que poderíamos chamar de "Juazeiro do Padre Cícero". As romarias, o simbólico que ainda tem um papel importante na produção desta cidade e, sobretudo no reforço da centralidade do centro principal da cidade, são os principais aspectos que ainda permanecem no presente e que se digladiam com o novo que surge e parece querer expurgá-lo. Mais do que extinguir os referenciais do passado, de uma cidade que foi construída e produzida nos marcos de um

projeto de humanização e civilização da Igreja Católica e sob os direcionamentos do Padre Cícero, os processos atuais por qual Juazeiro do Norte passa e que a transformam, cada vez mais, em uma "cidade do capital", denunciam que as permanências têm um importante papel na constituição da cidade, e isto ficou perceptível na produção da cidade e do seu Centro ao longo desta segunda parte da pesquisa.

Para alguns, a coexistência entre o velho e o novo seria sinônimo de equilíbrio, sendo apenas as cidades médias capazes de dosarem na medida certa estes dois aspectos, como afirmou Michel (1997, *apud* AMORIM FILHO, 2007, p.71), quando escreveu que "a cidade média é celebrada como a única apta a guardar a boa medida entre o antigo e o novo, a manter o justo equilíbrio entre a tradição e o modernismo, a dosar, em proporção equitável, o conformismo e a inovação".

Não se trata bem de um equilíbrio, mas sim de uma tensão permanente e de um imbricamento em que o tradicional, representado pelos aspectos míticos e religiosos das romarias da "cidade do Padre Cícero" se articula e entra em tensão e contradição com as inovações modernas empreendidas pelas novas formas comerciais da "cidade do capital" que a articula cada vez mais aos circuitos da economia globalizada.

Estas permanências são observadas pelo papel ainda fundamental do centro principal da cidade. Este é a área que concentra a maior parcela de comércio e serviços, tanto em número absoluto quanto em números relativos, é o nó da rede de transporte coletivo, em que praticamente todas as linhas de ônibus passam por ele, e é também um dos principais lugares em que os citadinos realizam seu consumo. Mais ainda, se diferencia das outras áreas da cidade por fazer parte da memória coletiva dos citadinos, pela sua representação enquanto espaço em que viveu e atuou personagens históricos bem como de acontecimentos míticos, no caso aqui o "milagre da hóstia". Portanto, o papel do centro principal de Juazeiro do Norte é ainda grande, o que não deve ser confundido com uma monocentricidade. O centro é, como sugerimos no capítulo anterior, o espaço em que a multi(poli)centralidade, em sua multiplicidade e diferença – social, econômica, simbólica, política, histórica – se manifesta com maior força, por isso se diferencia das demais áreas.

Por outro lado, o surgimento dos novos espaços de comércio e serviços, concentrados em áreas distintas produziu uma estruturação multi(poli)nucleada, em que estes novos espaços passaram a fazer concorrência com o centro da cidade, e que por vezes influência os deslocamentos de consumidores em escalas espaciais mais amplas, no caso o Cariri Garden

Shopping e as grandes superfícies comerciais varejistas localizadas na Avenida Padre Cícero, no Eixo Juazeiro-Crato.

Desta forma, o processo que se observa é de uma desconcentração de atividades comerciais e de serviços, mas não uma descentralização, visto que o centro, embora não mais sozinho, ainda tem um peso significativo no comando do processo de produção do espaço urbano e de estruturação da cidade. A crise do centro é, então, vista pelas mudanças funcionais e usos sociais promovidas pela desconcentração das atividades comerciais e de serviços.

Os espaços de consumo ensejam diversas práticas espaciais dos consumidores e vimos como isso se deu a partir dos consumidores em Juazeiro do Norte. No âmbito das entrevistas fica mais claro como estes novos espaços alteraram as práticas de alguns dos citadinos. É importante notar que no aspecto das práticas espaciais as permanências também são visíveis, e não é a toa que o centro aparece, de uma forma ou de outra, na fala de muitos dos entrevistados, seja como espaço de consumo exclusivo para alguns (os citadinos que têm práticas espaciais associadas à monocentricidade), como um espaço que tem tanta importância como outros (os citadinos com práticas espaciais na cidade multicêntrica), ou apenas como um espaço que complementa algum consumo ou serviços (aqueles citadinos das práticas espaciais da cidade multi(poli)nucleada). Desta forma, conseguimos perceber que existem duas lógicas que influenciam as práticas espaciais dos citadinos e são por elas reforçadas, que são – a lógica hierárquica, daqueles que usam o centro principal e o subcentro Pirajá; - e a lógica reticular, que é a da articulação entre as diferentes áreas de concentração de comércio e serviços que expressam centralidade no âmbito do espaço urbano pelas práticas espaciais dos citadinos. É a cidade da escolha, nas palavras de Chalas (2010) que possibilita o uso do tempo e do espaço para o consumo em diversas áreas com expressões de centralidade ao mesmo tempo em que a centralidade destas áreas é reforçada por essas práticas.

PARAMOS POR AQUI, MAS AINDA HÁ O QUE SER FEITO

Ao chegarmos à conclusão de uma pesquisa como a que gerou esta dissertação, temos a sensação de ter alcançado nossos objetivos. Ao longo da investigação que se deu, tanto na dedicação do tempo às leituras como aos trabalhos de campo e às análises dos dados produzidos, percebemos que algumas coisas mudaram desde o projeto inicial até chegar a este momento. Alguns elementos foram introduzidos no processo de investigação ao mesmo tempo em que alguns se tornaram secundários e outros até mesmo esquecidos. Faz parte da pesquisa, que é feita de escolhas, tanto teóricas quanto metodológicas e é por isso que a ciência está em constante transformação.

Sendo assim, as lacunas que este texto apresenta e que serão notadas a partir do momento em que os leitores se debruçarem sobre ele, justificam-se pelo fato de que o real é um conjunto amplo de relações, detalhes, de elementos e particularidades que são captadas numa totalidade, mas que "esse conjunto, essa totalidade, por outro lado, jamais podem coincidir com a totalidade do real, com o mundo" (LEFEBVRE, 1987, p. 112). Ou seja, ao eleger um objeto de pensamento e penetrar no seu interior, destacamo-lo da totalidade, esta que enquanto tal, jamais pode ser alcançável em sua plenitude.

Ao propor um estudo sobre a cidade de Juazeiro do Norte enquanto cidade média a partir da perspectiva de análise que procura elucidar o processo de estruturação espacial urbana, tendo como de fundamental importância o centro da cidade, teríamos que levar em conta uma série de elementos, agentes, processos e escalas. Neste sentido, deparamo-nos com dificuldades que foram importantes que nos fizeram enxergar que o objeto de pensamento proposto para o estudo é muito mais complexo do que imaginávamos, e que só poderíamos captá-lo por um ponto de vista, o construído por nós, a partir da nossa vivência, experiência empírica e diálogo com a bibliografia. Com isso, chegamos a uma conclusão – não a única – que tínhamos mais ou menos esboçada ao iniciarmos este trabalho: é preciso pesquisar mais a cidade de Juazeiro do Norte para além da perspectiva religiosa, sempre tão valorizada, mesmo sabendo que esta não deve, em nenhum momento, ser ignorada ou desprezada, mas é necessário avançar por outros campos, com outras questões, outros problemas a serem enfrentados, no caso aqui o de uma análise espacial da cidade, que incorpore novos elementos, novos processos e os articule com o mundo, sem que reduzir-se a análise a apenas um fator.

A leitura de obras quase esquecidas da literatura local sobre esta cidade, escrita algumas delas por viajantes e/ou personalidades que relataram e descreveram o que presenciaram, mesmo que em tons que revelam, às vezes, preconceitos, estigmas, visões de classe etc., com a devida articulação entre as propostas teórico-metodológicas que iluminaram o percurso foi essencial para o desenvolvimento desta pesquisa, visto que contém informações fundamentais sobre a expansão da cidade e sobre a vida urbana desta cidade ao longo do tempo.

Esta incursão tornou possível uma recomposição mais detalhada e precisa da geografia histórica urbana de Juazeiro do Norte até a década de 1980, período este de inflexão na urbanização brasileira, com a inserção de novos agentes e de novos processos na produção do espaço urbano e na estruturação das cidades brasileiras, que não atingiu de forma imediata a lógica de estruturação desta cidade que acontecia até os anos 1980.

Na estruturação da cidade de Juazeiro do Norte na longa duração, averiguamos que o período que corresponde de 1872 a 1930 é notadamente marcado pelas ações dos agentes locais, principalmente o Padre Cícero e o médico baiano Floro Bartolomeu, além da atuação do poder público, do Estado e dos comerciantes e proprietários fundiários, sem esquecer na fundamental contribuição dos romeiros e migrantes que fizeram com que o contingente demográfico de Juazeiro crescesse a ritmos acelerados no final do século XIX e início do século XX.

Por ouro lado, a produção do espaço também teve interferência de processos oriundos de escalas mais amplas, em que as reviravoltas políticas da Primeira República e a demanda por alimentos, mão-de-obra para construção de açudes e barragens no Nordeste e, sobretudo o algodão, este na escala internacional, foram decisivos na estruturação desta cidade, que foi sendo produzida num padrão centro-periferico clássico, com o centro concentrando, além das habitações das classes mais abastadas e a infraestrutura de melhor qualidade naquele período, o comércio e os serviços. O centro da cidade comandava a vida de relações da urbe, e assim o foi até meados da década de 1980.

Já, no que concerne ao interregno temporal entre 1930 a 1980, outros agentes passaram ao primeiro plano da atuação política e econômica, da mesma forma os locais e as influências de escalas mais amplas. Neste período, Juazeiro do Norte deixa de ser uma cidade que tinha por base econômica a agricultura, até os anos 1950, para o comércio e os serviços roubarem a cena assumirem o posto de principal atividade econômica, consolidando-se

décadas depois, ainda que a indústria tivesse um peso considerável na economia urbana da cidade.

Mas é, somente após 1980, que novas lógicas passam a se tornar visíveis na produção da cidade. O surgimento do Pirajá, que se consolidou na década de 1990 como subcentro, e a instalação em 1997 do Cariri Garden Shopping foram decisivas na alteração da estruturação do espaço urbano. Já, nos anos 2000, a chegada das grandes superfícies comerciais varejistas de capital internacional não deixam dúvida sobre a existência de um processo de reestruturação latente ocorrendo de forma rápida, ainda que seja recente.

É justamente neste último período que podemos constatar alterações no âmbito da estrutura urbana que nos permitem qualificar uma reestruturação, visto que além dos agentes econômicos, que passam a atuar, e das novas lógicas, que produzem um espaço urbano com novos pontos de concentração de comércio e serviços, as práticas espaciais dos citadinos, antes dependentes exclusivamente do centro da cidade, passam a ser alteradas, primeiro com o Pirajá e, em seguida, com a abertura do Cariri Garden Shopping, que é o ponto de inflexão, a partir do qual podemos entender a reestruturação desta cidade.

Essa rápida caracterização é apenas para evidenciar o que tínhamos proposto a fazer, mas sabemos que, neste percurso, outros processos, ainda que importantes para entender Juazeiro do Norte e as cidades médias contemporâneas, sobretudo as brasileiras, ficaram de lado e outros talvez nem tenham sido citados no decorrer do texto.

Chamamos a atenção aqui, ainda que de maneira rápida, para alguns deles. Ressaltamos que o intuito disto é apontar, sem pretender esgotar, alguns caminhos que parecem ser importantes para se entender as lógicas de produção do espaço urbano contemporâneo e que mereceriam um olhar mais atento, no que diz respeito à cidade que foi estudada aqui.

O primeiro é referente à valorização da terra urbana e ao mercado imobiliário superaquecido. Tal como na maioria das grandes e médias cidades do Brasil, Juazeiro do Norte tem sido vista nos últimos seis ou sete anos como um espaço extremamente rentável do ponto de vista do mercado imobiliário, resultando até em uma matéria na revista Construção Mercado, número 143, de junho de 2013, na seção “Rota de Negócios”.

São muitos os investimentos que têm sido feitos, lançamento de prédios comerciais, edifícios residenciais e condomínios residenciais fechados. Esta é uma nova realidade socioespacial que passa a fazer parte da vida de relações da cidade de Juazeiro do Norte,

merecendo um estudo que busque um aprofundamento sobre quais os processos econômicos, políticos e sociais que incidem nesta cidade e que tornaram o preço da terra urbana tão caro nos últimos anos, como vimos no capítulo 6. Isto também está ligado à demanda imobiliária que é praticamente desconhecida, a não ser pelos corretores e pelos agentes econômicos que atuam no setor. É necessário então se perguntar quais empresas atuam neste setor, como atuam, suas articulações com o Estado e o poder público local, os preços dos imóveis, a demanda, as classes sociais e os estratos de renda que são visados por estes agentes etc.

Em relação com o primeiro ponto há um segundo, que merece destaque: o aumento dos condomínios fechados horizontais e verticais que têm se propagado com mais intensidade na última década.

Estes empreendimentos, é sabido, mudam a forma da cidade e a morfologia urbana, alterando o processo de estruturação do espaço urbano, as práticas espaciais dos citadinos e provocam, em certas circunstâncias, um processo de reestruturação do espaço urbano (SPOSITO, 2006). Neste sentido, diante de uma oferta cada vez maior de lançamento destes produtos imobiliários em Juazeiro do Norte, entre os quais podemos citar, por exemplo, o Barão de Juá, que é um loteamento em condomínio fechado divulgado como de alto padrão[235], e o Unique Condomínium, um complexo de três torres, duas comerciais e uma residencial[236], próximo ao Cariri Garden Shopping, qual é a relação que os citadinos que moram em espaços como este têm com a cidade? O que pensam sobre a cidade em que vivem? Quais são as estratégias discursivas para a comercialização destes produtos?

Neste sentido, o programa do Governo Federal "Minha Casa, Minha Vida", também implantado nesta cidade, sugere novas investigações a respeito do processo de produção do espaço urbano. São muitos temas e muitos olhares que podem ser lançados sobre o fenômeno urbano em Juazeiro do Norte.

Por fim, um último, que estaria mais próximo das nossas pretensões neste trabalho, mas que não foi possível de ser realizado, visto que demandaria uma nova pesquisa, é a relação entre os romeiros, suas práticas espaciais e a centralidade urbana. Como se comportam os romeiros frente ao surgimento de novos espaços de consumo que expressam centralidade na cidade de Juazeiro do Norte? Para eles, o centro principal ainda tem o peso que tinha décadas passadas? E para aqueles romeiros que aparentam ser de estratos mais altos,

---

[235] Sobre este empreendimento, consultar o site: <http://baraodejua.com.br/>. Acessado em 10 nov. 2013.
[236] Sobre este empreendimento, consultar o site: < http://www.baseeng.com.br/index.php/base-incorporacao-lanca-o-unique-condominium-em-juazeiro-do-nortece/>. Acesso em 26 nov. 2013.

que se hospedam em hotéis e viajam de carro? Quais as diferenças entre os romeiros e os turistas religiosos? Enfim, o leque temático de pesquisas é muito amplo e longe de querer esgotá-lo aqui, levantamos apenas alguns que, para nós, merecem uma atenção especial ao ponto de serem pesquisados em profundidade.

Para finalizar, voltamos ao conteúdo deste trabalho, para registrar que esperamos que ele possa contribuir de algum modo para a compreensão das transformações urbanas nas cidades médias brasileiras, a partir da questão das lógicas econômicas e das práticas espaciais referentes a centralidade urbana, ao mesmo tempo em que ajude a entender melhor a produção da cidade de Juazeiro do Norte e o seu papel na vida das pessoas.

Muito ainda precisa ser feito e o que aqui está escrito é apenas um pequeno passo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SHOPPING CENTERS (ABRASCE). *Censo brasileiro de shopping centers 2012-2013*. São Paulo: Editora Casa Nova, 2013.

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011, p. 19-39.

_____. A cidade brasileira: 1870-1930. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org). *Urbanização e cidade*: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: GAsPERR, 2001. p. 35-44.

ALVES, Joaquim. Juazeiro, cidade mística. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará*, Fortaleza, p. 73-101, 1948.

_____. O Vale do Cariri. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará*, Fortaleza, p. 94-133, 1945.

_____. O Vale do Cariri: seu povoamento e desenvolvimento econômico. *Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 390-422, 1952.

AMORA, Zenilde Baima; COSTA, Maria Clélia Lustosa. Olhando o mar do sertão: a lógica das cidades médias no Ceará. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). *Cidades Médias:* Espaços em Transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 343-378.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Cidades médias e a organização do espaço no Brasil. *Revista Geografia e Ensino*, Belo Horizonte, v. 2, n.5, p. 5-34, 1984.

_____. Origens, evolução e perspectivas dos estudos sobre as cidades médias. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). *Cidades médias*: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 69-87.

ANDRADE, Thompson A; LODDER, Celcius A. *Sistema urbano e cidades médias no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, 1979.

ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero*: Mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

ARAÚJO, Raimundo; BEM FILHO, Mário. *Dados biográficos dos homenageados em logradouros públicos em Juazeiro do Norte*. Fortaleza: ABC, 2000. 2 v.

ARAÚJO, Maria de Lourdes de. *A cidade do Padre Cícero*: Trabalho e Fé. Fortaleza: Impeh, 2011.

ARAÚJO, Iara Maria. *Novos espaços produtivos*: relações sociais e vida econômica no Cariri cearense. 2006. 229 f. Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação e Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

ASCHER, François. Metropolização e transformação dos centros das cidades. In: *OS CENTROS DAS METRÓPOLES*: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Terceiro Nome/ Associação Viva o Centro/ Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 59-67.

BANCO DO NORDESTE. *Juazeiro do Norte* (Folheto distribuído em função da inauguração da nova agência do Banco do Nordeste em Juazeiro do Norte). Fortaleza, 1978.

BARBALHO, Alexandre. Os modernos e os tradicionais: cultura política no Ceará contemporâneo. *Estudos de Sociologia*. Araraquara, v. 12, n. 22, p. 27-42, 2007.

BARROS, Haidine da Silva. O Cariri cearense: o quadro agrário e a vida urbana. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p. 549-592, 1964.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *O Juazeiro do Padre Cícero: a Terra da Mãe de Deus*. 2 ed. Fortaleza: Imeph, 2008 [1988].

BARREIRA, César. Os pactos na cena política cearense: passado e presente. *Rev. Inst. Est. Bras*. São Paulo, v. 40, p. 31-49, 1996.

BASTID, Roger (Org). *Usos e sentidos do termo "Estrutura"*. São Paulo: Edusp, 1971.

BAUDRILLARD. Jean. Hipermercado e hipermercadoria. In: _____. *Simulações e simulacros*. Lisboa: Antropos, 1991. p. 97-101.

BARBALHO, Alexandre. Os modernos e os tradicionais: cultura política no Ceará contemporâneo. *Estudos de Sociologia*. Araraquara, v. 12, n. 22, p. 27-42, 2007.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. Méthode d'étude pour le centre des villes. *Annales de Géographie*, Paris, v. 74, n. 406, p. 695-707, 1965.

_____. Le centre des villes a-t-il encore un avenir? *Annales de Géographie*, Paris, v. 79, n. 434, p. 494-496, 1970.

_____. Centre. In: MERLIN, Pierre. CHOAY, Francoise. *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*, Paris: PUF, 1988. p. 119-120.

_____. Centre urbain. In: MERLIN, Pierre. CHOAY, Francoise. *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*, Paris: PUF, 1988. p. 123-124.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. Interligação dos núcleos populacionais. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, n. 210, p. 3-44, 1969.

BESSERRA, Fábio. Reestruturação do capital e o reordenamento socioespacial da indústria calçadista na Região do Cariri. In: HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante; AMORA, Zenilde Baima (Org.). *Leituras e Saberes Sobre o Urbano:* cidades do Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010. p. 139-163.

BEZERRA, Maria Alacoque. *José Bezerra de Menezes*: o pacificador: Crato: IPESC, 1995.

BONNET, Jacques; TOMAS, François. Centre et périphérie: Eléments d'une problématique urbaine. *Revue de géographie de Lyon*, Lyon, v. 64 n. 1, p. 3-12, 1989.

BORJA, Jordi. Urbanização e centralidade. In: *OS CENTROS DAS METRÓPOLES*: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Terceiro Nome/ Associação Viva o Centro/ Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 69-71.

_____. Grandes projetos metropolitanos: mobilidade e centralidade. In: *OS CENTROS DAS METRÓPOLES*: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Terceiro Nome/ Associação Viva o Centro/ Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 73-85.

BOURDIEU, Pierre. Os espaços dos pontos de vista. In: _____. (Org). *A miséria do mundo*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 11-13.

_____. Efeitos do lugar. In: _____. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 159-166.

_____. O habitus e o espaço dos estilos de vida. In: _____. *A distinção*. São Paulo: Edusp, 2007. p.162 - 211.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. A longa duração. In: _____. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 41-78.

_____. *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BRUNET, Roger *et al*. Centre-ville. In: _____. *Les mots de la géographie*: dictionnaire critique. 3 ed. Montpellier-Paris: RECLUS, 1993a. p. 96.

_____. Centre commercial. In: _____. *Les mots de la géographie*: dictionnaire critique. 3 ed. Montpellier-Paris: RECLUS, 1993b. p. 96.

BURGEL, Guy. La périphérie urbaine revisitée. *Espace, populations, sociétés*, p. 359-366, 1991-2. Les franges périurbaines Peri-urban fringes.

BURGESS, Ernest W. O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa. In: PIERSON, Donald (Org). *Estudos de Ecologia Humana*. Leituras de Sociologia e Antropologia Social. São Paulo: Martins Fontes, 1948 [1925]. p. 353-368.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A prática espacial urbana como segregação e o "direito à cidade" como horizonte utópico. In: VASCONCELOS, Pedro Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. *A cidade contemporânea*: segregação socioespacial. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 95-110.

_____. *A condição espacial*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *O lugar no/do mundo*. 2 ed. São Paulo: LABUR, 2007a.

_____. *O espaço urbano*: novos escritos sobre a cidade. 2 ed. São Paulo: LABUR, 2007b.

CARVALHO, Jáder. Prefácio. In: ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero*: Mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. p. XI-XXII.

CASTELLS, Manuel. La intervención admnistrativa en los centros urbanos de las grandes ciudades. *Papaers: Revista de Sociologia*, Barcelona, n. 11, p. 227-250, 1979.

_____. O centro urbano. In: _____. *Problemas de investigação em sociologia urbana*. Lisboa: Presença, 1979 [1971]. p. 181-208.

_____. Innovation technologique et centralité urbaine. *Cahiers de recherche sociologique*, v. 6, n. 2, p. 27-36. 1988.

CASTRO, Godofredo de. Joazeiro na Assembléia Legislativa do Ceará – Discursos pronunciados nas sessões de 16, 19, 22 e 23 de Setembro de 1925 refutando acusações feitas pelo deputado Martins Rodrigues ao padre Cícero Romão Baptista e ao dr. Floro Bartholomeu da Costa. Fortaleza: Typographia S. José, 1925.

CEARÁ. *Eletrificação no Ceará*: pequeno histórico da vinda da energia de Paulo Afonso a Fortaleza. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1965.

CEARÁ. Secretaria de Planejamento e Coordenação, Superintendência do Desenvolvimento do Estado do Ceará. *Levantamento básico dos municípios cearenses*. Fortaleza, 1977. v. 1.

_____. *A unidade espacial de planejamento do Cariri*: delimitação, diagnóstico e estratégia. Fortaleza, 1973.

_____. *Pesquisa sobre as condições de vida da população de baixa renda das cidades de Crato e Juazeiro do Norte-Ceará*. Fortaleza, 1980.

_____. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juazeiro do Norte*. Relatório de Questões/ Módulo Conceito. Governo do Estado do Ceará, Secretaria de Infra-Estrutura/PROURB, Fortaleza, 2000a.

_____. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juazeiro do Norte.* Legislação Básica. Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo. Lei nº 2.570 de 8 de setembro de 2000. Governo do Estado do Ceará, Secretaria de Infra-Estrutura/PROURB, Fortaleza, 2000b.

_____. *Estudo de localização e viabilidade do Distrito Industrial do Cariri*. Relatório 02: Diagnóstico e Alternativas Preliminares de Ocupação do Distrito Industrial do Cariri. Governo do Estado o Ceará, Secretaria das Cidades, Fortaleza, 2009.

CEARÁ ILUSTRADO. Fortaleza, v. 68, ano 2, 25 de outubro de 1925.

CHALAS, Yves. Centre, centralité et polycentrisme dans l‟urbanisation contemporaine. *Les Cahiers du Développement Urbain Durable*, Université de Lausanne, n. 11, p. 23- 41, 2010.

COSTA, Floro Bartolomeu. *Juazeiro e o Padre Cicero*: depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923].

COSTA ANDRADE, Lauro. *Sertão a dentro*. Alguns dias com o Padre Cícero. Rio de Janeiro: Typ. Coelho, 1922.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e tempo: um tributo a Maurício de Abreu. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 8, n. 14, p. 597-607, 2011a.

_____. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011b. p. 41-51.

_____. Os processos espaciais e a cidade. In: _____. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010. p. 121-143.

_____. Comércio e espaço: uma retrospectiva e algumas questões. In: _____. *Caminhos pela Geografia*: o urbano, as redes e as formas simbólicas, 2008. p. 42-67. Disponível em: https://sites.google.com/site/robertolobatocorrea/Outros-Trabalhos. Acesso em: 09 fev. 2013.

_____. Construindo o conceito da cidade média. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). *Cidades Médias*: Espaços em Transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 15-25.

_____. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.

DAVIDOVICH, Fany. Considerações sobre a urbanização no Brasil. In: BECKER, Berta *et al* (Org). *Geografia e Meio Ambiente no Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec, 1995, p. 79-96.

_____. Transformações no quadro urbano brasileiro: período 1970-1980. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, v. 49, n. 4, p. 7-24, 1987.

DAVIDOVICH, Fany; LIMA, Olga Maria Buarque. Contribuição ao estudo de aglomerações urbanas no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, a. 37, n. 1, p. 50-84, 1975.

_____. Análise de aglomerações urbanas no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, a. 36, n. 4, p. 106-130, 1976.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joaseiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 [1970].

_____. No tempo do Padre Cícero – as ligações entre Juazeiro, o Brasil e o mundo explicadas por um *brasilianist*. Entrevista a Judith Patarra. *Veja*, 24 set. 1976, p. 3-5.

DESSE, René-Paul. La mobilité urbaine, élément de structuration de l‟espace comercial et facteur de localisation du commerce. *Revue Belge de Géographie*, fascicules 1,2,3,4, v. 121, p. 93-100, 1997.

_____. La mobilité des consommateurs et les nouveaux espaces commerciaux. *Espace, populations, sociétés*, 1999-2. Les mobilités spatiales. pp. 281-289.

DINIS, Manoel. *Mistérios do Joazeiro*. Juazeiro do Norte, 1935.

_____. *Mistérios do Joazeiro*. 2 ed. Fortaleza: Imeph, 2011.

EDWIGES, José Sávio Sampaio. *História de Juazeiro do Norte*. Fortaleza: Premius, 2011.

ESPAÇO E DEBATES. A Periferia Revisitada, n. 42, São Paulo, 2002.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FAINLICHT, Monique. Le citadin et la centralité. *Revue Urbanisme*, Paris, n. 120-121, p. 21-23, 1970.

FARRET, Ricardo L. Paradigmas da estruturação do espaço residencial intra-urbano. In: GONZÁLES, Suely Franco Netto et al. (Org). *O espaço da cidade*. Contribuições à análise urbana. São Paulo: Projeto, 1985. pp. 73-90.

FEITOSA, Pe. Neri. *Usos e costumes de 50 anos atrás*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.

FELIZOLA DINIZ, José Alexandre. *O subsistema urbano regional de Crato/Juazeiro do Norte*. Ed. GRAFSET, João Pessoa: Série Estudos regionais, 1989.

GARROCHO-RANGEL, Carlos Félix; CAMPOS-ALANÍS, Juan. Organización espacial del sistema bancario dentro de la ciudad: estrategia territorial, accesibilidad y factores de localización. *Economía, Sociedad y Territorio*, México, v. 10, n. 33, p. 413-453, 2010, pp. 413-453.

GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. O Cariri. In: _____. *O Ceará*. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1939. p. 240-258.

_____. O Cariri. In: _____. *O Ceará*. 3 ed. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1966. p. 101-109 e 344-346.

GOMES, Assis Daniel. *"Cidade do Progresso"*: Intervenções urbanas em Juazeiro do Norte (1950-1980). 2013. 81f. Monografia (Monografia em História), Universidade Regional do Cariri, Crato.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. Os "Governos das mudanças" (1987-1994). In: SOUZA, Simone de. (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000, p. 409-424.

GONÇALVES, Cláudio Ubiratan. A invenção da região do Cariri entre o messianismo e a ética capitalista. In: LIMA, Marinalva Vilar; MARQUES, Roberto. (Org.). Estudos Regionais: limites e possibilidades. Crato: Ceres, 2004. P. 23-35.

_____**.** Ética e trabalho na construção do Cariri do Padre Cícero. In: *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*, 2007, Recife. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife, 2007. p. 1-14.

GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano.* 2 ed. São Paulo: Edusp, 2010.

GUIMARÃES, Raul Borges. Atores políticos, representação social e produção da escala geográfica. In: MELO, Jayro Gonçalves (Org). *Espiral do Espaço*. Presidente Prudente: Gasperr, 2003. p. 7-22.

GURGEL, Ana Paula Campos. *Entre Serras e Sertões: as (trans)formação(ões) de centralidade(s) na Região Metropolitana do Cariri/CE*. 2. v. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

GURVITCH, Georges. As "Estruturas" em sociologia. In: BASTID, Roger (Org). *Usos e sentidos do termo "Estrutura"*. São Paulo: Edusp, 1971. p. 109-124.

GREGORY, Derek. Teoria social e geografia humana. In: GREGORY, Derek; RON, Martin; SMITH, Graham. *Geografia Humana*: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 90-122.

GREGORY, Derek *et al*. *The dictionary of Human Geography*. 5 ed. Oxfor: Blackwell, 2009.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. 17 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *A produção capitalista do espaço*. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2006.

HARRIS, Chauncy; ULLMAN, Edward. A natureza das cidades. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 2, n. 3, p. 145-163, 2005.

HAWORTH, Darrel. Publicação eletrônica [mensagem pessoal com fotografias]. Mensagem recebida por < darrelhaworth@gmail.com> em: 16 jan. 2012.

HASSENPFLUNG, Dieter. Sobre a centralidade urbana. In: *Arquitextos*, v. 08, jun 2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.085/235>. Acesso em: 27 ago. 2012.

HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante; MARIA JUNIOR, Martha. A expressão das Cidades Médias Cearenses. In: HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante; AMORA, Zenilde Baima (Org.). *Leituras e Saberes Sobre o Urbano:* cidades do Ceará e Mossoró no Rio Grande do Norte. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010. p. 41-55.

HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante. transformações sócioespaciais das cidades médias cearenses. *Revista de Geografia*, Recife, v. 28, p. 82-92, 2011.

HOLLINGSHEAD, August B. Organização Ecológica. In: PIERSON, Donald (org). *Estudos de Ecologia Humana*. Leituras de Sociologia e Antropologia Social. São Paulo: Martins Fontes, 1948 [1939]. p. 235-262.

HOYT, Homer. Centralização e descentralização urbanas. In: PIERSON, Donald (org). *Estudos de Ecologia Humana*. Leituras de Sociologia e Antropologia Social. São Paulo: Martins Fontes, 1948 [1941]. p. 263-276.

ÍNDICE DE POTENCIAL DE CONSUMO (IPC). *Ranking IPC 2013 – As 500 maiores*. Disponível em: <http://www.ipcbr.com/downpress/Ranking_IPC_2013_500_Maiores.pdf>. Acesso em: 17 set. 2013.

_____. *Ranking IPC 2012 – As 500 maiores*. Disponível em: < http://www.ipcbr.com/downpress/Ranking_2012_2011_500_Maiores.pdf>. Acesso em: 17 set. 2013.

_____. *Ranking IPC 2010 – As 500 maiores.* Disponível em*:* < http://www.ipcmarketing.com.br/downpress/Ranking_IPC_2010_2009_500Maiores.pdf>. Acesso em: 17 set. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE EXECUTIVOS DO VAREJO E DO MERCADO DE CONSUMO (IBEVAR). *Ranking 2012. As 100 maiores empresas do varejo brasileiro*. Disponível em: <http://www.esperienza.com.br/ibevar/f01/pdf/pesquisa-e-publicacoes/ranking-ibevar-novo-indd-2012.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2013.

_____. *Ranking 2013. As 120 maiores empresas do varejo brasileiro*. Disponível em: < http://www.pwc.com.br/pt_BR/br/publicacoes/setores-atividade/assets/produtos-consumo-varejo/ranking-ibevar-2013.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Documentação Territorial do Brasil*. Juazeiro do Norte, Ceará. 19??a. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/juazeirodonorte.pdf Acesso em: 13 out. 2012.

_____. Juazeiro do Norte. In: *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. IBGE: Rio de Janeiro, 1959. p. 331-340.

_____. *Recenseamento do Brazil*, realizado em 1º de setembro de 1920. Relação dos Proprietários dos Estabelecimentos Ruraes Recenseados do Estado do Ceará. Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio. [s.l.p] 1920.

_____. *Recenseamento Geral do Brasil*, 1940, Ceará: População e habitação. Série Regional. Tomo 1, parte IV, Rio de Janeiro, 1950.

_____. *Crato – Juàzeiro do Norte e sua área de influência*. Rio de Janeiro: IBGE/SUDENE, 1971.

_____. *Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas*. Rio de Janeiro, 1972. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/divisaourbana.pdf>. Acesso em: 6 de nov. 2013.

_____. *Regiões de Influência das Cidades* (REGIC). Rio de Janeiro, 1993.

_____. *Regiões de Influência das Cidades*, 2007. (REGIC). Rio de Janeiro, 2008.

_____. *XI Recenseamento Geral do Brasil*, 1980. Censo Demográfico, Dados Distritais – Ceará. v. 1, tomo 3, n. 07, Rio de Janeiro: IBGE, 1982.

_____. *Taxa de urbanização*. s/d Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/notasindicadores.shtm>. Acesso em. 21 mai. 2013.

IANNI, Octávio. Relações de produção e proletariado rural. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; QUEDA, Oriowaldo. *Vida rural e mudança social*: leituras básicas de sociologia rural. 3. Ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979. p. 148-159.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). *Perfil Básico Municipal de Juazeiro do Norte*, 2010. Disponível em: http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/116x.htm. Acesso em: 10/03/2011.

_____. *Algumas evidências na mudança do perfil populacional do Estado do Ceará*. Boletim nº 03, Março de 2011. Disponível em: http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ipece-informe/IPECE_Informe_No3_Aspectos _ Populacionais.pdf. Acessado em: 14/06/2011.

_____. *Anuário Estatístico do Ceará*. Fortaleza (dos anos 2004, 2006, 2008, 2010, 2012). Disponível em: < http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/anuario/>. Acesso em: 15 jul. 2013

_____. *Evolução do PIB dos municípios cearenses no período 2002-2010*. IPECE Informe, n. 49, dez. 2012. Disponível em: < http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ipece-informe/Ipece_Informe_49_20_dezembro_2012.pdf>. Acesso em: 13 out. 2013.

JOHNSON, James H. El centro de la ciudad. In: _____. *Geografía urbana*. Barcelona: Oikos-tau. 1974. p. 153-176.

JOHNSON, R. J. *et al*. *The dictionary of Human Geography*. Oxfrod: Blackwell, 1992.

KAYSER, Bernard. O geógrafo e a pesquisa de campo. *Seleção de Textos*, n. 11. São Paulo: Teoria e Método. Associação dos Geógrafos Brasileiros, p. 93-104, 1985.

LABASSE, Jean. Signification et avenir des centres. *Revue Urbanisme*, Paris, n. 129-121, p. 9-17, 1970.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal, lógica dialética*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

_____. *O direito à cidade*. 5 ed. São Paulo: Centauro, 2008a [1968].

_____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008b [1970].

_____. *Espaço e Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008c [1972].

_____. Reflexões sobre o estruturalismo e a história. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (Org). *O método estruturalista*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 80-103.

_____. *A reprodução das relações de produção*. Porto: Scorpião, 1973.

_____. *The production of space*. Blackwell Publishing, 1991.

_____. *A Produção do Espaço*. Trad. Grupo "As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea. Do núcleo de Geografia urbana da UFMG (do original: La producion de l" espace, 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão início de 2006.

_____. Space: social product and use value. In: LEFEBVRE, Henri. *State, Space, World: selected essays*. Edited by Neil Brenner and Sturat Elden. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2009. p. 185-195.

_____. Hors du centre, point de salut? *Espaces Temps*, n. 33, 1986. Voyage au centre de la ville. Éloge de l'urbanité. p. 17-19.

LENCIONI, Sandra. Concentração e Centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. *Revista de Geografía Norte Grande*, v. 39, p. 7-20, 2008.

_____. Reestruturação: uma noção fundamental para os estudos transformações e dinâmicas metropolitanas. In: VI ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. *Anais*. Buenos Aires, Universidade de Buenos Aires, 1998, p.1-10.

LEMENHE, Maria Auxiliadora. *Família, tradição e poder*: o (caso) dos coronéis. São Paulo: Annablume, 1996.

LEPETIT, Bernard. É possível uma hermenêutica urbana? In: _____. *Por uma nova história urbana*. Heliana Angioti Salgeiro (Coord.). São Paulo: Edusp, 2001. p. 137-153.

LÉVY, Jacques. Centre-ville: toutes directions. *Espaces Temps*, Lausanne, n. 33, p. 50-58, 1986. Voyage au centre de la ville. Éloge de l'urbanité.

LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel. *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Berlin, 2003.

LIMA, Antônio Aquilino de Macêdo. *Nordeste*: aspectos macroeconômicos das cidades de porte médio. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1978.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero*. 4. ed. aumentada. Brasília-DF: Inep/MEC, 2002. (Coleção Lourenço Filho 5).

LUSSAULT, Michel. Pratique spatiale. In: LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel. *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Berlin, 2003a. p. 741-742.

_____. Action spatiale. LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel. *Dictionnaire de* la *géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Berlin, 2003b. p. 42-44.

MACEDO, Joaryvar. Origens de Juazeiro do Norte. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará*, Fortaleza, p. 239-251, 1978.

MACEDO, Manoel Correia de (Pe. Dr.). *Joazeiro em foco*. Fortaleza: Empresa Editora de Autores Católicos, 1925.

MACHADO, Newton. A administração municipal de Juazeiro do Norte. In: *Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte no seu 20º aniversário*: 1934-1954. Juazeiro do Norte. [s.e],1954.

MAIA, Doralice Satyro. De cidades tradicionais a centros históricos: o núcleo original e o centro histórico das cidades médias brasileiras. In: SANFELIU, Carmen Bellet; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). *Las ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado/ As cidades médias ou intermediárias em um mundo globalizado.* 1ed.Lleida - España: Ediccions de la Universitat de Lleida, 2009, v. 1, p. 179-202.

MARIA JÚNIOR, Martha. *Cidades médias do Ceará*: Uma abordagem da urbanização cearense, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia). Mestrado Acadêmico em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

MARRE, Jacques A. L. *A construção do objeto científico na investigação empírica*. Cascavel: Seminário de pesquisa do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 1991 (Digitado).

MARQUES, Carlos Alberto Almeida. A chegada da luz de Paulo Afondo em Juazeiro. *Blog Juazeiro anos 60.* Disponível em: http://juazeiroanos60.blogspot.com/search?updated-min=2010-01-01T00%3A00%3A00-08%3A00&updated-max=2011-01-01T00%3A00%3A00-08%3A00&max-results=6. Acesso em: 12 set. 2012.

MARX, Karl. Introdução. Produção, consumo, distribuição, troca (*circulação*). In: _____. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 39-64.

McKENZIE, Roderick D. O âmbito da ecologia humana. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 2, n. 4, p. 341-353, 2005 [1926].

MENEZES, Fátima; ALENCAR, Generosa. *Homens e fatos na história do Juazeiro* (estudo cronológico – 1827-1934). Recife: EdUFPE, 1989.

METTON, Alain. Centre-ville et périphéries. Complémentarité ou concurrence commerciale? *Bulletin de l''Association de Géographes Français*. Paris, p. 263-276, 1989.

MONBEIG, Pierre. Observações relativas à distribuição das densidades de população no Estado do Ceará. *Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia*, v. 3, p. 319-321, 1952.

_____. Notas sobre a Geografia Humana do Nordeste. *Boletim Geográfico*, v. 06, n. 65, p. 467-473, 1948.

_____. Contribuição para o estudo dos centros urbanos brasileiros. *Anais do X Congresso de Geografia*, p. 546-547, 1944.

MONNET, Jérôme. Les dimensions symboliques de la centralité. *Cahiers de Géographie du Québec*. v. 44, n. 123, p. 399-418, 2000.

_____. Centre. In: TOPALOV, Christhian *et al*. *L''aventur des mots de la ville*. Paris: Robert Laffont, coll. Bouquins, 2010. p. 255-260.

MORAES BARROS, Dr. Paulo. *Impressões do Nordeste Brasileiro*. Conferências do Dr. Paulo de Moraes Barros realisadas sob os auspícios da Sociedade nacional de Agricultura, No Rio de janeiro, e da Sociedade Rural Brasileira, em São Paulo, em 1923. São Paulo: Gráfica Monteiro Lobato, 1924.

MOREIRA, Ruy. As categorias espaciais da construção geográfica das sociedades. *Geographia*, Niterói, v. 3, n. 5, p. 15-32, 2001.

NASCIMENTO, Francisco. *História política de Juazeiro*: do Padre Cícero ao ano 2000. Fortaleza: ABC Editora, 2000.

NEVES, Jorge. Organização urbana, uma base para o desenvolvimento regional do Cariri. (Resumo da proposição "Um polo macro-regional do Cariri"). *Hyhyté*, Crato, n. 3, 97-100, 1976.

NOBRE, Edianne dos Santos. *O Teatro de Deus*: as beatas do Padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro. Fortaleza: IMEPH, 2011.

ODÍSIO, Agostinho Balmes. *Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006 [1935].

OLIVEIRA, Amália Xavier. *O Padre Cícero que eu conheci*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1969.

OLIVEIRA, Francisco. Acumulação monopolista, o Estado e a urbanização: a nova qualidade do conflito de classes. In: MOISÉS, José Álvaro *et al*. *Contradições urbanas e movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 65-76.

_____. O Estado e o Urbano no Brasil. *Espaço e Debates*, São Paulo, n. 6, p. 36-54, 1982.

_____. *Elegia para uma re(li)gião*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. *Crítica à razão dualista/ o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2009.

OLIVEIRA, José Ademir. Meio século de transformações urbanas no Brasil. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org). *Urbanização e cidade*: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: GAsPERR, 2001. p. 45-57.

OSTROWETSKY, Sylvia. Les centres urbains. In: GHORRA-GOBIN, Cynthia. *Pense la ville de demais*. Paris: L"Harmattan, 1994. p. 41-49.

PEIXOTO, Alencar. *Joazeiro do Cariry*. 2 ed. Fortaleza: Imeph, 2011 [1913].

PEREIRA, Cícero Alcione dos Santos. *Análise sócio-espacial do bairro Frei Damião*: o Mutirão de Juazeiro do Norte – CE. 2009. 60f. Monografia (Especialização), Geografia e Meio Ambiente, Universidade Regional do Cariri, Crato.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. Comércio e serviços: a centralidade urbana na cidade média de Juazeiro do Norte. 2013. IV Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade: uma relação de origem. *Anais*... Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013, p. 1-20.

PERNELLE, Jacques. Une méthodologie d"etude du centre-ville. *Revue Urbanisme*, Paris, n. 117, p. 45-47, 1970.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2007, Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index3212.html>. Acesso em: 07 nov. 2011.

PETRONE, Pasquale. Contribuição ao estudo da Região do Cariri, Ceará. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 19, p. 3-29, 1955a.

_____. Crato, "capital" da Região do Cariri. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 20, p. 31-55, 1955b.

PINHEIRO, Irineu. *Juazeiro do Padre Cícero e a revolução de 1914*. Fortaleza: Imeph, 2011 [1938].

PINTAUDI, Silvana Maria. Anotações sobre o espaço do comércio e do consumo. In: In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Susana Mara Miranda (Org). *Cidade e Comércio*: a rua na perspectiva internacional. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009. p. 55-61.

_____. Os Shopping Centers brasileiros e o processo de valorização do espaço urbano. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, p. 29-48, 1987.

PINTO, Dulce Maria Alcides; OLIVEIRA, Evangelina Xavier Gouveia. O Cariri Cearense. 1978. 3º Encontro Nacional de Geógrafos (ENG). *Excursões*... Fortaleza, 1978, p. 1-40.

PHILO, Chris. História, geografia e o "mistério ainda maior" da geografia histórica. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (Org.). *Geografia humana*: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 269-298.

PORTAS, Nuno. As políticas de reforço das centralidades. In: *OS CENTROS DAS METRÓPOLES*: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo: Terceiro Nome/ Associação Viva o Centro/ Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 121-133.

PUMAIN, Denise. Centralité. *Hypergeo*, Français - Spatialité des sociétés - Index complémentaire, p. 1-02, 2004. Disponível em: <http://www.hypergeo.eu/spip.php?article46>. Acesso em: 28 abr. 2013.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. A cidade Santa. In: _____. *O messianismo* – Brasil e no Mundo. São Paulo: Dominus Editora, 1965. p. 231-246.

_____. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: _____. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo:Alfa-Omega, 1979. p. 163-216

RABELLO, Sylvio. *Os artesãos do Padre Cícero*. Recife: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O meio do mundo*: Territórios de sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. 2000. 507f. Tese (Doutorado em História), Programa de Estudos Pós-graduandos em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

RATZEL, Frederich. O homem e o ambiente. In: MORAES, Antônio Carlos Robert. (Org). *Ratzel*. São Paulo: Ática, 1990. p. 54-72.

REIS VIDAL. *Padre Cícero, Joaseiro visto de perto, o Padre Cícero Romão Batista, Sua vida e sua obra.* Rio de Janeiro: Argus, 1936.

RENDU, Paul. Rôle fonctionnel du centre. *Revue Urbanisme*, Paris, n. 120-121, p. 18-20, 1970.

RIBEIRO, Senhorzinho. O comércio de Juazeiro nos anos 20, 2011. Disponível em: <http://historiadejuazeiro.blogspot.com.br/2011/05/o-comercio-no-juazeiro-de-ontem.html>. Acesso em: 17 out. 2012.

_____. *Juazeiro de ontem e de hoje*. Juazeiro do Norte: Gráfica e Editora Royal Ltda, 2007.

RIBEIRO FILHO, Vitor. *A configuração da Área Central de Manaus e sua dinâmica recente*. 2004. 236f. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RONCAYOLO, Marcel. Dilution et implosion. *Espaces Temps*, Lausanne, n. 33, 1986. Voyage au centre de la ville. Éloge de l'urbanité. pp. 13-14.

ROLNIK, Raquel. Chega de shopping! *Folha de São Paulo*, São Paulo, Colunistas, 21 out. 2011. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/colunas/raquelrolnik/2013/10/1359701-chega-de-shopping.shtml>. Acesso em: 02 nov. 2013.

RUBY, Christian. Pratique. LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel. *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Berlin, 2003. p. 740.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Repensar a cidade face a novos desafios. *Philosophica*, Lisboa, n. 4, p. 69-80, 1994a.

_____. O comércio e a cidade: Lisboa e Porto. *Finisterra*, Lisboa, v. XXIX, n. 57, 177-183, 1994b.

_____. *Do comércio à distribuição*: roteiro de uma mudança. Oeiras: Celta Editora, 1996.

_____. Do centro às centralidades múltiplas. In: RIO FERNANDES, Alberto; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org). *A vida nova do velho centro*. Porto: CEGOT, 2013. p. 13-29.

SANTOS, Milton. Contribuição ao estudo dos centros de cidades: o exemplo da cidade de Salvador. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 12, p. 17-30, 1959.

_____. A forma e o tempo: a história da cidade e do urbano. In: _____. *Técnica, espaço, tempo:* globalização e meio técnico-científico-informacional. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008a. p. 65-68.

_____. *A urbanização brasileira*. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008b.

_____. O período técnico-científico e os estudos geográficos. In: _____. *Técnica, espaço, tempo:* globalização e meio técnico-científico-informacional. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008d. p. 115-127.

_____. *A natureza do espaço*. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008e.

_____. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maia Laura. *O Brasil*: território e sociedade no início do século XXI. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SARETTA, Fausto. A política econômica na década de 1920. In: LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres. A década de 1920 e as origens do Brasil moderno. São Paulo: EDUNESP, 1997. p. 217-33.

SILVA, José Fábio Barbosa. Organização social do Juàzeiro e tensões entre litoral e interior. *Sociologia*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 181-194, 1962.

SILVA JÚNIOR, Agenor Soares. *"Cidades Sagradas"*: a Igreja Católica e as transformações urbanas Ceará (1870-1920). 2009. 382f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

SINGER, Paul. A economia dos serviços. *Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 24, p. 128-135, 1979.

_____. O uso do solo urbano na economia capitalista. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, AGB, n. 57, p. 77-92, 1980.

SMITH, Neil. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. *Geousp* – espaço e tempo, São Paulo, n. 21, p. 15-31, 2007.

_____. *Desenvolvimento Desigual*. Bertrand: Rio de Janeiro, 1988.

SOARES, Douracy. *O Cariri*: Crato – Juàzeiro do Norte – Estudo de Geografia Regional. Crato, 1968.

SOBRAL, Elias Rodrigues. *Fragmentos da história do Padre Cícero*. Juazeiro do Norte, 1992.

SOBREIRA, J. G. Dias. *Curiosidades e factos notaveis do Ceará*. Rio de Janeiro: Desembargador Lima Drummond, 1921.

SOBREIRA, Maria Ivonisete. *A origem do Bairro Pirajá*. 2011. Disponível em: http://historiadejuazeiro.blogspot.com/2011/06/origem-do-bairro-piraja-por-maria.html. Acessado em: 08 ago. 2012.

SOBREIRA, Pe. Azarias. Floro Bartolomeu – o caudilho bahiano. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará*. Fortaleza, v. 64, p. 193-202, 1950.

SOUSA, Guilherme Moreira de. *A produção do espaço urbano em Presidente Prudente-SP*: estudo sore o setor de super e hipermercados. Relatório Científico. 2013

SOUZA, Jessé. Introdução: uma nova classe trabalhadora brasileira? In: _____. *Os batalhadores brasileiros*: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Edufmg, 2010. p. 19-57.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Práticas espaciais. In: _____. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Betrand, 2013. p. 235-260.

_____. Com o Estado, apesar do Estado, contra o Estado: Os movimentos urbanos e suas práticas espaciais, entre a luta institucional e a ação direta. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 7, p. 13-47, 2010.

_____. *ABC do desenvolvimento urbano*. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

SOUZA, Maria Salete de. Contribuição ao Estudo da Hierarquia Urbana no Ceará. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, a. 39, n. 03, p.54-86, 1977.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltão. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, Pedro Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. *A cidade contemporânea*: segregação socioespacial. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 61-93.

_____. Centros e centralidades no Brasil. In: FERNANDES, José Alberto R.; SPOSITO, M. Encarnação B. (Org.). *A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras.* Porto: CEGOT, 2013b. p. 45-59.

_____. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011. p. 123-145.

_____. Multi(poli)centralidade urbana. In: SPOSITO, Eliseu Savério; NETO, João Lima Sant'Anna. (Org.). *Uma Geografia em Movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010a. p. 199-228.

_____. Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização. *Revista de Geografia*, São Paulo, v. 35, p. 51-62, 2010.

_____. O desafio para o estudo das cidades médias. XI Seminário Internacional da Red Iberoamericana de Investigadores sobre Globalización y Território (RII). Mendoza, 2010. *Anais...* Mendoza, Argentina, p. 1-18, 2010c.

_____. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: _____. (Org.). *Cidades médias*: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 233-253.

_____. O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo de cidades médias no mundo contemporêneo. *Cidades*. v. 3, n. 5, p.143-157, 2006a.

_____. Loteamentos fechados em cidades médias paulistas - Brasil. In: SPOSITO, Eliseu; SPOSITO, Maria Encarnação; SOBARZO, Oscar. (Org.). *Cidades médias*: produção do espaço urbano e regional.São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 175-196.

_____. *O Chão em pedaços:* urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo. 2004. 508 p. Tese (Livre Docência em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

_____. A urbanização da sociedade: reflexões para um debate sobre as novas formas espaciais. In: DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odette Carvalho de Lima (Org). *O espaço no fim o século*: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 1999. p. 83-99.

_____. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. Território, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4, p. 27-37, 1998.

_____. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: _____. (Org.) *Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média*. Presidente Prudente: Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP, 2001, p. 235-254.

_____. O centro e as formas da centralidade urbana. *Revista de Geografia*. São Paulo, v.10, p.1-18, 1991.

STASZAK, Jean-François. Pratique spatiale. LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel. *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Berlin, 2003. p. 740-741.

STEFANO, Fabiane; CRUZ, Patrick. O novo mapa do consumo. *Exame*, São Paulo, ed. 1022, v. 46, n. 16: Editora Abril, p. 36-47, 22 de agosto de 2012.

SZULC, Nicole. Centre historique et centralité. *Revue Urbanisme*, Paris, n. 147-148, p. 98-101, 1975.

TOURINHO, Andréa de Oliveira. *Do Centro aos centros*: bases teórico-conceituais para estudo da centralidade em São Paulo. 2004. 438f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Centro de Pós-graduação, Estruturas Ambientais Urbanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Centro e centralidade: uma questão recente. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. *Geografia das metrópoles*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 277-300.

TRICART, Jean. Contribuição ao estudo das estruturas urbanas. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 135, p. 473-481, 1956.

VARGAS, Heliana Comin. O comércio e os serviços varejistas: principais agentes e sua inserção urbana. *Geousp*, São Paulo, v. 8, p. 77-88, 2000.

_____. Shopping Centers: Novas Relações Entre A Atividade Comercial e O Espaço Urbano. In: *V Encontro Nacional da ANPUR*, 1993, BELO HORIZONTE. Encontro Nacional de Anpur, 5. Belo Horizonte: ANPUR, 1993. v. 2. p. 736-747.

_____. Eficiência da intervenção do estado na localização comercial. In: *III Encontro Nacional da ANPUR*, 1989, Águas de São Pedro. Anais do III Encontro Nacional da ANPUR. Águas de São Pedro: ANPUR, 1989. v. 1. p. 343-351.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A utilização dos agentes sociais nos estudos de Geografia Urbana: avanço ou recuo? In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011. p. 75-96.

_____. Questões metodológicas na geografia urbana histórica. *GeoTextos,* Salvador, vol. 5, n. 2, 147-157, 2009.

VAN DEN BRULE, David Melo. *Territorialização como apropriação dos espaços públicos pelos camelôs nas romarias de Juazeiro do Norte-CE*. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

_____. Centro e centralidade em Juazeiro do Norte. *Okara*: Geografia em debate, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 128-146, 2013.

VELTZ, Pierre. Tempos da economia, tempos da cidade: as dinâmicas. In: ASCELRAD, Henri. *A duração das cidades*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. p.139-154.

VILLAÇA, Flávio. *Reflexões sobre as cidades brasileiras*. São Paulo: Studio Nobel, 2012.

_____. *Espaço intra-urbano no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

WALKER, Daniel. Juazeiro em 1909 (antes da independência), 2013. Disponível em: <http://historiadejuazeiro.blogspot.com.br/2013/04/juazeiro-em-1909-antes-da-independencia.html>. Acesso em: 01 mai. 2013.

_____. O centro do Juazeiro esvaziado. *Juanorte*, n. 90, 11 jul. 2010. Disponível em: <http://www.juanorte.com.br/daniel.html>. Acesso em: 15 jul. 2011.

WACQUANT, Loic. Esclarecer o Habitus. *Educação & Linguagem*. São Bernardo do Campo. Ano 10, n. 16, jul/dez, 2007, p. 63-71. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/126/136>.

WERLEN, Benno. Regionalismo e sociedade política. *Geographia*, Niterói, v. 2, n. 4, p. 07-25, 2000.

WHITACKER, Arthur Magon . Inovações tecnológicas, mudanças nos padrões locacionais e na configuração da centralidade em cidades médias. *Scripta Nova*, Barcelona, v. XI., p. 24, 2007.

_____. Centralidade, morfologia e reestruturação em cidades médias. Alguns elementos para o debate sobre as cidades médias brasileiras. In: VII Workshop da ReCiMe - Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias, 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* VII Workshop da ReCiMe - Textos Temáticos. Presidente Prudente: ReCiMe, 2010a. v. 1. p. 1-29.

_____. Centralidade intraurbana e morfologia em cidades médias: transformações e permanências. In: XI Seminario Internacional RII y IV Taller de Editores RIER, junto ao Grupo temático 5: Ciudades intermedias: transformaciones y perspectivas, 2010, Mendoza, Argentina. *Anales del XI Seminario Internacional RII y IV Taller de Editores RIER. Mendoza*: Universidad Nacional del Cuyo, 2010b. v. 1. p. 1-20.

XAVIER DE OLIVEIRA, Antônio. *Beatos e cangaceiros*. Rio de Janeiro: s/e, 1920.

MATÉRIAS DE JORNAIS

ATACADÃO gera 300 empregos diretos em Juazeiro do Norte. *O Estado*, Fortaleza, 11 mar. 2009, Municípios. Disponível em: <http://www.oestadoce.com.br/noticia/atacadao-gera-300-empregos-diretos-em-juazeiro-do-norte>. Acesso em: 14 jan. 2013.

BANCO do Brasil abrirá 2ª agência em Juazeiro do Norte. *Folha da Manhã*, Juazeiro do Norte, 11 nov. 1997.

BANDEIRA NETO, João. Shoppings com investimentos de R$ 130 mi. O povo, Fortaleza, 21 nov. 2013, Economia. Disponível em: < http://www.opovo.com.br/app/opovo/economia/2013/11/21/noticiasjornaleconomia,3166146/shoppings-com-investimentos-de-r-130-mi.shtml>. Acesso em: 24 de nov. 2013.

BORGES, Diego. Supermercados entram com força no interior do Ceará. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 17 ago. 2010. Disponível em: < http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=833437>. Acesso em. 12 jan. 2013.

CARIRI desponta no mercado imobiliário. *O Estado*, Fortaleza, 13 jun. 2013, Imóveis. Disponível em: <http://www.oestadoce.com.br/noticia/cariri-desponta-no-mercado-imobiliario-cearense>. Acesso em: 03 set. 2013.

CARIRI terá um shopping center. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 jan. 1997, Mercado. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/19/dinheiro/14.html>. acesso em: 08 jul. 2013.

CHIARA, Márcia de. Atacarejo cresce mais que o dobro do varejo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29 abr. 2013. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios-comercio,atacarejo-cresce-mais-que-o-dobro-do-varejo,152280,0.htm>. Acesso em 20 ago. 2013.

CLASSE C garantirá 41,8% do consumo do Ceará neste ano. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 16 set. 2013, Negócios. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1318130>. Acesso em: 17 set. 2013.

COMÉRCIO eleva interiorização. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 25 set. 2011. Negócios. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1047026>. Acesso em: 16 mar. 2013.

COMÉRCIO se expande em Juazeiro com as Casas Bahia e mais duas novas franquias nacionais inauguradas. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 31 out. 2013. Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/cariri/economia/comercio-se-expande-em-juazeiro-com-a-casas-bahia-e-mais-duas-novas-franquias-nacionais-inauguradas/>. Acesso em. 06 nov. 2013.

COMIN, Armando. O Varejo é Gringo. *Isto é Dinheiro*, n. 770, 06 de jul. 2012. Disponível em: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/89455_O+VAREJO+E+GRINGO> . Acesso em: 20 ago. 2013.

DANTAS JÚNIOR, Anchieta. Supermercados entram com força no interior do Ceará. *Diário do Nordeste.* Fortaleza, 17 ago. 2010. Disponível em: < http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=833437>. Acesso em. 12 jan. 2013.

DIÁRIO DO NODESTE, Fortaleza, 2 jan. 1996.

ELETRODOMÉSTICOS vão girar R$ 47 bi. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 02 ago. 2013. Negócios. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1299052>. Acesso em: 10 ago. 2013.

EUGÊNIO, Carlos. Assaí atacadista abre loja hoje em Juazeiro do Norte. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 09 jul. 2013, Negócios. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1289838>. Acesso em: 17 jul. 2013.

JONATHAS, Andreh. Bompreço abre loja e Juazeiro do Norte; Super Lagoa prepara unidade para Tianguá. *O Povo*, in: *Diálogos Políticos*, 28 jul. 2011. Disponível em: < http://dialogospoliticos.wordpress.com/2011/07/28/bompreco-inaugura-loja-em-juazeiro-do-norte-super-lagoa-prepara-unidade-para-tiangua/>. Acesso em 26 set. 2012.

MAIOR Central de Negócios do Brasil, a cearense Super Rede é exemplo de associativismo. para serem competitivos, associados discutem estratégias em comitês e festejam crescimento. *Diário do Nordeste*, 10 jul. 2012. Disponível em: <http://www.srede.com.br/redenews_interna.php?id=24.> Acesso em 20 ag. 2013.

MENEZES, Sarah. Comerciantes criam alternativas para manter e atrair consumidores. Jornal do Cariri, Juazeiro do Norte, 14 abr. 2009. Disponível em: <http://www.facic-ce.com.br/site/comerciantes-criam-alternativas-para-manter-e-atrair-consumidores.> Acesso em: 24 já. 2014.

NOVOS moradores em Juazeiro do Norte. *Construção Mercado*: negócios de incorporação e construção. Rota de Negócios. São Paulo. n. 143, jun. 2013. Disponível em: < http://construcaomercado.pini.com.br/negocios-incorporacao-construcao/143/novos-moradores-em-juazeiro-do-norte-ce-implantacao-de-290704-1.aspx>. Acesso em: 26 nov. 2013.

O JEITO cearense de fazer mercantil. *O Povo*, Fortaleza, 22 jul. 2012. Disponível em: <http://www.srede.com.br/redenews_interna.php?id=24>. Acesso em 27 ago. 2013.

O REBATE, Juazeiro do Norte, 5 de dez. 1909, p. 3

_____. Juazeiro do Norte, 19 de jun. 1910, p. 3

PRADO, Ticiane. Região do Cariri desponta no mercado imobiliário cearense. *O Estado*, Fortaleza, 23 mar. 2011, Imóveis. Disponível em:

<http://www.oestadoce.com.br/noticia/regiao-do-cariri-desponta-no-mercado-imobiliario-cearense>. Acesso em: 21 jun. 2013.

REDE de lojas amplia mercado este ano. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 02 abr. 2012. Negócios. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1122117>. Acesso em: 01 mar. 2013.

ROCHA, Flávio. Consumo, a porta de entrada para a cidadania. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03 jul. 2013. Opinião. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/117044-consumo-a-porta-de-entrada-da-cidadania.shtml>. Acesso em: 27 ag. 2013.

SALLES, Fernando. Atacarejos, os mais produtivos. *SM – Supermercado Moderno*, 19 abr. 2012. Negócios. Disponível em: <http://www.sm.com.br/Editorias/Negocios/Atacarejos.-Os-mais-produtivos-16795.html>. Acesso em: 20 ago. 2013.

SANTOS, Elisângela. Assaí inaugura hoje nova loja no Cariri. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 09 jul. 2013a. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1289696>. Acesso em. 13 jul. 2013.

_____. Comércio segue a todo vapor em Juazeiro do Norte. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 03 fev. 2013b. Negócios. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1229901>. Acesso em 07 jun. 2013.

_____. Juazeiro descentraliza comércio para os bairros. *Diário do Nordeste*, 25 set. de 2012a. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1185086>. Acesso em: 25 fev. 2013.

_____. „Cariri Garden Shopping“ inaugura expansão. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 26 jul. 2012b. Regional. Disponível em: < http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1152860>. Acesso em: 01 ag. 2012.

_____. Valorização imobiliária chega a 300% em Juazeiro. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 04 abr. 2012c. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1122603&fb_source=message>. Acesso em: 27 ago. 2012.

_____. Hiper Bompreço abre nova loja em Juazeiro. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 28 jul. 2011a. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1017605> Acesso em: 14 mar. 2012.

_____. Supervalorização de imóveis chega a 1.900% em Juazeiro. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 29 jun. 2011b. Mercado. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1003728>. Acesso em: 14 abr. 2012.

_____. Walmart investe R$ 30 milhões em Juazeiro. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 20 jul. 2010a. Caderno Negócios Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=822950>. Acesso em: 23. mai. 2012.

_____. Grupo Carrefour Inaugura Atacadão no Ceará. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 13 mar. 2009. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=621808> Acesso em: 30 mai. 2012.

SERPA, Egídio. Atacadão: R$ 18 milhões em Juazeiro do Norte. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/egidio/economia/atacadao-r-18-milhoes-em-juazeiro-do-norte/> Acesso em. 05 mai. 2013.

_____. Super Rede é a maior central de negócios do Brasil. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 25 nov. 2011. Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/egidio/economia/super-rede-e-maior-central-de-negocios-do-brasil/>. Acesso em 14 jun. 2013.

SHOPPINGS localizados em pólos regionais em crescimento no Brasil viabilizam negócios para franquados. *A Pessoa Comunicação*, 13 jun. 2012. Disponível em: <http://www.pessoacomunicacao.com.br/archives/artigos/shoppings-localizados-em-polos-regionais-em-crescimento-no-brasil-viabilizam-negocios-para-franqueados>. Acesso em: 12 mar. 2013.

SUPER Rede tem meta de R$ 1 bilhão para 2013. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 19 abr. 2013. Negócios. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1256815>. Acesso em 31 ag. 2013.

SUPER Rede. Disponível em: <http://www.srede.com.br/sobre.php>. Acesso em 23 ag. 2013.

VAREJO, Rede de Supermercados cria loja de distribuição. *O Estado*, Fortaleza, 28 dez. 2010. Disponível em: <http://www.oestadoce.com.br/noticia/varejo-rede-de-supermercados-cria-loja-de-distribuicao>. Acesso em 25 ag. 2013.

WALMART inaugura Maxxi Atacado. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 20 jan. 2012, Caderno Regional. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1095601> Acesso em: 04 set. 2012.

WALMART vai investir R$ 30 milhões em Juazeiro. *O Estado*, Fortaleza, 28 jul. 2010. Economia. Disponível em: <http://www.oestadoce.com.br/noticia/walmart-vai-investir-r-30-mi-em-juazeiro> Acesso em 14 ag. 2012.

ANEXOS

Anexo 01: Roteiro de entrevista com o gerente da Zenir Móveis e Eletrodomésticos

Histórico da empresa

1. Qual a sua função na empresa? Há quanto tempo trabalha nela?

2. Poderia fazer um histórico da empresa? Quando surgiu? Quais são seus proprietários? Já atuavam entes ramo etc?

3. (se não tiver sido tratado, acrescentar as perguntas 3, 4 e 5):

Qual a origem dos capitais da empresa ou que atividades desenvolviam seus proprietários antes de entrar neste ramo?

4. A empresa já está no mercado há quanto tempo?

5. Quais os "donos" a empresa e o lugar (cidade) onde ela surgiu?

Lógicas espaciais

6. Há quanto tempo vocês vêm atuando em Juazeiro do Norte?

7. Por que resolveram atuar nesta cidade?

8. Quais foram os motivos que fizeram com que vocês tomassem a decisão de abrir uma unidade da empresa distante do centro principal da cidade de Juazeiro do Norte?

9. Vocês atuam na região do Cariri em quais cidades? Atuam no Ceará e em outros estados?

10. Quantas filiais existem ao total?

Estrutura da empresa

11. Você poderia nos dizer quantas pessoas estão empregadas em todas as lojas e nas daqui da cidade de Juazeiro?

12. Vocês fazem parte de alguma rede juntamente com outras empresas do mesmo ramo que vocês?

13. Têm sistemas de créditos próprios? Trabalham com financeiras – quais? Fazem vendas com cartão de crédito? Com cheques pré-datados?

14. Quais as perspectivas futuras para a empresa aqui em Juazeiro do Norte?

Perfil dos consumidores

15. Qual o perfil de consumidores que adquirem produtos nesta loja?

16. Onde moram? Há consumidores de todos os bairros da cidade?

17. Há consumidores que vêm de outras cidades?

18. Quais os meios de transportes que eles utilizam?

19. Quais as formas de propaganda e marketing que utilizam para atrair a clientela?

20. A chegada de outras empresas do ramo na cidade alterou as práticas de atração de consumidores?

21. A empresa faz algum estudo ou prospecção do perfil do consumidor?

22. Que outros pontos o Sr (a) considera importantes para caracterizar a empresa?

Anexo 2: Roteiro de entrevista com os memorialistas

1 – De acordo com sua experiência como historiador, você conseguiria descrever as principais características do centro de Juazeiro do Norte ao longo da história da cidade?

2 – Comparando com o passado, quais são as principais mudanças que você identifica na cidade de Juazeiro nas décadas mais recentes (1980, 1990, 2000)?

3 – O que mudou especialmente no centro principal do ponto de vista da estrutura urbana?

4 – Como se deram das transformações do ponto de vista da chegada dos novos empreendimentos comerciais e de serviços?

5 – Quais os primeiros empreendimentos extra-locais (do nordeste, do Brasil e mesmo internacional) que você tem notícia e quando eles chegaram a Juazeiro? (se puder, falar um pouco sobre a chegada da Anderson Cleyton).

6 – O Sr. escreveu em uma matéria de Jornal (Jornal do Cariri em Julho de 2011) que em 1925 o Padre Cícero alertava para a necessidade de Juazeiro do Norte ter outro centro. O Sr. poderia comentar um pouco sobre isso? (específica para Renato Casimiro).

7 – Qual a sua opinião sobre os freqüentadores do centro de Juazeiro do Norte? Houve mudanças? Conte-nos.

8 – Você acredita que estão se formando novas áreas centrais de concentração de comércio e serviços fora do centro principal da cidade desde quando?

9 – O que você acha do aparecimento de novos espaços comerciais e de serviços distantes do centro principal?

10 – O bairro Pirajá é conhecido como sendo uma área de intenso comércio em Juazeiro do Norte. O Sr. poderia falar sobre a origem desse bairro e a formação do comércio naquela área? Quando o Mercado foi inaugurado? A concentração de lojas se deu antes ou depois da inauguração do mercado? Descrever um pouco da história desse bairro?

11 – Com os novos espaços de consumo surgindo em Juazeiro do Norte – shoppins center, hipermercados e supermercados – quais os principais impactos que você observa na cidade?

12 – Na sua opinião, qual é a principal função do centro de Juazeiro do Norte hoje e por que? Ela difere muito do passado?

13 – Na minha pesquisa eu estabeleci três recortes temporais para melhor compreender as transformações urbanas em Juazeiro do Norte, que são: a) 1872-1934; b) 1934-1980; e c) 1980 aos dias atuais. O Sr. concorda com essa periodização? Poderia citar quais os principais fatos e acontecimentos que caracterizam cada um dos períodos?

Anexo 3: Roteiro de entrevista ao presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL)

1 – Fale-me sobre a importância do comércio e dos serviços para Juazeiro do Norte atualmente.

2 – Pra você, quais são as principais áreas comerciais na cidade de Juazeiro do Norte? Qual a importância de cada uma delas para a cidade?

3 – Comente um pouco sobre a importância do comércio varejista, das franquias de eletrodomésticos (locais, regionais e nacionais) e os serviços bancários para Juazeiro.

4 – Nos últimos anos, Juazeiro do Norte recebeu investimentos de grandes redes de atacado e varejo de capital internacional (WAL-MART e CARREFOUR, por exemplo). Como você vê a chegada desses investimentos na cidade e como eles podem ou não contribuir para o crescimento econômico da cidade? E do ponto de vista dos empregos?

5 – Os investimentos já citados estão se localizando fora do centro principal da cidade. Você acredita que há uma competição entre essas áreas e o centro principal da cidade?

6 – Dando continuidade à questão anterior, quais são os principais impactos, no centro da cidade, com a chegada desses novos investimentos no ramo do comércio do ponto de vista da arrecadação, vendas etc.?

7 – A partir de um levantamento que fizemos, constatamos um número elevado de estabelecimentos fechados. Há uma relação entre isto e esses novos empreendimentos que chegaram na cidade? Explique.

8 – O Cariri Shopping foi inaugurado no ano de 1997. O Sr. poderia nos dizer como estava organizado (estruturado) o comércio antes da chegada do Shopping e depois da chegada?

9 – O Bairro Pirajá tem ganhado nos últimos anos na mídia local um status e "novo centro comercial" em Juazeiro. O que você acha disso?

10 - Fale um pouco sobre a importância do bairro Pirajá para o comércio na cidade.

11 – De acordo com as matérias publicadas nos jornais e nos *blogs* locais, o ano de 2011 foi muito bom para o comércio de Juazeiro do Norte e o de 2012 foi melhor ainda. Comente um pouco sobre isso e as expectativas para este ano de 2013.

12 – Quais os principais impactos que o Sr. acredita que o centro de Juazeiro recebeu com a chegada dos novos empreendimentos urbanos de comércio varejista?

13 – Segundo o presidente da ACESU (Associação Cearense de Supermercados), o impacto da chegada das grandes redes de supermercados em Juazeiro do Norte reduziu o faturamento das lojas do centro em até 30%. Comente um pouco sobre isso.

14 – Quais as expectativas econômicas para os próximos anos no que se refere ao centro da cidade de Juazeiro do Norte?

Anexo 4: Roteiro de entrevista ao representando do poder público.

1 – Quais as principais políticas urbanas que tem em vista os acessos aos locais de comércio e serviços?

2 – Como o poder público se relaciona com o poder privado no que se refere à localização dos empreendimentos de comércio e serviços?

3 – O que a prefeitura tem feito no âmbito de políticas urbanas tendo em vista o crescimento urbano de Juazeiro do Norte para áreas periféricas?

4 – O poder público tem entrado em parceria com o poder privado para as reformas de espaços de consumo tradicionais, como o mercado central e o mercado do Pirajá. Essa parceria público-privado trouxe resultados positivos?

5 – Como a legislação sobre a lei de uso e ocupação do solo se refere à localização dos espaços comerciais que demandam grande extensão territorial?

6 – O que está escrito na legislação sobre o parcelamento do solo nas periferias e na área central no que se refere ao tamanho padrão para construção do lote?

7 – No PDDU de Juazeiro do Norte, que é do ano 2000, está definido um mapa de "proposta de uso do solo urbano", contendo vários tipos de ocupações de diferentes setores na cidade. Essa proposta foi colocada em prática? Se não, o que o Sr. acredita que poder ser aplicado e como isso irá alterar os espaços de consumo na cidade?

8 – Qual a política de definição do IPTU de Juazeiro? Quais as diferenças de índices (ou alíquotas ou multiplicador?) Essa política já poderia ter sido redefinida ou precisa de ajustes? (referência a Planta Genérica de Valores ou Planta de Uso e Ocupação do Solo Urbano)

9 – Qual a política de cobrança do ISS da Prefeitura de Juazeiro? Com o aparecimento do shopping e de novas áreas comerciais e de serviços houve ajustes nessa política?

Anexo 5: Roteiro de entrevista ao "ex-político".

1 – Como se caracteriza o centro da cidade de Juazeiro para o senhor?

2 – Qual era a importância do centro da cidade para a Prefeitura Municipal e Câmara Municipal de Juazeiro no período em que exerceu cargo ou função públicos?

3 – O Sr. participou das comemorações do cinqüentenário de emancipação política de Juazeiro do Norte em 1961. Comparando, quais as principais diferenças do cinquentenário para o centenário no que se refere ao centro da cidade de Juazeiro?

4 – Quais as principais mudanças que você identifica no centro de Juazeiro desse período para as décadas mais recentes (1990, 2000)?

5 – Como se deram essas transformações do ponto de vista da chegada dos novos empreendimentos comerciais e de serviços, principalmente os novos espaços de consumo, como shopping e hipermercados, e os serviços bancários?

6 – Quais os primeiros empreendimentos extra-locais (nordeste, Brasil e mesmo internacional) que você tem notícia e quando eles chegaram a Juazeiro? Qual o impacto que eles tiveram?

7 – Você acredita que estão se formando novas áreas centrais de concentração de comércio e serviços fora do centro principal da cidade desde quando?

8 – Na sua opinião, qual é a principal função do centro de Juazeiro do Norte e por que?

Anexo 6: Roteiro de entrevista aplicado aos citadinos.

Nome:
Idade:
Quantidade de filhos:
Renda mensal:
Estado Civil:
Em que trabalha:
Em que transporte se descola ao trabalho:
Bairro onde trabalha:

*: Perguntas retiradas do roteiro de entrevista elaborado para a pesquisa "Lógicas Econômicas E Práticas Espaciais: Cidades Médias E Consumo", financiado pela FAPESP.

Comércio

1 – Qual o seu nome e sua naturalidade? Porque veio morar em Juazeiro do Norte? (pergunta para quem veio de outra cidade)

2 – Você mora em qual bairro e a quanto tempo? Quantas vezes já se mudou? As mudanças de endereço mudaram seus hábitos de consumo no que se refere ao lugar de compras?

3 - Poderia descrever uma semana sua rotineira, ressaltando as aquisições de bens e serviços que realiza?*

4 - Se a resposta tiver sido sucinta, levantar questões para favorecer a pormenorização: Poderia explicar que tipos de produtos e serviços compra cotidianamente? *

5 - Afora este consumo cotidiano, que outros tipos de bens e serviços de maior valor são comprados ou foram comprados nos últimos anos? *

6 – Você costuma ir com freqüência ao centro da cidade de Juazeiro do Norte?

7 – O que mais procura comprar quando vai lá?

8 – Com que freqüência você vai ao Cariri Shopping? Por quê?

9 – Quais os lugares em que você faz compras? (feira do mês, mercado, bens como TV, eletrodomésticos etc.)

10 – Porque você prefere ir nesses lugares ao invés dos outros?

11 – Quais os outros lugares que você não costuma ir, e por quê?

12 – Você acha que a proximidade ou distância desses lugares (centro, shopping etc) influencia nas suas escolhas para realizar compras ou outras coisas?

13 - Prefere comprar em empresas de grandes grupos ou em estabelecimentos menores em que conhece os proprietários? *

Transportes:

1 - Que meios de transporte utiliza para fazer compras? *

2 - Se usa meios diferentes (veículo próprio, ônibus etc), por que? *

3 - Combina compras e lazer no mesmo espaço? A escolha dos locais de compra e lazer está relacionada ao meio de transporte disponível? *

4 - Há setores da cidade que gostaria de freqüentar, mas não o faz porque o acesso é difícil? *

Serviços Bancário

1 – Com que freqüência você vai ao Banco? Onde fica o banco, em que lugar (Bairro)? Qual o Banco (Banco do Brasil, Santander, Caxia, Itaú, Bradesco, HSBC)?

2 – Que tipos de operações bancárias você costuma usar rotineiramente? Saques, depósitos, transferências etc...

3 – Com que freqüência você serviço bancário pela internet? Porque?

4 – Você costuma usar qual(is) transporte(s) para ir ao banco?

5 – Quais áreas comerciais e de serviços além do Centro da cidade, como Shopping, supermercados, você costuma frequentar etc.?

6 – Você acha que a proximidade ou distância dos bancos influencia nas suas escolhas para realizar operações bancárias? Porque?

7 – Você utiliza os serviços bancários nas agências ou em caixas eletrônicos? Fale um pouco sobre o que você acha dos dois em termos de vantagens e dificuldades.

8 – Porque você prefere ir nesses lugares (bancos e/ou caixas eletrônicos) ao invés dos outros?

Anexo 7: **Enquetes**

1 – Quantas vezes por mês você vem aqui?
a) de 1 a 3 b) de 4 a 6 c) de 6 a 10 d) de 10 a 15 e) de 15 a 20 f) de 20 a 30 g) mais de 30

2– Em que tipo de transporte você se desloca?
a) andando b) bicicleta c) moto d) ônibus e) carro f) topique g) carona

3 – Porque você vem aqui?
_____
_____
_____

4 – Em qual bairro de Juazeiro do Norte você mora?

(a) AEROPORTO	(t) NOVO JUAZEIRO
(b) ANTÔNIO VIEIRA	(u) PEDRINHAS
(c) BETOLÂNDIA	(v) PIO XII
(d) BREJO SECO	(x) PIRAJÁ
(e) CAMPO ALEGRE	(z) PLANALTO
(f) CARITÉ	(aa) ROMEIRÃO
(g) CENTRO	(bb) SALESIANOS
(h) CIDADE UNIVERSITÁRIA	(cc) SALGADINHO
(i) FRANCISCANOS	(dd) SANTA TEREZA
(j) FREI DAMIÃO	(ee) SANTO ANTONIO
(l) FÁTIMA	(ff) SOCORRO
(m) HORTO	(gg) SÃO JOSÉ
(n) JARDIM GONZAGA	(hh) SÃO MIGUEL
(o) JOSÉ GERALDO DA CRUZ	(ii) TIMBAÚBA
(p) JUVENCIOI SANTANA	(jj) TIRADENTES
(q) LAGOA SECA	(ll) TRIÂNGULO
(r) LEANDRO BEZERRA DE MENEZES	(mm)TRÊS MARIAS
(s) LIMOEIRO	(nn) JOÃO CABRAL

Em nenhum, sou de outra cidade:
cidade:_____, UF_____

5 – Qual o seu nível de escolaridade?
a) superior completo b) superior incompleto c) médio completo d) médio incompleto
e) fundamental completo f) fundamental incompleto g) nunca estudei h) outros: mestrado ou doutorado

6 – Qual a sua idade?
a) Entre 15 e 20 b) entre 20 e 25 c) entre 25 e 30 d) entre 30 e 35 e) entre 35 e 40 f) entre 40 e 45 g) entre 45 e 50 h) entre 50 e 55 i) entre 55 e 60 j) mais de 60

7 – Sexo
a) masculino b) feminino

Anexo 8: Planilha do levantamento dos estabelecimentos comerciais das áreas pesquisadas

ESTABELECIMENTO		ORIGEM DOS CAPITAIS:				Tipo de Atividades	Nº de pavimentos	OUTROS
		Local (L)	Regional (R)	Nacional (N)	Internacional (I)			

Anexo 09: Quadro síntese das análises das entrevistas.

Características Entrevistados	Relação com o centro principal da cidade	Espaços de consumo (comércio e serviços)	Principais produtos comprados e/ou procurados	Tipo de transporte que se desloca	Rendimentos mensais	Forma de fazer as compras (dinheiro, cheque, cartão de crédito)*	As mudanças de endereço mudaram as práticas de consumo?
Antônio	Vai todos os dias ao centro principal, tanto por ser o espaço de trabalho como para realização de algumas compras e ao banco. A relação com o centro mais do ponto de vista econômico.	Realiza as compras nos supermercados localizado no centro principal. Vai raramente no Cariri Garden Shopping (uma ou duas vezes por mês), mais como lazer. Prefere comprar nas grandes redes. O serviço bancário é *in loco* (preferência aos caixas eletrônicos), no centro principal, não usando o serviço pela internet.	Compra no cotidiano alimentos, além de alguns itens para o filho recém-nascido. O bem de maior valor comprado nos últimos anos foi a motocicleta.	Desloca-se em uma motocicleta própria. O carro do pai ajuda a fazer as compras devido à distância da residência para os locais de consumo.	R$ 1.000,00	Não foi mencionado pelo entrevistado.	As mudanças de endereço alteraram as despesas do orçamento, aumentando os gastos, devido a distância de onde faz as compras, que é o centro principal a cidade.
Ana	Vai ao centro em torno de uma vez por semana para realizar compras do cotidiano (alimentos e artigos de utilidade doméstica e vestuário). Gostaria de frequentar mais o centro mais não faz por causa do congestionamento e das romarias. A relação com o centro da cidade é mais do ponto de vista econômico.	As compras são feitas no Super Lagoa, localizado no centro principal, e no Hiper Bompreço, na área do Cariri Garden Shopping. No *shopping* também, mas com menor intensidade. A ida ao *shopping* se dá em no máximo duas vezes no mês, mais para fazer compras no São Luiz e lazer. A feira do mês é realizada, em ordem crescente de importância, no Atacadão, Hiper e Super Lagoa, às vezes no São Luiz. Preferência pelos grandes grupos varejistas. Vai poucas vezes ao banco, fazendo as transações preferencialmente pela internet.	Normalmente são produtos alimentícios e de vestuário, este último mais no centro da cidade. Nos últimos anos foram os dois carros os principais bens de maior valor adquirido. Os eletrodomésticos são comprados nas lojas do centro e pela internet.	Automóvel próprio. A distância influencia nas escolhas para a realização das compras, e o automóvel, para ir a lugares mais distantes, tem papel importante, pois o transporte permite variar os locais de compra.	R$ 1.356,00	Usa bastante o cartão de crédito como o cartão de débito também.	Mora no bairro centro, mas quando era pequena morou no bairro Lagoa Seca. Retornou ao centro e no mesmo bairro mudou de residência quatro vezes. As mudanças não mudaram hábitos de consumo porque elas ocorreram quando ela era pequena e morava com a mãe.
Jéssica	Vai ao centro principal mais para	Faz as compras no Hiper Bompreço (produtos alimentícios) enquanto que os produtos de	Os produtos mais procurados são	Trabalha no bairro Santa Tereza e se	R$ 2.000,00	Realiza as compras tanto em dinheiro como com	Mora no bairro Socorro a 23 anos, tendo morando,

	comprar vestuário e calçados, e ver se tem alguma promoção, apesar de morar em um bairro vizinho ao Centro. A relação com o centro da cidade é mais do ponto de vista econômico.	limpeza da casa são comprados no Atacadão porque é mais barato que no Hiper Bompreço. No centro procura comprar calçados e vestuário. No Cariri Garden Shopping procura ver as promoções em lojas como a C&A e na Marisa. Anda no shopping frequenta a praça de alimentação geralmente aos domingos. Não vai no Pirajá que é mais longe. Quando não tem os produtos que quer no Hiper, compra no São Luiz, que é também um lugar de lazer. Usa o serviço bancário no centro da cidade, no Itaú e no Bradesco, inclusive para fazer pagamentos, porque é próximo de casa, com preferência nos caixas eletrônicos. Não usa os serviços bancário pela internet.	alimentícios (carnes, iogurte) e legume e frutas. Compra também material de limpeza, estes comprados no Atacadão. De maior valor nos últimos anos comprou uma TV de 42 polegadas e uma central de ar, ambos no Hiper Bompreço. Para ela o Hiper é onde tem os preços mais baratos. Prefere fazer as compras em grandes grupos, exemplificados pelo Hiper Bompreço.	desloca em ônibus ou moto-táxi. Nas compras, utiliza do transporte do filho, que tem carro; ele vai busca-la e deixa-la.		cartão de crédito, possuindo dois cartões.	logo que chegou a cidade, no bairro Vila Fátima. As mudanças de endereço influenciaram suas práticas de consumo, pois foi morar perto do centro da cidade.
Alfrêdo	Vai ao centro com frequência para procurar os produtos com que trabalha no laboratório. A relação com o centro da cidade se dá mais do ponto de vista econômico	As compras são realizadas no Hiper Bompreço, uma vez por semana, por causa dos preços, que são mais baratos. Vai ao Cariri Garden Shopping umas duas vezes por mês, sempre nos fins de semana, sábado ou domingo, pois aproveita que estuda em uma faculdade próxima a ele. Gosta do ambiente do shopping. Não frequenta o mercado público do centro da cidade, por causa da higiene e da quantidade de pessoas. Usa os serviços bancários no centro da cidade (Banco do Brasil). Usa a Unicredit que fica no Hiper. Prefere os caixas eletrônicos e o *internet banking* para fazer transferências, por ser mais cômodo.	Os produtos comprados rotineiramente ou quando vai ao mercado são os alimentícios (pão, leite, biscoitos. Os produtos de limpeza e da casa são comprados nos fins de semana. Os produtos de maior valor comprados foram a casa própria e o carro. Prefere fazer as compras em grandes grupos. As vezes faz compras no Super Lagoa.	Faz as compras com o carro próprio.	R$ 2.000,00	Utiliza o cartão de crédito para comprar material de esporte.	Mora no bairro centro há 26 anos, mas antes morou no bairro Salesiano, próximo à prefeitura municipal. As mudanças de endereço não mudaram os hábitos de consumo.
Sophia	Vai ao centro principal mais para fazer exames médicos e lazer (academia), mas para fazer compras vai	Tem preferência de fazer as compras em supermercados devido à higiene, e faz as compras semanalmente. Às vezes compra no Cariri Garden Shopping (que usa mais como lazer), que vai em torno de três vezes por mês. Compra em supermercado menor, em que	O bem de maior valor comprado nos últimos anos foi o automóvel e eletrodomésticos (geladeira e micro-ondas), estes comprados	Prefere lugares perto da residência, situação possibilitada pelo Pirajá, próximo de onde mora, mas no	R$ 1.615,00	Faz as compras sempre com cartão de crédito. Anda com pouco dinheiro porque já foi assaltada.	Mora no mesmo bairro a 17 anos, não tendo feito nenhuma mudança de endereço.

	raramente, comprando mais produtos de vestuário. Relação com o centro do ponto de vista econômico.	conhece os proprietários. Vai ao banco no próprio bairro, embora raramente, prefere usar o *internet banking*.	em Fortaleza, e móveis projetados. Vestuário.	âmbito do lazer, o transporte é importante.			
André	Vai ao centro com frequência, mas por conta do trabalho em uma clínica, além de frequentar o serviço médico-laboratorial no centro para exames. Relação com o centro é mais funcional, mas se pudesse não iria. Para compras, dificilmente vai ao centro tendo pouca relação com esta área.	Faz compras preferencialmente no Atacadão, além dos supermercados e mercadinhos do mesmo bairro, no São Luiz e no Atacadão. Usa o serviço laboratorial-médico no centro da cidade. Ao Cariri Garden Shopping vai em média de quatro vezes por mês, para fazer compras no supermercado. As compras são feitas preferencialmente nos grandes grupos devido a qualidade. O lazer é realizado preferencialmente na própria residencial, quando não, em algum restaurante. Usa o serviço bancário *in loco* em média duas vezes por mês, no Pirajá e na Unicredit do Hiper Bompreço. A preferencia é pelos caixas eletrônicos. O *internet banking* é bastante usado pelas facilidades e economia de tempo que proporciona.	Compra no cotidiano produtos de limpeza, a alimentação e higiene pessoal. Os bens de maior valor adquiridos foram três TVs e o carro. Os eletrodomésticos são comprados no Hiper Bompreço, no shopping, e na internet.	Os deslocamentos são feitos no carro próprio, tanto para o trabalho como para as compras. A distância influencia na escolha das compras, facilitadas pelo automóvel como meio de transporte.	R$ 3.500,00	Usa o cartão de crédito para as compras, principalmente de produtos alimentícios e eletrodomésticos.	Mora no bairro Limoeiro a 6 anos. Mudou-se na cidade apenas uma vez, a outras foram para fora da cidade. A mudança alterou suas práticas de consumo.
Francisca	Vai raramente ao centro da cidade porque no bairro em que mora tem o tipo de comércio e serviço que ela precisa. Quando vai, procura eletrodomésticos.	Faz compras nas mercearias e mercantis perto de casa, na mesma rua em que mora. Prefere comprar em estabelecimentos menores. Não vai ao Cariri Garden Shopping porque não tem transporte e porque não gosta de lá. Usa os serviços bancário *in loco* (caixas eletrônicos de preferência) no bairro, não usando pela internet.	Produtos de consumo no cotidiano, alimentos, produtos de limpeza, e nos últimos anos o bem de maior valor adquirido foram móveis e eletrodomésticos (televisão, quarto, fogão).	Desloca-se mais a pé, pois não tem transporte próprio e não gosta de andar de transporte coletivo. A distância é importante, quanto mais perto o lugar do consumo, melhor.	R$ 1.356,00	Faz compras em dinheiro e no cartão de crédito.	Mudou de endereço uma vez, mas continuou no mesmo bairro, o que não alterou suas práticas de consumo.
Maria	Vai com frequência ao centro da cidade para fazer compras e consultas em clínicas.	Mercantil próximo de casa para fazer as compras cotidianas. Os mercantis ficam no centro da cidade e as mercearias no próprio bairro. Raramente vai ao Cariri Garden	Os produtos mais procurados no dia-a-dia são produtos alimentícios e os	Não tem transporte próprio. Anda de ônibus e de moto-táxi, às vezes de	R$ 1.500,00	Usa cartão de crédito, mas os das filhas, porque não tem cartão próprio.	Mora no bairro São Miguel há 50 anos. Mudou-se uma vez para uma casa na mesma rua

	No centro procura comprar mais remédios e algo para a casa. A relação com o centro da cidade é mais econômica.	Shopping por causa da distância e não tem transporte para ir. A feira do mês é feita no Atacadão, indo de ônibus e voltando de táxi. Não faz compras em supermercados longes de casa – exceto o Atacadão. Tem preferência por comprar em estabelecimentos menores. Gostaria de frequentar o shopping, mas é muito longe. Vai no banco mensalmente no centro da cidade. Não usa serviços bancário pela internet.	produtos de limpeza doméstica. Nos últimos anos os bens de maior valor foram uma geladeira e um ventilador. Os eletrodomésticos são comprados nas lojas do centro – Macavi, e Liliane.	táxi.			quando casou, mas logo voltou para a mesa casa.
Branco	Vai ao centro da cidade com frequência, quase todo dia, para fazer pagamentos, ir à casa da irmã e ir ao banco. Sente-se a vontade no centro principal da cidade. Frequenta o centro também para o lazer, na Praça Padre Cícero, principalmente em eventos festivos.	As compras são realizadas geralmente no Pirajá, no mercado público, e as compras cotidianas são realizadas nos mercadinhos do bairro, complementando as compras do mês. Raramente vai ao Cariri Garden Shopping; não gosta de frequentá-lo porque não se sente a vontade. Prefere o Mercado Central e o comércio da Rua São Pedro. Prefere comprar em estabelecimentos menores onde conhece os proprietários; compra na caderneta (o "fiado"). O preço é o principal fator de escolha para a realização das compras. Vai ao banco em média duas vezes por mês, usando preferencialmente os caixas eletrônicos. Não usa o *internet banking*, pois não tem acesso à internet.	Os produtos mais comprados são os alimentícios (arroz, feijão, frutas, cereais), comprados no Pirajá, onde também são comprados os produtos de limpeza. Diariamente é comprado nos mercantis do bairro o pão, bolo e leite. O bem de maior valor adquirido foi a casa própria.	O deslocamento é feito de motocicleta, pois o mesmo é moto-taxista. A distância tem importância porque ele depende da moto. Quando está sem moto, anda a pé e vai mais ao centro da cidade, pela proximidade.	R$ 678,00 e ainda uma ajuda de custo dos pais, quantia não revelada.	Não usa cartão de crédito nas compras, apenas dinheiro.	Mora no Bairro Três Marias há três anos. Antes, morou nos bairros São José, Juvêncio Santana e Vila Fátima. As mudanças de endereço mudaram as práticas de consumo.
Paulo	Vai com frequência ao centro da cidade, por conta do trabalho, e as vezes para fazer compras. A relação com o centro é mais funcional, por conta do trabalho. Pouca frequência de uso deste espaço.	As compras cotidianas são realizadas nos mercantis do bairro, o Nogueira e o Evilásio. As compras são realizadas nas sextas-feiras durante o dia. Faz compras também no Super Lagoa, e os eletrodomésticos são comprados nas Lojas Americanas do centro da cidade. Frequenta o Cariri Garden Shopping para consumo na praça de alimentação às vezes, mas não costuma fazer compras lá, a não ser no Mercadinho São Luiz. Usa o serviço bancário *in loco*, localizado no centro da cidade, para pagamentos e outras operações,	Os produtos mais comprados são os de limpeza, e os de higiene pessoal, além dos alimentícios. Nos últimos anos o bem de maior valor foi a casa própria.	Tem uma motocicleta que serve como transporte para o trabalho, pois o mesmo é moto-taxista, como para outros deslocamentos.	RS 1.000,00.	Usa com frequência o cartão de crédito para fazer compras, principalmente para a moto que possui.	Mora no bairro Triângulo a mais ou menos cinco anos. Antes morou na Rua Todos os Santos, no bairro Franciscanos. As mudanças não alteraram as práticas de consumo.

		preferindo os caixas eletrônicos nas agências. Usa o serviço bancário pela internet, mas com pouca frequência, apenas para olhar o extrato.					
Amanda	Vai ao centro da cidade somente quando necessário, pois não gosta do tumulto de gente. Tem uma relação mais econômica com o centro da cidade.	As compras são realizadas em feiras livres semanalmente, enquanto que mensalmente as compras são realizadas em supermercados, com preferência às compras realizadas no Atacadão. No centro compra mais produtos higiênicos e de limpeza. Não frequenta o Cariri Garden Shopping porque não gosta de lá. Só vai quando tem o cinema, que está sem funcionar atualmente. Prefere comprar em empresas de grandes grupos pelo fato dos preços serem mais baixos. O lazer é realizado em espaço diferente das compras. Vai ao banco semanalmente e mensalmente, localizado no centro da cidade, preferindo o uso dos caixas eletrônicos. Não usa o *internet banking*.	Cotidianamente, são comprados produtos mais alimentícios. De maior valor nos últimos anos, foram comprados o transporte do filho (uma motocicleta) e dos eletrodomésticos (TV, Micro-ondas, Central de Ar), comprados nas lojas do centro, mas tendo o preço um peso significativo no que se refere ao local de escolha da compra.	O deslocamento é feito em transporte coletivo para o trabalho. Para as compras, usa o automóvel individual. Vai de moto ou andando ao banco.	R$ 2.600,00	Não realiza compras com cartão de crédito, preferindo comprar ao dinheiro.	Mora no bairro Juvêncio Santana há 25 anos.
Yuri	Vai ao centro com frequência, porque é onde faz as compras e porque tem um comércio próprio lá. A relação com o centro é mais econômica e funcional.	As compras são geralmente realizadas no Mercado Central, no centro principal, e no Mercado São Miguel, no bairro Pio XII. Não vai ao Cariri Garden Shopping por causa dos preços. A preferência das compras é pelos estabelecimentos menores, onde conhece os entrevistados. O lazer é mais realizado em casa, preferencialmente, do que em outro local. Vai pouco ao banco, preferindo o uso de lotéricas para fazer os pagamentos. O banco fica no centro da cidade (Bradesco, Banco do Brasil), preferindo o uso dos caixas eletrônicos. Não usa o *internet banking*.	No dia-a-dia são comprados mais produtos alimentícios. Nos últimos anos o computador e uma TV foram os bens de maior valor adquiridos, nas lojas do centro da cidade.	Tem automóvel próprio, para o deslocamento necessário (trabalho, lazer etc.). A distância para a realização das compras não compensa o deslocamento a longas distâncias. A proximidade é mais importante.	R$ 3.000,00.	Faz compras com o cartão de crédito tanto para adquirir produtos como para fazer pagamentos.	Mora no bairro Salesianos ha sete anos, mas antes morou no bairro São Miguel durante 18 anos. As mudanças não alteraram os lugares de compras.
Dona Mara	Vai a centro da cidade para ir à Igreja e às missas. Há relação fundamental aqui é com a dimensão	Não vai ao *shopping center* porque o equipamento é longe da sua residência e as condições financeiras não permitem. Às vezes faz compras no mercantil Frei Damião e no Super Lagoa, este último no centro da cidade,	No cotidiano faz compras, os alimentos e os produtos de limpeza no mercantil nas proximidades de casa. O	Não tem transporte próprio. Desloca-se mais andando aos lugares.	R$ 400,00 reais, enviados pela filha todo mês.	Faz compras apenas com dinheiro. Algumas vezes compra no "fiado", que é a caderneta.	Mora no mesmo bairro há mais de cinquenta anos, nas proximidades do centro da cidade. Nunca se mudou, apenas para

	lúdica. Raramente vai em alguma loja comprar algo.	por causa dos preços mais baratos. Prefere comprar em estabelecimentos menores em que conhece os proprietários, pois usa do "fiado". Gostaria de andar no *shopping*. Usa banco *in loco*; não usa serviço bancário pela internet.	bem de maior valor adquirido nos últimos anos foi uma televisão.				reformar a casa, mas ainda assim ficou no mesmo bairro.
João dos Santos	Vai com frequência no centro, compra alimentos. A relação com o centro é mais econômica.	As compras são feitas sempre nos mercantis do centro da cidade. Nunca foi no Cariri Garden Shopping. Prefere fazer compras em pequenos estabelecimentos. Vai com frequência ao banco (Caixa Econômica e Bradesco) preferindo caixas eletrônicos. Não usa *internet banking*.	Compra produtos alimentícios (carne, feijão, faria, açúcar, arroz etc.) roupas.	As compras são feitas andando, porque o mesmo não tem transporte.	R$ 600,00	Todas as compras são feitas em dinheiro.	Mora no mesmo bairro ha 25 anos, no centro. Mudou muitas vezes, mas estas mudanças não alteraram as práticas de consumo.

Anexo 10. Tabelas referentes aos dados das enquetes aplicadas nas áreas de pesquisa.

Sexo dos respondentes segundo áreas da pesquisa.

	Centro Principal	Pirajá	Pirajá (Domingo)	Área do Cariri Garden Shopping	Números	% do total
Masculino	23	35	39	34	131	40,94
Feminino	57	45	41	46	189	59,06
Total de respostas	80	80	80	80	320	100,00

Faixa etária dos respondentes segundo áreas da pesquisa.

Faixa etária	Centro Principal	Pirajá	Pirajá (Domingo)	Área do Cariri Garden Shopping	Números	% do total
15 e 20	4	1	2	4	11	3,44
20 e 25	17	6	7	15	45	14,06
25 e 30	11	11	13	7	42	13,13
30 e 35	12	10	16	8	46	14,38
35 e 40	8	8	13	13	42	13,13
40 e 45	11	19	10	9	49	15,31
45 e 50	6	11	10	6	33	10,31
50 e 55	4	9	1	10	24	7,50
55 e 60	5	2	5	4	16	5,0
acima de 60	2	3	3	4	12	3,75
Total de respostas	80	80	80	80	320	100,00

Frequentação distribuídas segundo áreas da pesquisa.

Frequência mensal	Centro Principal	Pirajá	Pirajá (Domingo)	Área do Cariri Garden Shopping	Números	% do total
1 a 3	24	4	14	24	66	20,63
4 a 6	15	28	35	21	99	30,94
6 a 10	11	13	9	10	43	13,44
10 a 15	10	5	4	7	26	8,13
15 a 20	2	3	3	5	13	4,06
20 a 30	7	6	10	2	25	7,81
mais de 30	11	21	5	11	48	15,00
Total de respostas	80	80	80	80	320	100

Transporte usado pelos respondentes para deslocamento segundo áreas da pesquisa.

Transporte	Centro Principal	Pirajá	Pirajá (Domingo)	Área do Cariri Garden Shopping	Números	% do total
Andando	12	32	23	5	72	22,50
Bicicleta	-	3	-	-	3	0,94
Moto	18	24	40	9	91	28,44
Ônibus	37	2	5	16	60	18,75
Carro	10	18	11	46	85	26,56
Topiques	3	1	-	2	6	1,88
Carona	-	-	1	2	3	0,94
Total de respostas	80	80	80	80	320	100,00

Nível de instrução dos respondentes segundo áreas da pesquisa.

Nível de instrução	Centro Principal	Pirajá	Pirajá (Domingo)	Área do Cariri Garden Shopping	Números	% do total
Superior Completo	10	5	2	28	45	14,06
Superior Incompleto	8	2	5	15	30	9,38
Médio Completo	34	28	29	25	116	36,25
Médio incompleto	3	4	6	3	16	5,00
Fundamental completo	8	8	10	3	29	9,06
Fundamental incompleto	14	27	24	5	70	21,88
Nunca estudei	2	6	3	1	12	3,75
outros: mestrado ou doutorado	1	-	1	-	2	0,63
Total das de respostas	80	80	80	80	320	100,00

Distribuição dos respondentes por bairros segundo área da pesquisa.

Bairros	**Áreas da pesquisa**				**Enquetes**	
	Centro Principal	Pirajá	Pirajá (Domingo)	Área do Cariri Garden Shopping	Números	% do total
Aeroporto	8	-	2	2	12	3,75
Antônio Vieira	3	1	1	8	13	4,06
Betolândia	-	-	-	1	1	0,31
Brejo Seco	1	-	-	-	1	0,31
Campo Alegre	-	-	3	-	3	0,94
Carité	-	-	-	-	-	-
Centro	6	-	1	2	9	2,81
Cidade Universitária	-	-	-	1	1	0,31
Fátima	2	-	-	-	2	0,63
Franciscanos	5	4	2	1	12	3,75
Frei Damião	4	2	-	-	6	1,88
Horto	3	1	1	-	5	1,56

Jardim Gonzaga	1	1	-	-	2	0,63
João Cabral	1	11	8	4	24	7,50
José Geraldo da Cruz	1	9	1	1	12	3,75
Juvêncio Santana	-	-	-	-	-	-
Lagoa Seca	1	-	2	12	15	4,69
Leandro Bezerra de Menezes	4	1	-	-	5	0,31
Limoeiro	2	3	2	-	7	2,19
Novo Juazeiro	1	-	3	2	6	1,88
Pedrinhas	-	-	-	-	-	-
Pio XII	-	-	-	1	1	0,31
Pirajá	1	22	13	1	37	11,56
Planalto	-	-	-	-	-	-
Romeirão	-	7	6	-	13	4,06
Salesianos	-	2	1	9	12	3,75
Salgadinho	1	-	-	-	1	0,31
Santa Teresa	-	4	13	1	18	5,63
Santo Antonio	1	1	-	-	2	0,63
São José	3	2	3	4	12	3,75
São Miguel	4	1	-	4	9	2,81
Socorro	4	-	-	2	6	1,88
Timbaúba	1	1	2	1	5	1,56
Tiradentes	1	3	8	2	14	4,38
Três-Marias	1	-	1	-	2	0,63
Triângulo	5	2	4	4	15	4,69
Total	65	78	77	63	283*	87,19**

* No total das 400 estão incluídas as 80 que foram aplicadas no Supermercado Nogueira, no bairro Novo Juazeiro, que foram excluídas do restante da análise conforme explicados na metodologia. Nesta tabela, o calculo foi feito sobre os 320 que aparecem referentes às quatro áreas de pesquisa. ** As 320 enquetes correspondem a 100%, mas o total apresentado na tabela de 283 não inclui os 37 que são de outras cidades, distritos e/ou zona rural. Somados todos, temos o total de 320.